ROMANCE ESPÍRITA

Desejo de Vingança

Pelo espírito
Margarida da Cunha

Psicografia de
Sulamita Santos

Desejo de Vingança

Pelo espírito *Margarida da Cunha*
Psicografia de *Sulamita Santos*

Sumário

1 - Ilusões de um aprendiz
2 - Manoel e Isabel: amor e conveniência
3 - Enfeitiçado
4 - Um amor que vale por dois
5 - Primeiras frustrações
6 - Tentação inesperada
7 - Tragédia
8 - Revelações que chocam
9 - Pobres motivos de um coração iludido
10 - Terríveis visões
11 - A pureza na boca dos hipócritas
12 - A morte volta a rondar
13 - Não existe morte
14 - As agruras da convivência
15 - Um raio de luz
16 - Descobertas e novos aprendizados
17 - Uma ajuda inestimável
18 - Encontro memorável

19 - Influências maléficas
20 - Explode a violência
21 - Ação e reação
22 - O último a saber
23 - Pacto maldito
24 - Um nobre objetivo
25 - Jerônimo, um justiceiro
26 - Tarde demais
27 - O corpo físico em seus momentos finais
28 - Dívida dolorosa
29 - Arrependimento e redenção
30 - O martírio de Isabel
31 - Livre das amarras do ódio
32 - Miséria eterna
33 - Cacos de vida
34 - A luz da compreensão
35 - O verdadeiro sentido das coisas
Nota da autora espiritual

1

Ilusões de um aprendiz

Manoel entrou na cozinha todo sorridente, afinal conseguira o tão sonhado “sim” de Isabel, uma moça que por duas vezes lhe recusara o namoro.

Dona Isaltina, ao ver a alegria do filho, foi logo perguntando:

– Meu filho, o que há com você, viu o passarinho verde cantando em sua janela essa manhã? Pois percebo que desde ontem à noite você está feliz. Será que eu não posso participar dessa alegria toda?

O rapaz abriu um largo sorriso quando disse:

– Claro, minha mãe, a senhora não só pode participar de minha felicidade, como deve; afinal, a senhora é minha mãe, e como tal vai ficar feliz em saber com quem estou namorando.

– O quê? Você está namorando, meu filho? Mas quem é a eleita do seu coração?

– Ah, minha mãe, se eu lhe contar a senhora não vai acreditar: estou namorando Isabel Martins, filha do seu José da venda.

– Mas filho, não foi essa mesma moça que o dispensou duas vezes?

– Sim, mamãe, mas agora ela aceitou namorar comigo, e diz que gosta de mim. E então, não acha que tenho motivos de sobra para estar feliz?

– Bem, filho… Não sei; melhor você controlar essa alegria toda, pois isso poderá se transformar em um vale de lágrimas. Tenho minhas dúvidas de que essa moça esteja realmente gostando de você. Pois quando uma moça gosta de um rapaz, assim que ele a pede em namoro… Ela pode até dizer que vai pensar, mas isso todas dizem apenas para fazer charme, e depois acabam aceitando. Mas com Isabel, filha do seu José, foi diferente: você chegou a

pedi-la duas vezes em namoro, e ela recusou veementemente. O que a fez mudar de ideia?

– Deixe de ver pelos em ovo, minha mãe! Isabel aceitou namorar comigo porque viu que sou o homem de sua vida; ademais, saiba que pretendo me casar com ela.

– Filho, vá com calma! Começou a namorar ontem, e já está pensando em casamento? Você começou a trabalhar agora no escritório de contabilidade de seu Mário Cavalcanti, e não tem condições de arcar com tantas responsabilidades que acompanham um casamento.

– Claro que não vou me casar agora, minha mãe! Primeiro vou namorar, depois vou comprar um terreno e fazer minha casa, e aí sim pretendo me casar com Isabel.

E dizendo essas palavras, Manoel saiu, deixando dona Isaltina preocupada, a coçar a cabeça, como se procurasse entender o que estava acontecendo com o filho.

E ao ver o rapaz sair, logo seu Benedito, pai de Manoel, entrou, dizendo:

– O que está olhando, mulher? Já costuraste aquela calça que te pedi? Hoje pretendo ir à casa do José Augusto para uma partida de canastra! Mas o que tens que está me parecendo preocupada?

– Bem, meu velho, estou preocupada com Manoel. Ele começou a namorar ontem, e acho que está feliz demais… Sabes bem o que mamãe dizia: quando sorrimos demais, é sinal de tristezas à frente.

– Deixe de bobagem, mulher! Que bom que nosso filho está namorando, afinal ele é homem! E isso faz parte do instinto masculino. Ademais, ele sempre foi um rapaz sadio, e como tal, é natural se interessar pelas moças, ainda mais por moças bonitas.

– Não é o fato de nosso filho estar namorando que me preocupa, mas sim *quem* ele está namorando: pois essa moça, que o recusou duas vezes, agora decide namorá-lo? Não acha estranho?

– Mas com quem ele está namorando, mulher? Acaso é uma meretriz, ou coisa semelhante?

– Não, Benedito! A moça até que é boa, mas acontece que se ela o recusou é porque não gosta dele o suficiente para namorar, e tenho medo que nosso filho sofra!

– Mas quem é a moça que ele está namorando? – Perguntou o homem intrigado. E não suportando o silêncio da esposa, continuou: – Fale logo,

mulher! Detesto quando faz suspense ao contar alguma coisa!

A mulher, como arrancada de seus pensamentos, continuou:

– Isabel Martins; a filha do senhor José, dono da venda da rua de baixo!

– Ah! Não se preocupe! Tenho certeza de que esta será apenas a primeira entre muitas que ele namorará. Eu, em meu tempo, também fiquei muito feliz quando consegui a primeira namorada, mas depois descobri que ela não era nada do que pensei!

– Mas Benedito, o que me preocupa é que talvez ela não venha a gostar tanto dele e traga sofrimentos a nosso filho. Sinceramente, eu não gostaria de vê-lo sofrer e chorar pelos cantos da casa.

– Bem, mulher, saiba que nosso filho está quase chegando à fase adulta, e saberá conduzir sua vida. Portanto, com ou sem o nosso consentimento, ele irá namorar essa moça, e acho por bem aceitarmos sua decisão, pois, quando um menino está apaixonado não escuta ninguém. Assim, se não quiser se indispor com nosso filho, faça de conta que está tudo bem e que está de pleno acordo com a escolha que ele fez!

– Não sei, não… Sabe, não gosto da maneira como aquela moça olha para as pessoas. Sempre quando vou à venda, e ela me atende, tem algo nela que não gosto, aquela cara de boi sonso… Não me engana, ela não é nada daquilo que aparenta ser. Ainda acho que fará nosso filho sofrer.

– Bobagem! O que percebo é que você está com ciúme de nosso filho. É por isso que noras e sogras nunca se dão bem; geralmente a mãe é muito mais apegada ao filho varão do que às filhas; assim, quando eles crescem e namoram, a mãe sempre arranja um defeito, só para estragar tudo.

– Eu nunca fui ciumenta, Benedito! Muito pelo contrário! O que me preocupa é que essa moça poderá fazer nosso filho sofrer.

– Deixe de bobagem! Nosso filho já tem quase vinte anos, e sabe muito bem o que quer, e afinal de contas a moça só tem quinze. Eles vão namorar, mas depois de tudo isso o namoro acaba e eles seguirão caminhos diferentes! Nunca nos casamos com a primeira namorada.

– Tomara que você tenha razão, meu velho, pois se essa lambisgoia fizer nosso filho sofrer, vai ver só do que uma mãe é capaz para proteger a cria!

– Guarde suas armas! – Brincou seu Benedito, que era altamente espirituoso. – Logo você vai descarregar isso sobre a mulher que ele escolherá como esposa.

E ao dizer essas palavras, seu Benedito saiu, meneando a cabeça como a dizer que a mulher não tinha jeito…

E assim os dias foram passando, e Manoel dividia seu tempo entre o curso de contabilidade à noite, seu trabalho e sua namorada, permanecendo pouco tempo com seus pais.

Manoel era o único filho varão de dona Isaltina e de seu Benedito; um rapaz sempre muito responsável, que gostava de estudar e de fazer pequenos trabalhos para ajudar os pais. Seu Benedito era carpinteiro e trabalhava nas construções de casas, mas não ganhava o suficiente para manter a família; portanto, dona Isaltina era uma costureira de mão cheia e também lavava roupas para fora; tudo que ganhava era para ajudar na manutenção do lar. Havia também Márcia, irmã mais velha de Manoel, que já contava com vinte e seis anos de idade, casada, e morava na capital com o marido, que era bancário.

Manoel quando menino era franzino, e por ter sido doente quando pequenino, conservara a feição pálida; mas depois dos quinze anos, ele encorpara, tornando-se um jovem de boa aparência. Tinha os cabelos encaracolados e pretos como o betume; seus olhos negros se harmonizavam com a cor do cabelo, sua pele branca conferia ao rapaz um aspecto angelical, e seu corpo tornara-se viril a ponto de mostrar ter mais idade do que a que realmente tinha.

Não era incomum ver uma moça ou outra passando em frente à casa do rapaz, somente para vê-lo; porém, ele não se importava, dizendo que não gostava de nenhuma moça oferecida. Até que certo dia, vindo seu José, da cidade vizinha, a estabelecer um comércio, Manoel avistou pela primeira vez Isabel, que na ocasião tinha apenas quatorze anos de idade.

Quando conheceu a moça, Manoel ficou encantado com seu jeito tímido, e adorava quando ela baixava o olhar enquanto falava.

Isabel era loura, de olhos verdes, e seus cabelos mais pareciam uma cachoeira dourada que lhe caía sobre os ombros. Seu rosto tinha duas covinhas, que enfeitavam seu sorriso.

Manoel, a princípio, sempre perguntava à mãe se ela queria alguma coisa da venda, e na maioria das vezes ele ia até lá na intenção de ver a menina que trabalhava com o pai, e que chegava a lhe tirar noites de sono.

A mãe de Isabel havia falecido, em decorrência de um câncer no pulmão, deixando a menina somente com o pai.

Seu José, quando percebia que havia algum marmanjo de olho em sua filha, não raro a mandava fazer algum trabalho no interior da casa, a fim de protegê-la das cantadas de alguns e de evitar problemas para ele.

A venda ficava na frente da casa, de modo que sempre que a menina terminava seu trabalho doméstico ia ajudar o pai na venda. Ela nunca atendia os fregueses; sempre estava a arrumar as prateleiras, tirar mercadorias das caixas, varrer o estabelecimento, e não era raro o pai ficar de cenho fechado com algumas brincadeiras que vez por outra ouvia sobre a menina.

Havia um homem chamado Alcides, que sempre gostava de brincar, e certa feita, olhando para Isabel, que estava varrendo o estabelecimento, disse:

– Gostaria de ter trinta anos a menos, pois só assim eu poderia namorar essa mocinha linda!

Seu José, lívido de raiva, vociferou em seguida:

– Fora daqui! Vamos, fora! Eu lhe abro a porta da venda e você vem faltar com o respeito com minha filha? Eu não vou permitir que canalhas como você venham frequentar meu estabelecimento! Agora vá!

– José, eu só fiz uma brincadeira… Por favor, não me leve a mal, apenas quis dizer que sua filha é muito bonita! Além do mais, por pouco ela não tem idade pra ser minha filha! – Resmungou Alcides, nervoso.

– Não me interessa! Você desrespeitou minha filha debaixo do meu nariz! Agora peço que saia, senão eu mesmo o tirarei daqui, com minhas próprias mãos!

Alcides, percebendo que seu José falava muito sério, tirou umas notas do bolso para pagar a cachaça que estava tomando, mas seu José energicamente disse:

– Não precisa pagar nada! A única coisa que quero é que vá embora daqui imediatamente e que não volte mais a colocar os seus pés aqui!

Alcides, ruborizado de ódio, apenas disse:

– Muito bem! Se é assim que você quer, assim será! Mas saiba que eu vou me vingar de você e dessa meretriz que você tem por filha!

Nesse momento seu José, perdendo totalmente a cabeça, avançou sobre o balcão e, pegando Alcides pela camisa, o jogou para fora da venda, e lá começaram a brigar, enquanto os outros tentavam separá-los. Isabel apenas gritava, desesperada.

Seu José, como era mais alto e mais forte, deu uma surra memorável em Alcides, que se levantou com a camisa toda rasgada, rodopiou nos calcanhares, olhou para José e, gritando, disse:

– Maldito! Você vai ver o que vou fazer com sua filha!

Seu José não se importou com a ameaça, e, a pontapés, o colocou para correr.

Depois desse dia, Isabel fora terminantemente proibida de ficar na venda depois das cinco horas da tarde, horário em que os homens saíam do trabalho e passavam na venda para distrair-se e tomar uma cachacinha, a fim de descansar do dia árduo de trabalho.

Alcides, depois dessa surra, preferiu mudar-se com a mulher e o filho para a cidade vizinha, pois todos os seus amigos zombavam dele, lembrando-o da surra que levara do dono da venda.

E assim, Manoel se apaixonou pela menina, uma paixão até então inconfessável, já que ele tinha vergonha de dizer que estava gostando da filha do dono da venda, além do medo de levar um passa-fora da menina, que não demonstrava por ele nenhum sentimento.

Ela nunca o olhou com outros olhos, pois era tímida, e pouco falava com Manoel quando este ia à venda, levando o rapaz a acreditar que a timidez a impedia de demonstrar o que realmente sentia.

O tempo foi passando, Manoel contava com dezoito anos e, certo dia, indo à praça numa noite de sábado, viu a mocinha com uma amiga de escola, comendo pipoca perto do chafariz, todo iluminado; e foi assim que ele se aproximou e cumprimentou as meninas, dizendo:

– Olá! Tudo bem?

Rosália, que estava com Isabel, foi quem respondeu, acreditando que o rapaz estivesse a cortejá-la:

– Tudo! Diga-me uma coisa, você não é filho do seu Benedito, que faz madeiramento de casas?

– Sim, sou eu mesmo, meu pai é carpinteiro. Por quê?

– Bem, eu não o vi mais na escola, o que aconteceu com você? Transferiu-se para outra escola sem se despedir de ninguém?

– Sim e não! Deixei de estudar de dia, para estudar à noite, pois estou trabalhando no escritório de contabilidade do seu Mário Cavalcanti, para ganhar meu próprio dinheiro.

– Que bom, vejo que você é esforçado.

– Bem, acho que todo filho tem de ajudar os pais, estou apenas cumprindo meu papel. Sempre que vou à venda do seu José, Isabel está ajudando o pai dela; acho isso absolutamente natural.

Isabel, ao ouvir seu nome na conversa, passou do rubor à palidez, e apenas sorriu, deixando à mostra seus dentes belamente enfileirados, o que deixou Manoel ainda mais apaixonado.

Foi Isabel quem disse:

– Rosália, não acha melhor irmos embora? Está tarde!

– Que é isso, são apenas nove horas e seu pai disse que poderíamos chegar às dez – respondeu Rosália, sem pressa de voltar pra casa.

– Mas estou com sono, vamos embora!

Foi Manoel quem disse:

– Por que ir embora agora? Daqui a pouco a praça ficará cheia de gente, e aí sim é gostoso ficar aqui.

– Eu concordo com você, Manoel – disse Rosália, gostando de estar perto do rapaz. – Vamos embora um pouco mais tarde. Mesmo que nossas casas fiquem na outra quadra, se sairmos daqui faltando dez minutos para as dez, chegaremos na hora que nossos pais determinaram.

Isabel, a contragosto, percebendo que Manoel não tirava os olhos dela, concordou em esperar, e assim ficaram mais um pouco na companhia do rapaz.

Para ele, aquela havia sido a melhor noite de todas, pois ele estava ao lado do amor de sua vida; e foi Rosália quem disse:

– Isabel, vamos à missa amanhã de manhã?!

– Sim – respondeu Isabel descontente. – Pois é bom irmos cedo; não tem muita gente e é fácil encontrar lugares vagos, pois a maioria das pessoas odeia levantar cedo aos domingos, então facilmente encontraremos lugares vazios na igreja. Mas agora, vamos embora – disse Isabel, com raiva por estar ali contra sua vontade.

– Está bem! Vamos embora! – respondeu Rosália, contrariada.

E assim as duas meninas se despediram de Manoel, que ficou observando de longe as duas virarem a esquina.

Manoel, naquela noite, não cabia em si de tanta felicidade, e decidiu que iria à missa na manhã seguinte somente para ficar olhando para a moça que estava povoando seus sonhos.

As duas meninas, enquanto voltavam para casa, sentiram-se protegidas, principalmente Isabel, que temia que algo acontecesse com ela e com a amiga. Rosália era a mais falante, e assim foi dizendo:

– Isabel! Não acha que Manoel é um pão? Ah… se ele me olhasse, juro que o namoraria, e seria a mulher mais feliz da face da Terra.

– Não fale bobagem, Rosália, você só tem quatorze anos… E se continuar com essa frescura toda com meninos não saio mais com você!

– O que foi? Você tá com ciúme do Manoel ou é impressão minha?

– Não diga bobagens! Eu não estou com ciúme de ninguém, apenas digo que somos muito novas para namorar. Além do mais, sou apenas cinco meses mais velha que você, não pretendo namorar nem Manoel e nem ninguém. Tenho que ajudar meu pai na venda; e eu não tenho esse fogo todo por baixo da saia! Vê se toma jeito, pois não gosto de meninas fáceis. Se os outros souberem, vão dizer que sou como você, uma fogueteira que não consegue controlar o fogo.

– Ah, Isabel, você é estranha, sabia? Todas as meninas que conheço gostam de paquerar os meninos. Mas você não: sempre calada, com esse jeito de santa. Sabe de uma coisa, não acredito que você seja isso que quer mostrar. Pra mim você esconde o ouro; é como qualquer menina, mas fica aí posando de santa, enquanto fisga corações. Pode dizer, você está namorando alguém que eu não saiba? Lembre-se que foi você quem quis sair hoje.

– Eu não estou namorando ninguém! Apenas sou ajuizada, só isso!

– Está bem, vou fingir que acredito! Mamãe contou que na década de 1960 as moças que mais viraram a cabeça eram aquelas que passavam a imagem de santa. Ainda bem que já não há tantos hippies, porque senão você andaria com os cabelos sujos e os olhos vidrados, dizendo “paz e amor” a todos os que passassem por você…

E ao dizer isso, Rosália desatou a rir, mas Isabel foi veemente quando disse:

– Não diga asneira! Eu não sou assim, apenas penso em ajudar meu pai, e estudar. E sabe o que mais? Você está extremamente chata. Se continuar a falar esses disparates, eu não vou mais sair com você, e também não ficarei com você no recreio!

– Está bem, não está mais aqui quem falou… O que eu estou dizendo é que Manoel está caidinho por você!

– Deixe ficar! Eu não gosto dele, e se ele continuar com isso vai perder seu tempo!

– Então você já havia percebido, é?

– Claro! Sou nova mas não sou idiota. Acha que não sei quando um menino está me paquerando?

– Ah, Deus dá asas para quem não sabe voar… Ah, se fosse comigo, eu juro que já estaria namorando Manoel. Você viu a calça que ele estava usando? Boca de sino, última moda! E aquela camisa bege, então, nem se fala, ele é elegante mesmo! – disse Rosália a suspirar.

– Que seja! Eu não estou nem aí. Bem, agora vou entrar, papai não gosta que eu fique conversando na porta da venda. Vou te esperar amanhã às seis e meia, para irmos à missa às sete.

– Está bem – disse Rosália, olhando a amiga sumir no interior da casa, pelo pequeno corredor ao lado da venda.

No dia seguinte, Manoel levantou cedo, colocou a mesma roupa que usava na noite anterior, penteou os cabelos, escovou os dentes, tomou apenas uma xícara de café preto e já estava saindo quando viu sua mãe olhá-lo surpresa. Ela lhe perguntou:

– O que aconteceu, meu filho, para você levantar cedo em pleno domingo? Teve sonho ruim e caiu da cama?

O moço, sorrindo, respondeu:

– Não, minha mãe, eu vou à missa das sete horas. Todos nós precisamos de Deus, a senhora não acha?

– Claro que precisamos, meu filho, mas você nunca foi à missa das sete; aliás, você não vai à missa nem por decreto, e para você levantar cedo, é porque tem alguém que você está querendo ver… ou estou enganada?

– Certo, mamãe… Vou porque estou de olho em uma menina. Ela vai à missa, e lá é um bom lugar para estar perto dela.

– Meu filho, isso é pecado. Você tem que procurar ir à missa por causa de Deus, e não pelas pessoas que lá vão, afinal a igreja não é um ponto de encontro.

– Não se preocupe, minha mãe, quando chegar eu conto qual foi o sermão do padre Olavo. Mas agora tenho que ir, porque senão vou chegar atrasado.

Isaltina ficou olhando para o filho, que saía em disparada, e logo pensou:

– Essa idade é fogo! Onde já se viu ir à igreja somente por um rabo-de-saia! Bem, se a moça vai à igreja é porque não é tão ruim assim. Ademais, meu filho é jovem, e todos já fizeram isso um dia, e os que não fizeram ainda vão fazer.

E assim, Isaltina se lembrou de quando ela e Benedito se conheceram: todos os domingos, quando saía da igreja, ficava a comer pipoca, e depois conversava com Benedito até as nove horas, pois seu pai não permitia que ela chegasse tarde em casa.

E com essas lembranças, a mulher ficou rindo da situação em que o filho se envolvera, pois inconscientemente ele estava fazendo justamente o que seu pai fizera anos atrás.

Manoel chegou à igreja, e logo pôde ver as beatas chegarem com um livreto de canto nas mãos, e correu para pegar um lugar de onde pudesse avistar a igreja inteira.

O moço não sabia que mesmo que a missa fosse de manhã a igreja ficaria cheia daquela maneira. Ficou sentado olhando para as imagens pintadas nas paredes: pintura representando a traição a Jesus, outra de Jesus curando a orelha do centurião romano, e depois ele sendo levado a Pôncio Pilatos, a crucificação, e finalmente sua ressurreição. Manoel olhou atentamente para o altar e viu uma grande imagem de Jesus na cruz; ao lado dele, uma imagem de nossa senhora de Fátima, e do outro lado, Nossa Senhora Aparecida.

Por alguns momentos, ele se esqueceu de Isabel, e ficou observando uma linda jovem tocando órgão, cujas músicas sacras o faziam sentir-se embebido numa atmosfera de santidade.

Foi nesse instante que entrou na igreja Isabel, ao lado de Rosália, e imediatamente ele fixou o olhar nas duas moças; e foi com alegria que ele pôde ver que Isabel estava ainda mais bela, os cabelos soltos, e um véu branco na cabeça, deixando apenas as madeixas louras escorrendo pelos ombros.

Manoel, naquele momento, percebeu que amava aquela moça, com as fibras íntimas do coração; e, olhou para a imagem de Jesus a sua frente e fez o pedido:

– Senhor! Estou aqui para pedir-vos que permita que eu namore Isabel, a filha do seu José da venda, pois estou certo de que se não me casar com ela não me casarei com mais ninguém. Eu a amo, e juro, Senhor, que a farei muito feliz!

Nesse instante o padre entrou todo paramentado para celebrar a missa matinal, e dando boas-vindas aos presentes, começou.

Durante a missa, Manoel não conseguia tirar os olhos da moça e nem sequer prestou atenção ao que o padre estava falando.

Rosália não parava de olhar para trás, pois desde a noite anterior flertava flagrantemente com Manoel, e este, percebendo o olhar da mocinha, olhava para o padre, fingindo não ver. Isabel, no entanto, permanecia estática, olhando o tempo todo para o padre. Ao término da missa, foi o rapaz que se aproximou, dizendo:

– Vejo que não fui só eu a levantar cedo para vir à missa.

– Não se faça de desentendido, pois você ouviu quando nós combinamos ontem à noite – respondeu Rosália.

– Realmente eu só vim à missa porque sabia que vocês viriam – confessou o rapaz sorrindo –, mas saiba que gostei muito de tudo que o padre falou.

– Não sei, não – respondeu Rosália –, pois por um momento achei que o altar havia mudado de lugar, já que você não tirava os olhos da nossa direção. – E ao dizer isso, Rosália, com toda a sua irreverência, desatou a rir, deixando Manoel um tanto deslocado.

Isabel, que até o momento nada dissera, finalmente disse:

– Bem, na igreja vem quem quer, mas saiba que Deus está atento aos desejos de nossos corações. Se veio aqui para aprender com o padre, tudo bem, mas se veio com outra intenção, perdeu seu tempo.

– Você está querendo dizer que ele veio aqui somente por nossa causa, Isabel?

– Não sei! Mas nunca o vi nas missas, e você não acha coincidência demais ele vir à missa só porque nós comentamos ontem? – respondeu Isabel, olhando fixamente para o rapaz.

Manoel, que até então se mantivera calado, finalmente falou:

– Por favor, se acaso insinua que só vim por sua causa, engana-se, senhorita. Realmente, depois que as vi comentando ontem, percebi que nós temos que cuidar do nosso lado religioso.

– Que seja! – respondeu Isabel. – Mas agora vamos, Rosália, pois preciso voltar para ajudar papai na venda.

E depois de se despedirem, as duas meninas foram embora, deixando Manoel parado no mesmo lugar. Apenas Rosália se despediu do rapaz, enquanto Isabel saía sem nada dizer.

Manoel voltou para casa desanimado, pois naquela manhã todas as suas esperanças referentes à moça ruíram por terra; desse modo, Manoel se sentiu triste e rejeitado por aquela que julgara ser o grande amor de sua vida.

Ao chegar em casa, pouco depois das oito horas, Manoel encontrou a mãe, que estava varrendo o quintal. Ao ver a fisionomia do filho ela logo perguntou:

– Que foi, meu filho, a missa não estava boa?

– Estava, mamãe!

– Mas então por que você voltou com essa cara?

– Nada! Mamãe, estou com sono, vou me deitar um pouco. Na hora do almoço me chame, está bem?

– Mas você não vai jogar bola hoje com o Maurício?

– Não, minha mãe; estou com sono, e se o Maurício vier, diga-lhe que não vou jogar bola hoje, peça para deixar para o domingo que vem.

– Mas o que aconteceu na missa, meu filho? Não se esqueça que eu te conheço há dezessete anos; você não me engana.

– Está bem, mamãe. A senhora se lembra de Isabel, filha do seu José da venda?

– Sim… O que tem ela, meu filho?

– Bem, eu estou apaixonado por ela, mas pelo que percebi hoje ela não está nem aí para mim… sabe, minha mãe, até quando eu vou sofrer por essa moça?

– Meu filho, paixão de adolescente é como chuva de verão: quando cai, alaga as ruas, derruba árvores, destelha casas. Repentinamente a chuva passa, mas deixa os destroços. Paixão é a mesma coisa, ela vem, faz o maior estrago nos corações, e quando o jovem percebe, já passou, assim como uma chuva de verão.

– Não, mamãe, a senhora não está entendendo. Eu estou amando Isabel, e ela não liga para mim; antes eu gostasse da amiga dela, a Rosália, filha da Justina, a lavadeira… essa, sim, parece que está encantada por mim.

– Meu filho, faça como aquela canção que diz: “eu só vou gostar de quem gosta de mim”… – brincou a mãe. – Isso passa, e um dia, quando você for adulto, vai rir dessa paixonite e dizer: “como eu pude gostar daquela menina?!”

– Não, minha mãe, a senhora não entende… Isabel é a mulher da minha vida, e se eu não me casar com ela não me casarei com mais ninguém! – disse Manoel resolutamente, confessando seu amor à mãe.

– Deixe de bobagem! É melhor você ir jogar bola com seus amigos. Não deixe que uma coisa boba como essa estrague seu dia, afinal o dia de hoje nunca mais voltará; e talvez venha a se lamentar pelo fato de tê-lo perdido com assuntos sem importância!

Manoel ficou olhando para a mãe, e preferiu não dizer mais nada, somente para encerrar a conversa.

Dona Isaltina, sorridente, continuou a varrer o quintal, não se preocupando com a paixão do filho, pois, para ela, isso era coisa de adolescente, e em uma semana ele já não se lembraria mais da filha do dono da venda.

Naquele domingo, Manoel ficou no quarto ouvindo rádio, e saiu somente para almoçar, voltando a seu quarto em seguida.

O pai do rapaz, quando ficou sabendo do motivo pelo qual ele estava recluso em casa, deu de ombros, dizendo que “todo mundo já passou por isso”; e que ele não seria o primeiro, tampouco o último.

2

Manoel e Isabel: amor e conveniência

O tempo foi passando e a rotina de Manoel continuava a mesma: trabalhar e estudar à noite, e sair aos sábados somente para ver Isabel, o que havia acontecido apenas uma noite, quando ele encontrou a garota e sua amiga Rosália juntas.

Ele começou a frequentar as missas matinais de domingo, e logo percebeu que a jovem não ia às missas frequentemente como pensara, de modo que ele logo desistiu. A única maneira de vê-la era ir à venda, com a desculpa de comprar alguma coisa.

Seu José, o pai da jovem, logo percebeu o interesse de Manoel por Isabel, e assim começou a dizer à filha:

– Bom moço esse! Sorte de quem se casar com ele; trabalhador, honesto, bom filho… nunca fiquei sabendo que se envolveu em brigas ou bebedeiras, não anda em más companhias. Sabe, minha filha, eu iria gostar muito de tê-lo como genro.

– Não diga isso, papai. Sei que Manoel é um bom moço, mas eu não estou apaixonada por ele e nem por ninguém, quero estudar e ser professora!

– Está bem, minha filha, mas quando pensar em arranjar um pretendente dê uma chance ao rapaz, afinal ele é o genro que pedi a Deus – brincou seu José.

Isabel, porém, não gostava quando o pai insinuava ou, quando às vezes, chegava a dizer claramente para ela namorar Manoel. Ela nunca entendeu por que não gostava dele, pois ele tinha todos os predicados que as moças procuravam em um rapaz. Era belo, se vestia bem, tinha boas maneiras, mas alguma coisa nele não a agradava; era como se ela sentisse certa aversão por

ele. Mas, procurando não entender o porquê dessa repulsa, simplesmente dizia não estar apaixonada por Manoel.

E assim o tempo foi passando; e quando Isabel contava dezesseis anos, e Manoel, dezoito, seu José tomou uma decisão que mudaria para sempre a vida de Isabel: começou a namorar.

– Minha filha, você está ficando mocinha e daqui a pouco vai se apaixonar, namorar e casar; e o que será de mim? Tenho que pensar no meu futuro!

– Mas eu não vou me casar, papai, quero fazer magistério, e dar aulas. Saiba que eu irei cuidar sempre do senhor.

– Não, filha, você não entende. Todo homem precisa de uma companhia feminina. Sei que sempre estará ao meu lado, mas você é minha filha, e o que preciso no momento é de uma esposa, uma mulher, uma amiga; portanto, minha filha, sei bem o que sente por mim, mas há coisas de que eu preciso e somente uma mulher poderá suprir minhas necessidades.

Seu José, desde que sua esposa Marisa falecera, nunca arranjara uma mulher, nem mesmo para passar o tempo, pois levava em conta que tinha uma filha e jamais gostaria de saber que alguém estava se divertindo com ela. Manteve-se casto.

Isabel, entendendo o que seu pai finalmente queria dizer, baixou a cabeça pensativa, pois se havia algo que ela não queria era uma madrasta, mesmo porque sempre ouvira falar muito mal das madrastas; diziam que eram mulheres rudes e exigentes com os enteados.

Isabel pensou por que isso estava acontecendo com ela; perdera a mãe muito cedo, e seu pai agora queria colocar outra mulher para ocupar o lugar que, na verdade, sempre pertencera a sua mãe Marisa, de quem Isabel tinha ternas lembranças.

A menina procurou nada dizer e concordar com o pai; mas em seu íntimo pensava em como iria fazer para afastar qualquer namorada da vida de seu pai, que afinal não precisava de outra mulher dentro de casa.

Seu José não havia contado nada à mocinha, mas já estava de namoricos com uma viúva chamada Nair, que todos conheciam como Naná; e foi apenas depois dessa conversa que finalmente ele disse à filha.

– Bem, minha filha, acho que você já é adulta o suficiente para compreender: eu estou me entendendo com dona Naná, a viúva do seu Malaquias, e como nós dois somos viúvos, nada nos impede de ficar juntos.

Nesse momento, Isabel sentiu seu coração descompassar e, gaguejando, disse:

– Mas papai, justo a dona Naná! Eu sempre soube que ela era uma verdadeira megera com o pobre Malaquias. Não quero ver uma mulher fazendo para o senhor o que minha mãe nunca fez. Até entendo que o senhor queira se casar novamente, mas procure uma boa mulher, meu pai… essa mulher vai judiar do senhor, e eu não vou gostar, afinal o senhor é tudo que tenho nessa vida.

Seu José, sentindo a preocupação da filha, disse-lhe carinhosamente:

– Minha filha, o povo fala muito. Nair andou me contando algumas coisas que seu Malaquias fazia a ela: passava noites na esbórnia, bebia, e sempre estava às voltas com mulheres, e a deixava passar por privações, pois todo o dinheiro que ganhava, gastava com mulheres da vida, com quem se envolvia. Tanto que a doença que o vitimou foi uma doença venérea da qual ele não cuidou; essa doença evoluiu para um estágio mais grave, e ele morreu por causa disso.

– Mas papai, se o marido morreu por causa de uma doença venérea malcuidada, será que ela não está doente também? – perguntou Isabel, tentando dissuadir o pai de sua decisão.

Seu José, sorrindo, explicou à filha que Nair já não dormia havia anos com o marido.

Foi então que Isabel percebeu que já não adiantava falar nada ao pai, pois ele já estava decidido a se envolver com aquela mulher; e mesmo que ela dissesse o contrário, ele jamais aceitaria.

Dona Naná era uma mulher com pouco mais de quarenta e três anos, alta, magra, com olhos e cabelos castanhos. Era ainda uma bela mulher, mas seus olhos expressavam uma indefinível amargura; porém, ninguém falava mal de sua postura, que a viúva fazia questão de manter impoluta, pois não eram novidade para ninguém as flagrantes traições do marido.

Isabel decidiu que nada mais falaria ao pai, pois se Nair fosse realmente o que as pessoas diziam, então ela iria embora e o pai nunca mais a veria.

Depois de ter essa conversa com seu pai, Isabel foi até a venda e, pegando um litro, chegou perto do tambor de óleo e bombou um litro para levar para a cozinha, pois percebera que o de casa havia acabado.

Seu José ficou observando o jeito da filha e pensou:

“Minha filha é tudo que tenho. Se ela pensa que vou trocá-la por alguma mulher, está muito enganada. Com o tempo, ela verá que Naná é uma boa mulher, e que quem fala mal dela são aqueles que mantinham contato com Malaquias, que vivia a difamar a esposa”.

Levando a mão à testa como para afastar os maus pensamentos, seu José foi atender um freguês, que queria comprar um quilo de açúcar.

Isabel entrou na cozinha pensativa, pois jamais imaginara que o pai teria coragem de trocar a memória de sua mãe por uma mulher qualquer. Assim, decidiu que ele poderia se casar, mas ela não seria obrigada a tratar Nair bem, pois quem se casaria era o pai, não ela.

E com esses pensamentos, decidiu fazer alguns bolinhos de chuva que o pai tanto gostava.

Em pouco mais de um mês depois, dona Nair Medeiros casava-se com seu José Martins. A cerimônia aconteceu somente no pequeno cartório da cidade, e não houve nenhuma comemoração, apenas as malas de dona Naná, que chegava à casa do ex-viúvo. Ela trazia apenas uma penteadeira e um papagaio, com quem ela conversava como se fosse um filho.

Naná não tivera nenhum filho com o falecido Malaquias, pois desde que soube da primeira traição, resolveu puni-lo não lhe dando nenhum filho. Malaquias, por sua vez, pouco se importava com o fato de não ter filhos com a esposa, pois já tinha dois filhos de diferentes mulheres na cidade vizinha e não havia se responsabilizado por nenhum, deixando as mulheres criarem seus filhos sem seu apoio moral ou material.

Isabel, quando viu a mulher chegar em sua casa, simplesmente fechou o cenho, e pouco falava, pois, como ela sempre dizia a sua amiga Rosália:

– Eu não gosto dessa mulher! E nunca vou gostar. Ela que se coloque no lugar dela, pois é mulher de meu pai, mas de mim não é nada; se pensa que vou obedecê-la está muito enganada! E tem mais: eu sempre fui uma boa filha, mas daqui por diante não faço mais nada nessa casa, pois ele arranjou mulher para cuidar dele, portanto ela que faça tudo. Eu vou começar a me preocupar mais comigo, vou passear, vou ao cinema, vou me arrumar.

– E por que você não diz que vai namorar também? – completou Rosália.

– Para falar a verdade eu não havia pensado nisso, mas já que papai arranjou uma sirigaita qualquer para tomar conta dele, vou começar a pensar seriamente nisso.

– Bem, pretendente você já tem.

– Quem é que eu tenho, Rose, que não me lembro? – disse Isabel, fingindo não lembrar de Manoel.

– Ah, não se faça de boba, Isabel, você sabe muito bem de quem estou falando!

– Mas de quem você está falando, Rose? – perguntou Isabel, querendo arrancar algum comentário de Rosália.

– Estou falando daquele pão do Manoel… Ah, como ele é lindo, e você fica o esnobando! Eu sempre digo que Deus dá asas a quem não sabe voar, porque se fosse comigo eu já estaria ao pé do altar com ele. Por que ele foi se apaixonar por você e não por mim?

– Verdade! Sabe, acho que vou dar uma chance ao Manoel, quem sabe é a chave para que eu me livre da mulher de meu pai.

– Não pense assim, Isabel. Você deve pensar em amar, não pense no pobre moço somente para se livrar de sua madrasta!

– Bem, eu estou pensando nele e já é alguma coisa, portanto ele que se dê por satisfeito com isso. Na verdade, eu não queria me envolver com ninguém, eu gostaria de ser professora, mas parece que meu pai tirou isso de mim.

– Não seja dramática, Isabel! Seu pai não tirou nada de você, ele apenas quis refazer a vida dele; por sinal, acho que ele até demorou demais para fazê-lo. Não seja mimada, não faça tempestade num copo d'água. Deixe seu José fora disso, pois essa é uma escolha sua. Além do mais, quem está de implicância com a mulher é você. Já pensou que talvez ela não seja nada do que as pessoas falam? Ou melhor, do que você pensa?

– Bem, se ela é ou não, isso não vem ao caso: eu não gosto dela e pronto. E nunca vou gostar, pois ela tomou o lugar de minha mãe no coração do meu pai, e isso não tem perdão.

– Você está sendo intransigente, Isabel, seu pai ainda é um homem forte e tem todo direito de refazer a vida dele.

– Quer saber? Acho que está na hora de você ir embora, pois estou cansada e pretendo terminar de ler meu livro! – disse Isabel, querendo pôr

fim àquela conversa; afinal, não entendia por que Rosália defendia aquela que usurpara seu lugar na vida do pai.

– Está bem, sua mimada! Mas saiba que eu não vou mais vir aqui, até você me pedir desculpas pela ofensa! E tem mais; eu sou sua única amiga, e por ser sua amiga é que falo a verdade a você. Quer ficar sozinha, pois fique! Porque eu já estou indo embora, e além do mais, eu tenho muitas amigas e você não tem nenhuma!

Rosália, ao dizer essas palavras, saiu pisando firme, decidida a não mais conversar com Isabel. Afinal, quem precisava de amiga era ela, pois Rosália tinha amizade com todo mundo.

E assim, Rosália ganhou a rua, pensativa:

"Como a Isabel pode ser desse jeito? Ela é caprichosa e mimada, e além do mais não vai deixar o seu José ser feliz com dona Naná. Tenho pena desse homem, pois não sabe a filha que tem. Às vezes tenho medo de Isabel, ela me parece ter um coração tão duro…"

E com esses pensamentos, a mocinha voltou para casa disposta a não pensar mais no assunto.

Manoel ficara sabendo do casamento de seu José com dona Naná, mas pouca importância deu ao assunto; afinal, estava sofrendo por Isabel e nada despertava sua atenção. Ele estava bem mais magro e abatido. Nunca conseguira esquecer Isabel, por mais que tentasse.

Dona Isaltina estava preocupada com o filho, pois ele já não jogava bola aos domingos, e não ia mais à missa matinal, pois nunca mais vira Isabel depois daquele domingo. E quando ia à venda do seu José, raramente via a mocinha atrás do balcão.

A princípio, dona Isaltina achou que era coisa passageira, mas com o passar do tempo, começou a perceber que Manoel já não era o rapaz alegre de antes; ela procurava fazer de tudo para agradá-lo, porém via que seus esforços eram em vão.

O moço já não saía mais de casa aos sábados, pois, para ele, não tinha graça ir à praça se não fosse para ver Isabel.

Assim, dona Isaltina traçou um plano para ajudar o filho: começou a convidar moças para o almoço de domingo.

Benedito era um homem que não se preocupava muito com os assuntos sentimentais do filho, e não deu muita importância às mudanças do jovem; mesmo assim procurou fazer ao filho algumas exortações: que o rapaz voltasse a sair aos sábados, a ver gente, e quem sabe começasse a paquerar outra menina. Dona Isaltina sempre concordava com tudo que o marido dizia, para animar o filho.

Dona Isaltina nunca simpatizara com Isabel, como sempre dizia ao filho:

– Meu filho, essa moça não é o que parece ser, tem algo nela que não gosto… ela é quietinha, mas sabe-se lá o que essa menina pensa!

– Mamãe, deixe de implicar com Isabel. Ela é uma boa moça, sempre ajudou o pai, e ninguém tem nada a falar de sua conduta, de modo que a senhora não pode julgá-la dessa forma. Saiba que não gosto que fale de Isabel, pois ela é a mulher que amo e pronto!

Dona Isaltina começou a perceber que a coisa era bem mais séria do que ela havia suposto, e por várias vezes conversou com o marido sobre essa paixão do filho por Isabel; mas o marido pouca importância dava ao assunto, pois, como ele mesmo dizia:

– Mulher, eu estou preocupado com nossa situação, esses militares vão nos fazer passar fome se continuarmos com essa forma de governo; além do mais, quanta gente está sumindo… Esse presidente Médici é um facínora! Sabe o Jorginho de dona Odete? Sumiu na noite de sábado na capital. Sai de casa para cursar uma faculdade e some de repente, sem deixar rastro? Ninguém me tira da cabeça que os “homens” já o pegaram! Ninguém sabe onde ele foi parar; com certeza esse governo assassino já deu fim nele! E agora, com tanta coisa na cabeça, acha que vou me preocupar com os assuntos amorosos de nosso filho? Faça-me o favor!

– Mas… Benedito, o governo não sai matando assim aleatoriamente, eles pegam pessoas que andam se envolvendo em assuntos que não lhes dizem respeito! – comentou dona Isaltina, querendo mostrar ao marido que ele dava muita atenção a assuntos políticos enquanto ela estava preocupada com o próprio filho.

A mulher procurou não dizer mais nada, mas à medida que o tempo passava, ela observava o sofrimento do filho, que ficava a ouvir músicas românticas na vitrola, por todo o final de semana.

Quatro dias haviam se passado desde que Manoel ficara sabendo do casamento de seu José da venda com dona Naná. Faltava pouco para as sete

da noite de sábado, dia que todos os jovens aproveitavam para extrapolar suas energias, uns saindo somente para beber e outros para namorar. Dona Isaltina, tentando reanimar Manoel, disse:

– Meu filho, você não vai passear?

– Não, mamãe; prefiro ficar em casa na noite de sábado, fiquei sabendo que vai passar um filme muito bom na televisão.

– Mas você é muito jovem para levar uma vida de responsabilidades. Veja bem, todos da sua idade não veem a hora de chegar o sábado à noite; afinal, gostam de sair e se divertir.

– Não estou com cabeça para isso, mamãe, prefiro ficar em casa.

– Filho – continuou a mulher –, hoje vai haver um coral que vai cantar na praça. A noite está agradável… Por que não se arruma e vai se encontrar com seus amigos?

– Mamãe, pare de me tratar como se eu fosse criança. Já tenho quase dezenove anos. Além do mais, estamos em 1973, os jovens de hoje não são como os do tempo da senhora, que faziam tudo que os pais queriam. Eu não irei só porque a senhora quer que eu vá. Se eu estiver com vontade irei, mas saiba que não estou.

– Mas você precisa sair um pouco, meu filho! Não está certo só trabalhar e estudar, tem que se divertir também.

Manoel olhou para a mãe e sentiu pena da mulher, pois em seu semblante estava marcada a preocupação, de modo que resolveu contemporizar, dizendo:

– Está bem, mamãe, eu vou, mas saiba que se eu não me sentir bem, volto logo pra casa. A senhora tem uns trocados para me arranjar? Estou sem dinheiro.

– Claro, meu filho! – disse Isaltina, alegre. – Tenho algum aqui, pois duas freguesas de costura me pagaram. Pode levar.

– Mas mãe, não acho justo a senhora me dar o dinheiro que trabalhou para ganhar, para que eu o gaste à toa!

– Meu filho, entenda uma coisa: só você nesse mundo tem valor para mim, portanto não se preocupe com isso, pois juro que se eu tivesse mais eu te daria. Não pense nisso, leve o dinheiro, e coloque aquela sua calça xadrez, você fica lindo com aquela calça.

– Mas mãe, a boca daquela calça não é tão boca de sino como eu quero, é meio-sino.

– Tudo bem, meu filho, vá com a que você se sentir melhor.

Manoel olhou para a mãe, e nesse momento foi tomado por grande ternura por aquela mulher que ele tinha orgulho de chamar de mãe. Então, olhou para ela e disse:

– Mamãe, a senhora é a melhor mãe do mundo! – E depois dessas palavras se aproximou da mãe e beijou-a ternamente na face.

Isaltina ficou feliz em ver que o filho estava bem, e foi com alegria que o ouviu cantar a música que estava em voga:

"Eu te amo, meu Brasil, eu te amo,

Meu coração é verde, amarelo, branco, azul-anil

Eu te amo, meu Brasil, eu te amo,

Ninguém segura a juventude do Brasil!"

Isaltina foi ao seu pote na cristaleira e pegou o dinheiro para o filho levar, para que pudesse tomar um refrigerante se tivesse vontade.

Manoel, embora estivesse cantando, somente o fez para tirar as rugas de preocupação do rosto da mãe. Depois de colocar a calça que sua mãe pedira, e uma camisa bege, ele finalmente beijou a mãe novamente e saiu, em direção à praça. Enquanto andava, ficou pensando em Isabel, e foi com um suspiro que finalmente disse para si mesmo:

"Mamãe não sabe, mas eu cantei apenas para vê-la tranquila, porque meu coração está chorando. Que adianta sair para ir à praça, se Isabel não estará lá? De que me vale trabalhar, e mamãe me dar suas economias, somente para me fazer feliz, se na verdade eu sou a pessoa mais infeliz desse mundo?"

E com esses pensamentos, o rapaz finalmente atravessou a rua, em direção à Praça da Matriz, comprou um saco de pipoca e ficou observando um casal de namorados que conversava; nesse momento, seus olhos ficaram rasos d'água, pois ele não conseguia esquecer Isabel, com seu jeito tímido, seus cabelos dourados e seu olhar, que tanto o fazia sonhar.

Nesse instante, enquanto Manoel, comia pipoca, não acreditou no que via: do outro lado da praça estava Isabel, sozinha, pois Rosália, desde que fora mandada embora da casa da moça, não mais a procurara, por ter ficado ressentida com a amiga; e embora Isabel fosse pedir desculpas, ela ficou arredia com a amiga, com medo de aquela situação acontecer novamente.

Manoel não acreditava no que estava vendo, pois jamais imaginara ver o seu grande amor na praça naquele sábado; e saindo pelo outro lado, como a inventar uma casualidade, ele se aproximou e esbarrou nela, como se fosse

sem querer. Assim que o viu, ela tentou esconder a contrariedade, pois, nos dias que sucederam o casamento do pai, a mocinha decidiu que iria dar uma lição nele e também em sua nova esposa: ela se casaria e iria embora, e nunca mais visitaria o pai.

Manoel, escondendo a satisfação, disse:

– Olá, tudo bem? Onde está Rosália?

– Ela não veio, sua mãe não a deixou sair de casa nesse fim de semana. Estou aqui para ver o coral da igreja – mentiu Isabel.

– Que bom! Será que eu poderia fazer-lhe companhia?

– Claro! Seria ótimo, pois ficar sozinha não é muito bom.

– Você quer comer pipoca, ou tomar um refrigerante? – perguntou Manoel, tentando agradar a moça de todas as maneiras.

– Sim! Quero comer pipoca e tomar um guaraná.

– Venha, eu lhe pago a pipoca e o guaraná – disse Manoel.

– Não se preocupe, eu mesma pago, tenho dinheiro aqui comigo!

– Não! Eu faço questão – insistiu Manoel, feliz.

– Está bem, se é assim eu aceito; mas não podemos demorar muito, porque quero ouvir o coral cantar. Fiquei sabendo que vai vir uma soprano da cidade vizinha, para cantar a Ave-Maria, e depois o coral a acompanhará.

– Ótimo! Vamos, então!

Os dois jovens tomaram o guaraná, e ao sair da pequena lanchonete da praça passaram no pipoqueiro e compraram um saco de pipoca para cada um, e logo retornaram, esperando a apresentação do coral.

Enquanto o coral cantava as belas canções, Manoel sentia-se feliz em estar ao lado daquela que julgava ser o grande amor de sua vida. Ao término da apresentação, Isabel disse:

– Desculpe, mas preciso voltar para casa, pois meu pai não gosta que eu volte tarde.

– Bem, então faço questão de acompanhá-la, pois a praça não tem graça sem você.

Isabel, sem criar empecilhos, concordou, e os dois jovens começaram a caminhar em direção à casa da moça. Manoel andava cada vez mais lentamente, tentando evitar ao máximo a despedida.

Ao se aproximarem da esquina da casa de Isabel, finalmente ele disse:

– Isabel! Sei que talvez não devesse comentar algo com você, mas sinto que é necessário.

Isabel, prevendo o que o rapaz iria lhe dizer, falou:

– Desculpe, mas tenho que chegar logo em casa, afinal já são dez horas e meu pai pode se zangar comigo.

– Tudo bem, mas o que tenho a dizer é rápido, é algo para você pensar durante a semana.

– Então diga! – impacientou-se.

– Bem… – o rapaz engasgou –…é que estou apaixonado por você, e a mim muito me alegraria se você aceitasse namorar comigo.

Isabel, tentando evitar o assunto e vendo que fora vencida pela circunstância, finalmente disse:

– Eu ainda sou muito jovem, e meu pai não vai concordar com isso.

– Mas como que você é muito jovem? Sei que já tem quinze anos.

– Sim! Mas meu pai não me permite namorar; ele quer que eu seja professora, e no ano que vem vou fazer magistério.

Manoel, percebendo que a moça estava sendo sincera, decidiu não insistir, pois queria vê-la mais vezes na rua. Se continuasse a se precipitar, a jovem, arredia como era, não voltaria a sair; assim ele resolveu se calar. Caminharam alguns passos quando Manoel, por fim, disse:

– Isabel, obrigado por me fazer companhia, foi uma noite muito agradável.

– Sou eu quem deve agradecer, afinal você foi uma ótima companhia – disse a moça, desviando o olhar do rapaz.

Manoel sorriu ao ouvir as últimas palavras da moça, afinal jamais imaginara ouvir palavras doces vindas da jovem que sempre o evitava.

Depois de se despedirem, Isabel entrou em casa; seu coração estava sobressaltado, pois não imaginava que fosse tão difícil dizer “não” a alguém. Ela não nutria nenhum tipo de sentimento pelo rapaz, e sabia disso, mas ao mesmo tempo se sentia à vontade ao lado dele.

Ao entrar em casa, viu seu pai e dona Naná conversando animadamente sobre os desaparecimentos de alguns jovens da capital. Ele, ao perceber que a filha entrara, dirigiu-se à menina:

– Mas já em casa, minha filha? Pensei que fosse aproveitar a noite, e tomar um sorvete.

– Tomei o sorvete e preferi voltar para casa. Embora o coral estivesse muito bonito, terminou cedo.

Naná percebia que a mocinha não a apreciava, de modo que ficava calada, não querendo se intrometer nos assuntos de pai e filha.

– Mas e Rosália, por que não entrou? Você sabe que aprecio aquela moça, pois sempre se mostrou sensata e bondosa.

– Papai, Rosália e eu estamos de relações cortadas. Quem me trouxe foi o Manoel, ele me fez companhia todo o tempo.

Seu José mostrou seu gosto em saber da notícia quando finalmente disse:

– Fico feliz, minha filha, Manoel é um bom rapaz e uma ótima companhia.

Assim que percebeu o agrado do pai, Isabel ficou contrariada; afinal, queria fazer algo para que o pai ficasse irado com ela, fato que não se deu. Irritada, finalizou a conversa dizendo:

– Sim, papai, mas já estou com sono e vou dormir.

E se despediu apenas do pai, encaminhando-se para seu quarto.

Naná, embora se esforçasse para conviver bem com a filha de seu José, sabia ser impossível, pois a menina não lhe dava abertura para uma aproximação sequer. Então disse, ressentida:

– José, faço tudo para me aproximar de Isabel, mas percebo que ela não gosta de mim; aliás, ela não me suporta!

– Não se preocupe, Naná, o mal que aflige Isabel é o ciúme. Quando ela perceber que sua infantilidade não está surtindo efeito, mudará. Tenha paciência.

– Tomara… Pois ela pensa, como alguns que não gostam de mim, que fui uma megera para o falecido. Mas isso não é verdade! Somente Deus e eu sabemos o quanto ele foi ruim para mim. Onde já se viu bater em mim, grávida, a ponto de me levar a perder o bebê! Isso ninguém comenta!

– Não vamos relembrar fatos tristes do passado, Naná. Não deixe que uma menina caprichosa lhe tire a paz. Veja bem, Isabel tem de entender que é minha filha e você é minha esposa, e que eu preciso das duas.

– José, você é tão diferente do falecido… Agradeço a Deus por tê-lo encontrado, pois pela primeira vez me sinto segura com alguém.

– Isso é o que importa. Agora tire essas caraminholas da cabeça, e vamos dormir. Amanhã abrirei cedo a venda, pois terá um jogo de futebol

com o time da cidade, e depois do jogo eles virão ou comemorar ou beber as amarguras da derrota na venda; portanto, temos que dormir.

Naná, olhando carinhosamente para aquele homem, desligou o aparelho de TV em preto e branco, e por fim acompanhou o marido até o quarto.

Isabel, em seu quarto, pensava:

"Não sei o que acontece que eu não gosto de Manoel. Ele é um rapaz bonito, se veste bem, conversa bem, é esforçado… mas por que às vezes me sinto ameaçada por ele? Tenho certeza de que se gostasse dele, seria feliz; é tão sincero e honesto e, além do mais, parece gostar verdadeiramente de mim."

E com esses pensamentos, começou a dizer a si mesma:

– Embora eu saiba que Manoel é um bom rapaz, meu coração não lhe pertence. Gostaria de conhecer um rapaz que eu amasse de verdade, pois somente assim eu seria feliz. Mas não vou namorar Manoel apenas porque meu pai quer! Ele não me ouviu quando eu disse para não se casar com aquela megera, e por que tenho que ouvi-lo agora? Se devo ou não namorar Manoel, sou eu quem tem de decidir. Se papai quiser, ele que namore o Manoel, porque eu não vou namorar ninguém!

E pensando assim, virou e logo adormeceu.

Manoel voltava para casa com sentimentos mistos, pois sentia-se feliz por ter estado com a musa dos seus sonhos, e triste por ela haver recusado seu pedido. Cantando uma música, finalmente chegou em casa e encontrou sua mãe passando roupas.

– Como foi à noite, meu filho, viu muitos brotos na rua?

– Sabe que não prestei atenção, mamãe? Porque eu estava com um brotinho em especial.

O rosto de dona Isaltina se iluminou, porque ela achou que se tratasse de uma moça diferente, e foi com entusiasmo que perguntou:

– Posso saber quem é o broto que lhe fez tão bem, meu filho?

– É Isabel, minha mãe! Ela estava na praça. Comemos pipoca juntos, e depois eu a levei para casa.

– E aí, como ela agiu com você? – A mulher ficou contrariada com o fato, pois em seu íntimo sabia que aquela moça não era para seu filho.

– Bem, minha mãe, ela é uma moça de família. Conversamos muito e quando a levei para casa, a pedi em namoro.

– E ela aceitou, meu filho?

– Não, mãe – disse o rapaz desanimado. – Ela diz que quer fazer magistério e ser professora, e que não pensa nisso agora.

– Ah, essa moça tem juízo, pois se fosse outra já aproveitaria a situação – comentou dona Isaltina. – Mas não fique assim, meu filho; o que tem de ser, será! Se um dia ela tiver de ser sua namorada, vai ser; mas se não tiver, é melhor você esquecer, pois de nada adianta querer algo que não lhe pertence.

– Minha mãe, eu não acredito nisso, pois se fosse assim estaríamos nas mãos do destino. E o destino somos nós que fazemos. E tem mais: hoje eu percebi que tenho forças para lutar por ela, e agora que consegui me aproximar, a senhora vai ver que eu não a deixarei escapar pelos vãos dos dedos.

– Meu filho, quando uma coisa não é para nós, não adianta, o melhor é aceitar e partir pra outra.

– Mamãe, vou lhe provar que não sou tão tolo a ponto de aceitar tudo calmamente. Lutarei pelo amor da minha vida, e o melhor de tudo: vou conseguir.

– Sabe, filho, lutar você pode, mas se conseguirá sua escolhida para o resto da vida é difícil saber. Portanto, não seja imprudente, deixe as coisas seguirem seu rumo natural.

– Mas se tudo for assim como a senhora está falando, estamos fadados ao fatalismo; pois se tudo está marcado para ser, que graça tem?

– Meu filho, a verdade é uma só. Veja bem, quando uma criança nasce, os pais se preocupam com suas necessidades básicas. Quando os filhos ficam maiorzinhos, vão para a escola e começam a aprender a ler e a escrever, depois namoram, têm seus filhos, envelhecem e morrem.

– Sim, mamãe, mas o que isso tem a ver com o que estamos conversando?

– O que estou tentando mostrar a você é que, se formos observar, nessa vida tudo é regido por um programa. Veja: a Terra não leva 365 dias para girar em torno do sol? Pois bem, meu filho, tudo faz parte de um programa, e quem estabeleceu esse programa foi o nosso Criador; e por que você acha que conosco é diferente? Quando conheci seu pai, foi uma paixão fulminante, e logo fui correspondida por ele. Isso mostra que estava programado que seu pai e eu ficaríamos juntos. Mas com você o que acontece é bem diferente. Há quanto tempo você vem paquerando essa moça, e ela não lhe dá pelota? Se ela realmente tivesse de ficar com você, tudo já teria se encaixado. Muitas vezes, nos prendemos à ilusão de que amamos uma pessoa, mas no decorrer do tempo vemos que não amávamos tanto assim; e é isso que está acontecendo com você! Você está forçando uma situação junto a essa menina, por acreditar que a ama, mas o amor, meu filho, é algo prazeroso, que não machuca nem nos entristece… E se formos analisar por todos os ângulos, perceberemos que ela não é para você, e isso que você diz sentir, não passa de um apego, uma fixação.

A boa mulher fez uma breve pausa, e então prosseguiu:

– Se você procurar tranquilizar seu coração, logo conhecerá uma moça que de fato esteja em seu programa de vida, terá seus filhos, e será feliz. Não queira ter algo que não lhe foi destinado.

Manoel ficou observando sua mãe como se a estivesse vendo pela primeira vez, e, sem querer estender o assunto, apenas se despediu dela, e foi para seu quarto.

Dona Isaltina sabia que o filho sofria, mas estava decidida a ajudá-lo no que fosse necessário.

Manoel, em seu quarto, deitou-se e ficou olhando para o teto, e lembrando de tudo que sua mãe havia lhe dito; com isso, começou a perceber que talvez ela pudesse ter razão, pois Isabel nunca mostrara nenhum interesse por ele. Assim, ficou mais um tempo a pensar em tudo, e a alegria que sentira momentos atrás deu lugar a um sentimento de vazio, de tristeza e abandono.

Foi nesse momento que decidiu não procurar mais por Isabel, pois se sua mãe estivesse certa, ela não ficaria com ele mesmo; então, para que insistir

em uma coisa que não daria certo?

Embora Manoel estivesse decidido a não procurar mais a moça, seu coração dizia o contrário. Com isso, lembrou das palavras de sua mãe, e passou a dizer em voz alta:

– Eu não vou mais procurar por Isabel! Sou homem e, como papai sempre falou, homem tem de ter brios! Aliás, nesses últimos meses acho que acabei de perder os meus; mas vou recuperar-me e recobrar minha dignidade, voltarei a fazer o que sempre fiz, vou jogar futebol amanhã e voltarei a me divertir com meus amigos.

Depois de tomar essa decisão, o rapaz virou-se e logo adormeceu, e seu sono foi um tanto agitado.

No domingo seguinte, Manoel levantou-se cedo, e, pegando suas chuteiras e seu uniforme, disse à mãe:

– Mamãe! Vou à casa do Maurício, vou jogar bola, e não sei se volto para o almoço, pois hoje é a final do campeonato intermunicipal. Acho que depois iremos comemorar nossa vitória na venda do seu José.

– Ótimo, meu filho, fico feliz por você estar reagindo! Mas só vou lhe pedir uma coisa: não acompanhe seus colegas de futebol nas bebedeiras. Gosto muito de Maurício, mas sei que ele gosta de biritas, e isso eu não quero para você.

– Fique tranquila, minha mãe, não vou beber. Além do mais, várias vezes já fui comemorar na venda, e sempre fiquei no guaraná.

– Confio em você, meu filho, mas não se esqueça de tudo que conversamos ontem, pois você precisa reagir a essa paixão e finalmente ter paz.

– Fique sossegada, dona Isaltina… Se pensa que vou ficar correndo atrás de Isabel se engana. Sou homem e tenho meus brios, e, pra ser sincero, não quero saber de mulher tão cedo.

– Isso mesmo, filho, é assim que se fala.

E Manoel então pegou sua bicicleta e saiu rumo à rua.

O time de Manoel não teve muito êxito no jogo, e acabou perdendo por dois gols de diferença, e todos os garotos estavam chateados.

Depois do jogo, todos falavam sobre os erros cometidos durante a partida, e Geraldo era o mais exaltado, pois aos gritos culpava Manoel por perder o gol que segundo ele estava feito:

– Você é perna de pau! Estava jogando para o time adversário, é? Onde já se viu perder um gol na cara do goleiro? Isso é ser ruim demais.

– Fique calado, Geraldo – Maurício avisou. – Ele estava fora de forma, pois se estivesse treinando, com certeza não teria perdido o gol. Mas garanto que, se fosse você, nem sequer teria conseguido recuperar a bola do Serginho e ainda fazer com que ela batesse na trave!

Geraldo não parava de falar sobre o gol perdido, e começou a pedir para seu José que lhe desse mais doses de cachaça.

Seu José, percebendo que aquele assunto poderia dar confusão, tentou remediar a situação, dizendo:

– Que é isso, Geraldo, é apenas um jogo de futebol sem importância… Qualquer um tem direito de errar!

– Mas não ele! Afinal, todo o time o tem como o melhor, e justo ele fez uma dessas com a gente?! – E entornou mais uma dose de cachaça.

Manoel, notando que Geraldo já passava dos limites na bebida, preferiu ficar quieto, e conversar com os demais do time.

Todos já haviam esquecido a derrota para o time adversário, enquanto Geraldo continuava a entornar uma dose de cachaça atrás da outra.

O dono da venda já estava preocupado com o estado de Geraldo, e, assim, disse:

– Geraldo, meu amigo, para mim você é o melhor jogador do time… Não acho de bom-tom que fique bebendo, pois você não imagina como o álcool destrói um bom atleta como você. Não quer tomar um refrigerante por conta da casa?

– Não! Eu não quero tomar refrigerante. Saiba, seu José, que sou homem, e para mim quem toma refrigerante é maricas! – E ao dizer essas palavras, olhou de soslaio para Manoel, que tomava seu refrigerante encostado no balcão.

Manoel ignorava Geraldo flagrantemente, o que o deixou ainda mais irritado.

Em dado momento, sem aviso, Geraldo pegou uma garrafa de cerveja que estava sobre o balcão e se aproximou com rapidez de Manoel, que conversava com Maurício e Júlio. Quando já era tarde demais, Maurício viu Geraldo se aproximar e gritou:

– Mané, cuidado!

E antes mesmo que Manoel se virasse, Geraldo desferiu o golpe que quebrou a garrafa na cabeça dele.

O moço sentiu o golpe, mas nesse instante caiu, tombando primeiramente sobre o balcão, e depois no chão.

Geraldo, assim que percebeu o que havia feito, saiu em direção à porta da venda e tentou correr. Alguns ficaram para socorrer Manoel, enquanto os outros foram atrás de Geraldo, para lhe dar uma surra.

Geraldo tinha fama de valentão, mas nesse momento ficou temeroso. Foi Alberto quem pegou Geraldo, e então a pancadaria começou. Os próprios colegas começaram a bater nele, enquanto os transeuntes olhavam curiosos para a briga dos rapazes.

Enquanto isso, Manoel foi encaminhado para o interior da casa de seu José, com a cabeça toda ensanguentada; embora ele permanecesse lúcido, estava cambaleando, pois a batida na cabeça foi tão forte que o deixou atordoado.

Seu José gostava do rapaz, e imediatamente fechou a venda para poder atendê-lo. Quando chegou em casa, encontrou dona Naná com um pano, limpando o sangue do rapaz, que escorria demasiadamente. Isabel e Maurício ajudavam-na, e como o sangue não parava de escorrer, Isabel foi à geladeira pegar uma bandeja de gelo para ajudar a estancar o sangue.

Manoel começou a sentir uma dor de cabeça atroz, de modo que seu José foi à farmácia e comprou um remédio para ele.

Isabel, naquele momento, ao observar o ferimento de Manoel, sentiu-se penalizada, e ficou fazendo companhia ao rapaz todo o tempo; embora Manoel sentisse dores atrozes, estava feliz, pois estava junto da moça que julgava ser o amor de sua vida.

Dona Naná ficou ali até estancar o sangue da cabeça do rapaz, e mostrou-se tão prestativa que não foi difícil granjear a amizade do moço.

Manoel sentia dores, porém ficava a olhar Isabel, que permanecia com o olhar fixo nele, e ele fingia sentir uma dor maior do que a que realmente sentia.

Quando dona Isaltina ficou sabendo do ocorrido, foi imediatamente para a casa do comerciante, e tomou a frente para cuidar do rapaz. Embora o moço se sentisse embaraçado com a presença da mãe, nada disse, de modo que permitiu que ela ajudasse a cuidar dele.

Em menos de duas horas, Manoel já estava bem, pois embora a batida tivesse sido violenta, o ferimento na cabeça do rapaz não era profundo. Ele logo se recuperou.

Enquanto isso, Geraldo, depois de apanhar de todos do time, correu para casa, pegou uns pares de roupas, saiu, e disse para a mãe que iria embora, e que mandaria notícias.

Enquanto seguia para a estação, Geraldo pensava em Manoel com ódio, e chegou a dizer para si mesmo, em voz alta:

– Eu volto, seu desgraçado! Eu volto! Mas saiba que quando voltar, vou mandar você para o inferno!

E Geraldo, que ainda usava um calção branco do time e a camisa com faixas azuis, embarcou rumo à capital paulista, jurando vingança contra todos aqueles que o agrediram. Porém, a raiva de Geraldo passou logo, e em poucos dias ele voltou para sua cidade de origem; mas o time não o aceitou de volta.

Isabel, ao ficar aqueles momentos ao lado de Manoel, sentiu uma ternura indefinível, e ficou fascinada pela submissão dele à mãe, e principalmente pela maneira como ele a obedecia.

Manoel foi para casa quando se sentiu um pouco melhor, e foi apenas naquele domingo que Isabel decidiu que caso ele voltasse a pedi-la em namoro ela aceitaria; mas se faria de difícil, pois se lembrara dos conselhos do pai, que dizia que quanto mais difícil uma moça, mais os rapazes a valorizavam.

Manoel já estava em casa, sentindo-se melhor, quando perguntou a Maurício:

– Meu amigo, o que aconteceu com Geraldo? Vi você comentando com minha mãe que foram atrás dele.

– De fato, Manoel, Alberto liderou o time para pegar o Geraldo. Aproveitaram para surrar o infeliz, pois sabemos o quanto ele é metido a valente!

– Mas eu não quero que façam nada contra ele, afinal ele estava bêbado! – disse Manoel, penalizado.

– Deixe de ser frouxo, Manoel. Quem foi atrás dele o fez porque já tinham contas a acertar com ele, pois nesses dias em que você não apareceu para treinar, ele arranjou confusão com quase o time inteiro. Foi feita uma reunião para que o tirassem do time.

– Nossa! Por que ninguém me contou isso antes?

– Bem, não contamos porque achamos que você não ia mais jogar, e como é regra do time, o que acontece no time ninguém deve ficar sabendo.

– Maurício, vocês não deveriam ter me escondido isso, pois é muito sério. Sei que faltei a alguns treinos, mas isso não quer dizer que eu estivesse fora do time.

– Eu sei, mas normas são normas, e isso serve para todos.

– Está bem! Mas agora precisamos saber o que aconteceu a Geraldo; foi uma covardia, todos contra um único homem.

– Entendo seu ponto de vista, Manoel, mas ele deveria pensar nisso antes de agredir você. O que importa um jogo de futebol?

– Ele é um idiota! Mas eu não quero que nada de mal lhe aconteça, ainda mais por minha causa, pois ele estava bêbado. Para mim, tudo está resolvido.

– O que é isso, Manoel… seja homem! Esse negócio de deixar tudo para lá é coisa de maricas. Por favor, não envergonhe a nossa raça. Somos homens, portanto, temos de nos comportar como tal.

– Eu não deixo de ser homem por não levar em conta as ofensas! Sinto-me tão homem quanto qualquer um; ser homem não é revidar ofensas, mas sim perdoar as ofensas e deixá-las para lá. Minha mãe sempre ensinou que para ser grande, ser inteiro, é necessário perdoar os demais, como gostaríamos de ser perdoados quando cometemos erros.

– Bem, logo se vê que você é um cara legal!

– Maurício, vá à casa de Geraldo e veja como ele está; e assim que puder, venha me avisar.

– Olha aqui, bicho! Eu não me conformo que você ainda se preocupe com um cara como ele. Se levou uma boa surra, ele fez por merecer.

– Não vamos mais discutir sobre isso, eu penso de uma maneira e você pensa de outra; portanto, faça só o que estou lhe pedindo.

Nesse instante, quem entrou foi o pai de Manoel, dizendo:

– O que aquele ordinário fez com você, meu filho?

– Nada, pai, já está tudo bem. O Geraldo estava bêbado e inconformado por termos perdido o jogo.

– Mas isso não é desculpa! Ele agiu traiçoeiramente com você, meu filho, e vai pagar por isso!

– Por favor, meu pai, não faça nada; eu já estou bem, e já esqueci! Não quero que o senhor aja como ele, pois se fizer isso será tão vil quanto ele.

– O quê? É impressão minha ou você o está defendendo?

– Não estou defendendo ninguém, meu pai, mas se levarmos ao pé da letra o que nos fazem, nós nos tornamos como eles; portanto, se o senhor for tirar satisfação com Geraldo, não vai ser diferente dele em nada.

– Chega! Você é meu único filho, portanto quero que aprenda a se defender. Não quero que meu filho se torne alvo de pancadaria por ser um covarde!

– Eu não sou um covarde, pai, apenas não gosto de encrencas!

– Ah, por favor… O que vão dizer de mim se souberem que meu filho afinou diante de uma boa briga?

– Para mim não importa o que vão dizer, o importante é agir de acordo com aquilo que acredito, e que penso ser certo!

– Ah, só me faltava essa… Meu único filho fugindo da raia! Isso é coisa para maricas!

– Sou tão homem quanto o senhor! Apenas não gosto de brigas. O Geraldo fez, e já pagou por isso, pois pelo que fiquei sabendo todo o pessoal foi tirar satisfação com ele.

– Ainda bem que você tem amigos, porque senão… iria apanhar todos os dias!

Nesse instante, Manoel olhou para Maurício e disse:

– Estou com sono, vou descansar um pouco!

– Está bem, Manoel, descanse, e eu farei aquilo que me pediu – respondeu Maurício.

– Ótimo! – disse o pai de Manoel. – Eu também vou sair e deixar Manoel descansar.

E assim, os dois saíram, a fim de deixar Manoel descansar. Enquanto isso, o rapaz ficou pensando que mesmo levando uma garrafada na cabeça havia sido um domingo especial para ele; afinal, Isabel se mostrou preocupada. Ao lembrar daqueles momentos, o coração do rapaz enterneceu-se.

3

Enfeitiçado

Uma semana havia se passado desde que Manoel fora atingido pelo golpe desferido por Geraldo. O jovem, conversando com sua mãe, dizia:

– Mamãe, hoje eu vou à praça; será que dá para a senhora passar minha camisa azul-clara? Quero ir bem vestido, acho que vou encontrar com Isabel. Preciso caprichar no visual.

– Meu filho, não quero que você saia somente para ver Isabel. Saiba que essa moça tem algo que não consigo entender; às vezes, penso que ela não é nada daquilo que mostra ser. Já reparou que quando fala conosco ela nem sequer olha em nossos olhos?

– Ah, minha mãe, deixe de ver pelos em ovo! Isabel é uma boa moça, ninguém tem nada a dizer sobre sua conduta.

Dona Isaltina, percebendo as intenções do filho, decidiu que não diria mais nada, pois ele não ouvia nada que fosse contra os seus sentimentos.

Assim, a mulher continuou:

– Está bem, meu filho, nada mais direi sobre essa moça. Se quer insistir nisso, vá em frente, mas saiba que isso irá lhe trazer muitos dissabores. Nunca se esqueça de que o coração é traiçoeiro, e infelizmente o seu o está enganando.

Manoel, sorrindo, disse:

– Mãe… Sei que se preocupa comigo, mas não acha que já estou bem crescidinho para se preocupar comigo dessa maneira? Além do mais, quando me casar com Isabel verá que suas preocupações foram infundadas e que fiz a melhor escolha.

Dona Isaltina, meneando a cabeça, apenas resmungou:

– Sua alma, sua palma; sua cabeça, seu guia…

E saiu para passar a roupa que o filho havia lhe pedido.

Enquanto isso, Manoel tratou de ir tomar banho e barbear-se, afinal sua aparência deveria estar impecável para aquela noite.

Manoel ganhou a rua, e usava uma camisa azul-clara, com uma calça bege e sapatos pretos. O cabelo encaracolado deixava o rapaz ainda mais bonito, o que era motivo de orgulho para dona Isaltina.

A boa mulher, ao ver o rapaz sair bem-arrumado e com os cabelos bem-ajeitados, ficou triste; naquele momento, desejou ardentemente que o filho conhecesse outra moça.

Manoel chegou à praça e o local estava bem movimentado; instintivamente, começou a procurar por todos os lados, mas não viu Isabel. Encontrou-se com alguns colegas do time e ficou conversando, quando de repente ouviu uma voz atrás de si:

– Olá, Manoel, tudo bem? Sua cabeça melhorou?

Ao virar-se para trás, o rapaz perdeu o fôlego: era Isabel que o cumprimentava. Ela estava bonita, usando uma calça jeans, com uma blusa branca, e seus cabelos estavam soltos. Nesse momento Manoel esqueceu-se de seus colegas, e respondeu:

– Sim! Já estou bem, e agradeço por tudo que fez por mim no domingo passado.

A moça olhou-o nos olhos e sorriu, deixando seus belos dentes à mostra. Manoel, sentindo-se entusiasmado com a amabilidade da moça, continuou:

– Vamos até a lanchonete tomar um refrigerante?

– Para mim será um prazer! – respondeu ela, sorrindo.

E assim ele se despediu dos colegas e, ao lado da moça, foi a uma lanchonete que ficava do outro lado da rua.

Já sentado, Manoel, percebeu que não tinha assunto, e voltou a falar sobre o incidente de uma semana antes. Isabel fingiu interesse. Depois de tomarem o refrigerante, ele comprou para a jovem um chocolate, e os dois saíram conversando. Naquele momento, Manoel esqueceu-se de seu constrangimento, e conversava animadamente com a moça: falava sobre os estudos, sobre o trabalho, e sobre os incidentes desagradáveis que haviam ocorrido naquela semana.

Isabel olhou fixamente para o rapaz, e logo percebeu que não seria difícil apaixonar-se por ele, uma vez que ele a deixava à vontade.

Sentaram-se na praça, e ela logo começou a falar a respeito de seu pai, da morte de sua mãe, do casamento de seu pai com dona Naná, que ela não aprovava; e quanto mais o rapaz a ouvia falar, mais ficava enlevado, achando lindas as covinhas que se formavam em seu rosto quando a moça sorria.

Ficaram juntos todo o tempo, e assim, ela logo disse:

– Que pena… Já está tarde, preciso voltar para casa, senão meu pai brigará comigo.

– Bem, então me permita acompanhá-la.

E os dois jovens saíram rumo à casa da moça. No caminho, mais uma vez ele não conseguiu conter a emoção do momento, e finalmente disse:

– Isabel, preciso lhe falar uma coisa: desde que a vi pela primeira vez não consigo tirá-la do pensamento! Estou apaixonado por você, meu sonho é ouvir um "sim" da sua boca.

Isabel, querendo aceitar logo o namoro, acabou dizendo:

– Bem, somos muito jovens… Pretendo fazer magistério e dar aulas, portanto não quero namorar agora. Mas vamos fazer o seguinte: prometo pensar com carinho, e responder no sábado que vem. O que me diz?

Manoel, naquele momento, olhou para a moça como se fosse a primeira vez que o fazia; afinal, ela havia lhe dado esperanças, e isso era um bom começo. Ele respondeu:

– Estou feliz, pois da outra vez você nem sequer pediu um tempo para pensar. Isso mostra que posso ter esperanças?

– Sim! Mas não se anime muito, porque sou imprevisível e posso não aceitar.

– Tudo bem! Mas seja como for, ficarei esperando ansiosamente o sábado chegar, apenas para saber sobre sua decisão.

Isabel viu com satisfação sua casa, e fingiu tristeza quando disse:

– Que pena! Não parece que houve uma redução no trajeto de volta para minha casa?

– E como… Gostaria muito que o tempo parasse nesse momento, somente para não me despedir de você.

Isabel então percebeu o quanto o rapaz estava apaixonado, e com isso logo pensou:

“Do jeito que Manoel está caidinho por mim, fará qualquer coisa que lhe pedir, até mesmo ajudar-me a tirar aquela intrusa de minha casa”.

E com esses pensamentos os dois chegaram em frente à casa da moça, e ficaram conversando sobre assuntos triviais, até que Isabel decidiu entrar.

Manoel estava feliz, mas ao mesmo tempo receoso, pois embora Isabel se mostrasse toda atenciosa naquela noite, poderia não estar na semana vindoura.

Quando chegou em casa, encontrou sua mãe sentada na varanda, com as pernas sobre uma cadeira diante dela. Ao vê-lo, a mãe logo perguntou:

– Manoel, aconteceu alguma coisa? Você chegou com uma cara…

– Minha mãe, sabe que não consigo esconder nada da senhora! Hoje fiquei conversando com Isabel, e novamente a pedi em namoro; mas ela pediu-me um tempo para pensar. Acho que a senhora tem razão, esse brotinho não quer nada comigo!

– Manoel, eu já disse tudo o que penso sobre o assunto, mas não sei por que você insiste nisso! Essa moça não vai querer namorar você. Embora você seja bonito, é pobre, e ela é do tipo de menina que vai namorar algum rapaz que tenha um Maverick, ou outro carro parecido. Esqueça essa garota, porque ela não quer nada com você. Fiquei sabendo que ela está implicando demais com a esposa do pai, e olha que dona Naná é uma mãe para ela. Pra mim, essa menina tem problemas de ordem emocional; perdeu a mãe, e é possessiva demais com o pai.

– Lá vem a senhora de novo com essa conversa, não é, mamãe? Isabel é uma boa moça, equilibrada, inteligente… e além do mais, é linda.

– Bem, meu filho, você já está enfeitiçado por ela, então não adianta falar nada. Posso falar o que quiser que você não me escutará mesmo.

Manoel, irritado, entrou em casa, deixando a mãe e seus pensamentos. Foi para seu quarto, ligou a vitrola, e colocou um disco para ouvir.

Deitou-se e deixou seus pensamentos voarem longe com as lembranças agradáveis de momentos antes.

E depois de um tempo, adormeceu.

Isabel entrou em casa e encontrou o pai conversando sobre a ditadura, dizendo que o AI-1 iria matar muita gente. A moça cumprimentou o pai e

disse:

– Meu pai, preciso lhe avisar que estou namorando.

– Que boa notícia, milha filha! Quem é o felizardo?

– Estou namorando o Manoel. Não era esse que o senhor queria?

– Minha filha, de fato eu acho Manoel um bom moço, mas você não deve namorar só porque eu o acho um bom rapaz. Você deve namorar por si, por seus sentimentos!

– Bem, isso não vem ao caso agora. O importante é que se ele vier pedir para o senhor, não vai pegá-lo de surpresa.

– Mas, minha filha…

– Não adianta, meu pai, estou namorando e pronto. Fiz isso para que saiba o quanto sou boa filha.

Depois de contar ao pai que estava namorando, a menina se retirou e foi para seu quarto, deixando seu José e dona Naná atônitos com sua petulância.

Foi dona Naná quem falou:

– Zé, Isabel fez isso para te afrontar. É melhor não dizer nada a ela.

– Eu não vou dizer nada mesmo. Para mim, chega; essa obsessão dela por mim tem que acabar. Sei que ela só fez isso para me mostrar que já tem idade para casar-se e ir embora.

– Seja como for – disse dona Naná –, o melhor que tem a fazer é não dar importância. Ela é mimada, e se não prestar atenção nela isso tudo passa.

E assim os dois mudaram rapidamente de assunto, e logo foram dormir, pois seu José iria abrir a venda até a hora do almoço no domingo.

Durante aquela semana, seu José ficou esperando que Manoel fosse pedir a mão de sua filha em namoro, mas apenas na sexta-feira foi que Isabel finalmente disse ao pai:

– Meu pai, Manoel virá na semana que vem pedir a minha mão em namoro, portanto gostaria de pedir-lhe que o atenda bem.

– Fique tranquila, filha – disse seu José, incrédulo – pois o namorado de minha filha será como um filho para mim também.

– Está bem, papai. Não gosto de fazer nada sem avisar, e eu estava pensando em chamá-lo para jantar em nossa casa na quarta-feira; o que o

senhor acha?

– Ah, minha filha, acho uma ótima ideia! Vou pedir para a Naná fazer um bolo de chocolate para esperar Manoel, o que você me diz?

– Pai, desde que ele seja bem recebido… não acredito que vá querer algo muito suntuoso, afinal ele é uma pessoa simples.

– Está bem, filha, vamos fazer algo bem simples. Conheço o rapaz e gosto de sua simplicidade; acho que não se sentiria à vontade com algo grandioso.

Isabel logo percebeu que o pai não estava acreditando que Manoel viria falar-lhe sobre namoro, de modo que se retirou.

Uma vez em seu quarto, ela disse a si mesma:

– Muito bem! Meu pai, não acredita em mim, mas vou provar que estou falando a verdade! E tomara que não faça nada que me envergonhe! Mas no sábado darei a resposta a Manoel, e eles saberão que estou falando sério. E assim que fizer o que planejo, terminarei com Manoel, e tudo voltará a ser como antes.

Foi somente nesse momento que ela se lembrou que teria de ir à praça para ver o rapaz; assim, esperou ansiosamente para aceitar o pedido, mas estava mais ansiosa ainda para provar ao pai que falava a verdade.

O restante da semana transcorreu tranquilamente, e Manoel ficava a contar os dias, esperando chegar o sábado, para conversar com Isabel. Seus sentimentos eram mistos; ora sentia alegria por saber que iria vê-la, ora sentia-se amedrontado, por pensar que talvez ela não fosse aceitar seu pedido.

E como o tempo passa e ninguém pode detê-lo… finalmente chegou o sábado. Manoel comprou uma calça nova, e uma camisa também; engraxou os sapatos, e já estava quase saindo quando a mãe perguntou:

– Meu filho, por que você está assim, todo perfumado? Pelo que vejo não foi somente roupas novas que comprou… talvez tenha trazido a perfumaria toda também – brincou a mãe.

– Ora, minha mãe! Acaso não mereço me arrumar bem? Trabalho e estudo, e além do mais sou jovem, portanto tenho como obrigação vestir-me bem.

– Você está parecendo que viu um passarinho verde! Só porque vai ver aquela lambisgoia da Isabel, não é mesmo, meu filho?

– Não fale assim de Isabel, entendeu, mãe? Ela não merece ser tratada dessa maneira. Ademais, é uma boa moça, com boa reputação. Nunca ninguém nessa cidade poderá lhe dizer algo que fira sua imagem!

– Está bem, meu filho, eu nunca mais direi nada. Mas lembre-se: um dia você me dará razão e se lamentará profundamente por não ter ouvido sua mãe.

Manoel deu de ombros para o que a mãe lhe dissera, e com raiva se afastou, dizendo:

– Não me espere! Não sei que horas voltarei.

Dona Isaltina, preocupada, respondeu:

– Filho, procure não chegar muito tarde, pois não consigo dormir enquanto você não chega!

– Pare de perder o sono comigo, minha mãe! Trate de dormir, pois é a primeira a levantar.

E assim, Manoel saiu e fechou o pequeno portão atrás de si. Porém, sentia-se inquieto, pensando por que sua mãe insistia tanto em dizer que Isabel não era a pessoa que ele acreditava que fosse. Mas procurou não pensar mais no assunto, pois imaginava que sua mãe estava implicando com a moça por ciúme.

4

Um amor que vale por dois

Ao chegar à praça, Manoel não viu Isabel. Deu umas voltas e ficou ouvindo a canção que tocava no alto-falante; a todo momento ficava a olhar se a moça estava chegando, quando, de repente, passaram por ele Maurício e sua namorada. Ele riu quando viu o amigo, e dessa maneira ficaram de combinar o treino para o dia seguinte.

Foi então que ele viu Isabel se aproximar. Com o coração aos saltos, pediu licença ao amigo e foi ao encontro dela, que estava muito bem-vestida, usando um vestido bege, que torneava ainda mais sua bela forma.

Manoel estava afoito, mas tentou dissimular sua ansiedade, e ao observá-la disse:

– Você está linda!

– Obrigada. – respondeu ela timidamente.

– O que acha de irmos à lanchonete, para tomarmos um refrigerante? – perguntou à moça.

– Acho uma boa ideia – respondeu ela, em tom glacial.

E assim os dois jovens foram à lanchonete, e depois de falarem sobre assuntos comuns, finalmente ele perguntou:

– E então, pensou na proposta que lhe fiz?

– Sim – respondeu ela com frieza.

Manoel percebeu que a moça não parecia tão amável como no sábado anterior, mas como estava ansioso, foi logo perguntando:

– Por favor, não me mate de ansiedade: o que decidiu?

Para fazer suspense, a moça ficou em silêncio por alguns instantes, quando enfim começou a dizer:

– Manoel, durante o tempo que lhe conheço observei que é um bom rapaz, de modo que não vai ser difícil me apaixonar por você! Aceito, mas deixo claro que não o amo; aceito o seu pedido de namoro, mas já lhe digo que não faça exigências. Vamos tentar.

Nesse momento, Manoel sentiu-se imensamente feliz, por Isabel aceitar seu pedido de namoro, mas também se sentiu triste, pelo fato de o amor que sentia por ela não ser recíproco; e respondeu:

– Não se preocupe, com o tempo você verá que conseguirei conquistar seu coração. Serei o melhor namorado do mundo! Ademais, o que sinto por você é tão grande que a princípio dará para nós dois.

– Assim espero! – respondeu ela.

– Não vou cobrar nada de você, fique tranquila. A única coisa que lhe peço é que se você vier a se apaixonar por outro, não me traia. Eu entenderei e sairei de uma vez do seu caminho.

– Não se preocupe com isso, já avisei a meu pai que iria aceitar seu pedido de namoro, e está marcado um jantar para quarta-feira em minha casa, às sete horas da noite.

– Irei com certeza, e pedirei tua mão a teu pai.

– É só isso que quero! – respondeu a moça.

Depois de tomarem o refrigerante, finalmente Manoel, com o coração aos pulos, pegou na mão da moça e saiu em direção à praça. Estava tão feliz que a noite de repente se tornou a mais bela de todas.

Enquanto caminhava, sentia o calor das mãos de Isabel, e em seu coração fez um juramento:

– Um dia, você vai me amar tanto que só em pensar em me perder sofrerá!

E com esses pensamentos, fez questão de cumprimentar a todos, somente para que vissem que ele estava namorando a moça que era, a seu ver, a mais bela de todas.

Isabel, como sempre, ouviu as badaladas do sino da matriz e logo disse:

– Manoel, está na hora de voltar pra casa, já está tarde.

– Ah, será que não daria para você ficar um pouco mais comigo? Agora somos namorados.

Isabel olhou para Manoel, e estava contrariada quando respondeu:

– Sem exigências! Espero que não se esqueça disso.

Manoel percebeu que havia ido longe demais quando, sorrindo, respondeu:

– Não se preocupe! Vamos embora.

Ao saírem do local onde estavam, o jovem casal ganhou a rua, e de mãos dadas andaram até a casa da moça.

Ficaram conversando por alguns instantes, quando ele lentamente curvou-se para beijá-la. De súbito, porém, foi acordado do sonho:

– Manoel! Eu não sou como essas moças com que você está acostumado. Sou uma moça honesta, e jamais faria algo que envergonhasse meu pai!

– Isabel, você esqueceu que estamos namorando?

– Mas começamos a namorar hoje, de modo que eu jamais permitirei uma intimidade assim tão grande comigo!

Manoel, desapontado, endireitou-se, e finalmente disse:

– Está bem! Faremos como quiser!

Isabel sentiu-se aliviada, pediu licença e logo entrou em sua casa, enquanto Manoel lhe mandava beijos de longe.

Depois que a moça entrou, o rapaz seguiu em sentido contrário ao da praça e foi direto para sua casa. Quando chegou não viu a mãe, pois esta já estava dormindo. Sorrindo, foi para seu quarto.

Depois de se aprontar para dormir, ficou pensando nos últimos acontecimentos, e adormeceu feliz.

No dia seguinte, levantou cantando, quando a mãe, que estava colocando a leiteira sobre a mesa, perguntou:

– Meu filho, acaso viu passarinho verde cantando na sua janela essa manhã? Tenho certeza que essa alegria toda tem a ver com a filha do dono da venda.

– Minha mãe, o motivo de minha alegria é que Isabel aceitou meu pedido de namoro.

A mulher ficou pensativa por alguns instantes, mas preferiu nada dizer, e estranhou o fato de a moça ter recusado por duas vezes o pedido do filho.

Depois daquele dia, Manoel era só felicidade e contentamento; estava sempre fazendo brincadeiras, de modo que se tornou ainda mais bonito do

que já era.

Manoel estudava à noite, em um curso de contabilidade; era tido como o melhor aluno da turma, e não costumava faltar. Mas na quarta-feira ele não foi ao curso, para jantar na casa da namorada. E Manoel foi recebido com deferência por seu José. Dona Naná esmerou-se em preparar o jantar, e Isabel se mantinha mais calada que o habitual.

Manoel levou chocolates para a namorada, e a conversa fluía tranquila, de modo que seu José deixou claro que aprovava aquele namoro.

Naná, percebendo que nada tinha a ver com o assunto, pediu licença a todos e foi finalizar o jantar, deixando-os a sós na sala. A cada dia que passava, seu José ficava mais feliz em ver a discrição da esposa.

Seu José resolveu falar:

– Manoel, sabe que tenho verdadeira afeição por ti, e é com grande alegria que o recebo como namorado da minha única filha. Mas gostaria de saber de suas intenções com ela.

– Bem, senhor José, minhas intenções com Isabel são as melhores possíveis. Estou namorando sua filha para formar uma família com ela, para comungarmos uma vida.

Seu José observava o olhar do rapaz enquanto falava, e logo percebeu a sinceridade nas palavras dele:

– Se for assim, eu o aceito como meu futuro genro, mas saiba que não poderá vir aqui sem ser nos dias que estipularemos.

– Sim, senhor; e nem eu quero abusar de sua bondade. O que o senhor decidir para mim está bom.

– Bem, poderá namorar três vezes por semana. Porém, como sei que estuda à noite, não quero que o namoro atrapalhe seus planos. Mas lembre-se, meu rapaz: está de posse de meu único tesouro, portanto não se atreva a bancar o engraçadinho, ou terá que se ver comigo.

– Por favor, senhor José, eu amo muito a sua filha para fazer-lhe qualquer mal; portanto, eu a respeitarei como se fosse minha irmã.

– Papai, já chega! – interveio a moça. – Eu não sou nenhuma bobinha, e jamais permitirei que Manoel, ou quem quer que seja, faça qualquer coisa da qual eu venha a me arrepender mais tarde!

Foi nesse momento que seu José percebeu que sua filha já não era mais uma criança, e como confiava no bom senso da filha, continuou:

– Acho bom mesmo; pois saiba que sua mãe iria chorar lá no céu, onde está, caso você viesse a cometer qualquer desatino.

– Não se preocupe, meu pai, sei cuidar de mim.

Manoel tranquilizou-se, pois sabia que nada faria para ferir a reputação da moça a quem amava.

E, assim, todos viram quando dona Naná surgiu na porta anunciando que o jantar estava servido, e foi seu José quem disse:

– Naná, este é o namorado de minha filha, portanto meu futuro genro!

A mulher sorriu, e apenas o cumprimentou com um leve aperto de mão.

Quem não gostou do anúncio foi Isabel, que julgava Naná a intrusa do seu lar e a culpada por aquele namoro.

Sendo assim, seu José levantou-se e convidou o rapaz a sentar-se à mesa, e todos foram para a pequena cozinha, onde tomaram seus assentos. O jantar transcorreu tranquilo, porém Manoel estava ansioso para ficar a sós com Isabel, que por diversas vezes mostrou estar cansada.

Já na sala, seu José pediu licença, dizendo que ia dormir, e juntamente com dona Naná, retirou-se, deixando o casal ali a sós.

Manoel, timidamente sentado ao lado de Isabel, tentou pegar em sua mão, quando ela afastou com delicadeza a mão.

– Mas o que tem, Isabel? Agora estamos namorando.

– Eu sei, mas lembre-se que meu pai disse que não quer abusos!

– Ora, pegar na mão não é abuso. Sei que você é uma moça honesta, mas saiba que eu jamais faria qualquer coisa que viesse a prejudicar sua reputação.

– Mas nem eu permitiria! Bem, Manoel… acho que está tarde, e eu estou cansada. Por favor, não leve a mal, mas acho melhor você ir para casa.

– Você está me mandando embora de sua casa, Isabel?

– Não, Manoel, apenas estou lhe dizendo que estou cansada e que preciso descansar.

O moço levantou-se e finalmente disse:

– Está bem, já que é assim, eu vou embora. Nos veremos no sábado, então.

– Tudo bem! – respondeu Isabel com olhar indiferente.

Ela acompanhou o rapaz até o portão. Ele apenas beijou-lhe a face, mas não foi correspondido; assim, logo ganhava a rua, afinal já eram onze horas

da noite.

Isabel, assim que entrou, percebeu que seu pai e dona Naná já haviam se recolhido, e com os olhos rasos d'água a moça pensou:

"Tempos atrás, meu pai ficava me esperando, mas agora ele já nem se importa comigo. Bem, se é assim, também não me importarei com ele, que preferiu a megera a mim."

Ao entrar em seu quarto, Isabel ficou a pensar no erro que havia cometido aceitando a proposta de Manoel; afinal, não o amava, e tinha perfeita consciência disso. Por outro lado, pensava:

"Por que não gosto dele? É um rapaz agradável, bonito, simpático… Mas, não sei por que, tenho certeza que jamais irei amá-lo."

E se lembrou de Rosália, sua única amiga, com quem agora estava de relações cortadas, quando dissera:

– Se fosse comigo eu não pensaria duas vezes! Ele é um pão.

Procurando não pensar mais no assunto, trocou de roupa, apagou a luz e logo adormeceu.

Manoel ia andando sossegadamente, porém seus pensamentos rodopiavam como se estivessem presos a um torvelinho, pois não conseguia entender a distância que Isabel mantinha. Por fim, disse a si mesmo:

– Hoje ela não me ama, mas vai me amar! Vou mostrar a ela o que um homem de verdade é capaz de fazer quando encontra o verdadeiro amor.

E sorriu, vitorioso. Já estava namorando a moça, que era o mais difícil; agora, o tempo se encarregaria do resto.

Manoel entrou em sua casa, que já estava toda silenciosa, e foi para seu quarto, pois no dia seguinte tinha de se levantar cedo para o trabalho no escritório de contabilidade do senhor Cavalcanti.

5

Primeiras frustrações

Os dias foram passando tranquilamente, mas Manoel não estava feliz com seu namoro, pois já fazia quatro semanas que namorava e nem sequer havia conseguido dar um beijo em Isabel, que sempre o repelia.

O moço começou a ficar rebelde em casa, e foi dona Isaltina quem percebeu a transformação do filho. Certo dia, enquanto ele comia uma banana, a mãe perguntou:

– Meu filho, notei que você anda chateado… aconteceu alguma coisa?

– Não aconteceu nada, minha mãe. Fique sossegada, está tudo bem.

– Filho, sempre fomos amigos, e você sabe que sempre poderá contar comigo!

– Eu não tenho nada, mãe! Que droga! Não posso nem mesmo comer uma banana sossegado que a senhora vem investigar minha vida! Já estou cansado disso! Sou homem para resolver meus próprios problemas, não sou mais o filhinho da mamãe. Me deixe em paz!

Dona Isaltina naquele momento ficou observando o filho, que saía em direção à sala. Ela já não o reconhecia mais, pois nem de longe ele parecia aquele rapaz alegre e cordato de outros tempos.

E com esses pensamentos, a mãe logo percebeu que o namoro dele com Isabel não ia bem.

Mas como ele estava revoltado aquele dia, a mãe preferiu não falar mais nada; sabia que o filho sofria, mas não podia fazer nada para arrancá-lo daquele sofrimento.

Enquanto isso, Isabel estava contente, pois logo no início do namoro percebeu que Manoel era um rapaz manipulável; que ela poderia fazer o que bem entendesse dele, ele sempre obedeceria.

A garota não permitia que ele pegasse em sua mão, nem que a beijasse, muito menos que a abraçasse, como diversas vezes ele tentara. Isabel gostava de Manoel, não como homem, mas como amigo, e o namoro passou a ser um encontro de amigos para ela.

Certo dia, Manoel, indo à casa de Isabel, encontrou-se com Rosália, que passava na mesma calçada que ele.

Ela estava tão distraída com seus pensamentos que nem viu Manoel se aproximar. Foi ele quem disse:

– Boa noite, Rosália!

A moça, ao notar que era Manoel, deixou seu rosto se iluminar em um sorriso, e foi com alegria que respondeu:

– Boa noite, Manoel, como está? Tudo bem?

– Sim! Estou bem! Você soube que estou namorando Isabel há mais de um mês?

– Sim – respondeu Rosália, fingindo alegria, pois desde que se desentendera com Isabel não mais a vira, e apenas sobrara o rancor entre as duas.

Manoel era um rapaz discreto, e procurou nada dizer para não ser inconveniente; porém, pela primeira vez ele observara o quanto Rosália era bonita.

Tinha um corpo bem feito, um rosto bonito, e seus cabelos negros emolduravam o belo rosto.

A sua tez morena a deixava ainda mais bonita, pois ela não era negra e também não era branca; sua cor era achocolatada, o que a transformava numa tentação para os rapazes que a vissem.

Sem saber ao certo o que estava acontecendo, logo foi se despedindo de Rosália; afinal, ele não podia perder Isabel, a quem tanto amava, por um encantamento passageiro.

Rosália não entendeu por que Manoel saíra daquela maneira; assim, procurou não pensar mais no assunto.

Enquanto voltava para casa, Rosália pensava:

“Não entendo por que Manoel foi se apaixonar por Isabel, aquela sonsa! Quando ele perceber quem ela realmente é, vai se arrepender por tê-la conhecido.”

E Rosália seguiu seu caminho sem maiores preocupações.

Manoel, sem saber ao certo o que havia acontecido entre Rosália e Isabel, disse à namorada:

– Quando vinha para cá encontrei Rosália. Achei estranho ela não ter perguntado sobre você. Andaram discutindo?

– Não tenho que lhe dar satisfações! É meu namorado, não meu dono, portanto deixe que meus problemas eu mesma resolvo. Se eu precisasse de palpites já teria muitos bisbilhoteiros para infernizar minha vida!

– Mas… Isabel, eu não estou sendo bisbilhoteiro, apenas acho que Rosália é uma boa moça e que vocês não deveriam ficar assim apartadas uma da outra por bobagens!

– Seja como for, esse é um assunto meu! Eu não voltarei à amizade com ela só porque você quer. Já que gosta tanto dela, vá namorá-la, afinal ela sempre o achou bonito mesmo!

– Não diga isso, Isabel! Se eu soubesse que você perderia completamente a compostura por pouca coisa, juro que nada teria dito a você!

Isabel, percebendo que havia exagerado com Manoel, tentou contemporizar, permitindo que ele a beijasse nos lábios.

Embora Isabel tivesse se mostrado receptiva com seus afetos, Manoel percebeu que ela não o amava, e nesse momento sentiu uma dor terrível no coração; pois como continuaria o namoro se a mulher dos seus sonhos nem sequer correspondia a seus beijos e carinhos?

E assim, perto das dez horas da noite, ele foi embora, sentindo o peito oprimido, e andou lentamente pelas estreitas ruas da pequena cidade onde morava.

No trajeto de volta para casa, foi ruminando todo o acontecimento da noite. Embora fizesse tudo para agradar a namorada, ela nunca estava satisfeita.

Ele então pensou nas coisas que sua mãe havia lhe dito a respeito de sua insistência com aquele namoro.

“Meu filho, sei que você gosta de Isabel, mas essa moça não lhe tem afeição; portanto, se não quiser sofrer futuramente, termine com esse namoro. Você é jovem e vai encontrar uma moça que realmente goste de você!”

Manoel, deixando cair uma lágrima, decidiu que esqueceria Isabel.

Ao chegar em casa, encontrou sua mãe conversando animadamente com seu pai, e disse:

– Ainda estão acordados? Será que vocês esqueceram que amanhã é dia de trabalho?

Foi seu pai quem lhe disse:

– Meu filho, o calor está terrível, e quem é que consegue dormir?

– Verdade, meu pai, mas eu já vou indo, porque amanhã tenho muita coisa para fazer no escritório. Boa noite.

– Boa noite! – responderam os pais do jovem.

E, assim, ele se dirigiu para seu quarto. Dona Isaltina percebeu que o filho não chegara bem da casa da namorada, pois sempre que chegava era comum ir à cozinha antes de se recolher; pois Manoel, embora tivesse um porte atlético, era o que se chamava de bom garfo: era comum vê-lo comer fora de hora. Com isso, a mãe foi logo dizendo:

– Meu filho, deixei pronto aquele mingau de aveia que gosta, não vai experimentar?

– Não, mamãe, obrigado. Estou cansado, e já vou dormir. Amanhã tenho que levantar cedo. Aliás, alguns trabalhos estão atrasados, todos pra resolver amanhã.

Dona Isaltina ficou a observar o filho, e depois que ele se trancou em seu quarto, disse ao marido:

– Conheço meu filho, ele está chateado, alguma coisa não vai bem.

– Deixe de bobagem, mulher; não me pareceu que ele estivesse com algum problema. Você continua a implicar com a moça.

– Não estou implicando com ela, apenas dizendo que o namoro não deve estar indo nada bem.

– Ah, deixe de colocar caraminholas na cabeça, nosso filho sabe bem o que está fazendo! – comentou o pai do rapaz, defendendo a masculinidade, por achar que filho homem podia fazer tudo.

Dona Isaltina, percebendo que o marido jamais iria concordar com ela, decidiu se calar, para não arranjar uma discussão desnecessária com o marido.

Enquanto os pais conversavam sobre o futuro do rapaz, ele estava deitado em sua cama, pensando em tudo o que Isabel havia lhe falado naquela noite, e na maneira ríspida com que ela se dirigira a ele; e com lágrimas nos olhos, finalmente disse a si mesmo:

– Isabel não me ama. Minha mãe tem razão quando se opõe a esse namoro; acho melhor terminar, e procurar um novo amor! – Mas enquanto ele dizia essas palavras em voz alta, como se estivesse travando uma dura batalha na qual a razão imperava naquele momento, o coração do jovem tornou a pregar-lhe outra peça, fazendo-o acreditar que tudo aquilo mudaria com o tempo.

Vencido pelo coração, o rapaz por fim adormeceu, porém seu sono foi agitado.

No dia seguinte, Manoel dormia a sono solto quando dona Isaltina finalmente bateu a sua porta:

– Manoel, está acontecendo alguma coisa, filho? Já são sete e meia, e você ainda não saiu do quarto!

Nesse momento, Manoel levantou-se apressadamente e, olhando no relógio, percebeu que havia dormido demais. Teria de entrar para trabalhar às oito horas, no escritório do senhor Cavalcante.

Vestiu-se o mais rápido que pôde, e às sete e quarenta e cinco saiu de casa, dizendo que não ia tomar café, pois estava atrasado; comeria alguma coisa na rua.

Dona Isaltina preocupou-se com o filho, pois desde que começara a trabalhar jamais perdera a hora do trabalho; e viu que ele não havia dormido bem à noite, pois tinha um aspecto cansado, e suas olheiras eram profundas.

Manoel atravessou a principal rua da cidade, e quando estava chegando ao escritório encontrou-se com Rosália, que o cumprimentou gentilmente:

– Bom dia, Manoel, tudo bem?

– Tudo bem, e você? – perguntou ele, sem dar muita atenção para a moça sorridente que caminhava a seu lado.

– Acho que preciso conversar com você – disse ela.

– Desculpe, mas agora não vai dar, pois estou atrasado. O que acha de sairmos hoje à noite?

– Mas, hoje? Plena quinta-feira?

– Sim! Por que não?

– Está bem, passe em minha casa às dezenove horas, estarei lhe esperando.

E Manoel, ao concordar, saiu correndo, para chegar a tempo no escritório.

Quando o rapaz chegou ao trabalho, Cleuza, a moça com quem trabalhava, disse:

– Manoel, o dr. Cavalcante já chegou, e mandou que você fosse a seu escritório assim que chegasse.

– O quê? O dr. Cavalcanti já está aqui a uma hora dessas? Ele sempre chega perto das dez da manhã.

– Eu sei! Mas hoje ele chegou mesmo antes de nós, e não está com cara de bons amigos.

– Mas o que será que ele quer comigo? Pelo que me lembre, não fiz nada de errado, e nunca cheguei atrasado. Será que vai me despedir?

– Bem, não sei, mas acho bom você se apressar, porque você sabe como ele fica furioso quando chama uma pessoa e ela demora a comparecer a sua sala.

Manoel, percebendo que a colega tinha razão, não disse nada, e resolveu ir à sala do patrão antes de se dirigir a sua mesa e começar a trabalhar.

Bateu à porta, e ouviu uma voz glacial dizer:

– Entre!

Com licença, dr. Cavalcanti. A Cleuza me disse que o senhor queria falar comigo.

– Sim! Entre, rapaz, e se sente, precisamos conversar. Tenho de dividir com você algumas resoluções que tomei.

– O senhor vai me despedir, dr. Cavalcanti?

– De onde tirou essa ideia, rapaz? Claro que não farei isso! Eu o chamei aqui para que saiba que de hoje em diante você não vai mais trabalhar como conferente de notas; notei que é um jovem esforçado, que trabalha e ainda estuda à noite, por isso estou pensando em colocá-lo para trabalhar aqui ao meu lado, pois preciso de sangue jovem para ajudar-me a resolver os problemas.

Nesse momento, Manoel sorriu feliz, pois jamais imaginara chegar tão longe.

– Não faço isso porque sou bom, mas porque sou justo e sei reconhecer o esforço de cada um aqui dentro.

– Dr. Cavalcanti, o senhor não vai se arrepender; farei de tudo para corresponder a suas expectativas!

– Isso é tudo que espero de você, meu jovem. Por hoje você ainda fica na conferência, mas amanhã já vem direto à minha sala, pois ainda hoje providenciarei uma mesa para você, com máquina de escrever e de calcular; aquela lá de baixo eu não poderei tirar, já que todos a usam. E eu não vou querer ver você pedindo para usar a minha.

– Sim, senhor! Tudo sairá de acordo com sua vontade. E sou grato ao senhor pela oportunidade que está me ofertando.

– Qual é o seu salário, meu jovem?

– Estou ganhando mil e quinhentos cruzeiros!

– Para começo, não posso oferecer muito; vou aumentar o seu salário para mil setecentos e cinquenta cruzeiros e cinquenta centavos. Você concorda?

– Claro que sim, doutor! O que quero é aprender todo o serviço.

– Ótimo! Então pode ir, pois tenho muitas coisas para resolver.

Manoel, pedindo licença, retirou-se e desceu as escadarias, com um sorriso que chamou a atenção de todos. Mas foi Cleuza quem perguntou:

– E então, o que ele queria?

– Ele me promoveu a seu assistente! A partir de amanhã, vou trabalhar com ele em seu escritório.

– Que bom! Parabéns, e seja feliz em sua nova empreitada!

Manoel sorriu feliz e foi até sua mesa, para começar o seu trabalho.

Cleuza, vendo Manoel se afastar, começou a pensar:

“Desde o começo percebi que esse rapaz seria uma pedra em meu caminho! Eu, que trabalho aqui há sete anos, nunca tive uma promoção; ele chegou ontem, como *office boy*, depois passou a conferente de notas e agora chega a assistente do dr. Cavalcanti! Preciso arrumar uma maneira de fazer com que o dr. Cavalcanti perca a confiança nele, afinal sou a funcionária mais velha do escritório e não admito ser passada para trás dessa maneira. Esse idiota com cara de sonso está tomando o meu espaço, preciso agir logo!”

E assim ela começou a se aproximar ainda mais de Manoel no decorrer do dia, fingindo ser sua melhor amiga dentro do escritório.

Vendo que toda hora Cleuza arrumava um pretexto para conversar com ele, Manoel ficou desconfiado; afinal, ela nunca se importara em ser seu

amigo. Pensou:

“Preciso tomar cuidado com Cleuza. Só foi ela saber que eu havia sido promovido para me encher de gentilezas! Lógico que ela não aceitaria o fato de eu passar a ser assistente do dr. Cavalcanti; afinal, ela é a funcionária mais velha daqui, e deve se achar injustiçada por não ter sido escolhida pelo dr. Cavalcanti.”

Naquele dia, Manoel viu quando colocaram sua nova mesa no escritório do dr. Cavalcanti, e somente no final da tarde viu um outro funcionário levar uma máquina de escrever, e logo depois a máquina de calcular.

O rapaz estava feliz. Contudo, se em sua profissão tudo estava indo muito bem, em seu coração ele sentia como se tivesse uma adaga cravada, pois tinha certeza de que Isabel jamais o amaria da mesma forma que ele.

E apenas no final da tarde, ao voltar para casa, lembrou-se de que havia convidado Rosália para sair para uma conversa.

E como não era dia de ir à casa de Isabel, Manoel decidiu que iria honrar com sua palavra. Além do mais, mesmo que Isabel soubesse, não se importaria, afinal ela não o amava mesmo.

E esses foram os pensamentos de Manoel.

Ao chegar a casa e contar à mãe sobre a promoção que recebera, dona Isaltina exultou; afinal de contas, aquele fora o único trabalho do filho, e ele se mostrara sempre responsável, o que enchia o coração daquela mãe de felicidades e orgulho.

Na hora marcada, Manoel estava se arrumando para ir ao colégio, quando dona Isaltina perguntou:

– Está se vestindo com tanto capricho só para ir ao colégio, meu filho?

– Sim, mamãe, hoje só vai haver as duas aulas de matemática, e logo em seguida seremos dispensados. Por isso, convidei Rosália, a filha da dona Justina, a lavadeira, para conversarmos um pouco.

– Que bom, meu filho! Você não sabe a alegria que isso me dá! Vá mesmo, procure uma moça que te ame verdadeiramente, e não sofra por quem não o merece.

– Ei! Calma, mãe, vou apenas tomar um sorvete com Rosália. Mesmo sendo ela linda como é, não foi capaz de fisgar meu coração como fez Isabel;

portanto, dona Isaltina, não vá se animando, pois amo minha namorada e não pretendo deixá-la.

Dona Isaltina sentiu como se um balde de água fria tivesse sido despejado sobre sua cabeça, e preferiu fazer o de sempre, se calar.

Manoel pegou seus cadernos e livros e saiu, e no caminho começou a pensar que talvez sua mãe tivesse razão: não seria hora de tentar esquecer Isabel? Por que, em vez de se apaixonar por Isabel, não havia se apaixonado por Rosália, que era moça bonita e simpática? Afinal, Isabel nunca fora simpática e sempre se mostrava arredia e calada com todos.

Por que seu coração, que sofria ao lado de Isabel, mesmo assim insistia em ficar junto a ela?

E com essas indagações, Manoel finalmente chegou ao colégio, e em poucos minutos soou a campainha da entrada.

6

Tentação inesperada

Depois da aula, Manoel saiu apressado, pois não era de bom-tom um rapaz chegar tarde à casa de uma moça. Assim, estugou o passo para chegar logo na casa de Rosália, que ficava a dois quarteirões do colégio onde ele estudava.

Manoel, ao dobrar a esquina, logo viu Rosália na frente da casa a esperá-lo, e antes mesmo de se aproximar, ele começou a pensar que gostaria de estar chegando à casa de Isabel e ela o estivesse esperando no portão.

Ao ficar frente a frente com a moça, Manoel disse:

– Boa noite! Fiz o que pude para chegar mais cedo, mas não deu, tive que assistir à aula e saí correndo do colégio em direção a sua casa.

– Não tem por que se desculpar, Manoel – disse a moça. – Eu estava aqui te esperando mas, a bem da verdade, não foi por muito tempo.

– Então, o que vamos fazer? – perguntou Manoel.

– O que acha de irmos à sorveteria da esquina?

– Ótimo!

Sorrindo, os dois foram até a sorveteria do sr. Venceslau.

Sentaram-se, e logo pediram o sorvete que queriam. Começaram então a conversar, e foi Manoel quem perguntou:

– Não quero invadir sua privacidade, mas me responda uma coisa: por que você e Isabel não têm mais amizade?

– Bem, vou te dizer uma coisa, Manoel… sempre soube que Isabel tem um temperamento difícil, mas às vezes chego a ter medo dela. Sabe… aquele ar de boa moça dela esconde um coração negro.

E a garota contou o motivo do rompimento da amizade com Isabel. Manoel não quis acreditar em determinadas coisas.

Rosália terminou dizendo:

– Sei que gosta dela, mas a única coisa que te peço é que vá com calma, pois ela não é o que aparenta ser. Ela é traiçoeira.

– Por favor, Rosália… Sei que está ressentida com ela, mas daí a dizer que ela é má, há uma grande diferença! Saiba que tenho grande afeição por você, mas não vou permitir que desmereça Isabel dessa maneira!

– Manoel, sempre o achei um bom sujeito, mas infelizmente você está cego, e não consegue ver o que está diante dos seus olhos. Não sei o que levou Isabel a namorá-lo, mas sempre soube que ela não tem amor por você; portanto, não se iluda com isso.

– Rosália, não acredito que nosso encontro vá girar em torno de Isabel e seus defeitos. Se continuarmos com essa conversa, irei embora agora mesmo.

– Está bem, Manoel! Não falemos mais nisso. E então, como vão as coisas?

Manoel, sentindo-se aliviado, passou a contar para Rosália sobre a promoção que tivera no trabalho, de como se sentiu ao saber que fora chamado a ir ao escritório do dr. Cavalcanti, e coisas assim.

Depois de muito conversarem, os dois saíram da sorveteria e foram passear, pois Rosália se sentia muito bem ao lado de Manoel; nem ela mesma sabia o porquê dessa afeição exagerada.

Em certo instante, com Manoel em sua frente, Rosália foi tomada por um ímpeto irresistível de beijá-lo, e foi correspondida.

Manoel, pego de surpresa, deixou-se levar pelo momento. Em pouco tempo, ela o levou a uma construção, e lá se amaram desmedidamente.

Rosália já havia perdido a virgindade com outro rapaz, mas sentia que seu coração era só de Manoel; sendo assim, fez tudo que estava a seu alcance para o rapaz se sentir à vontade.

Manoel ainda não havia tido nenhum relacionamento com uma mulher, mas sua primeira vez foi algo marcante em sua vida. Depois de se entregarem ao prazer, os dois sentaram-se em um tijolo que havia na construção, e começaram a conversar.

Manoel estava confuso, mas ao mesmo tempo se sentia mais homem, pois até então não sabia quão prazeroso era estar com uma mulher.

Rosália há muito tempo estava apaixonada por Manoel, e seu afastamento de Isabel se deu justamente por seu amor secreto pelo jovem, que se mostrou desde o início atraído por Isabel e não por ela.

Rosália naquele momento tentou seduzir Manoel de todas as maneiras, e viu que o rapaz não tinha experiência alguma no assunto.

Depois do ocorrido, e após sair do estado de graça de que foi acometido, Manoel sentiu-se envergonhado, pois, para ele, era como se tivesse praticado o pior dos pecados. Tentou se desculpar:

– Por favor, Rosália! Peço que me perdoe por não ter sabido me controlar, mas você me envolveu a tal ponto que não consegui raciocinar direito.

– Não fale nada, Manoel; acaso não gostou do que houve entre nós?

– Sim, gostei muito; mas não acho certo o que acabamos de fazer, afinal você é moça de família e eu tenho namorada.

– Deixe de pensar em Isabel! Será que você não vê que ela não te merece? Sim, sou moça de família honesta, mas isso não me faz menos digna do que sou. Eu estou apaixonada por você, será que não entende isso? O que mais tenho que fazer para chamar a sua atenção? Você poderá até se casar com Isabel, mas jamais a terá da maneira que me teve essa noite, pois ela não o ama como eu o amo.

– Não diga isso! Eu não quero que um dia pense que brinquei com seus sentimentos, pois isso não é verdade! Fui fraco, bem sei, mas isso não vai se repetir, eu juro.

– Está bem, vamos embora – disse a moça, sentindo que precisava tomar um banho. – Se tem uma coisa que não suporto é um homem chorão do meu lado!

Manoel estava querendo se livrar da presença de Rosália, e assim levantou-se apressadamente para ir embora.

No trajeto de volta para a casa de Rosália, nem ele nem a moça trocaram uma palavra sequer, e ao chegarem ao portão, ela apenas disse:

– Tchau! Juro que não vou cruzar mais o teu caminho.

Manoel apenas assentiu com a cabeça, e passou a andar pela rua, com a cabeça confusa, pois ao mesmo tempo que gostara do ato, sentia nojo de si mesmo por ter traído Isabel.

Passava das onze da noite quando finalmente chegou em casa, e foi logo tomar um banho.

Seus pais já haviam ido dormir, e não se deram conta do adiantado da hora em que o moço retornara.

Manoel, ao deitar-se, ficou ainda a rememorar os momentos antes, quando estava com Rosália, e logo veio a imagem de Isabel a sua cabeça.

Por mais que tentasse, não conseguia conciliar o sono, e apenas bem tarde, no meio da madrugada, vencido pelo cansaço, finalmente adormeceu. Porém, seu sono foi agitado; sonhou muitas vezes que beijava Isabel e o rosto dela ia se transformando no de Rosália.

Manoel acordou sobressaltado, e um arrepio de pavor percorreu-lhe todo o corpo. Foi nesse instante que disse em voz alta, como para aplacar os maus pensamentos:

– E se Isabel descobrir que eu a traí com Rosália? O que farei? O que direi a ela? Não posso perder a mulher que amo, por um ato inconsequente. Vou me afastar de Rosália de uma vez por todas, para não ter que correr o risco de perder Isabel.

Manoel não viu, mas um vulto que estava a seu lado, sorrindo, disse:

– Não se preocupe! Você não vai perder Isabel, pois ela é para você! Você não estragou seu sonho, fique tranquilo!

Manoel sentiu as palavras daquela entidade que estava a posto, e disse para si mesmo:

– É, eu não vou perder Isabel! Rosália não vai mais me procurar, pois se fizer isso, vou ameaçar contar a todo mundo que ela se comportou como uma meretriz, e aí ela vai chorar por ter perdido a reputação. Eu sou homem, mas quem deveria ter se guardado era ela, que tinha muito mais a perder que eu!

Nesse momento, Manoel virou-se em sua cama, e depois de passar alguns minutos pensando no sonho, logo adormeceu, e dessa vez não mais sonhou com a figura de Rosália.

No dia seguinte, dona Isaltina, ao ver o filho, perguntou:

– Meu filho, não o vi chegar… A que horas voltou pra casa?

– Não sei, minha mãe. Era um pouco tarde, mas pode ficar tranquila que não perdi a hora, e estou bem.

– Não sei se está tão bem assim, meu filho. Veja suas olheiras! Brigou novamente com Isabel?

– Não, mãe; aliás, nem vi Isabel ontem. Lembra-se que eu iria sair com Rosália?

– Ah, sim, meu filho… E como foi o encontro com essa moça?

– Bem!

– Só isso que você tem a me responder, meu filho?

– Ora, mamãe, tire esse grilo de sua cuca, pois está tudo bem! Tomei sorvete com Rosália e ficamos conversando no portão de sua casa.

– Meu filho, ou você não sabe mentir para sua mãe, ou sua mãe é muito esperta! Aconteceu alguma coisa, sim; mas se não quiser contar, tudo bem. Mas saiba que sou sua melhor amiga!

– Tá tudo legal, minha mãe! Agora vou ter que ir, afinal hoje começo no meu mais novo posto dentro do escritório.

– Vá com Deus, e juízo! Procure ser ainda mais esmerado com o trabalho que antes, e mostre a todos que você é digno dessa promoção.

– Não se preocupe, mãe, vou mostrar sim! Aliás, sabe que a Cleuza ficou mordida de ciúme com o meu progresso no escritório?

– Meu filho, escute sua mãe: não faça nada para atiçar a ira dessa moça. Ela está se sentindo injustiçada, afinal é a funcionária mais velha do escritório. Portanto, continue a tratá-la com respeito, e assim ela verá que dr. Cavalcanti sabia muito bem o que estava fazendo quando o promoveu. Trate a moça com respeito, pois assim ela não terá coragem de fazer nada contra você.

– Está bem, mamãe. Agora tenho que ir; afinal, vou me sentar ao lado da mesa do dr. Cavalcanti! E saiba, minha mãe, que ele jamais se arrependerá de ter me promovido. Provarei que fez a escolha certa!

– Isso mesmo, filho, faça isso, mas procure ser humilde e tratar todos com bondade. Sei que agora só receberá ordens do dr. Cavalcanti, mas não pise em nenhum de seus colegas, pois se surgir algum problema eles se unirão e o ajudarão!

– Sim, senhora. Mas agora me deixe ir, pois tenho muito que fazer, e principalmente muito que aprender com o dono do escritório.

E assim, Manoel saiu à rua, correndo, pois não queria chegar atrasado em seu primeiro dia como assessor do dr. Cavalcanti. Porém, uma moça o esperava do outro lado da rua.

Ao vê-la, Manoel logo constatou que se tratava de Rosália; mas fingiu não percebê-la, e deixou para atravessar a rua mais adiante, quando de repente ouviu:

– Manoel! Ei, Manoel!

Contrariado, ele olhou para o lado de Rosália e gritou:

– Rosália! Desculpe-me, agora não posso dar atenção a você, estou atrasado!

– Posso te esperar na hora do almoço?

– Não! Minha mãe quer que eu vá almoçar em casa.

E ao dizer essas palavras o jovem finalmente foi ao encontro da moça, e disse:

– Espero que me perdoe pelo que aconteceu; não sei como deixei a situação ir tão longe! Mas saiba que amo Isabel e pretendo me casar com ela, portanto não se atreva a contar a alguém o que houve entre nós, pois quem vai ficar na boca do povo é você. Afinal, você é mulher, e a corda sempre arrebenta do lado mais fraco.

– Eu não estou aqui para cobrar nada, Manoel, muito menos rememorar a noite de ontem! Apenas vim entregar-lhe a carteira que você deixou cair em frente ao meu portão. Meu irmão encontrou, e eu vim apenas devolver!

Manoel estendeu a mão, sentindo-se constrangido, e nesse momento sentiu vergonha por ter sido tão grosseiro com Rosália, pois no fundo sabia que era uma boa moça.

Rosália entregou a carteira ao rapaz, e com lágrimas nos olhos disse:

– Se não quer me ver mais, é um direito seu, mas não pense que seria tão baixa a ponto de prejudicar seu namoro com Isabel! E tem mais: a partir de hoje, você não me verá nem mesmo por fotografia! E se por ventura me encontrar, faça de conta que nunca me conheceu.

Manoel sentiu morrer uma lágrima em sua garganta, e parado ficou, olhando a moça se distanciar.

Seguiu pensando, até o escritório, o quanto fora duro com Rosália. Afinal, na noite anterior ela havia lhe concedido toda sua intimidade! Sentiu-se então um verdadeiro cafajeste, que abusara da moça e a dispensara no dia seguinte.

Com esses pensamentos, chegou ao escritório, cumprimentou todos e seguiu diretamente para sua nova sala próximo ao dr. Cavalcanti.

O patrão ainda não havia chegado, e Manoel, sentando-se em sua nova mesa, logo pegou um controle de uma empresa que Cavalcanti havia deixado de propósito, para que ele cuidasse da demissão de um funcionário.

E assim, começou a trabalhar, sem pensar mais em Rosália.

Embora seu chefe ainda não tivesse chegado, ele logo deu cabo do trabalho. Foi com alegria que Cavalcanti percebeu que havia feito a escolha certa, pois além de prestimoso, Manoel era muito inteligente.

E assim o dia transcorreu tranquilamente. Porém, quando saiu do escritório, os acontecimentos da noite anterior vieram novamente à cabeça de Manoel; mas ele preferiu não pensar mais no assunto, e ficar longe de Rosália teria sido o melhor para ele.

Chegou em sua casa, tomou banho e, após jantar, foi diretamente para o colégio, tomando o cuidado de jamais despertar nenhuma suspeita em ninguém sobre o relacionamento que tivera com Rosália.

7

Tragédia

Isabel estava de péssimo humor, pois tudo o que sua madrasta fazia para agradá-la a irritava; de modo que seu José a chamou para uma conversa.

– Minha filha, o que está acontecendo com você?

– Nada, papai!

– Está, sim, pois Naná faz de tudo para agradá-la mas você sempre está de mau humor, e a trata com desprezo! O que ela te fez?

– Papai, prefiro não comentar com o senhor, portanto diga a sua esposa para ficar longe de mim e das minhas coisas. Ela é uma intrometida, isso sim, e o senhor vai ver, com o tempo, como estou com a razão!

– Olhe aqui, filha, você sabe o quanto eu sofri com a morte de sua mãe, e Naná foi o raio de esperança para um homem que já não sabia mais ter esperança. Por isso exijo que a trate com respeito!

– Ora, quem vem me falar sobre respeito? O senhor nunca me respeitou, pois se assim agisse jamais teria se casado com ela, colocando-a no lugar de minha mãe!

– Eu não coloquei ninguém no lugar de sua mãe! Apenas quis refazer minha vida ao lado de uma mulher honesta e bondosa! Será que para agradá-la eu teria que ficar totalmente sozinho?

– Ah, meu pai, eu não quero tocar nesse assunto com o senhor!

– Bem, se prefere maltratar Naná, acho melhor você se ajeitar com Manoel e se casar, pois eu não vou viver dividido em minha própria casa!

– Está bem, pai, se é assim que quer, assim será!

E Isabel, rodando nos calcanhares, deixou o pai plantado no meio da sala.

Ao chegar em seu quarto, ela disse para si mesma:

– É isso aí; vou me casar com Manoel! Acho que já não tenho mais nada a fazer aqui, pois ele fez a escolha dele! Vou me casar com aquele otário e sair dessa casa.

E assim, na noite posterior à da conversa que teve com o pai, Isabel encontrou-se com Manoel e lhe disse:

– Manoel, você me ama?

– Claro que te amo, meu anjo. Por quê?

– Pois bem, quero me casar contigo o quanto antes. O que me diz?

Manoel, ainda tonto com a pergunta, sorriu e respondeu:

– Você está falando sério, Isabel?

– Claro! Acha que eu iria brincar com uma coisa dessas?

Manoel sentiu uma brisa enternecer seu coração, aproximou-se da moça e, beijando-lhe os lábios, disse:

– Mas você só tem dezesseis anos! Será que teu pai vai aprovar?

– Bem, vou completar dezessete no mês que vem; além do mais, meu pai vai aprovar, sim, pois gosta muito de você.

– Bem, se é assim, preciso comprar um terreno e fazer uma casa, pois onde iríamos morar?

– Eu não quero esperar tanto tempo, Manoel! Prefiro me casar contigo e alugar uma casa, e depois, você poderá construir outra.

– Mas eu só tenho dezenove anos. Não acha que poderemos esperar um pouco mais?

– Não, Manoel! Estou decidida a me casar o quanto antes com você, mas se essa não é sua intenção, terminaremos o namoro agora!

Manoel, sentindo sua cabeça atordoada, pensou que jamais poderia viver sem Isabel; sendo assim, pegou na mão da moça e disse:

– Está bem! Vamos falar com seu pai!

Isabel sabia que Manoel era completamente apaixonado por ela, de modo que ousou arriscar; e, assim que o rapaz decidiu, ela sorriu com ar de vitória, pois aquele casamento seria o golpe de misericórdia em seu pai, que a havia trocado por uma estranha.

Manoel foi levado para o interior da casa, e seu José conversava sobre a ditadura – que era seu assunto predileto com Naná –, foi interrompido com a entrada dos dois jovens.

– Seu José, preciso falar com o senhor!

– Claro, filho, o que houve?

– Não houve nada, mas em breve haverá… um casamento, se o senhor permitir!

Seu José não entendeu as palavras de Manoel; porém, olhando para a filha, logo entendeu por que o rapaz estava agindo daquela maneira.

– Bem, estou namorando há seis meses, e como lhe disse na ocasião do meu pedido de namoro, eu tenho intenções sérias com Isabel. Agora acho que chegou a hora; será que o senhor não me concederia a mão de sua filha em casamento?

– Por favor! Manoel, sei que é um bom moço, esforçado, sem vícios, mas não acha que tem de fazer certos preparativos antes de pensar em se casar?

– Seu José, fui promovido a assessor do senhor Cavalcanti e estou ganhando mais. Tenho condições de sustentar uma família, se é o que está pensando.

– Meus filhos… casamento não é assim, "vou me casar" e pronto! Envolve tantas coisas… os preparativos dos noivos, do lar, a compra da mobília; enfim, há uma série de coisas que precisam ser vistas e revistas.

– Papai, nós decidimos nos casar. Não foi o senhor que me mandou ajeitar-me com Manoel? Agora chegou a hora de aceitar os fatos: nós queremos nos casar, e faremos isso com ou sem a sua permissão.

– Mas minha filha, eu disse aquilo para ver se você melhora com Naná! Eu não a estava expulsando de casa, apenas queria mostrar que nós podemos viver felizes em família.

– Eu não posso ser feliz sabendo que há outra no lugar de minha mãe! Agora é tarde; já decidimos que vamos nos casar, e pronto!

Manoel olhou assustado para Isabel, pois ela não havia lhe contado nada sobre o ocorrido. Mas uma vez que ele já havia feito o pedido, sabia que não poderia voltar atrás.

Seu José, olhando para Naná, que estava sentada na poltrona diante dele, de cabeça baixa, finalmente decidiu.

– Está bem! Eu concordo com essa loucura, mas saiba que não é do meu agrado; afinal, Isabel é muito jovem para tanta responsabilidade.

– Fique tranquilo, sr. José; vou tratá-la como a rainha do lar, e o senhor verá que seremos felizes juntos.

– Assim espero, assim espero, meu jovem… – disse seu José, sem acreditar em tais palavras.

Seu José olhou para Isabel e logo percebeu que ela havia planejado aquela situação. Por um momento, sentiu pena da mocinha, pois conhecia vários casos de moças que se deram mal no casamento apenas para sair de casa.

Isabel puxou Manoel para fora da sala, enquanto seu José disse a dona Naná:

– Essa menina é teimosa como quê! Vai sofrer muito, pois ela tem a mania de distorcer tudo o que falamos a ela.

Dona Naná, que até então se mantivera calada, disse mansamente:

– A vida ensina… A vida ensina…

– É isso que me preocupa; eu jamais gostaria de vê-la sofrer, mas se ela prefere assim… – comentou seu José, pensando na sorte da filha.

– Zé, estive conversando com dona Marta, e ela me disse que muitas vezes precisamos sofrer para evoluir. No caso de Isabel, é o que ela está precisando no momento. Entendo quando diz que gostaria de protegê-la, mas saiba que ela precisa passar pelo espinheiro para não mais sofrer a dor e o incômodo dos espinhos… O que a menina Isabel tem de aprender é que ela não detém o controle do universo, e que não deve tentar dominar você. Portanto, se ela escolheu isso para si própria, ninguém poderá mudar o rumo das coisas.

– Mas Naná, ela não gosta desse moço; e além do mais, vai fazê-lo sofrer também.

– Bem, pelo que pude ver esse rapaz não ama a menina Isabel.

– O quê?! Ele é louco por ela!

– Não, Zé, ele pensa que é; infelizmente o ser humano se agarra às ilusões da vida para tentar viver melhor. Ele agora está embevecido com a beleza de Isabel, mas com o tempo verá que nunca a amou como pensara, e assim descobrirá que talvez tenha deixado ótimas oportunidades passarem pelos vãos dos dedos para aprender sobre amor, e tudo mais.

– Curioso, Naná, você nunca me falou sobre isso… mas continue, estou interessado.

– Sim, Zé. Deus nos deu o livre-arbítrio, e você não pode interferir no dela, portanto a sua obrigação como pai é orientá-la, mas não impor o que você acha que é ou não bom para ela.

– Se ela está insistindo em se casar com um rapaz do qual sabe muito bem que não gosta, é porque terá muito que aprender com esse casamento.

Deus nos dá sempre maneiras de aprendermos; quando não aprendemos no amor, aprendemos na dor, e talvez essa seja a melhor maneira de a menina Isabel aprender. Como pai, o que você pode fazer é aconselhar, tentar mostrar-lhe o erro que ela está cometendo, e principalmente fazer prece.

– Naná, eu nunca soube que era religiosa!

– E não sou! O que estou tentando mostrar a você é o respeito às leis que regem o universo. Os homens mudam suas leis o tempo todo; leis que eram difundidas no passado hoje já caíram em desuso, como, por exemplo: antigamente o homem ou a mulher que cometesse adultério poderia ser punido pela lei, mas hoje em dia isso já se tornou tão comum que se a lei fosse de fato operar, seria necessário prender mais da metade da população brasileira.

Mas as leis que são regidas por Deus, essas são imutáveis, e podem se passar anos, décadas, séculos, milênios que continuarão sendo sempre as mesmas. Veja bem, uma lei de Deus que nos acompanha é a lei do trabalho; o que acontece se o homem não trabalhar?

– Ora, se o homem não trabalhar ele não come! – respondeu seu José, interessado.

– Isso mesmo, se não houver o trabalho, consequentemente não haverá progresso. Outra lei que também rege é a lei de causa e efeito; nós poderemos causar alguma coisa, mas estejamos cientes de que lá na frente teremos que arcar com as consequências de nossos atos.

Dona Naná fez uma pequena pausa, e então prosseguiu:

– É isso que quero dizer a você: a menina Isabel terá de arcar com as consequências de seus atos, pois apenas assim ela poderá aprender e, sobretudo ver que o mundo não gira em torno dela. É então que entra a prece; pois acaso não leu que receberá tudo o que pedir em prece? Pois bem, devemos recorrer a Deus em prece não somente a nosso favor, mas também em favor daqueles que amamos como pai, filho, irmão, mãe e assim por diante.

– Mas esse negócio de fazer prece… não acho que seja tão eficaz assim, pois cada vez que rezo é como se eu estivesse falando às paredes – falou José com sinceridade.

– Bem, aí é que entra um outro ponto interessante. Jesus disse… ah, espere, vou pegar o Evangelho para que você possa entender melhor:

“‘Quando orardes, não vos assemelheis aos hipócritas, que afetadamente oram de pé nas sinagogas e nos cantos das ruas para serem vistos pelos homens. Digo-vos, em verdade, que eles já receberam sua recompensa. Quando quiserdes orar, entra no teu quarto em secreto, e vosso Pai, que vê o que se passa em secreto, vos dará a recompensa.

‘Não cuideis de pedir muito a vossas preces, pois não é pela multiplicidade das palavras que serão atendidas; porque vosso pai sabe do que necessitais.’”

Nova pausa, e ela continuou:

– Portanto, Zé, muitas pessoas passam horas desfiando seu terço, mas, na verdade, seu coração está bem longe das palavras que repetem dezenas de vezes. O importante é que, quando oramos, devemos pedir a Deus, assim como um filho pede ao pai, o que realmente necessitamos, e não precisamos dizer aos quatro ventos que acabamos de rezar; podemos fazer isso em segredo, pois é nesse momento que praticamos a verdadeira religião. Acaso “religião” não significa “religar-se a Deus”? É nesse momento que nos ligamos de fato a nosso Pai celestial. Quantas vezes os discípulos de Jesus o encontraram em fervorosas preces? Muito bem, Jesus sabia que era nesse momento que ele se sentia mais próximo de Deus. Quanto à eficácia de nossas preces, muito vai depender da confiança que depositamos em Deus. Veja este livro de Marcos, 11:24: “Seja o que for que peçais na prece, crede que o obtereis e concedido vos será o que pedirdes.”

Naná olhou para José de modo significativo, e prosseguiu:

– Há quem conteste a eficácia da prece, com base no princípio de que, conhecendo Deus as nossas necessidades, inútil se torna expô-las. E acrescentam os que assim pensam que, achando-se tudo no Universo encadeado por leis eternas, não podem as nossas súplicas mudar os decretos de Deus. Ninguém está condenado ao fatalismo, de modo que Deus pode muito bem ouvir determinadas preces, sem interferir nas suas leis justas universais. Mas para isso, temos como condição importante a fé em Deus; não uma fé cega – que leva o homem ao fanatismo religioso, ou à hipocrisia –, mas a fé raciocinada que nos leva a pensar em Deus como um Pai amoroso. Portanto, quando fazemos nossas preces, há passos que devemos seguir:

– Orar a Deus em silêncio – continuou Naná. – Sermos atenciosos em nossas palavras, e principalmente no que pedimos. Sermos humildes. E termos fé, para que nossa prece seja ouvida e atendida por Deus.

José parecia interessado, o que estimulou Naná:

– Quando começamos a fazer nossas preces, e estas se mostram repetitivas e sem nenhum conteúdo, devemos parar, pois isso está apenas fazendo ressoar um eco surdo em nossos ouvidos; nossas preces devem ser regidas pelo coração, e devemos nos dirigir a Deus como a um Pai amoroso, que zela por nosso bem-estar. E quando pedimos algo em prece e, com o passar do tempo, parece que Deus não nos atendeu, é porque aquela situação ou dificuldade será útil para nossa evolução. Ou talvez aquilo que estejamos pedindo não nos seja tão bom quanto pensamos.

José ficou a observar Naná como se a estivesse vendo pela primeira vez, pois ela sempre se mostrara uma pessoa sensata, mas nunca a ponto de fazê-lo pensar que poderia ajudar sua filha, recorrendo a Deus em preces vindas de um coração puro.

Naná, não querendo sufocar o marido com tantas informações, disse:

– Zé, vou dormir. Hoje estou muito cansada, fiz a faxina na cozinha, e agora vejo que já não sou mais tão nova assim.

– Mas Isabel não te ajudou?

Isso não vem ao caso; o importante agora é que estou cansada, e já vou me recolher.

– Está bem, Naná, vá dormir. Não posso me recolher e deixar Isabel com Manoel até uma hora dessas. Vou esperar que minha filha entre para conversar com ela; afinal, você tem toda a razão, essa menina é minha responsabilidade.

Naná beijou o rosto do marido e foi para seu quarto, enquanto José ficou pensando em tudo que havia conversado com Naná. Nesse momento, sentiu ímpetos de fazer uma prece a Deus, pedindo para que Ele conseguisse encontrar uma maneira de fazer a filha recobrar o bom senso.

Minutos depois, finalmente Isabel entrou em casa e, ao ver o pai sentado em sua poltrona preferida, perguntou:

– O que o senhor está fazendo aqui que ainda não foi dormir?

– Esperava você para uma conversa – afirmou o pai seriamente.

– Bem, se é a respeito de meu casamento, já vou lhe deixando claro que não voltarei atrás – disse Isabel de modo desafiador para o pai.

– Minha filha, sei bem que você não ama esse rapaz! Você ainda é jovem e não faz ideia do quão difícil é conviver com uma pessoa. Mas a vida se torna pior quando sabemos que não sentimos amor; e quando não amamos,

minha filha, não há tolerância para com o outro, e isso traz infelicidade para as duas partes envolvidas.

– O senhor tem conhecimento de causa, não é, pai? Pelo que vejo hoje, o senhor nunca amou minha mãe.

Nesse momento, seu José sentiu sua raiva surda de tal modo que gritou:

– Nunca mais diga isso! Eu sempre amei tua mãe, e também a respeitei, e saiba que esses sentimentos estão guardados em nossos corações!

– Não é o que parece… Minha mãe nem esfriou e o senhor já está se divertindo com outra.

Diante disso seu José perdeu a cabeça, e começou a esbofetear Isabel.

A gritaria era tanta que Naná levantou-se correndo para ver o que estava acontecendo, e se não fosse a boa mulher, José teria batido ainda mais em Isabel.

– Olha aqui! Até hoje eu o tinha como pai, mas agora te vejo como um monstro; e eu te odeio!

Seu José ficou parado, olhando para os olhos de ódio de Isabel; levou a mão ao peito, e desfaleceu em seguida.

Naná correu para chamar seu Caetano, pois era o único que possuía automóvel, para levar o pobre homem ao hospital. Contudo, quando chegou ao hospital, o pai de Isabel já estava morto.

Isabel ficou em casa, e foi com indiferença que recebeu a notícia da morte do pai, pois ela ainda nutria o mesmo sentimento de horas antes, e tinha um grave defeito: não conseguia perdoar as ofensas.

Dona Naná chegou em casa arrasada, pois, embora fosse casada havia pouco tempo, jamais fora tão feliz ao lado de alguém, como havia sido naqueles meses em que estivera casada com seu José. Foi com afinco que decidiu que iria tocar a venda, pois era a única coisa que seu José havia lhes deixado. Além do mais, trabalho nunca lhe fazia medo.

A notícia da morte de seu José logo se espalhou pela cidade, e assim, consternados, muitos amigos foram prestar-lhe a última homenagem.

Isabel fingia chorar, ao lado de Manoel, de modo que todos que entravam na sala davam uma olhada no cadáver rígido de seu José, e depois davam os pêsames à jovem órfã.

Dona Naná, embora soubesse de tudo o que havia ocorrido, jamais contou a alguém os verdadeiros fatos que, segundo ela, haviam vitimado seu José; e como eram casados, não havia como Isabel mandá-la embora da

casa, afinal ela era oficialmente a esposa de seu José, e perante a lei tinha os mesmos direitos que Isabel.

O velório contou com os parentes próximos do falecido, que moravam na cidade de Ponta Grossa, no Paraná, mas uma irmã de seu José olhava para Isabel com um olhar inquisidor; pois, como Neuza mesmo sempre dissera para o restante da família:

– Nessa história tem dedo de Isabel! Posso estar até enganada, mas essa menina não me engana. Por trás desse rosto e gestos de anjo, esconde-se um verdadeiro demônio.

O restante da família dizia que Neuza estava implicando com a menina, mas a irmã caçula de seu José continuava a dizer a mesma coisa.

Todos da família gostaram muito da postura digna de Naná, que cuidou de todas as providências para o velório e o enterro do extinto. E no enterro, ela falou, olhando para o caixão que baixava à sepultura, entre lágrimas, discretas e preces:

– Vá, meu José, sua missão aqui nesse planeta acabou. Agora você deve alçar novos rumos, para continuar sua evolução como ser espiritual que é.

Logo depois do enterro, passados quinze minutos, quando ainda muitos que participaram do cortejo funéreo ainda andavam entre túmulos – procurando entes queridos e amigos que já haviam partido –, Naná, parada diante do buraco onde jazia o corpo de José, olhou para o lado direito e viu a figura de uma bela moça, cuja imagem mais parecia a de uma santa no altar, por tamanha serenidade. A figura disse:

– Não fique a chorar por ele, Nair. Agora ele está bem; ainda não acordou, mas foi socorrido logo após o desenlace, e levará ainda algum tempo para recobrar a consciência.

Naná, observando a moça, logo percebeu que se tratava de um ser espiritual, e, fechando novamente os olhos, baixou a cabeça e fez uma prece em agradecimento.

Isabel, logo depois do enterro do pai, foi levada pelos tios e primos até sua casa. Naná recusara veementemente ir junto, alegando que haveria de fazer ainda uma prece em favor do homem que tanto bem lhe havia feito.

Ao chegar em casa, conversou com os tios, enquanto Neuza apenas observava a sobrinha. Não foi difícil descobrir que ela não havia sentido nem um pouco o passamento de seu pai.

Isabel pegou fotografias de quando era criança, e outras dos pais juntos; mas em sua expressão havia certo ar de quem se livrara de um problema.

Manoel não pudera ir ao enterro e ao funeral de seu José, pois era dia de semana e ele não podia faltar do trabalho, ainda mais estando em seu novo cargo como assessor do dr. Cavalcanti.

Foi Doralice quem fez o café, pois o que havia sido feito fora consumido por aqueles que haviam participado do velório.

Ibrahim, o irmão mais velho de seu José, e Isaque, choravam a plenos pulmões o passamento de seu irmão mais jovem.

As irmãs, Doralice, Dalva e Ângela, estavam penalizadas em ver a sobrinha tão jovem, órfã de pai e mãe, de modo que lhe fizeram o convite:

– Isabel, o que acha de passar uns tempos conosco no Paraná?

A moça, olhando aturdida, raciocinou depressa, e respondeu:

– Obrigada pelo convite! Mas acho que meu lugar agora é com minha madrasta, e além do mais, pretendo me casar o mais rápido possível.

Neuza, que até então não esboçara nenhuma palavra, finalmente disse, com sua língua ferina de sempre:

– Mas por que se preocupa tanto com sua madrasta, sendo que nunca gostou dela de fato?

Isabel, tomada de surpresa, não teve resposta para a tia, que tratou de mudar de assunto rapidamente.

Neuza sabia que havia cutucado a ferida da mocinha, e não teve dúvidas de que deveria ter uma conversa séria com Naná, pois talvez ela contaria algo sobre o enfarto fulminante que vitimou seu irmão.

Naná procurou tratar a todos com bondade, de modo que cada gesto irritava ainda mais a moça; porém, querendo ser a vítima da situação, a garota dissimulou sua irritação para com a madrasta.

Todos os irmãos de José simpatizaram com Naná, e foi com pesar que Ibrahim se pronunciou:

– Recebi uma carta de José no mês passado, e ele afirmou estar muito feliz em seu matrimônio com a senhora, dona Naná.

– Realmente, sr. Ibrahim, José e eu nos dávamos muito bem, e o que sempre imperou entre nós foi o respeito mútuo, de modo que depois dele não haverá mais ninguém que o substitua em meu coração.

– Imagino o que vem sentindo, minha cunhada, mas saiba que se algum dia mudar de ideia a respeito de casamento, nós a apoiaremos plenamente.

Isabel ouviu aquele comentário com uma fúria que já não estava conseguindo disfarçar, e com medo que descobrissem que, na realidade, ela odiava a madrasta, disse:

– Me deem licença, meus tios, mas estou sentindo uma dor de cabeça terrível. Acho que vou me deitar um pouco. Afinal, desde que papai foi levado ao hospital eu não consegui dormir.

Naná ouviu aquela vã mentira entre surpresa e atônita, pois jamais pensara que a enteada fosse tão dissimulada; pois quando ela chegou a casa para avisar sobre o falecimento de seu pai, a menina dormia de maneira tranquila. Mas mesmo assim preferiu nada dizer, pois sabia que se dissesse algo para alguém da família, a moça a chamaria de mentirosa na frente de todos os irmãos do marido.

– Mas e agora, Nair, o que pretende fazer com a venda de meu irmão? – perguntou Ibrahim.

– Bem, vou tocar a venda, pois tenho certeza que se José estivesse nos vendo ele não iria gostar que fechássemos o estabelecimento que para ele era sua vida.

– Mas, minha cunhada, talvez não tenha ideia do que é tocar uma venda. É um lugar onde se vendem mantimentos, mas também há os que gostam de beber, e acho que não seria um bom trabalho pra você.

– Me desculpe pelo que vou lhe dizer – começou Naná educadamente. – Uma mulher pode realizar os mesmos trabalhos que um homem realiza. Para isso ela precisará usar de bom senso, para que não seja assediada por engraçadinhos. A mulher que sabe se colocar em seu lugar poderá entrar e sair de uma situação; e o mais importante, a mulher pode não ter a força física de um homem, mas é tão ou mais inteligente que determinados homens. O que uma mulher precisa para tocar um negócio como esse é impor respeito. Portanto, não creio mais que a mulher seja sexo frágil, que tem de ficar em casa cuidando da casa e do bom andamento da família; a mulher pode trabalhar, educar os filhos, cuidar da casa e ainda arranjar um tempo para se arrumar!

Neuza, ao ouvir as palavras de Naná, sorriu e disse:

– Bravos! Até que enfim alguém que pensa como eu! Faço minhas as suas palavras, minha boa Naná!

– Por favor, dona Neuza, eu não estou fazendo discurso feminista, muito pelo contrário… só quero mostrar o que realmente penso. E tem mais,

acredito piamente que poderei dar conta do recado!

– Tudo bem! – disse Ibrahim, um tanto desconcertado.

– A única coisa que quero é trabalhar para amenizar a dor que estou carregando dentro do peito; sei que vivi pouco tempo com José, mas saiba que ele foi a melhor pessoa que poderia ter cruzado o meu caminho!

Neuza ficou a observar a mulher, e pôde sentir a sinceridade em suas palavras.

Já fazia duas horas que Isabel estava trancada em seu quarto, quando pensou em seu pai e remexeu-se na cama, indagando a si mesma:

– Meu Deus, se eu não tivesse insultado tanto o meu pai, será que ele teria morrido? Sou eu a assassina de meu pai? Por favor, meu Deus, me ajude a esquecer esse lastimável fato, que vai pesar em minha consciência pelo resto de meus dias.

E assim, depois de muito pensar, finalmente Isabel adormeceu, e seu sono foi agitado, fazendo com que ela remexesse cada vez mais na cama.

8

Revelações que chocam

Neuza, depois que ouviu as palavras de Naná, não teve dúvidas de que ela era uma boa mulher, e depois de tomarem o café, enquanto uns conversavam na sala e outros iam para os quartos a fim de descansar um pouco, finalmente Neuza tomou coragem e foi ter com Naná, que estava lá fora, apanhando limão para a salada do jantar.

Neuza observou a simplicidade da mulher e cautelosamente perguntou:

– Meu irmão costumava se queixar de dores no peito?

– Não! – respondeu Naná, sem desviar os olhos do limoeiro.

– Mas então, como se explica esse ataque fulminante do coração?

– Bem, ele passou por certo desgosto, e em seguida teve o enfarto que o vitimou – respondeu Naná, sem pensar que poderia comprometer Isabel perante os parentes.

– Mas o que houve para meu irmão perder o controle de si?

– Não houve nada, ele sempre se preocupava demais com as coisas.

– Dona Naná, conheço bem do temperamento de meu irmão, afinal crescemos juntos e sei que ele jamais iria perder o controle se algo muito sério não tivesse acontecido.

Naná refletiu por alguns instantes, mas depois, pensando na verdade dos fatos, resolveu contar toda a história para Neuza. A irmã caçula de seu José ficou estupefata.

– Eu sabia que Isabel tinha alguma coisa a ver com isso, pois essa menina sempre foi um demônio! Ele nunca quis aceitar que estava criando uma cobra dentro de casa! – falou Neuza com amargura na voz.

– Discordo da senhora, dona Neuza! Isabel não é um demônio, ela apenas não aprendeu determinadas lições que a vida quer lhe ensinar.

Concordo que ela seja mimada e caprichosa, mas tenho certeza que ela está sofrendo com o passamento do pai.

– A senhora diz isso porque não a conhece. Ela é maldosa, e isso se pode notar em seu olhar! Certa vez, quando eu estava na casa de José, para tratamento médico, chegou um mendigo e pediu algo para comer. Marisa era uma excelente pessoa, se me permite dizer. Isabel, observando que a perna do pobre homem tinha uma ferida horrível, pegou pimenta e sal, colocou em um vidrinho de remédio e, enquanto o homem comia, despejou o líquido na ferida do pobre homem! Em desespero, o infeliz lançou o prato de comida e ficou a gritar, enquanto Isabel gargalhava do malfeito. Marisa, sua mãe, correu atrás do homem, que contou o que havia acontecido. A mãe dessa peste cuidou do homem até que ele ficasse finalmente bom, e quem odiou e ficou a tramar contra o pobre homem foi Isabel. Claro que a mãe fez isso para lhe dar uma lição, mas na verdade deveria lhe dar uma surra de quebrar os ossos!

Naná escutou a história, e não pôde deixar de comentar que a menina era terrível mesmo! E sendo assim, a tia perguntou:

– Mas conte-me, e o namorado dessa menina, quem é?

– Ah, Manoel é um rapaz bom que só vendo! Todos gostam dele, pelo que fiquei sabendo, ele nunca se alterou com os pais; e no dia em que certo rapaz o agrediu aqui na venda, ele, sem revidar, disse que o outro estava bêbado, e assim que sua mãe chegou, a obedeceu em tudo!

– É sempre assim! Sempre acontecem essas uniões díspares, um presta e o outro não presta. Mas diga-me, será que esse moço não percebe que tipo de pessoa é Isabel?

– Bem, para ele a menina Isabel não tem defeitos, o mundo é que age de forma errada para com ela.

– Enquanto houver idiotas no mundo, mais o número de gente mau-caráter crescerá! – disse Neuza, com rancor.

– Será que a senhora não está sendo dura demais com a menina Isabel, dona Neuza?

– Eu, dura? Não viu o que essa peste fez com o próprio pai? Naná, vou lhe dizer uma coisa: essa menina não presta! Pode enganar a todos com seu jeitinho de anjo, mas não a mim!

– Seja como for, peço-lhe que não conte a ninguém o que houve com José; afinal, a menina jamais pensou que isso pudesse acontecer. Além do

mais, ela não tem mais ninguém no mundo, está sozinha, portanto peço-lhe que contemporize e facilite as coisas para Isabel.

– Está bem, Naná, eu nada direi a meus irmãos, pela senhora. Mas por ela, tenho vontade de revelar a todos o quanto é mau-caráter.

– Obrigada pela consideração, dona Neuza! Acredito que podemos ajudar Isabel a melhorar. Se Deus dá chance a todos de se recuperarem, por que nós não podemos fazer o mesmo? Já imaginou se Deus agisse implacavelmente conosco? Não ficaria um só homem de pé na face da Terra.

– Nesse ponto você tem razão, dona Naná. Nada contarei, mas confesso que jamais gostei dessa minha sobrinha, e depois do que fiquei sabendo jamais gostarei.

Dona Naná mudou o rumo da conversa, dizendo que a venda tinha alguns fregueses com as contas em atraso, e que precisaria do pulso forte dos cunhados para tomar conta nos primeiros dias.

Neuza informou que Ibrahim era o único que podia ficar, pois ele estava de benefício do INPS, e teria tempo para ajudá-la.

Assim, os irmãos de José ficaram somente dois dias e logo foram embora. Neuza se afeiçoara de coração a Naná, de modo que nada disse aos irmãos sobre o que de fato havia acontecido na noite fatídica do enfarto de seu José.

Três dias depois do tristíssimo e súbito falecimento do pai, Isabel, assim que se levantou pela manhã, olhou para Naná e disse em tom seco e rude:

– Bem, a senhora não tem mais nada a fazer aqui, portanto peço que vá embora. Afinal, a senhora não é da família. Foi um casamento infeliz de meu pai… portanto, saia dessa casa ainda hoje!

Naná não acreditava no que estava ouvindo, e quase sem voz, respondeu:

– Vejo que você não tem noção da vida, não é, menina? Como pode me mandar embora de minha própria casa?

– Da sua casa, não! Essa casa foi de meu pai, e agora é minha! Estou sendo bondosa com você, pois poderia te colocar fora daqui a pontapés!

Foi nesse instante que entrou Ibrahim, e não pôde deixar de ouvir a conversa; sem perceber, ele tomou a defesa de Naná:

– Não posso crer que você esteja dizendo isso a sua madrasta! Isabel, dona Naná foi esposa legítima de seu pai, de modo que ela, quando assinou perante o juiz de paz, passou a ter os mesmos direitos que você. Essa casa vai entrar em inventário, e se dona Naná não quiser vender, você terá sérios problemas para requerer a sua parte! Somente depois do inventário é que vocês poderão vender, portanto aceite o fato de que dona Naná é tão dona dessa casa quanto você, e deixe de criar caso.

– Mas como isso pode ser? Meu pai comprou essa casa com o dinheiro da venda da outra casa que minha mãe ajudou a construir! Eu jamais permitirei isso.

– Minha sobrinha, não há o que contestar: quando seu pai comprou essa casa ele era viúvo, de modo que depois do casamento dona Naná passou a ter os mesmos direitos de sua mãe, pois pelo que sei, eles se casaram em plena comunhão de bens. Então, tudo que é de seu pai passa a ser de dona Naná também.

Isabel, olhando de soslaio para Naná, disse em tom ameaçador:

– Bem, já que essa é a lei, vou respeitar, mas isso não impede que eu faça da vida dessa mulher um verdadeiro inferno!

– Não posso crer que esteja ouvindo isso de você, Isabel! Pois devemos agir com bondade, para ganharmos a salvação que Jesus prometeu – disse Ibrahim.

– Eu não quero saber de ficar a ouvir balelas… O problema é que eu não vou tolerar essa mulher aqui! Se ela não quiser sofrer, acho melhor sair por bem.

Ibrahim ficou observando a sobrinha, e pela primeira vez concordou com sua irmã Neuza: a moça tinha mesmo um coração endurecido. E assim, continuou:

– Olha aqui, Isabel, saiba que José era meu irmão querido, e como tal devo-lhe obrigações; portanto, não vou permitir que faça nada de mal a dona Naná, e se você arranjar confusão se verá comigo!

Isabel nesse momento percebeu que não poderia mostrar realmente o que pensava, pois precisaria angariar a simpatia de todos os tios.

Assim, pediu desculpas falsas a dona Naná e foi para seu quarto.

Uma vez em seu quarto, a moça começou a pensar:

– Tenho de arranjar uma forma de mostrar aos meus tios que essa mulher é uma cobra, mas para isso precisarei de paciência.

Jogou-se na cama e ficou olhando para o teto, sentindo seu ódio pela madrasta aumentar.

Dona Naná, depois que Isabel retirou-se, olhando para o cunhado com os olhos rasos d'água, disse:

– Sabe, seu Ibrahim, acho melhor eu ir embora, pois a menina Isabel me odeia, e penso que nossa convivência será difícil dentro dessa casa.

– De maneira alguma, Naná! Você não pode sair da casa só para satisfazer os caprichos de uma menina malcriada! Ela vai ter que aceitá-la. E eu estou do seu lado! Essa menina, se continuar assim, vai sofrer muito.

– Também acho, seu Ibrahim, mas o que poderei fazer? Já tentei ser amiga dela muitas vezes, mas ela não me permite chegar perto de maneira alguma!

– Não tente mais. Ficarei aqui o tempo que for necessário, e não permitirei que ela a afronte.

– Obrigada, meu cunhado, não saberei cuidar dessa situação.

E a partir desse dia, Ibrahim começou a ver quem realmente era Isabel; e quando conheceu Manoel, sentiu pena do rapaz.

9

Pobres motivos de um coração iludido

Manoel começou a ver determinadas mudanças em Isabel. Ela já não era tão agressiva, e sempre que ele não a procurava, ela o fazia, indo muitas vezes ao escritório onde ele trabalhava.

E, com isso, o rapaz começou a dizer a todos que iria se casar o mais rápido possível; e não foi difícil se deixar levar pela ilusão de que ela o amava.

Quem não gostava das maneiras da moça era dona Isaltina, que sempre manteve certa distância de Isabel. Costumava dizer:

"Por trás de um rosto bonito, e um sorriso singelo, sempre se esconde um demônio!"

Manoel, que antes nunca havia sido desobediente, agora se mostrava rebelde e arredio para com a mãe, a qual vivia a acusar a moça pela transformação do filho.

E os dias foram passando, até que Manoel finalmente avisou aos pais:

– Isabel e eu marcaremos a data do casamento para o mês que vem!

– Meu filho, como pretende se casar se não tem ainda uma vida definida? Sei que ganha bem, mas isso não é tudo… você tem de comprar móveis, alugar uma casa; e sustentar uma família nos dias de hoje não é nada fácil!

– Mãe, pare de colocar obstáculos! Saiba que tenho juízo. Abrirei um crediário na loja de móveis e pagarei aos poucos.

– Filho, não há necessidade de fazer uma loucura dessas! Por que não se prepara e depois pensa em casamento?

– Mamãe, eu já estou com dezenove anos, e não pretendo me casar velho! E isso farei, quer a senhora queira quer não!

– Deixe o menino, Isaltina! – disse o pai do rapaz. – Eu me casei com você com a mesma idade, e lembre-se de que nem sequer tinha uma profissão definida. O menino trabalha no maior escritório da cidade, e ganha bem, diga-se de passagem. Agora vai deixar de construir a família dele só porque você não gosta da moça? Por favor, entenda que quem vai viver com ela é Manoel.

– Realmente se casou comigo quando tinha a idade dele, mas se tivesse agido com um pouco mais de paciência, não precisaria passar por tudo que passamos no início!

– Ah, mulher, pare com isso! Nosso filho é um homem responsável e sabe muito bem o que está fazendo.

Manoel ficou feliz por ter sido defendido pelo pai; e foi logo mudando de assunto, para que a conversa não se estendesse. Mas dona Isaltina continuou insistindo no mesmo assunto:

– Meu filho, onde você vai morar?

– Não se preocupe, mãe, vou alugar uma casa e depois poderei construir a minha.

– Meu filho – comentou o pai –, se quiser poderá fazer um pedido ao BNH, e sendo assim não precisará morar de aluguel.

Foi então que dona Isaltina percebeu que perto do marido ela não poderia aconselhar ao filho a não fazer a loucura que estava planejando.

Manoel era só felicidade, e como iria se casar, pediu ao dr. Cavalcanti permissão para sair todos os dias às três da tarde, para os preparativos do casamento; assim, todos os dias depois das três da tarde estava junto de Isabel, o que para ele era motivo de contentamento.

Embora Manoel estivesse todo animado com o casamento, Isabel concordava com tudo, como se não se importasse com nada do que estava acontecendo.

Isabel ficava a culpar o pai pelo desfecho de sua história com Manoel, pois sabia veementemente que não o amava e que continuava com aquela história para sair de casa e não ser obrigada a ver dona Naná todos os dias.

Manoel estava feliz por estar prestes a se casar com Isabel, pois se lembrava do quão difícil fora começar a namorar a moça. Se Manoel estava feliz, Isabel não estava nada satisfeita com aquela situação, pois sabia que não amava Manoel, e iria deixar a casa para Naná, a causadora de toda a desgraça para seu pai.

Manoel estava conversando com Humberto, na hora do café sobre seu casamento, quando Oscar, que chegara à pequena copa, pegou a conversa pelo meio e com um sorriso sarcástico disse:

– Então pretende se casar, Manoel?

– Sim, hoje marcaremos a data.

– Mas por que tanta pressa?

– Bem, é que, como sabe, depois da morte de seu José, Isabel não consegue mais viver debaixo do mesmo teto que dona Naná, que foi a responsável por tudo que aconteceu a seu José.

– Não fale bobagem! – disse Oscar sorrindo. – Acho que você não sabe um terço da missa.

– O que está querendo dizer com isso, Oscar?

– Bem, como sabe, minha mãe é muito amiga de dona Naná; e ela contou toda a verdade para minha mãe. E como estava em meu quarto, ouvi tudo.

– Que verdade? – perguntou Manoel, com descrença na voz.

– Que a causa do enfarte em seu José foi a própria Isabel! O pai dela a estava aconselhando a não se casar com você, pois, como ele mesmo disse, se um casamento com amor já não é fácil, imagine um casamento sem esse ingrediente tão importante? – aumentou Oscar para ferir Manoel.

– Mas Isabel me ama; aliás, muito mais do que eu a amo.

– Mas não foi isso que escutei – retrucou maldosamente Oscar. E começou então a falar sobre dona Naná e seu José, revelando tudo o que ouvira Naná contar a sua mãe.

Manoel ficou irado, e, não contendo a indignação, começou a alterar a voz:

– Oscar, o que você quer, inventando mentiras deslavadas como essa?

– Eu? Não estou inventando nada! E vou lhe dizer uma coisa: não tenho motivos para inventar conversas, e acho que essa moça está te usando somente para sair de casa. Onde está o Manoel de outros tempos? Aquele rapaz forte e determinado? Pelo que vi, perdeu tudo, até mesmo a vergonha

na cara, por causa de uma sirigaita feito Isabel! Ela não te ama, e dona Naná disse que tem pena de você!

– Não acredito nisso! – disse Manoel, tentando se livrar do veneno de seu colega de trabalho.

– Conheço dona Naná desde criança, e posso lhe garantir que ela não é mulher de ficar inventando conversa; se ela disse que isso aconteceu, é porque aconteceu mesmo.

Manoel, que até então estava animado em falar sobre seu casamento, preferiu mudar de assunto, e em seguida voltar para a sala do chefe. Afinal, tinha muito trabalho a fazer.

No fim do expediente, ele não deixava de pensar em tudo o que Oscar lhe havia dito. Decidiu que se tudo que Oscar contara fosse verdade, não se casaria com Isabel; afinal, acreditava piamente nos dizeres de sua mãe: "Uma boa filha boa esposa será!" E não poderia comprometer seu futuro com uma moça que se mostrara irascível até mesmo com aquele que sempre lhe dera amor.

Manoel chegou quieto em casa; era quarta-feira, e ele respeitava as ordens de seu José fielmente, de namorar apenas três vezes por semana.

Assim que chegou, informou à mãe que não iria ao colégio naquela noite, pois precisava falar com Isabel.

– Não estou gostando nada disso. Você falta ao colégio todas as quartas-feiras! Por que não muda esse dia para uma tarde num final de semana?

– Mamãe, já acho pouco namorar três vezes por semana, não aguentaria ficar sem ver Isabel também durante a semana.

– É, meu filho… hoje você pensa assim, mas só conhecemos as pessoas quando convivemos com elas. Escute tua mãe: você não vai ser feliz ao lado dessa moça! Não acha que está passando muito tempo ao lado dela? Veja bem, com a desculpa para os preparativos para o casamento vocês se veem todos os dias.

– Chega, mamãe! Eu não aguento mais a senhora vir falar de Isabel para mim. Saiba que ela será uma boa esposa, e com o passar do tempo a senhora terá vergonha de tudo que vem dizendo dela!

– Tomara, meu filho, tomara…

Manoel saiu nervoso, enquanto dona Isaltina sentia seu coração oprimir-se cada vez que pensava no futuro do filho ao lado de Isabel.

Manoel saiu de casa irritado com a mãe, e foi andando lentamente até chegar à casa de Isabel. Não queria chegar lá com a fisionomia carrancuda, mas não podia evitar; primeiro, um colega de trabalho que havia falado de Isabel para ele, e depois as recomendações da mãe, a qual o deixava mal-humorado.

Ao chegar à residência de Isabel, deparou-se com dona Naná, de quem ele não gostava devido a tantos comentários maldosos que Isabel fazia sobre a madrasta.

Mas a pobre mulher, ignorando o fato de o rapaz não gostar dela, foi amável como sempre.

Manoel sentia-se incomodado com a solicitude da mulher, mas preferia agir com discrição por razões de educação, e não deixava que dona Naná percebesse nada.

Isabel demorava o máximo possível para arrumar-se, somente para passar menos tempo ao lado daquele que se tornaria seu marido.

Naquela noite, Isabel demorou-se mais que o costumeiro, deixando o rapaz impaciente. Foi dona Naná quem lhe fez companhia, e levou uma xícara de café para o jovem. Fez tudo o que estava a seu alcance para que ele se sentisse à vontade.

A mulher tentou puxar conversa de todas as maneiras, mas Manoel, sem ter nenhuma simpatia por ela, ficou preso em seu mutismo, apenas respondendo as perguntas que lhe eram feitas.

Depois de meia hora, Isabel apareceu: usava calça jeans e blusa tomara-que-caia amarela. Assim que o moço colocou os olhos nela, toda sua impaciência acabou-se como num passe de mágica.

Isabel não conseguia esconder a insatisfação em vê-lo, e, se aproximando, disse:

– Demorei?

– Um pouco – respondeu o rapaz.

– Eu estava me arrumando pra você.

Manoel riu embevecido, levantou-se e disse:

– Vamos conversar lá fora?

– Sim!

E ele, oferecendo-lhe a mão, a levou para fora.

Uma vez que os dois estavam sentados num banco que ficava na calçada da casa, ele finalmente disse:

– Isabel, acho que não vai dar para esperar muito tempo, quero me casar logo com você!

Isabel, tomada de surpresa, depois de alguns minutos de silêncio, disse:

– Está bem! Vamos nos casar logo, pois eu já não aguento mais ficar nessa casa e olhar para a cara dessa mulher o dia todo. Sei que ela engana a todos com seu ar de boa samaritana, mas a mim não engana não! Se ela quer ficar com a casa, que fique. Preciso cuidar da minha vida.

Manoel sorriu satisfeito, e logo perguntou:

– E então, vamos marcar a data?

– Ótimo! Vou pegar um calendário lá dentro e então poderemos ver com calma.

Em pouco tempo, a moça saiu em direção ao interior da casa e somente depois de alguns minutos reapareceu, com um calendário.

Manoel olhava para a moça, e não acreditava que estava vivendo aquele momento, que acreditava ser o mais bonito de sua vida.

Isabel, sentando-se novamente ao lado do rapaz, entregou-lhe o calendário, e ficou esperando que ele marcasse a data.

Manoel pegou o calendário e começou a ver a data para dali a alguns meses; finalmente observou uma data que lhe chamou a atenção, dia três de novembro, que cairia num sábado, perto do aniversário de Isabel.

– O que acha de nos casarmos no dia três de novembro?

– Mas eu não tenho enxoval, e ainda não estou recebendo a pensão de meu pai.

– Não se preocupe com isso – disse o rapaz –, eu lhe darei o dinheiro para comprar todo o enxoval, agora estou ganhando muito bem.

– Mas onde iremos morar?

– Bem, a princípio teremos de morar em uma casa de aluguel, mas assim que tudo isso passar, compraremos um terreno e finalmente poderemos construir nossa casa.

– Tudo bem! Mas saiba que eu não vou trabalhar para te ajudar! Nunca trabalhei em minha vida. Pense bem se você vai conseguir arcar com todas as despesas da casa; meu pai vivia reclamando que tudo estava pela hora da morte.

– Não se preocupe, eu também não quero que trabalhe, sou suficientemente inteligente para me manter.

– Está bem, nos casaremos na data marcada. Mas tem outra coisa, eu não quero festa. Afinal, por que deveríamos nos sacrificar para dar comida a um bando de mortos de fome?

– Mas Isabel, minha mãe vai querer fazer festa, ela sempre sonhou isso para mim.

– Mas quem vai se casar sou eu ou ela? Eu não quero festa e pronto! O casamento da sua mãe já se deu há mais de vinte anos.

Manoel, não querendo contrariar a moça, aquiesceu com a cabeça, e procurou não tocar mais no assunto.

E Isabel perguntou:

– Manoel, como você sabe, para alugar um imóvel é necessária a assinatura de um fiador. A quem você vai pedir?

Manoel, demonstrando tranquilidade, disse:

– Já pensei nisso, e não se preocupe, pedirei ao doutor Cavalcanti; ele gosta muito de mim, e não vai me negar um favor como esse.

– Está bem. Já que é assim, eu te perguntarei mais uma coisa: como comprará os móveis? Eu não quero levar nenhuma dessas velharias que temos aqui em casa para minha casa nova.

– Bem, eu tenho um dinheiro guardado, e meus pais não deixarão de me ajudar. Lógico que compraremos no início somente o necessário, mas assim que sairmos um pouco das dívidas, compraremos outros móveis do seu gosto.

– Olha aqui, Manoel, estou me casando com você porque quero sair de casa, não aguento mais essa vida. Mas esteja ciente de uma coisa: espero que você me dê uma vida melhor do que a que eu tenho aqui, porque se for para me casar e levar uma vida igual ou até mesmo pior que essa, prefiro continuar onde estou.

Manoel, olhando seriamente para Isabel, perguntou à queima-roupa:

– Isabel, você me ama?

A moça, tomada de surpresa, ficou a olhar para o rapaz, quando finalmente respondeu:

– Eu não vou mentir para você: eu não o amo. Gosto muito de sua companhia, da sua sinceridade, mas sentimento nunca haverá; aliás, eu nunca amei ninguém, a não ser minha mãe.

Manoel, ao ouvir tais palavras, sentiu como se o aço frio de um punhal lhe penetrasse o coração, e com a voz embargada disse:

– Isabel, saiba que se quiser desistir de tudo poderá fazê-lo, mas me dê uma chance somente para que eu te ensine a me amar.

– E o que estou fazendo, Manoel? Acaso não estou lhe dando uma chance de me conquistar?

Manoel deixou uma lágrima escorrer pelo canto do olho, ao que Isabel se mostrou indiferente.

O rapaz logo mudou de assunto, pois não queria se ferir ainda mais, e procurando pegar na mão da moça, disse:

– Eu te amo, Isabel, e tenha certeza de que o meu amor vai suprir a nós dois.

– Não se afiance nisso! Acho que os teus sentimentos são só teus, e os meus são só meus; portanto, é melhor deixar de sonhar, pois quanto maior o sonho mais dolorosa a queda.

Manoel sentia-se terrivelmente triste, mas procurou manter o seu pedido.

Ficaram conversando por mais uma hora, quando ela disse enfim que estava com sono, e que iria entrar.

Manoel ficou observando a moça sumir no corredor da casa, e depois de vê-la entrar, começou a andar lentamente, de volta para casa.

As palavras de Isabel ficavam repassando em sua mente como um filme, e a cada lembrança de suas palavras, ele sentia o coração doer.

Assim, sentou-se numa calçada próxima a sua casa; em determinado momento, pareceu-lhe ter ouvido uma voz que vinha de perto de sua nuca:

– Não se case! Você vai aumentar a dívida que os une. Desista enquanto é tempo!

Manoel, como a repetir aquelas palavras, disse:

– Não sei se devo me casar, mas se eu não me casar com ela, não me casarei com mais ninguém!

E com isso, levantou-se e caminhou sem pressa até sua casa.

Ao chegar, logo viu sua mãe, sentada na varanda, e sem se importar com a sua presença, apenas disse boa noite.

Dona Isaltina, observando a preocupação do filho, chamou:

– Manoel, venha cá! Acho que precisamos conversar.

– Agora não, minha mãe; estou cansado e preciso levantar cedo amanhã.

– Eu sei que você tem de levantar cedo, mas isso não é um convite, é uma ordem. Sente-se aí! Já que você não tem um pai para orientá-lo, saiba que farei o papel dos dois. Percebo que desde que começou a namorar você perdeu aquele brilho que lhe era peculiar, aquela alegria. O que está acontecendo?

– Não está acontecendo nada, minha mãe, estou bem.

– Por favor, não subestime a minha inteligência, te carreguei na barriga por nove meses e te conheço como a palma da mão.

Manoel, sentindo que as lágrimas iriam brotar de seus olhos, tentou levantar, mas logo foi impedido pela mãe, quando finalmente disse:

– Mamãe, eu pedi Isabel em casamento, e escolhemos como data o dia três de novembro.

– O quê? Por que você fez isso, meu filho? Acaso desrespeitou a moça e ela está em apuros? Sabia que estavam resolvendo assuntos do casamento, mas não pensei que fosse para o próximo mês.

– Não, minha mãe, eu nunca toquei em Isabel.

– Então por que se sente tão triste?

– Por que ela disse que não me ama, e isso muito me entristeceu.

– Mas se ela não o ama, por que aceitou seu pedido?

– Porque não aguenta mais viver ao lado da madrasta, aquela mulher está fazendo da vida de Isabel um verdadeiro inferno.

– Ah, é? E você acha justo ela fazer da sua um inferno também? Olha, meu filho, não acredito nas palavras dessa moça, porque conheço Naná há mais de quinze anos, e ela sempre foi muito boa para mim e para os outros; portanto, se há algum problema não é com a minha amiga, mas com essa moça!

– Por favor, mamãe, não quero discutir com a senhora! Como papai diz, sou homem, e sei bem o que fazer da minha vida.

– Ah, se você é um homem, então se comporte como tal, meu filho! É muito difícil viver a dois; eu, quando me casei com teu pai, era completamente apaixonada por ele, e olha que não foi nada fácil… Imagine

casar-se sem amor? A vida vai virar um verdadeiro tormento: para ela, que terá de segurar as pontas de um casamento infeliz, e para você, que será obrigado a ver sua insatisfação todos os dias.

– Mamãe, sei que se preocupa comigo, mas se eu quebrar a cara, o único que vai sofrer as dores dos ferimentos sou eu. Portanto, fique tranquila; esse é um assunto que cabe a mim e a Isabel resolver.

– Filho, será que você não percebe que se quebrar a cara eu também vou sofrer, por ver meu único filho sofrer?

– Não se preocupe, mãe, tudo está certo como está! E eu amo Isabel, e isso é o que importa! E tem mais, vou ensiná-la a me amar, a senhora vai ver só.

– Meu filho, o amor não se ensina, se sente, e se ela não sentiu isso logo quando te conheceu, não vai sentir nunca.

– Mamãe, ela disse que gosta de mim!

– Sim, meu filho, ela gosta, porém mais como um amigo que como um homem.

– Se é assim como a senhora diz, vejo que tenho chance de conquistá-la, pois ao conviver comigo ela verá que sou a melhor pessoa para ela.

– Querido, não se iluda com isso! O amor não é assim. Precisa haver a reação do primeiro impacto; se não houver, a pessoa pode gostar, mas nunca te amará.

– Não seja pessimista, mamãe! Vou conquistar Isabel, e um dia a senhora ainda verá Isabel declarar na frente de todos o amor dela por mim.

– Que assim Deus queira, meu filho; mas como mulher experiente que sou, não acredito nisso. Apenas saiba que se um dia teu casamento não der certo, quero que volte para casa, o teu quarto vai ficar sempre te esperando.

– Pare, mãe! Do jeito que fala até parece que está gorando o meu casamento com Isabel.

– Não, filho, eu não estou gorando nada. Só vejo com mais clareza que você, que na verdade não consegue ver nada, a não ser aquilo que teu coração quer que você veja. Mas vou além: acho que você vai estragar sua vida ao se casar com essa moça.

– Mamãe, seja como for, estou disposto a pagar o preço; eu a amo e isso é o que importa. Se ela ainda não me ama, um dia irá me amar.

– Está bem, meu filho, mas saiba que eu sou sua mãe, e também sua amiga! Se um dia quiser conversar, estarei aqui te esperando, meu querido.

– Obrigado! Mas agora me deixe descansar, amanhã tenho muitas coisas a fazer no escritório.

Dona Isaltina, sentindo o coração oprimido, viu Manoel se afastar e, fitando o céu estrelado e temendo o futuro do filho, disse:

– Meu Deus, guie meu filho a águas tranquilas, e que ele possa estar certo do que diz!

Deixando uma lágrima escorrer pela face, levantou-se vagarosamente da cadeira da varanda e se pôs a pensar.

Lembrou-se de sua amiga de infância que se casou somente para sair de casa. Embora Carlos dissesse estar apaixonado por ela, era tomado por uma possessão doentia, que o impelia a espancá-la diante dos filhos.

E a pobre moça, cansada daquela vida, decidiu suicidar-se.

Quanto mais dona Isaltina pensava, mais sentia que a situação da amiga voltaria a ocorrer. Então, a mulher chorou copiosamente, pedindo forças a Deus para ajudar o filho quando ele precisasse.

Dona Isaltina havia prometido que não mais se intrometeria na vida do filho, coisa que não conseguia fazer; assim, pediu a Deus em prece para que auxiliasse seu filho, e que seu menino não entrasse num casamento que, para ele, se tornaria um buraco.

Enquanto isso, Manoel estava se deitando com as mãos sob a cabeça, e, olhando para o teto, pensava em tudo que Isabel havia lhe dito. Sem conseguir conciliar o sono, se lembrou de Rosália, em como ela era uma moça atraente e bonita, e como se entregara a ele noites atrás.

Sentindo-se excitado ao relembrar tudo o que havia vivido com Rosália, Manoel levantou-se e foi tomar banho.

Depois de uma chuveirada, finalmente Manoel relaxou, e logo adormeceu.

Na manhã seguinte, enquanto tomava seu café antes de mais um dia de trabalho, Manoel olhou para a mãe e perguntou:

– Minha mãe, estou com medo; talvez eu não consiga fazer com que Isabel me ame, mas só de pensar em perdê-la meu coração se estremece e fico agitado… O que devo fazer?

– Filho, você ainda é jovem, tem a vida inteira pela frente. Já tive sua idade e posso lhe dizer, com conhecimento de causa, que isso que você diz sentir por Isabel não passa de ilusão. Desista, filho, enquanto é tempo, essa moça não é para você! Ainda vai aparecer a mulher que vai te fazer muito feliz.

– Mas, mamãe, eu nunca senti por ninguém o que sinto por Isabel, e sei que se perdê-la vou sofrer e terei de me resignar a viver sozinho; porque ela é a mulher da minha vida.

– Querido filho, já tive sua idade e sei bem as marcas do primeiro amor, mas posso lhe garantir que isso passa. Saiba que as responsabilidades do casamento não são nada fáceis, mas sem amor tudo se torna ainda mais difícil. Você tem chance de conhecer uma boa moça, que o ame e que o faça feliz; e assim, juntos, poderão iniciar uma vida a dois. O que espera finalmente construir com Isabel? Já imaginou que um dia ela também poderá se apaixonar por outro e seu sofrimento será dobrado?

– Não diga isso, minha mãe! Se Isabel se apaixonar por outro, sou capaz de cometer uma loucura.

– Balelas, meu filho… Simplesmente balelas… Saiba que de amor ninguém morre, e assim como ela pode se apaixonar por outro, você poderá se apaixonar por outra. Mas como já terão um compromisso perante a lei dos homens e a de Deus, tudo vai ficar mais difícil. Por isso, desista enquanto é tempo! É só isso que tenho a lhe dizer: desista, pois sei que um dia você irá se arrepender muito por isso.

Manoel ficou a olhar para a fisionomia cansada da mãe, e sorveu mais um gole de café com leite; depois de descansar a xícara no pires, o rapaz disse à mãe:

– Hoje vamos marcar a data de nosso casamento, e espero que a senhora trate bem a Isabel e que a receba como filha, pois ela certamente fará o mesmo!

– Meu filho, por que pede minha opinião se depois não a leva em consideração?

– Mamãe, a decisão já foi tomada; às vezes sinto medo, mas ao me lembrar do rosto de Isabel tudo se acalma dentro de mim.

E ao dizer essas palavras, o rapaz levantou-se e, rodopiando nos calcanhares, saiu em direção à porta da cozinha, despedindo-se da mãe.

Depois dessa conversa, dona Isaltina, que já estava triste, ficou ainda mais triste quando o marido entrou porta adentro:

– Por que está com essa cara, Tina?

– Não tenho nada, homem! Não tenho nada…

Somente dona Isaltina sabia a avalanche de sentimentos que desabava em seu coração aflito de mãe.

E depois de servir uma xícara de café com leite ao marido, saiu para cumprir seus afazeres domésticos do dia.

Isabel acordou irritada naquela manhã, pois desde cedo ouvia o barulho da vassoura a percorrer a casa. Com extremo mau humor, ela saiu do quarto e, batendo a porta atrás de si, deparou-se com Naná, que varria o longo corredor. Isabel vociferou:

– Escute aqui! Que você é uma mulher falsa eu sempre soube, mas pelo que vejo também é mal-educada.

– Isabel! Resolvi limpar a casa, pois hoje virá o fornecedor de óleo, e eu tenho de estar lá quando eles tirarem o tambor e colocarem a bomba.

– E o que eu tenho com isso? Só porque virá óleo hoje à venda, sou obrigada a acordar com esse barulho das vassouradas que você faz? Olhe aqui, se isso acontecer novamente, você nem imagina o que serei capaz de fazer… Sou bem capaz de tirar a sua pele com as unhas!

Naná, olhando firmemente para a moça, disse:

– Bem sei que é capaz de fazer uma coisa dessas, depois do que fez a teu pai…

Nesse instante, Isabel, sem pensar em seus atos, correu até a mulher e, agarrando-a pelos cabelos, e desmanchando o coque que ela usava, passou a tentar arranhar o rosto de dona Naná, enquanto gritava:

– Miserável! Você me paga! Agora não tem mais ninguém aqui pra te defender, sua interesseira! Eu juro que vou acabar com você, desgraçada!

Dona Naná tentava de todas as maneiras se desvencilhar da moça, sem colocar as mãos nela, mas somente depois de alguns minutos, vendo que a

moça era forte, empurrou a jovem, lançando-a contra a parede; e com um olhar muito bravo, finalmente gritou com Isabel:

– Escute aqui, menina… se você não gosta de mim, sinto muito; mas seu pai me amava, e se não fosse você eu estaria feliz ao lado dele agora! Se você mais uma vez tentar fazer isso comigo, vou contar a todos qual foi a causa do infarto de seu pai! Você não passa de uma assassina sem coração! Eu não te odeio, pois ódio para você seria algo significativo; de você eu sinto pena! Entendeu?! Pena…

Ao ouvir as palavras da madrasta, Isabel levou à mão a boca, e pela primeira vez sentiu medo de dona Naná, que não estava brincando ao dizer que contaria a todos sobre a discussão que a menina tivera com seu pai na noite de sua morte.

Isabel virou-se, voltou em direção a seu quarto, bateu a porta com toda força, e trancou-se pelo lado de dentro.

Dona Naná, muito brava, se aproximou da porta e começou a gritar:

– E tem mais, menina! Eu não sou sua empregada, e de hoje em diante você vai cuidar da casa, pois eu ficarei somente na venda para não ter o desprazer de olhar para tua cara! Se não me obedecer, vou começar a espalhar a todos que chegarem à venda sobre a morte de seu pai. Assassina! Assassina! Mil vezes assassina! E saia desse quarto agora! Você não vai mais passar os dias na flauta. Venha, continue a limpar a casa, que eu vou para a venda!

– Eu não vou limpar nada! Por mim, a casa pode criar bichos! Se não está bom aqui, vá embora! – gritava Isabel colérica.

Foi nesse instante que dona Naná passou a mão na orelha e percebeu que estava sangrando. Sentindo um vulcão de raiva explodir dentro de si, começou a bater com o cabo da vassoura na porta, e vendo que não surtia efeito, foi até o quintal, pegou o machado que era de seu José, e passou a golpear a porta incessantemente.

Isabel, quando ouviu as batidas na porta, pela primeira vez sentiu medo; encolhendo-se sobre a cama, pensando que sua madrasta não conseguiria entrar.

Mas tamanha era a raiva de dona Naná que ela teve forças para rachar a porta e depois, com o pé, golpear outras vezes, até que finalmente a porta cedeu.

Ao entrar, ela logo começou a gritar:

– Olhe aqui, menina! Olhe o que você fez em minha orelha! Se pensa que sou como seu pai, está muito enganada! Agora, levante dessa cama e comece a limpar a casa! Eu estava fazendo, mas já que você quis assim, então assim será!

Após uma breve pausa para tomar fôlego, dona Naná continuou:

– De hoje em diante, você não vai apenas comer, beber e dormir: terá que trabalhar, pois eu sempre trabalhei e não morri! E se você acha que vai continuar a mandar aqui está muito enganada! Tenho direitos iguais aos seus. Agora tome a vassoura e limpe esse quarto, pois mandarei tirar essa porta ainda hoje. E não vou mandar colocar outra, pois assim fica mais fácil lhe dar umas bofetadas quando for necessário!

Isabel calou-se diante da fúria da madrasta, que estava transfigurada pela raiva. Apenas levantou-se da cama, pegou a vassoura e foi varrer o corredor.

Dona Naná foi a seu quarto para trocar de roupa, passar água oxigenada na orelha ferida e pentear-se. Pôs-se a pensar onde conseguira tanta coragem para enfrentar aquela menina caprichosa e má.

Até aquele dia, Isabel não havia feito nada em casa, mas depois de conhecer a ira da madrasta, passou a obedecer e a limpar a casa, fazer almoço, lavar a louça e as roupas, enquanto dona Naná ficava todo o tempo na venda.

Com o acontecimento, Isabel, que já não aguentava mais aquela situação, passou a tratar Manoel melhor, fingindo que o amava somente para ele não desistir do casamento.

Manoel, sem saber o porquê da drástica mudança da moça, passou a acreditar que finalmente ela estava apaixonada por ele; e certa noite, em que estavam no portão, disse:

– Isabel, eu te amo! E já não aguento mais a vontade de tê-la comigo. Gostaria muito que confiasse em mim, e me provasse seu amor!

– O que está querendo dizer com isso, Manoel?

– Eu estou dizendo que preciso de uma prova de amor… Será que você vai me negar? Veja bem, vamos nos casar, e que diferença isso faz? Sendo que em alguns dias finalmente você será minha esposa?

Isabel assustou-se com o pedido do rapaz, e, tentando ganhar tempo, disse:

– Manoel, sou pura, e gostaria de chegar assim ao altar!

– Que diferença faz você ser pura ou não? Acaso não serei seu marido? A sua pureza será minha de qualquer maneira.

– Não! Eu não vou fazer o que me pede!

– Bem, já que é assim, nosso compromisso termina aqui! – disse Manoel decidido; afinal, estava precisando muito de Isabel, pois desde que se deitara com Rosália, nunca mais havia se deitado com ninguém.

– Está bem! Vamos sair daqui! Já que é isso que você quer para se casar comigo, vamos, faça logo o que tem vontade de fazer!

Manoel, pegando a mão da moça, levou-a a uma construção, e procurando ser gentil, fez amor com Isabel, entregando-se a seus sentimentos.

Mas a moça estava fria como estátua de mármore, algo que o rapaz pouco percebeu, diante de sua sede de amor. Foi somente depois de terminar que percebeu o quanto a moça estava abatida.

Manoel, sentindo-se desconcertado, pegou nas mãos de Isabel e carinhosamente disse:

– Meu amor, para mim nós nos casamos hoje! E saiba que sou o homem mais feliz da face da Terra.

Isabel, sentindo nojo de Manoel, nada disse, e quando o rapaz procurou seus lábios para beijar, ela bruscamente virou o rosto. Manoel achou que foi porque talvez ela estivesse com o corpo dolorido; por isso, logo a levou para casa, e despediu-se da moça no portão. Ela entrou e nem sequer se deu ao trabalho de olhar para trás.

Naquele momento, Manoel percebeu a besteira que havia feito, pois mesmo que quisesse voltar atrás agora já não poderia, pois ele, como pensara, havia ficado com a pureza da moça.

Assim, o rapaz rodopiou lentamente nos calcanhares e, voltando-se para a rua, começou a caminhar e a se lembrar da noite que tivera com Isabel em todos os detalhes.

Ao chegar a casa, o rapaz tomou um banho, dizendo estar com calor, e foi para seu quarto sem procurar nem mesmo conversar com a mãe.

Uma vez deitado em sua cama, finalmente ele percebeu o quanto Isabel havia sido fria para com ele, ao contrário de Rosália, que vibrava em seus braços enquanto ele a amava.

Manoel deixou cair uma lágrima no canto do olho, e, em seguida, chorou copiosamente, como fazia quando era criança.

10

Terríveis visões

Isabel entrou em casa e logo se deparou com a madrasta, que estava vendo TV; como de costume, nada disse a Naná, e se dirigiu a seu quarto. Então, pegou um pijama e foi para o banheiro.

Ela pensava:

"Que nojo! Olha o que esse animal fez comigo! Não devia ter cedido às chantagens dele; se ele não quisesse se casar comigo, que diferença faria? Sou bonita e posso conseguir o homem que quiser."

E assim, a moça tomou um longo banho, como a tirar o cheiro de Manoel que ainda estava em seu corpo.

Depois do banho, finalmente Isabel foi para seu quarto, e puxando a cortina que estava no lugar da porta que dona Naná quebrara, ela deitou-se e passou a pensar:

– Se eu me casar com Manoel, sempre terei de fazer isso para satisfazê-lo. Ah, não sei se tenho estômago para tanto!

Procurando não pensar mais nisso, a moça enfim adormeceu, mas seu sono foi agitado, intranquilo.

Isabel enfim sonhou…

Sonhou que estava andando por entre frondosas árvores, e seu coração palpitava de desejo, quando um rapaz se aproximou, enlaçando-a pela cintura, puxou-a contra si e disse:

– Carmem, agora você será minha!

– Isso é o que eu mais quero, meu amor…

E o rapaz a fez deitar-se sobre a relva, e a amou, e o corpo dela vibrava de desejo.

Foi quando um homem alto apareceu a cavalo, e, gritando impropérios, trouxe-os de volta do sonho de amor.

– Hernandez, o que faz aqui?

– Ora, mulher adúltera! Ainda pergunta! Você é profana e não vai continuar a profanar meu nome e meu lar! Olha o que farei com seu amante!

Então, sacando de um rifle, apontou para o jovem que estava com ela e atirou, acertando diretamente seu coração.

O rapaz caiu ali mesmo, em completo desalinho, seminu.

Hernandez, sem se dar conta do sofrimento da mulher, pegou o corpo do rapaz e o colocou do jeito que estava sobre seu cavalo, levando-o à cidade, para que todos vissem por que atirara no rapaz.

Quanto à mulher, ele pegou a corda que estava presa à cela do cavalo, amarrou as mãos dela e começou a puxar, como se ela fosse um animal qualquer.

Enquanto o cavalo trotava, ele gritava a plenos pulmões:

– Vadia! Você é uma profana que jamais mereceu o meu amor e o conforto de um lar; seu lugar era num meretrício qualquer! Eu a abomino!

E assim, ao chegar ao pequeno vilarejo, todos viram quando ele se aproximou da casa do tenente e, jogando o corpo seminu do rapaz ao chão, começou a gritar para que o tenente saísse para ver o espetáculo de horror que se formava a sua frente, chamando a atenção de todos que moravam no pequeno vilarejo de San Sebastian.

Em poucos minutos, uma pequena multidão de pessoas reuniu-se ao redor do rapaz que estava caído; uns assistindo ao triste espetáculo e outros tecendo comentários sobre o que estava diante de seus olhos, permaneciam à espera do tenente, que demorava a sair do interior de sua casa.

Logo, um homem gordo, com fartos bigodes, abriu a porta, e se assustou ao ver a cena; e com a voz pastosa de quem estava descansando, gritou para a mulher:

– Sofia, traga um lençol! Precisamos cobrir as vergonhas desse ordinário!

Assim que ele colocou a mão no rapaz, logo percebeu que seu corpo já estava sem vida, e depois de cobri-lo, mandou que chamassem seu pai, para tirar o traidor da frente de sua casa, como se esse fosse o pior dos animais.

Logo mandou que Hernandez entrasse; ele puxava Carmem pelos cabelos para o interior da casa. Ela nada dizia, apenas chorava.

Quando os três entraram, o tenente começou a interpelar a moça, dizendo:

– Você se deitou com esse homem, como diz seu marido?

A mulher, envergonhada, abaixou a cabeça e apenas fez um movimento para cima e para baixo, indicando que havia estado com ele.

O tenente, olhando para Hernandez, finalmente perguntou:

– O que pretende fazer com ela? Vai matá-la também? Se essa é sua intenção, saiba que teria de ter feito antes, pois agora compete a mim proteger sua vida!

– Não, tenente! Eu não vou matá-la… O castigo dela será viver… Viver e encarar todos os que presenciaram essa cena terrível.

– Mas vai abandoná-la, por certo!

– De maneira alguma! – respondeu Hernandez sorrindo. – Ela voltará para casa comigo. Agora saberá o que é ter um tirano em casa! Fui bom marido, bom provedor, e essa messalina não me deu valor; agora, terá de sentir na pele o peso de seu erro.

– Está bem. Você sabe que o estado está a seu favor, pois matou para lavar sua honra; então, não vou mandar prendê-lo, mas terá de prestar contas por escrito de tudo que aconteceu.

Carmem sentiu medo de Hernandez, mas nada contava a seu favor. Ela, que sofria pela falta do amante, sofria também pela dor da humilhação.

Assim, Hernandez usou de toda violência para puxá-la para fora, e o tenente ficou observando a brutalidade daquele homem que sempre fora considerado cordato e bondoso.

Ao saírem porta afora, viram que as pessoas ainda estavam na porta do tenente, enquanto os irmãos de Pablo, o moço morto, apanhavam os restos mortais.

Um deles começou a gritar:

– Sabemos que nosso irmão errou quando tomou sua esposa, mas será que não merecia pelo menos ter protegido suas vergonhas?

– Não! Seu irmão é um cão e morreu como tal! As suas vergonhas, que me desonraram, deviam ser cortadas e jogadas aos porcos, pois somente uma porca como esta para deitar-se com um homem imundo!

Os irmãos de Pablo não podiam revidar a ofensa, porque seu irmão estava totalmente errado, mas olharam para Carmem com desprezo.

Ao chegarem a casa, Hernandez puxou a mulher para dentro, e, rasgando suas vestes, disse:

– Vadia! Você jogou meu nome na lama e agora vai pagar por isso!

Pegando Carmem pelo braço, puxou-a até uma tina d'água, e ordenou que ela entrasse, ao que ela obedeceu prontamente.

Uma vez dentro da tina, ele começou a esfregá-la com um pedaço de pedra que se usava para lavar os calcanhares.

Ele esfregava com tanta força que a pedra foi ferindo o corpo da mulher, que chorava mansamente.

Depois, com as costas, os seios e as coxas da mulher feridos pela pedra, ele a puxou, e antes mesmo que ela se secasse, ele arriou as calças e a possuiu como um animal.

A mulher chorava, pois era humilhada de todas as maneiras, e sua pele estava dilacerada pela pedra de lavar os pés.

Enquanto ele a possuía, batia em seu rosto de maneira violenta, de modo que só a deixou quando seus instintos animalescos foram todos satisfeitos.

Carmem, toda ferida, ficou jogada ao chão, nua, sem poder se levantar, enquanto via Hernandez se recompor dizendo impropérios.

Isabel acordou sentindo ainda o cheiro daquele homem invadir suas narinas. Deu um salto na cama, levantou-se e foi para a cozinha tomar água.

Seu corpo estava trêmulo, e sua garganta seca; viu, quando passou pela sala, sua madrasta cochilando com a TV ligada. Não querendo que ela acordasse, passou pé ante pé e, dirigindo-se à cozinha, pegou um copo, foi à torneira do filtro e encheu o copo com água, o qual sorveu de uma única vez.

Enquanto isso, Isabel pensava no sonho que tivera, e não esqueceu o rosto daquele homem, mas sabia que o conhecia de algum lugar.

Ao voltar ao quarto, olhou para a figura esguia de Naná, e sem saber por que, sentiu pena daquela pobre mulher, que mostrava ter mais idade do que realmente tinha.

Voltou a deitar-se e, sem conseguir conciliar o sono, pensou em tudo o que havia acontecido naquele curto espaço de tempo; primeiro se lembrou de ter se deitado com Manoel, e sentiu um arrepio de horror a percorrer todo seu corpo, pelo qual passou a mão, como para afugentar os maus

pensamentos. Em seguida, começou a se lembrar do sonho que tivera e, novamente tentando afugentar os pensamentos, começou a pensar em Naná. Por que sentia por ela tanta raiva? Era inexplicável! A mulher sempre se mostrara cordata, paciente e prestativa, mas quanto mais ela fazia, mais Isabel sentia a raiva brotar em seu coração. Por quê?

Naquela noite, Isabel sentiu-se terrivelmente triste, e logo chegou à conclusão de que nunca fora feliz, exceto enquanto a mãe ainda vivia.

Encolhendo-se na cama, começou a chorar copiosamente, até que, vencida pelo cansaço, adormeceu; mas desta vez seu sono foi tranquilo e sem sonhos.

Manoel acordou mais cedo do que de costume, pois precisava urgentemente falar com a mãe, já que não conseguia esconder nada de sua progenitora. Pulou da cama, tomou um banho, trocou-se e encontrou a mãe ainda preparando o café para a família.

Dona Isaltina, ao ver o filho, disse sorrindo:

– O que houve, meu filho? Molhou a cama?

– Ora, mamãe, deixe de brincadeiras… Levantei-me mais cedo somente para falar com a senhora.

Dona Isaltina, sentindo que algo grave havia acontecido, repousou a leiteira sobre a mesa, e fitando o filho com seriedade, disse:

– Meu filho, conheço-o de outros carnavais; algo o está incomodando.

– De fato, mãe – disse Manoel sem jeito –, acho que fiz uma bobagem em não ouvir os teus conselhos. Ontem passei o dia todo a pensar em Isabel, e em uma maneira de fazer com que ela me amasse. Foi então que decidi que pediria a ela uma prova de amor, senão eu desistiria do casamento.

– O quê?! Meu filho, e o que aconteceu quando esteve com ela?

– Aconteceu aquilo que a senhora já sabe, mãe, nos amamos, mas ela nem parecia estar presente, e por um momento me pareceu que ela estava com nojo de mim.

– Meu filho, você jamais deveria ter pedido uma coisa dessas! O amor, querido, não acontece pelo relacionamento sexual. Entenda que sexo é a consequência de uma boa relação; quanto mais amor houver, mais prazeroso o ato será! Imagino quão penoso deve ter sido para ela.

Ao ouvir aquelas palavras, Manoel, olhando para a mãe, deixou que seu rosto ficasse banhado em lágrimas. Dona Isaltina, sentindo pena do filho, foi até ele e colocou-lhe a cabeça em seu ventre, dizendo:

– Meu filho, agora você deve casamento a essa moça. Isso nunca foi do meu agrado, mas já que aconteceu, vá até o fim, arque com as responsabilidades de seu ato.

Manoel chorou como um bebê, mas ao serenar um pouco mais os seus sentimentos, olhou para a mãe e disse:

– Eu não vou fugir a minha responsabilidade, mãe, mas fico a pensar que meu casamento com Isabel será sempre separado por um verdadeiro *iceberg*.

– Meu filho, você deu um mau passo, e agora já não tem como voltar atrás. Case com essa moça e poderá sempre contar com meu apoio. Lembre-se, meu filho, sua vida não será fácil, mas agora terá que pagar pelo erro cometido. Se nada tivesse acontecido, você poderia ter terminado com esse casamento até mesmo no altar; mas aconteceu, e você se portará como um homem, pois foi para isso que o eduquei. Não ouviu meus conselhos, mas agora de que adianta discutirmos sobre isso? O importante é que se case e que procure viver bem, mas vou lhe avisando que não será nada fácil. Bem, mas foi você quem quis assim. Só peço que não conte nada a seu pai, ele não entenderá e viverá o atormentando.

Manoel, com lágrimas nos olhos, sentiu a veracidade das palavras da mãe, e com isso sabia que havia pegado uma estrada sem volta. Levantou-se e abraçou a mãe em busca de afeto, pois nunca em toda sua vida sentira-se tão sozinho.

Isaltina chorou abraçada ao filho, e passando a mão nas costas dele, sentia seu coração despedaçar-se, pois sabia que aquele ato traria consequências para o resto da vida do rapaz.

Depois de se acalmarem, dona Isaltina finalmente disse:

– Meu filho, tome café, pois o leite já está esfriando.

– Desculpe, mamãe, mas estou sem fome. Vou pegar a minha carteira e vou trabalhar.

Dona Isaltina sabia o que ia no coração do filho; medo, incerteza, tristeza por não ser amado… e nesse instante, não deixou de sentir uma grande pena do rapaz, que havia se perdido em seus sentimentos.

Manoel saiu e dona Isaltina ficou a chorar baixinho na cozinha, pedindo que Deus iluminasse o caminho daquele que se mostrou totalmente

inexperiente diante da vida.

No dia seguinte, dona Naná arrumava garrafas vazias de refrigerante embaixo da pia, quando Isabel entrou.

A moça olhou para aquela mulher de cócoras, e novamente sentiu pena dela, e pensou:

"O que estará acontecendo comigo? Por que sinto tanta pena dessa infeliz? Será que está na hora de tentar fazer amizade com ela?"

Com esses pensamentos, Isabel olhou para a mulher, que permanecia na mesma posição, e dirigiu-lhe pela primeira vez a palavra, dizendo:

– O café está pronto?

Dona Naná, que até então nunca tivera um minuto de conversa tranquila com a moça, não acreditando no ocorrido, virou-se para trás, fitou a moça e respondeu:

– Tem, sim. Já fiz o café. Está no bule. Coloque para esquentar, por favor. Ah! Eu fiz umas roscas também, estão no forno.

Isabel, olhando para a mulher, sentiu seu coração tremer e, envergonhada, disse:

– Obrigada, Naná.

– Não tem de que, Isabel – respondeu a mulher educadamente.

Isabel pegou o café, colocou na chapa do fogão; pegou as roscas e logo as colocou na lata com tampa.

Naná, percebendo que a moça estava mais mansa, aproveitou para puxar assunto.

– Isabel! Estou colocando essas garrafas de refrigerante aqui, porque se deixar lá fora vai sujar, e você sabe como são os entregadores de refrigerantes, ficam pedindo para lavar os vasilhames.

– Sim! Fez bem, Naná.

Naná levantou-se devagar e, fitando a moça, sentiu uma onda de calor invadir-lhe o peito. Com suavidade na voz, disse:

– Vejo que está abatida, Isabel; acaso está doente?

– Não, Naná; estou bem, só não dormi direito essa noite. Tive sonhos estranhos, que pareciam ser reais, e depois tive insônia.

– Se tiver vontade de falar, minha filha, saiba que estou aqui para lhe escutar.

Isabel olhou para Naná como se a visse pela primeira vez, e por um momento sentiu vergonha por tudo que já havia feito àquela pobre mulher.

Suas emoções estavam perturbadas, de modo que não sentiu vontade de voltar à velha postura de ataque, pois se sentia cansada de nadar contra a maré. Com brandura na voz, disse:

– Essa noite tive um sonho…

E logo ela contou todo o sonho para a madrasta, que, sentada a sua frente, prestou muita atenção, e logo passou a tecer comentários.

– Filha, eu converso muito com dona Marta, e ela me explicou coisas que me deixaram estupefata; uma delas é a lei da reencarnação.

– Reencarnação?!

– Sim, minha filha. Segundo as explicações que tenho recebido, reencarnação é um fato, ou seja, quando morremos, abandonamos o nosso corpo físico que será deposto na terra, e irá se transformar; quanto a nosso espírito, ele volta para o lugar de origem, ou seja, o mundo espiritual, e quando o espírito sente novamente a necessidade de maior aprendizado, retorna à Terra, num corpo diferente.

– Desculpe, Naná, mas não acredito nisso; isso seria uma verdadeira aberração, ficarmos indo e vindo a todo o momento.

– Mas, minha filha, como explicar o sonho que teve, tão real a ponto de você sentir a dor da humilhação, do vexame, do abuso sexual, se você não tivesse passado por isso um dia?

– Naná, se eu tivesse vivido outra vida antes, eu iria me lembrar, e a única coisa de que me lembro são as que me aconteceram como Isabel. Não tenho lembrança de vida alguma.

– Minha filha, o véu do esquecimento serve para que cada espírito reencarnado na Terra possa recomeçar. Já imaginou se você se lembrasse de uma de suas vidas, e soubesse que foi uma assassina? Você não teria paz, sempre estaria em sua mente o rogo das pessoas assassinadas, o medo que essas pessoas passaram, e até mesmo os gritos ao serem atingidas. Como alguém pode recomeçar algo tendo em sua mente uma mancha do passado? Deus, em sua infinita bondade e misericórdia, proporcionou o esquecimento para que cada um de nós pudesse recomeçar e tentar não incorrer em

determinados erros. É para isso que serve a reencarnação, para que o espírito possa aprender e evoluir.

Isabel ficou pensativa por alguns segundos, e perguntou:

– Mas se essa tal lei da reencarnação realmente existe, onde estará minha mãe? Será que ela já reencarnou?

– Isabel, as coisas não são tão simples assim. Todo espírito, antes de retornar à Terra, precisa de uma boa preparação, e isso leva tempo; talvez sua mãe esteja aprendendo no plano onde está, e no momento apropriado, retornará. Como dona Marta sempre me diz, no plano espiritual o espírito tem aulas teóricas, mas no plano terrestre é que ele vai ter as aulas práticas, ocasião na qual poderá usar tudo aquilo que aprendeu.

– Mas como saber o que aprendeu, sendo que nem mesmo se lembra da outra vida como espírito?

– É aí que entra a intuição. Uma pessoa pode ter sido assassina em outra vida e ter se arrependido; quando ela tem a chance de reencarnar, traz em sua bagagem que o assassinato é algo abominável, e certamente não o cometerá.

– Interessante e lógico, porém um tanto inverossímil.

– Sei que é difícil acreditar, mas apenas quando passamos por determinadas coisas é que vemos que tudo realmente é lógico, claro e verossímil.

– Talvez… talvez… – comentou Isabel, meneando a cabeça de um lado a outro.

Dona Naná estava feliz, pois esta era a primeira vez que conversava com Isabel. Chegou à conclusão de que a menina não era má, mas desorientada.

– Naná?

– Diga, minha filha.

– Você disse que contaria pra todo mundo a minha discussão com papai na noite de sua morte; faria mesmo isso?

– Não, minha filha. Todos nós, num momento de raiva, dizemos palavras irrefletidas. Ademais, por que faria isso se você não teve culpa nenhuma no que aconteceu?

Isabel fitou Naná seriamente e deixou cair uma lágrima. Com sofreguidão, disse:

– Tenho sim, Naná! Se eu não tivesse sido tão dura com meu pai, ele não teria morrido.

– Não seja tão rigorosa consigo mesma, minha filha. Saiba que aquele foi o momento em que seu pai iria desencarnar de qualquer maneira, quer você discutisse com ele, quer não.

– Você acredita mesmo nisso, Naná?

– Claro, Isabel! Saiba que não cai uma folha de uma árvore se Deus não permitir, e se isso aconteceu foi com a prévia permissão de Deus; além do mais, aquela discussão foi apenas uma desculpa para que seu pai passasse mal e viesse a desencarnar. Acredito sim que se você não tivesse discutido com ele naquele dia ele sofreria aquele enfarto, e o desfecho seria o mesmo. Dona Marta me explicou que todos nós, quando viemos à orbe terrestre, já tínhamos um tempo definido, ou seja, o momento certo de ingressarmos na Terra e o momento certo de partirmos dela. Eu vivi com seu pai o tempo exato que tínhamos que viver, pois nada acontece por acaso. Veja bem: se seu pai não tivesse se casado comigo, hoje você talvez estivesse ou na casa de um parente qualquer, ou estivesse aqui sozinha; portanto, não se culpe mais por isso, porque você não teve culpa nenhuma.

Isabel, que até aquele momento se mantinha atenta às alusões de Naná, não pôde conter as lágrimas, e com suavidade na voz simplesmente disse:

– Por que eu tive que implicar tanto com você, Naná? Se eu não fosse tão caprichosa, hoje não estaria aqui, com a consciência pesada, por ter discutido com meu pai na noite de sua morte. Ah, se o tempo voltasse atrás, juro que faria tudo diferente.

– Minha filha, não fique a se recriminar pelo que já passou, o importante é que você aprendeu uma boa lição.

– Que lição que aprendi, Naná?

– A de não julgar um livro pela capa! Ou melhor, de não tirar conclusões precipitadas sobre as pessoas sem conhecê-las.

– Essa lição eu aprendi! A duras penas, mas aprendi!

– Espero, filha, que de hoje em diante nós possamos viver melhor dentro dessa casa, pois a paz é algo que não encontramos em lojas ou em mercearias para comprar; é algo que temos de aprender a conquistar, mediante nossas ações e pensamentos. Portanto, eu levanto para você a bandeira da paz, você aceita? – brincou a boa mulher.

Isabel, sorrindo, estendeu a mão a dona Naná, que apertou com satisfação.

Foi então que dona Naná levantou e, pegando uma xícara, o bule de café e a leiteira, colocou a mesa para que a moça fizesse seu desjejum.

Isabel ficou observando aquela mulher e disse para si mesma:

"Se eu não fosse tão implicante, papai, Naná e eu poderíamos ter sido felizes."

A boa mulher pegou as roscas que havia feito no dia anterior. Colando-se à mesa, Isabel lhe disse:

– Naná, de hoje em diante gostaria de tê-la como minha mãe, e poder contar com você sempre que necessário.

– Minha filha, esse foi meu sonho desde o primeiro dia em que coloquei meus pés nessa casa.

Naná, como boa observadora, percebeu que algo perturbava a moça, e com sutileza disse:

– Querida, percebo em teu olhar que algo está acontecendo, pois você me parece aflita.

Isabel, baixando os olhos, sentiu quando seu rosto se contraiu num espasmo de sofrimento, e tentando disfarçar, apenas resmungou:

– É impressão sua, Naná, estou bem!

– Minha filha, já tive a sua idade, e posso saber quando uma mocinha como você está com problemas, mas se você prefere não comentar, tudo bem. Mas saiba que se um dia tiver vontade de falar, estarei aqui para ouvi-la.

Isabel, sentindo que podia confiar na boa mulher, finalmente disse:

– Naná, quando comecei a namorar Manoel, eu só o fiz para pirracear meu pai, por ter se casado com você; mas tudo que fiz vê que está se voltando contra mim mesma.

– Você não o ama, não é mesmo? – perguntou Naná, olhando nos olhos da menina.

– Realmente eu nunca amei Manoel. Sei que ele é um bom rapaz, trabalhador, esforçado, bonito… Todas as vezes que estamos na sorveteria aos sábados, as moças ficam olhando para ele. Mas o problema é que eu não gosto dele. Às vezes, conversando com ele, olho para os seus olhos e sinto um asco inexplicável! Não gosto quando ele me toca, não gosto quando diz que me ama, me dá certo mal-estar quando o vejo comendo um lanche que seja, me causa repulsa; essa é a verdade, eu sinto repulsa por Manoel.

– Mas minha filha, se as coisas estão assim, por que insiste em se casar com ele? Termine esse namoro enquanto pode! Depois que se casa tudo fica mais difícil, sem contar que caso se separe depois, enfrentará aquele velho preconceito contra mulheres desquitadas. Portanto, não fique nem mais um dia ao lado desse rapaz, pois você estará cavando sofrimento para si e para ele. Já imaginou como ele não deve se sentir com sua indiferença? Ouça-me! Ainda é tempo, desista dessa loucura, minha filha! Não há nada que a prenda a ele. Se quer ser feliz, ouça o que estou lhe falando.

– Naná, eu bem que gostaria de terminar com esse namoro hoje mesmo, mas infelizmente as coisas já foram longe demais e agora sinto que não tenho como voltar atrás.

Naná coçou a cabeça, como a adivinhar o que estava acontecendo, e com mansidão disse:

– Deitou-se com ele, não é?

Isabel, chorando, colocou a cabeça sobre os braços deitados à mesa, e ficou assim durante alguns segundos; e depois, levantando a cabeça, apenas assentiu.

– Minha filha, não importa se você se deitou com ele, não é por causa da virgindade que uma mulher tem de se condenar a ser infeliz para o resto da vida. Desista, querida, e quando encontrar um homem que realmente ame, poderá contar-lhe, e ele compreenderá o que houve.

– Ah, Naná, por que eu não tive essa conversa com você antes? Juro que se eu não tivesse cedido isso não estaria acontecendo.

– Não fique a se lamentar, minha filha, se você agiu dessa maneira é porque não sabia agir diferente; portanto, o que passou, passou. O importante é o hoje; e do ontem nós devemos apenas nos lembrar das lições aprendidas. A vida nos dá lições todos os dias; agora, se somos bons aprendizes, isso é conosco.

– Naná, meu pai tinha razão sobre você! É uma mulher boa e generosa, e lhe prometo que de hoje em diante nossa vida nessa casa vai mudar.

– Que bom, minha filha. Que bom… – balbuciou Naná, acreditando piamente nas palavras da moça.

– Então, minha filha, vai terminar esse namoro hoje! O que me diz?

– Não sei, Naná, agora os papéis do casamento já estão em andamento, já perdi minha virgindade com ele… Acho que o melhor que tenho a fazer é continuar aturando Manoel junto a mim até quando Deus quiser.

– Bem, seja qual for a sua decisão, saiba que estarei a seu lado, para lhe ajudar no que for necessário! Minha filha, não estou no lugar da sua mãe, pois de mãe ninguém toma o lugar, mas posso tomar o lugar da madrinha?

Isabel, sorrindo, pousou a mão no braço da mulher e com sinceridade disse:

– Naná, me perdoe por tudo que fiz a você! Errei, a bem da verdade, mas estou disposta a reparar o mal que lhe fiz.

– Querida, você não me causou mal algum. Saiba que eu sempre quis ter uma filha, e infelizmente não tive; mas Deus foi tão bom comigo que me deu uma afilhada! – E, sorrindo, pousou a mão também na mão da moça.

O que elas não viram foi que a um canto da cozinha estava um ser iluminado, com detalhes femininos, sorrindo por saber que daquele dia em diante a vida daquelas criaturas seria mais tranquila.

11

A pureza na boca dos hipócritas

A partir daquele dia, a vida de Isabel e Naná mudou radicalmente. Elas faziam todos os trabalhos domésticos juntas, e quando Naná ia à venda, Isabel ficava a inventar pratos na cozinha, fazendo bolos, bolinhos, salgadinhos e sempre levando para Naná experimentar.

Naná estava feliz, pois jamais imaginou que Isabel pudesse ser tão dócil.

Manoel percebeu a mudança de Isabel em relação a Naná, e ficou feliz, pois, a bem da verdade, ele sempre vira com bons olhos a mulher, mas não se aproximava somente para não chatear a namorada.

Aos domingos, Manoel almoçava com as duas, e ficava a tarde inteira com Isabel.

Naná sempre pedia à moça que não deixasse mais acontecer nenhuma aproximação entre ela e Manoel, pois poderiam vir resultados desagradáveis.

Para Isabel, cumprir com o pedido da madrasta não foi nada difícil, embora Manoel, depois daquela vez, nunca mais tivesse se aproximado da namorada com segundas intenções.

E assim, logo os três estavam às voltas com os preparativos do casamento, e Naná, como uma mãe preocupada, ofereceu a casa para que morassem nos primeiros tempos de casados, o que Isabel aceitou prontamente, mesmo não consultando a vontade de Manoel, que não queria, mas também não se opôs à decisão de Isabel.

Sempre que podiam, iam à cidade vizinha, para comprar o restante do enxoval para Isabel, e os móveis do quarto.

Naná ofereceu seu quarto ao casal, pois, segundo ela, aquele quarto era apropriado a eles: era maior, e as janelas davam para os fundos da casa.

Os dias passaram depressa. Manoel estava feliz, pois desde que Isabel e Naná travaram amizade, a moça era outra, sempre estava rindo e o tratava com mais atenção.

Logo, chegou o dia do casamento. Isabel estava nervosa, e logo pela manhã, estava sentada diante de Naná na mesa da cozinha, quando disse:

– Naná, sei que vou me arrepender por estar tomando esse passo, mas não tenho escolha; mas quero saber de você… Se algo não der certo e se precisar me separar, posso voltar para casa?

– Claro, minha filha! Que pergunta! Saiba que você é tão dona dessa casa quanto eu, portanto, se algo não der certo, volte para casa, aqui é seu lugar e sempre será. Eu vou adorar tê-la aqui, você é a filha que eu não tive.

Pela primeira vez, Isabel se levantou e, indo na direção da mulher que ainda continuava sentada, abraçou-a, envolvendo sua cabeça, e disse com lágrimas nos olhos:

– Naná, meu pai sempre foi um homem maravilhoso, pois ele me deu não uma madrasta, mas uma mãe!

Naná, pega de surpresa, não conseguiu conter as lágrimas, e levantando-se, abraçou a moça, e beijando a fronte da menina, disse:

– Minha filha, realmente teu pai é um ser maravilhoso, pois me deu uma filha maravilhosa, você.

E ficaram abraçadas na cozinha por um tempo, e assim que serenaram as emoções, Isabel disse que teria de ir ao salão de Lisa, a cabeleireira, para começar a se arrumar, pois o casamento estava marcado para as dez e meia, no cartório da cidade.

Foi feito tudo como Isabel quis, sem festas e sem convidados; apenas os parentes próximos foram convidados. Os irmãos de seu José compareceram ao evento, inclusive Neuza, que não gostava da sobrinha, por achar que ela havia sido a culpada pela morte do irmão.

Para comemorar o casamento, houve apenas um almoço feito por Naná, para os padrinhos e parentes, nada mais.

E assim, o jovem Manoel, com apenas dezenove anos, desposava Isabel, com dezessete.

O casamento do jovem casal foi algo muito simples, e a madrasta da moça não deixou de chorar quando viu os noivos tirando foto com a certidão na mão.

Dona Isaltina sentia seu coração oprimido todo o tempo, pois sabia que o filho não fizera uma boa escolha ao casar-se com Isabel.

Durante o almoço de comemoração, Manoel estava radiante, pois ele conseguira casar-se com a mulher que julgava amar; porém, o mesmo não acontecia com Isabel, que estava calada todo o tempo, de modo que os presentes logo perceberam a falta de interesse da moça.

Dona Naná estava triste ao ver Isabel daquela maneira, mas foi ela que julgou ser mais importante sua virgindade do que sua felicidade, e preferiu se casar com um homem sem amor a viver sem a tão chamada pureza, que ainda permanecia na boca dos hipócritas.

O almoço foi tranquilo, e já passava das seis horas da tarde, quando dona Naná terminou de lavar a louça do almoço junto com dona Isaltina.

Isabel, alegando dor de cabeça, deitou-se logo depois do almoço, enquanto Manoel conversava animadamente com os tios da moça.

À noite, Manoel entrou em seu quarto e encontrou Isabel dormindo, e com suavidade na voz disse:

– Acorda, dorminhoca! Estou aqui… Isabel, eu a amo, minha menina, e lhe juro que lhe farei a pessoa mais feliz da face da Terra.

Isabel nesse momento acordou, mas fingiu que dormia, de modo que somente depois se lembrou que tinha obrigações a cumprir; assim, fingiu estar acordando.

– Que horas são?

– São onze horas da noite, você dormiu por mais de cinco horas, enquanto fiquei a fazer sala para teus tios.

– Ah, tirando o tio Ibrahim, os outros são todos uns chatos mesmo…

– Não fale assim, minha querida, eles são seus parentes e estão nos lugares de teus pais.

– Não, Manoel, quem eu tenho como mãe é apenas Naná.

– Mas você nunca gostou dela, o que houve que a fez mudar de ideia?

Isabel olhou para Manoel, e depois para um ponto indefinido do quarto, e disse como para si mesma:

– Ah, se eu tivesse me dado a chance de conhecer Naná antes… Muitas coisas não teriam acontecido. Ela se mostrou ser a única pessoa que realmente gosta de mim do jeito que sou.

– Ah, minha querida, não diga isso… Ela não é a única que gosta de você: eu também gosto, porque a amo, e você é a mulher da minha vida.

E ao dizer essas palavras, Manoel procurou os lábios de Isabel, que permitiu ser beijada por ele, afinal aquela era a primeira noite que passavam juntos.

Manoel, num rompante de paixão, a tomou nos braços, e a amou de uma maneira calma e branda.

No início, Isabel não estava gostando, mas depois esqueceu de tudo e se entregou aos carinhos do marido.

Manoel, depois de serenar os sentimentos, colocou a cabeça de Isabel em seu peito e, feliz, disse:

– Isabel, tu és a mulher mais amada da face da Terra, e saiba que serei teu escravo para o resto de meus dias.

Com isso, Isabel voltou ao seu mutismo habitual, retirando a cabeça do peito do marido; finalmente, em tom áspero, falou:

– Nunca mais diga isso! Odeio pensar em escravidão, saiba que é um homem livre, e jamais será meu escravo.

– Meu amor, não precisa ficar nervosa, essa foi uma maneira de dizer-te o quanto te amo.

– Não preciso de declarações de amor; aliás, você fez isso durante todo o tempo de namoro, tanto que me chegou a enjoar.

– Isabel, você não consegue gostar de mim, não é verdade?

– Não é nada disso, Manoel… estou cansada, afinal hoje foi um dia cansativo para todos nós, e estou com sono.

– Mas minha querida, hoje foi o dia de nosso casamento, por sinal o dia mais feliz da minha vida.

– Está bem, Manoel… vamos dormir, porque me sinto muito cansada.

Manoel, naquele momento, sentiu-se um homem frustrado em suas aspirações, e voltando para o lado, não conseguiu esconder as lágrimas.

Isabel procurou não se mover muito na cama, ao fingir que estava em sono profundo, mas ficou prestando atenção aos movimentos de Manoel.

Como estava deitada e sua cabeça recostada sobre a mão em que estava a aliança, ficou a olhar e se arrependeu profundamente por ter se casado.

Manoel demorou a dormir, mas, vencido pelo cansaço, logo adormeceu, e seu sono foi intranquilo, fazendo com que ele se mexesse muitas vezes no leito.

Assim que Isabel percebeu que realmente ele estava dormindo, levantou-se e foi à cozinha, e como a casa estava deserta, resolveu pegar um copo

d’água e sentou-se na cozinha; ficou a pensar no mal que fizera a ela e a Manoel.

Chorou baixinho. Embora tenha sentido prazer em estar com o marido, algo lhe faltava, e talvez fosse aquele amor tão sonhado pelas moças de sua idade.

E com esses pensamentos, imaginou quanto tempo aguentaria viver uma mentira que ela mesma causara; pensou no marido e em como ele era bonito e carinhoso, de seu olhar apaixonado, e dos presentes que ele comprava todos os meses a ela.

E pensando nisso, passou a chorar ainda mais, indo aos soluços sentidos pelo mau passo que tomara.

Manoel, assim que se virou na cama, logo percebeu que a esposa não estava ao lado; levantou-se, foi andando pé ante pé, e encontrou-a sentada na cozinha já mais calma, mas sua fisionomia estava completamente abatida pelas lágrimas.

Ele, ao chegar, perguntou:

– Amor, o que faz aí sozinha a uma hora dessas?

– Eu estava aqui a pensar em tudo, Manoel, em minha mãe, meu pai, no nosso namoro e agora em nosso casamento.

– Bem, minha querida; sei que gostaria que eles estivessem aqui, mas infelizmente isso não foi possível. Mas saiba que onde eles estiverem estão felizes por você ter se casado, e a única coisa que desejam é que seja feliz.

Isabel, sentindo raiva de Manoel, foi logo dizendo com rispidez:

– O que está dizendo? Como poderei ser feliz se já estou arrependida do passo que acabei de dar?

– O quê? Você se arrependeu de ter se casado comigo?

– Sim, Manoel! Percebo que todos os meus sonhos se acabaram com esse casamento.

– Mas que sonhos? Você nunca me disse nada a respeito.

– O sonho de um dia ser professora, lecionar, ajudar as crianças a aprenderem a ler e a escrever.

– Mas, meu amor, quem foi que disse que não pode realizar esse sonho? Se quiser poderá voltar a estudar e se formar como professora primária.

– Para você, é tudo muito fácil, não é Manoel? Esqueceu que agora tenho responsabilidades de mulher casada? Talvez daqui uns dias eu já esteja grávida, e é aí que vou sentir ainda mais o erro que acabei de cometer.

– Mas você não me ama, Isabel? – perguntou Manoel com os olhos marejados.

– Para ser sincera, não! Eu nunca o amei, e talvez nunca venha a amar. Você não sabe como foi difícil para mim me entregar a você naquela noite, e hoje não foi diferente.

Manoel, não conseguindo conter as lágrimas, baixou a cabeça sobre a mesa e chorou copiosamente.

Isabel arrependeu-se por ter sido tão dura com o marido, pois ele sempre procurara adivinhar até mesmo seus pensamentos; mas ela não podia continuar a iludi-lo.

Sentindo a piedade aumentar, passou a mão nos cabelos de Manoel, que não levantou a cabeça e continuava a chorar debruçado sobre a mesa.

Depois de alguns minutos chorando, Manoel finalmente levantou a cabeça, com os olhos inchados de tanto chorar, e disse resoluto:

– Está bem, Isabel, você foi sincera comigo, mas por que não me disse tudo isso antes?

– Para quê? Eu já havia perdido a minha pureza com você; ademais, tínhamos responsabilidades a cumprir. E se tem um culpado para aquele acontecimento foi você, pois se lembre que eu não queria que aquilo tivesse acontecido, e você chantageou-me, dizendo que se eu não lhe desse a prova que queria não iria ter casamento.

– Mas se você não me amava, por que começou o namoro?

– Somente para afrontar meu pai, que havia se casado com Naná, que até então eu não queria para minha madrasta; somente por isso.

Manoel, olhando com firmeza para a moça, disse:

– De hoje em diante, eu nunca mais colocarei as mãos em você! Se para você é um suplício estar comigo, saiba que eu jamais farei qualquer coisa que a desagrade. Realmente esse casamento foi um erro, mas saiba que não vou forçar você a nada; sinceramente, sempre acreditei que um dia você viria a me amar, mas agora percebo que esse foi mais um dos enganos que cometi em minha vida, e quem sabe não seja o pior de todos. Você continuará a ser uma mulher livre, e se for do seu agrado, poderei ir embora amanhã mesmo para casa da minha mãe!

Isabel jamais imaginou que Manoel fosse um homem de brios, e assim tentou contemporizar:

– Eu não quis dizer isso, Manoel, mas estou com medo de nosso futuro. Espero que possa me compreender.

– Compreendo! Claro que compreendo que fui um otário facilmente usado por você, e mesmo que seja jovem já está com a vida inteiramente comprometida.

Isabel, chorando, disse ao marido:

– Manoel, por favor, não pense que está sendo fácil pra mim, mas sinceramente não quero ver meu casamento ser desfeito, pois o que as pessoas falarão de mim?

Manoel olhou com frieza para Isabel e em tom glacial disse:

– Você está preocupada com o que as pessoas falarão sobre você; mas em nenhum momento pensou em mim, e nos meus sentimentos.

Isabel então começou a chorar, e, pendurando-se no pescoço do marido, disse:

– Manoel! Peço que me perdoe! Não quero continuar essa discussão sem sentido; voltemos à cama.

Com isso, a moça voltou a sua postura inicial, e ficou a olhar sobre o xadrez da mesa, passando o dedo vez após vez nos quadrados verdes da mesa.

Manoel levantou-se, foi ao quarto, e, pegando um acolchoado que estava dentro do guarda-roupa, colocou no chão e deitou-se, sentindo-se humilhado por ser rejeitado na primeira noite de núpcias.

Isabel, quando chegou ao quarto e viu o marido deitado ao chão, tentou dissuadi-lo, pedindo para que ele voltasse à cama, mas ele se recusou tacitamente.

Depois da conversa que tivera com Isabel, Manoel ficou a pensar na bobagem que havia feito em insistir naquele casamento, e logo começou a pensar em como a mãe tinha razão quando demonstrava preocupação.

Lembrou-se de Rosália e em como ela vibrara em estar em seus braços naquela noite, e como havia sido duro com ela na manhã seguinte.

Sentindo o remorso corroer-lhe a consciência, Manoel decidiu naquela mesma noite que iria procurar Rosália para uma boa conversa, afinal lhe devia desculpas pelo que havia feito a ela naquela manhã.

O dia já estava amanhecendo, quando finalmente, vencido pelo cansaço, o rapaz conseguiu conciliar o sono, que dessa vez foi tranquilo.

No dia seguinte, Isabel acordou e encontrou o marido ainda deitado no mesmo lugar, dormindo tranquilamente, mas ao vê-lo deitado ainda com o peito nu, não conseguiu deixar de sentir pena daquele rapaz que a amava tanto, mas que não era correspondido.

Isabel levantou-se mansamente para não acordá-lo, arrumou-se e foi à cozinha.

Ao entrar na cozinha encontrou Naná, já preparando o café da manhã, e a mulher ao vê-la foi logo dizendo:

– Acho que tua noite não foi das melhores, não é, minha filha?

– Infelizmente não, Naná; acabei por contar toda a verdade a Manoel, e ele ficou muito magoado, e está a dormir no chão.

– Menina, por que fizeste isso? Não teve compaixão do pobre rapaz?

– Não, Naná! O que eu não podia era continuar fingindo que era a esposa mais feliz do mundo, sendo que eu não suporto ficar ao lado dele. Sei que a verdade dói, mas acho que ainda é o melhor caminho.

– Minha filha – disse Naná, preocupada –, você sabe muito bem que jamais deveria ter se casado com esse rapaz, mas agora ele está perante a lei dos homens, fadado a viver contigo até que a morte os separe, ou até que o primeiro desentendimento sério ocorra. Ele deve estar sofrendo demais.

– Tenho pena dele, Naná, mas tenho mais pena de mim!

Naná, acariciando o braço da moça, disse apenas:

– Bem, vejo que esse casamento não tem muito futuro; e tem mais, assim que quiser se desquitar dele, a tua casa continua sendo esta.

– Obrigada, Naná, você tem sido uma mãe para mim, e jamais esquecerei todo apoio que vem me dando.

Nesse momento, entrou na cozinha Neuza, com tom provocador:

– Olha a noivinha, já está de pé? Acho que se estivesse no teu lugar não me levantaria da cama hoje, ainda mais tendo um marido tão bonito quanto Manoel.

Isabel, observando a fisionomia da tia, apenas disse:

– Sim, minha querida tia, eu só vim aqui para levar o café na cama para ele. E tem mais… ele pode ser bonito, mas é meu marido!

– Nossa, você continua sendo o mesmo dragão de sempre, não é, Isabel? Vou sair de perto, senão as tuas chamas podem me queimar.

– Não, tia – disse Isabel –, o que vai lhe queimar é sua língua!

E a moça, ao dizer essas palavras, pegou pão que Naná havia feito na madrugada anterior, leite, café, manteiga e duas maçãs, colocou tudo numa bandeja e levou a Manoel, somente para mostrar aos parentes que estava feliz com o casamento.

Ao entrar no quarto, viu Manoel se vestindo, e friamente disse:

– Bom dia, Manoel.

O rapaz, com cara de poucos amigos, respondeu:

– Não sei o que você vê de bom num dia como esse, Isabel! Acho que este é o pior dia de toda minha vida.

– Chega de fazer cobranças, Manoel! Eu fui sincera com você; pior seria se o fizesse acreditar que você era amado por mim!

– Não quero mais voltar a esse assunto. Vou à casa de meus pais, e não sei se volto para o almoço.

– Você não pode fazer isso comigo, Manoel! O que direi a meus parentes, que estão dormindo por todos os cantos da casa?

– Bem, isso não é problema meu! Invente uma desculpa, afinal você é uma boa mentirosa!

Isabel, nesse momento, começou a chorar, e, levantando-se, foi ao encontro de Manoel; com mansidão na voz disse:

– Por favor, não faça isso comigo, Manoel, não me deixe no nosso primeiro dia de casados! Venha, me possua, serei tua quantas vezes quiser, mas não me faça passar por um vexame desses!

Manoel, vendo que as lágrimas vertiam dos olhos de Isabel, não conseguiu conter a paixão, e tomando-a nos braços, a amou intensamente, e foi correspondido por ela.

Manoel a amou, embora seu coração estivesse dilacerado pela verdade que a moça não escondeu; com isso, resolveu ficar somente para agradar a esposa.

E assim os dias foram passando, os parentes de Isabel voltaram ao Paraná e a casa voltou a seu ritmo normal.

Com o tempo, Isabel aprendeu a gostar das relações sexuais com Manoel, mas fora do quarto, a moça continuava como sempre, ou seja, fria e indiferente com o marido.

Manoel logo foi se acostumando a essa situação, e logo esqueceu da conversa que tivera na primeira noite de casado.

Para Manoel, tudo estava indo muito bem, afinal ele tinha Isabel quando desejasse, e sabia que ela sentia enorme prazer em estar com ele.

E assim o tempo foi passando, e as relações entre eles eram intensas. Isabel aprendeu a ser uma esposa ardorosa, e naqueles momentos ela esquecia que não o amava.

Manoel, por sua vez, pensava que a esposa não o amava, mas gostava de estar com ele, e para ele isso era o suficiente. Entusiasmado, procurava trabalhar com afinco, pois seu sonho ainda era ter sua casa.

Dona Naná fazia tudo o que estava a seu alcance para que o rapaz se sentisse à vontade, e com isso o moço inconscientemente foi se acomodando, mas vez por outra falava à esposa que precisava comprar logo um terreno e fazer sua casa.

Isabel sempre contestava, dizendo:

– Por que a pressa? Acaso não estamos bem aqui?

– Estamos, Isabel, mas você sabe que quem casa quer casa.

– Deixe de bobagens! Sinceramente moraria o resto da vida nessa casa.

Manoel não gostava do comodismo da esposa, mas sempre acabava por aceitar tudo que ela dizia.

E assim continuou o casamento, entre a frieza de Isabel perante outras pessoas e o ardor nos momentos íntimos.

12

A morte volta a rondar

Havia se passado um ano do casamento de Manoel e Isabel, quando Isabel foi ao médico devido à ausência de menstruação, e logo constatou que estava grávida.

Manoel ficou feliz em saber que seria pai, e assim, enchia Isabel de mimos, e todos os dias antes de sair, beijava a barriga da esposa e se despedia também do filho ainda por nascer.

Isabel aprendeu a gostar de Manoel, da sua maneira atenciosa, de seu carinho, mas sabia que jamais iria amá-lo.

Com o tempo, Isaltina passou a ver que o filho estava feliz, e passou a tolerar a nora, embora não sentisse por ela nenhuma simpatia.

Manoel aprendeu todo o trabalho de dr. Cavalcanti, e sempre trabalhava sozinho, pois o patrão abrira um outro escritório na cidade vizinha; e pouco ficava junto com Manoel, confiando todo o trabalho e o andamento do escritório a ele.

Assim, logo Manoel passou a ser o chefe geral do escritório, e seu salário aumentara; sem muito esforço, comprou um terreno, e começou a construir sua casa.

Isabel teve o primeiro filho, João Felipe, e este passou a ser o xodó de dona Naná, que se afeiçoara de coração ao menino. Isabel conversava livremente com Naná, e dizia sentir um carinho grande pelo marido, e o menino era o centro da atenção de todos na casa.

Isabel, embora gostasse do filho, nunca se mostrou uma mãe prestimosa, deixando que dona Naná se encarregasse de dar mais carinho e atenção ao pequeno menino.

Logo que a casa ficou pronta, Isabel informou a Naná que chegara o momento de mudar-se para sua casa nova, o que deixou a pobre mulher completamente triste; afinal, ela gostava de cozinhar para todos, de ajudar a cuidar de João Felipe, de lavar e passar as roupas de todos e de cuidar da venda que seu finado marido lhe deixara.

Mas ela gostava mesmo era da companhia de Isabel, a quem se afeiçoou como uma filha, e foi com lágrimas nos olhos que viu a família mudar-se para a casa nova.

Naná queria ir todos os dias à casa de Isabel, mas os trabalhos domésticos e o da mercearia não lhe permitiam sair de casa. Assim, ia visitá-la aos domingos, e durante a semana Isabel sentia a saudade da madrasta apertar e ia a sua casa, passando tardes inteiras com ela.

Naná não se sentia sozinha, e toda a noite agradecia a Deus por ter ganhado aquela filha, que a princípio se mostrou tão rebelde.

Numa quinta-feira, em que Isabel passou a tarde inteira com a madrasta, voltou para casa, como de costume. Passava das oito horas da noite quando seu Narciso, da barbearia, bateu no portão da casa da família com voz alterada:

– Isabel! Isabel!

– O que foi, seu Narciso, por que me chama dessa maneira? O senhor sabia que não sou surda?

O homem, fingindo não ouvir as palavras antipáticas da jovem senhora, disse apressadamente:

– Venha! Dona Naná estava fechando a mercearia e caiu na porta! Já foi levada ao hospital!

– Não brinque com essas coisas, seu Narciso! Estive com Naná hoje e ela estava muito bem.

– É o que todos pensavam, mas ela teve um mal súbito, parece que foi grave.

Isabel, sentindo suas lágrimas lhe brotarem dos olhos, pegou o menino, levou para a casa de Mariana, sua vizinha, e saiu em desespero.

Ao chegar à casa da madrasta viu a multidão de pessoas que se formava à frente da mercearia; entrou correndo, e a mulher já não estava mais lá, havia sido levado por seu Alcides ao hospital da cidade.

Um amigo de dona Naná disse:

– Agora tens duas casas, não é mesmo, Isabel?

Isabel, aturdida com os últimos acontecimentos e compreendendo a maldade nas palavras daquele homem, respondeu duramente:

– Cale a boca, seu miserável! Não admito que tripudie sobre minha dor! Seu Malaquias, me leve ao hospital!

E assim, em poucos minutos, já estavam entrando no corredor do hospital, quando seu Malaquias falou:

– Vou ficar lhe esperando, se precisar de alguma coisa estarei esperando em meu carro.

– Está bem, seu Malaquias.

Isabel entrou no quarto 14, e viu o leito de dona Naná, protegido por um biombo. Aproximou-se e encontrou a mulher com a face torta, e seus olhos estavam semicerrados.

Foi neste instante que entrou um médico que aparentava uns quarenta e dois anos, e olhando para a moça, disse:

– O que ela é da senhora?

– É minha madrasta – disse Isabel chorando. – O que houve com ela?

– Bem, pelo que tudo indica, ela sofreu um derrame cerebral, e ainda não sabemos dizer a extensão da moléstia; mas já está tendo a assistência necessária.

– Mas como, doutor? Hoje estive com ela e parecia que tudo estava bem!

– Essa doença é traiçoeira; geralmente ela chega de modo sorrateiro, pegando todos de surpresa. Verificamos a pressão arterial dela assim que chegou, e estava vinte e oito por dezoito; muito alta. Ela tinha histórico de hipertensão?

– Que eu saiba, não! Ela nunca me falou sobre isso. Mas e agora, doutor, o que vai acontecer com ela?

– Bem, eu sei tanto quanto você! Estamos fazendo tudo o que está ao nosso alcance, mas não posso lhe dizer nada no momento, só poderemos falar alguma coisa depois de setenta e duas horas, talvez quando o quadro se estabilizar.

Isabel, nesse momento, pegou na mão de Naná, e chorou copiosamente.

O médico, vendo o desespero da moça, pediu que ela saísse; afinal, isso não ajudaria em nada o quadro da mulher.

Manoel, assim que ficou sabendo, foi ao hospital juntar-se à esposa, e ficaram as setenta e duas horas que o médico havia lhe estipulado.

Mas, completando o terceiro dia, Naná, não resistiu à moléstia, e desencarnou, deixando Isabel inconsolável.

Isabel assistiu à morte de Naná, e com isso começou a dizer entre lágrimas e lamentos:

– Minha boa Naná! Perdoe-me pelos meus caprichos, pela minha intolerância, pela minha implicância sem sentido; me perdoe, mãe… – E ao dizer essas palavras, a moça chorava ainda mais.

Isabel olhou para Manoel e disse:

– Novamente sozinha… Eu nasci para viver sozinha…

Manoel abraçou Isabel:

– Meu amor, você não está sozinha, agora tem a mim e a João Felipe! Nós a amamos.

Isabel estava concentrada em sua dor e nem sequer ouviu as palavras do marido.

Manoel não arredara o pé de perto da esposa, e assim que houve a nota do falecimento, foi ele quem tomou toda as providências; e assim, o dia do funeral de Naná foi um dos dias mais tristes da vida daquela pequena família, mas quem mais sentia a partida da mulher era Isabel, que verdadeiramente a tinha como mãe.

Isabel doou todas as roupas da madrasta ao pequeno asilo da cidade, e vendeu a casa que era de seu pai, desfazendo-se até mesmo da mercearia.

E assim que vendeu tudo que lhe pertencia por direito, ela jurou que nunca mais passaria naquela rua, e obedeceu fielmente a sua promessa.

Havia se passado um ano desde a morte da Naná, e Isabel, sempre que pegava um vestido azul de bolinhas brancas – aliás, a única peça que ela guardara como recordação de Naná –, chorava abundantemente a falta da mãe que a vida lhe dera.

Manoel, quando presenciava aquela cena, abraçava a moça, tentando consolá-la.

Naná, na tarde do último dia em que estivera com Isabel, antes de seu falecimento, sentiu que algo não estava bem, mas procurou dissimular de todas as maneiras o seu mal-estar; ficou a conversar com a enteada, que a ajudara na mercearia, brincou com João Felipe, dando doce a ele, conversou

com alguns fregueses, mas sentia que vez por outra uma pressão forte se fazia em sua cabeça, passando em seguida.

Isabel foi embora, e a mulher disse que, no domingo, iria fazer aquele frango xadrez que Isabel tanto gostava.

A moça beijou ternamente a mulher e, depois de se despedirem várias vezes, finalmente Isabel foi embora, tomando o pequeno João Felipe pela mão.

Naná vendeu cachaça para o último freguês quando finalmente disse:

– Me desculpem, amigos, mas terei de fechar a venda um pouco mais cedo.

– Ah, não faça isso conosco, dona Naná… Tivemos um dia terrível na empresa, e somente a água que passarinho não bebe nos faz esquecer os desagrados do dia!

– Eu sei, meus amigos, mas vou fazer isso porque não estou me sentindo muito bem. Acho que vou tomar um banho, fazer um chá de erva cidreira e deitar-me, e amanhã prometo que darei a cada um uma dose dessa água maldita! – esforçou-se ela a brincar com os fregueses, tentando dissimular o mal-estar.

– Não é maldita, dona Naná, essa água é bendita, e nos ajuda a esquecer as agruras da vida!

– Que seja! Mas me desculpem, vou fechar a mercearia, e amanhã estejam aqui para cobrar o que lhes prometi!

E assim, os homens que trabalhavam como limpadores de rodovias pegaram suas mochilas e saíram.

Naná acompanhou os homens até a saída, e, fechando um lado da porta central, sentiu um gosto de sangue vir à boca; e foi nesse momento que ela caiu e não viu mais nada.

Um transeunte, vendo a pobre mulher cair, correu para dentro da mercearia para ajudá-la, e vendo que ela não respondia, começou a gritar por socorro.

Em poucos minutos a frente da venda já estava cheia de gente, e um dos que estavam presentes encostou o carro e a levou para o hospital.

Naná não vira como tudo isso aconteceu, e só recobrou um pouco de sua consciência quando ouviu a voz de Isabel, e sentiu quando ela pegou em sua mão.

Embora tentasse responder, a mulher sentiu que seu corpo estava como que travado, e não respondia a seus comandos.

Mesmo sabendo que seus olhos estavam semifechados, Naná viu todos os vizinhos que vieram lhe visitar no hospital, e não pôde deixar de observar também o sofrimento de Isabel. E, confusa, ouviu quando um jovem médico que estava fazendo residência disse à enteada:

– Desculpe, fizemos de tudo, mas infelizmente não pudemos salvá-la; aqui somos desprovidos de recursos para um caso como esse, e ademais, muito pouco se sabe sobre a doença. Agora lhes cabe dar a ela um enterro decente, afinal ela me pareceu ser muito querida na comunidade onde vive.

– Ela é a pessoa mais querida e a mais honrada que já conheci! É a mulher que aprendi a amar como mãe, e que levarei sempre em meu coração.

Manoel, ao lado da esposa, ofereceu o ombro para que ela desse livre curso às lágrimas. Permaneceu calado, tentando aplacar a dor da esposa. Naná, ao ouvir as palavras do médico, começou a gritar:

– Isabel, esse médico está louco! Eu não estou morta! Olhe, estou aqui, estou doente a bem da verdade, mas não morta! – E sentindo escurecer as vistas, ela não viu nada mais.

13

Não existe morte

Naná sentiu uma espécie de sono, do qual acordava sem nada saber, e logo voltava a adormecer.

Numa das vezes que acordou, ela viu uma mulher entrar no quarto em que estava; com a fisionomia completamente distendida em um sorriso, e achando que ainda estava impossibilitada de realizar certos movimentos, Naná ficou a acompanhar a mulher com os olhos.

– Por que não se mexe, Nair? O que a impede de se mexer?

– Eu sofri um derrame e estou paralisada!

– Hum… acho que você vai precisar de um bom tratamento.

– Eu gostaria de falar com o médico! Será que ele poderá vir falar comigo?

– Claro que sim! Vou chamá-lo.

– Não é aquele outro médico, não é? Aquele médico é louco, pois ele disse a Isabel que eu havia morrido!

– Não se preocupe! Não será ele que virá lhe atender, desta vez virá o doutor Jairo; ele é muito compreensivo e logo você se sentirá bem.

– Mas eu vou ficar assim aleijada?

– Bem, se você se sentir capaz de realizar todos os seus movimentos, não, mas se continuar a achar que será sempre uma inválida, talvez fique aí até que se equilibre e veja que poderá levar uma vida normal.

– Mas ninguém leva uma vida normal depois de uma doença como essa; sempre fica sequela – disse Naná aturdida.

– Bem, me deixe avisar o irmão Jairo, ele poderá lhe ajudar.

– Mas quem é esse médico de que nunca ouvi falar?

– Não se preocupe, ele é uma pessoa muito boa e que a ajudará, mas para isso você terá de praticar mentalmente tudo o que ele lhe ensinar.

Naná não entendeu as palavras daquela enfermeira, e ficou a observar todos os seu movimento, de um lado a outro no pequeno quarto.

Foi então que Naná percebeu o quanto aquela moça que aparentava pouco mais de trinta anos era bonita: seus cabelos eram curtos, sua pele clara dava a seu cabelo aspecto ainda mais negro, sua silhueta era esguia, e o tom da sua voz era reconfortante.

Naná, observando a moça, foi logo perguntando:

– Enfermeira, qual é o seu nome?

– Eu me chamo Sofia, e já trabalho aqui há um bom tempo.

Foi então que Naná finalmente olhou para todos os detalhes daquele quarto, e pôde ver que em nada se parecia um quarto hospitalar; era muito confortável, entrava uma brisa suave pela grande janela, as paredes eram branquinhas. Ao lado de seu leito, havia uma mesa quadrada, com uma toalha branca, e havia um jarro com água.

Sofia pediu licença e logo voltou acompanhada de um senhor de aproximadamente quarenta e cinco anos, com uma expressão serena; e atento a todas as necessidades de Naná, foi logo dizendo:

– Como se sente, Nair?

– O senhor sabe meu nome? Como pode ser se eu nunca o vi antes?

– Não se prenda a detalhes, minha filha, saiba que conheço muitos e tento ajudar o maior número de pessoas que aqui chegam, e normalmente procuro conhecê-los de perto; o amor nos une ao paciente e isso ajuda, e muito, no processo de recuperação. Desculpe, esqueci de me apresentar: eu me chamo Jairo, tenho conhecimentos sobre medicina, mas minha especialidade mesmo é em psicologia.

– Gostei do senhor, mas eu não estou precisando de psicólogo, estou precisando de um médico que me ajude a voltar para casa – disse Naná resoluta.

– Sim, talvez tenha razão, talvez esteja mesmo precisando de um bom tratamento médico; mas com conhecimento de causa afirmo que a sua enfermidade está situada em sua cabeça.

Naná, sem entender onde Jairo queria chegar, disse:

– Realmente, doutor, todo derrame se dá na cabeça, não é? De modo que se chama derrame cerebral.

– Hum… vejo que você é bastante esperta, Naná, mas creio que não entendeu aonde eu queria chegar. Estou dizendo que a cura para a sua pseudoenfermidade está na sua cabeça, e não no seu corpo.

– Ah, doutor, vejo que o senhor não é médico coisa nenhuma… Como assim, a cura está em minha cabeça? Se estivesse, não acha que eu já teria saído dessa cama?

– Bem, em vez de discordar, por que não pensa que teu corpo físico não tem mais nada e que você está curada do mal que te afligiu?

– Simplesmente porque eu não posso me mover, meu lado esquerdo está todo paralisado, e eu não consigo mexer nem sequer um dedo da mão e nem do pé esquerdos!

– Já tentou, Naná, mexer essa parte que julga estar afetada pela doença?

– Mas eu não posso, doutor, só isso; o outro médico deixou bem claro que eu ficaria com sequelas, e estas são as sequelas que terei até morrer, ou seja, vou ser dependente para o resto da vida.

– Hum… interessante sua observação, Naná.

– Sim, mas agora qual o remédio que vai me dar? Estou com uma dor de cabeça horrível – disse Naná impaciente.

– Bem, vou lhe dar um tranquilizante, e assim que acordar estará se sentindo bem melhor.

– Acho que não entendeu, doutor! Não estou precisando de tranquilizante, estou precisando de um remédio que me tire a dor, só isso… Acho que os médicos estão todos loucos… digo que estou com dor de cabeça e vocês dizem que vão me dar um tranquilizante! O outro disse à pobre da menina Isabel que eu estava morta…

Foi nesse instante que Naná se lembrou de ter visto algo prateado se romper, e ela logo se sentiu leve e serena; viu quando o médico estava conversando com Isabel e ela sentiu aproximar-se dos dois, e passou a ouvir a conversa.

Foi como um filme, tudo muito rápido em sua cabeça, e se lembrou das palavras de dona Marta, uma senhora espírita com a qual ela gostava de conversar.

“‘Quando perceber que algo estranho lhe aconteceu e junto vier uma indizível paz, pode ter certeza de que seu corpo físico morreu.

“‘Mas a morte sempre traz paz?

“‘Não a todos; a experiência da morte varia de pessoa pra pessoa; para alguns sobrevém a paz e uma leveza que chega até mesmo a assustar, enquanto há outros, para quem a morte se transforma em terrível pesadelo, pois o espírito pode ficar preso ao corpo físico, e este acaba vendo tudo que está acontecendo a sua volta. Mas há também espíritos que se libertam da matéria e ficam a perambular entre os encarnados como se estivessem com seus corpos físicos, e isso sempre traz dor e tristeza, pois falam com as pessoas, mas como são seres espirituais, ninguém os vê nem os ouve, o que traz para eles a dor do abandono. Por isso, quando perceber algo estranho, peça ajuda a Deus e Ele enviará bons espíritos para lhe assistir.’”

Naná, ao lembrar das palavras de sua amiga, foi logo dizendo:

– Já sei; com a doença que me abateu repentinamente, eu morri, não é verdade?

Jairo, olhando serenamente nos olhos de Naná, respondeu:

– Mas quem foi que lhe disse que está morta, Naná?

Naná olhou para o médico e espantada respondeu:

– Bem, quem disse que eu havia morrido foi o médico que me atendeu no hospital; depois, acordo nesse lugar fantasticamente pacífico, e ao lembrar de tudo que ouvi enquanto estava no hospital, quando o seu Josias disse que infelizmente eu não ia escapar daquela situação, percebo que já morri!

– Bem, isso vai depender de como encara a morte, Naná.

– A morte, segundo as explicações de Marta, é apenas uma transformação – disse dona Naná.

– De fato, deixe-me explicar primeiramente que a morte na concepção dos encarnados não existe, pois o espírito é eterno, e ele vai passar uns tempos na crosta terrestre somente para aplicar o que vem aprendendo aqui na colônia.

– Mas isso é fantástico, doutor…

– Por favor, não me chame mais de doutor, pois sou apenas teu coirmão, que está aqui a lhe prestar socorro, procurando colocar em prática um dos preceitos de Jesus, que é a caridade pura.

– Sim, Jairo, prossiga – pediu Naná, não querendo perder nem um minuto da explicação de Jairo –, pois sei que já perdi meu corpo de carne, mas agora, por que estou sentindo meus membros terrivelmente pesados?

– Ora, minha irmã, você passou a acreditar que estava debilitada nos movimentos, até agora não fez nada para ter confiança e levantar desse leito.

– Mas eu me sinto assim, o que posso fazer…

– Minha irmã, você perdeu seu corpo de carne, portanto seu espírito está livre para alçar novos rumos. Enquanto acreditar que é uma inválida, não sairá da cama; em contrapartida, se acreditar que poderá mover os membros normalmente, garanto que em muito pouco tempo já estará saindo a passear no jardim. Somos o que pensamos – disse Jairo. – Se acreditar que está bem, ficará bem, mas se pensar que é uma inválida e que não poderá mais sair do lugar, realmente assim se dará. Portanto, Jesus, ao realizar algumas curas, não disse: "EU QUERO"? Sim, minha irmã, quando disseres que quer ficar boa e acreditar nisso, verá que logo se levantará e se sentirá muito bem. Tudo está em tua cabeça.

Jairo fez uma pequena pausa, e prosseguiu:

– A mente é capaz de realizar grandes feitos. Muitos dos desencarnados que perambulam entre os encarnados veem somente o que querem ver, ou seja, muitas vezes passaram-se anos de seu desenlace, mas sua mente projeta a situação que vivia, impossibilitando-os de ver que o tempo passou e que as pessoas mudaram. Enfim, eles vivem presos às ilusões que suas mentes criaram.

Naná achou interessante a explicação de Jairo, e com isso anuiu:

– Acho que tem razão, não estou doente e logo estarei livre dessa cama enfadonha.

– Isso mesmo! É assim que se fala! – brincou Sofia, que até o momento havia ficado calada, e pegando na mão de Naná, disse:

– Sei que quer isso, mas agora acredite nisso, pois querer é uma coisa e acreditar é algo bem diferente.

Naná olhou para os dois que estavam a sua frente com grande carinho, e num suspiro perguntou:

– Estava me esquecendo: como está Isabel?

– Não se preocupe com ela – disse Jairo –, ela está amadurecendo devido às escolhas que fez, e ainda terá muito que aprender.

– Realmente, a menina é boa, mas um pouco desorientada – disse Naná, lamentando-se pelo fato de Isabel ser tão caprichosa.

– Claro, Naná, cada um luta com as armas que tem; Isabel está agora lutando contra tudo e contra todos, mas saiba que a vida lhe dará oportunidades de descobrir valores verdadeiros.

Naná não pôde deixar de derramar uma lágrima pungente ao pensar em Isabel.

– Mas tenho certeza de que você poderá ajudá-la – disse Jairo sorrindo para Naná, que estava imersa em pensamentos. – Mas veja bem, agora não é hora de ter pensamentos negativos, muito pelo contrário, Deus é justo, e saiba que tudo que ainda sobrevier a Isabel será para o seu aprimoramento espiritual.

– Sei disso, Jairo, mas o que me dói saber é que ela vai sofrer… – divagou Naná como para si mesma.

– Deixe disso! Saiba, Naná, que crescer dói, portanto era imprescindível que naquele momento Isabel passasse pelas dores, e isso serviria para seu crescimento. Um dia, quando passasse a ver a vida como realmente é, iria dar graças a Deus por ter lhe acontecido tudo que aconteceu, pois foi apenas na dor que ela finalmente poderia aprender lições valiosas para seu espírito ainda tão pequenino.

Naná ficou olhando para os dois, quando ouviram uma batida na porta; foi Jairo quem disse:

– Entre! Não vejo por que tanta cerimônia.

Uma jovem de aspecto brando, olhos grandes e azuis, cabelos louros com bonita silhueta e um sorriso maroto interrompeu a conversa dizendo:

– Irmão Jairo, está aqui uma pessoa que ficou sabendo que Nair acordou, e deseja falar-lhe desesperadamente.

– Isso quem vai decidir é ela – disse Sofia, sorrindo para Jairo.

– Mas quem poderia me visitar? – falou Naná espantada.

– Para que saiba de quem se trata, dê permissão para que entre! – avisou Sofia, que ficava a acompanhar toda a conversa.

– Sim! Deixe que entre! – disse Naná, curiosa.

Foi nesse momento que entrou um homem, e ela logo pôde ver que se tratava de José, e com alegria ela disse:

– Zé! Você aqui? Que alegria, meu companheiro, pois não sabe como senti sua falta, assim que nos deixou.

– Imagino, Naná, mas o meu tempo na Terra vencera, e eu tinha de voltar para a pátria espiritual.

– Ah, você não sabe como foi difícil nos primeiros tempos.

– Posso imaginar, Naná, mas obrigado por tudo que fez por Isabel, e principalmente pelo carinho que dispensou a ela em minha ausência.

Jairo e Sofia, percebendo a alegria de Naná, pediram licença e logo se retiraram, deixando os dois a sós.

José passou a falar sobre a vida na colônia e tudo o que o lugar oferecia.

Naná ouvia a tudo extasiada, mas em dado momento disse:

– José, estou percebendo que você não é mais o mesmo, não fala como antes; nem sequer falou mal da ditadura.

José, sorrindo mansamente, respondeu:

– Naná, quando estamos na matéria pensamos de uma maneira, quando voltamos à pátria verdadeira e começamos a reaprender os valores espirituais, passamos a ver o mundo de maneira diferente de que víamos antes. Ao desencarnar, fui ajudado pelos meus pais, fui tratado em um posto de socorro, fiquei um bom tempo a me recuperar; quando melhorei, comecei a fazer cursos, e a ouvir palestras no auditório, e tudo isso me fez enxergar que as situações na Terra são provações para que os espíritos encarnados possam evoluir e se aprimorar. Hoje os governos que lideram o Brasil estão lá com a permissão de Deus, e se cometem as suas arbitrariedades, um dia terão de colher os resultados de suas ações. Tudo isso vem acompanhando a lei da ação e reação: cada ação, uma reação diferente.

E aqueles jovens que estão desaparecendo, ou seja, morrendo, é porque seus espíritos precisavam passar por aquela provação que muito contribuíra para seu crescimento espiritual, moral e intelectual.

Naná ficou observando José enquanto falava, e com um sorriso logo disse:

– Realmente, José, você está bem diferente, mas saiba que estou gostando mais desse José que está a minha frente.

José, olhando para Nair com carinho, disse:

– Naná, tenho algo a lhe dizer, e espero que me entenda; nos casamos e fomos felizes enquanto vivíamos juntos, mas saiba que nosso compromisso acabou assim que houve o meu desenlace, portanto você não deve pensar que ainda sou teu marido.

Naná, olhando para José, disse:

– Eu sei, José, você foi um excelente marido e um ótimo companheiro. Marta já havia me dito que muitos compromissos terminam na ocasião do desenlace na Terra; portanto não espero nada de você, a não ser contar com sua amizade.

José sorriu para Naná, e acrescentou:

– Não! Eu não quero ser seu amigo, vou ser seu irmão, aquele com quem você poderá contar sempre, pois estarei a seu lado para animá-la, para impulsioná-la para frente. Afinal, tenho muito que lhe agradecer por tudo que fez por Isabel enquanto encarnada.

– Não tem do que me agradecer! Isabel é uma boa moça, mas precisa se situar no tempo e no espaço e entender que ela não é o centro do universo.

– Mas ela vai aprender – interferiu José sorrindo. – Isabel ainda é um espírito jovem, e vai acabar aprendendo a duras penas.

Naná calou-se e José abaixou e lhe beijou a face, dizendo:

– Preciso ir, tenho que trabalhar.

– Trabalhar?

– Sim – respondeu José –, você acha que por estar aqui não se trabalha? Trabalhamos e muito, você vai ver isso com o tempo. E tem mais: aqui na colônia, há vários cursos que você poderá realizar sobre como é a vida de um desencarnado, e num desses cursos aprenderá sobre a lei do trabalho, sem o qual não há progresso, e nós somos espíritos em progresso contínuo.

Naná nada disse, e viu quando José saiu do quarto dizendo que voltaria outras vezes para visitá-la.

Nesse momento, ela sentiu o lado esquerdo de seu corpo perispiritual, e disse:

– O que está acontecendo comigo? Percebo que o meu lado esquerdo está com formigamento, o que é isso?

Ela então fez um esforço hercúleo para chamar a atenção de alguém, e quem retornou foi Jairo.

– O que está havendo, Nair? Por que gritou dessa maneira?

– Não sei; estou sentindo meu braço e minha perna esquerda formigarem, o que está havendo?

Jairo, olhando para Naná, disse:

– Isso é um bom sinal, pois vejo que você está começando a reagir a essa paralisia, e se continuar assim, logo voltará a andar.

Jairo foi até a porta e, vendo Sofia conversar com uma outra senhora, disse:

– Por favor, Sofia, venha até aqui!

Sofia atendeu prontamente ao pedido de Jairo e logo perguntou:

– Aconteceu alguma coisa, irmão Jairo?

– Sim! Nair está começando a sentir seus membros formigarem, isso é um bom sinal.

Foi Sofia quem disse:

– Vamos aplicar um passe de cura, para que ela possa descansar; e à medida que for descansando, ela irá se sentir cada vez melhor.

E assim, logo Jairo e Sofia aplicaram-lhe um passe reparador, e Naná adormeceu, sem mesmo ver quando Sofia e Jairo saíram do quarto.

14

As agruras da convivência

Isabel, depois do desenlace de Naná, voltou a ser a mesma pessoa de antes; tornara-se calada, como habitualmente era quando solteira, e Manoel agia com discrição e paciência para que ela não se irritasse, compreendendo que a esposa atravessava um momento difícil.

João Felipe sempre procurava entreter a mãe, que se mostrava sempre distante e indiferente aos assuntos do lar e do filho.

Os pensamentos de Isabel se mostravam confusos, pois as duas entidades que instalaram em sua casa estavam sempre a seu lado, perturbando seus pensamentos.

Já não cuidava mais da casa com o mesmo esmero de antes, não reservava tempo para brincar com o filho e se irritava quando o pequeno menino reclamava de fome.

A única coisa que não mudara era seu apetite sexual: durante o dia se mostrava alheia a tudo, mas à noite se tornava a mulher insaciável de sempre.

Para Manoel, não importava se ela era relapsa com a casa ou com o filho, o importante era que pelo menos durante a noite ela era aquela mulher ardente da qual ele gostava: nesses momentos, ele se esquecia do fato de ela não o amar.

Em uma ocasião, Manoel chegou em casa e pegou a esposa chorando. Preocupado, ele quis saber o que havia acontecido, e ela logo disse em tom acusador:

– Estou grávida! Vê se essa é hora de arranjarmos mais um filho! Eu não quero esse filho, vou procurar alguém para tirar, não vou ter mais um filho; não quero outro filho.

Manoel, tomado de surpresa, disse:

– O que é isso, Isabel? Onde já se viu falar uma coisa dessas? Por que não querer mais um filho, afinal você é uma mulher casada, e não tem por que se envergonhar. Aliás, tenho um bom emprego, meu salário sempre aumenta, e temos condições de criar quantos filhos vierem.

– Ah… já que é assim, gostaria de saber, se homem tivesse filhos, se você iria pensar dessa maneira! Sentir os enjoos novamente, sentir o peso que vai aumentando a cada dia, e como se não bastasse, aquela dor horrorosa que você nem faz ideia do que seja! Agora que nosso filho já está com quase três anos, eu fico grávida! Preferia morrer a ter esse filho!

– Não diga bobagens! O importante é que essa criança virá com saúde e muito alegrará nossa vida! Tudo bem que eu não faço ideia do que seja uma dor de parto! Mas saiba que se eu pudesse ter um filho, jamais o dispensaria por causa de uma dor. E tem mais: se Deus permitiu que a mulher passasse por uma dor dessa, é porque Ele sabia que a mulher era capaz de suportar! Entenda uma coisa, Isabel, tenho tido muita paciência com você… não cuida do João Felipe, não limpa mais a casa, não cuida mais da roupa, nem mesmo comida você faz! Tudo isso eu aguento, mas abortar um filho meu eu nunca permitirei, entendeu? Você vai ter esse filho, porque eu quero!

– Eu não vou ter filho nenhum! E não é você e nem ninguém que me fará ter um filho, seu idiota! Eu não gosto dessa criança, e também não gosto de você!

Nesse momento, Manoel, tomado de raiva, deu uma bofetada em Isabel, que rodopiou e caiu para trás.

Isabel levantou-se possessa, e começou a gritar:

– Eu vou me vingar! Esse tapa não vai ficar assim… não mesmo, seu canalha!

Manoel ficou olhando para o rosto marcado de Isabel, e neste instante bateu-lhe um medo terrível de que Isabel fosse embora.

– Desculpe, Isabel, perdi a cabeça.

– Eu não vou desculpar nem mesmo em meu último dia de vida, seu covarde!

Isabel olhou para Manoel chorando e disse:

– Se você quer que eu tenha esse filho, eu terei, mas não me peça para amá-lo, porque eu o odiarei, assim como odeio você!

Manoel passou a mão nervosamente pelos cabelos, e saiu de casa; quando já estava na rua, decidiu que iria à casa de sua mãe, para conversar.

Ao chegar à casa dos pais, encontrou a mãe sentada na varanda, pois nas noites quentes de verão era o seu lugar preferido.

Ao ver o filho, dona Isaltina logo percebeu que ele estava com problemas, mas preferiu nada dizer, esperando que ele mesmo falasse o que estava acontecendo.

– Boa noite! Que bons ventos o trazem, meu filho?

– Boa noite, mamãe! Acho que preciso de alguém para conversar.

– Que bom que me procurou, filho. Fico em casa, lavo, passo, limpo e cozinho; e à noite, quando teu pai poderia falar comigo, fica lá em frente ao aparelho de TV vendo o jornal, e esquece que tem esposa.

Manoel riu, pois conhecia perfeitamente bem a rotina da família, e seu pai era um homem que pouca importância dava ao diálogo; assim, disse:

– Ah, mamãe… Papai é que é um homem de sorte, pois tem tudo que um homem precisa para ser feliz, mas não sabe ser feliz.

– Meu filho, como vai Isabel e o peralta de meu neto?

– Estão bem! Pelo menos João Felipe está bem, mas Isabel… não sei o que acontece com ela, desde que dona Naná faleceu, nunca mais foi a mesma: não cuida mais da casa, não cuida do filho e muito menos de mim; fica em casa o dia todo sem fazer nada, o menino fica com fome e ela apenas dá leite e biscoito para a criança. Já não sei mais o que fazer. E agora, como se não bastasse, está de novo grávida e diz que vai abortar.

– O quê? Ela está querendo abortar uma dádiva de Deus? De maneira alguma permita isso, meu filho! Eu nunca me meti em tua vida e pouco vou a tua casa, ou melhor, quase nunca vou, pois sei que ela não gosta de mim; mas não permita que ela faça uma loucura dessas, pois um filho é sempre alegria para o lar! Melhor um filho que uma doença.

– Mamãe, que Isabel sempre foi uma pessoa caprichosa, isso não é novidade para ninguém; mas rejeitar um filho… isso é demais. Ela vem com desculpa de sentir os incômodos da gravidez, mas penso que se Deus deu essa incumbência à mulher é porque ela tem forças para suportar. Além do mais, uma gravidez nunca é igual a outra; não é porque sofreu na gravidez de João Felipe que sofrerá agora, mesmo porque ela já tem experiência de como se portar durante o parto.

– Filho, sempre soubemos que a dor de parto não é nada fácil, mas é suportável. Infelizmente só tive dois filhos, você e a Márcia, que está casada e mora na capital, mas lhe digo: se Deus me presenteasse com outros filhos, me alegraria com a notícia, pois os incômodos de uma gravidez são passageiros. Não vejo motivos para Isabel rejeitar essa criança, afinal ela é casada e nada tem do que se envergonhar.

Manoel ouvia as palavras da mãe, e com suavidade na voz disse:

– Sabe, mamãe, o que acontece é que ela não gosta de mim, não me ama como eu a amo.

– Meu filho, a mulher geralmente quer um filho do homem que ama, e realmente ela nunca o amou. Eu sempre lhe disse isso, mas você insistiu nessa loucura, e agora terá de contornar a situação.

– Ah, mamãe, agora há pouco ela me disse coisas horríveis, e fui obrigado a dar-lhe um tapa, mas estou arrependido.

– Não posso acreditar que você surrou sua esposa, meu filho!

– Não, mamãe, eu não surrei Isabel, apenas dei-lhe um tapa para que se calasse.

– Meu filho, ouça o que sua mãe tem a dizer: ela nunca o amou, e muito menos se apaixonou; isso nunca foi novidade para você, pois você casou sabendo disso. Mas bater em uma mulher… isso é terrível!

– Já pensei nisso, mamãe, só de pensar meu peito dói.

Nesse instante, Manoel colocou a cabeça entre as mãos, e chorou copiosamente.

Dona Isaltina, ao ver o filho, penalizou-se dele, mas preferiu nada dizer, pois sabia que, em certos momentos, o melhor é ficar calado, e com seu filho aquele era o momento.

Manoel, depois de se acalmar, pediu desculpas para a mãe e disse que não tinha o direito de perturbá-la com seus problemas.

Isaltina, como era uma mulher de bom senso, procurou mudar de assunto para distrair o filho, e o chamou à cozinha, para tomarem uma xícara de café; por alguns instantes o rapaz esqueceu do drama que vivia.

Eram onze horas da noite quando ele disse:

– Mamãe! Preciso ir, amanhã tenho de trabalhar, mas voltarei no final de semana para conversarmos.

Assim, despediu-se da mãe com um beijo, abraçou o pai, e logo ganhou a rua novamente.

Ao chegar a casa, Manoel viu que tudo estava escuro. Foi ao quarto do pequeno João Felipe e viu que ele estava dormindo; respirando fundo, entrou em seu quarto.

Ao chegar, encontrou Isabel deitada seminua, trocou-se e deitou-se ao lado da esposa. Foi quando ela virou-se para ele e disse:

– Onde esteve?

– Estive na casa de meus pais.

– Hum… Manoel, vamos esquecer aquela conversa horrorosa que tivemos; venha, me ame, pois daqui a um tempo estarei impossibilitada de cumprir com minhas obrigações de esposa.

Com a luz do abajur acesa, Manoel olhou para a esposa e viu que ela estava estranha. Que ela sempre fora uma mulher fogosa ele já sabia, mas continuar assim mesmo depois de ter levado um tapa? Foi com curiosidade que perguntou:

– Isabel, o que está acontecendo com você?

– Estou em brasa, só isso.

– Mas hoje não estou com cabeça para isso, Isabel, e além do mais estou cansado.

– Você não foi à casa de sua mãe coisa nenhuma, na certa deveria estar às voltas com alguma vagabunda de rua; pois para negar cumprir com os deveres de marido, só pode ter outra.

– Eu não estava com ninguém, fiquei conversando com minha mãe, e mais nada, Isabel.

O que o casal não via era que duas entidades, uma com aspecto masculino e outra com aspecto feminino, ficavam ali a influenciar Isabel.

– Venha, cumpra com seu papel de homem agora!

– Isabel, as coisas não funcionam assim… saiba que a relação sexual é consequência de uma boa relação, e nós não estamos vivendo bem. Você melhor que ninguém sabe disso, assim as coisas não fluem como deveriam.

– Eu quero agora! Você não é homem?

Nesse instante, a entidade que mantinha o aspecto masculino se aproximou de Manoel, e colou-se a ele, de modo que, sem pensar em nada, ele tomou Isabel com violência, e cumpriu com suas obrigações; e quanto mais violento ele era, mas Isabel parecia gostar.

Ao término, ele virou-se de lado e, sentindo mal-estar, levantou-se da cama, deixando Isabel ainda com desejo.

Manoel foi ao banheiro e chorou… Chorou muito, pois jamais pensara que seria capaz de tratar Isabel daquela maneira.

Tomou um banho e, ao voltar ao quarto, Isabel parecia dormir; foi quando, com a luz do dois abajures acesas, ele pôde ver que havia mordido tão violentamente Isabel que as marcas dos seus dentes ainda estavam nas costas dela.

Manoel, passando a mão nas marcas de Isabel, disse para si mesmo:

– Não sei o que me deu, senti desejo, mas também senti raiva… E o mais estranho é que ela parecia gostar.

Manoel não viu, mas as duas entidades ainda estavam deitadas sobre sua cama.

Manoel demorou a conciliar o sono, e quando conseguiu dormir, já estava quase amanhecendo o dia.

No dia seguinte, ao levantar para ir trabalhar, Manoel sentiu-se mal e logo pensou:

"No escritório tudo está em ordem; ontem resolvi os assuntos pendentes da semana. Não vou trabalhar, ficarei em casa, pois me sinto péssimo."

Isabel, assim que acordou, parecia a mesma de sempre, e não comentou com o marido o que havia acontecido na noite anterior.

Sentiu-se dolorida, e embora soubesse muito bem o que havia acontecido, preferiu não comentar sobre o assunto.

Levantou-se, foi ao quarto de João, preparou-lhe a mamadeira e ficou observando as brincadeiras e os folguedos da criança, mas em dado momento, o menino perguntou:

– Mamãe, a senhora vai brincar comigo de carrinho?

– Agora não vai dar, meu filho, mamãe está cansada.

Assim que Manoel entrou na sala, beijou o filho, que fora a seu encontro; e colocando-o no chão, perguntou a Isabel:

– O café está pronto?

– Eu não fiz, ainda há o de ontem na garrafa térmica.

– Mas Isabel, café se faz todos os dias!

– Bem, se quer café fresquinho vá fazer, tem tudo lá na cozinha.

– Isabel, as coisas não podem continuar dessa maneira, pois para se estabelecer a ordem no lar cada um deve desempenhar o seu papel.

Ela parecia não ouvir o que Manoel acabara de lhe falar e com isso disse:

– Se quer conversar comigo, só te peço que leve João à casa de sua mãe; não quero que ele presencie alguma cena entre nós.

Manoel pegou o menino, arrumou algumas fraldas e as colocou em uma bolsa, junto com frutas, biscoitos e leite em pó. Banhou o menino, que ainda estava molhado, e o levou para a casa da mãe.

Para dona Isaltina, ter o neto por perto era algo sublime, e ela nem via o tempo passar com as peripécias e os carinhos que dispensava ao neto.

Manoel, sorrindo, entregou o filho nos braços da mãe, e com a voz pastosa disse:

– Mamãe, fico feliz quando ele está aqui, pois sei que terá todos os cuidados de que necessita. Se a senhora quiser poderei trazê-lo sempre; o que acha?

– Meu filho, ter Joãozinho aqui conosco é um prazer, e além do mais, ele me faz esquecer dos problemas.

– Mãe, esse peraltinha adora vir à casa da avó.

Manoel conversou por alguns minutos com a mãe, e então disse:

– Agora preciso ir; tenho que conversar com Isabel sobre nossa situação.

– Meu filho, só te peço que não perca a cabeça caso ela se mostre mal educada. Não se esqueça de que teu pai nunca encostou um dedo em mim.

– Fique tranquila, mãe; decidi que se ela começar a gritar vou sair e a deixarei falando sozinha.

– Manoel, para ser homem não é necessário usar a força bruta; fugir de situações embaraçosas requer grande força e autocontrole.

Manoel pela primeira vez olhou para a mãe e disse:

– Eu não estaria passando por nada disso se tivesse ouvido seus conselhos, mãe.

Dona Isaltina nada disse, pois percebia que o rapaz já estava arrependido por ter se casado.

Manoel então se despediu da mãe e tratou de voltar pra casa.

O rapaz, assim que saiu à rua, ficou a pensar em que se transformara sua vida. Desde que se casara não havia tido nenhum momento de alegria ao lado de Isabel, e à noite ela se portava como uma prostituta. Foi nesse momento que o rapaz pensou:

"Isabel está com problemas psicológicos; é melhor que eu a leve para uma consulta com o doutor Marco Antonio, dizem que ele é ótimo."

E com esses pensamentos, Manoel logo viu sua casa.

Assim que entrou em casa, encontrou Isabel sentada no sofá. Reparou que ela nem sequer levantara do lugar durante todo o tempo em que ele estivera fora. Com suavidade perguntou à mulher:

– O que está acontecendo com você, Isabel?

– Nada! – respondeu Isabel com indiferença.

– Como não está acontecendo nada? Ontem você se portou como uma meretriz.

– E você não gostou?

– Isso não vem ao caso, estou percebendo que você não é mais a mesma; durante o dia fica assim, alheia a tudo, e à noite se transforma.

– Bem, cumpro fielmente com minhas obrigações de esposa; por que está reclamando?

– Não estou reclamando de nada, estou preocupado com você.

– Não se preocupe – disse ela de maneira lacônica –, estou bem.

Manoel não percebeu, mas novamente as duas entidades se aproximaram deles, e ele a tomou ali mesmo, na sala, usando de toda violência que jamais pensara usar.

E quanto mais batia em Isabel e a humilhava, mais ela parecia gostar.

E com o aumento da violência, mais viril ele se sentia; e quanto mais a humilhava, mais ela queria ser humilhada por ele.

Nesse misto de ódio e autoafirmação para ambos, finalmente os dois se acalmaram, e foi então que Manoel, olhando para Isabel estirada ao chão, percebeu que ela estava toda machucada; amedrontado com o ocorrido, finalmente ele começou a chorar.

Isabel olhou para Manoel, e só percebeu o que havia acontecido quando tentou levantar-se para tomar um banho, e sentiu que seu corpo todo doía.

Isabel sentiu um ódio enorme por Manoel, como se ela já tivesse vivido aquela cena antes; e, com desprezo, resolveu se banhar.

Manoel, a seguiu, observando-a enquanto ela se banhava e, entre lágrimas, disse:

– Perdoe-me, Isabel, não sei ao certo o que me deu, mas confesso que senti algo que nunca havia sentido antes.

Isabel, molhando o rosto com água morna, finalmente olhou-o e disse:

– Você é um animal! Não sabia que me odiava tanto!

– Meu amor, eu não te odeio, não sei o que aconteceu comigo, mas de repente senti como se houvessem dois Manoéis em mim, e um era monstruoso, terrível, que, embora soubesse que a amava, queria de todas as formas machucá-la.

– Manoel, você não só me machucou, mas me humilhou; estou me sentindo violentada.

– Isabel, me perdoe… ontem aconteceu a mesma coisa, e por isso não fui trabalhar hoje, pois queria conversar com você! Tanto ontem como hoje estou me sentindo péssimo.

– Realmente, Manoel, isso não poderia ter acontecido, mas aconteceu, e peço que, de hoje em diante, nunca mais coloque suas mãos imundas em mim! Saiba que sou sua esposa e não uma prostituta qualquer; jamais vou me deitar com você novamente!

– Mas observei tua expressão, e me pareceu que você estava gostando dessa maneira de fazer amor.

– Gostando? Manoel, quem gosta de sofrer são os masoquistas, e isso eu não sou; portanto, se achou que gostei está muito enganado.

Manoel, que já não estava se sentindo bem antes do ocorrido, se sentiu o pior dos homens. Assim, sentou-se no chão do banheiro e chorou copiosamente.

As duas entidades que estavam ali começaram a rir, e uma delas finalmente disse:

– Ah, hoje você se superou! Nunca me senti tão realizada, mas você viu o que ela disse, que nunca mais vai deixá-lo colocar as mãos nela? Assim nunca mais arranjaremos um casal que nos satisfaça tanto quanto eles.

– Não se preocupe com ela, Graça, ela diz isso mas sempre acaba fazendo o que eu quero.

– Hum… isso é bom, não quero que ela deixe de se deitar com ele; finalmente arranjamos um casal à altura de nossos desejos.

– Eles vão se deitar ainda hoje, Graça.

– Mas como? Ela já está toda machucada, talvez não aguente mais uma sessão de prazer para esta noite.

– Não quero saber se ela está machucada, para mim o importante é que eles façam o que queremos; pouco me importa seu estado… quer saber? Vou machucá-la ainda mais!

E, dizendo essas palavras, a entidade que tinha aspecto masculino sorriu sinistramente.

– Você é sádico, Onofre, mas é justamente isso que gosto em você; o seu sadismo me faz me sentir mulher; sinto como se ainda tivesse meu corpo de carne – disse Graça, sorrindo.

E as entidades passaram a rir, antegozando o prazer que nutririam por desfrutar de momentos íntimos novamente.

Manoel viu quando Isabel enrolou-se na toalha, e nesse momento arrependeu-se por não controlar seus instintos.

E ficou sentado ainda por mais trinta minutos, sem se mover do lugar.

Isabel, depois que saiu do banheiro, foi para diante da penteadeira e observou os ferimentos por todo o corpo, como arranhões e mordidas; o braço direito estava arroxeado, e seu corpo dorido; nesse momento que ela sentiu um ódio pelo marido que nem ela mesma sabia de onde vinha.

Manoel resolveu tomar banho, e colocou uma roupa leve. Como não tinha nada a falar com Isabel, o rapaz procurou sair de casa, pois se sentia envergonhado quando olhava para a esposa.

Isabel ficou em casa, e começou a se lembrar de momentos antes; e foi assim que a entidade, atraída pelo seu pensamento, se aproximou dela e,

inspirando pensamentos libidinosos, deixou-a esquecer que Manoel a havia ferido.

Isabel novamente sentiu falta de Manoel, e ficou ali pensando no que vivera com o marido.

15

Um raio de luz

Manoel, por sua vez, saiu à rua sem saber aonde ir; foi então que se dirigiu à Praça da Matriz e, sentando-se em um banco, completamente desolado, ficou ali esperando o nada. Então, um rapaz passou por ele, e, olhando para o banco, girou nos calcanhares, olhou Manoel admirado e disse:

– Manoel? O que faz sentado aqui a uma hora dessas? – Era Gilberto, um velho conhecido, que Manoel não via há muito tempo.

Manoel, que nem prestara atenção a quem se tratava, sorriu e respondeu:

– Gilberto… há quanto tempo! Por onde tem andado que nunca mais nos vimos?

O rapaz retribuiu o sorriso e alegremente continuou:

– Meu amigo, nesses últimos tempos estou tão ocupado que não tenho tempo pra nada! Mas agora me diga, o que faz aqui?

Manoel, voltando sua atenção a seu drama, respondeu desanimado:

– Estou aqui olhando os pombos, que nada pensam, que nada sentem, que só comem algo que alguém lhes joga, e que não têm um coração maltratado pelas agruras da vida.

– Nossa! Vejo que você não está nada bem – respondeu Gilberto, percebendo a desilusão do amigo.

– Não se preocupe, estou bem… Apenas pensando no sentido da vida. Será que a vida só é nascer, viver, sofrer, envelhecer e morrer? Que proveito se tira de tudo isso?

– Bem, Manoel, se vê que está filosofando, e todos nós a uma altura da vida pensamos em tais coisas; isso é comum, sabermos que morreremos é um fato incontestável, mas o importante é sabermos para onde vamos, o que será

de nós após a morte… enfim, para que estamos aqui; isso é que vai fazer a diferença das coisas.

– Gilberto, você está diferente, não mais me parece aquele cara louco que conheci há um tempo atrás e que só pensava em paz e amor… – disse Manoel surpreso.

Gilberto, sorrindo, completou:

– Realmente, meu amigo, pensarmos em paz e amor enquanto a nossa realidade é bem diferente é uma utopia que nos faz estacionar, portanto, temos a obrigação de sabermos o que será de nós e o que devemos fazer para mostrar esse amor àqueles que estão a nossa volta.

Foi nesse momento que Manoel, observando melhor a Gilberto, percebeu que ele já não usava mais os cabelos compridos, com um trançado de couro em volta da cabeça, e já não usava mais sandálias chinesas com os pés sujos; e que também já não tinha mais aquelas pulseiras de feiras hippies e roupas extravagantes. Gilberto usava uma calça boca de sino marrom, com sapatos plataforma pretos que combinavam com os cintos, e uma camisa de manga comprida, bege, que emoldurava ainda mais o belo corpo que o rapaz tinha. Manoel, intrigado com as mudanças do rapaz, perguntou:

– Gilberto, você está diferente; mudou o visual, cortou os cabelos, não está falando gírias com frequência como antes fazia, sua maneira de falar e o teor de sua conversa também mudaram… Garanto que tem algum broto no meio dessa mudança toda.

Gilberto, sorrindo, respondeu:

– Por que todas as pessoas acham que para haver mudanças em um homem ele tem que estar envolvido com alguma mulher?

– Ora, porque somente um amor nos faz mudar! – respondeu Manoel.

– É aí que mora o engano, meu amigo; há tantas coisas que nos fazem mudar… e tem mais, uma mudança feita por uma mulher só dura enquanto durar a paixão, depois tudo volta a ser como era antes.

Manoel nunca havia pensado nisso antes, e ficou ali olhando surpreso para Gilberto, que conhecera vendendo suas pulseiras artesanais, sempre com a cabeça alienada a tudo o que acontecia no preciso momento.

Curioso por ver tantas mudanças, finalmente perguntou:

– Mas já que não é nenhum broto que o fez mudar, a que se deve essa mudança?

– Bem, meu amigo – disse Gilberto olhando para os pombos que estavam a sua frente –, o que me fez mudar foi o fato de conhecer uma doutrina diferente de tudo que já conheci em minha vida.

– Não vai me dizer que você agora virou evangélico? – indagou Manoel, fazendo troça de Gilberto, que continuava a falar seriamente sobre o assunto.

– Não, Manoel, eu não estou fazendo parte de nenhum culto religioso, estou indo mais além do que meramente prender-me a uma igreja. Estou estudando as codificações de Allan Kardec, e frequentando um Centro Espírita.

Manoel, gargalhando, continuou a fazer troça, quando disse:

– Ah! Agora percebo que você continua o mesmo louco de sempre! Onde já se viu estar metido com espiritismo? Se você estivesse metido com os militares talvez eu não o achasse tão louco! – Manoel gargalhou, voltando a olhar para os pombos.

Gilberto olhou calmamente para Manoel quando disse por fim:

– Bem, eu posso te dizer que fui louco, mas hoje me sinto tão bem, tão em paz, que gostaria de compartilhar com você.

– Ah, isso não! Onde já se viu você, aquele hippie desleixado e piolhento, agora metido com espiritismo… se eu contar a alguém, principalmente ao Lúcio, ele não vai acreditar… – E Manoel novamente voltou a gargalhar, continuando a fazer troça de Gilberto.

– Ah… – prosseguiu Gilberto –, acho que faz um tempo que você não vê ninguém mesmo. O Lúcio também está indo ao mesmo Centro Espírita que frequento.

– O quê? Você está me dizendo que o Lúcio está participando dessa loucura?

– Loucura? Vejo que você não tem mesmo noção do que seja o espiritismo. Saiba que é uma religião que nos leva a pensar nos porquês das coisas, e principalmente a corrigir o nosso interior; sinto lhe informar, meu amigo, mas você está sendo preconceituoso, para evitar o espiritismo sem nem mesmo conhecer.

Manoel envergonhou-se, e tentou contemporizar:

– Eu não estou sendo preconceituoso, apenas acho que essa coisa de espiritismo é para pessoas que acreditam em contos de assombração.

– Bem, já que pensa assim, não farei nada para demovê-lo dessa ideia, mas te aconselho a conhecer o assunto, e um dia poderemos conversar. O

Lúcio era assim como você, não acreditava em nada, e certo dia, passando por momentos angustiosos, foi visitar um Centro Espírita; e como se saiu bem, quis conhecer a fundo. Hoje, tanto ele como sua esposa frequentam assiduamente e estão felizes.

– Muito bem, já que você disse que o espiritismo é uma religião que nos mostra os porquês das coisas, então me explique ao menos a pergunta que fiz quando começamos a conversar – inquiriu Manoel desafiadoramente.

– Está bem, mas ouça com atenção – disse Gilberto, feliz, como se já tivesse ganhado a primeira etapa da conversa. – Nós vivemos, pensamos e agimos, eis o que é positivo; nós morremos, e isso não é menos certo. Deixando a Terra, para onde vamos? Em que nos tornaremos? Seremos ou não seremos? Ser ou não ser, tal é a alternativa; é para sempre ou para nunca mais; é tudo ou nada, ou viveremos eternamente ou morreremos sem retorno? Essas são questões com que a humanidade vem se deparando no decorrer dos tempos, e muitos infelizmente partem desse planeta sem respostas.

"Todo homem experimenta a necessidade de viver, de gozar, de amar, de ser feliz. Se dissermos para uma pessoa que ela está prestes a morrer, ela vai tentar viver até as últimas consequências, devido à ânsia de ser feliz; porém, nem todos que passam pela Terra conseguem vivê-lo, nem que seja por um dia.

"O homem, Manoel – continuou Gilberto – tem necessidade de saber sobre sua origem e o seu destino, por isso essas questões são levantadas, e são poucos os que de fato chegam a uma resposta satisfatória; mas um homem que se deparou com essas perguntas, que por sinal se mostrou inteligente, chamado Allan Kardec, passou por esses questionamentos, e quando entrou em contato com Espíritos Elevados, fez essas mesmas perguntas a esses Espíritos, e finalmente compilou a base dessa religião.

"Infelizmente, há aqueles que pensam que quando morremos tudo se acaba; mas se assim fosse, qual seria a vantagem de estarmos vivos, enfrentando todas as dificuldades que esse planeta oferece? Nenhuma! Pois estes são os que buscam somente o bem-estar presente, porque a morte é algo que sabemos que vamos ter de enfrentar cedo ou tarde.

"Há outros que dizem que o homem, ao morrer, volta a fazer parte do universo; bem, mas cada um de nós tem os próprios gostos, a própria personalidade e, se assim fosse, poderíamos dizer que perderíamos a nossa individualidade. Veja bem, se realmente fizéssemos parte do universo como um todo, que proveito tiraríamos da experiência vivida na Terra?

“Mas, segundo o que os Espíritos Elevados transmitiram, nós, quando morremos, mantemos a nossa individualidade; continuamos a ser as mesmas pessoas, com os mesmos gostos e com os mesmos sentimentos de quando ainda estávamos na carne.”

– Mas se é realmente assim como você está dizendo, qual a razão de vivermos num planeta como a Terra? Cheio de problemas e injustiças? – perguntou Manoel, gostando da maneira como Gilberto explanava o assunto.

– Manoel, deixe-me abreviar um pouco mais a resposta; você já ouviu falar em reencarnação?

– Ah, já, sim. Dona Marta, amiga de minha mãe, começou um tempo atrás a lhe falar sobre isso; mamãe me contava, mas quanto a mim, nunca acreditei. Isso é inverossímil demais – respondeu Manoel, meneando a cabeça.

– Bem, antes de você tirar suas conclusões sobre o que é ou não verossímil, cabe-lhe estudar, se aprofundar sobre determinado assunto; rejeitar é muito fácil, ou seja, é simplesmente dizer “eu acredito nisso” ou “não acredito”; mas uma pessoa que procura usar sua inteligência vai pesquisar, estudar com afinco para digerir determinadas informações, e somente depois de muito esforço dirá, com conhecimento de causa, se acredita ou não. O mundo é regido por leis, e a reencarnação não foge à regra; é uma lei natural, e ninguém poderá fugir dela.

“A Terra é um planeta de provas e expiações; assim, ninguém que vem a esse planeta pode se considerar completamente feliz, pois todos nós enfrentamos dores, de modo que o sofrimento nos ajuda a aprender, crescer e evoluir.

“Acaso nunca ouviste que, quando não se aprende no amor, se aprende na dor? Nós, que estamos encarnados nesse planeta, sabemos que a Terra tem todos os ingredientes para evoluirmos, pois estamos cercados por todo tipo de dificuldades, sofrimentos e aflições.’

“E voltaremos a viver aqui quantas vezes forem necessárias, pois enquanto a Terra estiver respondendo as nossas imperfeições, voltaremos aqui para nos lapidar.

“O diamante, quando encontrado, está em sua forma bruta, de modo que ele passará pelo processo de lapidação, e esse processo muitas vezes chega a maltratar a pedra.

“Da mesma maneira, somos lapidados pelos processos dolorosos que esse planeta nos oferece, e enquanto houver em nós resquícios de orgulho, vaidade, intolerância, inveja, ciúme, avareza, ódio, sentimento de vingança, agressividade, impaciência, negligência, ociosidade e más tendências, continuaremos a voltar, pois é para isso que Deus, em sua misericordiosa bondade, oferece a chance de nos lapidarmos desses defeitos.”

– E como é esse processo de lapidação? – perguntou Manoel, interessado na explicação de Gilberto.

Gilberto, percebendo o interesse do amigo, não se fez de rogado e continuou em sua explicação.

– Quando se erra muito em uma encarnação, o espírito muitas vezes necessita voltar a fim de corrigir-se onde mais errou; e é dessa forma que ele vai crescendo, evoluindo.

“Sempre que estamos encarnados temos a oportunidade de ficar frente a frente com nossos defeitos, e se insistirmos em mantê-los, voltaremos e enfrentaremos as mesmas dificuldades, até a devida correção. Para que se corrijam os defeitos pertinentes à infância espiritual são necessárias várias encarnações.

“Com respeito às diferenças sociais, te pergunto – continuou Gilberto –, como pode um espírito saber o que é viver na privação, sendo que ele só viveu na opulência? Por que alguns nascem com deficiências enquanto outros nascem na mais perfeita saúde? Por que uns são tão ricos e outros são tão pobres? Podemos dizer que a reencarnação é justa, pois os espíritos provam de todas as situações e vicissitudes que o planeta oferece, o que o fará crescer espiritual, moral e intelectualmente.

“Quando, muitas vezes, vemos uma pessoa na mais completa indigência, geralmente isso suscita a pena da maioria das pessoas; mas se for olhar para trás, será que essa mesma pessoa não foi alguém poderosamente rica do passado e que talvez tenha cometido muitas atrocidades?

“Se ela está nessas condições é para aprender alguma coisa, pois a verdade da vida é que só aprendemos quando passamos pela dor do sofrimento.

“Manoel, cada um é responsável pelos seus atos, de modo que terá de enfrentar outra lei presente em nossa vida, que é de causa e efeito.

“Portanto, Manoel, cabe a nós compreendermos por que vivemos nesse planeta, ou seja, nossa vida não se resume a apenas nascer, viver, envelhecer

e morrer, mas antes a nossa vida terrestre serve para transformarmos os nossos defeitos em virtudes. Nós vamos evoluir com as dificuldades do planeta, com as privações que sofremos, e principalmente com os nossos erros, mas graças às reencarnações sucessivas é que vamos galgar rumo à perfeição.

"Por isso, a vida na Terra é essencial para o nosso progresso, espiritual, moral e intelectual; e quando vemos uma criança que tem sua inteligência acima da média das demais, é porque está a alguns passos das outras crianças, pois todos nós estamos em diferentes escalas evolutivas."

Manoel ficou observando Gilberto, e, enquanto isso, pensava em quanto o amigo estava diferente.

– Gilberto, se pensarmos por esse lado, veremos que a reencarnação é um mecanismo natural para que possamos crescer; mas por que não nos lembramos do passado? Como poderemos aprender se não nos lembramos de absolutamente nada?

– É simples, meu amigo: Deus, em sua infinita bondade e misericórdia, colocou sobre o espírito reencarnante o véu do esquecimento, para que cada espírito pudesse recomeçar. Pense bem: se alguém mata numa encarnação, depois de voltar à pátria maior, naturalmente estará cheio de sentimentos de culpa; já imaginou se nós nos lembrássemos de cada erro do passado? Não viveríamos, estaríamos presos a sentimentos depressivos que culminariam por nos atrapalhar a marcha. Portanto, o esquecimento é necessário para que nós possamos corrigir os nossos erros passados. Logicamente não nos lembramos, porém está gravado no nosso íntimo que determinadas ações são erradas. Quer ver um exemplo? Quando perguntamos para adolescentes, com mais de treze anos, sobre as ações dos militares, o que elas respondem?

Manoel pensou por alguns instantes, e finalmente respondeu:

– Ora, que os militares são uns assassinos! – respondeu Manoel com veemência.

– Pois certo, meu amigo, mas quem foi que lhes disse que o assassinato é errado?

Manoel meneou a cabeça, entendendo o que realmente Gilberto estava querendo dizer.

– Então, amigo, esses adolescentes talvez já tenham passado por uma situação dessas, ou talvez já tenham sido algoz de alguém. É por isso que eles muitas vezes tacham os militares de assassinos, tiranos e coisas assim.

Você se lembra do caso daquele jovem que nasceu em Sorocaba, e cursava geologia na USP?

– Sim! O Alexandre Vannuchi Leme?

– Esse mesmo. Ele estudava, era um bom rapaz, e foi preso pelos agentes do DOI-CODI; se não me engano, foi surrado brutalmente por esses agentes, até falecer.

– Ah, sim, como eu poderia me esquecer? Minha mãe não parava de pensar no rapaz, e também na mãe dele, e meu pai chegou a odiar os militares por causa de barbáries como essa.

– Então, meu amigo – disse Gilberto –, esse episódio incitou nas pessoas um sentimento de revolta muito grande, pela violência infligida ao pobre moço.

– Sim, mas o que isso tem a ver com nossa conversa?

– É para você perceber que mesmo que a maioria das pessoas esteja vivendo em sua infância espiritual, ainda se revoltam com crimes bárbaros como esse. É pela evolução em que o espírito está que muitos têm verdadeiras repulsa pelos militares. Assim, quase todos trazem, em sua essência, que esse tipo de ato é um crime hediondo.

Manoel, colocando a mão no queixo, olhou novamente para um pombo que se afastava do grupo, e se colocou a pensar; e depois de alguns instantes ele finalmente disse:

– Sabe, a sua explicação é coerente e lógica. Juro que vou pensar melhor no assunto.

– E então, ainda acha que o espiritismo é uma loucura? Ou coisa de gente ignorante?

Manoel esboçou um leve sorriso quando respondeu:

– Não, Gilberto; percebo que você deixou de ser um hippie para se tornar um estudioso da vida.

– Prefiro ser lembrado como estudioso que como louco – brincou Gilberto. E percebendo que Manoel iria lhe fazer outra pergunta, avisou:

– Meu amigo, tenho que ir, pois minha hora de almoço está acabando.

– O quê? Você está trabalhando?

– Sim, Manoel; não mudei apenas meu visual, mudei também minha vida; não sou mais um homem ocioso, gasto meu tempo trabalhando, estudando sobre a doutrina e fazer um curso de contabilidade à noite.

– Custo a crer que você seja aquele cara que conheci anos atrás, vendendo bugigangas nas esquinas.

– Isso é para você ver, meu amigo, que no Centro que frequento se fala muito sobre a reforma íntima, ou seja, sobre uma mudança interior que todos nós deveríamos fazer, e estou me esforçando para mudar; minha mãe disse que eu renasci quando comecei a frequentar o Centro Espírita Doutor Bezerra de Menezes, e você não imagina como ela está feliz com meu progresso; afinal, você se lembra de quantas vezes, quando eu estava sob o efeito da maconha, lhe falei sobre os problemas com minha mãe? Agora tudo isso é passado, vivemos harmoniosamente bem.

– Mas ela também frequenta o Centro Espírita com você?

– Não! Minha mãe diz que é grata à doutrina, pelas minhas mudanças, mas vai continuar na religião em que seus pais a deixaram.

– Hum… entendo bem. E hoje você é feliz, Gilberto?

– Olha, meu amigo, posso dizer francamente que sim. Claro que tenho meus problemas e desafios a vencer, mas com a ajuda do alto, estou conseguindo vencer muitos desafios que a vida apresenta. Hoje, não preciso de subterfúgios como a maconha para adquirir serenidade, pois usufruo a serenidade colocando em prática tudo que aprendo.

Manoel fixou seu olhar em Gilberto e percebeu que seu semblante era sereno, e que Gilberto falava a verdade.

Agora vou indo. Ah, se quiser conversar novamente, trabalho na loja de móveis ali em frente à farmácia.

– Ah, a loja de móveis do seu Oliveira?

– Sim, essa mesmo! – respondeu Gilberto sorrindo.

E ao responder a pergunta, Gilberto estendeu a mão a Manoel e, rodopiando nos calcanhares lentamente, seguiu para seu trabalho.

Manoel ficou observando seu amigo de outros tempos se afastar devagar, e foi com alegria que disse:

– É, Gilberto… quem te viu, quem te vê! Nunca imaginei vê-lo assim tão bem vestido, com tantos argumentos inteligentes, e com postura de intelectual. Quer saber? Vou procurar Gilberto mais vezes para saber o que há nessa religião que é capaz de fazer uma pessoa como ele mudar tão radicalmente.

Manoel, de novo olhando para uma criança que corria atrás dos pombos forçando-os a levantar voo, se lembrou de seu tormento interno e de como

seu casamento ia de mal a pior.

Veio-lhe à mente o que havia acontecido entre ele e Isabel, e nesse momento não conseguiu segurar as lágrimas.

Depois de algum tempo que se lembrou de que ainda não havia comido nada, e que seu estômago estava reclamando de fome.

Manoel não sentiu vontade de voltar para casa; assim, foi a um bar e pediu um guaraná e um salgadinho. Depois de comer, novamente voltou e sentou-se no mesmo banco da praça.

Manoel pensava com insistência por que havia feito aquilo com Isabel, e sem chegar a conclusão alguma, decidiu que já era hora de voltar para casa.

Ao chegar, viu a casa toda bagunçada, e olhando para os lados, não viu Isabel; Manoel então sentiu o peito oprimir-se, pois temia que sua esposa tivesse ido embora.

Ele entrou em seu quarto, e ao ver Isabel deitada, sentiu um alívio percorrer-lhe todo o corpo; olhando para Isabel, perguntou:

– E então, Isabel, como está?

– Estou sentindo falta de meu marido… – disse ela com voz sedutora.

Manoel finalmente prestou atenção, e logo pôde ver que ela estava completamente sem roupas; e foi com ira que puxou o lençol para se certificar melhor. Indignado, perguntou:

– O que está acontecendo com você, Isabel? Já esqueceu que você mesma disse que não mais iríamos nos deitar?

– Isso foi de manhã; agora venha para nossa cama e realize sua esposa, afinal não é para isso que se casou?

– Não, Isabel! Não quero! E você está muito estranha, venho percebendo isso há alguns dias. Sei que errei com você, mas não pretendo voltar a fazer isso.

– Não sabia que um ato sexual era errado, ainda mais quando somos casados!

– Isabel! – exclamou o rapaz. – Não sei ao certo o que está acontecendo com você, mas se quer me enlouquecer, saiba que falta pouco para

conseguir! Num momento você me deseja ardentemente, e no momento seguinte, expõe todo seu ódio!

Isabel, sorrindo, ordenou:

– Pare de falar e venha! Há muitas horas estou te esperando.

Nesse instante, ela fez movimentos sensuais, e Manoel, não podendo controlar o desejo, deixou-se envolver novamente por ela.

Tudo ocorreu como na parte da manhã; enquanto a amava, sentia um misto de desejo e ódio, e fez tudo como fizera nas últimas vezes em que havia se deitado com ela.

Isabel parecia insaciável: quanto mais ele a dominava, mais ela queria ser dominada por ele.

Depois de acalmar seus desejos, Manoel olhou para ela deitada e chorou abundantemente; e foi depois de alguns minutos que Isabel olhou para ele e gritou:

– Está vendo! Com você não dá para tentar uma reaproximação, todas as vezes você me machuca!

– Mas… Isabel, foi você quem me levou a fazer isso! Acho que nós estamos ficando loucos; já não aguento mais isso… Por favor, agora sou eu que peço, vamos ficar longe um do outro! Ademais, você está grávida, garanto que seus hormônios estão alterados pela gravidez!

Manoel tentou arranjar uma desculpa para o descontrole emocional da esposa, embora nem ele mesmo acreditasse nisso.

Isabel, com rancor, disse:

– O que na verdade quero é uma relação pacífica, mas você sempre acaba me machucando.

– Isabel, chega de me acusar. Eu não estava mais pensando em me deitar com você, mas você me envolveu! Acho melhor nós dormirmos separados, e enquanto não pudermos manter uma relação sexual sadia, acho bom você procurar um médico!

– Eu não vou procurar médico algum! Sou jovem e sadia, o doente aqui é você, não eu!

– Isabel, entenda, estamos precisando de ajuda; vou procurar um médico para nós, e poderemos ir juntos.

– Eu não vou ao médico! Se quiser ir é problema seu, mas não tente me arrastar para as suas loucuras.

– Está bem, Isabel, a partir de hoje vou dormir no quarto com João Felipe. É melhor ficarmos longe um do outro, já venho percebendo que você está estranha há tempos, mas não posso me deixar arrastar pelas tuas sandices.

– Ah, vai embora daqui, seu rato! Não quero te ver, pois sinto verdadeiro ódio por você. E já que não quer ser meu marido, tenho certeza que será fácil arranjar qualquer um para se deitar comigo!

– Olha aqui, Isabel, se tem algo que jamais perdoarei será traição, pois lhe sou fiel, e vou cobrar isso até seu último dia de vida!

– Balela… Já que meu marido não é homem o suficiente, vou ter que procurar outro na rua.

Nesse momento que Manoel, sendo tocado em seu orgulho, novamente apoderou-se do corpo de Isabel, e dessa vez fez coisas que jamais imaginaria fazer; foi nesse ímpeto que, num de seus socos, ele cortou a boca da esposa, que, sofrendo o impacto da batida, acabou ferindo a língua.

Isabel, percebendo o gosto de sangue em sua boca, sentiu seu desejo aumentar, e só serenou meia hora mais tarde.

Manoel não entendia o porquê de tamanha brutalidade, mas preferiu nada dizer, e muito menos chorar na frente da esposa.

As duas entidades, que estavam uma ao lado dela e a outra ao lado dele, faziam expressão de muito prazer…

Somente quando as entidades serenaram-se foi que se afastaram do casal, e Isabel olhou para Manoel com a repulsa de sempre.

Manoel não compreendia o que estava acontecendo com ele, mas percebia que precisava de ajuda.

Isabel, levantando-se em um salto, correu para o banheiro e trancou a porta por dentro. Sentou-se no sanitário e ficou a pensar no que estava acontecendo com ela. Uma hora desejava Manoel daquela maneira violenta, e na outra nem sequer suportava olhar para ele. Ela então olhou para o teto e pediu a Deus esclarecimentos sobre sua situação.

Embora soubesse que Manoel era violento ao extremo nos momentos íntimos, ela sabia que era ela quem o induzia a agir daquela maneira, e pela primeira vez sentiu pena do marido.

Isabel ficou cerca de duas horas no banheiro, e só saiu quando o pai de Manoel bateu na porta da frente, trazendo o pequeno João Felipe de volta para casa.

O pai do moço não entrou, devolvendo o garoto ali mesmo na porta; segundo ele, tinha muito serviço para fazer ainda na oficina.

Manoel não foi atender o pai, e ficou deitado, olhando para o nada na grande cama de casal. Foi então que se lembrou de Gilberto e da conversa que tivera com o rapaz algumas horas antes.

Manoel finalmente pensou:

– Está acontecendo alguma coisa errada, disso não há dúvida. E não é somente com Isabel, mas comigo também. Nunca gostei de violência, mas agora me apraz barbarizar minha esposa! O que há conosco? Vou trabalhar amanhã; nada que o trabalho não ajude. Além do mais, o trabalho é o melhor amigo do homem, enquanto a ociosidade destrói. É isso mesmo, vou trabalhar o dia inteiro e à noite irei à casa de Gilberto; ele não disse que o espiritismo é a religião que explica os porquês das coisas? Então quero ver o que me diz. Mas se ele me acha com cara de idiota que aceita qualquer coisa, está muito enganado, porque se não concordar vou esfregar tudo na cara dele.

As duas entidades, Graça e Onofre, observavam Manoel, e percebendo a intenção dele, logo se preocuparam, e tentaram envolvê-lo a ponto de fazê-lo desistir. Foi Onofre quem passou a dizer:

– Manoel, não vá procurar esse seu amigo, ele não sabe de nada… e você, um homem inteligente, metido com coisas de gente estúpida? Por favor, aja pela razão. O que está acontecendo com vocês é que estão querendo revitalizar a vida sexual, nada mais…

Manoel não ouviu as palavras de Onofre, mas conseguiu registrá-las como se fossem suas.

E assim, ele disse para si mesmo:

– Como aquele bolha do Gilberto poderá me ajudar? Logo ele, que usava maconha como se fosse cigarro normal, e que sempre esteve com a cabeça no mundo da lua, agora vem com essa conversa de espiritismo pra cima de mim? Ele é um tonto, e eu seria ainda mais tonto se o procurasse.

Manoel ficou deitado mas, em seguida, levantando em um salto, logo pegou um cobertor, travesseiro e lençol e foi para o pequeno quarto de João Felipe, pois não queria mais manter uma relação doentia com a esposa.

Ao se acomodar em um colchão de solteiro que havia a mais na casa, ao lado do berço do menino, deitou-se novamente, e naquela noite não saiu nem

mesmo para comer, embora soubesse que Isabel não havia preparado o jantar.

Manoel sabia que Isabel ficava dias e dias sem comer, e comia apenas biscoitos com leite, de modo que emagrecera muito desde que Naná partira.

As entidades que ficavam sempre no quarto de Isabel e Manoel não gostaram da decisão do rapaz, e dessa forma Onofre disse:

– Graça, esse rapaz é um perigo. Precisamos tirar aquele metido do Gilberto do caminho, senão ele vai atrapalhar todos os nossos planos. Precisamos tomar cuidado.

– Não se preocupe que com ela eu me arranjo bem, mas você ficará encarregado de cuidar dele e de manter o tal Gilberto longe, entendeu? Bem longe…

16

Descobertas e novos aprendizados

Naná se recuperava a olhos vistos; voltara a caminhar livremente, e sempre procurava estar às voltas com Sofia. Com isso, se propôs ajudar a todos os recém-chegados.

Sofia, que simpatizara com Naná desde que a conhecera no posto de socorro, logo aceitou a oferta de Naná de ajudar os recém-chegados. Muitas vezes era preciso manter a paciência para informar ao novato o que realmente havia acontecido, e com o tempo Naná começou a fazer todas as visitas sozinha.

Naná gostava do que fazia, mas vez por outra pensava que precisava saber de Isabel, e sempre que se sentia triste, Marisa vinha lhe visitar.

Certa tarde, ela estava sentada no jardim sob a copa de uma frondosa árvore, e José, cumprimentando-a cordialmente, e disse:

– Percebo que teus pensamentos estão longe daqui; quer conversar um pouco?

– Sim, José. Obrigada por ter vindo, meu irmão; confesso que hoje estou com meu coração oprimido, penso em Isabel e como estará vivendo, e isso me angustia.

– Minha irmã, não se preocupe com Isabel. Ela está aprendendo, e tenha certeza de que ficará bem.

– Mas então ela não está bem, José?

– Bem eu não diria, pois ela é uma pessoa descrente, e infelizmente está sofrendo as influências de irmãozinho menos esclarecido; mas não se preocupe que Deus, nosso pai, e Jesus, nosso divino mestre, estão

permitindo que ela e Manoel sejam assistidos por nossos companheiros de jornada.

– E você diz isso com essa calma toda? Pelo que tenho aprendido com Sofia e aqui, continuamos os mesmos de antanho. Acho que você esqueceu que em sua última encarnação ela foi tua filha!

– Naná, por favor… continuamos de fato a ser os mesmos de quando estávamos encarnados, mas compreenda que Isabel terá de aprender. Infelizmente, minha irmã, se ela não aprender pelo amor, terá que aprender pela dor, como a maioria dos encarnados; preocupo-me com ela assim como você, mas procuro ajudar de outra forma.

Naná olhou surpresa para José quando perguntou:

– Como é que você está ajudando se, pelo que sei, você não sai da colônia espiritual para nada?

– Bem, Naná, a melhor maneira de ajudarmos é por vibrar-lhe pensamentos de amor e incluí-la em nossas preces. Deus, que tudo sabe e tudo vê, enviará nossos irmãos espirituais para ajudá-la. E se você quer ajudá-la, faça o mesmo – disse José, segurando nas mãos de Naná.

– Mas como é que pensamentos poderão ajudar alguém, José?

José percebeu que Naná realmente desejava ajudar Isabel, e com satisfação passou a dizer:

– Ah! Estou terminando um curso que fala sobre o poder da vibração, ainda mais quando o fazemos de coração; isso balsamifica o espírito do encarnado e o ajuda a melhorar seus pensamentos, e uma vez que a pessoa melhore o teor dos pensamentos, ela aprenderá a atrair bons resultados para si própria. Quando uma pessoa é negativa ao extremo, ela traz para si apenas dor e sofrimentos; mas quando muda o seu padrão de pensamento, atrai para si todas as coisas boas, e ainda mantém afastados irmãos menos esclarecidos.

Naná, aprovando da explicação de José, anuiu:

– Nisso você tem razão: preciso aprender a ter paciência. Mas a falta que sinto da menina é grande, e conheço bem o gênio que ela tem; por isso gostaria de visitá-la.

– Ainda não está na hora de você voltar à Terra; precisa aprender a se equilibrar, e os cursos que temos aqui muito nos ajudam.

Naná logo se lembrou de Sofia e citou a José o que sua companheira de trabalho havia lhe dito:

– Sofia me disse algo sobre os cursos, e principalmente sobre as palestras que são feitas no salão principal de conferências.

– Sim, minha irmã, está na hora de você começar a frequentar os cursos.

– Mas eu não quero deixar de trabalhar, é por isso que não manifesto o desejo de frequentar os cursos. O irmão Jairo já me falou sobre alguns deles, mas sinceramente venho procrastinando ao máximo apenas para não deixar de trabalhar.

– Minha irmã, se existe uma coisa que temos – e muito – nessa morada do Pai é tempo; agora, você vai precisar administrar seu tempo com sabedoria. Todos nós precisamos trabalhar, mas também precisamos nos alimentar intelectual e espiritualmente, pois é graças a esses cursos que nós nos preparamos para cada nova jornada na Terra.

– Mas eu gosto tanto de trabalhar aqui no posto de socorro… não gostaria de deixar de trabalhar.

– Naná, você pode continuar a fazer o seu trabalho normalmente, é só saber administrar com sabedoria seu tempo.

Nesse momento, Naná olhou para José e percebeu que algo nele estava diferente, mas ela não entendia bem o que era.

José, beijando a mão de Naná, disse:

– Bem, hoje vou assistir a uma palestra, e se quiser poderá me acompanhar.

– Qual será o tema da palestra?

José gostou do interesse de Naná, e respondeu:

– A palestra vai tratar de um assunto muito comum para os encarnados: “Por que o medo da morte?”.

Naná, colocando a mão no queixo, comentou:

– Esse tema é bem interessante, José; acho que vou assistir a essa palestra. – e, sorrindo, completou: – Está certo, aceito o convite.

– O horário será às vinte horas.

– Um bom horário, pois tenho pouco o que fazer – respondeu Naná sorridente.

– Ótimo! Passarei aqui mais tarde para te pegar, o que me diz?

– Acho ótimo! Quero saber por que as pessoas têm tanto medo da morte.

E ao dizer essa palavra Naná se levantou, e José, olhando-a se afastar, pensou:

– Ah, essa criatura é tão bondosa! Como foi bom ter tido a oportunidade de ser seu companheiro de jornada, mesmo que por pouco tempo.

No horário marcado, José se encontrou com Naná, e juntos caminharam sob a luz da lua, nas floridas alamedas. Naná ficou encantada em ver como a cidade havia sido projetada.

Em cada parte da grande alameda havia casas; umas aparentavam ser maiores, outras menores; nenhuma delas possuía grades ou muros, e em todas havia um belo jardim.

No lado direito, havia uma praça, com vários bancos, onde Naná ficou observando a beleza do lugar, ainda sob a lua cheia, e disse:

– José! Percebo que tanto no jardim do posto de socorro como aqui, as flores são todas muito bem cuidadas, a grama é sempre curta, não existe erva daninha… Quem cuida de todos esses jardins?

José ficou feliz, e com sua habitual simplicidade, respondeu:

– Naná, todos que estão aqui aprenderam que é necessário cuidar do jardim assim como das árvores, por isso cada um realiza um papel. Lógico que não ficam com uma pá e uma mangueira para aguar; para deixar bonito, cada um cuida com a força do pensamento, ou seja, plasmam sempre os jardins bem cuidados. Afinal, Deus ama o belo; se não amasse, não teria feito da Terra um planeta maravilhoso.

Naná, não entendendo, ficou a pensar:

“O que ele quis dizer com a palavra plasmar?”

José, que aprendera em um dos cursos a ouvir os pensamentos, logo sentiu o pensamento de Naná e com alegria respondeu:

– Naná, para os encarnados plasmar significa modelar, só que fazem isso com barro, com gesso e com outro tipo de material; para nós aqui, plasmar significa a mesma coisa, modelar, mas fazemos isso com os fluidos universais, e esses fluidos são trabalhados com a força do pensamento.

– Mas como eles conseguem cuidar de um jardim somente com a força do pensamento? – perguntou Naná, interessada na explicação de José.

– Quando emanamos nossos pensamentos, estes liberam uma força que usará os fluidos universais a nosso favor. Por isso é que os desencarnados

trabalham mais com a mente que os encarnados, que não sabem do potencial que têm os pensamentos.

– Sim – comentou Naná, interessada.

– Se os encarnados soubessem a força que têm os pensamentos, não passariam por tantas dificuldades. Veja bem, quando estamos sintonizados no bem e em pensamentos positivos, geralmente atraímos coisas boas, mas quando alguém tem maus pensamentos, acaba por atrair para si coisas ruins. Se o encarnado soubesse que um de seus maiores inimigos é o medo, faria de tudo para mudar seus pensamentos, munindo-se de coragem. Pois quando alguém tem medo de alguma coisa não é basicamente isso que acaba acontecendo?

Naná, que estava escutando as explicações de José, se lembrou de algo que acontecera enquanto estava encarnada, e com isso, disse:

– José, eu nunca havia pensado nisso, mas me lembro de que quando estava encarnada eu sempre tive medo de perder o único bem que meu pai me deixara: um antigo relógio de bolso. A corrente desse relógio havia se quebrado, mas a máquina ainda funcionava, bastava dar corda. Sempre que sentia saudade de meu pai, eu pegava o relógio e ficava por horas chorando, sentindo a falta daquele que me presenteara antes de desencarnar. E quando ainda vivia com meu primeiro marido, tive de fazer uns exames na cidade vizinha; quando cheguei em casa, qual não foi minha surpresa? Havia entrado um ladrão que roubara o relógio junto com outros objetos de pouco valor. Claro que o relógio não valia muito, mas seu valor sentimental era imenso.

José, que ouvia o relato de Naná sorrindo, passou a dizer:

– É isso que quero dizer, minha irmã: o medo é o nosso pior inimigo, pois atrai justamente aquilo que tememos. Tudo isso em decorrência da força do pensamento negativo, no caso.

Naná estava surpresa, pois José parecia ser outro; e estava ainda mais satisfeita em tê-lo como amigo. Ela perguntou:

– José, tudo isso você aprendeu no curso?

José, sorrindo, respondeu:

– Sim! E então, minha irmã, se você frequentar os cursos verá como poderemos fazer isso. Saiba que se ficarmos aqui cem anos temos ainda muito que aprender.

– Naná, observando os modos de José, disse, até mesmo sem perceber:

– José, você está tão diferente, está mais calmo e nem fala mais mal da ditadura.

– Minha boa amiga, não adianta nós nos revoltarmos com a ditadura, pois se ainda estão no poder é porque as pessoas como nação têm muito que aprender; portanto, não cabe a nós julgarmos. Se estão lá é porque Deus assim permite, como o irmão Josiel explicou em um dos cursos que frequentei.

Ele olhou para Naná de modo significativo, e continuou:

– Não cai uma folha de árvore se não houver a permissão divina. Portanto, se os militares ainda estão no poder é porque os cidadãos brasileiros têm muito que aprender. Os jovens que fazem parte do movimento estudantil, por exemplo, querem fazer justiça com as próprias mãos, e isso tem levado esses jovens incautos a crescerem por meio da dor e do sofrimento. Dizem que uma só andorinha não faz verão; isso é uma grande verdade. Mas também se reunirem para quebrar leis estabelecidas pelos militares não os ajudará em nada, muito pelo contrário, vários têm pagado com a própria vida por sua rebeldia.

Naná a tudo escutava, atenta.

– Jesus não se filiou a nenhuma facção política para derrubar o governo de Herodes, ou mesmo os sacerdotes; ele procurou viver e ensinar suas verdades, baseando-se no amor a Deus e ao próximo – continuou José. – Ele poderia ter se rebelado, mas, pelo contrário, deixou-se prender, e mesmo assim deu um grande exemplo de amor à humanidade, até mesmo em seu último suspiro de vida terrestre, quando disse: “Pai, perdoa, porque eles não sabem o que estão fazendo”. Assim como eu, Naná, muitos se revoltaram com o governo militar, mas se analisarmos bem, a rebeldia não levará a lugar algum! Somente a paz, a ordem e a harmonia poderão fazer com que outros vejam que de fato não vale a pena ficar brigando por ideais bobos, que não levarão a nada.

Naná ficou a fitar a postura de José enquanto falava, e percebeu que sua aparência estava um pouco diferenciada, e seu tom de voz também. Observou ainda o quanto ele estava bonito, e que seu porte também estava diferente.

José, à medida que andava pelas floridas alamedas, parecia ver tudo pela primeira vez, embora a noite estivesse agradável e tudo estivesse

iluminado, e os perfumes das raras azaleias e das damas da noite perfumassem o ar.

Naná observava tudo atentamente, e sentiu seu coração se encher de alegria, pois nunca imaginara existir um lugar tão belo como aquele.

Caminharam em silêncio por mais alguns minutos, e logo chegaram a um local cuja arquitetura era toda em estilo colonial, e muitas pessoas entravam, num silêncio que traduzia a alegria de estarem reunidas naquele belo lugar.

Naná ficou admirando o semblante daquelas pessoas, e ao entrar no auditório, um rapaz muito gentil e sorridente estendeu a mão para José com alegria:

– Boa noite, José, que bom encontrá-lo aqui!

– Boa noite, Jurandir, eu não ia perder uma palestra dessas por nada! Mas antes, me deixe apresentar minha companheira: esta é Nair, mais conhecida como Naná. Ela foi minha companheira nessa última encarnação.

Naná sentiu seu rosto corar, pois, devido à harmonia do lugar, ruborizou quando José disse que ela havia sido sua esposa. Esboçando um leve sorriso, ficou trêmula, sem nada responder; mas Jurandir, observando o constrangimento de Naná, disse cordialmente:

– Seja bem-vinda, Nair, sinta-se à vontade… Saiba que aqui somos todos como uma grande família, e por este motivo, você não tem do que se envergonhar.

– Mas não estou envergonhada, moço, apenas achei estranho o fato de José dizer com naturalidade que já fomos casados enquanto vivíamos na Terra.

– Mas por que o constrangimento, minha irmã? Acaso o casamento não é uma intuição divina? Pois se não houvesse o matrimônio, dificilmente a Terra estaria habitada, e fatalmente não teríamos a chance de retornar.

– Sim, mas mesmo assim fiquei sem jeito de ver a simplicidade de José.

– Ora, que é isso, Naná? – disse sorrindo José. – Um relacionamento entre homem e mulher é algo normal, e já que foi de fato minha esposa, do que temos que nos envergonhar?

– Por favor, José não diga mais nada, pois já estou envergonhada ao extremo – pediu Naná, olhando para as próprias mãos nervosas que ficavam esfregando-se sem parar.

Jurandir, percebendo que a pobre Naná realmente estava avexada com a situação, conduziu-os a um lugar onde dava para ver perfeitamente a tribuna

onde o palestrante faria seu discurso. Então a pobre Naná sentou-se, satisfeita com a postura educada do rapaz. Naná ficou a olhar por todo o auditório, cujas paredes eram revestidas de madeira, tornando o ambiente sério; as cadeiras almofadadas eram de cor bege, e o piso era um carpete grosso, que mais parecia um gostoso tapete, que tinha uma cor de bege um pouco mais escura que as cadeiras. Naná ficou a observar o bom gosto do local, e, em sua simplicidade, perguntou a Jurandir, que estava sentado entre ela e José:

– Jurandir, quem foi que fez esse prédio tão bonito?

– Ah, esse serviço coube aos fundadores da colônia, e tudo se mantém assim como foi criado.

– Mas eles têm um extremo bom gosto, não é mesmo? Olha, nada sai do tom, tudo é bonito e harmonioso.

– Realmente, Naná, Deus nos fez belos, de modo que o bom gosto está dentro de cada um de nós, como esse criador da colônia fez tudo como lhe ditava o coração; nós também podemos criar muitas coisas, e se depois de um tempo formos olhar para trás, chegaremos à conclusão de que nossa criação era algo belo, e logo vem a dúvida se realmente fomos nós quem criamos.

O que ninguém imagina é que conseguimos exteriorizar tudo de belo e de prazeroso que está dentro de nós; portanto, minha irmã, não fique atônita com a beleza do local, pois ainda encontrará muitas surpresas pela frente ao conhecer melhor a colônia. Deus é perfeito, e se tem algo que Ele colocou dentro do coração de suas criaturas inteligentes foi o gosto pela exuberância, de modo que quando você se aprofundar nos cursos que certamente fará, verá que Deus, por ser soberanamente justo e bom, faz com que suas criaturas inteligentes se aprimorem cada vez mais em seus sentidos, como o da audição, da visão, do paladar e até mesmo do tato, já que é tão comum, quando vemos algo que nos agrada os olhos, querermos tocar.

Naná ouvia atentamente a tudo o que Jurandir dizia, e em silêncio ficou esperando o momento de começar a palestra.

Nesse instante, na tribuna, subiu um desencarnado com aspecto calmo; sua voz era carregada de uma ternura a qual chamou a atenção de Naná.

E assim a palestra iniciou-se:

– Boa noite, meus irmãos, é com alegria que nos reunimos mais uma vez aqui, nesse salão, para tratarmos de assuntos abrangentes, assim como o

dessa noite. Para os que ainda não me conhecem, me chamo Augusto, e é com prazer que me reúno com todos. Que a paz de nosso Mestre Jesus esteja com todos.

E assim, o orador começou com uma prece.

Depois da prece ele finalmente disse:

– O medo da morte? Será coerente? Todos nós, um dia, já passamos por esse medo, mas começaremos a falar sobre o medo em geral. Mas o que é o medo? O medo é perturbação resultante da ideia de um perigo real ou aparente.

"O medo é um sentimento que pode ou não ter uma justificativa real, mas por que quase todos os encarnados têm medo da morte? Por que muitos nem sequer tocam no assunto? Ou quando ficam doentes logo entram em desespero, achando que vão morrer? A única certeza que os encarnados trazem em seu íntimo é o fato de que um dia experimentarão a morte, pois ela sobrevém a todos sem distinção.

"Como pudemos um dia, enquanto encarnados, pensar: "mas o que será a morte? Será apenas um sono profundo, ou será a aniquilação total?". E pensando nessa aniquilação total é que os encarnados se desesperam, pois trazem consigo, em seus corações, o desejo de viver para sempre; mas quando confrontados com o espectro da morte, sentem-se fragilizados, pois sabem que ela virá e nada a impedirá.

"O homem tem medo da morte, porque necessariamente lhe falta conhecimento sobre o que acontecerá depois. E assim, tem medo da morte porque lhe falta o verdadeiro conhecimento sobre a vida.

"Havia um pequeno grupo de contemporâneos de Jesus que tinham um conceito um tanto distorcido sobre a morte; esses eram os Saduceus.

"Mas na verdade, quem eram os saduceus? Em que acreditavam?" – indagou Augusto, dando uma entonação diferente na voz.

"Os saduceus eram de um partido contrário ao dos fariseus. Era um número pequeno, formado por poucos homens educados, ricos e de boa posição social. Eram diferentes dos fariseus nos seguintes pontos: negavam a ressurreição, afirmavam que a alma morre com o corpo, negavam a existência de anjos e espíritos. E principal teoria dos saduceus era: 'Comamos e bebamos, pois amanhã morreremos'. Na verdade, o que observamos nos saduceus é que eles eram terminantemente materialistas, já que não acreditavam em nada.

“E pelo que percebemos, muitos encarnados ainda trazem consigo os mesmos princípios dos Saduceus. Muitos, ao saberem que estão com uma doença que em pouco tempo lhes tirará a vida carnal, em vez de pensar no que virá após a morte, procuram viver até as últimas consequências, caindo nas extravagâncias e precipitando, assim, a morte.

“Mas como cada ação traz uma reação correspondente, as consequências são funestas, pois, por acreditarem num aniquilamento total, infelizmente essas pessoas caem num desregramento que também prejudicará a sua vida perispiritual. Querendo gozar tudo que a vida tem a oferecer, cometem vários deslizes morais, e espirituais.

“Mas o que acontece com esse tipo de pessoa, que se assemelha aos saduceus?

“O inevitável medo da morte, pois julgam que morrendo, acabam, deixando de existir e fazendo parte do nada. Com isso atraem para si muitos sofrimentos na pós-morte.

“Mas se tem um fator que não podemos evitar é que a morte é um fenômeno tão natural quanto o nascimento. E o encarnado que pensa que a vida na Terra é tudo o que há, está completamente errado, pois apenas compreendendo que a Terra é um lugar de aprendizado deixaria de ser materialista e não daria ênfase à matéria, não cairia em todo tipo de desregramento quando se sentisse ameaçado.

“E o que aprendemos desse triste relato? Aprendemos que a falta de conhecimento faz o encarnado prisioneiro do medo e dos vícios que, tão bem sabemos, causam tanto mal a nosso perispírito.

“Meus irmãos, nunca nos esqueçamos que Deus, sendo justo e bom, jamais nos criaria para nos deixar perdermos na poeira do tempo.

“Quando um encarnado se esforça para entender os fenômenos naturais que o cercam, compreende que a morte não é o fim, mas uma continuação numa outra dimensão; e somente assim mantém a serenidade quando se vê às voltas com a morte.

“Como pudemos ver, o conhecimento nos traz serenidade, mas para conhecer mais sobre os mecanismos da morte é necessário esforço contínuo.

“Temos um exemplo maravilhoso entre os encarnados, que foi o próprio Allan Kardec, homem que cooperou para a iluminação do mundo, fazendo perguntas inteligentes aos espíritos da codificação.

“No *Livro dos Espíritos*, capítulo III, questão 149, perguntou aos irmãos da codificação:

“‘Em que se torna a alma no instante da morte?’

“Os Espíritos Superiores, com sua sapiência, responderam:

“‘Volta ao estado natural de espírito, isto é, retorna ao mundo dos espíritos, que deixou temporariamente.’”

Augusto, à medida que falava, fazia com que todos ficassem cativos de suas palavras.

– Com isso aprendemos – continuou Augusto – que o espírito é eterno, e que o corpo é algo transitório que vai durar apenas alguns anos. E o mais importante é que se conservam como quando estavam encarnados.

Nesse momento, todos olharam para si, testificando a veracidade das palavras do orador.

– Sabemos que muitos dentre vós passaram por essas indagações comuns com respeito à morte, e ao que acontece depois dela. Entendemos que a morte não é algo para ser temido, mas para ser encarado naturalmente, mantendo-se, assim, a serenidade diante de um fato que não se pode mudar.

Naná ouvia tudo com suma atenção, e nem sequer tirava os olhos do fluente orador que estava a sua frente; ele não somente trazia paz e encorajamento como chamava todos à razão dos fatos incontestáveis.

Augusto, o orador, por sua vez continuava assim sua dissertação sobre a vida e a morte. E olhando para os rostos de alguns dos presentes, finalmente perguntou:

– Será que a maioria dos encarnados está de posse desses conhecimentos? – E com brandura na voz, continuou: – Infelizmente, não! Uns continuam a se entregar ao materialismo, dando importância demasiada ao corpo físico, ou ficam preocupados em juntar bens materiais; outros procuram cair na apatia e deixar para pensar nisso mais tarde, quando estiverem às voltas com a morte. E outros preferem pensar na morte como algo tão distante que não é merecedor de sua atenção, entregando-se a todo tipo de desvario.

“Mas há aqueles que procuram estudar com afinco os ensinamentos passados pelos irmãos da codificação, buscando ter o conhecimento básico que fará toda a diferença entre a vida na Terra e além dela.

“Durante a vida, o espírito se liga ao corpo por seu envoltório, semimaterial, ou podemos dizer perispírito. A morte, meus irmãos, é apenas

uma destruição do corpo e não desse segundo envoltório, que se separa do corpo, na ocasião da morte.

"A observação prova que no instante da morte o desligamento do perispírito não se completa subitamente; ele não se opera senão gradualmente e com lentidão, que vai variar muito de indivíduo para indivíduo.

"Para alguns pode ser muito rápido, e pode-se dizer que o momento da morte é aquele do desligamento. Para outros, sobretudo aqueles cuja vida foi toda material e sensual, o desligamento é muito menos rápido e dura, algumas vezes, dias, semanas e mesmo meses, o que não implica existir no corpo a menor vitalidade, nem a possibilidade de um retorno à vida, mas uma simples afinidade entre o corpo e o espírito; afinidade esta que está sempre em razão da preponderância que o espírito deu à matéria.

"Portanto, é racional conceber que quanto mais o espírito se identifica com a matéria, mais jungido ele fica a ela.

"Ao passo que as atividades intelectual e moral, a elevação de pensamento, operam um começo de libertação mesmo durante a vida do corpo, e quando chega à morte, o desligamento é quase instantâneo.

"Tal é o resultado dos estudos feitos sobre todos os indivíduos observados no momento da morte. Essas observações provam ainda que a afinidade persistente entre a alma e o corpo em certos indivíduos é algumas vezes muito penosa, porque o espírito pode experimentar o terror da decomposição.

"Este caso é excepcional e particular a certos gêneros de vida, e outros gêneros de morte; eles se apresentam entre alguns suicidas.

"Mas como nós já experimentamos a morte, sabemos que nesse momento, tudo é confuso. O espírito necessita de algum tempo para se reconhecer, ele fica aturdido, num estado de um homem despertando de um sono profundo, que procura orientar-se sobre sua situação. A lucidez das ideias e a memória do passado lhes voltam à medida que se apaga a influência da matéria da qual se libertou e se dissipa a espécie de neblina que obscurece seus pensamentos.

"A duração da perturbação que se segue à morte do corpo varia muito; pode ser de algumas horas, de muitos meses e mesmo muitos anos. Porém, é menos longa para aqueles que desde sua vida terrena se identificaram com o seu estado futuro, porque então compreendem imediatamente sua posição.

Essa perturbação apresenta circunstâncias particulares segundo o caráter do indivíduo e, sobretudo, de acordo com o gênero da morte.

“Nas mortes violentas, por suicídios, acidentes, apoplexia, o espírito surpreendido espanta-se e não acredita que morreu, e sustenta essa ideia com obstinação.

“Entretanto, vê seu corpo, sabe que é seu e não compreende por que está separado dele. Acercando-se das pessoas a quem estima, fala-lhes, mas não o compreendem porque não o ouvem. Esse fenômeno se explica facilmente: bem surpreendido de improviso pela morte, o espírito fica atordoado com a brusca mudança que nele se operou. Para ele, a morte é ainda sinônimo de destruição, aniquilamento; ora, como ele pensa, vê e escuta, não se considera morto. Sua ilusão é aumentada pelo fato de se ver com o corpo de forma semelhante ao procedente, mas cuja natureza é etérea.

“A dificuldade em compreender esse fato impede que esses irmãos compreendam que a morte do corpo físico lhes sobreveio, trazendo as mudanças correspondentes.

“Mas o mais interessante é que os desencarnados nessa situação veem o que querem ver, e, com isso, ficam presos a ilusões criadas por sua mente; ou seja, um homem desencarnou no ano de 1900, e fica nesse estado perturbatório por cinquenta anos.

“Em cinquenta anos a vida muda: as pessoas tendem a acompanhar a moda, há as melhorias na cidade… Enfim, nós sabemos que a vida em 1900 era bem diferente da vida em 1950. Mas não para aquele desencarnado, que ficou preso à perturbação espírita; embora as coisas estivessem bem diferentes, ele manteve a ilusão de que tudo continuava como ele estava habituado a ver.

“Ele não consegue ver que as coisas estão diferentes, porque a sua mente criou para ele a ilusão de que tudo continuava exatamente como era antes; por esse motivo, se perguntarmos a ele em que ano se encontra, ele dirá que está em 1900.”

Augusto parou de falar por alguns instantes, quando retomou a palavra, dizendo:

– Meus irmãos, se cada encarnado na Terra soubesse a diferença que o conhecimento faz, não perderia tempo com coisas sem importância, e se prepararia para o retorno à vida espiritual, que é a verdadeira vida.

Certamente isso evitaria muitos sofrimentos depois do desenlace do corpo físico.

"O medo é algo que aprisiona, e a pessoa, assim que sente que a morte se avizinha, trata de pensar que isso não acontecerá com ela, deixando-se arrastar por um medo sem sentido.

"Essa é mais uma faceta do materialismo que impede de fazer com que o desencarnado veja a morte com naturalidade. Mas há quem pergunte: "será que um desencarnado pode assistir a seu próprio funeral?" A resposta a essa questão é a seguinte: sim.

"O recém-desencarnado vê, então, o singular espetáculo de um funeral sem se dar conta de que se trata do seu próprio funeral, como se fosse de uma pessoa estranha, algo que não lhe dissesse respeito, até o momento que compreende a verdade.

"A perturbação que se segue à morte nada tem de penosa para o homem de bem, para o homem que procura adquirir conhecimento e viver segundo este."

Augusto, nesse momento, entonou gravemente a voz para que as pessoas imaginassem o que ele estava querendo dizer.

– Para esse homem, a passagem é calma, tranquila, e ele acordará tranquilo. Para os que não têm a consciência pura, ela é cheia de ansiedade e de angústias que aumentam à medida que ela se reconhece.

"Nos casos de morte coletiva, tem-se observado que todos os que perecem ao mesmo tempo nem sempre se reveem imediatamente. Na perturbação que se segue à morte, cada um vai para um lado, ou se preocupam apenas com aqueles que lhes interessam.

"Meus irmãos; como pudemos perceber, o ser encarnado se preocupa demasiadamente com a morte, porém não procura saber sobre o que há após esse temido momento.

"Os encarnados deveriam compreender que a morte é apenas uma passagem, e que sentindo medo ou não, todos irão experimentá-la um dia. Mas deveriam se preocupar realmente com o que vem depois.

Se de fato a humanidade pensasse no após-morte, certamente se esforçariam para seguir os ensinamentos do nosso Divino Mestre Jesus, que disse que na casa do Pai há muitas moradas, que ele iria preparar um lugar, deixando claro que a morte não existe e que ela é apenas uma viagem para a

pátria verdadeira. Somos seres espirituais, e quando abandonamos o corpo material, voltamos para nosso verdadeiro lar, que é o mundo dos espíritos.

"Portanto, cada encarnado deveria se preocupar com a morte, não pelo lado negativo, pensando que é o fim de tudo, mas pelo lado positivo, pensando que ela é uma passagem para outros mundos onde poderemos aprender mais sobre Deus e seus propósitos; e cultivar em nosso coração o desejo de fazer o bem.

"Talvez alguém nesse momento pense: 'Não tenho por que me preocupar com a morte, já que passei por ela e agora estou aqui, bem, ouvindo uma palestra'. Sim, meus irmãos, no atual momento, sim, vocês passaram pela morte e estão aqui; mas nunca se esqueçam que passarão por esse processo tantas vezes quantas forem necessárias, para o aprimoramento moral, intelectual e espiritual.

"A morte é um presente para o espírito que permite que ele retorne à pátria espiritual."

Haviam transcorrido quarenta e cinco minutos; porém, aos ouvintes, parecia que a palestra havia começado naquele momento.

Finalmente, Augusto sorriu para todos os que estavam presentes, e convidou-os para unir-se a ele numa prece.

Depois da prece final, todos se levantaram. Havia muita harmonia no ambiente, e todos manifestaram prazer por ouvir aquela palestra tão elucidativa.

Naná já não ouvia mais nada do que se dizia, pois os presentes estavam como passarinhos em manhãs alegres de verão: falavam baixo, mas todos ao mesmo tempo.

Num momento em que estava completamente distraída, José pegou-a no braço, dizendo:

– Naná, vamos embora? Eu a acompanho.

Naná imediatamente assentiu com a cabeça, e juntos saíram do auditório, e então começaram a andar despreocupadamente. José, percebendo o mutismo de sua companheira, disse:

– Percebo que você está calada, minha irmã; acaso não gostou da palestra do irmão Augusto?

– Não é isso – respondeu Naná –, apenas estou pensando em tudo que ouvi. A palestra foi maravilhosa, e os pontos que o irmão levantou me foram cruciais para pensar em muitas coisas.

– Pensar em que, Naná?

– Muitas pessoas realmente têm medo da morte, mas não fazem nada para compreendê-la, e foi justamente isso que foi levantado na palestra. Devemos compreender a morte como algo natural, como ele mesmo disse, tão natural quanto a vida. Lembro-me do Maurício, filho de dona Emerenciana, quando descobriu que estava com um sério problema no rim; ele entrou em desespero, a tal ponto que começou a beber e caiu na farra. Até que certo dia, em que pegou o carro do pai, saiu e bebeu exageradamente; e o que aconteceu? Capotou o carro e morreu no acidente. Veja bem – prosseguiu Naná –, se ele não tivesse se entregado ao desespero, não teria de enfrentar um desencarne violento, pois manteria a serenidade e procuraria se tratar; ele se deixou abater psicologicamente, e isso o levou a cometer verdadeiras loucuras. Vejo a coerência nas palavras do orador, e hoje penso: será que existe mesmo alguma religião que ajude as pessoas a compreenderem a morte?

– Sim, minha bondosa Naná, o espiritismo é uma religião que explica todos os fenômenos naturais. Se ele tivesse procurado conhecer, sem dúvida não teria passado pela dor do desespero, muito menos pela violência do desencarne.

Naná ficou observando José, e imediatamente se lembrou de Marta; se lembrou de como algumas pessoas faziam troça dela por ser espírita. Por um momento, pensou que ela é que estava certa.

E assim os dois conversavam animadamente sobre a palestra e a relacionavam com alguns acontecimentos que tinham vivido enquanto encarnados; foi quando Naná perguntou:

– José, o que tenho que fazer para obter mais conhecimento?

– Ah, minha boa Naná, a colônia promove ótimos cursos. Se você quiser, poderei acompanhá-la, para que você se matricule em um deles.

– Ótimo! É isso mesmo que farei. Quero aprender mais, e quando eu retornar ao planeta quero ser espírita, pois somente assim não sofrerei tanto com as agruras das provas e das expiações que porventura eu passe.

– Muito bem, Naná, vejo que você captou bem o espírito da coisa; realmente o espírito está em constante crescimento, e esses cursos vão ajudá-la a progredir ainda mais.

E assim, José e Naná continuaram conversando até chegarem ao seu destino.

17

Uma ajuda inestimável

Manoel estava agastado com aquela situação. Por um lado, amava a esposa e não queria perdê-la; por outro, não suportava ficar junto a ela, pois durante o dia, se mostrava apática a tudo, mas à noite, se transformava. Desse modo, sem saber ao certo o que fazer, decidiu que iria dormir temporariamente no quarto do pequeno João Felipe.

Numa tarde, depois do trabalho, entrou em casa e não viu Isabel, que estava trancada em seu quarto. Olhou para a cama do filho e constatou que João Felipe estava dormindo, mas a fralda estava molhada. Revoltando-se, Manoel foi tirar satisfação com a esposa.

Ao entrar, encontrou Isabel dormindo a sono solto àquela hora da tarde. Ela estava com as pernas desnudas, e ele não deixou de notar o quanto ela emagrecera, durante aquele período sem a madrasta.

Embora Manoel pensasse que ela estava definhando a olhos vistos pela falta da madrasta, desconhecia o real motivo da prostração de Isabel. Ela estava sendo fortemente assediada por entidades sem esclarecimentos espirituais, que desconheciam a lei do amor, tão usada por Jesus.

Manoel, ao observar a esposa, de súbito sentiu pena e resolveu não acordá-la, com isso, foi procurar uma fralda para colocar no filho. Porém, ao abrir a gaveta encontrou apenas uma fralda limpa. Pegou-a, e imediatamente foi trocar a criança, que não acordou.

Manoel voltou para a sala e, sentando-se, se pôs a pensar:

“Eu fiz tudo que estava ao meu alcance para me casar com Isabel, mas talvez esse tenha sido o meu maior erro, já que sempre soube que ela nunca me amou. Mas essa situação está ficando insustentável; ela está definhando dia a dia, não cuida da casa, não cuida do filho, não cuida de mim! E

justamente agora, descobre que está novamente grávida! Ah, como me arrependo de não ter escutado os conselhos de minha mãe…”

Sentindo-se o último dos homens, Manoel pegou a vassoura e se pôs a cuidar da casa, pois crescera num lugar asseado e não podia viver daquela maneira.

Limpou a cozinha, que estava cheia de louças sujas, limpou a casa, e aproveitou para lavar as roupas, pois no dia seguinte ele voltaria a trabalhar e não tinha nenhuma camisa limpa.

Isabel acordou com aquele alvoroço; ora panelas batiam, ora copos, ora ouvia jatos de água, e escutava o barulho da vassoura aqui e acolá.

Sem dar muita importância, virou-se e continuou a dormir; e acordou apenas depois que o dia já havia findado.

Ao sentar-se na cama, sentiu cheiro de comida, o que aguçou seu apetite, mas se assustou ao ver que a casa estava arrumada, as roupas estavam no varal, a cozinha totalmente organizada e o jantar, pronto.

Isabel gostou do que viu, mas preferiu nada dizer.

Manoel olhou para a esposa e pôde ver as olheiras profundas, mostrando que ela passava por um período difícil em sua vida.

– Manoel? Posso pegar um pouco desse frango? Está com um cheiro ótimo!

Isabel se mostrava meio constrangida, pois sabia ser seu o serviço como dona de casa.

– Espere um pouco! Estou terminando de preparar o frango. Daqui uns quinze minutos eu a chamarei para o jantar.

Isabel se retirou, indo sentar-se no sofá da sala, e com isso se pôs a pensar:

“Meu Deus, por que eu não amo meu marido? Ele é tão bom, sempre tão atencioso! Mas às vezes sua presença me faz mal, como se ele fosse me machucar. Eu gostaria tanto de amá-lo, de ser a esposa que ele merece!”

Apanhada de surpresa, Isabel foi chamada para o jantar, pois o tempo previsto por Manoel reduzira, e muito; e ao chegar à cozinha, ele havia colocado uma toalha do enxoval de Isabel, que nunca fora usado.

Isabel sentou-se à mesa e, vendo as panelas ainda sobre o fogão, pediu que ele fizesse seu prato, e ela faria o dela.

Manoel preferiu servi-la e, todo sorridente, começou a fazer sua refeição. Havia dias que ele não comia em casa, e jamais pensou que a

situação estivesse tão ruim.

Como tinha somente uma hora de almoço, ele sempre ia com os colegas de trabalho num restaurante perto do escritório; assim, raramente ia comer em casa, pois para ele era um suplício olhar para a esposa, que sempre estava com o rosto denotando um cansaço desmedido.

Isabel gostou do tempero do marido, e disse:

– Manoel, nunca soube que você sabia cozinhar… e olha que o seu jantar está ótimo, tudo no ponto!

Manoel, sorrindo, começou a falar:

– Bem, Isabel, para falar a verdade eu aprendi a fazer comida quando ainda tinha somente quatorze anos. Me lembro que minha mãe ficava até muito tarde no tanque; foi quando eu comecei a prestar atenção em tudo que ela fazia, pois, assim, eu não ficaria até tarde com fome, já que quando começa a lavar roupas dona Isaltina não para enquanto não termina. Certo dia, enquanto ela lavava as roupas, eu resolvi que faria o almoço. Claro que o primeiro não saiu muito bom, mas depois fui me aprimorando e confesso que até gostei de cozinhar.

"Mamãe chegou à cozinha – continuou Manoel – e encontrou tudo pronto; fiz tudo que estava ao meu alcance, e ela adorou a ideia de ter um filho cozinheiro em casa, pois ela lavava roupas durante o dia e à noite costumava passar as roupas que lavava de dia para entregar às suas freguesas no dia seguinte.

"Peguei um caderno de receitas de minha mãe, e aprendi a fazer bolos, e tudo mais, até que certo dia ela me disse que eu estava cozinhando melhor que ela. Mas me lembro que nessa ocasião as férias acabaram, e voltei à escola… E ao chegar em casa, minha mãe já estava com o almoço pronto, pois ela sempre soube que eu chegava faminto da escola. E aí parei de cozinhar; e devido a um problema na coluna, minha mãe cortou quase todas as suas freguesas, ficando somente com algumas.

– Que bom que me casei com um homem que sabe fazer de tudo um pouco – brincou Isabel –, pois eu estou tão cansada! Não sei o que está havendo comigo. Sinto que desde que Naná faleceu eu jamais fui a mesma.

Manoel, olhando para a esposa, disse seriamente:

– Isabel, depois do jantar precisamos conversar. As coisas aqui em casa não estão indo muito bem.

– Vamos deixar essa conversa para outro dia, pois eu vou tomar um banho e vou me deitar.

Manoel olhou de novo para Isabel e decidiu que ela o ouviria logo depois do jantar. Mas para não estragar aquele momento, preferiu se calar.

Depois de terminarem, Manoel pegou os pratos sobre a mesa, e se pôs a lavá-los, deixando finalmente a cozinha limpa, e Isabel voltou novamente para o quarto.

Depois de tudo pronto, Manoel foi ao quarto à procura de Isabel. Encontrou-a secando os cabelos com um secador que ele havia lhe presenteado.

Manoel já tinha dado banho no pequeno João Felipe e já havia preparado a sua mamadeira; assim, livre de preocupações, finalmente passou a dizer:

– Isabel, percebo que as coisas aqui em casa não estão indo nada bem. Quero saber o que está havendo com você, pois já não cumpre mais com suas obrigações, e nem mesmo cuida de nosso filho, que hoje estava dormindo todo molhado e com fome.

Isabel, tomada de surpresa, irou-se:

– O quê?! Será que estou entendendo direito? Você está me cobrando os serviços domésticos?

– Isabel, entenda: para nosso casamento dar certo, tem que haver maior cumplicidade da sua parte! A obrigação do homem é prover o sustento para a família, e a obrigação da mulher é cuidar da casa e dos filhos!

– Eu me nego a acreditar no que estou ouvindo… meu marido quer que eu seja uma empregada doméstica! Olha aqui, Manoel, eu sempre fiz o que quis em casa, e agora você está me cobrando cooperativismo? Faça-me o favor!

– Isabel – disse o marido –, sei que você sentiu muito a falta de dona Naná; todos nós sentimos. Mas não é pelo fato de ela ter morrido que nossa vida vai parar! Desde a sua morte, você se esqueceu de determinadas responsabilidades. Não cuida de mais nada aqui. Eu me casei para ser feliz, e não para morar numa pocilga como esta!

– Manoel, se sente falta da casa limpa e roupas lavadas, porque não contrata uma empregada? Estou grávida, e além do mais me sinto muito desanimada… acha que gosto de me sentir assim? Esse desânimo está me matando. Eu, para ser sincera, até penso em fazer, mas não sei o que está havendo que não consigo; eu durmo e acordo e o peso continua sobre meu

corpo. Manoel, eu gostaria de ser uma esposa melhor para você, mas não consigo!

Nesse instante Isabel se pôs a chorar, e Manoel sentiu-se penalizado.

Mas o que o casal não viu foi que Graça, a entidade que ficava ao lado de Isabel, estava colada a ela, e muitas vezes a deixava cansada só para se divertir.

Onofre ficava a rir em ver a indisposição de Isabel, e vez por outra se aproximava de Graça, beijando-lhe a têmpora.

Manoel preferiu dar o assunto por encerrado, e acreditando se tratar da gravidez, logo decidiu que faria um esforço e pagaria alguém para cuidar da casa e do pequeno João Felipe.

Naquela noite, Manoel estava exausto; depois de um longo banho deitou-se e procurou dormir.

Isabel, assediada por Graça, tentou manter intimidades com Manoel, mas ele não quis, dizendo estar muito cansado.

Manoel, fingindo dormir, lembrou-se novamente de Gilberto, e de tudo que ele lhe dissera sobre o espiritismo, e finalmente decidiu:

– Amanhã à noite irei à casa de Gilberto. Preciso conversar com ele, quero ver se ele terá uma explicação sobre essa visível mudança de Isabel. Pois mesmo antes de seu José se casar com dona Naná, sei que a casa deles era muito limpa, pois ela cuidava de tudo, e acho que essa morte de dona Naná nada mais foi que um pretexto.

Com esses pensamentos, Manoel enfim adormeceu.

Isabel estava irritada com a conversa de Manoel, e decidiu naquele momento que cumpriria com suas obrigações para ter a oportunidade de fazer determinadas cobranças ao marido.

No dia seguinte, Manoel levantou e se assustou ao ver que Isabel não estava na cama. E qual não foi a sua surpresa ao constatar que o café da manhã já estava pronto, e o pão fresquinho sobre a mesa.

Isabel estava assando um bolo, o que deixou Manoel imensamente feliz.

Olhando para Manoel, ela disse com desdém:

– Bem, se é uma dona de casa que você quer, é uma dona de casa que você terá; mas lembre-se que isso lhe custará muito caro!

Manoel não entendeu o que Isabel estava dizendo e, sorrindo, voltou ao quarto para se arrumar para o trabalho.

Depois de passar uma camisa que lavara no dia anterior, ele se arrumou e finalmente foi tomar seu café da manhã.

Nesse meio tempo, o pequeno João Felipe já havia acordado, e ela estava dando um banho na criança, sua fralda estava molhada.

Isabel, depois do banho, trocou o menino e deu a ele a mamadeira matinal, e para a surpresa de Manoel, o menino estava limpo e bem alimentado.

Manoel tomou o café da manhã junto com Isabel, e logo saiu, pois sabia que seu trabalho estava atrasado, uma vez que o dr. Cavalcanti o responsabilizara por todo o trabalho no escritório.

Isabel fez todos os serviços domésticos, pois jurara a si própria que o marido não teria mais o que falar; assim, ele não poderia negar-se a se deitar com ela.

Manoel chegou disposto ao trabalho naquela manhã, mas em seu íntimo estava triste, pois não conseguia esconder de si próprio a frustração que havia sido o casamento para ele; e ao entrar em sua sala, assustou-se em ver o dr. Cavalcanti sentado em sua mesa. Perguntou:

– Dr. Cavalcanti, o senhor por aqui? Aconteceu alguma coisa?

O bom homem, sorrindo para Manoel, respondeu:

– Você nunca ouviu dizer que a engorda do boi muito dependerá do olho do dono? Pois bem, é isso que estou fazendo.

Manoel sentiu-se embaraçado, e com isso resolveu ficar calado, mas foi o seu patrão quem disse:

– Manoel, estou feliz por tê-lo à frente desse escritório. Percebo que não somente aumentou a clientela como tudo está devidamente esclarecido nos registros de notas.

Manoel sorriu satisfeito ao receber o elogio do patrão, mas nesse momento se lembrou de Isabel e da aparente ameaça que ela lhe fizera.

Dr. Cavalcanti, olhando para Manoel, percebeu que alguma coisa estava errada, pois embora a camisa estivesse limpa, não estava bem passada como ele costumava usar. Assim, perguntou:

– Manoel, está tudo bem com você?

Manoel, sem entender a pergunta de seu chefe, respondeu:

– Sim, dr. Cavalcanti, agora está.

– Por que não veio trabalhar ontem?

– Me desculpe, tive alguns problemas em casa.

– Manoel – disse o senhor Mário Cavalcanti em tom amistoso –, quero que me veja não somente como o dono do escritório; quero que me veja também como um pai. Há um bom tempo venho percebendo que você está com problemas. Se quiser conversar estarei sempre por perto, e se não estiver, basta me telefonar e marcaremos de conversar em minha casa.

Manoel surpreendeu-se com a preocupação do patrão, e com humildade apenas disse:

– Doutor, se é pelo fato de eu haver faltado ontem, saiba que isso não vai mais acontecer.

– Não é sobre isso que estou falando, Manoel. Saiba que o tenho como um filho; sempre foi um funcionário exemplar, e mesmo que tenha faltado, sei que você teve seus motivos. O que na verdade espero é que você confie em mim, e me conte o que está acontecendo, pois você já não usa as roupas esmeradas como antes, está abatido, e várias vezes tenho percebido que você anda nervoso; para essas mudanças tenho certeza que deve haver um motivo.

Manoel sentiu as lágrimas brotarem, e olhando para o homem disse:

– Dr. Cavalcanti, sei que o senhor é muito bom, mas não quero lhe incomodar com meus problemas.

– Ora, saiba que eu sempre gostei de você como um filho. Se tem algum problema, gostaria que me dissesse, pois isso está interferindo na sua vida profissional.

Manoel, não contendo as lágrimas, disse enfim:

– Doutor, as coisas para mim não estão nada bem. Tenho muitos problemas em casa, e minha esposa se mostra apática a tudo. Não mais cuida da casa, nem do nosso filho, tampouco de mim; e também estamos tendo sérios problemas íntimos, que perturbam a minha consciência.

O homem remexeu-se na cadeira e se pôs a ouvir todo o relato de Manoel sobre o comportamento de Isabel.

Como dr. Cavalcanti era um homem ponderado, e além disso espírita havia mais de quinze anos, não teve dúvidas de que se tratava de um caso de obsessão.

E prestando atenção no rapaz a sua frente, finalmente disse:

– Manoel, o que fará essa noite?

– Bem, eu estava decidido a ir procurar um amigo. Por quê?

– Meu filho, estou percebendo que você precisa de ajuda, o que me diz de levar a tua esposa a minha casa para jantar?

Manoel não compreendeu a razão por aquele convite; afinal, todos aqueles anos trabalhando para o dr. Cavalcante e ele jamais o convidara para ir a sua casa. Embora fosse um excelente patrão, ele sabia diferenciar amizade de negócios.

Manoel finalmente respondeu:

– Doutor, sei que o senhor é uma excelente pessoa, e também um patrão compreensivo, mas não quero perturbá-lo com meus problemas.

O bom homem, olhando compassivamente para Manoel, respondeu:

– Bem, Manoel, creio que já está na hora de você saber sobre alguns fenômenos que ocorrem diariamente em nossas vidas. Talvez não saiba, mas sou espírita, e talvez os seus problemas sejam puramente espirituais.

– O senhor é o quê?

– Sou espírita, Manoel, e somente o espiritismo nos revela alguns fatos invisíveis que fogem a nossa compreensão.

– Não posso acreditar! Hoje mesmo eu estava disposto a procurar Gilberto, com quem falei ontem na praça, enquanto pensava nos meus problemas pessoais. Ele também me disse que talvez os meus problemas fossem espirituais. Confesso que a princípio não levei muito a sério, pois ele era um hippie; mas agora o senhor me fala a mesma coisa! Algo me diz que o senhor tem razão… então, doutor, pode me esperar que hoje minha esposa e eu iremos à sua casa.

– Vamos fazer melhor, poderemos conversar antes do jantar.

– Aceito o convite, doutor! – disse Manoel convicto.

– Mas você terá que ver com sua esposa – disse Cavalcanti sorrindo.

– Tenho certeza que Isabel não fará objeções, de modo que ficará marcado o jantar na casa do senhor.

E assim, Manoel voltou a sua mesa, que estava cheia de trabalho para resolver naquele dia.

Doutor Mário Cavalcanti resolveu ficar naquele escritório naquele dia; afinal, o novo escritório ainda tinha poucos clientes, e além do mais ele estava demasiadamente preocupado com Manoel, a quem tinha verdadeira afeição.

Cavalcanti prestava atenção em Manoel durante todo o dia, e não deixou de perceber que o rapaz não estava com a mesma disposição mental de outrora para resolver alguns problemas. Com isso, antes do fim do expediente ele finalmente disse:

– Manoel, por favor, vou esperá-lo para o jantar, e ao chegar vou avisar Ana para preparar tudo com esmero.

– Pode nos esperar, doutor, pois iremos sem falta.

Naquele dia, Manoel ficou pensando na atitude do patrão, e não deixou de sentir por ele uma ternura indefinível, pois seu pai biológico jamais se preocupara com seus problemas pessoais; mas seu patrão se mostrou interessado nele como ser humano.

Logo estava encerrado o expediente, e Manoel voltou depressa para casa, a fim de avisar Isabel que iriam jantar na casa do dr. Cavalcanti naquela noite. Ao chegar, encontrou todo o serviço feito, o filho estava limpo e alimentado, as roupas já estavam todas lavadas e Isabel terminava de passá-las.

Manoel ficou feliz, e pensou que talvez não precisasse ter falado de seus problemas pessoais com o chefe; mas agora já estava feito e ele não tinha como voltar atrás.

Isabel percebeu que Manoel havia chegado, mas não conseguiu externar nenhuma emoção com isso, pois para ela a presença de Manoel era completamente indiferente.

Manoel, percebendo a atitude antagônica de Isabel, parou na soleira da porta, olhou com firmeza para ela, que permanecia com a cabeça baixa, e disse:

– Isabel, hoje não precisa preparar o jantar, pois fomos convidados a jantar na casa do dr. Cavalcanti.

Isabel olhou para Manoel com certa indignação, e disse em tom áspero:

– O quê? Fomos convidados a jantar na casa do seu chefe? E você me vem com essa calma me dizer isso?

– Sim, Isabel. Como eu não pude vir almoçar em casa, não deu para avisá-la antes, portanto estou lhe avisando agora.

– Olha aqui, Manoel! Eu não vou sair de casa hoje, nem que seja para jantar com o presidente! Não me arrumei, não comprei nada para a ocasião, foi muito em cima da hora!

– Está bem, Isabel! Se não quiser ir, irei eu; mas saiba que você é minha esposa e não é de bom-tom eu me apresentar sozinho. Mas se você não quer, tudo bem, não vou obrigá-la a nada. Só aviso que continuarei dormindo no quarto de João Felipe, pois já que não tenho esposa para me acompanhar num simples jantar, não tenho também obrigações a cumprir com ela!

Isabel ficou olhando para Manoel, e foi somente nesse momento que percebeu que havia agido com certa ignorância com ele, pois não sabia o que acontecia consigo. Durante o dia não sentia a mínima falta de Manoel, mas à noite era para ela uma verdadeira tortura dormir sem tê-lo ao lado.

Manoel, assim que disse essas últimas palavras, sumiu pelo corredor, indo ao quarto, pensando em que desculpa daria ao chefe sobre a ausência da esposa. Desabotoando a camisa, logo se lembrou de Rosália, de como ela o havia amado naquela noite e do quanto ele fora injusto com a moça. Pensou também que se houvesse se casado com Rosália talvez sua vida fosse bem melhor.

Rosália era uma moça morena, com sorriso largo e corpo bem feito. Seus cabelos negros caíam-lhe nos ombros. Era especial o olhar que a garota dirigia a ele sempre que soltava uma de suas tiradas bem humoradas.

Manoel finalmente chegou à conclusão de que seu casamento fora o maior erro de sua vida, pois embora Isabel o desejasse de maneira estranha, ela nunca o amara. Com esses pensamentos, ele sentou-se na cama e se pôs a lembrar de todos os conselhos que sua mãe havia lhe dado para que não se casasse com Isabel:

"'Meu filho, sei que você a ama, mas meu coração não se engana; você não será feliz ao lado dessa moça. Procure outra para se casar, afinal essa é sua primeira paixão!

"'Mamãe, eu amo tanto Isabel que os meus sentimentos vão nos unir.

"'Não diga bobagem, meu filho! Será que não vê que está sendo egoísta? Você gosta dela, mas ela não sente o mesmo por você, de modo que viver a seu lado será para ela um verdadeiro suplício. Deixe-a em paz, e com o tempo você encontrará uma moça que finalmente o ame e que o fará feliz!"

Com esses pensamentos, Manoel colocou a cabeça entre as mãos, e não pôde evitar que as lágrimas caíssem livremente, lavando seu rosto.

Manoel não percebeu, mas Onofre estava ali à espreita, ouvindo seus pensamentos.

– Não seja mole! Mulher não gosta de fracotes! E para que você irá jantar na casa de seu chefe, se já passa com ele o dia todo? Passe ao lado dessa mulher e aproveite todo o prazer que ela poderá lhe oferecer.

Manoel, envolto em pensamentos depressivos, registrando as palavras de Onofre; mas como se sentia cansado ao extremo, até mesmo para fazer com que a esposa o acompanhasse, ignorou completamente as palavras daquela entidade malfazeja.

Isabel pensou por alguns instantes, e logo chegou à conclusão de que estava sendo demasiadamente intransigente com o marido; e indo para seu quarto, encontrou-o sentado, completamente desolado, e sentiu pena do marido.

Manoel deitou-se com as pernas para fora da cama, olhando para o teto, fingindo ignorar a presença da esposa, quando ela por fim disse:

– Manoel, estive pensando melhor, e cheguei à conclusão de que irei com você a esse jantar; mas lembre-se, quando houver um compromisso dessa natureza me avise antes, pois gosto de me arrumar com esmero para determinados eventos!

Manoel, virando-se, olhou para ela, e com amargura na voz respondeu:

– Está bem, isso não mais irá acontecer, pois não marcarei nada daqui por diante sem antes consultá-la.

Isabel finalmente foi ao guarda-roupa e começou a escolher uma roupa para a ocasião; mas como estava grávida, embora de pouco tempo, algumas de suas roupas estavam apertadas na cintura.

Manoel achava que embora ela não o amasse, não conseguia viver sem ele, principalmente à noite; e decidiu que sempre que ela se recusasse a fazer alguma coisa, ele iria dormir no quarto do pequeno João Felipe.

E assim ele se levantou e foi tomar seu banho. Embora Manoel soubesse que Isabel iria acompanhá-lo no jantar, não se sentia feliz, pois não sonhara esse tipo de relação para a sua vida. Ele queria uma mulher que fizesse as

coisas por amor, e não por um jogo de interesses. Com o peito oprimido, ele finalmente disse, já no banheiro:

– É, dona Isaltina, a senhora tinha razão! Se hoje sofro foi por ter escolhido me casar com uma mulher que jamais irá me amar. Tenho como esposa na certidão, mas não tenho uma verdadeira esposa na vida!

E assim, finalmente Manoel tomou um demorado banho e procurou não pensar em mais nada.

Dr. Cavalcanti estava ansioso para comunicar à esposa que teriam visita logo mais tarde, mas assim que entrou, encontrou-a conversando com uma sobrinha que era filha de uma irmã de sua esposa. Cavalcanti estava sorridente e com real alegria disse:

– Iracema, você por aqui? Que bons ventos a trouxeram a nossa casa?

Iracema, que tinha dezoito anos, respondeu:

– Ah, tio! Deixe de sarcasmo, estive aqui no domingo, já esqueceu?

Cavalcanti, que gostava de brincar com a mocinha, retrucou:

– Não posso acreditar que estava aqui no domingo, pois parece que faz tanto tempo…

Ana Maria, sorrindo, intrometeu-se na conversa:

– Por que chegou mais cedo do trabalho, Mário?

Cavalcanti comunicou à esposa:

– Ana, hoje gostaria que caprichasse no jantar, pois teremos visitas.

Ana, que não gostava de ser avisada de última hora, logo respondeu:

– Mas Mário, por que não me avisou de antemão que traria pessoas para o jantar?

Cavalcanti, que naquele momento olhou para Iracema, respondeu:

– Querida, não tive como avisar; bem que tentei, liguei várias vezes, mas você não estava em casa.

Ana Maria lembrou-se de que havia passado a tarde na casa da irmã, mãe de Iracema, e em seguida havia trazido a sobrinha consigo.

– Me desculpe, mas estava na casa de Clarice, e Iracema está aqui para atestar a veracidade dos fatos.

– Deixe disso – respondeu Cavalcanti –, só estou tentando dizer que não queria te pegar de surpresa.

Ana Maria, preocupada, logo perguntou:

– Mas quem vem para o jantar?

– Você se lembra do Manoel, filho da Isaltina, a lavadeira? Eles e a esposa estão passando por alguns problemas espirituais e achei que poderíamos auxiliá-los.

A esposa do dr. Cavalcanti se interessava pelo bem-estar do próximo, de modo que não se zangou pelo fato de ter de preparar o jantar às pressas, em vez de ter tempo de fazer uma preparação cabal para o evento.

Ana Maria era uma mulher com pouco mais de quarenta e cinco anos; tinha olhos e cabelos castanhos, pele bronzeada, sorriso largo, e um olhar manso. Sorrindo, ela apenas disse que providenciaria um jantar simples, mas caprichado, pois já não daria tempo para preparar um jantar mais elaborado para a ocasião.

A sobrinha, percebendo que a tia tinha ainda muito trabalho pela frente, resolveu ir embora, pois elas passavam horas a falar sobre assuntos espirituais, principalmente sobre reencarnação, que muito fascinava a moça.

Embora Ana Maria tivesse mais de quarenta anos, ainda conservava em seus traços a beleza de sua mocidade; mas sua doçura era algo que chamava muito a atenção do marido, e sua bondade a deixava ainda mais bela. A sra. Cavalcanti era uma mulher sempre pronta para auxiliar quem quer que fosse, e gostava muito de falar sobre assuntos espirituais.

Seu marido, além de amá-la, a admirava como ser humano; e assim, quando tinha algum problema recorria à mulher, que sempre tinha algo a dizer.

E dessa vez não foi diferente, quando começou a contar à esposa sobre os problemas de seu funcionário, Manoel.

Ana Maria ficou ouvindo o relato do marido, e somente depois de escutar tudo o que Mário tinha a dizer ela falou o que pensava sobre o assunto:

– Mário, esse casal está com sérios problemas espirituais; você fez muito bem em convidá-los para jantar conosco essa noite.

– Sabia que você não iria ficar brava comigo, por tê-los convidado, mesmo sem ter conseguido lhe informar com antecedência.

– Eu jamais fico brava com você quando o assunto é ajudar o nosso semelhante – disse Ana Maria com doçura na voz e sinceridade na entonação.

Mário resolveu ir tomar banho, e deixou a esposa cuidando do jantar.

Faltava pouco mais de quarenta minutos para o horário combinado quando Manoel e Isabel deixavam o pequeno João Felipe com a vizinha, pois acharam por bem não levar o menino, que poderia perturbar, principalmente com suas birras.

Foi Isabel quem disse:

– Mariana, aqui está João Felipe, e algumas coisas; se acaso ele quiser tomar uma mamadeira, eu já deixei pronta, e poderá dar-lhe, e também tem essa fralda, se precisar; assim logo dormirá.

Mariana, já acostumada a ficar com o menino quando Isabel tinha algo a resolver na rua, pegou o garotinho e logo entrou em casa, conversando com o menino.

Finalmente Isabel e Manoel saíram rumo à casa do dr. Cavalcanti, que ficava alguns minutos distante da casa de Manoel. Ao se aproximarem da residência do chefe de Manoel, este disse:

– Isabel, saiba que conheço a esposa do dr. Cavalcanti. Ela me parece ser gente boa. Por favor, seja educada com ela e a trate bem.

– Olha aqui, Manoel, não é porque você vive a bajular o seu chefe que sou obrigada a bajular a esposa dele. E se ela se mostrar falsa comigo, eu também serei com ela.

Manoel, não querendo discutir com Isabel, nada disse. Assim, andaram mais alguns metros, e logo ele estava apertando a campainha da casa do dono do escritório onde trabalhava.

Ao entrarem na casa, Isabel sentiu-se deslocada, pois a casa do dr. Cavalcanti era de muito bom gosto; tinha duas salas, uma de visita e outra de estar, onde havia um televisor em cores.

A cortina era de renda, e ia desde o alto da grande janela até o chão; no centro havia uma mesa com uma pedra de mármore, onde havia um vaso delicado de flores artificiais. As paredes eram brancas como a neve.

O casal Cavalcanti não tinha filhos, e por esse motivo, consultaram muitos especialistas a fim de solucionar o problema; mas logo se constatou o motivo de a mulher não engravidar. Mário Cavalcanti nunca quis adotar um filho, pois dizia que se Deus não lhe dera um filho, era para que aprendesse alguma coisa com isso.

A esposa não concordava com o marido, mas acabou se acostumando com a ideia de não ser mãe.

Dona Ana Maria era uma mulher afável, mas mesmo assim Isabel continuou reticente, procurando falar pouco.

Foi com alegria que os donos da casa os receberam, e Manoel logo se sentiu à vontade; mas, Isabel permanecia calada.

Dona Ana Maria observava Isabel sem que ela percebesse. Puxando assunto, procurava incluir Isabel na conversa; contudo, seus esforços pareciam ser em vão.

Cavalcanti e Manoel conversaram sobre muitos assuntos relacionados ao trabalho, e foi dona Ana Maria quem cortou, dizendo:

– Olha o que vocês estão fazendo conosco, ficam aí falando de trabalho e nos deixam de lado – brincou ela.

Foi então que Cavalcanti percebeu que estava deixando que Manoel dominasse a conversa, e convidou todos a irem à sala de jantar.

Quando se sentaram, dona Ana Maria ficou em frente ao casal, enquanto seu marido Mário sentou-se à cabeceira da mesa. Pegando uma taça com vinho, brindou aos convidados, o que deixou Isabel constrangida.

Depois de jantarem, voltaram à sala de estar, e lá começaram a falar sobre variados assuntos; mas como Ana Maria era uma mulher prática e sem rodeios, foi logo dizendo:

– Bem, certamente vocês querem saber o motivo pelo qual receberam o convite para jantar em nossa casa; pois bem, talvez ignorem os fatos espirituais, mas estamos aqui para dizer que eles existem, junto a um fenômeno muito conhecido: a reencarnação.

Isabel, ao ouvir a palavra “reencarnação”, não pôde deixar de se lembrar de Naná, na ocasião em que compartilhou com ela o sonho no qual sofrera abusos de Hernandez; e Pablo fora morto por ele.

Naquele instante, o coração de Isabel enterneceu-se ao relembrar da madrasta arrumando as garrafas sob a pia da cozinha, e daquele momento em que tão bondosa senhora tornara-se tão importante em sua vida.

Lembrou-se também de quando Naná falou pela primeira vez a palavra reencarnação.

Isabel saiu da posição de defesa e falou sobre o assunto para dona Ana Maria, ao que Manoel se mostrou surpreso.

Contou também sobre o sonho que tivera, e a respeito das muitas vidas que a madrasta afirmava existir antes da atual.

Manoel ficou atônito, pois jamais vira Isabel tão falante como naquele momento; e chegou à conclusão de que ela estava divagando, ao se lembrar da madrasta querida.

Ana Maria sentiu que a primeira batalha estava ganha, pois percebeu que Isabel havia baixado a guarda; e ficou vendo os olhos de Isabel umedecerem ao falar sobre Naná.

Foi então que a esposa do chefe de Manoel passou a dizer:

– Sim, Isabel; como vejo, sua madrasta era uma mulher sábia, pois desejava profundamente conhecer sobre assuntos tão delicados! E assim, procurava sua amiga, dona Marta – que, aliás, frequenta a mesma Casa Espírita que nós.

Isabel interessara-se verdadeiramente pela conversa, e com isso passou a dizer:

– Realmente, dona Ana Maria, Naná era uma mulher simples, mas muito curiosa também; embora sempre estivesse às voltas com dona Marta, ela nunca frequentara uma casa espírita antes.

– Bem, o importante é que dona Naná era uma mulher que sabia de suas necessidades espirituais, e se ela não frequentou nenhum grupo espírita, talvez tenha sido pelas preocupações do dia a dia.

Isabel gostou de ouvir aquelas palavras, pois falar sobre Naná era para ela motivo de alegria e saudade.

Manoel, que até então ficara calado, finalmente disse:

– Bem, dona Ana Maria, o motivo que nos trouxe aqui esta noite é falarmos de um assunto bastante delicado e constrangedor: sou casado há cinco anos com Isabel, mas de uns tempos para cá, venho percebendo que as coisas não estão indo muito bem.

E assim, Manoel começou a falar sobre os problemas íntimos que os afligia; e depois, o bom homem fez uma revelação bombástica, que deixou Isabel perplexa:

– Sempre soube que Isabel nunca me amou. A princípio, nossa vida íntima era monótona e sem graça; mas de uns tempos para cá, tudo mudou – disse ele, contando sobre as tormentas de consciência que o acometiam depois de cada intimidade.

Cavalcanti jamais imaginou que ele tivesse coragem de expor sua vida íntima daquela maneira, mas gostou de ver a desenvoltura do rapaz; e, olhando vez por outra para Ana Maria, viu que a esposa estava verdadeiramente interessada em tudo que Manoel dizia.

Isabel, por sua vez, baixou a cabeça, e vez por outra ia da palidez ao rubor. Naquele momento sentiu muita raiva do marido; e pensava: "não acredito que esse cretino esteja fazendo isso comigo! Que vergonha!"

Ana Maria ouvia tudo com naturalidade, e Cavalcanti, como já estava a par do assunto, tratou de prestar atenção tanto em Manoel como em Isabel.

Depois de Manoel relatar o que lhe ocorria na intimidade, poupando a mulher dos detalhes, perguntou:

– A senhora acha, dona Ana Maria, que os espíritos têm algo a ver com essa nossa insanidade temporária?

Isabel, às vezes, olhava para Manoel, desejando desesperadamente ir embora daquela casa.

Mas como Ana Maria e Cavalcanti agiram com naturalidade, ela se reservou ainda mais, decidida a conversar com Manoel assim que chegassem em casa.

Cavalcanti deixou que a esposa lhes falasse sobre o assunto, para não deixar Isabel ainda mais desconcertada do que estava.

Ana Maria, sorrindo para ambos, disse serenamente:

– Bem, meus filhos, a interferência dos espíritos em nossas vidas é algo tão comum quanto um resfriado, porém muitos ignoram essas interferências, e assim não se protegem. O que a maioria das pessoas ignora é que esses espíritos vivem de fato lado a lado conosco, todo o tempo; mas o que realmente definirá a aproximação de tais espíritos é o nosso campo vibratório, ou melhor, os nossos pensamentos. Ou seja, uma pessoa que gosta de beber irá atrair espíritos que tenham os mesmos gostos, restabelecendo assim a lei da afinidade. Assim como há encarnados de todas as espécies, há

também espíritos de todas as espécies circulando por entre nós. Os benfeitores espirituais têm sempre como primeira tarefa nos ajudar a vencer as nossas dificuldades aqui na Terra, e encaram a vida terrestre como sinônimo de luta, recuperação e reajuste; afinal, a vida aqui nesse planeta é realmente uma escola, em que temos de aprender para evoluirmos espiritualmente falando. Esses benfeitores espirituais desejam que nós aprendamos a caminhar com nossas próprias pernas, e para isso nos inspiram, muitas vezes em desdobramento do sono físico, sobre como devemos caminhar para o nosso bem-viver. Os obsessores, ou seja, aqueles espíritos difíceis e que muitas vezes se comprazem no mal, querem justamente o contrário: atrapalhar a nossa marcha. Com isso, eles nos causam determinados desequilíbrios vibratórios, fazendo com que sintamos o que, na verdade, eles estão sentindo; é como uma simbiose energética, mas para isso acontecer nós precisamos estar na mesma faixa vibratória que eles. Foi por esse motivo que nosso querido Mestre Jesus disse a seus discípulos "Orai e Vigiai".

"Quando o nosso mestre disse essas palavras, ele estava querendo dizer que deveríamos orar, o que significa melhorar o nosso padrão vibratório, e vigiar, para estarmos atentos a nossas tendências inferiores, que nos atrapalham a marcha, tais como o orgulho, a vaidade, o egoísmo que aumentam nossas dores individuais por nos permitirmos ter tais desencarnados como companheiros.

"Quando um desencarnado sem boas intenções fica a nosso lado, ele fica nos obsedando, causando assim todo tipo de sofrimento.

"Allan Kardec pôde classificar essas obsessões em três partes; a primeira é uma obsessão simples, e que poderíamos definir como mente a mente, ou seja, da mente do desencarnado para a mente do encarnado. Não podemos deixar de salientar que os espíritos são inteligências extracorpóreas, isto é, um desencarnado tem a capacidade de influenciar mentalmente o encarnado, fazendo com que ele passe a ter ideias estranhas ou até mesmo bizarras, lembrando que para isso o encarnado tem de estar em sintonia vibracional com o desencarnado.

"A outra parte mencionada pelos Espíritos de Luz ao codificador Allan Kardec é a fascinação; ou seja, a pessoa perde o sentido de julgamento, e, assim, seus conceitos, fazendo com que o encarnado se iluda com coisas estranhas e muitas vezes sem sentido. Podemos dizer também que a fascinação está relacionada igualmente ao fanatismo, e uma vez que o

espiritismo é uma doutrina da razão, desenvolve nas Casas Espíritas o estudo para que o fanatismo não faça parte do nosso dia a dia, e nos leva a raciocinar de maneira lógica, afastando-nos claramente do fanatismo religioso que muito tem atrapalhado a vida dos seres humanos, principalmente em países como os do Oriente Médio.

"Mas falemos também de um outro tipo de obsessão que é ainda mais grave: a subjugação, ou, como se chamava nos dias de Jesus, a possessão. Isso acontece quando o espírito obsessor se sintoniza com o espírito do encarnado, interferindo em suas atitudes."

Isabel, que até aquele momento estava prestando atenção nas palavras de Ana Maria, começou a ver certa lógica em tudo que a mulher do chefe do marido falava; e remexendo-se na poltrona, esqueceu-se que queria ir embora e ficou ouvindo atentamente o que Ana Maria explicava.

Manoel estava extasiado com os ensinamentos claros e práticos, de modo que sempre vinham a sua mente os momentos de intimidades animalescas que mantinha com Isabel; e decidiu naquele momento que aquelas coisas nunca mais ocorreriam, para não lhes perturbar ainda mais a consciência.

Por outro lado, seu Mário Cavalcanti estava feliz em ouvir as explicações da esposa, e não pôde deixar de sentir uma onda de carinho lhe invadir todo o peito.

Ana Maria, percebendo que todos estavam prestando atenção em suas palavras, continuou dizendo:

– Essas obsessões são classificadas como de efeitos físicos e efeitos morais. Efeitos físicos se dão quando o obsessor faz com que o encarnado se sinta doente, conseguindo desequilibrar o perispírito, e efetivamente fazendo-o adoecer; isso acontece muito em casos de pacientes que chegam ao consultório médico dizendo que não se sentem bem, mas que depois de uma bateria de exames o médico simplesmente diz que esses exames nada acusaram; então, despedem-se do enfermo e o deixam entregue à própria sorte. Efeitos morais são aqueles que desequilibram completamente a moral da pessoa, que passa a agir de acordo com a moral do desencarnado.

Manoel, que estava interessadíssimo na conversa, resolveu interferir, dizendo:

– Então quer dizer que esses espíritos podem nos fazer coisas de que venhamos a nos arrepender depois?

– Certamente que sim, Manoel; pois assim como esses espíritos são completamente amorais, eles se ligam em encarnados que tenham certa afinidade com eles.

Isabel, que até aquele momento estava calada, finalmente disse:

– Essa é boa! A senhora está dizendo que tudo que nos acontece é por causa dos espíritos.

– Não, minha filha! O que estou tentando dizer – respondeu Ana Maria – é que tudo que nos acontece é por nossa própria imprudência, de modo que devemos orar e vigiar, assim como nosso Mestre Jesus nos ensinou; e para isso é imprescindível fazermos prece, pois a prece nos dá forças para enfrentarmos os assédios com coragem.

Isabel nesse momento se calou e pensou que a mulher pudesse estar com a razão.

Manoel ficou pensando em tudo que estava ouvindo, e decidiu que iria conhecer o espiritismo a fundo, pois não se tratava de coisas de pessoas crédulas e ignorantes, mas, antes, era uma doutrina diferenciada das outras e que incitava a pessoa a pensar com clareza sobre os acontecimentos da vida.

Cavalcanti, percebendo que a esposa conseguira atingir o coração de Manoel, logo tratou de mudar de assunto, pois o que ouviram naquela noite daria para raciocinar por um bom tempo.

Depois de falarem sobre os acontecimentos políticos do país, Manoel decidiu que já estava na hora de ir embora, pois ainda precisavam ir buscar João Felipe na casa de Mariana.

E com isso, logo os dois casais se despediram.

Quando o casal tomou a rua, Manoel disse a Isabel:

– Jamais pensei que a esposa do dr. Cavalcanti fosse tão instruída.

– Eu não gostei dela, pois ela me parece ser uma pessoa que se acha no direito de dar sermão em todo mundo.

Manoel, percebendo a intolerância da esposa, decidiu que não falaria mais nada.

Ao chegarem em casa, Manoel colocou o menino em sua cama, e decidiu que iria dormir com Isabel; afinal, ele já sabia como se defender de assédios de desencarnados, e resolveu que colocaria em prática o que aprendera naquela noite.

Ao entrar no quarto, Isabel já estava deitada, e ao deitar-se, ele fez uma sentida prece em pensamento, e pediu a Deus que os protegesse contra as

investidas de desencarnados.

Naquela noite, Isabel dormiu e não quis manter intimidades com o marido, o que o deixou satisfeito.

Mas quem não gostou disso foram Onofre e Graça, que espreitavam o casal, esperando o momento de satisfazerem seus desejos libidinosos, até o momento em que Manoel fez sua prece, e uma luz tênue se fez em volta dele, impossibilitando a aproximação do casal de desencarnados.

Assim, a noite finalmente foi tranquila na casa de Manoel e Isabel.

No dia seguinte, Manoel acordou disposto, e para sua surpresa Isabel estava na cozinha preparando o café da manhã.

O pequeno João Felipe ainda dormia, e foi com satisfação que ele se arrumou para enfrentar os desafios do trabalho.

Enquanto Manoel pensava seriamente em tudo que aprendera na casa do dr. Cavalcanti, Isabel refutara o que ouvira com veemência e decidiu que tudo aquilo não passava de balelas.

Manoel, assim que se sentou à mesa, se pôs a falar:

– Isabel, estive pensando… Não acha que devemos ir ao Centro Espírita que o dr. Cavalcanti frequenta com sua esposa?

– Não acredito! Não imaginei que você fosse uma pessoa tão influenciável, Manoel; só porque aquela mulher se pôs a falar um monte de besteiras, você agora vai se unir a eles para ir a um lugar como esse! Se quiser ir o problema é seu, mas não espere que eu vá, porque sou adulta e sei bem o que me serve e o que não me serve. Para mim, tudo aquilo não passa de sandices!

– Isabel, saiba que para mim não foram palavras sem sentido; pelo contrário, foram palavras que me levaram a pensar seriamente no assunto. Eu vou conhecer, pois conhecimento nunca é demais!

Isabel decidiu que não falaria mais nada, pois percebeu que havia deixado o marido irritado. Em seguida, foi ao quarto do pequeno João Felipe para dar a ele a primeira mamadeira do dia.

Manoel olhou para o relógio que estava em seu pulso e rapidamente saiu, pois não queria chegar atrasado.

Já no trabalho, percebeu que o dr. Cavalcanti ainda não havia chegado, assim logo se pôs a trabalhar, pois se sentia muito bem naquela manhã.

Isabel, ao dar banho no menino, pensava em Manoel e em tudo que dissera antes de ir ao trabalho; porém, o que ela não viu foi que Onofre e Graça, ao seu lado, começaram a dizer:

– Você vai deixar que teu marido se envolva com assuntos dessa natureza? Lembre-se que o marido deve estar junto com a esposa em qualquer situação; já que você não é ignorante para aceitar contos da carochinha, ele deve respeitá-la e acompanhá-la para onde quer que vá.

Isabel não ouviu as palavras de Onofre e Graça, mas registrou-as como uma intuição, e disse em voz alta:

– Não posso permitir que Manoel aja como um ignorante; pois se dona Ana Maria acredita nessas coisas mesmo sendo esposa de um homem competente como dr. Cavalcanti, o problema é dela, mas não posso permitir que Manoel faça papel de palhaço diante das pessoas!

Tanto Onofre quanto Graça riram muito, pois perceberam que Isabel era influenciável. Decidiram que Manoel ficaria longe daqueles assuntos que poderiam frustrar seus planos em busca de prazer.

Enquanto isso, Isabel se pôs a cuidar da casa, esquecendo-se temporariamente do assunto.

Manoel estava absorto em seu trabalho quando dr. Cavalcanti chegou; estava distraído com a máquina de calcular, e não se deu conta de que o chefe estava a sua frente.

Dr. Cavalcanti gostou do que viu, pois há muito tempo não via Manoel tão atento ao trabalho. Quando levantou a cabeça, ele se assustou com a presença do chefe, e disse, surpreso:

– Que susto, dr. Cavalcanti! Até parece que se materializou em minha frente; pois não o vi se aproximar.

Mário Cavalcanti, como era um homem sério, apenas respondeu:

– Quando entrei, vi que você estava distraído com o trabalho, e resolvi me aproximar lentamente para te assustar mesmo.

Manoel, sorrindo, nada disse, e Cavalcanti continuou:

– E então, meu filho, como andam as coisas em casa?

– Bem, doutor, pensei muito e decidi que vou conhecer os fenômenos espíritas, pois tudo que dona Ana Maria nos explicou ontem me chamou muito a atenção; de modo que vou a uma reunião junto com o senhor, claro, se o senhor não se opuser.

– Imagine, meu filho, que eu iria me opor! Pelo contrário, fico feliz que você tenha pensado seriamente no assunto. Para Ana Maria e para mim, será um grande prazer tê-los em nossa companhia.

Manoel nesse momento baixou os olhos para a máquina de calcular e balbuciou apenas:

– Doutor, quem decidiu que iria fui eu; porque pelo jeito Isabel não quer saber mesmo… tanto que percebi, pela sua fisionomia, que ela não gostou quando eu lhe informei sobre essa minha decisão.

Dr. Cavalcanti, observando o desapontamento do rapaz, disse com seu jeito manso de falar:

– Manoel, entenda uma coisa: cada um de nós está num grau evolutivo diferente, portanto, não espere que sua esposa vá lhe acompanhar somente porque você decidiu. O que quero que entenda é que se ela acha que isso é uma perda de tempo, talvez seja porque ela não esteja madura no sentido evolutivo. Portanto, a tua obrigação como marido é ter paciência com ela, pois jamais deverá querer que ela faça coisas pra te agradar. Deus deu o livre-arbítrio a todos nós, de modo que ela fará determinadas escolhas; umas poderão ser boas, e outras não. A única coisa que digo é: tenha paciência, pois somente assim poderá ajudá-la.

Manoel nada disse, mas sentiu-se confortado; resolveu que não obrigaria Isabel a nada, mas faria o que estava ditando sua consciência.

O bom chefe convidou Manoel a acompanhá-lo à Casa Espírita naquela noite, e Manoel aceitou com prazer.

O dia transcorreu tranquilamente, e Manoel resolveu não pensar mais no assunto.

18

Encontro memorável

Já fazia um bom tempo que Naná frequentava um dos cursos oferecidos pela colônia, quando certo dia, andando pelo grande corredor do prédio onde se ofereciam cursos, ela se encontrou com uma mulher, muito bonita, com olhos e cabelos louros, que a olhou com ternura.

Naná ficou a fitar a bela figura feminina, e pensou consigo mesma: “Não sei de onde, mas eu já a conheço; onde foi que a vi?”.

Nesse momento, a figura feminina se aproximou de Naná, e respondeu:

– Nair, você não me conheceu pessoalmente, mas me conheceu por fotografias.

Naná, virando-se para trás, assustou-se com as palavras daquela bela mulher a sua frente.

– Como sabe meu nome? Eu não me lembro de ter dito nada!

– Acalme-se, Nair; sei que deveríamos ter nos conhecido há mais tempo, mas eu estou assoberbada com meus trabalhos, e quase não paro na colônia. Bem, vou lhe responder com calma; me chamo Marisa, fui a primeira esposa de José, e creio que tenha me visto por velhas fotografias.

Nesse instante, Naná se lembrou de ter visto aquele rosto em uma fotografia no quarto de Isabel e, ressabiada, respondeu:

– Realmente! Eu a vi em uma fotografia no quarto de Isabel.

– A propósito, Nair, gostaria muito de lhe agradecer por tudo que fez por minha filha Isabel; sei o quanto foi boa madrasta e quanto trabalho teve para mostrar a ela que o capricho só leva à dor e ao sofrimento.

Naná sentiu uma onda de simpatia envolver-lhe o coração, e sentiu-se à vontade em responder:

– Por favor, não me agradeça. Sempre gostei muito de Isabel, embora ela tenha um temperamento difícil; mas graças a Deus nos demos bem, na medida do possível.

– Ora, Naná; sei que não foi bem assim, pois a princípio Isabel se mostrou intransigente com você. Mas percebi que você era paciente, e graças a essa paciência toda, vocês acabaram se acertando.

– Sim, dona Marisa, Isabel no começo foi o que chamamos de osso duro de roer, mas depois ela se portou muito bem!

– Seja como for, gostaria de abraçar aquela que ficou pouco tempo em meu lugar! Mas saiba que Isabel sentiu muito a tua vinda para esse mundo.

Naná sorriu e, sentindo uma onda de tristeza, respondeu:

– Às vezes penso em Isabel e sinto um aperto no peito, pois ela não é uma moça má; mas sinto que ela é um pouco caprichosa e temperamental, e, como tal, precisa de orientação.

– Tudo que você poderia ter feito você fez, minha boa Nair, mas agora ela terá de aprender a caminhar com as próprias pernas. Porém, sempre que posso estou ao lado dela, intuindo-a ao bem e aos bons pensamentos.

– Mas como ela está, Marisa?

– Está passando por momentos difíceis, mas com a ajuda de Jesus nosso Mestre e da iluminação Divina tudo dará certo.

– O que está havendo com a menina Isabel, dona Marisa?

– Naná, pare de me chamar de “dona”; saiba que somos irmãs, portanto somos iguais. Trate-me apenas por Marisa, e quanto a mim, chamá-la-ei de Naná; afinal, não acho justo sermos parcimoniosas uma com a outra.

Naná então não teve dúvidas de que já a conhecia, mas não conseguia se lembrar de onde; e Marisa, ouvindo os pensamentos de Naná, disse:

– Nós já vivemos em outra existência como irmãs, mas esta é uma outra história. Atentemos agora para Isabel, que irá passar por muitas dificuldades.

Naná nesse momento esqueceu do que pensara segundos antes e firmou seus pensamentos em Isabel, quando finalmente perguntou:

– Mas o que está dizendo? Isabel passará por dificuldades?

– Bem, Naná, o sofrimento e as dores muito dependem das escolhas que cada um faz; portanto, se ela vai sofrer ou não, dependerá muito dela; se fizer a escolha correta, se safará de sofrimentos, mas se fizer as escolhas erradas terá de arcar com as consequências de suas escolhas.

– Mas então, Marisa, temos de ajudá-la, pois não podemos ver a menina Isabel prestes a cometer uma loucura, e nada fazer.

– É por isso que estou ausente da colônia há um bom tempo, Naná; estou intuindo minha filha ao bem, e aos sentimentos cristãos.

Naná sentiu então uma onda de tristeza percorrer-lhe o coração, e Marisa, percebendo o quanto Naná afeiçoara-se a Isabel, disse, com carinho na voz:

– Naná, não fique assim. Confie em Deus que tudo dará certo. Ademais, a vida na Terra não é como uma escola? Pois bem, se ela fizer a escolha errada, ela muito aprenderá por meio de suas dores. Agora poderemos ajudá-la por meio da prece e pelo envio pensamentos salutares a ela.

Naná, sentindo-se envergonhada, baixou os olhos e pediu desculpas a Marisa.

– Não tem do que se desculpar. Muitas vezes erramos por amar demais; saiba que se realmente quer ajudar Isabel, terá de se manter equilibrada, e vibrar muito amor a ela, pois isso a ajudará no momento crucial de suas provas.

Naná ficou a observar a serenidade de Marisa, e disse com sinceridade:

– Obrigada, Marisa. Vê-se que de fato você é tudo e muito mais do que Isabel falava! Ofereço-lhe minha mais sincera amizade.

– Naná, entenda uma coisa: você já é minha amiga de outros tempos. Embora ainda não tenha posse de suas lembranças passadas, quando isso se der vai compreender muitas coisas.

Naná abriu os braços para Marisa e estreitou-a num caloroso abraço.

Marisa despediu-se de Naná, e caminhou lentamente pelo longo corredor.

Naná desejou muito se lembrar do passado, e começou a indagar por que se afeiçoara tanto a Isabel, mesmo quando ela a tratava com hostilidade.

Com esses pensamentos ela desceu a escadaria do edifício, e sentou-se em um banco do lindo jardim que ficava em frente ao edifício onde haviam os cursos.

Naná estava pensando em tudo que conversara com Marisa, e não percebeu quando alguém se sentou a seu lado. Olhando, logo percebeu se tratar de José, e sorrindo disse:

– José, o que faz aqui?

José, também sorrindo para Naná, respondeu:

– Naná, estou fazendo curso de ajuda a distância, nesse prédio.

Naná se desculpou, e contou que havia encontrado Marisa no corredor, e que havia conversado longamente com ela.

José, contente, perguntou:

– Pelo jeito você gostou mesmo de Marisa, não é?

– Sem dúvida que sim, ela é inteligente e sensível. Mas estou interessada agora em lembrar de minhas vidas passadas, como farei? – perguntou Naná, interessada.

– Por que não fala com o irmão Waldir para lhe ajudar? Soube que ele ajuda os que querem tomar posse de suas lembranças.

Naná ficou feliz em saber que havia alguém que podia ajudá-la, e perguntou:

– Aonde posso encontrar esse irmão?

– Pelo horário, ele está nas dependências do Centro de Recuperação; por que não vai até lá?

Naná, sorrindo, levantou-se e tratou de ir até o local onde poderia encontrar-se com Waldir.

19

Influências maléficas

Manoel chegou em casa, apressado, pois iria a uma reunião no Centro Espírita, junto com dr. Cavalcanti e Ana Maria. Ao entrar, percebeu que tudo estava em ordem: o pequeno João Felipe estava limpo, e o aroma denotava que o jantar logo estaria pronto.

Manoel dirigiu-se ao banheiro, tomou um banho relaxante, e se arrumou. Isabel, ao ver a pressa do marido, perguntou:

– Por que essa pressa? Acaso tem encontro marcado com alguma mulher?

Manoel se irritou com a pergunta da esposa, mas preferiu apenas dizer:

– Combinei de ir ao Centro Espírita com o dr. Cavalcanti e sua esposa.

Isabel não percebeu que as duas entidades estavam a seu lado naquele momento, quando Onofre começou a dizer:

– Isabel, não deixe que ele vá a esse lugar! Se ele for, a tua vida vai virar um tormento!

Isabel novamente não ouviu o que as duas entidades falavam, mas registrou-as com precisão:

– Olha aqui! – disse ela –, se acaso for a esse lugar, nossa vida vai virar um inferno; primeiro porque não acreditei em uma só palavra que Ana Maria disse, e depois, porque não acredito que meu marido seja assim tão influenciável a ponto de acreditar em meia dúzia de palavras que uma mulher sem juízo disse.

Manoel não se conteve, e falou em tom irônico:

– Isabel, se você não quer ir, tudo bem, vou respeitar a tua decisão; mas não tente demover-me da minha! Eu decidi e irei, quer queira quer não!

Ela respondeu colérica:

– Manoel, só tem uma coisa: se você for a esse lugar, nunca mais tocará em mim; e se quiser, poderá dormir no quarto de João Felipe.

Manoel, não acreditando no que ouvia, passou a responder:

– O que tem uma coisa a ver com outra? Eu quero conhecer essa religião, e se eu perceber que ela não serve para mim, não irei mais. Mas não me venha com chantagem! Nosso casamento nada tem a ver com a minha decisão, portanto continuarei a dormir em nosso quarto, sim! E você nada poderá fazer para impedir-me.

– Está bem, a escolha é sua… mas lembre-se: ou essa religião ou eu! Já estamos conversados!

Manoel, que iria jantar, preferiu deixar para fazê-lo depois que voltasse do centro, pois aquela discussão o deixara irritado.

Beijou o filho, que brincava com um carrinho na sala, e saiu.

Enquanto isso, Onofre e Graça permaneciam ao lado de Isabel, inspirando-a a impedir que o marido frequentasse o Centro Espírita.

Manoel já estava na rua, e as palavras de Isabel continuaram a fervilhar em seu cérebro, quando de repente desistiu de ir à casa do dr. Cavalcanti; assim, passou no bar do Juca, para aliviar a tensão.

Encontrou Moacir, que tomava cerveja no balcão e conversava com Juca, o dono do bar.

Moacir, ao ver Manoel, foi logo dizendo:

– Olha aí, quem é vivo sempre aparece! O que houve com você que nunca mais o vi, Manoel? Parece que foi tragado pela terra!

Manoel, olhando para Moacir, que conhecia desde criança, respondeu:

– Eu me casei! E não tenho muito tempo para os amigos.

– Ah! É mesmo, você se casou com Isabel, a filha do seu José, o dono da venda, não é?

– Sim! Já faz quase cinco anos que me casei, tenho um filho com dois anos e outro a caminho.

– Você sempre foi um rapaz sério mesmo! Por que assumiu responsabilidades logo cedo?

– É o amor! – respondeu seu Juca sorrindo.

Manoel sorriu e nada disse; mas ainda estava a fervilhar em sua mente o combinado com seu chefe. Assim, resolveu pedir uma cerveja.

Moacir, que nunca o vira beber, brincou:

– Olha aí, é por isso que não me caso… Já tenho vinte e nove anos, e não cometo uma loucura dessas; olha o exemplo, Juca – disse ele ao dono do bar –, briga com a esposa e a primeira coisa de que se lembra é das biritas – chasqueou Moacir.

Manoel ruborizou-se e procurou disfarçar a tirada de mau gosto do amigo; entre um copo e outro, ele logo se esqueceu do compromisso, e pediu outra, e mais outra, até que, não aguentando mais, resolveu voltar para casa.

Isabel estava em frente à televisão quando viu Manoel entrar trôpego. Não foi difícil perceber que o marido estava embriagado.

Isabel, irritada, perguntou:

– É isso que você foi fazer no tal Centro Espírita?

– Não me aborreça! Eu não fui a Centro Espírita nenhum, encontrei com Moacir no bar do Juca, e fiquei conversando e tomando umas cervejas.

– Não acredito, Manoel! Agora você deu para beber!

– Cale a boca! Eu poderia estar chegando em casa sóbrio, mas saiba que a culpa foi sua, pois fez aquela imposição ridícula, entre você e a religião.

Nesse instante, Onofre, que estava ao lado de Isabel, regozijou-se e sorrindo disse:

– Está vendo como é você quem manda? Você não quis que ele fosse e ele não foi; não acha que ele merece um prêmio?

Isabel, nesse momento, sentiu-se feliz; pegando na mão de Manoel, levou-o ao quarto, e novamente Onofre e Graça entraram em cena e aquela sangria desatada voltou a ocorrer.

No dia seguinte, quando Manoel acordou, percebeu que havia bebido demais e se lembrou de que não comparecera ao compromisso. Depois de tomar banho, sentiu vergonha, pois o que diria ao dr. Cavalcanti, por não ter comparecido no horário combinado?

Ao chegar à cozinha encontrou Isabel, que mal olhara para ele, e com voz de poucos amigos disse:

– Tome logo seu café! Pois irá se atrasar!

– O que está havendo com você, Isabel? Não me pediu para não ir ao Centro Espírita? Pois bem, não fui? Por que está com essa cara?

– Por que estou com essa cara? Você esqueceu-se do que fez comigo, seu animal! Hoje terei de ir ao médico, pois logo estarei entrando no quarto mês de gestação, e você me machucou toda!

Manoel não se lembrava que havia mantido relação com a esposa, e assim, sentiu-se o pior dos homens.

Enquanto isso, Onofre e Graça permaneciam no quarto, rindo da proeza da noite anterior.

Manoel decidiu que não iria ao escritório, pois além de ter de inventar uma desculpa para o doutor Cavalcanti, não estava em condições de trabalhar, pois sentia uma ressaca horrível.

Resolveu ir à praça, pois precisava de um lugar calmo, para pensar na vida.

Lá, ficou a pensar em tudo que ouvira de Ana Maria, das objeções de Isabel, e finalmente da bebedeira da noite anterior, quando enfim começou a lembrar-se de algumas coisas a respeito de suas intimidades com Isabel.

Sem conter as lágrimas, se pôs a chorar como uma criança que havia sido abandonada.

Foi então que uma figura muito bonita se fez diante dele; mas como ele não tinha a sensibilidade necessária para vê-la, ficou perdido no tempo e no espaço.

Logo a figura da bela mulher falou:

– Manoel! Acredite em mim, tanto você quanto Isabel estão precisando de ajuda! Como ela está à mercê daquelas duas entidades, não consegue ver o quanto necessita de cuidados espirituais. Não se deixe envolver por ela, faça o que é certo, e quem sabe ainda haverá tempo de vocês se acertarem.

Manoel não ouviu aquelas palavras, mas logo as recebeu como boas intuições, e assim disse em voz alta:

– Não posso permitir que Isabel me impeça de procurar ajuda! Já que ela não precisa, eu preciso; ademais, se as coisas que estão acontecendo persistirem, corro o risco de perdê-la de uma vez por todas. Ela vai ter de aceitar essa minha decisão, afinal não sou o chefe da família? Pois bem, ela terá de aceitar que eu estou lutando para continuarmos juntos.

Sem que Manoel visse, a figura de Marisa espalmou as mãos sobre a cabeça dele; ele logo se acalmou e decidiu que não seria fraco a ponto de satisfazer os caprichos de Isabel.

Com esses pensamentos Manoel voltou para casa, e optou por voltar ao trabalho, pois teria de contar a verdade ao dr. Cavalcanti.

Isabel, quando o viu entrar em casa, assustou-se, pois parecia que estava diante de um espectro, devido ao terrível abatimento do marido.

Manoel preferiu não dizer nada à esposa, que ficou observando de longe todos os movimentos dele. Ele tomou um banho, arrumou-se e mesmo antes de o almoço estar pronto, saiu, dizendo que iria ao escritório.

Isabel recebeu a notícia com indiferença, pois para ela pouco importava o que Manoel fazia; aliás, não ter Manoel em casa era um grande alívio para ela.

Sentindo-se completamente triste, Manoel ganhou a rua, e entretido com seus pensamentos chegou à seguinte conclusão:

"Isabel verdadeiramente não me ama, pois se me amasse se preocuparia comigo, coisa que ela não faz. Para ela, na verdade, sou como o vento: nós o sentimos, mas nunca damos atenção a ele, a menos que faça algum estrago. Se eu soubesse que minha vida se tornaria esse vale de lágrimas, jamais teria me casado com ela, pois não foi isso que eu sonhei para mim. Não suporto mais essa situação; se não fosse pelo João Felipe, e agora pelo outro filho por nascer, eu pediria o divórcio, pois essa situação está ficando insustentável. Ela disse que eu a machuquei, mas não me lembro de nada… Meu Deus, me ajude, por favor! Não suporto mais viver ao lado de uma mulher que todos os dias me diz indiretamente que não me ama, e sequer suporta minha presença; deixa cada vez mais claro que não me ama, mas eu ainda a amo tanto que só de pensar em perdê-la meu coração literalmente dói."

Com esses pensamentos tumultuados Manoel chegou ao escritório e, ao entrar em sua sala, dr. Cavalcanti logo percebeu que ele não estava nada bem, mas preferiu nada dizer, pois se Manoel se sentisse à vontade ele mesmo contaria.

Manoel sentou-se e, virando para dr. Cavalcanti, disse:

– Me desculpe por ter me atrasado dessa maneira, doutor, eu juro que isso nunca mais acontecerá.

– Não se preocupe com isso, Manoel; ademais o serviço está sob controle, afinal você deixou tudo em ordem ontem, mas terei de descontar a parte da manhã que você não veio trabalhar, pois isso não seria justo; como sabe, temos outros funcionários, e eles poderiam dizer que estou protegendo-o.

– Ah, tudo bem, doutor! Mas quero me desculpar por ontem, sei que o senhor e dona Ana Maria ficaram me esperando. Infelizmente, Isabel e eu tivemos uma discussão, e eu acabei indo para o bar, pois não estava em condições de pensar em nada.

– Manoel, já tive sua idade, e também muitos problemas no início de meu casamento com Ana Maria. Mas saiba que eu o tenho como filho, e posso lhe dizer por experiência própria que a bebida não é solução de problemas, ela é a causadora de problemas ainda mais graves. Portanto, meu filho, será que já não está na hora de você encarar seus problemas? Veja bem, você se casou muito jovem, e não está sabendo lidar com os problemas que a vida a dois costuma trazer.

– Mas doutor, o senhor não pode comparar os seus problemas com os meus, pois nota-se que dona Ana Maria o ama, e infelizmente não é isso que ocorre entre mim e Isabel.

– Manoel, você me contou que sua mãe o aconselhou a não se casar com Isabel, dizendo por várias vezes que ela não o amava. Me perdoe pela sinceridade, meu filho, mas você não se casou inocente. A vida oferece duas maneiras de aprendermos: uma é pelo amor e a outra é pela dor. Se você tivesse acatado os conselhos de sua mãe, poderíamos dizer que estaria aprendendo pelo amor, mas infelizmente você escolheu a pior maneira de aprender, que é pela dor. Nunca se esqueça, meu filho, que somos os autores de nossos próprios destinos, e cada escolha que fazemos traz uma consequência diferente; agora, meu filho, o que você pode fazer é tentar remediar essa situação, procurando ajuda, pois é o que vocês estão precisando, de ajuda espiritual. Na noite em que foram jantar em casa, pude perceber o quanto Isabel está sendo influenciada por espíritos inferiores, e somente isso explica a insanidade na intimidade. E nota-se que eles a estão intuindo a não ir ao Centro Espírita à procura de ajuda. Portanto, meu filho, nunca se esqueça: ore e vigie. Isso se você quiser ter um pouco mais de tranquilidade em sua vida.

Manoel, nesse momento, não se conteve e deixou que uma lágrima lhe escorresse pela face; lamentando, disse:

– Por que não ouvi os conselhos de minha mãe!

– Manoel, ficar se lamentando agora de nada vai adiantar… o negócio é ir à procura de ajuda e tentar remediar essa situação, pois Isabel vai se opor ferozmente ao fato de irem ao Centro; então, procure você! Faça você a sua parte!

Manoel meneou a cabeça e disse em tom choroso:

– É isso que farei, doutor! Não posso me dar ao luxo de acatar os caprichos de Isabel! Eu preciso de ajuda e vou procurá-la seja onde for!

– Isso, meu filho! Agora, se você não quiser trabalhar na parte da tarde, tudo bem, tudo está calmo por aqui.

– Isso não! Preciso trabalhar, pois somente assim esqueço do meu drama pessoal!

Mário Cavalcanti não sabia por que gostava tanto de Manoel; mas o fato é que além de ser um bom funcionário, dedicado e honesto, ele se impressionava com a postura digna daquele a quem tinha como filho.

E assim, Manoel logo se distraiu com o trabalho e deixou de lado todo seu infortúnio. Já próximo do final do expediente, perguntou ao dr. Cavalcanti:

– Doutor, quando haverá de novo outra reunião no Centro Espírita?

– Bem, hoje teremos uma parte muito proveitosa, a evangelização; nessa reunião aprende-se muito sobre os preceitos de nosso divino Mestre Jesus, e depois há os passes.

– Eu posso ir? Sinto que está aí a solução para os meus problemas.

– Meu filho, você não só pode como deve! Ana Maria trabalha na casa dando assistência às pessoas que estão passando por determinados tipos de problemas. É o que chamamos de atendimento fraterno, e para nós será um prazer tê-lo em nossa companhia.

Manoel sorriu satisfeito, e ao retornar à sua casa, decidiu que naquela noite nada diria para Isabel sobre seus planos.

Ao chegar, Isabel estava na cozinha. Olhando para a esposa, viu que seu corpo já estava bem diferente, seus quadris estavam mais largos, mostrando que ela iria engordar mais que na primeira gravidez.

Manoel tentou disfarçar seu aborrecimento, e tratou de puxar um assunto qualquer com a esposa.

– Isabel, onde está João Felipe?

– Na casa da Mariana – respondeu ela secamente.

– A Mariana gosta tanto dele, que mais parece uma mãe.

Isabel não disse nada, e Manoel logo saiu da cozinha e foi ao quarto pegar roupas limpas a fim de tomar banho e sair no horário determinado por ele.

Depois de tomar banho, trocou-se, e voltou à cozinha. Dessa vez Isabel já estava com o menino.

O jantar já estava pronto, Manoel fez seu prato e sentou-se em frente a Isabel, que alimentava o pequeno João Felipe.

Isabel viu que Manoel estava todo arrumado, mas fingiu não perceber, pois para ela o que seu marido fazia pouco importava.

Manoel comeu rapidamente, foi para a rua, e dessa vez decidiu que nada o deteria. Andou algumas quadras, e logo chegou ao endereço que Mário Cavalcanti havia lhe fornecido. Quando se deparou com uma casa antiga, disse para si próprio:

– Não é possível! Não pode ser aqui! Essa casa velha mais parece um mausoléu. Acho melhor ir até a casa do dr. Cavalcanti para saber melhor o endereço.

Nesse ínterim, viu um carro branco, e logo percebeu se tratar do corcel do dr. Cavalcanti. Esperou que o casal se aproximasse.

Cavalcanti, observando a surpresa do rapaz, disse:

– A que horas chegou, Manoel?

– Cheguei agora! Mas pensei se tratar de um engano, pois achei que o Centro Espírita seria uma igreja toda pomposa, como a igreja católica.

Cavalcanti riu com a sinceridade do rapaz e lhe respondeu:

– Meu filho, Jesus acaso não disse que onde houvesse um ou dois falando em Seu nome, ali estaria Ele? Pois bem, para que sejamos vistos por Deus não é necessária uma igreja pomposa; pelo contrário: Deus reside em lugares muito simples. Acaso não está ele em toda parte? Pois bem, entre e veja com seus olhos como é simples um Centro Espírita.

Manoel entrou um tanto ressabiado, e se pôs a observar tudo, em seus mínimos detalhes, e depois de alguns minutos disse:

– Puxa! Pensei que aqui eu fosse encontrar velas, altares com todos os santos, cortinas vermelhas e coisas assim… mas o que vejo são apenas algumas cadeiras, e na frente, uma mesa com uma toalha branca e um jarro com água, além de alguns livros.

– Meu filho, aqueles livros que estão sobre a mesa são as obras de Kardec, como o *Evangelho Segundo o Espiritismo*, juntamente com *O Livro dos Espíritos*; esse segundo que mencionei foi o primeiro livro que Allan Kardec escreveu sob as orientações dos espíritos da codificação.

Manoel ficou atento a tudo, e logo percebeu que Ana Maria já não estava mais entre eles.

Depois de aproximadamente quarenta minutos, Manoel percebeu que um homem que ele já conhecia, o senhor Josué da Costa, um comerciante muito conhecido na cidade, convidou todos a fazerem uma prece. Manoel abaixou a cabeça, permanecendo em silêncio, e depois da prece o comerciante começou a dizer:

– Meus irmãos, hoje vamos falar um pouco sobre o capítulo XII do Evangelho Segundo o Espiritismo, que diz: "Amai os vossos inimigos".

E assim, o homem com os óculos no nariz começou a ler um trecho do Evangelho:

"'Se somente amardes os que vos amam, que mérito se vos reconhecerá, uma vez que as pessoas de má vida também amam os que os amam? Se o bem somente fizerdes ao que vo-lo fazem, que mérito se vos reconhecerá, dado que também o fazem as pessoas de má vida? Se emprestardes somente àqueles que possam vos fazer o mesmo favor, que mérito se vos reconhecerá, quando as pessoas de má vida se entreajudam dessa maneira, para auferir a mesma vantagem? Pelo que vos toca, amai os vossos inimigos, fazei bem a todos e auxiliai sem esperar alguma coisa. Então, muito grande será a recompensa e sereis filhos do Altíssimo, que é bom para os ingratos e até para os maus. Sede, pois, cheios de misericórdia, como cheio de misericórdia é vosso Deus'. (S. Lucas 6:32-36)"

E foi com uma entonação suave na voz que o orador discorreu sobre o assunto.

Manoel ficou absorto com tudo o que ouvira durante a palestra do sr. Josué.

Depois de encerrar a palestra, novamente o orador fez uma sentida prece, e logo convidou todos a se dirigirem à câmara de passes.

Manoel foi encaminhado a uma sala pequena. Quatro pessoas permaneciam de pé com as mãos espalmadas para o centro, onde havia três cadeiras, e em frente a cada cadeira havia uma pessoa que permanecia com os olhos fechados e fazia movimentos ao redor da pessoa sentada.

Manoel foi exortado a pensar em Jesus, e nesse momento se pôs a pensar não em um Jesus indefeso na cruz, como fazem algumas religiões, mas naquele que foi capaz de realizar grandes feitos, e ensinar às pessoas a religião do amor.

Depois de alguns minutos ele saiu, e deram-lhe um copo com água; assim que tomou sentou-se novamente em seu lugar.

Enquanto outras pessoas eram encaminhadas à câmera de passes, Manoel sentiu-se tranquilo, como se não tivesse problema algum em sua vida.

E foi com essa serenidade que ouviu o senhor Josué da Costa voltar a falar uma mensagem que dizia: "não fechemos os olhos às rochas do caminho, pois elas costumam adornar o nosso panorama. Tampouco fechemos os olhos aos pedregulhos da estrada, pois são eles que nos fazem tropeçar".

– Meus irmãos – disse o orador –, muitos de nós costumamos admirar as belezas dos rochedos, mas com frequência esquecemos de olhar um pouco mais abaixo, para as pequenas pedras, pois estas constituem verdadeiros empecilhos para cada um de nós.

"O que basicamente isso quer dizer? Quer dizer que nós muitas vezes estamos com nossas visões tão acima de nós que esquecemos de olhar para as pedras pequenas do caminho, que não raro nos passam despercebidas, e muitas vezes são caracterizadas por nossas próprias imperfeições, tais como o orgulho, a vaidade, o egoísmo e muitas outras coisas.

"O astuto é aquele que vê as pedras do caminho e se desvia."

Ao dizer essas palavras, novamente o orador fechou os olhos e convidou todos a fazerem uma prece; e assim terminou a reunião daquela noite.

Manoel estava sentindo algo que não sabia definir. Era uma sensação boa. Enquanto esperavam que Ana Maria terminasse alguns de seus afazeres no Centro Espírita, ele e o dr. Cavalcanti ficaram conversando em frente a casa.

Foi Cavalcanti quem perguntou:

– Como está se sentindo, Manoel?

Tentando definir o que lhe ia ao coração, ele apenas disse:

– Sinto-me muito bem; é como se um torpor tomasse conta de mim e meus problemas estivessem bem distantes…

Cavalcanti, sorrindo, disse a Manoel:

– Meu filho, o que você está sentindo se chama paz! É um sentimento que acalenta a alma, fazendo-nos observar as belezas da vida.

– Realmente, doutor, é assim mesmo que me sinto… ah, se eu soubesse que seria tão bom teria vindo há mais tempo – disse Manoel, feliz.

– Acalme-se! Não fique a se recriminar por não ter vindo antes. Saiba que não cai uma folha de uma árvore se Deus não permitir; portanto, se você veio hoje, é porque era o momento certo.

Manoel não entendeu muito bem, mas preferiu nada dizer, pois não queria perder a paz que talvez nunca tivesse sentido antes.

Ana Maria chegou, e sorrindo disse a Manoel:

– E então, Manoel, como está?

– Estou me sentindo muito bem, dona Ana Maria; sinto-me tão leve que parece que vou flutuar.

– Bem, se quiser sentir essa leveza novamente, basta vir aqui, pois saiba que não é uma igreja, mas um pronto-socorro espiritual.

Manoel sorriu e agradeceu ao casal por ter-lhe indicado um lugar onde verdadeiramente sentia-se em paz. E foi com esse sentimento que, depois de conversar por alguns minutos com o sr. Cavalcanti e sua esposa, ele tratou de voltar para casa, sem se preocupar com seus problemas pessoais.

Ao entrar em casa, tudo já estava escuro; pois tanto Isabel como o pequeno João Felipe já estavam dormindo.

Manoel procurou não fazer ruído, para não acordar ninguém, e, apesar de ter jantado, estava com fome. Assim, foi até a cozinha comer alguma coisa antes de dormir.

Pegou uma lata que continha biscoitos, ferveu leite e sentou-se à mesa a fim de lanchar.

Estava comendo lentamente, quando ouviu um ruído, e ao olhar para a soleira da porta que dava para a sala, logo percebeu que Isabel havia se levantado.

Ela estava com cara de poucos amigos, e com azedume na voz perguntou:

– Onde você estava, Manoel?

Manoel, que continuava a comer, apenas disse:

– Saí para dar umas voltas.

Ele não queria contar à esposa aonde realmente havia ido.

– Não me vai dizer que estava às voltas com alguma sirigaita? Saiba que eu não suportaria passar por uma humilhação dessas! Se isso acontecer, juro

que o abandono!

Manoel, olhando para Isabel, sentiu seu peito enternecer, pois pensou que Isabel sentia ciúme dele. Sorrindo, disse:

– Imagine que eu estaria às voltas com mulheres, Isabel! Apenas estava conversando com o Moacir no bar do Juca.

– Olha aqui, Manoel! Ter um marido bêbado eu não aguento! Você sabe o que é ficar o dia todo limpando, passando, cozinhando, cuidando de filho e ainda com mal-estar por causa dessa barriga que só faz crescer dia a dia? Pois bem, acho melhor você parar com essas histórias de bar, porque isso não vai acabar bem!

– Isabel, se acalme! Sei que as coisas para você não estão sendo fáceis, mas saiba que eu jamais faria alguma coisa para manchar nosso casamento. Portanto, acalme-se e confie em mim!

Isabel olhou para Manoel e logo percebeu que ele estava diferente; ele transmitia algo que ela desconhecia.

Manoel terminou de comer, lavou a xícara, colocou a lata de biscoitos no lugar e foi ao banheiro escovar os dentes, enquanto Isabel voltou ao quarto, pensativa; o que ela não viu foi que Onofre e Graça estavam à espreita, e começaram a dizer a ela:

– Você vai acreditar nele? Não acha que ele está muito feliz para quem foi somente ao bar do Juca? Por que não procura por Moacir e pergunta sobre Manoel, ele lhe dirá se realmente esteve no bar hoje à noite.

Isabel, nesse momento, teve a ideia de perguntar a Moacir sobre as idas de Manoel ao bar, pois sabia que era lá que ele passava a maior parte do tempo, já que sua mãe o sustentava.

Manoel deitou-se, mas como havia uma luz diáfana em sua volta, Onofre e Graça não puderam se aproximar.

Na manhã seguinte, Isabel estava atenta a todos os movimentos de Manoel, e pôde perceber que ele estava diferente dos outros dias; tinha a fisionomia descontraída, e sua postura era de alguém completamente despreocupado.

Para Manoel, o trabalho corria bem, porém seu casamento era um verdadeiro martírio, pois estava sempre com medo que Isabel o deixasse por

uma razão ou outra. Naquela manhã, porém, nada em suas atitudes denotava preocupação.

Isabel, fingindo ignorar o marido, apenas o observava brincando com o filho antes de ir trabalhar, coisa que raramente fazia.

Não era de se duvidar que Manoel fosse bom pai, sempre atencioso com as necessidades do filho; por outro lado, sempre estava metido com suas próprias preocupações, o que muitas vezes o impedia de brincar com o pequeno João.

Manoel, naquela manhã, brincou com o filho antes mesmo de tomar café, e na hora do café deu mais atenção ainda ao menino, que estava adorando as brincadeiras do pai.

Isabel, em um canto, ficava a observar e a pensar:

"Manoel está diferente essa manhã; ele nunca brinca com o Joãozinho antes de trabalhar. Acho que essa mudança se deve a sua saída de ontem à noite… Tenho certeza de que há alguma mulher na jogada."

Manoel, sem desconfiar de nada, beijou o menino, depois se aproximou de Isabel, beijou-a na têmpora e saiu.

Passados quinze minutos da saída de Manoel, Isabel trocou-se, arrumou o pequeno menino, e levou-o à casa de Mariana, que era uma jovem senhora sem filhos. E como ela gostava de crianças, para ela era um prazer cuidar dos filhos das vizinhas, quando havia necessidade.

Isabel pegou alguns trocados e saiu, indo em direção ao bar do Juca, a fim de encontrar Moacir.

Ao chegar ao bar, pediu balas a fim de não levantar suspeitas, e como quem nada queria, começou a conversar com o dono do bar.

O homem assustou-se com a atitude de Isabel, pois sempre que passava em frente ao bar ela nunca cumprimentava ninguém; e agora se mostrava toda atenciosa.

Isabel, embora fosse bonita, era tida como a antipática do bairro, pois geralmente não conversava com quase ninguém, exceto com aquelas vizinhas às quais podia pedir um favor, uma hora ou outra.

Enquanto Manoel procurava manter uma boa amizade com todos, se mostrando sempre solícito e sorridente, a esposa fazia o contrário, pois para ela aquelas pessoas não passavam de miseráveis e mortos de fome.

Manoel não gostava da atitude de Isabel, mas procurava não dizer nada, para não arranjar confusão, pois sabia o quanto a esposa era temperamental.

Sabendo disso, naquela manhã, seu Juca estranhou o fato de a mulher ir comprar balas e entretê-lo com um assunto e outro.

Isabel, astuta como era, percebeu que o homem havia baixado a guarda da desconfiança, e finalmente perguntou:

– Seu Juca, por favor, me diga: a que horas Manoel saiu daqui ontem?

O homem, como já contava com uma idade um pouco avançada, confundiu-se, dizendo:

– Bem, ele saiu daqui ontem perto das onze horas da noite, pois eu já estava fechando o bar e ele estava conversando com Moacir.

Isabel estranhou, pois o marido chegara em casa exatamente às dez e vinte da noite; com isso, pensou que o homem estivesse acobertando alguma coisa.

Mas, disfarçando a contrariedade, procurou sorrir quando ouviu alguém dizer:

– Bom dia, Juca!

Isabel, virando-se para trás, viu que se tratava de Moacir, o rapaz que era sustentado pela mãe e que passava quase o dia todo no bar.

Isabel sorriu, satisfeita, pois mesmo que não houvesse tirado nada de seu Juca, sabia que Moacir era um tagarela nato.

Ela disfarçou, conversando com o dono do bar; e Moacir, vendo a esposa de Manoel, pensou:

“Estou sentindo cheiro de encrenca! Essa mulher não me engana, ela veio aqui para tentar saber alguma coisa daquele trouxa do Manoel.”

Moacir a cumprimentou gentilmente, enquanto o dono do bar arrumava uma prateleira atrás do balcão e conversava com eles ao mesmo tempo.

Isabel, percebendo que não tinha nada mais a fazer ali, tratou de pagar as balas e sair, pois não conseguira nada naquela manhã.

Voltou para casa desapontada, e com raiva do dono do bar, disse:

– Seu Juca sabe de alguma coisa! Aquele sem-vergonha do Manoel não perde por esperar, vou descobrir e vou me separar dele!

Pegou o pequeno João Felipe e voltou para casa; e depois de terminar o trabalho, ficou na área externa da casa, vendo quem passava na rua, quando viu que Moacir voltava do bar, já havia tomado algumas cachaças e não estava muito bem.

Isabel, satisfeita, sorriu e ao cumprimentar Moacir, disse:

– Moacir, será que dá para você me fazer um favor?

O moço, olhando para Isabel, apenas respondeu:

– Desde que esteja ao meu alcance…

– Bem, estou com uma torneira vazando muita água, será que dá para você consertar pra mim? Manoel só vai chegar à tarde, e eu não entendo de encanamento.

– Claro!

Moacir, embora não gostasse de trabalhar, era um bom encanador e também mexia com fiações elétricas.

Isabel levou Moacir até a cozinha, onde realmente havia um vazamento de água; olhando para a torneira, ele disse:

– Isso é fácil! A torneira tem um anel de borracha, e quando esse anel se quebra, por um motivo ou outro, ela costuma vazar água mesmo; bem, talvez a senhora não tenha um anel de borracha. Se quiser, eu mesmo posso fazer.

– Ah, Moacir, se você puder me fazer esse favor…

E assim, Moacir começou a desmontar a torneira, e quando viu que a água iria sair em demasia, tratou de pedir a Isabel que fechasse o registro da casa.

Enquanto Moacir consertava a torneira, Isabel ia puxando assuntos diversos, e o rapaz, que era gentil por natureza, respondia com prazer.

Até que finalmente ela perguntou ao rapaz:

– Moacir, a que horas Manoel saiu do bar ontem?

– Olha, dona Isabel, isso eu não posso dizer, porque ontem eu não estava no bar.

Isabel logo percebeu que Moacir estava mentindo, pois Manoel dissera que ele estava conversando com Moacir no bar do Juca.

Isabel não disse nada a Moacir, e depois do serviço pronto, ela finalmente deu uma gorjeta a ele. Ele recusou, a princípio, mas como ela insistira muito, ele por fim decidiu aceitar.

Isabel estava com sua mente fervilhando, imaginando que estava sendo traída por Manoel, mas preferiu manter o silêncio.

Manoel naquela tarde chegou do trabalho e não saiu, resolveu ficar em casa brincando com o filho. Embora Isabel o observasse de longe, nada dizia

e fingia que tudo estava normal.

Enquanto, ela ouvia as gargalhadas do pai com o menino, pensava:

"Essa alegria toda tem nome: MULHER". E com esses pensamentos, Isabel ficava a se torturar. Se antes já não gostava do marido, passou a detestá-lo veladamente.

Manoel nada percebia, porém não se deixou abater pelos olhares de Isabel, que sempre fitavam-no de modo significativo.

Uma semana se passou e Manoel não saiu de casa, mas, numa quarta-feira, ele novamente saiu com o pretexto de ir ao bar do Juca. Isabel fingiu que lhe era indiferente.

Manoel se vestiu adequadamente e saiu, e de novo voltou às dez e vinte da noite. Isabel fingia dormir, mas sabia que estava acontecendo alguma coisa. Nem de longe ela desconfiava que o marido estivesse frequentando o Centro Espírita.

A cada semana, Manoel se sentia mais bem disposto, e quase voltara a ser o mesmo de quando era solteiro.

A personalidade de Manoel era alegre, e sempre tratava a todos com cortesia, de modo que era bem visto pela vizinhança, ao contrário de Isabel.

Manoel estava feliz com o que aprendia na Casa Espírita, e certa vez em que foi à cidade vizinha a trabalho, passou em uma livraria e comprou *O Livro dos Espíritos*, tão falado pelos frequentadores da casa espírita.

Após comprar o livro, ainda na rodoviária, começou a lê-lo; Manoel ficou abismado com as explicações lógicas oferecidas pelo livro, em especial o capítulo X, questão 457: "os espíritos podem conhecer os nossos mais secretos pensamentos? Frequentemente eles conhecem aquilo que quereríeis ocultar de vós mesmos; nem atos, nem pensamentos podem lhes ser dissimulados".

Manoel, ao ler essa questão, se pôs a pensar na primeira vez que conversara com Ana Maria, que os espíritos podem conhecer até mesmo o que vai no âmago de nossos pensamentos; e logo se preocupou, pois pensava:

"Se é assim, aqueles espíritos que acompanham Isabel sabem o que estou fazendo, e com certeza eles não querem que eu continue com o meu aprendizado. E agora, o que posso fazer?" Ao olhar para o horizonte, viu quando o ônibus no qual retornaria para sua cidade estava chegando, mas em seus pensamentos, fervilhavam os questionamentos.

Em pouco mais de vinte e cinco minutos, Manoel estava chegando à rodoviária de sua cidade, e, como ainda estava em trabalho, dirigiu-se ao escritório; mas sua fisionomia estava abatida, e Cavalcanti, percebendo que Manoel estava preocupado, logo perguntou:

– Manoel, o que houve? Acaso faltou dinheiro para pagar aquela duplicata no banco?

– Não, o dinheiro deu, doutor, e sobrou; aqui estão as notas, e o troco.

– Mas se o dinheiro deu, por que você está estranho?

– Dr. Cavalcanti, vou ser sincero: o senhor sempre diz que me tem como a um filho, e que eu posso lhe dizer os meus problemas como se fosse a um pai, portanto vou lhe ser franco. Comprei *O Livro dos Espíritos* quando passava em frente a uma livraria no centro da cidade vizinha. – Manoel logo abriu o livro, e mostrou a Cavalcanti, ao qual Manoel se pôs a ler.

E Cavalcanti, sorrindo pelo interesse do rapaz, disse:

– Meu filho, realmente os espíritos conhecem os nossos pensamentos e as nossas ações; mas lembra-se do que Ana Maria lhe disse naquela noite que jantou em minha casa? Orai e vigiai! Esta é a receita, para nos protegermos de investidas de espíritos inferiores que querem nos prejudicar de alguma forma. Ana Maria foi prática quando disse: “Orai significa melhorar o padrão vibratório, e vigiai significa: vigiai as nossas tendências inferiores, que podem nos fazer incorrer em erros; se fizermos o que nosso divino Mestre Jesus nos ensinou, não temos com que nos preocupar.

– Mas doutor, o senhor não está entendendo; os espíritos que acompanham Isabel certamente sabem que estou indo atrás de ajuda, e com certeza vão incutir em Isabel esses pensamentos; e como a conheço, sei que ela ficará muito irritada ao saber que estou indo ao Centro Espírita, e isso provocará sérias discussões.

Cavalcanti, como era um homem ponderado, apenas disse:

– Manoel, hoje, ao término do expediente, quero ter uma conversa com você que o fará perder esse medo surdo de sua esposa. Mas agora não é o momento propício para isso. Logo depois das seis da tarde poderemos conversar tranquilamente aqui mesmo, em minha sala.

Manoel, embora ouvisse as palavras de Cavalcanti, não se sentiu tranquilo e seus pensamentos não se desanuviaram, de modo que preferiu mergulhar-se no trabalho, para não pensar mais no assunto.

Cavalcanti, por sua vez, ficou a espreitá-lo, e sentia seu coração enternecer-se por aquele rapaz, que se casara mas não sabia desempenhar o seu papel dentro do casamento.

A tarde transcorreu tranquilamente, e quando Cavalcanti percebeu que todos já haviam ido embora, chamou Manoel a sua mesa. Tirando o evangelho da gaveta, abriu no seguinte título: "Moral estranha", capítulo XXIII do Evangelho. E o bom homem se prontificou a ler, enquanto Manoel, que estava a sua frente, ficou observando-o:

– "Como nas suas pegadas caminhasse grande massa de povo, Jesus, voltando-se, disse-lhes: 'Se alguém vem a mim e não odeia a seu pai e a sua mãe, a sua mulher e a seus filhos, a seus irmãos e irmãs, mesmo que a sua própria vida, não pode ser meu discípulo. E quem quer que não carregue a sua cruz e me siga, não pode ser meu discípulo. Assim, aquele dentre vós que não renunciar a tudo o que tem não pode ser meu discípulo'. (S. Lucas, 14:25-27, 33)"

E o dr. Mário Cavalcanti continuou lendo:

– "Aquele que ama a seu pai ou sua mãe, mais do que a mim, de mim não é digno; aquele que ama a seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim. (S. Mateus, 10:37)"

Cavalcanti, olhando para Manoel, começou a dizer:

– Meu filho, se formos levar ao pé da letra o que Jesus estava dizendo, concluiremos que isso é um contrassenso, pois Jesus, portador de mensagens de amor, dizendo uma coisa dessas… Veja bem, quando Jesus disse essas palavras, sabia perfeitamente bem o que significa amarmos os nossos semelhantes. Perceba que nessas palavras Jesus fala em odiar, mas o que realmente quer dizer a palavra "ódio", tão falada por Jesus nesse texto? Bem, Manoel, não é no sentido que você talvez esteja pensando, é no sentido de amar menos, ou seja, de colocarmos as coisas em seus devidos lugares.

"Isso mostra que até mesmo o amor que nutrimos por pai, mãe, irmão e irmã, filhos e esposa tem o seu lugar; agora, o que nos faz dignos do amor de Jesus é a importância que damos a Sua palavra em nossas vidas.

"Claro que amamos nossos familiares – continuou Mário –, mas também amamos a Deus e aos ensinamentos de nosso divino mestre. Dessa forma,

podemos colocar as coisas nos devidos lugares, ou seja, quando muitas vezes sucumbimos à pressão de um familiar, para não obtermos os conhecimentos reveladores da espiritualidade, será que vamos ceder por amor a nossos familiares ou vamos nos aprofundar, tentando conciliar as duas coisas?

"Não estamos dizendo aqui que você tenha de levantar a bandeira da guerra, mas antes devemos nos empenhar pela paz; e pelo fato de nos tornarmos pessoas melhores, poderemos chamar a atenção daqueles que se opõem ferozmente ao que estamos aprendendo. Assim, poderemos chamá-los também à razão, mas num clima de paz e harmonia.

"No caso de Isabel, levantar objeções sobre sua decisão de conhecer a espiritualidade, ela o faz sem saber por que; mas mostre a ela sua decisão com amor. O que não pode é você demonstrar medo de Isabel e acabar por aceitar tudo que ela quer; se fizer isso, não a estará ajudando; além do mais, prejudica a você e ao bom funcionamento da vida familiar.

Manoel ficou ouvindo as palavras do bom homem, se pôs a pensar e disse:

– Entendi o que o senhor está querendo dizer, doutor Cavalcanti; estou sendo passivo demais diante da imposição de Isabel, acho que está na hora de tomar uma decisão e não deixar que ela continue a me manipular como vem fazendo. Sabe, doutor, vou chegar em casa e conversar com Isabel; e ela não poderá me criticar, pois estou fazendo o que acho certo, e isso é que importa.

– Muito bem, Manoel; vejo que você entendeu bem o ponto.

Manoel se despediu de Cavalcanti decidido, e o bom homem ficou sentado em sua mesa, pensando:

"Que Deus te ilumine, meu filho, pois, perturbada como ela está, não será nada fácil."

E assim, dr. Mário Cavalcanti se pôs a fazer uma prece, pedindo à espiritualidade maior que injetasse forças em Manoel para que ele não sucumbisse diante das oposições da esposa.

Manoel ganhou a rua pensando em tudo o que o dr. Cavalcanti havia lhe dito, e pediu a Deus para que o encorajasse a falar com Isabel sobre sua nova decisão.

Manoel chegou em casa, e Isabel foi logo perguntando com austeridade:

– Manoel! Aonde você foi nessas últimas duas quartas-feiras? Acaso me acha com cara de boba? Diga-me, está metido com alguma mulher?

Manoel, sem jeito, chamou-a a sentar-se à mesa da cozinha. Ela relutou, pois, segundo o que imaginara, ele iria arranjar alguma desculpa.

Mas ele, pacientemente, a fez sentar, e com calma se pôs a falar:

– Isabel, para ser sincero eu não tenho ido ao bar do Juca, não! Lembra-se de quando conversamos com dona Ana Maria, esposa do dr. Cavalcanti?

– Sim, aquela maluca!

– Pois bem, quero lhe falar que na terça-feira eu acabei cedendo a seus caprichos e fui realmente ao bar do Juca, mas depois dessa noite eu não mais fui lá. Às quartas tenho ido com o dr. Cavalcanti ao Centro Espírita; e confesso que tem me feito muito bem, não é nada daquilo que as pessoas falam! Lá há muita paz, lê-se um trecho do *Evangelho Segundo o Espiritismo*, se toma passe, e depois da prece acaba a reunião e vimos embora.

Isabel passou da palidez ao rubor, e com raiva começou a gritar:

– Manoel, onde já se viu você metido com essas coisas? Olha, aquela esposa do dr. Cavalcanti é uma louca, e você não tem nada que ficar indo a esses lugares, pois esse negócio de espírito é coisa para idiotas! E eu não vou permitir que meu marido faça tal papel! Se você quer continuar casado comigo, terá de escolher entre mim e essa religião!

Manoel olhou para Isabel, e lembrando-se das palavras do dr. Cavalcanti, baixou o olhar e com amargura na voz respondeu:

– Isabel, se tem uma coisa que você jamais vai poder duvidar é dos meus sentimentos por você. Mas saiba que depois que comecei a frequentar a Casa Espírita, confesso que estou sentindo uma coisa que nunca tive antes, que é paz; me sinto mais lúcido e sereno. Saiba que se eu te perder, será para mim uma dor terrível, mas se tem algo de que não posso abrir mão é da paz que estou sentindo. Portanto, se quiser ir embora, saiba que sofrerei, mas não a impedirei. Quero voltar a ter paz, Isabel, e para falar a verdade, desde que nos casamos eu nunca havia desfrutado da paz que sinto agora.

Isabel não podia acreditar no que estava ouvindo, pois sempre julgou que o marido faria tudo para impedi-la de ir embora. Depois de alguns minutos, resolveu contemporizar:

– Manoel, saiba que eu não estou querendo que as pessoas falem que meu marido é um louco! Será que não percebe que estou querendo te

preservar?

– Ninguém vai dizer isso! Veja o caso do dr. Cavalcanti; nunca ouvi ninguém dizer que ele é louco, e fui saber que é espírita há pouco tempo.

– Não queira se igualar a ele, Manoel! O dr. Cavalcanti é rico; e ricos, quando cometem algumas loucuras, as pessoas os chamam de excêntricos; mas você é pobre, e para as pessoas você será um louco.

– Eu não estou nem aí para o que as pessoas possam falar de mim, Isabel; o importante é a paz que estou sentindo e o bem que os conhecimentos espirituais estão me fazendo.

– Está bem! Se quer continuar nessa loucura, eu nada farei para impedir, mas não espere que eu ou o João Felipe te acompanhemos, porque isso nós não faremos!

Manoel sentiu que a sua postura firme diante de Isabel lhe fizera muito bem; primeiro porque o fez sentir-se forte, e com o tempo ela poderia mudar de ideia.

Manoel, sorrindo, disse:

– Você vai ver que tenho razão no que estou fazendo. Nós precisamos ter uma religião; afinal, há quanto tempo você não vai à igreja?

– Eu não vou desde que batizamos o Joãozinho.

– Então, precisamos dos ensinamentos de Jesus em nossa vida.

Isabel, não querendo discutir com Manoel, preferiu se calar, o que deixou Manoel imensamente feliz.

Já fazia cinco meses que Manoel frequentava a Casa Espírita, e vez por outra estava lendo ora o *Evangelho Segundo o Espiritismo*, ora *O Livro dos Espíritos*.

Certa noite, Manoel acordou com os gritos de Isabel, pois ela já estava para dar à luz e ele já não dormia tranquilamente.

Isabel acordou sentindo fortes dores devido às contrações que sentia; e Manoel, de um salto, foi chamar seu Juca, que tinha um carro, para levá-la ao hospital.

Manoel, naquela correria, entregou o pequeno João Felipe, que contava com apenas três anos, a Mariana e rumou finalmente à maternidade.

Isabel não conseguia controlar-se; embora as dores fossem espaçadas, iam aumentando fortemente, o que a deixava em verdadeiro desespero.

Manoel ficou sabendo que o médico, doutor Arnaldo, não estava no hospital, e com seu Juca foi até a casa do médico a fim de pedir socorro.

O médico acordou sobressaltado e logo foi com seu carro ao hospital.

Ao chegarem ao hospital, a enfermeira já havia preparado Isabel para o parto, e estava apenas aguardando o médico chegar, pois a parteira do hospital estava de folga.

Embora Isabel sentisse dores horríveis, o médico agiu com cautela, e deixou que tudo transcorresse na mais perfeita ordem.

Manoel estava agastado ao ouvir os gritos de Isabel, pois logo imaginava o que seria de sua vida se ela viesse a falecer.

Dentro de pouco mais de duas horas de sofrimento, finalmente Isabel deu à luz uma menina.

Manoel estava feliz, pois jamais imaginara ter um casal de filhos, pois embora ele pensasse que a esposa estivesse grávida de um novo menino, a natureza finalmente lhes pregou uma peça, e isso o deixou felicíssimo.

Pela manhã, Isabel recebeu a pequena menina para amamentar, e Manoel já estava a seu lado.

Manoel não cabia em si de tanta felicidade, pois a menina era muito parecida com Isabel; até os cabelos pareciam ser claros, apesar de ralos.

Isabel não queria aquele filho, mas quando viu a menina pela primeira vez, tomou-se de amores pela criança; desde então ela demonstrou maior afeição pela menina que por João Felipe.

Manoel estava feliz, pois ter um casal de filhos sempre fora seu sonho, embora não acreditasse que um dia isso seria possível. O parto de Isabel havia sido difícil, mas ela estava bem, e em três dias, mãe e filha já estavam em casa.

João Felipe ficou feliz em ver a pequena criança, mas, com o passar dos dias, percebeu que as atenções que antes eram voltadas para ele agora eram dirigidas todas para a pequena menina. Tal fato o deixou enciumado, e com isso, cada vez que a criança chorava o menino dizia:

– Mamãe, leva essa menina de volta pro hospital! Ela é chorona.

Isabel ria da inocência do menino e em seguida dizia:

– Meu filho, o lugar de sua irmãzinha é com você, portanto tenha paciência.

Com o nascimento da menina, Manoel logo percebeu que Isabel estava menos agitada e já não ficava o tempo todo de cenho fechado, como de costume; sentindo a alegria de ser pai pela segunda vez Manoel, continuou a frequentar a Casa Espírita, e Isabel se entregou por inteiro aos cuidados da pequena Janaína, que foi se tornando o centro das atenções para a mãe, que todo instante a paparicava, como se a menina fosse uma bonequinha de porcelana.

Quem não gostou muito da vinda da criança à casa de Manoel foram Onofre e Graça, pois desde que se tornara mãe pela segunda vez, Isabel deixara de ouvir as sugestões feitas por eles, pois sempre estava às voltas com a filha; e quando a menina estava dormindo, ela se preocupava com os trabalhos domésticos.

Enquanto Manoel continuava a procurar ajuda na Casa Espírita, Onofre já não tinha a mesma influência sobre ele, pois sempre estava envolto em uma luz tênue azulada, que servia de proteção contra aqueles espíritos sofredores.

O tempo foi passando, e Manoel, que a princípio começara com total zelo e destemor na doutrina, passou a sentir o cansaço do caminho. Logo começou a faltar às primeiras reuniões, dizendo estar cansado, e outras vezes já se deixava dominar pelo desânimo que o fazia fatigar-se da busca incessante pelo conhecimento e pela paz.

Como tudo parecia ir bem, Manoel aos poucos foi se distanciando, até que chegou ao ponto de ficar completamente inativo, sem participar mais das reuniões, e sem procurar pensar nem mesmo no que havia aprendido durante aqueles nove meses em que frequentara a Casa Espírita.

Sempre metido com seu trabalho, procurava evitar conversar com dr. Cavalcanti sobre assuntos que envolvessem a espiritualidade.

Dr. Mário Cavalcanti, por ser um homem discreto e ponderado, percebendo que Manoel não queria tocar em determinados assuntos, passou a manter com ele um relacionamento estritamente profissional, o que deixou Manoel muito aliviado, pois, como ele sempre dizia a Isabel:

– Sei que o dr. Cavalcanti quer o meu bem, mas eu só voltarei ao Centro Espírita quando você estiver menos cansada, pois sei que cuidar de duas crianças não é nada fácil. Minha obrigação é ajudá-la como pai e marido, e é isso que estou procurando fazer.

Isabel, por sua vez, gostou de saber que Manoel estaria em casa todas as noites, e não fez o menor esforço para demover o marido de tal ideia.

O tempo passou. Quando João Felipe contava com seis anos, e Janaína com três, o garoto começou a notar a maneira diferente com que a mãe o tratava: pois para a filha caçula tudo era permitido, e ela nunca recebia uma repreensão sequer, o que não acontecia com ele.

Isabel, sempre pretextando que a menina era a caçula, cobria a menina de mimos e atenções, enquanto João Felipe ficava aos cantos, observando a preferência da mãe pela irmã.

Manoel não gostava da distinção que Isabel fazia com os filhos, mas sempre que podia dispensava uma atenção especial ao menino, que, à medida que foi crescendo, foi se tornando taciturno e triste, mantendo sempre distância da mãe. Já com o pai, ele era totalmente diferente: conversava, brincava e reclamava do mau humor da mãe.

Janaína aos poucos foi se mostrando irascível e caprichosa, o que muito irritava o irmão mais velho.

Assim, eles foram crescendo, e João Felipe, aos dez anos de idade, começou a dizer que iria embora de casa, pois a presença da mãe para ele era insuportável. Manoel, tentando contornar a situação, dizia que a mãe se dava bem com a menina pelo fato de serem mulheres, o que não convencia Joãozinho, como era por todos chamado.

Se Janaína fazia alguma travessura, era João Felipe quem apanhava, por não estar cuidando da irmã; se a menina caía, João Felipe ficava de castigo. E assim a revolta do menino ia crescendo dia a dia.

Mas ele confidenciava sua revolta ao pai, que procurava contornar a situação, repetindo sempre o mesmo discurso feito:

– Meu filho, não sei por que você se sente dessa maneira; afinal, mulheres se entendem, enquanto nós, homens, nos entendemos.

Manoel, embora dissesse sempre a mesma coisa para o filho, sentia que a esposa deixava clara a sua preferência pela filha, e com isso sempre procurava se aproximar do menino, a fim de fazê-lo sentir-se amado.

Enquanto o amor de João Felipe pelo pai aumentava a cada dia, ele não sentia o mesmo pela mãe, que sempre que podia lhe dava uma surra ou um castigo por causa de Janaína.

Com sete anos de idade, Janaína se revelou uma menina dada a mentiras, e sempre que o irmão não fazia o que ela queria, ela inventava uma mentira,

somente para Isabel punir o irmão. Seu capricho foi ficando intenso, a ponto de o menino quase não falar com a irmã.

Isabel muitas vezes sabia que o menino era inocente, mas sempre procurava puni-lo de alguma forma; com isso, assim que João Felipe chegou aos quatorze anos, se fechou como uma ostra para as mulheres da casa, e só era ele próprio na presença do pai.

Manoel sentia cada vez mais a diferença com que Isabel tratava o filho, mas quando tocava no assunto com a esposa ela dizia:

– Se não está feliz ao nosso lado, por que não pega teu filho e vai embora de uma vez?! Pois garanto que sobreviveremos bem sem a presença de vocês.

Manoel sentia-se ofendido com os argumentos de Isabel, pois desde que começara a frequentar o Centro Espírita nunca mais tivera intimidades insanas com a esposa, fazendo com que ela se fechasse totalmente para ele.

No começo, Manoel sentia falta de Isabel, mas com o tempo, começou a olhar para outras moças; apesar disso, não pensava em traí-la, pois seu amor pela esposa era quase doentio, o que o fazia chorar simplesmente por imaginar ficar sem ela um dia. Com isso, as intimidades, que começaram a se espaçar, aos poucos foram deixadas totalmente de lado, o que fazia Manoel sentir-se totalmente desprezado por ela.

20

Explode a violência

Certo dia, Manoel encontrou Rosália, a amiga de juventude de Isabel. Ao vê-la, percebeu que havia se casado, e tinha três filhos.

Manoel sentiu em seu íntimo um desejo incontrolável de reviver os momentos que desfrutara ao lado dela; mas como estava casada, ela nem sequer olhou para ele, fazendo com que Manoel se sentisse ainda pior.

Lembrando-se da última vez que vira Rosália, sentiu-se envergonhado, e assim mudou de rua, fingindo não vê-la.

Rosália estava distraída com os filhos, e não se deu conta de que Manoel a olhava de longe. Embora ele tivesse sido o único homem ao qual Rosália realmente amara, nunca mais o procurou, pois se sentiu muito ofendida com a maneira com a qual ele a havia tratado.

Manoel finalmente chegou a uma pequena praça, e tomando fôlego pensou:

"Se tivesse me casado com Rosália, tenho certeza de que teria sido feliz; mas agora o que está feito, está feito, e já não se pode mudar."

Manoel ficou ainda observando uma criança que brincava na pequena praça, e sentiu saudades de quando era criança, não tinha problemas, e sua preocupação principal era apenas se divertir.

Depois de algum tempo, finalmente Manoel voltou para casa, e foi obrigado a enfrentar a sua triste realidade: por um lado, a esposa que ele amava desde a sua juventude não o amava, e depois era obrigado a ver a maneira com que ela conseguia separar seu amor pelos filhos.

Manoel, ao entrar, percebeu que havia acontecido alguma coisa, pois Isabel estava nervosa, e notou que ela havia chorado.

Manoel, em seu tom cordial, perguntou:

– Isabel, está tudo bem?

– Por que deveria estar tudo bem? Olha, vou te dizer uma coisa, eu já não estou aguentando mais as peraltices de João Felipe. Acho que está na hora de ele passar uns tempos na casa de sua mãe!

– Mas por quê? O que ele fez?

– Ah, esse marginal do seu filho roubou sessenta cruzeiros do vaso que estava sobre a cristaleira! Onde já se viu pegar todo o dinheiro da feira? E o que ele fez com esse dinheiro é que eu não sei!

– Calma, Isabel! Você está nervosa! Não se pode julgá-lo assim, será que realmente foi ele? Veja bem, será que você não colocou em outro lugar?

– Escute aqui, Manoel, acaso está me chamando de mentirosa? Ou ainda pior, estará você me chamando de louca? Saiba que não sou nem uma coisa e nem outra! Toda semana, quando você me dá o dinheiro para a feira, eu coloco dentro daquele vaso, e esta semana o dinheiro sumiu. Agora não me venha dizer que eu sumi com o dinheiro, porque eu não fiz nada. Se eu não mexi e você também não, quem poderá ter mexido?

– Acalme-se! Se o problema é o dinheiro, eu lhe darei mais! Amanhã compre o que está precisando para a casa!

– Ah, você sempre querendo ser o bom samaritano, não é? Quer colocar panos quentes na situação só porque se trata de seu filho querido… mas saiba que eu o repreendi; e não me venha dizer que fiz mal. Prefiro um filho morto que um ladrão dentro de casa!

Manoel sabia que quando Isabel estava nervosa era inútil tentar argumentar. Assim, apenas perguntou:

– O que você fez a ele?

– Dei-lhe um corretivo que ele jamais esquecerá! Vai carregar a cicatriz para o resto da vida!

Nesse instante, Manoel sentiu seu coração oprimido, e imediatamente foi ao quarto de João Felipe, que já tinha quatorze anos e não queria mais dormir ao lado da irmã.

Ao entrar, Manoel percebeu que a janela estava fechada, e a luz apagada, pois embora ainda fosse o começo da noite, já se fazia escuro no quarto do menino. Sem pensar em bater, Manoel entrou, e logo pôde ouvir os ruídos de um choro abafado que vinha do interior do quarto.

Manoel imediatamente acendeu a luz, e viu que o menino estava chorando, com uma das mãos sob o travesseiro.

Manoel ainda não via a gravidade do problema; chamou pelo filho, e este, com voz dorida, respondeu:

– Papai! Não roubei nada! Eu te juro!

– Calma, meu filho! Eu não o estou acusando de nada; quero saber o que realmente está acontecendo.

O menino nesse momento mostrou ao pai a mão direita, que estava queimada. Quando Manoel olhou para o filho, sentiu uma raiva incontrolável pela esposa. Tomado de ira, foi ter com Isabel, que estava na cozinha a conversar com Janaína – que mesmo sendo mais jovem que João era bem mais esperta do que ele.

Manoel, não respeitando nem mesmo a filha que estava presente, chegou aos gritos:

– Isabel! Isabel! Diga-me, o que você fez ao nosso filho?

– Eu apenas dei a ele uma lição! Onde já se viu sumir com o dinheiro de casa!

– Mas você tem certeza que foi ele?

– Oras, Manoel! Se não foi ele, foi quem? O fantasma da sua avó?

Manoel nesse instante sentiu uma enorme raiva da esposa e começou a gritar:

– Olha aqui! Eu não vou permitir que você continue a machucar nosso filho, ouviu? Você queimou a mão dele! Não tem coração?! Muito bem: se você voltar a fazer isso, saiba que pegarei meus filhos e sumirei dessa casa!

– Se você pegar somente o João Felipe, não vou me opor, mas minha filha você não tira daqui!

– Isabel, custou para que eu entendesse que você é uma doente!

E ao dizer essa palavra, Manoel foi até o quarto de João Felipe e mandou que ele se arrumasse, pois iria levá-lo à farmácia do seu Carlos, para fazer um curativo.

Manoel levou Joãozinho até a farmácia, mas como o curativo não podia ser fechado, o farmacêutico apenas passou medicamentos, e deu alguns anti-inflamatórios. Manoel sentiu-se constrangido ao ter de mentir para seu Carlos que o menino havia queimado a mão ao pegar na forma quente de bolo.

Ao saírem da farmácia, Manoel sentiu-se terrivelmente triste, pois jamais imaginara que Isabel fosse capaz de tamanha maldade, ainda mais com o próprio filho.

Aproveitando o momento, levou o menino à praça para pagar-lhe um sorvete, e enquanto o menino pegava desajeitadamente a casquinha do sorvete levando-o a boca, Manoel foi lhe fazendo algumas perguntas:

– Meu filho, quero que saiba que sou teu amigo, e quero que você sempre me veja assim. Agora me conte: você mexeu no vaso sobre a cristaleira?

– Não, papai! Eu juro! Para falar a verdade, eu sempre soube que mamãe guarda dinheiro lá; não acha estranho que só agora eu roubasse o dinheiro da feira, sendo que ela deixa toda semana?

– Mas, meu filho, tem que haver uma explicação… se você não mexeu no vaso, alguém mexeu, pois como o dinheiro iria sumir do vaso?

O menino, tomando o sorvete, sem muito pensar disse:

– Papai, quem eu vi brincando perto da cristaleira hoje de manhã foi Janaína. Não sei se ela mexeu, mas que ela estava lá, isso estava, pois eu fazia a tarefa de casa enquanto ela brincava com sua boneca, próximo à cristaleira.

– Filho, Janaína não seria capaz de mexer naquele vaso, pois ela nem sequer o alcança.

O menino, nesse momento, parou e olhou para um ponto indefinido, quando finalmente disse:

– Papai, quando mamãe começou a brigar comigo, havia uma cadeira encostada na cristaleira; e embora eu dissesse que não havia mexido no vaso, mamãe parecia nada escutar.

Manoel ficou parado, e como a solucionar um caso difícil, apenas disse:

– Acho que devo conversar com tua irmã, pois se foi ela quem mexeu no dinheiro, terá de esclarecer.

– Papai, o importante para mim é que o senhor acredita em mim! Não diga mais nada à mamãe, pois ela irá me bater depois.

Foi então que Manoel percebeu que o filho tinha verdadeiro pavor da mãe, e com sutileza perguntou:

– Meu filho, diga-me uma coisa, sua mãe sempre bate em você?

O menino deixou que uma lágrima escorresse em sua face, e esquecendo-se do sorvete, olhou para o pai com os olhos rasos d’água; sentindo seu coração de menino bater na garganta, respondeu:

– Papai, se eu te responder essa pergunta, espero que você não brigue com mamãe.

– Essa é uma conversa de homem pra homem, e o que dissermos aqui, morre aqui!

O menino engoliu o resto do sorvete, e olhando para Manoel disse:

– Está bem, meu pai, vou te contar. Mamãe vive a implicar comigo e a proteger Janaína, pois ela sempre arranja uma forma de me bater ou me castigar por causa dela.

Manoel olhou para o filho e disse:

– Meu filho, não posso sair de casa para trabalhar e pensar que tua mãe está batendo em você; não posso ficar quieto, pois se assim o fizesse estaria concordando com as loucuras de sua mãe. Não vou jurar que não direi nada a ela, mas posso te jurar que não vou brigar com ela!

Joãozinho, olhando para o pai com um olhar carinhoso, disse, aconchegando-se ao peito do pai:

– O senhor é o melhor pai do mundo!

Manoel nesse momento apertou a cabeça do menino de encontro ao peito, e disse:

– E você é um menino que todo homem gostaria de ter por filho! É estudioso, comportado e obediente…

E dessa maneira, Manoel se aproximou ainda mais do filho, fazendo com que João Felipe se sentisse seguro a seu lado.

Depois de conversarem sobre outros assuntos, finalmente Manoel decidiu que estava na hora de voltar para casa. João Felipe entristeceu-se, pois aquela noite em companhia do pai era algo que ficaria marcado para sempre na memória do menino.

Enquanto isso, na colônia, José, pai de Isabel, caminhava descontraidamente no jardim, quando Marisa se aproximou dele, que se alegrou em vê-lo.

José sentia-se à vontade ao lado daquela que fora sua esposa na Terra, pois aprendera que seu amor por Marisa era um amor puramente fraternal. Sorrindo, cumprimentou-a.

– Que bom revê-la, minha irmã, como tem passado?

– Estou bem, Graças a Deus nosso Pai.

Em seguida, José perguntou:

– Minha irmã, como tem passado Isabel? Tem tido alguma notícia?

Marisa fechou suavemente o cenho, e com doçura na voz respondeu:

– José, nossa obrigação como filhos amados é vibrar amor para nossa irmã que tivemos como filha, pois ela está atravessando momentos difíceis, mas tenho certeza de que ela conseguirá sair dessa luta árdua como vencedora.

José, que até aquele momento estava sorridente, logo se preocupou e sem pensar perguntou:

– Mas o que está acontecendo?

Marisa lançou um olhar amistoso a José e respondeu:

– Meu irmão, como sabe, a Terra não é um lugar de delícia, pois se constitui de provas e expiação; portanto, cada espírito encarnante conhece suas lutas e dificuldades, e nossa obrigação é ampará-los com nossa vibração. Isabel – continuou ela – está passando por determinadas dificuldades, pelas quais ela poderá expiar muitas das suas faltas passadas, e nós devemos fazer preces e vibrações para auxiliá-la. Isabel ainda sofrerá muito devido ao grau evolutivo em que está; com isso, sua dor se deve a um aprendizado contínuo, que todos os que estão na Terra acabam experimentando até seu amadurecimento moral.

José, embora sabendo que as vibrações de amor muito ajudavam os encarnados, sentiu-se um tanto preocupado, e Marisa, ouvindo os pensamentos de José, prosseguiu:

– Meu irmão, sua preocupação de nada vai ajudar Isabel. Mantenha o equilíbrio para auxiliá-la a saudar seus débitos anteriores.

José então percebeu que deveria manter o equilíbrio acima de tudo, e convidou Marisa a fazer uma prece para serenar seu coração.

Marisa só falou o que realmente estava acontecendo com Isabel depois da prece, ao ver José mais confiante de que tudo estava ocorrendo como deveria.

José, a partir desse dia, estava sempre em silêncio, fazendo suas vibrações por Isabel, e pedia a Deus para que a fortalecesse em sua trajetória terrestre.

Com as palavras de Marisa, José aprendeu que uma das maneiras de ajudar um encarnado era sempre manter a confiança no alto, pois sabia que a vida se encarregaria de lhe mostrar o caminho, para seu autorreajuste.

José, sabedor dos problemas que a filha estava enfrentando na Terra, decidiu que nada contaria a Naná, a fim de não lhe atrapalhar a marcha; assim, sempre que esta fazia alguma pergunta sobre Isabel, ele apenas exortava as boas vibrações de amor a fim de amparar Isabel.

Manoel chegou em casa com João Felipe. O menino sentia o ardor da queimadura, mas seu coração estava feliz, por sentir que embora sua mãe se mostrasse distante, seu pai estava ainda mais próximo; e ele sabia que poderia sempre contar com o pai em qualquer dificuldade.

Isabel, ao ver Manoel, tratou-o com indiferença, e nem sequer perguntou pelo filho.

Manoel estava com as palavras do filho martelando em sua mente:

"Papai, quando mamãe começou a brigar comigo, me lembro de ter visto uma cadeira encostada na cristaleira."

Manoel esperou que os filhos fossem dormir, e somente quando a casa finalmente estava em silêncio procurou Isabel para uma conversa.

Estavam já em seu quarto, quando Manoel, olhando para Isabel, que já se preparava para dormir, disse com seriedade na voz:

– Isabel! Preciso conversar com você!

Olhando de soslaio para o marido, ela respondeu:

– Hoje, não! Estou cansada e quero dormir, pois você não sabe o que é ter de cuidar de uma casa com dois filhos.

– É justamente sobre isso que quero conversar com você!

– Manoel, se é pelo fato de ter punido Joãozinho, saiba que o fiz e se pudesse faria novamente, pois ele recebeu o que merecia.

– Isabel, como pode dizer uma coisa dessas, e achar que estava certa? Você nem sequer quis saber se foi mesmo o menino que mexeu no dinheiro!

– Olha, Manoel, se você acredita naquele mentiroso, o problema é seu, mas saiba que eu não me engano com ele; eu o gerei e o vi nascer. Agora quero dormir!

– Não, Isabel! Agora devemos conversar, pois acho que você foi tremendamente injusta com nosso filho, pois ele falou a verdade quando

disse que não mexeu no dinheiro do vaso! Ademais, já estou sabendo que você vive a bater nele por tudo que acontece a Janaína!

– Manoel, entenda uma coisa: se eu o castigo é porque ele merece, e se ele consegue te enganar, a mim não!

Manoel mais uma vez percebeu como era difícil conversar com a esposa. Assim, decidiu que iria ficar em silêncio e tentar conversar com Janaína, pois se ela havia mexido no dinheiro do vaso, teria de confessar.

Manoel tratou de se arrumar também e ir dormir, pois precisaria pensar em uma maneira de fazer a menina confessar, para que Isabel compreendesse que fora injusta com o filho.

E assim, Manoel vestiu-se e deitou, pois não conseguia manter uma conversa amistosa com a esposa sem se irritar.

Naquele momento, virou-se de lado e começou a pensar em todos os acontecimentos, e decidiu que não poderia deixar Isabel judiar do menino por causa de Janaína.

No dia seguinte, Manoel levantou-se, foi diretamente ao banheiro e tomou seu banho antes de ir trabalhar, pois gostava de chegar para o café faltando alguns minutos, a fim de sair assim que terminasse de comer. Fazia isso, inclusive, porque sabia que seu casamento estava indo de mal a pior.

Manoel arrumou-se e decidiu que naquele dia voltaria para casa para almoçar, pois precisava conversar com Janaína.

Ao descer, encontrou Isabel terminando de arrumar o café; ele entrou em silêncio e sentou-se, esperando que ela colocasse a garrafa térmica sobre a mesa. Manoel pegou o filão e cortou, passando manteiga, enquanto Isabel colocava o café a sua frente.

Manoel olhou para ela e apenas disse:

– Por favor, faça o almoço no horário, pois virei almoçar em casa!

Isabel fingiu que não ouviu, mas sentiu seu coração vibrar com raiva, pois pensava:

“Por que ele vem almoçar em casa hoje? Ah! Ter de olhar para ele também na hora do almoço é um suplício para mim!”

Isabel nada respondeu ao marido, e saiu para começar a lavar as roupas da família.

Manoel mal terminou seu café e, olhando para o relógio de pulso, percebeu que já estava um pouco atrasado. Ao constatar a hora, saiu rapidamente, sem nem mesmo se despedir de Isabel.

Enquanto caminhava em direção ao trabalho, Manoel pensava:

"Sou tão infeliz! Por que tive de me apaixonar justamente por Isabel? Sinto-me sozinho, perdido, mas agora tenho como obrigação cuidar de meus filhos, pois já estou começando a ver que ter me casado com ela foi o maior erro da minha vida."

Manoel já nem se lembrava mais que um dia havia frequentado a Casa Espírita, e tudo que aprendera. Tudo caiu no mais completo esquecimento, levando-o a ignorar as resoluções de assuntos pendentes do passado, e a esquecer que estava acontecendo um reajuste a fim de expiar uma falta grave de outra vida.

Manoel chegou a seu trabalho, e, sem cumprimentar ninguém, foi diretamente à sua mesa, na sala de seu chefe. Constatou que dr. Cavalcanti ainda não havia chegado, e assim começou a trabalhar.

Dr. Cavalcanti havia aberto outro escritório na cidade vizinha, mas como neste não havia muitos clientes, tratou de colocar sua funcionária mais velha como chefe.

Meia hora se passou e finalmente Mário Cavalcanti chegou e, cumprimentando Manoel, perguntou sobre alguns assuntos de trabalho.

Desde que Manoel se afastara completamente da Casa Espírita, Cavalcanti procurava não falar com ele sobre assuntos espirituais, para deixar Manoel à vontade para falar quando desejasse.

Manoel, completamente entretido ora com seus assuntos familiares, ora com os assuntos de trabalho, esquecera totalmente de tudo que havia aprendido desde então.

Cavalcanti, embora percebesse que Manoel não estava bem, o tratava normalmente, sem deixá-lo perceber que ele havia notado a preocupação em sua face.

E naquela manhã não foi diferente. Cavalcanti logo percebeu que Manoel não estava bem, mas não quis meter-se em assuntos particulares do rapaz. E ficou apenas a espreitá-lo de longe, observando muitas vezes seu descontrole emocional.

Antes da hora do almoço, Cavalcanti foi acometido de forte dor de cabeça, e disse a Manoel:

– Manoel, não me sinto bem, essa enxaqueca está me matando! Vou pra casa e não voltarei mais hoje; qualquer coisa, pode me ligar.

Manoel observou que a fisionomia do patrão realmente estava carregada, e respondeu:

– Não se preocupe, doutor, tudo está tranquilo. Se houver algum problema ligarei para o senhor em sua casa.

E assim, Cavalcanti colocou alguns papéis em sua valise, levantou-se e foi embora, sem dar maiores explicações a ninguém.

Ao chegar em casa, Cavalcanti encontrou Ana Maria preocupada com a arrumação do Centro Espírita, pois naquela noite a casa completaria quarenta e dois anos. Ela estava telefonando para uma floricultura e encomendando algumas flores para enfeitar a casa, já que naquela noite haveria uma reunião especial.

Ao ver o marido naquele horário em casa, assim que terminou de falar com o florista foi a seu encontro:

– Mário? O que faz em casa tão cedo?

O homem, colocando a mão na cabeça, disse:

– Minha querida, estou com uma dor de cabeça daquelas… vou tomar um analgésico e me deitar; mas, por favor, quero ir com você quando as flores da Casa do Caminho chegarem.

Ana Maria correu ao banheiro e, pegando um comprimido, deu ao marido e mandou que ele fosse se deitar.

Cavalcanti obedeceu a esposa, e se deitou, mas não conseguia tirar a fisionomia abatida de Manoel de sua mente.

Passada uma hora e meia, finalmente Cavalcanti saiu do quarto, e encontrou Ana Maria arrumando a mesa para o café da tarde.

A mulher, ao ver o marido, perguntou:

– E então, Mário, já está melhor? Como estava cochilando, não quis acordá-lo.

– Sim! Obrigado.

Ana Maria, sabendo que alguma coisa estava errada com o marido, indagou:

– Mário, você teve algum aborrecimento no escritório?

– Não, minha querida, graças a Deus está tudo em ordem.

A mulher, astuta como era, percebeu que o marido estava preocupado com alguma coisa.

– Não tente me enganar, meu querido, já te conheço como a palma da mão… alguma coisa o está incomodando.

Mário Cavalcanti, percebendo que não podia esconder nada da esposa, tratou de dizer o que estava a martelar em sua mente.

– Ana Maria! Estou preocupado com Manoel.

– Mas o que aconteceu? Vejo que você está deveras preocupado com ele.

– Ah, desde que Manoel deixou os conhecimentos espirituais de lado, ele não tem sido o mesmo; está tão abatido que me dá pena. Como gostaria de poder ajudá-lo.

Cavalcanti nunca escondera que gostava de Manoel como um filho, pois este sempre se mostrara interessado em seu trabalho, além de ser muito responsável e honesto.

Não era somente por Manoel ser um bom funcionário que Cavalcanti se preocupava com ele; sentia por aquele homem um amor de pai, uma vez que o casal não tinha filhos.

A mulher olhou para o marido com carinho e respondeu:

– Meu querido, Manoel está recebendo os frutos da escolha que fez. Quanto a isso você não poderá fazer nada.

Embora Cavalcanti e Ana Maria estivessem casados há mais de vinte e sete anos, não tinham filhos, pois Ana Maria, logo nos primeiros anos de casamento, ficou sabendo que jamais poderia ter um filho, pois as suas trompas de Falópio eram defeituosas, e Cavalcanti jamais quisera adotar uma criança.

Embora ela não pudesse ter filhos, sempre se mostrara resignada com a sua condição, e aceitara o fato sem maiores transtornos. Contudo, a princípio ela muitas vezes se mostrou triste, pois o desejo de todas as mulheres que conhecia era ser mãe.

Logo que ficou sabendo do problema da esposa, Cavalcanti se mostrou compreensivo para com ela, e tudo fazia para que Ana Maria não se deixasse abater pela fatalidade apresentada pelo dr. Vidal, o médico que acompanhou o drama da pobre mulher.

Ana Maria e Mário Cavalcanti eram felizes no casamento, embora muitas vezes ela sentisse uma ponta de tristeza pelo fato de não poder ser mãe.

Quando Ana Maria caiu em depressão profunda devido a seu problema, tentou fazer vários tratamentos com outros médicos, na esperança de que o dr. Vidal estivesse errado, mas sem sucesso.

A pobre mulher não podia ver criança que logo uma onda de tristeza invadia seu coração.

Cavalcanti também ficou muito triste ao saber que jamais poderia ser pai, porém foi resoluto em apenas uma coisa: que se não poderia ter um filho dele, adotivo também não queria.

Ana Maria queria uma criança de qualquer maneira, fosse filho dela ou não, mas aceitou a posição do marido.

E assim o estado de saúde de Ana Maria foi se tornando precário, por conta da depressão. Quem a ajudava na época era dona Iolanda, uma senhora espírita que ajudou o casal Cavalcanti a conhecer a doutrina espírita.

Ana Maria só saiu do estado depressivo quando aprofundou seus conhecimentos espirituais e passou a saber que o fato de ela não poder ser mãe era uma consequência passada, da qual ela ainda não estava de posse das lembranças.

O casamento de Mário e Ana Maria, que já era bom, ficou ainda melhor com o conhecimento da doutrina; isso aumentou o respeito e a cumplicidade entre os dois.

Cavalcanti estava conversando com Ana Maria sobre Manoel, e logo falou a respeito de suas preocupações com o rapaz.

Ana Maria ouvia a tudo calada, pois Cavalcanti sempre dissera que gostava de Manoel como um filho. Sorrindo, passou a mão no cabelo do marido e respondeu:

– Talvez esse sentimento pelo rapaz seja explicado pela reencarnação, meu velho; será que Manoel não foi uma pessoa importante para você no

passado?

Cavalcanti olhou para a esposa sorrindo, mas ainda assim continuou a falar sobre sua preocupação.

Ana Maria era uma mulher bastante compreensiva, e pelo pouco tempo que Manoel frequentara a Casa Espírita, logo se afeiçoou a ele, pois percebera logo que se tratava de um bom homem.

Mas vendo que o marido estava com o espírito abatido, apenas disse:

– Mário, não pense que você falhou de alguma forma com Manoel; lembra-se do que o nosso divino mestre disse nos Evangelhos?

Cavalcanti olhou para Ana Maria e esperou que ela continuasse a sua explanação.

Ela, então, foi até a estante, pegou o *Evangelho Segundo o Espiritismo*, e depois de folhear algumas páginas abriu no seguinte título: "Sedes Perfeitos", página 327, item cinco, o qual dizia, segundo a leitura clara e em voz alta da boa mulher:

– "Naquele mesmo dia, tendo saído de casa, Jesus sentou-se à beira do mar; em torno dele, logo se reuniu grande multidão de gente; pelo que entrou numa barca, onde se sentou, permanecendo na margem o povo. Disse então muitas coisas por parábolas, falando assim: 'Aquele que semeia saiu a semear; e semeando, uma parte da semente caiu ao longo do caminho, e os pássaros do céu vieram e a comeram; outra parte caiu em lugares pedregosos, onde não havia muita terra. As sementes logo brotaram, porque carecia de profundidade a terra onde haviam caído: mas, levantando-se, o sol as queimou, e como não tinham raízes, secaram: outras caíram sobre o espinheiro, e estes, crescendo, as abafaram: outras finalmente caíram em terra boa e produziram frutos, dando algumas sementes cem por um; outras sessenta, e outras trinta: ouça quem tem ouvidos para ouvir.' (S. Mateus, 13:1-9)

"'Escutai, pois, vós outros a parábola do semeador: quem quer que escute a palavra do reino e não lhe dá atenção, vem o espírito maligno e tira o que lhe fora semeado no coração.

"'Esse é que recebeu a semente ao longo do caminho. Aquele que recebe a semente em meio às pedras é o que escuta a palavra e que a recebe com alegria no primeiro momento. Mas não tendo nele raízes, dura apenas algum tempo. Se sobrevierem reveses e perseguição por causa da palavra, tirará daí motivos de escândalos e de quedas. Aquele que recebe a semente entre

espinheiros é o que ouve a palavra; mas nele logo os cuidados desse século e a ilusão das riquezas abafam aquela palavra e a tornam infrutífera. Aquele, porém, que recebe a semente em boa terra é o que escuta a palavra, que lhe presta atenção e em quem ela produz frutos, dando cem ou sessenta ou trinta por um. (S. Mateus, 13:18-23)'"

Cavalcanti estava estupefato ao ouvir a leitura de Ana Maria, pois a mesma parábola lhe viera à mente logo pela manhã; mas preferiu nada dizer à esposa, deixando que ela, após a leitura, fizesse a explanação que ele gostava de ouvir da sua boca.

Ana Maria continuou:

– Mário, não fique a se lastimar pelo fato de Manoel não estar sabendo lidar com os reveses da vida, pois seu coração é também um solo; só daqui a algum tempo saberemos que tipo de solo é.

"Ele ouviu muitas palestras de amor de nosso Mestre Jesus, mas o que ele fará com esses aprendizados tão bonitos é com ele. Pelo que percebo, Manoel deixou que esses ensinamentos ficassem no escaninho de sua mente, mas agora, se vai descer ao coração e dar frutos pacíficos, muito dependerá dele.

"Não fique a se torturar. Você fez a sua parte! Ademais, não somos ninguém para julgar que tipo de solo é o coração do próximo; mas lembre-se de que nem sempre o que falamos surte o resultado esperado.

"O que você pode fazer por ele é tentar ajudá-lo por meio da prece, para que ele possa recobrar o bom senso a tempo, e voltar a buscar ajuda no lugar certo.

Cavalcanti nesse instante sentiu uma ternura pela esposa envolver seu coração, e com suavidade na voz disse:

– Ana, não sei o que seria minha vida sem você; afinal, você sempre tem uma palavra certa na hora certa.

Ana Maria sorriu para o marido e disse:

– Mário, saiba que se quer realmente ajudar Manoel e sua família, uma das maneiras é pedir em prece. Afinal, não foi nosso divino mestre que nos ensinou que tudo que pedirmos em prece receberemos? Pois bem, Deus, sendo nosso pai amoroso, não deixará de nos atender quando se tratar do bem-estar do nosso semelhante.

Cavalcanti, então, abraçou a esposa, e a convidou a levar as flores para o quadragésimo segundo aniversário da Casa Espírita, onde haveria uma

reunião especial contando sua história e os membros que iniciaram a divulgação na cidade.

Manoel continuou seu trabalho no escritório, porém sua mente estava em João Felipe, pois temia que a mãe estivesse fazendo algum tipo de represália contra o garoto. Como Manoel sabia que tinha uma boa soma de dinheiro no banco, pensou e resolveu que compraria uma linha telefônica, pois apenas assim ficaria sabendo o que estava acontecendo com o filho em casa.

Manoel então se lembrou de sua paixão por Isabel; e de como perdeu a vontade própria movido por essa paixão.

Em seguida se lembrou de Rosália, e então, olhando para um ponto indefinido, pensou:

"Pelo que vi, Rosália ama verdadeiramente seus filhos, diferente de Isabel, que só gosta de Janaína. Ademais, ela me amava… Por que não me casei com ela? Como fui idiota de ter me deixado seduzir pela beleza de Isabel! Tenho certeza que se tivesse me casado com ela, hoje eu seria feliz."

E assim, Manoel deixou para ir para casa somente no final da tarde, pois a indiferença de Isabel o torturava.

Ao chegar em casa, Manoel encontrou a mesma cena de sempre: Janaína brincando na sala, João Felipe trancado em seu quarto, e Isabel fazendo alguma tarefa doméstica.

Manoel beijou a filha, que não lhe deu muita atenção, e dirigiu-se ao quarto do filho. Ao chegar, encontrou João Felipe lendo uma revista em quadrinhos.

O menino, ao ver o pai, saltou da cama e foi em direção a ele, abraçando sua cintura.

Manoel sentou-se na cama, Joãozinho sentou-se a seu lado, e o pai perguntou ao menino à queima-roupa:

– Meu filho, sua mãe fez alguma coisa a você hoje?

O menino, surpreso com a pergunta, pensou e logo respondeu:

– Não, papai! Mamãe hoje pouco falou comigo; achei bom, pois nem mesmo me chamou atenção, coisa que ela sabe fazer muito bem!

– Que bom, meu filho! Olha, vou dizer uma coisa, e só para você: colocarei uma linha telefônica aqui em casa, e durante o dia vou ligar várias vezes. Quando sua mãe lhe fizer alguma coisa, você me dirá, que eu virei imediatamente socorrê-lo.

O menino, feliz, logo disse:

– Papai, o senhor vai colocar um telefone aqui em casa? Mas não acha que isso é muito caro? Afinal, eu não ligo para as coisas que mamãe diz, e se eu não ficar no caminho dela, ela não faz nada!

– Que seja, meu filho! Mas um telefone em casa é importante, pois facilitará nossa vida.

– Papai, em vez de comprar um telefone, por que não compra um carro? Assim não vai se molhar quando estiver chovendo.

Manoel olhou para o filho com muito carinho, e com ternura respondeu:

– Meu filho, realmente eu estava guardando esse dinheiro para comprar um carro; mas depois que você me contou que sua mãe tem sido intransigente com você, decidi comprar a linha telefônica.

– Mas papai, não vai ser por causa da linha telefônica que mamãe vai mudar. Acho melhor o senhor comprar um carro em vez de um telefone.

Manoel, percebendo que o filho realmente preferia que ele comprasse um carro em lugar de um telefone, decidiu atender ao pedido do menino.

– Está bem, meu filho, acho que você tem razão; então, vou fazer o que você me pede. Acho que vou comprar um carro, pois assim poderei levar você e sua irmã para passearem aos domingos.

O menino ficou feliz em saber que sua solicitação foi aceita pelo pai, e abraçando-o disse:

– Papai, se eu aguento mamãe, saiba que é por sua causa, pois eu o amo muito! Porque se fosse por ela eu já teria ido embora dessa casa!

Manoel sorriu para o filho, apertou-o de encontro ao peito e não conseguiu esconder as lágrimas que insistiam em rolar por sua face. Ele ficou abraçado ao filho, para que não o visse chorando.

Manoel, depois que saiu do quarto do filho, com ele foi ao quarto de Janaína; uma vez sentado com a menina a seu lado, foi direto ao assunto:

– Minha filha, não precisa negar, sei que você andou mexendo no vaso onde estava o dinheiro da feira.

A menina, com os lábios trêmulos, começou a gaguejar:

– O que, papai? O senhor acha que eu mexi no dinheiro de mamãe?

– Sim, minha filha! Não adianta negar, já sei de tudo!

– Mas eu não mexi – disse a menina, fazendo beicinho.

Manoel, com sutileza, começou a dizer:

– Janaína, eu já o que aconteceu! E se continuar mentindo, vou lhe dar uma surra, por dois motivos: o primeiro por ter mexido no dinheiro, e o segundo por estar mentindo. Acho melhor você falar a verdade!

A menina, sentindo-se acuada, baixou a cabeça chorando e se pôs a falar:

– Papai, se eu falar a verdade o senhor vai bater em mim?

– Não, minha filha, mas preciso que diga a verdade – continuou Manoel.

– Papai, eu vi mamãe colocar o dinheiro que o senhor deu a ela no vaso que estava em cima da cristaleira, e como eu estava brincando com a Solange, da dona Maria, resolvemos que brincaríamos de feirinha; foi então que eu tive a ideia de pegar o dinheiro que estava no vaso, para deixar a brincadeira real.

Manoel olhou para a filha e logo percebeu que a menina não era diferente de Isabel, pois deixara o irmão ser punido por algo que não havia feito. Mas, para não deixar a menina emudecer, ele decidiu que nada diria.

E a menina então continuou:

– Papai, eu não queria ficar com o dinheiro. Só queria brincar, ao final da brincadeira eu colocaria de volta no lugar.

Manoel disse finalmente para a menina:

– Então, onde está o dinheiro?

– Dentro da minha casinha de boneca, papai! Está tudo lá, não falta nada!

– Então vá buscar, minha filha!

A menina saiu correndo, e voltou com uma casinha de boneca de madeira, que Manoel lhe havia comprado no dia das crianças. O pai esperou que a menina tirasse o dinheiro.

Janaína pegou os sessenta cruzeiros que estavam dentro da casinha e entregou ao pai.

Manoel, assim que pegou o dinheiro, perguntou para a filha:

– Janaína, se você sabia que teu irmão era inocente, por que deixou que tua mãe o machucasse? E além do mais, ele foi acusado por uma coisa que

não fez!

A menina novamente fez beicinho e começou a chorar.

– Olha, minha filha, você agiu mal, mas saiba que dessa vez não vai levar uma surra, porque prometi que não faria isso. Mas você merecia! O teu castigo será entregar o dinheiro para tua mãe e lhe contar a verdade sobre tudo que aconteceu.

A menina começou a chorar ainda mais, a ponto de soluçar. Isabel, ouvindo que a menina chorava, entrou no quarto como uma leoa disposta a proteger a cria e começou a gritar:

– O que está fazendo para a menina?

Manoel, com um sorriso vitorioso, apenas disse:

– Por que não pergunta a ela mesma?

Isabel, olhando para a menina, que estava vermelha de chorar, indagou:

– Minha filha, o que esse monstro fez com você?

A menina, olhando para a mãe, nada disse, e com isso a raiva surda de Isabel aumentou ainda mais e ela gritou:

– Fala, minha filha, o que teu pai fez?

Manoel, com voz enérgica, disse à menina:

– Vamos, Janaína, conte a tua mãe por que está chorando.

A menina levantou os olhos para a mãe e, gaguejando, disse:

– Mamãe, fui eu quem pegou o dinheiro do vaso.

Isabel não se deu por vencida e começou a gritar a Manoel:

– Pare com isso! Manoel, você está coagindo a menina a assumir uma culpa que ela não tem! Não imagina o quanto eu o abomino por isso!

Manoel não quis acreditar que ouvia aquilo, e naquele mesmo instante olhou para Janaína, dizendo:

– Janaína, conte a tua mãe o que você acabou de me contar!

A menina nesse momento baixou a cabeça e voltou a chorar de soluçar; Isabel, querendo livrar a menina daquela pressão, pegou em sua mão e puxou-a para fora do quarto.

Manoel não se conteve, foi atrás de Isabel, e gritou:

– O que está fazendo? Não vê que ela confessou que pegou o dinheiro do vaso?

– Eu não acredito nisso! Você pressionou a menina justamente para inocentar o marginal do seu filho!

Ao ouvir tais palavras, Manoel não pensou e desferiu uma bofetada no rosto de Isabel, que rodopiou e caiu perto do sofá da sala.

Enquanto isso, Janaína chorava ainda mais alto, para chamar a atenção dos pais e fazê-los parar de discutir; mas os gritos da menina foram em vão, pois Manoel estava enfurecido, e, pegando a menina pelo braço, gritou:

– Eu não ia te bater, mas agora ou você fala o que houve para tua mãe, ou vai levar uma surra que jamais esquecerá!

Janaína então viu que o pai estava realmente muito bravo, e decidiu gritar:

– Mamãe, pare de brigar! Fui eu quem pegou o dinheiro do vaso, não foi o Joãozinho! Eu só não disse porque tive medo de a senhora queimar minha mão!

Isabel, que estava com o rosto ardendo pela bofetada, não teve dúvidas, pois a menina fora sincera o suficiente para convencer aquela que a defendia com unhas e dentes. Sem conseguir pensar em nada, olhou para a menina e gritou, colérica:

– Por que deixou que eu queimasse a mão do seu irmão, sabendo que foi você quem pegou o dinheiro?

A menina, baixando os olhos, balbuciou:

– Fiquei com medo, mamãe! Foi só por isso.

Manoel, sem poder se conter, percebeu que Joãozinho não saíra do quarto, e logo o chamou:

– João Felipe, venha cá!

O menino, ao ouvir as gritarias de Manoel, Isabel e também de Janaína, havia se encolhido na cama, mas atendeu ao chamado do pai.

Ainda com a mão toda manchada pela medicação que o farmacêutico havia colocado, apareceu na sala trêmulo; e Isabel, em seu orgulho, mal olhou para o menino, pois para ela era penoso reconhecer que havia sido injusta com o filho. Assim, preferiu ignorar a presença dele, que também chorava.

Manoel, por sua vez, no ápice da cólera, pegou o menino pelo braço e, mostrando a mão dele para Isabel, gritou:

– Olha aqui! Veja o que você fez com nosso filho! Ele ficará com cicatrizes na mão para o resto da vida, e todas as vezes que olhar para a sua mão direita vai se lembrar que não tinha uma mãe, mas uma carrasca que o barbarizou, e não se preocupou em saber se ele era inocente ou não! Você só

pensa no bem-estar de Janaína, Isabel, mas vejo que ela está se tornando tão fria e mentirosa quanto você! E tem mais: tenho orgulho por ter João Felipe como meu filho, pois ele sempre se mostrou correto em tudo que faz, e não mente como Janaína!

Isabel, munida de todo seu orgulho, vociferou:

– Já que você sente tanto orgulho em ser pai dele, pegue suas coisas e vá embora, pois eu posso trabalhar e cuidar da minha filha!

Manoel, tomado de raiva, se aproximou e desferiu mais um tapa no rosto de Isabel, que rodopiou e caiu sobre o sofá.

João Felipe se aproximou em auxílio à mãe, e esta, olhando com rancor para o filho, disse:

– Não coloque a mão em mim! Você saiu a seu pai, e vai espancar também a esposa quando se casar!

O menino, ainda segurando o braço cuja mão estava ferida, olhou para a mãe e não conseguiu segurar as lágrimas, que insistiam em cair, pois foi nesse instante que ele percebeu que sua mãe não gostava mesmo dele.

Manoel, sem querer torturar ainda mais o filho, pegou-o pelo braço e disse:

– Meu filho, embora tua mãe não o ame, saiba que eu o amo e serei sempre teu amigo.

Janaína nesse momento já estava ao lado da mãe, e a ajudou a levantar. Isabel passou por Manoel e João e trancou-se no quarto.

Depois daquela balbúrdia, Manoel acompanhou João Felipe a seu quarto, e, sentando-se na cama, olhou para ele, dizendo:

– Meu filho, amanhã tu serás um homem, e peço que nunca guarde ressentimentos de sua mãe, pois ela está passando por momentos difíceis, o que você só entenderá quando for adulto.

O menino, olhando para o pai, respondeu:

– Papai, não se preocupe comigo, eu ficarei bem; hoje mamãe só confirmou o que eu já desconfiava. Não tenho raiva dela; pelo contrário, sinto pena por ela ser tão amarga.

Manoel, não contendo a emoção, deixou que as lágrimas vertessem dos seus olhos e escorressem por sua face.

Embora o jantar ainda não estivesse pronto, e Isabel continuasse trancada em seu quarto, Manoel disse que terminaria de fazê-lo e esperaria o

filho à mesa da cozinha. O menino sorriu e, abraçando o pai, disse com os olhos rasos d'água:

– Papai, eu sinto que o senhor me ama e isso para mim é o suficiente!

Manoel passou a mão na cabeça do filho e saiu do quarto, indo em direção à cozinha, pois o jantar ainda estava quase todo por fazer.

Isabel sentou-se em frente à penteadeira, e olhando para o espelho, disse:

– Já é a segunda vez que Manoel me bate! Vou me vingar, e ele vai sentir o que é o peso de uma traição.

Sem que ela percebesse, uma sombra sinistra a envolveu e disse:

– Você é uma mulher jovem, bonita e precisa se arrumar… esse troglodita não a merece mesmo!

Isabel, já com a intenção de trair Manoel, passou a mão pelos cabelos, observando a sua imagem no espelho, e disse:

– Isabel, você só tem trinta e dois anos, viva!

E ao dizer essas palavras, ela pegou um batom que estava sobre a penteadeira e passou fortemente nos lábios.

Janaína bateu na porta da mãe, que apenas gritou:

– Eu não quero ver ninguém!

– Mamãe, sou eu! Janaína! Abra, por favor!

Isabel, não conseguindo se segurar diante do apelo da menina, correu e abriu a porta.

– Mamãe, a senhora está bem?

– Sim, minha filha! Estou! Onde está teu pai?

– Ele está preparando o jantar. Ficou conversando com João Felipe e saiu em direção à cozinha.

– Miserável! Ele me bateu! Mas isso vai sair muito caro para ele!

– A culpa foi minha, mamãe! Se eu tivesse contado que fui eu quem mexeu no dinheiro do vaso, nada disso teria acontecido.

Isabel olhou para a filha e disse:

– Por que não me contou, minha filha?

– Fiquei com medo! Foi por isso que eu não falei nada.

Isabel, olhando para a menina, continuou:

– Minha filha, nunca tenha medo de sua mãe, pois não há ninguém que a ame mais que eu; quero que saiba que sempre estarei do seu lado.

A menina agarrou-se à mãe e beijou-lhe o rosto.

Isabel então pensou em João Felipe, e no que fizera ao menino; sentiu remorso, mas ao mesmo tempo sentiu raiva dele, sem nem mesmo compreender o real motivo.

Isabel disse para a menina ir jantar e depois para seu quarto, pois estava com uma dor de cabeça horrível; a menina obedeceu.

Manoel, enquanto terminava o jantar, ficou pensando em tudo o que havia acontecido, e decidiu que não poderia mais ser humilhado por aquela mulher e continuar calado. Afinal, já tinha trinta e quatro anos e se sentia cada vez mais triste e solitário. Assim, resolveu levar João Felipe à casa de sua mãe, Isaltina, que morava a algumas quadras de sua casa, e contaria tudo o que Isabel havia feito com o menino.

No dia seguinte, Manoel se levantou e acompanhou João Felipe à escola. Embora tivesse dormido no quarto com o menino, ele temia que Isabel pudesse lhe fazer alguma coisa. Ao chegar diante do colégio, disse ao filho:

– Joãozinho, hoje, quando sair do colégio, vá à casa de sua avó Isaltina; vou até a casa dela agora para avisar que você passará a tarde lá.

– Mas, papai, o senhor não vai trabalhar?

Manoel lançou um olhar triste para o filho e, percebendo sua preocupação, respondeu:

– Sim, meu filho, eu irei. Esqueceu que sou chefe do escritório? Ninguém poderá me falar nada por um atraso!

E ao dizer isso, Manoel recomendou ao filho que não corresse no intervalo para não machucar ainda mais a mão, e o menino prometeu que obedeceria.

Ele sabia que não poderia se atrasar muito, por isso saiu em desabalada carreira em direção à casa de sua mãe.

O pai de Manoel havia se aposentado, ficava o tempo todo na oficina ao lado de sua casa, sempre procurando fazer uma coisa ou outra; e nunca havia se preocupado com os problemas do filho. Por isso, Manoel podia contar somente com sua mãe, dona Isaltina, que sempre estava presente nos momentos de dificuldade.

Ao chegar, encontrou sua mãe estendendo um tapete na mureta da varanda. Ao ver o filho, identificou um sinal de preocupação em seu rosto.

Sorrindo, a boa mulher disse:

– Ah! Pelo jeito, acho que molhou a cama, pois somente isso o faria me procurar tão cedo!

Manoel, sorrindo, se aproximou de sua mãe, a beijou na têmpora e, pegando-a pela mão, levou-a para a cozinha para contar o motivo de seu desespero.

Isaltina, não entendendo muito do que havia acontecido, apenas observava; como não gostava de rodeios, disse:

– Meu filho, eu te conheço desde que você nasceu… o que houve para você estar nessa angústia?

Manoel passou a mão pelos cabelos nervosamente, e com a cabeça baixa passou a contar tudo o que havia acontecido, desde o sumiço do dinheiro até os tapas que desferira contra Isabel.

Isaltina ouvia tudo com atenção e, pegando no braço do filho, apenas disse:

– Querido, Isabel não poderia ter feito isso ao Joãozinho; será que ela se esquece que ele é uma parte dela?

Manoel, olhando com desânimo para a mãe, disse:

– Mamãe, eu agora já não sei se é, pois para ela o menino é um estranho, um intruso; por mais que eu tente mostrar as qualidades de nosso filho, ela se recusa a ver.

Isaltina, olhando para o filho, apenas comentou:

– Meu filho, se o problema é o Joãozinho, então traga-o para mim, pois tenho certeza que ele gostará de passar uns tempos aqui conosco. Você sabe que seu pai é louco por ele.

Manoel ia justamente pedir esse favor, e sorrindo disse:

– Mamãe, por favor, fique com Joãozinho até passar essa tempestade. Ele virá para sua casa todos os dias, quando sair do colégio, e ficará de tarde com a senhora; à noite, eu o pego e o levo para casa. Quem sabe Isabel, percebendo a falta que ele faz em casa, não pense melhor e passe a tratá-lo bem. Quanto à despesa que João lhe der, não se preocupe, pois eu lhe darei uma mesada, que a ajudará.

– Não, meu filho! Não quero nada! Ficar com meu neto é um prazer enorme, e saiba que faremos de tudo para ajudá-lo nessa difícil empreitada.

Manoel beijou a mãe no rosto.

– Como eu gostaria que todas as mães do mundo fossem como a senhora! Sempre tão amiga e compreensiva.

Isaltina, nesse momento, sentiu sua emoção à flor da pele:

– Você sempre foi um filho de ouro! Pena que Isabel não é a mulher certa para você; aliás, nunca foi!

Manoel percebeu o quanto sua mãe era sábia, pois ela sabia que ele enfrentaria muitos problemas, e embora tenha tentado avisá-lo de antemão, ele se recusara a escutar. Foi então que finalmente disse à mãe:

– Ah! Se eu tão somente tivesse ouvido as suas palavras, minha mãe… eu hoje não estaria passando por isso!

– O que está feito não se pode mudar. O negócio agora é você tentar se ajustar com sua esposa; afinal, você tem que se espelhar no exemplo de seu pai, que nunca me bateu. Portanto, meu filho, entenda que um homem de verdade jamais bate em sua companheira!

Manoel sentiu vergonha pelo que havia feito e decidiu que pediria desculpas à esposa, numa tentativa de reconciliação.

Depois de falar com a mãe sobre João Felipe, Manoel finalmente ganhou a rua, em direção ao escritório, pois sabia que naquele horário dr. Cavalcanti já estaria trabalhando.

21

Ação e reação

Isabel acordou e, olhando para o espelho, notou que havia hematomas em seu olho, pois Manoel batera-lhe violentamente. Assim, decidiu que não sairia do quarto enquanto ele ainda estivesse em casa. Embora permanecesse no quarto, ficou ouvindo os ruídos dos passos de Manoel, e ouviu quando ele saiu mais cedo que o habitual. Na noite anterior, Manoel pegara uma muda de roupas justamente para não entrar no quarto onde Isabel estava, pois ele continuava dormindo no quarto do filho.

Isabel estava atenta a todos os movimentos que se faziam na casa, e logo percebeu que Joãozinho também já havia levantado. Ela esperou até que pai e filho fossem embora para sair do quarto.

Quando notou que a casa estava calma, finalmente saiu. Foi em direção à cozinha, e aproveitou para tomar o café que Manoel havia preparado. Quando Janaína enfim se levantou, percebeu que a mãe havia chorado muito naquela noite, e seu rosto estava com hematomas, mas preferiu não dizer nada, com medo de acender a ira da mãe.

Isabel estava abatida, e também não disse nada à filha; fez o trabalho doméstico e decidiu que arranjaria um emprego, pois não iria se submeter às surras de Manoel por migalhas, pensava ela.

Mas ao olhar para a filha, que comia lentamente um biscoito, pensou:

"Não posso deixar Janaína, afinal ela não tem culpa do pai que tem. Não vou atrás de trabalho hoje, mas assim que meu rosto melhorar, procurarei um emprego. Quanto a Janaína, vou deixá-la com Mariana, assim ela poderá ir à escola e sua vida correrá normalmente. Quanto a Manoel, terá de voltar a fazer os trabalhos domésticos, pois ele nada poderá dizer se acaso eu não fizer."

Com esses pensamentos, Isabel esperou que os dias passassem para que finalmente pudesse ir procurar um trabalho.

Manoel, ao chegar naquele dia junto com João Felipe, ficou observando a esposa e sentiu remorso por ver seu rosto machucado; mas não queria ser humilhado por Isabel, por isso preferiu nada dizer. Enquanto Manoel observava furtivamente a mulher, que continuava a preparar o jantar, esta por sua vez permanecia calada, sem nem mesmo dirigir uma palavra ao filho, dando graças a Deus por ele ter ficado fora o dia todo.

João Felipe já havia jantado na casa da avó Isaltina e se mostrava bem disposto. Manoel percebeu que tudo estava como antes, e o jantar já estava pronto, mas como ele também havia jantado na casa da mãe, foi a seu quarto em busca de roupas para tomar banho.

Isabel ignorou completamente a presença do marido e do filho, porém Janaína, ao ver a mão de João Felipe, sentia-se triste, afinal – pensava ela – fora a culpada por ele estar ferido.

Naquela noite, Manoel estava disposto a ter uma conversa séria com Isabel, assim, decidiu que voltaria a dormir em seu quarto. Tomou seu banho e voltou a seu quarto. Pegou algumas notas e as estava conferindo. Quando Isabel entrou, já passava das onze da noite e ela se sentia cansada.

Manoel, ao ver a esposa diante da penteadeira, percebeu que havia machucado seu olho direito, e logo se lembrou das palavras de sua mãe:

“Um homem de verdade não bate na companheira. Veja seu pai: nunca fez isso comigo.”

Manoel sentiu seu peito oprimir-se, e também um remorso terrível; olhou para Isabel e esboçou seu remorso, dizendo:

– Isabel! Perdoe-me por ontem, sei que fui grosseiro com você!

Isabel fingiu nada ouvir, e continuou a pentear os cabelos.

Manoel levantou-se da cama e, indo na direção da penteadeira, pegou nos cabelos de Isabel e disse suavemente:

– Isabel, por favor, me perdoe, eu juro que nunca mais farei isso com você! Eu estava nervoso!

Isabel olhou para Manoel com rancor e disse com indiferença:

– Saiba que eu jamais vou te perdoar! Você é um covarde que está acostumado a fazer isso com mulheres! Por tua causa tenho vergonha até mesmo de colocar o lixo no portão… se era isso que você queria, conseguiu: eu te odeio!

– Por favor, Isabel, não diga isso, estou arrependido e jurei a mim mesmo que jamais farei isso novamente.

– Pouco me importa teu arrependimento! Saiba que de hoje em diante farei o que me compete fazer dentro de casa, mas as obrigações de esposa não mais! Nunca mais ouse pôr as mãos em mim outra vez!

– Mas Isabel, há muito tempo não levamos uma vida normal! Se formos ver por esse ângulo, você já não é minha esposa há muito tempo – disse ele com os olhos rasos d'água.

– Bem, saiba que eu tenho verdadeiro asco por você… se depender de mim, eu nunca mais me deitarei nem mesmo a teu lado!

Manoel, percebendo que a esposa estava a enxotá-lo do quarto, apenas disse:

– Está bem! Se é isso que você quer, assim será; mas saiba que eu sempre lhe fui fiel e também sempre a amei, e se isso aconteceu, você também teve a sua parcela de culpa.

Manoel, pegando o travesseiro e um lençol, dirigiu-se ao quarto do filho, o qual passou a ser seu companheiro de quarto.

Depois desse dia, Manoel e Isabel romperam de vez os laços matrimoniais. Viviam na mesma casa, porém pouco se falavam. Com o passar dos dias e à medida que o rosto de Isabel voltou ao normal, ela começou ardentemente a procurar um trabalho, pois, segundo ela, comer a comida que Manoel ainda colocava dentro de casa era humilhante.

Passaram-se dois meses, quando Mariana, que conversava com Isabel, disse:

– Isabel! Fiquei sabendo que o supermercado do seu Elias está precisando de uma moça para trabalhar no caixa, e ele está procurando uma que saiba mexer na máquina de calcular; pensei logo em você, afinal teu marido é contador, se acaso tiver alguma dúvida ele poderá te ajudar.

Isabel nesse momento sentiu seu coração pular de alegria, pois, segundo seus planos, iria trabalhar, se tornar uma mulher independente financeiramente, e se separaria de Manoel, deixando João Felipe com ele.

Naquele dia, Isabel vestiu-se com esmero e foi ao supermercado do seu Elias. Ao chegar, encontrou um rapaz moreno, alto, esbelto e bem vestido, e

logo perguntou:

– Por favor, fiquei sabendo que o seu Elias está precisando de uma pessoa para trabalhar no caixa. Vim me apresentar como candidata para o trabalho.

O rapaz olhou para Isabel, fitou-a longamente nos olhos, deixando seus belos dentes à mostra, e com cortesia disse:

– Espere um pouco, o sr. Elias está com um fornecedor, e assim que for embora eu o avisarei que você está aqui para se apresentar ao trabalho. Eu me chamo Hamilton, e você?

– Eu me chamo Isabel!

Hamilton olhou para Isabel e disse sorrindo:

– Espero que você seja minha companheira de trabalho.

Isabel sorriu, e naquele instante sentiu algo diferente por aquele rapaz que se mostrava um pouco mais jovem do que ela.

Hamilton foi até o escritório do sr. Elias e avisou que havia uma moça se apresentando para o trabalho.

Como o sr. Elias sabia que havia poucas pessoas qualificadas para o trabalho, pediu que dissesse para a moça esperar.

Assim que o fornecedor foi embora, Elias chamou Hamilton e pediu que este encaminhasse Isabel até seu escritório.

Ao chegar ao escritório de seu Elias, Isabel intimidou-se ao ser interpelada sobre seu estado civil e em que área atuava.

O dono do mercado, percebendo que Isabel parecia uma mulher distinta, decidiu que lhe daria o emprego, pois a outra funcionária que ocupava aquela função havia fugido com um funcionário, causando embaraço para o dono, já que ela era casada.

Isabel ficou feliz em saber que seu Elias lhe daria uma chance. O dono do supermercado pediu para que ela providenciasse os documentos, para ele mandar ao escritório de contabilidade.

Isabel nem sequer pensou que o escritório para onde seu Elias enviava seus encargos sociais era o escritório de dr. Cavalcanti. Ela saiu feliz do supermercado; pensava que logo estaria livre de Manoel, pois já não aguentava mais aquele casamento, que para ela era um fardo demasiadamente pesado.

O coração de Isabel estava aos saltos, e ao sair do supermercado, logo foi à casa de Mariana, pedir para que ela ficasse com Janaína durante seu

período de trabalho, já que João Felipe ficava na casa da avó.

Depois de conversar com a vizinha, ela finalmente voltou para casa em companhia da filha, que havia ficado lá, e explicou que logo a vida da menina mudaria, e que quem cuidaria dela seria Mariana.

Manoel voltou para casa naquele dia, no mesmo horário, juntamente com João Felipe, pois desde o incidente com o menino ele não mais voltou a ficar com a mãe.

Isabel, ao ver que o marido entrava, quis ter o sabor da vitória, ao dizer:

– Manoel! Arrumei um trabalho!

Ele, assustado, respondeu:

– Como? Desde que nos casamos você nunca se preocupou em trabalhar fora… o que está havendo?

– O que está havendo é que cansei de ser dona de casa, quero ter o prazer de ganhar meu próprio dinheiro, não quero morrer dependendo de você!

– Mas Isabel, eu não deixo lhe faltar nada… como sabe, ganho bem, e dá para sustentar a nossa família.

– Pelo que vejo, isso está bem para você, mas você nunca perguntou se está bom para mim! De agora em diante, quero trabalhar e cuidar da minha vida.

– Isabel! Se quiser, posso dar uma quantia mensal para você ficar em casa, cuidando de nossa família.

Ela soltou uma sonora gargalhada e com ironia respondeu:

– Se você pensa que vou ficar aqui em casa está muito enganado! Acho melhor você pagar uma empregada, pois garanto que lhe sairá mais barato.

Manoel, sabendo que não adiantava insistir com Isabel, decidiu que nada faria; além do mais, ela mesma sempre dizia que já não era esposa dele. Manoel estava agastado com toda aquela situação, afinal ele já estava casado há mais de dez anos e durante esse tempo não havia sido feliz ao lado de Isabel um único dia sequer.

Assim, decidiu que não se importaria mais com o que Isabel fizesse de sua vida.

Certo dia, enquanto Manoel cuidava de seus afazeres no escritório, pegou uma solicitação de registro junto com uma carteira de trabalho, acoplada com os papéis que Elias Januário da Silva solicitara; estava com os documentos de Isabel em sua mão. Manoel sentiu ímpetos de rasgá-los, mas, como seu Elias era um dos melhores clientes do escritório, seguiu com os procedimentos, ignorando que se tratava de sua esposa.

Dr. Cavalcanti, sabendo do que se tratava – pois antes de os papéis passarem para a mesa de Manoel eles passavam pelas suas mãos –, e observando o abatimento de Manoel, percebeu que ele não aprovava aquele emprego. Tomando coragem, finalmente perguntou:

– Manoel, se quiser eu mesmo posso fazer esse trabalho.

Manoel, arrancado de seus pensamentos, assim como uma árvore é arrancada abruptamente pelo vento, olhou para seu interlocutor e disse:

– Não se preocupe, doutor, estou bem.

Cavalcanti perguntou à queima-roupa:

– Pelo que percebo, você não é a favor que sua esposa trabalhe fora, não é mesmo?

Manoel passou a mão pelo cabelo em um espasmo nervoso, e depois de pensar por alguns minutos, finalmente respondeu:

– Doutor, não sei aonde Isabel está querendo chegar com isso. Eu ganho muito bem aqui no escritório, tenho minhas economias, e ela não precisa trabalhar; afinal, arcar com as responsabilidades domésticas já é um grande feito; mas não, ela agora está com a ideia fixa de trabalhar fora, e não pensa nem mesmo nos nossos filhos.

Cavalcanti, percebendo que Manoel estava contrariado com aquela situação, disse:

– Manoel, sei que para você não deve ser nada fácil sua esposa trabalhar fora. Mas se você parar para observar, os tempos estão mudando, as mulheres hoje querem trabalhar fora, e fazer coisas que antes não faziam. Sinceramente, não vejo nada de mau nisso, pois é a lei do progresso. Veja bem, antigamente o homem trabalhava pelo sustento da família, enquanto a mulher ficava cuidando da casa e dos filhos. Muitas vezes o homem passava por determinados aborrecimentos financeiros, e a mulher nem sequer ficava sabendo. Mas hoje as mulheres estão mais liberais, e estão vendo que

quando se casam não se tornam uma boca a mais para o homem sustentar; elas querem cooperar com os problemas financeiros da casa! No início desse século, a mulher era impedida até mesmo de expressar seus conceitos políticos. Quem votava eram somente os homens; mas com o tempo elas conquistaram esse direito, mostrando ter o poder de julgamento político. É isso que eu digo sobre a lei do progresso; afinal, a mulher em nada difere dos homens, é capaz de realizar coisas tanto quanto nós.

– Eu sei disso, doutor, mas não vejo necessidade de Isabel sacrificar nossos filhos por um capricho, pois o que ganho não apenas dá para o sustento de nossa família, como sobra também para guardar.

– Será que você não está sendo machista, meu filho?

– Machista, eu? Em hipótese alguma. Só não vejo necessidade de ela trabalhar fora.

Dr. Cavalcanti, percebendo que nada resolveria dizer a Manoel, apenas disse:

– Manoel, os seres femininos têm tantas aptidões quanto nós, portanto não vejo nada de mais sua esposa querer trabalhar; afinal, ela já deve estar cansada dos afazeres domésticos. E não é porque não estará o tempo todo com os filhos que ela deixará de ser boa mãe.

Manoel olhou para um ponto indefinido e pensou que João Felipe já não estava em sua companhia havia um bom tempo; e com respeito a Janaína, talvez fosse bom ficar um pouco longe da mãe.

Com esse pensamento, sorriu e disse ao dr. Cavalcanti:

– Acho que o senhor tem razão, tudo está certo como está! Talvez seja melhor para Isabel que ela trabalhe fora, afinal ela nunca trabalhou antes.

Cavalcanti sorriu e, baixando a cabeça, continuou seu trabalho.

Já fazia um bom tempo que Naná desencarnara, e sempre pensava em Isabel, e em como ela estaria vivendo, pois, desde que chegara à colônia, as notícias que tinha vinham de Marisa, o que a deixava preocupada com a situação da enteada.

Naná pensava que gostaria de voltar para a crosta terrestre, para matar a saudade de Isabel e de João Felipe, que era pequenino quando ela desencarnou.

Com esses pensamentos, ela finalmente chegou para mais um dia de aula, no plano espiritual. Olhando para o professor Messias, disse:

– Irmão Messias, será que após o curso você poderia me dar um minuto de sua atenção?

O bondoso instrutor, olhando para Naná, pôde ouvir seus pensamentos, inteirando-se do que a perturbava; e com um sorriso amistoso disse:

– Sim, minha irmã!

Assim, Naná, que gostava das aulas, tratou de prestar atenção no assunto em pauta – "Como a lei de causa e efeito nos afeta e o que tem essa lei a ver com a reencarnação?" – sem pensar na conversa que teria posteriormente com seu instrutor.

Messias era um desencarnado que já estava há muito tempo na colônia, e sempre se interessara pelos estudos detalhados sobre a reencarnação e seus processos. Ele continuou a falar sobre o assunto:

– No livro bíblico de S. Mateus, 26:52, lemos: "Mete no seu lugar tua espada; porque todos os que lançarem mão da espada pela espada morrerão". Na verdade, o que Jesus estava querendo nos ensinar? Que na maioria das vezes recebemos em nós mesmos tudo o que fizemos ao nosso semelhante. E acaso já não sabemos que teremos que prestar contas a Deus pelos nossos atos?

"Portanto, meus irmãos, nada passa despercebido diante das leis divinas. Uma das quais ninguém escapa é a lei da ação e da reação; nós, como espíritos, necessitamos da evolução, do aprimoramento moral, intelectual e espiritual, mas, para atingirmos esse progresso tão esperado, se faz necessário que revivenciemos nossas experiências, mas, como já aprendemos, realmente só evoluímos quando revivenciamos nossas experiências a fim de recuperarmos o tempo perdido; o recuperamos, também, quando prejudicamos alguém e sentimos a necessidade de repararmos os nossos erros; é nesse momento que recuperamos o tempo perdido. A reencarnação apara arestas, corrigindo muitas vezes os nossos erros passados.

"Jesus, quando disse que não se deveria lançar mão da espada, estava querendo advertir seu discípulo Pedro de que, em primeiro lugar, havia a lei da ação e da reação, pois tudo que fazemos ao nosso próximo um dia receberemos de volta; e segundo, que, quando desferimos golpes que possam

ferir um dos nossos irmãos, estamos adquirindo com eles dívidas que muitas vezes levam bastante tempo para serem sanadas.

Naná ouvia tudo com real interesse, assim como quando um dos companheiros de classe perguntou:

– Irmão Messias, por quanto tempo teremos ainda que reencarnar?

Messias, olhando com ternura para seu interlocutor, respondeu:

– Meus irmãos, teremos de reencarnar tantas vezes quantas forem necessárias, pois enquanto o planeta estiver dando respostas as nossas fraquezas, reencarnaremos; portanto, não há um tempo específico para reencarnação, já que cada um está num grau evolutivo diferente.

Messias ia dissertando sobre o assunto, com suavidade, de modo que cativava todos os presentes. Todos foram pegos de surpresa quando Messias disse:

– Nossa aula terminou, meus irmãos! Irmã Nair, ainda quer conversar comigo?

Naná, observando o professor, apenas disse:

– Sim!

E depois que todos saíram da sala de aula, finalmente Naná se pôs a falar:

– Meu irmão! Como sabe, estou aqui há muito tempo, e ainda não tive permissão para visitar os meus entes queridos que ficaram na Terra. O que lhe peço é que, por favor, consiga uma autorização para que eu possa ir até lá rever meus entes queridos.

Messias, olhando para Naná, disse:

– Acaso está faltando informação sobre os teus entes que ficaram na Terra?

– Não! O que quero é fazer-lhes uma visita; afinal, só saber deles não acaba com a saudade que sinto de todos, principalmente de minha enteada, que ainda está lá!

Messias, olhando para Naná com ternura, disse:

– Bem, minha irmã, tua ansiedade de nada vai ajudá-la; pelo contrário, só vai atrapalhar. Aqui no plano espiritual não somos prisioneiros, somos livres para agir.

– Mas – continuou Messias – há alguns pontos dos quais ainda muitos moradores acabam se esquecendo; primeiramente, o equilíbrio, pois como sabemos o campo energético da Terra é denso e pesado para nós, que já

abandonamos o corpo físico; como continuamos vivendo em nosso perispírito, esse se faz mais leve que o campo espiritual dos encarnados. E o segundo ponto, decisivo para essa questão, é concernente a nossa maneira de ver as coisas e aceitá-las como certas, da maneira que estão, pois como vibramos diferentemente dos encarnados, é muito fácil nos desequilibrarmos.

"A questão principal é: estamos nós equilibrados para retornarmos ao planeta Terra para revermos os nossos entes queridos? Para respondermos a essa questão, é necessário fazermos uma autoanálise de como reagimos quando recebemos alguma notícia dos que ficaram na Terra.

"Será que ficamos tristes e aborrecidos, chegando até mesmo à preocupação? Ou confiamos em Deus que nossos entes queridos estão fazendo o melhor, segundo o grau evolutivo de cada um?

"Será que estou envolvendo aquela pessoa em minhas preces?"

Naná percebeu que estava falhando a esse respeito, e foi sincera ao dizer:

– Meu irmão, eu jamais havia pensado nisso antes, mas como me foi levantada essa questão, penso que talvez eu não esteja preparada, pois quando fico sabendo de algumas notícias que a nossa irmã Marisa me traz sobre Isabel, realmente fico muito apreensiva com o caminho que minha enteada está tomando. Para falar a verdade, eu não tenho apresentado ao Pai esses problemas, e também não a incluo em minhas preces; respondendo finalmente a minha pergunta, acho que eu não estou preparada para retornar. E já lhe tomei tempo demais, e mais uma vez, obrigada por responder as minhas perguntas.

Messias olhou para Naná com carinho e foi sincero ao dizer:

– Pense nisso, minha irmã, pois quando achar que está pronta a visitar sua enteada, certamente será convidada a fazê-lo.

Naná saiu da sala de aula analisando suas próprias atitudes e principalmente sua falta de confiança. Assim que chegou ao jardim, viu um banco vago, e ao se sentar, pensou em tudo que seu professor havia lhe dito; assim, disse em voz alta:

– Muitas vezes nosso julgamento é errado, pois pensamos que estamos prontos para visitarmos os nossos entes queridos. Mas se formos fazer uma análise sincera, veremos que não! Ah, como agradeço a Deus por permitir que eu esteja nesse plano, junto com irmãos sábios e bondosos.

22

O último a saber

Já fazia três meses que Isabel estava trabalhando no supermercado de seu Elias. Ela aprendeu rapidamente a mexer com a máquina de calcular, se mostrava interessada e capaz de desenvolver bem seu trabalho, deixando seu patrão satisfeito com seu desempenho.

Hamilton, que conversara com seu Elias sobre Isabel, estava sempre a rodeá-la, ora com uma conversa animada, na hora do café, ou até quando o movimento do supermercado estava tranquilo.

Hamilton era um rapaz alto, moreno, sorridente ao extremo; e solícito também. Não foi difícil para ele conquistar Isabel, que carecia de atenção masculina.

O rapaz contava trinta anos de idade, dois a menos que Isabel, e viera da capital baiana. Porém, pouco se sabia sobre sua vida, a não ser que deixara seus familiares sentindo sua ausência.

Isabel se encantava com cada gesto do rapaz, que vez por outra a presenteava com bombom, ou até mesmo com uma rosa, que costumeiramente trazia, pois em seu trajeto de sua casa passava em frente a uma floricultura, e comprava sempre um botão de rosa vermelha para Isabel, deixando-a cada vez mais fascinada por ele.

A princípio, Isabel sentia-se constrangida, mas com o passar do tempo foi sentindo-se à vontade em receber os agrados do rapaz.

Isabel o achava bonito e atraente, de sorriso franco, e apreciava seu bom humor; tudo isso fascinava-a, de modo que não foi difícil ela descobrir que estava apaixonada por Hamilton, o qual tinha a fama de conquistador, pois desde que começara a trabalhar no mercado era comum vê-lo com diferentes moças.

Certo dia, em que ele a ajudava no fechamento do caixa, pois ele era o braço direito do seu Elias, disse:

– Isabel, estou precisando falar com você! Será que podemos conversar ao sairmos do trabalho?

Isabel sentiu-se tentada a aceitar o convite do rapaz, mas logo pensou em Janaína, que estava na casa de Mariana, e respondeu:

– Infelizmente hoje não vai dar, pois tenho que buscar minha filha, e se eu não chegar no horário ela fica inquieta na casa da minha amiga.

Hamilton demonstrou certa tristeza em seu olhar, e disse:

– Já entendi! Talvez eu tenha me iludido com você.

Isabel, tentando consertar a situação, disse:

– Está bem, vou conversar com você, mas saiba que não poderei ficar muito tempo, pois minha filha é impaciente e meu marido chega logo em seguida, pois todos os dias ele vai à casa de minha sogra buscar meu filho mais velho.

Hamilton, sabendo que já estava com a batalha ganha, continuou:

– Claro! Não quero atrapalhar tua vida, prometo que serei breve.

E assim, ele logo a ajudou a contar as cédulas enquanto ela contava as moedas que estavam no caixa, colocando tudo em um pote e levando até a sala do sr. Elias, o dono do mercado.

Depois de fechar o supermercado, Isabel saiu em companhia de Hamilton. Eles foram a uma sorveteria e, depois de pedirem os sorvetes, começaram a conversar. Foi Hamilton quem começou:

– Isabel! Não sou um homem de rodeios, e vou direto ao assunto.

Isabel, olhando para os olhos de Hamilton, já sabia que direção tomaria aquela conversa, já que ela percebera os olhares, os gestos dele para com ela.

Assim, o rapaz continuou:

– Estou apaixonado por você! Para ser sincero, me apaixonei desde o primeiro momento em que a vi. Sei que é uma mulher casada, e que talvez viva bem com teu marido, mas esse é um sentimento que está me sufocando.

Isabel olhou para Hamilton e ficou esperando que ele continuasse, afinal, estava gostando de ouvir o desabafo do rapaz.

E assim ele continuou:

– Como sei que esse é um amor impossível, vou pedir minha conta do trabalho, pois preciso te esquecer.

Isabel então sentiu seu peito oprimir-se, a tal ponto que não conseguiu conter as lágrimas, e com voz súplice disse:

– Por favor, não faça isso! Não quero que saia do seu trabalho por minha causa!

Foi então que Hamilton percebeu que ela também estava apaixonada por ele, mas continuou bancando a vítima:

– Isabel! Não quero atrapalhar tua vida, estou sofrendo muito por ti! Portanto farei isso amanhã mesmo!

Isabel nesse momento se precipitou em dizer:

– Hamilton, você é alegria daquele supermercado, portanto te peço: não cometa um ato insano desse! Com esse regime de governo está muito difícil encontrar trabalho. Não posso permitir que faça uma loucura dessas.

Hamilton sentiu-se feliz, pois não tinha intenção de pedir as contas do trabalho; somente queria ver a reação de Isabel e sua real chance para com ela.

Isabel, querendo fugir dos galanteios do rapaz, viu que já estava atrasada para chegar a sua casa. Com isso, cortou a conversa, dizendo:

– Hamilton, é um prazer ficar em sua companhia, mas estou atrasada para pegar minha filha, que está na casa de Mariana. E tem mais: se meu marido chegar e eu ainda não estiver em casa, ele ficará zangado comigo.

Hamilton foi incisivo em sua pergunta:

– Isabel, você é feliz em seu casamento?

Tomada de surpresa, ela parou e disse:

– Vou responder essa pergunta, mas não hoje, pois agora estou muito apressada.

Hamilton pagou os sorvetes e logo saiu da sorveteria; Isabel foi por um lado, e ele para o lado oposto.

Mas o que Isabel nem de longe desconfiava era que Hamilton, embora trabalhasse, era um rapaz de poucas virtudes e muito ambicioso, que fazia qualquer coisa para atingir seus objetivos.

Isabel, naquele início de noite, chegou à casa de Mariana e soube que Janaína tivera febre durante a tarde, mas que já havia sido medicada pela

moça.

A mãe ficou feliz em saber que a menina estava bem, mas ficou temerosa que Manoel já tivesse chegado, pois não queria ter o desprazer de dar explicações a ele sobre sua demora.

Ao chegar em casa, percebeu que a luz da cozinha estava acesa, e, olhando para Manoel, que conversava animadamente com o filho, decidiu que não daria satisfação ao marido; afinal, ela já não o tinha como marido há muito tempo.

Assim que ela entrou, Manoel olhou logo para o relógio, e percebeu que ela estava atrasada em mais de uma hora. Mas preferiu nada dizer, para não causar discussão desnecessária.

Janaína já havia jantado na casa de Mariana, e João Felipe também, na casa da avó.

Quando terminou o jantar, Manoel chamou a esposa para lhe fazer companhia à mesa, e seu convite foi recusado por ela.

Isabel naquela noite observou Janaína, pois todas as vezes que a garganta irritava a febre aparecia; mas com o medicamento dado por Mariana, a menina já estava se recuperando. Ela, então, tomou banho e deitou-se despreocupadamente.

Enquanto Manoel lavava a louça do jantar, Isabel já havia se deitado. Manoel nem sequer suspeitava que a esposa estivesse pensando em outro.

Isabel ficou pensando na conversa que tivera com Hamilton, em seus gestos e em seu sorriso franco, que muito chamava sua atenção.

Não foi difícil para Isabel descobrir que estava apaixonada pelo rapaz; mas tentou fugir de todas as maneiras, pois sabia que, embora não vivesse bem com Manoel, ele era bom marido e não merecia em hipótese nenhuma ser traído por ela.

A princípio, Isabel rejeitava tal ideia, mas com o passar do tempo o que antes era sórdido para ela passou a ser normal. As atenções de Hamilton para com ela, as rosas todas as manhãs, os convites para tomarem café juntos, acabaram por fazer com que Isabel se rendesse aos encantos do rapaz.

Certo dia, enquanto ela tomava seu café, Hamilton chegou e perguntou, sem rodeios:

– Isabel, você é feliz no casamento?

Olhando para Hamilton, ela começou a contar sobre seu casamento, quase sem perceber; e falou do início de seu namoro até os últimos dias de seu casamento.

Hamilton ouvia a tudo com satisfação, pois sabia que não era difícil conquistar uma mulher que vivia um martírio dentro de casa, ainda mais – como ele já sabia – quando a mulher em questão não amava o marido. Hamilton sempre dizia a si mesmo: “toda mulher carente se torna presa fácil”.

E assim, depois desse dia, Hamilton, que já a cercava de atenções, e de mimos, não demorou muito até fazer uma proposta que mudaria por completo a vida de Isabel.

– Isabel, eu a amo, e quero ficar com você! Se por ventura você disser que não, juro que não mais vou insistir, e se não me responder entenderei como um não! Mas percebo que você me quer, assim como eu a quero; portanto, saiba que nenhum homem a amou mais que eu! Não acha que está na hora de ser feliz?

Isabel, nesse momento, não pensou e respondeu que o queria acima de qualquer outra coisa. Assim, ela marcou um encontro com Hamilton às escondidas.

Ele não teve dúvidas de que aquela relação lhe seria muito vantajosa, pois pelo cargo que o marido de Isabel ocupava no escritório de contabilidade, certamente devia ganhar muito bem.

Hamilton viera de Salvador, capital baiana, havia um ano e meio, e nunca ninguém ficara sabendo por que ele havia mudado radicalmente de vida.

Morava sozinho, numa casa de fundos, e a dona da casa só sabia que ele pagava rigorosamente em dia o aluguel.

Nunca levara mulheres em sua casa, e ninguém sabia se ele tinha uma namorada ou não, já que era comum vê-lo com uma moça ou outra, sem nunca assumir nenhuma como namorada.

Os vizinhos o tinham como um bom rapaz, muito solícito e atencioso com todos.

Mas o que ninguém sabia era que Hamilton era um rapaz misterioso, que não falava de sua vida de maneira alguma e nem mencionava se tinha familiares ou não. A princípio, todos acharam-no estranho, mas com o passar do tempo, passaram a achá-lo apenas um rapaz reservado, e sua maneira de viver jamais levantara suspeita sobre quem de fato era.

Embora Hamilton fosse um homem com trinta anos, nunca falara se já havia sido casado ou não; de modo que ninguém se atrevia a perguntar nada sobre seu passado.

Era considerado pela vizinhança um exemplo de virtude, pois embora ganhasse pouco no supermercado, nunca ficava sem dinheiro. Não era incomum alguém lhe ficar devendo dinheiro a juros altíssimos cobrados por ele; assim, todos os que se sentiam embaraçados financeiramente recorriam a ele em busca de auxílio, se sujeitando a juros exorbitantes, de modo que ele começou aos poucos a ficar conhecido como agiota.

Mas o que ninguém sabia era como ele conseguia tanto dinheiro; emprestava aos outros duzentos mil cruzeiros, quinhentos mil, setecentos mil…

Seu Elias não sabia que Hamilton tinha tanto dinheiro, e o encarava como um bom funcionário.

Isabel estava perdidamente apaixonada por ele, e nada sabia sobre sua vida ou sobre seu passado.

Dona Cacilda, a dona da casa onde Hamilton morava, não estranhava o fato de o rapaz chegar tarde em casa, pois era comum ouvir ronco de carro ou moto em frente à casa. No começo, dona Cacilda ficava a olhar no relógio, mas com o passar do tempo se habituou e já não se importava mais com o horário em que seu inquilino chegava, e muito menos com quem chegava.

Não demorou muito e Hamilton apareceu com um carro, que deixava na frente da casa de dona Cacilda, pois na casa da pobre mulher não havia garagem; e foi ele quem propôs à mulher:

– Dona Cacilda, comprei esse carro e não é bom deixá-lo na rua. Se a senhora permitir, farei a garagem e a senhora poderá descontar no aluguel.

A mulher não gostou da ideia de mexer na fachada da casa, mas com a insistência do rapaz, logo acabou por permitir que a garagem fosse feita, juntamente com a pintura do lado de fora de sua casa.

Hamilton saía com seu carro todas as noites, e dona Cacilda sabia que ele não estava sozinho, pois várias vezes ouvia vozes masculinas do lado de fora da casa.

O que ninguém sabia era que Hamilton tinha um trabalho paralelo: estava envolvido com o tráfico de drogas. Ele sempre pegava uma boa quantia de cocaína em uma favela de São Paulo, e vendia por preços altíssimos para os jovens desavisados da pequena cidade.

Hamilton logo comprou sua primeira casa própria, com uma garagem ampla; assim, sempre trocava de carros, pegando sempre outro melhor.

Certo dia, seu Elias ficou sabendo, por outro funcionário, que Hamilton trabalhava com drogas. O dono, temendo que algo acontecesse a sua segurança e de sua família, o mandou embora, alegando queda nas vendas no mercado.

Hamilton não gostava do trabalho do supermercado, mas ficou ressentido com o patrão. Mas como o dono do mercado sempre fora bom para com ele, resolveu não pensar mais no assunto.

Na casa de Hamilton havia armamentos e munições, e uma grande quantia em dinheiro. Certo dia, ele – que já mantinha um relacionamento com Isabel – pediu a ela que se demitisse do trabalho, para ter mais tempo para ele.

Isabel a princípio não aceitou, mas com o passar dos dias começou a se incomodar com o fato de não poder ver Hamilton a todo instante; finalmente decidiu que não trabalharia mais fora de casa, o que alegrou Manoel.

Manoel ficou feliz em saber que a esposa havia pedido demissão do trabalho, onde ficara por um ano e dois meses; mas o que ele não sabia era que ela se encontrava todas as tardes com Hamilton, que a esperava na rua de baixo de sua casa.

Isabel, a cada dia que passava, sentia-se ainda mais apaixonada pelo rapaz, cujas atividades ilícitas desconhecia.

Porém, Hamilton era ambicioso; ganhava bem, mas a verdade era que ele queria ganhar muito mais.

Hamilton não era apaixonado por Isabel, mas a tinha como meio de poder lucrar futuramente, uma vez que pretendia passar para trás Nego, o

traficante que vendia drogas para ele.

Embora Hamilton dissesse que viera de Salvador, na verdade nascera em Mansidão, uma cidade pequena, próxima de Rita de Cássia, no norte do interior baiano.

Hamilton escondia de todos a sua real naturalidade, pois havia cometido um assassinato e viera fugido da Bahia para o interior paulista.

Desde pequeno era metido a valentão. Certa feita, quando estava em uma venda, brigou com Gilmar, um rapaz que havia se casado havia pouco tempo com Lucinéia, filha de Geraldo da farinha (como era conhecido, pois era produtor de farinha de mandioca da cidade).

Hamilton sempre fora um rapaz galanteador, de modo que, para ele, conquistar uma mulher era algo fácil. Usando de gentilezas e sorrisos falsos, gabava-se por conquistar essa ou aquela moça. Com Lucinéia não foi diferente; porém, assim que a moça engravidou Hamilton terminou o namoro, deixando-a mal falada por todos da cidade. Lucinéia teve um filho de Hamilton, e colocou o nome de Maciel, e logo que conheceu Gilmar, finalmente se apaixonou e se casou com ele.

Gilmar era um bom rapaz, vindo de família simples. Amava Lucinéia com enlevo, e assim o pequeno Maciel logo o aceitou como pai.

Quem não gostou do casamento de Lucinéia fora Hamilton, que dizia que ninguém seria pai do filho dele. E logo ele começou a fazer ameaças, tentando intimidar Lucinéia a fim de forçá-la a deixar o marido.

Gilmar, quando ficou sabendo das ameaças, começou a responder à altura cada ameaça feita por Hamilton. E certo início de noite, quando Gilmar tomava uma dose de cachaça na venda, viu Hamilton chegar dizendo que naquela noite estava a fim de matar alguém.

Gilmar pouco se importou com as ameaças veladas de Hamilton, e continuou a beber de maneira despreocupada. Quando finalmente ficou bêbado, Hamilton se aproximou de Gilmar, dizendo:

– Você é o cachaço que diz ser pai de meu filho?

Gilmar, olhando com raiva para Hamilton, respondeu:

– Já que o pobre menino não teve um pai de verdade para ampará-lo, ele preferiu me chamar de pai, já que seu pai verdadeiro não honra a calça que veste.

Nesse momento, Hamilton, ruborizado de raiva, tirou o punhal que trazia à cintura, e perfurou várias vezes o abdome de Gilmar, que não aguentou nem

mesmo ser socorrido: morreu ali mesmo, na venda. Hamilton, sabendo que poderia ser preso, foi até seu quarto, pegou algumas roupas e tratou de fugir para a capital baiana.

Chegando em Salvador, Hamilton conheceu um rapaz com pouco mais de vinte anos, de apelido Neguinho, que o levou a morar com ele na favela de Alagados, que fica no norte da cidade de Salvador; um lugar com fedor fortíssimo, onde as águas eram cobertas de fezes, e os barracos eram feitos de palafitas; um lugar paupérrimo.

Na favela não havia a menor higiene, e muitos moradores ficavam doentes e faleciam diante do quadro negro do lugar.

Assim, Hamilton ficou no barraco de Neguinho; e foi em Salvador que ele começou a acalentar o sonho de sair do estado, partindo para São Paulo.

Certa vez Hamilton se envolveu numa briga num bar próximo à praia, em Salvador, ele acabou matando Neguinho por causa de uma mulata que ele dizia amar, e Hamilton havia se envolvido com ela. Desse modo, mais uma vez o rapaz fugiu, e dessa vez foi para bem mais longe, decidido a ir embora para São Paulo, onde ninguém poderia encontrá-lo.

Ao chegar a uma pequena cidade do interior paulista, Hamilton arranjou um emprego no supermercado do seu Elias com documentos falsos, assim foi fácil driblar a polícia.

Hamilton sempre fez questão de se fazer de bom moço nas redondezas, de modo que passou a se tornar querido por todos; mas o que ninguém sabia era que ele carregava o sangue de duas pessoas nas mãos.

E tudo seguiu-se assim, até conhecer Batatão, o chefe do tráfico na pequena cidade interiorana. Hamilton logo começou a tomar conta da venda de drogas, e passou a ganhar muito dinheiro.

Todos pensavam que ele trabalhava como gerente no supermercado, e ganhava bem, mas a realidade era que ele trabalhava como repositor de prateleiras e ganhava um salário irrisório, incompatível com o padrão de vida a que estava se acostumando.

Hamilton, não agia nas redondezas de sua casa, pois não queria jamais que alguém ficasse sabendo de suas manobras para ganhar dinheiro; assim, ele passou a agir no outro lado da cidade e também na cidade vizinha de Sorocaba.

Seu Elias ignorava completamente as atividades ilegais de seu funcionário, pois o rapaz dizia que seu pai tinha uma fazenda de plantação de

cacau na Bahia e o ajudava financeiramente.

Seu Elias, a princípio, não acreditou, mas como Hamilton sempre aparecia com mais dinheiro que ganhava, logo se convenceu que o rapaz estava falando a verdade.

E assim, a fama de Hamilton não podia ser melhor.

Tanto no supermercado como no local onde morava, Hamilton, que na verdade se chamava José Apolinário Guimarães, conquistava todos com sua simpatia.

Isabel se apaixonou perdidamente por Hamilton, e se encontrava furtivamente com o ex-colega de trabalho, no início sempre no horário de almoço; e como Manoel nem sequer imaginava, ela passou a arranjar desculpas para sair à noite, somente para encontrar-se com ele.

Manoel não gostava das saídas de Isabel, mas fazia de tudo para evitar uma discussão entre eles, que trazia muitos aborrecimentos, principalmente aos filhos.

Isabel, desde que começou seu romance com Hamilton, passou a deixar Janaína de lado; a menina ficava a maior parte do tempo na casa da vizinha.

Hamilton fazia questão de dar presentes a Isabel, os quais ela dizia para o marido que havia comprado; Manoel, a princípio, não suspeitou de nada, mas com o passar do tempo começou a estranhar o fato de a esposa aparecer com relógios, brincos de ouro e pulseiras com pedras preciosas, sendo que ela já não trabalhava mais no supermercado do seu Elias.

Mas a convivência com Isabel, que já não era fácil antes de Hamilton, tornou-se ainda pior, pois vez por outra a esposa gritava:

– Manoel, por que você não me deixa em paz? Não sei por que você insiste em tomar conta da minha vida! Não pense que vou fazer o que quer só porque não estou trabalhando; saiba que tenho dinheiro guardado e posso muito bem cuidar da minha vida sem você!

Com isso, as discussões foram ficando cada vez mais intensas, pois para Manoel o importante era a família, e Isabel estava deixando a desejar como mãe e como esposa.

Manoel se tornava cada vez mais triste com aquela situação. Certa feita, deixou sua caderneta de poupança à mostra na gaveta, e quem encontrou foi

Isabel, que estava procurando algo para poder definitivamente se livrar do marido.

Isabel ficou assustada, pois jamais imaginara que Manoel tivesse todo aquele dinheiro guardado; porém, colocando a caderneta de poupança de volta no lugar, ela procurou não pensar mais no assunto.

Isabel aos finais de semana que estava em casa, pouco falava com Manoel ou com João Felipe.

Ela conversava pouco com a filha, que foi percebendo o distanciamento da mãe, e isso deixava Manoel sentir o quanto fora um erro aquele casamento; afinal, não somente ele sofria, mas também os filhos, que nada tinham a ver com seu erro em se casar com Isabel.

Manoel começou a perceber que ela estava mais vaidosa que de costume, pois sempre que tinha tempo, ia à manicure ou ao cabeleireiro, pois dizia que estava viva e queria aproveitar a vida, já que era uma mulher de apenas trinta e quatro anos e merecia ser feliz.

E assim os anos foram passando, e Hamilton acabou por se acostumar com aquele relacionamento.

Janaína já contava com quatorze anos e João Felipe, dezessete, e ambos, acostumados com a ausência da mãe, pouco se importavam com o que ela pensava ou fazia.

João Felipe disse várias vezes à irmã:

– Janaína, não acha que mamãe está diferente? Lembro-me que desde que ela trabalhou no supermercado do seu Elias ela nunca mais foi a mesma. Antes ela ainda brigava comigo, mas agora nem isso faz. Para ela, papai e eu não existimos, somos dois estranhos dentro de casa.

Janaína, ao ouvir o desabafo do irmão, lamentou-se ao dizer:

– Para mamãe ninguém existe nessa casa, pois ela só pensa em se arrumar e sair, passando tardes inteiras fora de casa. Antes, quando eu ainda ficava na casa de Mariana, lembro que ela ia me buscar tarde, arranjando sempre uma desculpa; agora ela deixa todos os trabalhos da casa para mim, não se importando com o que penso ou sinto. Nossa mãe mudou. Mas quer saber? Para mim, pouco me importa sua vida; pois se ela é tão egoísta a ponto de pensar somente nela, por que devemos nos preocupar com ela?

E assim, os filhos de Isabel guardavam em seus corações a dor do abandono por parte da mãe.

Enquanto isso, o relacionamento entre Hamilton e Isabel estava cada vez mais tórrido, pois ele a tinha na hora que desejasse, sem ter que arcar com responsabilidade alguma. E à medida que o tempo foi passando, eles já não tomavam mais os mesmos cuidados de antes; e a esposa de Manoel passou a aparecer em frente a sua casa com aquele carro branco, chamando a atenção dos vizinhos.

Isabel dizia que o carro era do marido de uma amiga. Sendo assim, Manoel preferiu não interpelar a esposa, temendo que ela viesse a se aborrecer e discutir com ele.

A vida dupla de Isabel foi ficando cada vez mais visível, e logo os vizinhos passaram a falar sobre sua postura como mulher casada.

Dona Maria Duarte, uma senhora que costumava ficar em frente a sua casa e sabia de tudo que acontecia na rua, conversando com dona Bernadete, viu quando Isabel entrou no carro branco e saiu.

Como dona Maria Duarte gostava de uma boa conversa, disse em tom de fuxico:

– Bernadete, olha lá a esposa do seu Manoel… pra mim ela não passa de uma boa bisca, pois sai todas as tardes nesse carro branco com aquele homem…

Dona Bernadete, colocando a mão no queixo, respondeu:

– Essa mulher não me engana, esse homem do carro branco é amante dela; só cego pra não ver.

– Também acho! Aliás, todo mundo está falando dela, afinal essa mulher é tão antipática que parece que tem o rei na barriga.

Dona Bernadete continuou:

– Seu Manoel não merece, ele é um homem tão bom… que essa mulher não serve nem mesmo para lavar os sapatos dele.

E com isso, as duas mulheres trataram de falar da vida de Isabel diante de toda a vizinhança, de modo que a reputação de Isabel não era nada boa; mas Manoel foi o último a saber.

Hamilton levava Isabel para sua casa, ou para passear na cidade vizinha, onde o comércio era amplo e continha variedades que na cidade onde moravam não havia; e sempre que a esposa de Manoel saía voltava cheia de embrulhos.

Manoel ficava pensando como a quantidade de roupas de Isabel poderia ter aumentado tanto, pois o que ela havia guardado não daria para gastar como ela vinha gastando nos últimos anos; afinal, desde que trabalhara no supermercado, Isabel nunca mais trabalhou em lugar algum. Como sempre, porém, Manoel acabou por ficar em silêncio, pois sabia que cada vez que tocava nesse assunto com Isabel ela sempre o lembrava de que ele nada tinha a ver com sua vida, e que ela era uma mulher independente.

O boato de que Manoel estava sendo traído pela esposa logo chegou aos ouvidos de dona Isaltina, que ficou muito aborrecida pelo filho.

Dona Isaltina era uma mulher discreta, que não gostava de se intrometer na vida do filho; mas diante dos boatos que corriam de boca em boca, ela decidiu que falaria com ele, pois se o casamento não estava indo bem, ele que se separasse de Isabel, pois, segundo ela, a única coisa pela qual o homem de bem tinha que lutar era por sua honra.

Assim, dona Isaltina esperou que o filho aparecesse em sua casa para ter uma conversa séria com ele.

No dia seguinte, dona Isaltina descansava na varanda como sempre fazia, e viu quando Manoel entrou pelo pequeno portão. Sentiu seu coração doer de pena do filho, e disse, fingindo uma alegria que estava longe de sentir:

– Boa noite, meu filho, tudo bem?

– Sim, minha mãe! Tudo parece correr tranquilamente.

Dona Isaltina franziu o cenho quando disse:

– Meu filho, como sabe eu nunca me meti em sua vida, e como não gosto de rodeios, vou logo ao assunto: ontem ouvi um comentário que não me agradou em nada. Talvez não lhe tenha chegado aos ouvidos, mas quero que saiba que não estou fazendo intrigas: se estou falando é porque não criei meu único filho varão para ser bobo de mulher alguma.

Manoel, sem compreender onde sua mãe queria chegar, finalmente perguntou:

– Mas o que está havendo, minha mãe?

Dona Isaltina, esfregando a mão nervosamente na saia, respirou fundo quando disse:

– Meu filho, está correndo um boato pela vila de que Isabel o está traindo. Estou lhe avisando porque não quero que ninguém faça chacotas de seu nome.

Manoel, naquele momento, passou do rubor à palidez e com isso disse:

– Ora, mamãe, não se deixe levar por conversa de comadres! Não vê que isso não passa de invenção das mulheres faladeiras e desocupadas da cidade?

– Meu filho, não vou lhe falar quem me contou, mas quero que saiba que essa pessoa não é dada a fofocas, muito menos é uma desocupada qualquer. Só estou lhe avisando para abrir os olhos.

Manoel, não acreditando na conversa, apenas disse:

– Mamãe! Sabemos que Isabel não é fácil, mas não acredito que ela seja capaz de me trair! Ela sempre foi uma mulher séria e jamais deu motivos para que eu duvidasse de sua honestidade.

Dona Isaltina percebeu que o filho não acreditava em suas palavras, e com isso resolveu não dizer mais nada.

Manoel tratou de mudar de assunto, e depois de conversar com a mãe, voltou para casa, pensando no que ela havia lhe contado; ele se lembrou dos objetos caros que a mulher estava trazendo para casa. Assim, decidiu que investigaria o assunto.

No dia seguinte, Manoel saiu do escritório na hora do almoço, decidido a buscar o filho mais cedo na casa da mãe, pois, com o tempo, não raro João Felipe dormia na casa da avó paterna, no mesmo quarto que um dia fora seu.

Ao chegar a casa, Isaltina, com tato, perguntou:

– Meu filho, Isabel não acha ruim o fato de Joãozinho ficar aqui em casa a semana inteira?

Manoel, desanimado, disse:

– Não, mamãe! Para falar a verdade, ela nem sequer sabe quando João Felipe está em casa ou não, pois ela mal olha para ele.

– Meu Deus! Como ela pode fazer uma coisa dessas com o próprio filho? Afinal, ele é sangue dela. E com Janaína, ela age assim também?

– Mamãe, antes de ir trabalhar no supermercado, Isabel era muito atenciosa com Janaína; mas de uns tempos para cá ela não se importa com ninguém, só consigo mesma, e com as roupas da moda que faz questão de comprar.

A boa mulher, que sempre procurava manter o bom senso, apenas disse:

– Abra o olho, meu filho… abra o olho…

– Mamãe, a senhora já falou sobre o que as fofoqueiras estão falando de Isabel, e já estou averiguando para saber a verdade. Se ela realmente estiver me traindo, vou me separar dela e levarei meus filhos comigo.

Manoel, mostrando-se desanimado, continuou:

– Tudo isso, minha mãe, porque não ouvi seus conselhos de não me casar com ela! Se eu tivesse escutado, hoje não estaria sofrendo dessa maneira, muito menos meus filhos estariam.

Dona Isaltina, percebendo o desapontamento do filho, passou a dizer:

– Meu filho, tudo que nos ocorre acontece por nossa própria imprudência. Você sempre soube que Isabel não era apaixonada por você, e mesmo assim quis se casar. Hoje, meu filho, você reconhece o mau passo que deu; mas agora é tarde demais, portanto faça você a sua parte: se ela não dá atenção aos filhos, faça-o você!

Manoel, nesse momento, olhou para a mãe com olhar de arrependimento, e disse:

– Doravante serei um pai presente na vida dos meus filhos, uma vez que a mãe está ocupada demais consigo mesma.

Isaltina, preocupada com a reputação do filho, perguntou:

– Meu filho, descobriu alguma coisa sobre Isabel?

– Ainda não, minha mãe! Mas estou traçando um plano para descobrir a verdade.

Dona Isaltina, não querendo deixar o filho ainda mais triste, tratou de mudar de assunto.

Manoel sabia que não tinha uma vida marital com Isabel há muito tempo, e decidiu que pouco importaria o que ela fizesse, pois para ele estaria bom se ela se preocupasse apenas com o bem-estar dos filhos.

Manoel conversou com a mãe por mais algum tempo, e logo ficou sabendo que Joãozinho passava a maior parte do tempo na oficina de

automóveis junto com seu avô, que já estava aposentado.

E com isso esperou que avô e neto chegassem da oficina a fim de voltar para casa.

A partir daquele dia, Manoel começou a ser mais atencioso com Janaína, que se mostrava retraída para com ele; afinal, a mãe era mais próxima dela que o pai.

E sempre procurava chegar em casa mais cedo, para ficar com os filhos. No início, Isabel se preocupava em ensinar a menina a fazer os trabalhos domésticos, mas depois que a menina aprendeu, ela nada fazia em casa, pois sempre estava às voltas com manicure e cabeleireiro.

Janaína gostava dos trabalhos domésticos e era estudiosa, de modo que Isabel ralhava com a menina quando algo não saía a seu gosto.

Manoel não gostava de ouvir as gritarias de Isabel com a menina, mas mesmo assim ficava omisso diante das exigências da esposa.

Janaína sentia falta da mãe, mas como Isabel se mostrou uma mulher fútil, sempre preocupada com roupas e com cremes antirrugas, ela logo percebeu que sua mãe era diferente dela.

Quanto a João Felipe, começou a trabalhar na parte da tarde na oficina, perto da casa dos avós, e logo passou a voltar para casa somente nos finais de semana.

Manoel passou a sentir-se cada vez mais sozinho, pois quando ficava em casa, raramente Isabel estava e, quando estava, ficava horas trancada em seu quarto.

Certo dia, quando Manoel conversava com Moacir, que ficava o tempo todo no bar, ficou estarrecido diante das palavras do homem:

– Manoel! Você é um bom sujeito, bom pai, e só trabalha; não acho justo o que sua esposa está fazendo com você.

– Mas o que Isabel está fazendo comigo? Ela, pelo que eu saiba, sempre foi uma boa esposa e mãe; quanto a mim, tenho que cumprir com minhas

responsabilidades.

– Abre o olho, homem!

Manoel compreendeu aonde Moacir, que já havia bebido um pouco demais, queria chegar, quando finalmente perguntou:

– O que você está sabendo que eu não sei?

Foi seu Juca, o dono do bar, quem se intrometeu na conversa, dizendo:

– Manoel, não dê importância para o que Moacir fala; ele já bebeu muito, e não sabe o que está dizendo!

Manoel, percebendo que os dois sabiam de alguma coisa, foi incisivo quando disse:

– Fale! Não gosto de rodeios! Sinto que vocês estão sabendo de alguma coisa… por favor, falem agora!

Moacir, como já havia tomado uns tragos a mais, respondeu:

– Tua esposa está andando com um almofadinha! Não sei, mas para mim ela está te traindo!

Manoel, nesse momento, sentiu que o chão estava desaparecendo sob seus pés, e gaguejando disse:

– Moacir! Olha aqui, se você é realmente meu amigo, me conte o que sabe, pois já estou desconfiado disso há tempos!

Foi seu Juca quem completou:

– Manoel, venha cá, sente-se aqui – apontou para um banco que estava do lado de dentro do balcão. – Bem, te conheço há muito tempo, e sei que você é um bom sujeito, trabalhador, honesto e bom pai, portanto não vou mentir para você: realmente eu mesmo já vi Isabel entrando em um carro com um sujeito que trabalhou com ela. Pode ser que não haja nada, mas saiba que todo mundo está comentando, e muitas vezes eu mandei alguns camaradas ficarem quietos, pois até que se prove ela é inocente, não acha? Acho que já está na hora de você saber os boatos que correm de boca em boca pela cidade.

Moacir, já bêbado, apimentou ainda mais a situação:

– Ah! Fiquei sabendo que tua mulher vai à casa do tal sujeito!

Manoel nesse momento teve um acesso de raiva, pois jamais poderia imaginar que seu nome fosse enxovalhado dessa maneira.

Quando sua mãe lhe disse, ele achou que fosse conversa de mulheres desocupadas, mas agora percebia que os comentários haviam tomado

proporções gigantescas; com isso, decidiu que investigaria, e quando pegasse Isabel, se separaria dela.

Manoel começou a questionar seu Juca insistentemente, mas o dono do bar sabia apenas o que todos sabiam: que Isabel estava saindo com um homem em seu carro branco.

E assim se deu. Manoel começou a olhar no relógio todas as vezes que Isabel chegava, e principalmente começou a prestar atenção, nas vezes em que ela dizia que ia ao cabeleireiro.

Manoel percebeu que ela já não trabalhava em casa há muito tempo, e que sempre estava bonita e arrumada.

Ela mal falava com ele, e pouco conversava com a filha também; afinal, Janaína não gostava daquela mãe na qual Isabel havia se transformado.

Isabel dizia que era jovem e que precisava se divertir, e nas noites de sábado costumava sair, dizendo ir com Maria dos Anjos ao baile.

Manoel, a princípio, não se importava; mas depois que ficou sabendo do fato, começou a segui-la, até que, certo dia, viu que um carro branco estava estacionado no começo da rua, e um rapaz muito bem vestido abriu a porta para ela entrar.

Manoel foi mais rápido, e não permitiu que Isabel entrasse no carro: pegou-a pelo braço e puxou-a para junto de si.

Hamilton, quando viu que Manoel estava colérico, tratou de sair rapidamente, enquanto toda a vizinhança viu a surra que ele deu nela na rua.

Manoel naquele dia perdeu completamente a razão, pois tanto batia como chutava a esposa, cujos gritos chamaram a atenção de todos os vizinhos, fazendo com que muitos se debruçassem nas janelas e nos muros e parassem para ver a pancadaria que se seguia.

Manoel gritava:

– Eu, que sempre procurei dar tudo a você, e tive paciência, tenho que aguentar uma humilhação dessas? Você é vulgar e não respeitou nem mesmo o nome e os filhos que te dei! – E novos socos surgiam.

Para as fofoqueiras da rua, aquela cena era um bom prato, afinal elas teriam o que falar a semana inteira.

Isabel sentiu-se humilhada, estava suja e seu cabelo em completo desalinho, pois Manoel havia pegado em seu cabelo várias vezes e com muita força.

As roupas já estavam rasgadas e sujas, e ela ouvia ainda algumas mulheres dizerem:

– Esse é o castigo de mulher sem-vergonha!

E assim, tanto Janaína quanto João Felipe, logo que ouviram os gritos, correram para fora para ver o que estava acontecendo; e foi com total desespero que os filhos viram o estado da mãe.

João Felipe já havia escutado que sua mãe estava às voltas com um amante de carro, mas nada dissera ao pai, para não o desagradar, e Janaína já desconfiava que algo estivesse acontecendo.

O comentário foi geral: todos falavam da surra que Isabel havia tomado. A mulher, desde esse dia, não ousou colocar o rosto para fora do portão, pois estava toda machucada; mas lhe doía mais a humilhação que a dor dos ferimentos.

23

Pacto maldito

Desde o dia em que surrara a esposa em público, Manoel já não era mais o mesmo; desde então, não saía mais do bar do seu Juca, bebendo até altas horas da noite.

Isabel passou a sentir um ódio mortal por Manoel. Ela não o via, mas sempre que pensava no marido algumas sombras se aproximavam dela e a inspiravam:

"Você não é mulher de ser humilhada e ficar quieta; não acha que está na hora de se vingar desse calhorda? Procure conversar com Hamilton, ele te ajudará a resolver esse problema."

Isabel não ouvia, mas logo lhe veio à mente como uma ideia própria, e ela decidiu que precisaria conversar urgentemente com Hamilton; afinal, nunca amara ninguém como o amava, e ele não lhe negaria um favor. Assim, enquanto ela estava em casa, lembrou que na rua de cima havia um orelhão, e decidiu ligar para Hamilton.

E assim se deu: Isabel, envergonhada pela surra que levara de Manoel naquela noite de sábado, dirigiu-se até o orelhão com várias fichas no bolso, ligou para a casa de Hamilton e o encontrou dormindo, pois ele havia chegado às quatro horas da manhã e já eram quase duas horas da tarde. Ele ainda estava de ressaca quando Isabel disse:

– Hamilton! Preciso falar com você urgentemente!

– Mas como você fará para falar comigo? Tenho medo, pois se teu marido me pegar ele me mata! Hamilton sabia perfeitamente bem que não podia se meter em confusão, pois se a polícia colocasse a mão nele, descobriria seus crimes cometidos na Bahia.

– Não seja frouxo! Venha até a rua de cima da minha casa, e na parte da tarde, quando ele estiver no trabalho, poderemos nos encontrar.

– Isabel, eu não posso sair daqui! Esqueceu que tenho negócios a tratar?

Isabel, colérica, disse:

– Não acredito que você vai me deixar agora! Olha, tenho um plano para nos livrarmos de Manoel e ainda ficarmos com todo o seu dinheiro!

Hamilton, ao ouvir a palavra dinheiro, foi mudando sua postura e disse, com voz apaixonada:

– Está bem, vou te encontrar às quatro horas da tarde, pode ser?

– Pode! Mas não deixe de vir, pois ficaremos bem de grana caso você aceite a minha proposta!

Isabel desligou o telefone e voltou para casa, e ao se aproximar do portão, encontrou dona Clarice, a mulher mais fofoqueira do bairro onde moravam; dirigindo-se a Isabel, disse:

– Ah! Que bom que você já está bem! Pensei que naquela noite Manoel fosse te matar!

Isabel não respondeu ao comentário maldoso da mulher, desconsiderando-o completamente, e entrou.

Dona Clarice, ao ver que a mulher havia ignorado seu comentário, disse a si mesma:

– Bem feito! Mulher vagabunda como essa merecia muito mais que uma surra; acho que merecia a morte.

Dona Clarice, raivosa, encontrou Wanda, e em tom de mexerico disse:

– Acabei de ver a mulher do seu Manoel! Ela vinha do telefone público; garanto que estava conversando com o amante.

– Não me diga! Pobre do seu Manoel… não merecia ter uma mulher como essa. Sempre tão bom e prestativo, enquanto a mulher parece ter o rei na barriga…

E assim, as duas mulheres ficaram falando de Isabel, comentando sobre a surra que recebera, e dona Clarice ficava também a inventar histórias sobre a traição de Isabel.

Isabel odiou o comentário de dona Clarice, e entrou em casa sentindo seu ódio por Manoel aumentar ainda mais. Seu ódio também era aumentado pelas entidades que a rondavam, e ela decidiu que Manoel iria pagar com a vida por tê-la humilhado daquela maneira.

Assim, entrou em seu quarto, não querendo ver ninguém, nem mesmo conversar com Janaína. Isabel, desde que se envolvera com Hamilton, já não se importava com nada mais, e quando João Felipe chegou com a notícia de que iria trabalhar na oficina como aprendiz de mecânico, ela simplesmente comentou, olhando para o filho:

– Essa alegria toda porque vai trabalhar com mecânico? Se for isso que você quer, tudo bem, mas saiba que eu não vou ficar lavando roupas sujas de graxa, entendeu? Já que tua avó quis isso, ela que arque com as consequências. Onde já se viu meu filho feliz por trabalhar numa oficina mecânica? Era só isso que me faltava.

João Felipe olhou para a mãe e sentiu-se magoado com seu comentário. Decidiu que daquele dia em diante nada mais contaria a ela.

O menino sempre soubera que sua mãe não gostava dele, e pouco se importava com sua felicidade, pois desde pequeno ele gostava de carros, e de tudo que fosse relacionado. Assim, ao ouvir as palavras rudes da mãe, ele simplesmente trancou-se em seu quarto, e preferiu não sair nem para jantar, pois não queria desagradar a mãe em nada.

Isabel estava com a cabeça em um verdadeiro torvelinho, pois a única coisa em que pensava era que iria se vingar de Manoel, pois uma ofensa daquela não podia deixar passar.

As entidades que a acompanhavam eram vingadoras e incutiam em Isabel a coragem para se vingar de Manoel.

Onofre e Graça há muito haviam saído da vida de Isabel, mas como ela sempre nutrira verdadeiro ódio por Manoel, acabou por atrair, por meio de seus pensamentos, outras entidades malévolas que a encorajavam a se vingar e culpar Manoel por tudo de ruim que lhe acontecia, sem perceber que a vida responde de acordo com nossos atos e que se sofremos é por nossa própria improcedência.

A situação financeira de Hamilton havia se complicado, pois os fornecedores de drogas da capital haviam sido presos. Hamilton já não tinha mais mercadorias para oferecer a seus clientes.

Com isso, a crise logo começou, pois para comprar de outros fornecedores ele precisaria pagar à vista, e nem sempre tinha o dinheiro.

Os antigos fornecedores de Hamilton deixavam que ele levasse a mercadoria, para pagar em alguns dias, mas ele já não podia mais fornecer e ganhar de modo exorbitante sobre o produto.

Hamilton, desde que saíra do supermercado do seu Elias, não mais trabalhara, e chegou a ficar vários dias sem poder se locomover com o carro por falta de combustível.

Nos momentos em que estava com Isabel, Hamilton dizia:

– Sabe o que gosto em você? É o fato de sermos iguais.

– Isabel, movida pela paixão, ficava ainda mais envolvida por ele, e dizia amá-lo como nunca amara ninguém.

Para Hamilton, o que realmente importava eram as vantagens que esse relacionamento poderia lhe trazer; pois ficar com Isabel já lhe era penoso, mas sabia que uma mulher apaixonada era capaz de tudo, e por isso insistia em manter aquele relacionamento.

No início, Hamilton sentia por Isabel um desejo insano, mas com o passar do tempo esse desejo feneceu, ficando somente o interesse. Quando estava em sua casa, sempre pensava:

– Só aguento o rompante de paixão de Isabel porque sinto que vou precisar dela, mas assim que ela não me servir mais vou lhe dizer que nunca significou nada para mim.

E com isso, Hamilton gargalhava ao lembrar-se das juras de amor de Isabel, chamando-a de idiota.

Hamilton nunca tivera escrúpulo, e brincar com os sentimentos das mulheres não lhe trazia nenhuma dor na consciência. Para ele, Isabel era apenas mais uma das muitas que haviam passado em sua vida.

Quando Hamilton estava em uma roda de amigos, sempre dizia que gostava da aventura, mas que Isabel já era um bagaço que ele estava prestes a jogar fora. Seus amigos gostavam de saber sobre os detalhes sórdidos do

relacionamento dele com Isabel, que nem de longe desconfiava que estivesse sendo usada por Hamilton, que insistia em chamá-la de “a velha”.

No horário marcado, Hamilton estava lá, esperando Isabel chegar. Ao vê-la, pensou:

– Tenho que tomar cuidado com essa mulher! Ela é uma serpente, e se eu fechar meus olhos ela me picará.

Isabel, ao entrar no carro, não permitiu que ele a beijasse, e ordenou:

– Hamilton! Vamos sair daqui! O que tenho a tratar com você é muito sério e precisaremos de tempo e privacidade, já que as mexeriqueiras não me deixam em paz.

Fingindo-se apaixonado, ele disse:

– Mas o que há com você, será que não entende que eu estava morrendo de saudades?

Isabel deu de ombros ao comentário e respondeu:

– Se você realmente gostasse de mim, teria me defendido daquele troglodita naquele sábado, mas o que fez você? Nada! Apenas fugiu!

– Isabel, você não pode cobrar isso de mim, afinal eu não podia fazer nada! Esqueceu que ele tem direitos legais com relação a você? Ademais, com a raiva que ele mostrou, poderia me matar!

– Você é um maricas! Isso que você é!

Hamilton nesse momento sentiu seu sangue ferver, e deu um grito:

– Escuta aqui! Se pensa que vim aqui para ouvir desaforos, está enganada! Não sou homem de aguentar desaforos de ninguém, muito menos de uma mulher como você!

Foi nesse momento que Isabel percebeu que Hamilton não era o homem que ela imaginava; assim, ela pensou em sair daquele carro e em dar aquela história por encerrada.

Isabel, desapontada com a grosseria de Hamilton, não viu as entidades que a acompanhavam lhe dizerem:

– Você não pode desistir agora! Lembre-se, teu marido tem que pagar pelo que te fez passar! Vá em frente, e depois você se livra desse calhorda!

Isabel novamente não ouviu, mas deixou-se seduzir por esse pensamento, quando finalmente disse:

– Está bem! Vamos sair daqui, pois tenho um plano que interessa a nós dois. Sei que você faz tudo por dinheiro, e tenho uma oferta tentadora para lhe fazer.

Hamilton, obedecendo, ligou o carro e em poucos minutos saíram da rua, indo para outro lado da cidade, numa rua quase deserta.

Ali, vez por outra passava um caminhão, que vinha das localidades rurais.

Quando o carro parou, Isabel começou a falar:

– Hamilton, Manoel tem um ótimo dinheiro guardado! Eu jamais soube que ele tinha uma caderneta de poupança, e como nunca me importei com ele, jamais poderia supor que ele ganhasse tão bem. Agora ele está dizendo que pretende comprar um carro, mas saiba que se ele comprar um carro ainda vai lhe sobrar muito dinheiro. Sei que ele é bajulador do patrão, mas eu não imaginei que fosse tanto; afinal, ele trabalha naquele escritório desde que era rapazola e seu chefe o tem em alta estima.

Isabel fez uma breve pausa e prosseguiu:

– Pois bem: como sabe, fui humilhada diante de todos os vizinhos da rua, e me tornei espetáculo público. Eu nunca o amei, mas agora tenho um sentimento muito forte que me une a ele: o ódio! E sendo assim, decidi que o dinheiro que ele economizou tanto será a chave para a sua morte!

Hamilton, que até aquele momento estava ouvindo, levou um susto ao ouvir aquelas palavras sendo ditas de maneira tão fria.

– O que está dizendo, Isabel? – perguntou Hamilton, querendo estar enganado com respeito às palavras finais de Isabel.

– Estou dizendo que pretendo me vingar de Manoel, pois ver aquele rosto todos os dias está me fazendo muito mal! E tem mais: darei todo o dinheiro que ele tiver na poupança para quem fizer o trabalho.

– E quanto ele tem na poupança? – perguntou Hamilton interessado.

– Mais de oitocentos mil cruzeiros.

Hamilton sentiu seu coração disparar, pois se ele pegasse esse dinheiro poderia comprar as mercadorias de outros fornecedores, e não ficaria devendo nada. Assim, sempre poderia comprar à vista, sem precisar ficar se humilhando para comprar as drogas para seus jovens clientes.

Por outro lado, pensava que não queria mais manchar a mão de sangue, pois já havia feito isso, e a sensação seguinte era horrível para ele. Ele apenas disse:

– Por que está me dizendo isso? Está pensando que sou um assassino?

– Estou dizendo isso a você porque eu o amo e sei que você seria o maior interessado em me ver livre de Manoel: afinal, você ficaria com o dinheiro e comigo!

Mexendo com as chaves que estavam na ignição do carro, Hamilton pensou:

"Essa mulher é um perigo, pois está encomendando a morte do marido. Vê-se logo que não tem coração! Mas tenho algo a meu favor: ela está apaixonada por mim, e contra mim não fará nada. Mas eu não queria mais matar ninguém."

Depois de pensar por alguns instantes, finalmente ele respondeu:

– Isabel! Posso dar fim no teu marido, mas quando você vai me dar o dinheiro?

– Uma semana depois do enterro do infeliz, irei ao banco, pegarei o dinheiro e te entregarei. Mas saiba que o criminoso não pode vir a público, você terá que arranjar um jeito de parecer um assalto.

Hamilton remexeu-se no banco do carro quando perguntou:

– Mas para que possa parecer um assalto terei que roubar a carteira, o relógio… ele anda com essas coisas?

– Bem, Manoel não tem o hábito de andar com muito dinheiro, mas nunca anda totalmente desprevenido, portanto isso será fácil. E tem mais: caso você contrate alguém, eu não tenho nada com isso; pois estou pedindo para você, e não vou aceitar chantagem posterior. E se por ventura a polícia descobrir, não me envolva nisso.

Hamilton percebeu o quanto Isabel era ardilosa, e com isso se deu conta de que ela era capaz de qualquer coisa para conseguir o que queria, nem que para isso tivesse de tirar a vida de alguém.

– Vou pensar. Não posso aceitar uma coisa dessas assim, preciso de um tempo.

Isabel retrucou:

– Você precisa de um tempo? Mas eu não tenho tempo, não aguento mais aquele sujeito em minha casa, preciso me ver livre dele logo!

– Te peço um tempo, afinal estamos falando da vida de uma pessoa, não da de um animal! – respondeu Hamilton.

– Você tem até amanhã para me responder, e caso não me responda vou procurar outro para fazer o serviço.

Hamilton não queria pensar no assunto naquele momento; sendo assim, logo mudou o rumo da conversa.

– Isabel, você é uma mulher tão bonita… estou com saudade!

Isabel, prestando atenção nos lábios do rapaz, entregou-se àquele momento com emoção.

Hamilton, assim que satisfez seus desejos, começou a pensar que o dinheiro de Manoel lhe seria muito útil; então, passou a pensar em uma maneira de fazer o serviço sem deixar rastro.

Logo que Isabel voltou para casa, ficou a pensar em como se comportaria como viúva, e sem que percebesse as entidades que estavam a seu lado começaram a rir.

24

Um nobre objetivo

Naquela noite, quando Manoel chegou em casa, sua fisionomia estava cansada. Ele se sentia terrivelmente triste, pois pensava em quanto seu chefe queria sair logo do escritório e voltar para casa, mas ele, pelo contrário, fazia de tudo para que o dia demorasse mais a passar, pois detestava a hora de voltar para aquela casa triste, já que Isabel, desde que Manoel lhe dera aquela terrível surra, não mais falava com ele.

Manoel já não sabia se amava Isabel, pois as mágoas de todos aqueles anos haviam acabado com um sentimento que ele jurava ser eterno.

"Se eu tivesse me casado com Rosália, acho que seria bem mais feliz! Mas fui olhar para Isabel, com seus cabelos louros, e me deixei levar; agora, estou aqui, pagando um alto preço."

E assim, Manoel sentia-se cada vez mais triste. Sabia que os vizinhos zombavam dele, chamando-o de otário, e da má conduta de Isabel; mas já não se importava. Toda tarde era a mesma coisa: chegava em casa, tomava banho, e muitas vezes ia ao bar de seu Juca.

Lá, encontrava o melhor freguês, Moacir – o cachaceiro, como era chamado –, e ficava a falar sobre futebol, e os grandes times da capital.

Manoel estava muito depressivo, e quem notava aquela falta de interesse na vida e até mesmo no trabalho era dr. Cavalcanti, que, preocupado com o estado de seu melhor funcionário, lhe propôs férias.

Manoel se recusou, pois não conseguia imaginar sua vida em casa, durante trinta dias. Janaína, à medida que o tempo ia passando, se tornava ainda mais introspectiva, e quanto a João Felipe, só pensava em motores e em peças.

Não era aquilo que Manoel sonhara para ele, pois pensava em ter uma família de verdade, uma mulher que se preocupasse com seu bem-estar, que cuidasse verdadeiramente dele e dos filhos.

Consequentemente, ele logo pensou em seus pais: sua mãe era um exemplo de esposa e de boa dona de casa. Ele havia crescido em um lar harmonioso, onde seus pais se amavam de verdade. Infelizmente isso não acontecera com ele.

Certa tarde, ao chegar em casa, viu que Isabel estava trancada em seu quarto, como sempre, e se pôs a pensar:

"A nossa vida é feita de escolhas, eu fiz uma má escolha e agora estou colhendo os frutos disso. Se eu pudesse voltar atrás, faria tudo diferente, não me deixaria levar apenas pela beleza de Isabel, e escolheria uma mulher que tivesse qualidades!"

E com esses pensamentos, Manoel levou a mão à cabeça, e pensou:

"Minha vida está precisando de objetivos; talvez um objetivo nobre, que preencha esse vazio que habita em meu peito."

Foi então que, pela primeira vez, ele se lembrara do Centro Espírita, depois de muitos anos, e decidiu:

– Acho que está na hora de voltar! Tenho que refazer minha vida; preciso procurar a paz há muito tempo perdida!

Manoel então se lembrou daquela noite agradável na casa do dr. Cavalcanti e decidiu que falaria com ele a respeito.

25

Jerônimo, um justiceiro

Isabel tramava contra Manoel, e a cada detalhe, ela dizia ser um gênio e que ninguém descobriria que mandara matar o marido.

As entidades que se aproximaram de Isabel seguiram um padrão natural de afinidade, pois, assim como ela, eram incapazes de reconhecer seus próprios erros e procurar esquecer as ofensas recebidas. Entre as entidades que se encontravam em companhia de Isabel estava Jerônimo, que se sentia vítima das circunstâncias e acreditava ser um justiceiro.

Jerônimo desencarnara havia algum tempo, e ao lembrar que sua esposa e filhos haviam morrido nas mãos de um assaltante, decidiu que iria procurar aquele assaltante e o faria pagar pela morte de sua família. Com o tempo, Jerônimo deixou de trabalhar e procurou viver somente para se vingar daquele que exterminara sua família num ponto de ônibus na cidade de Osasco.

O que na ocasião Jerônimo não sabia era que os membros de sua família tinham dívidas a saldar com aquele infrator. Pois Jesus deixou claro que aquele que ferisse com a espada, com a espada seria ferido, e isso se aplicava perfeitamente bem à família dele.

Mas Jerônimo, cego de ódio, quis aplacar a sua sede de vingança, procurando o assaltante pelas favelas de São Paulo, até que encontrou um sujeito chamado Paulo, cujo apelido na favela era “Chaprá”. Ele era um sujeito que muito cedo havia se metido no mundo do crime. Seu pai ficara muitos anos na prisão, e ao sair já estava doente e logo desencarnou; sua

mãe era uma meretriz que tinha muitos filhos, e sempre acabava perdendo seus filhos para o juizado de menores.

Paulo fora o único que ficara com a mãe, pois esta, ao dar à luz, entregou o menino a uma irmã que também morava na favela, de modo que o juizado não tivera tempo de tomar a criança e entregar para a adoção.

Paulo sempre se mostrou revoltado com sua situação, pois desejava ardentemente ter coisas que sua condição financeira não permitia. E desde os nove anos de idade passou assim a praticar pequenos furtos.

Com onze anos, se envolveu com drogas, de modo que facilmente caiu no mundo dos vícios, tornando-se escravo, e tinha a necessidade de manter esses vícios a qualquer preço.

De pequenos furtos de criança, passou-se finalmente a grandes furtos, se envolvendo até mesmo a assaltos a bancos.

E desde então Paulo nunca mais parou. Seu primeiro assassinato foi aos quinze anos de idade. Certo de que não pagaria pela infração, já que era menor de idade, ele passou a aterrorizar a todos; sempre estava com um revólver na cintura, e era comum ameaçar quem quer que fosse.

Na favela onde morava, era comum as pessoas de bem evitá-lo, uma vez que ele deixava claro que se tratava de um elemento de alta periculosidade.

E assim, Paulo Chaprá atingiu a maioridade, e continuou a torturar emocionalmente a todos.

Ele devia muito dinheiro para um fornecedor de Pirituba, e foi então que saiu decidido a conseguir dinheiro para pagar o traficante, que também era um sujeito muito perigoso.

Entrando em um ônibus circular, decidido a assaltá-lo, Paulo, que já estava drogado, gritou que era um assalto. Jerônimo havia ido com sua esposa levar o filho ao hospital, pois este estava com muita febre.

No momento do assalto, a esposa de Jerônimo, com o filho sentado a seu lado, nada disse. Paulo havia mandado o cobrador lhe dar todo o dinheiro, e depois foi assaltando todos os passageiros, um a um, e gritava para o motorista não parar nos pontos próximos.

Paulo estava irritado, pois logo percebera que os passageiros tinham pouco dinheiro. Finalmente chegou à esposa de Jerônimo, que estava com o filho no colo, e gritando disse:

– Me passa a bolsa, dona! Quero todo o dinheiro!

A esposa de Jerônimo, trêmula, pegou a bolsa e entregou ao assaltante.

Paulo revirou a bolsa da mulher e não encontrou dinheiro algum; então, olhando para a esposa de Jerônimo com olhar libidinoso, disse:

– Você é uma bela mulher! O que acha de nos divertirmos um pouco?

Jerônimo, que havia cedido o lugar para a esposa sentar com o filho e estava em pé logo atrás, percebeu as intenções do bandido e em desespero começou a gritar:

– Deixe minha esposa em paz! Não temos muito dinheiro, mas entregaremos o que tivermos!

Paulo era sádico por natureza e gostava de barbarizar as pessoas, deixando-as com medo; com isso, continuou:

– Quero seu dinheiro e quero sua mulher também!

Jerônimo estava hirto de medo, pois nunca estivera na mira de uma arma antes; assim, procurou falar o menos possível para não piorar ainda mais a situação.

Uma senhora de idade avançada que estava no ônibus começou a passar mal, e mesmo assim ele deu ordem ao motorista de não parar, e foi prontamente obedecido.

O motorista estava atônito e passou por diversos pontos de ônibus, ignorando completamente os sinais que as pessoas lhe davam.

Paulo foi até o final do ônibus e, depois de roubar as pessoas, voltou novamente em Ângela, a esposa de Jerônimo.

Começou então a pegar na mulher, não respeitando nem mesmo o filho que estava em seu colo, humilhando a mulher na frente de todos, inclusive do marido.

Jerônimo nada fez, com medo de piorar a situação.

Foi então que um senhor com pouco mais de quarenta anos, que estava na outra fileira, percebeu o momento em que Paulo estava se distraindo com a mulher, e, agarrando seu pescoço, tentou tomar-lhe a arma, mas sem êxito, pois Paulo era mais forte que ele. Com ódio, o bandido gritou:

– Deita! Você quis bancar o herói, não é mesmo? Agora vai ver o que vou fazer.

O homem, deitado com o rosto no assoalho do ônibus, sentiu as botas de Paulo em seu rosto e apenas ouviu os estampidos dos tiros que este lhe desferiu.

O facínora, enlouquecido, além de atirar no homem deitado no assoalho do ônibus passou a dar tiros a esmo.

Jerônimo gritou para que não fizesse aquilo, mas já era tarde demais: Ângela e o pequeno Mateus, filho do casal, haviam sido atingidos.

O motorista, assustado com os tiros, tratou de parar o ônibus, e Paulo, em desespero, mostrou a arma ao motorista e ordenou que abrisse a porta para que ele descesse e fugisse em seguida.

Ângela não chegou nem mesmo a ser socorrida, morrendo no local, e o pequeno Mateus faleceu dois dias depois.

Desde esse dia, a vida de Jerônimo se transformou, pois enquanto estava acompanhando o corpo da esposa ao cemitério fez uma promessa solene:

– Ângela! Juro que vou me vingar daquele calhorda que lhe tirou a vida!

E assim, Jerônimo nunca mais teve paz, pois passou a procurar o assassino de sua esposa e de seu filho incessantemente, indo a grandes favelas e guetos.

Até que certo dia, em São Mateus, descobriu que havia um homem, cujo apelido era Chaprá, que estava aterrorizando os moradores do local.

Ficou de tocaia, até que finalmente viu o assassino de sua esposa entrar num bar e pedir uma cerveja.

Chaprá estava com dois homens negros e em voz alta falava:

– Olha, o nosso plano é infalível! Tudo vai depender de vocês, manos!

– Vai dar certo – disse um dos homens –, pois preciso de dinheiro, a minha dívida está muito alta.

Eles tomaram várias cervejas e saíram sem pagar a conta. O dono do bar tinha medo de Chaprá, e assim ele abusava, pegava de tudo que havia no bar e saía sem pagar.

Jerônimo, que estava no bar, fingindo tomar cerveja ouviu toda a conversa. Calado como era, pensou:

“A morte desse sujeito será um bem à comunidade!”

Munido de dois revólveres e munição, Jerônimo esperou o momento certo de atacar, já que Chaprá planejava um grande assalto num banco da cidade.

Ao cair da noite, Jerônimo ficou como quem não queria nada, encostado em um poste. Viu os movimentos de todos que iam e vinham, e logo percebeu que os dois homens que estavam com Paulo saíam do barraco onde o bandido estava.

Passados quinze minutos, finalmente Jerônimo foi até o barraco de Paulo e o chamou pelo apelido.

Paulo, que ainda estava sem camisa, saiu e disse, com seu jeito grosseiro:

– O que você quer?

Ele não havia percebido que aquele homem era o marido da mulher que ele matara no assalto ao circular.

Jerônimo apenas disse:

– Será que posso falar com você?

– O que você quer?

– Tenho negócios a tratar com você, e olha que muito dinheiro está envolvido.

Ao ouvir a palavra dinheiro, Paulo mandou que Jerônimo entrasse, e este obedeceu rapidamente.

Já no interior do barraco, Jerônimo sacou seu revólver, pegando Paulo completamente desprevenido, e dando-lhe um tiro na perna, gritou:

– Silêncio, ouviu bem? Não quero que ninguém apareça aqui num momento que há muito tempo estou esperando, e se você mandar alguém entrar, vou estourar os seus miolos!

Paulo estava sentindo dor e queimação na coxa, e como seus movimentos já estavam limitados, não poderia pegar o revólver que estava embaixo da cama.

Jerônimo finalmente disse:

– Você se lembra de mim?

– Não! – respondeu Paulo.

– Sou o homem que estava no ônibus no dia do assalto, e que viu você matar a esposa e o filho… você se lembra?

Nesse momento, Paulo se lembrou do incidente do circular e do tiro desferido na mulher, e com um sorriso cínico disse:

– Ah! Então veio aqui para se vingar! Já que está aqui, diante daquele que matou a sua esposa, faça logo o serviço!

Jerônimo, sorrindo, disse:

– De maneira alguma… quero saborear esse momento, minuto a minuto, quero ver você sofrer, assim como eu estou sofrendo desde aquele assalto; quero te ver implorar pela tua vida!

Paulo, dissimulando um sorriso, disse:

– Se está pensando que vou pedir para você me poupar, está muito enganado. Sou homem, e não tenho medo da morte, pois se você realmente o fizer, saiba que vou te esperar no inferno!

Jerônimo, sentindo um ódio mortal de Paulo, pegou uma faca que estava sobre a mesa improvisada do bandido. Com o revólver em uma mão e a faca na outra, começou a riscar o peito de Paulo com a lâmina, fazendo-o sangrar a cada risco.

Paulo estava pensando em uma maneira de fugir daquela situação, e com ódio, disse que deveria ter matado a família inteira.

Foi nesse momento que Jerônimo mandou que Paulo colocasse a língua para fora, já que o revólver estava encostado em sua têmpora. Então, ele passou a faca afiada na língua do facínora, fazendo com que sangrasse muito.

Depois de duas horas junto do assassino de sua esposa e filho, finalmente Jerônimo apontou a arma para Paulo e atirou várias vezes.

Esperou que se fizesse tarde da noite, e saiu do barraco de Paulo, deixando o corpo do bandido todo ensanguentado.

Ao retornar ao bar onde havia encontrado Paulo, Jerônimo disse ao dono do lugar:

– O senhor nunca mais terá prejuízos com vagabundos, pois o Chaprá está morto, e eu mesmo fiz o serviço!

O dono do bar, ao ouvir as palavras de Jerônimo, apenas disse:

– Vá embora daqui agora! Pois se os comparsas de Chaprá ficarem sabendo irão se vingar do senhor!

Jerônimo saiu do bar sorridente e voltou para sua pequena casa, mas logo percebeu que a sua vingança não o fizera feliz, de modo que decidiu que iria se entregar à polícia.

Jerônimo ficou detido, pois confessara abertamente que matara Paulo Chaprá, assim como o motivo que o levara a fazer aquilo. Como o promotor era um homem de princípios e defendia o direito à vida, compreendendo que a vingança não levava a lugar algum, fez de tudo para que Jerônimo fosse condenado.

E assim se deu: Jerônimo foi condenado a treze anos, oito meses e dez dias de prisão.

Jerônimo aceitou com resignação a decisão do juiz e com isso foi encaminhado ao presídio.

Tempos depois, um daqueles homens que estavam com Paulo Chaprá havia sido preso, e logo ficou sabendo por que aquele que era tido como exemplo de comportamento estava lá. Foi então que Jerônimo, certo dia em que tomava sol juntamente com outros presos, se encontrou com Tartaruga, como era conhecido; Tartaruga perguntou:

– Por que você está aqui?

– Estou aqui porque matei um homem!

– E qual era o nome desse homem?

Jerônimo logo se lembrou que aquele homem estava com Paulo Chaprá no dia de sua morte; e como Jerônimo estava deprimido, não se intimidou em responder:

– Todos o chamavam de Paulo Chaprá! O mesmo que iria assaltar um banco a mão armada com você!

Nesse momento, o homem negro, muito mais forte que Jerônimo, tirou a camisa e, passando-a em torno do pescoço de Jerônimo, o enforcou, pois segundo ele, o assalto que iriam fazer o deixaria rico.

Depois do incidente, Jerônimo, não sabendo o que havia acontecido, acordou ainda no presídio, e se comportava como se ainda estivesse preso. Como ele era discreto, procurava não falar com ninguém, mas não mais viu o comparsa de seu arqui-inimigo a circular pelo pátio nos dias de sol.

Jerônimo se sentia cada vez mais triste, pois a solidão o abatera fortemente. Várias vezes se lembrou da vida que tinha quando casado, e chorava demasiadamente.

Lembrava-se, vez por outra, do prazer que sentiu ao matar Paulo, e em seguida lhe vinha a tristeza que lhe assolava todo o espírito.

Enquanto encarnado, Jerônimo nunca fora dado a religião, pois não acreditava que Deus de fato existisse; porém, não impedia que sua esposa e seu filho fossem à igreja aos domingos.

E assim, o tempo foi passando, e Jerônimo começou a perceber que alguns que haviam entrado com ele na prisão estavam saindo; mas os guardas nem sequer falavam com ele, e muito menos os outros presos.

Aquele que, segundo ele, tentou enforcá-lo, já não estava mais no presídio. E os dias de Jerônimo eram cada vez mais tristes, e ele chorava pelo abandono.

Certo dia, uma pessoa que Jerônimo não viu de onde surgira lhe disse:

– Jerônimo, você quer sair daqui?

– Sim! Parece que todo mundo me esqueceu aqui! Já paguei pelo meu crime!

– Está bem! Acompanhe-me!

– Não posso fugir! Pois se me pegarem depois, a minha pena aumentará.

– Não seja bobo! Sabe por que ninguém fala com você? Porque você morreu, o companheiro de Chaprá o enforcou até a morte; é por isso que várias vezes você sente terrível falta de ar! Cara, acorda para a realidade, você está morto! E bem mortinho!

– Não estou! Estou vivo, e você está aqui, falando comigo!

– Olha aqui! Não vou ficar discutindo com você. Se quiser mudar de vida, siga-me, mas se quiser viver aqui trancafiado, achando que está preso, o problema é teu. Meu chefe quer falar com você!

Sem entender o que estava ouvindo, Jerônimo apenas respondeu:

– Está bem! Vou te acompanhar! Mas se você estiver mentindo, saiba que não me importo em te matar!

– Você não poderá me matar, porque já estou morto há muito tempo, portanto acho melhor deixar de valentia e me seguir!

E Jerônimo resolveu acompanhar seu interlocutor, e percebeu que passaram tranquilamente pelos guardas e estes simplesmente nada fizeram, como se não os estivessem vendo.

A princípio, Jerônimo ficou apreensivo, mas depois que passaram pelos guardas, sentiu-se mais confiante e passou a gostar da ideia de estar morto.

Ao ganharem a rua, Jerônimo ficou observando os carros que passavam, e pela primeira vez sentiu uma liberdade nunca experimentada antes.

Olhou para o céu e respirou fundo, como se estivesse saindo de um pesadelo.

Foi Malaquias quem o tirou daquele momento de reflexão, dizendo:

– Esqueci de dizer meu nome! Chamo-me Malaquias, mas todos me conhecem por “Cabeção”. Agora, me dê sua mão que sairemos daqui. Vou te levar para conversar com meu chefe, e nós vamos passar por lugares não muito bonitos. Não tema, e sempre que sentir medo olhe para mim, pois estará em segurança.

Jerônimo fez o que Cabeção havia lhe falado, e assustou-se quando finalmente volitou para lugares horrendos, Jerônimo muitas vezes se via obrigado a olhar para a mão de Cabeção.

Em pouco tempo, entraram em uma sala, onde havia uma mesa rústica e um banco. Atrás da mesa estava uma figura que deixava à mostra suas presas, que mais pareciam de um animal.

Jerônimo se assustou e sentiu pavor daquela figura. Foi “Cabeção” quem disse:

– Chefe, o senhor me mandou trazer Jerônimo!

A figura remexeu-se na cadeira, dizendo:

– Você se vingou daquele que exterminou sua família, e eu estou aqui para lhe fazer uma proposta.

Jerônimo, que muitas vezes evitava olhar para as presas daquele que era denominado chefe, baixou o olhar e respondeu:

– Sim, senhor! Aquele safado acabou com minha vida, e eu acabei com a vida dele também!

– É aí que você se engana: você não acabou com a vida dele, ele continua vivo!

Foi nesse momento que Jerônimo começou a pensar:

“Se eu não o matei, por que me deixaram preso como criminoso naquele presídio imundo?”

A figura, mostrando-se complacente ao ouvir os pensamentos de Jerônimo, disse:

– Bem vejo que você tem muito que aprender! A sua primeira lição: a morte não existe! Você se vingou daquele que matou sua família, mas apenas matou seu corpo; porém, o espírito de cada ser que vive na Terra é eterno! Você também foi assassinado na prisão, mas veja agora: você está aqui diante de mim! A morte é apenas uma mudança de estado, ou seja, passa-se do estado físico para o estado espiritual. Tanto você como o assassino de sua família continuam vivos, e além do mais continuam sendo a mesma pessoa!

Cabeção, que estava ouvindo a conversa, tentou se intrometer, dizendo:

– Pelo que estou vendo, o Cabeção aqui não sou somente eu!

– Cale-se! Não gosto de ser interrompido quando falo!

Cabeção nesse momento baixou o olhar e tratou de ficar em silêncio, temendo ser punido por seu ato.

Jerônimo pouco entendia, e assim ousou perguntar:

– Então quer dizer que minha esposa e meu filho também estão vivos?

– Sim! Mas não estão aqui conosco! Talvez eles estejam junto daqueles que se dizem bonzinhos.

Jerônimo sentiu seu coração transcender de alegria, e disse:

– Mas o que o senhor quer comigo?

– Antes de tudo, quero me apresentar: eu me chamo Batista, mas quando cheguei fundei uma comunidade de justiceiros; e como você se mostrou valente ao acertar as contas com quem acabou com sua família, estou te convidando a trabalhar para mim!

– Mas… senhor, eu não quero mais matar ninguém!

– Bem, aqui nós fazemos justiça, não nos vingamos de inocentes, portanto se quiser trabalhar para mim será aceito.

– Mas o que eu ganharei com isso?

– Você ganhará sabedoria.

– Como assim?

– Você está sem seu corpo espiritual e temos algumas vantagens sobre os que ainda estão em seu corpo de carne. Não notou como veio até aqui? Acha que isso seria normal para uma pessoa que está em seu corpo carnal?

– Não – respondeu Jerônimo timidamente.

– Pois bem, você aprenderá a se locomover com a velocidade do pensamento, e muito mais.

Naquele momento, Jerônimo pensou em sua esposa e disse:

– Se eu trabalhar para o senhor, poderei ver minha esposa novamente?

– Não posso prometer algo dessa natureza, pois ela não está em nosso poder, mas veremos o que poderemos fazer.

Jerônimo, sem pensar, respondeu:

– Então eu aceito! Trabalharei para o senhor e farei tudo o que me mandar!

– Ótimo! Agora acompanhe Cabeção que ele te levará a um aposento onde você poderá descansar!

Jerônimo sentia seu coração se enternecer ao lembrar da esposa e do filho, e sendo assim se dispôs a fazer tudo que lhe mandassem.

Passados os primeiros tempos, Jerônimo começou a aprender a agir como um desencarnado, e com esses conhecimentos passou a sentir-se forte e destemido.

No grupo de Batista havia vinte e nove desencarnados que trabalhavam para ele, e se julgavam justiceiros.

Jerônimo acreditou que iria trabalhar em favor dos fracos e inocentes, e assim se tornou uma pessoa de confiança de Batista.

Bastava Batista dizer que um encarnado estava sofrendo injustamente, e lá estava Jerônimo, defendendo-o, sem nem mesmo preocupar-se se o que Batista dizia era verdade ou não.

Desse modo, baseando-se em uma falsa justiça, Jerônimo fez muitas pessoas sofrerem.

Até que certo dia Jerônimo foi chamado por Batista em sua sala, ficou sabendo que Isabel era uma mulher que sofria inocentemente, pois Manoel era tirano e injusto. Jerônimo logo se propôs a trabalhar em favor de Isabel.

A princípio, ele se mostrou completamente a favor de Isabel, e foi ele quem ajudou Onofre e Graça a se afastarem de Isabel, pois estes se sentiam ameaçados pelo fato de Manoel estar frequentando um centro espírita.

Desde então, Jerônimo ficou ao lado de Isabel, e sempre estava atento a todos os movimentos de Manoel.

Jerônimo, ao ver Manoel surrando a mulher, pensou:

– Este canalha merece levar uma lição da qual jamais se esquecerá.

E sendo assim, passou a incutir em Isabel o desejo de vingança, fazendo com que ela acreditasse que, morrendo o corpo de Manoel, ela estaria livre dele de uma vez por todas.

E sob a influência de Jerônimo, Isabel finalmente começou a acalentar a ideia de mandar matar o marido, até que, movida pelo ódio exacerbado a Manoel graças à influência de Jerônimo, enfim teve coragem para pedir a Hamilton que o exterminasse.

26

Tarde demais

Hamilton concordou enfim em fazer o serviço – matar Manoel –, deixando Isabel feliz ao extremo. Por isso, ela resolveu mudar completamente com o marido. Se antes não falava com ele, agora passou a ser gentil e a cumprir seu papel de esposa.

Isabel passou a tratar bem tanto Manoel quanto seus filhos, pois sabia que embora Janaína a preferisse, gostava também do pai. Sendo assim, ela se portou como uma dona de casa exemplar.

O que Manoel nem de longe desconfiava era que Isabel tramava contra a sua vida. Ele começou a perceber que as coisas estavam mudando. Certa noite, disse à esposa:

– Isabel! Estou certo de que as coisas aqui em casa estão mudando; portanto, o que acha de fazermos uma viagem? Tenho algum dinheiro guardado, talvez possamos ir para o nordeste, você, as crianças e eu.

Isabel, tomada de surpresa, apenas disse:

– Talvez! Mas no momento eu não gostaria de viajar, pois pretendo fazer um curso de pintura, e não quero sair da cidade agora.

Manoel, tocado de ternura, aproximou-se dela:

– Isabel! Quero que saiba que nunca ninguém a amou mais do que eu; portanto, se não quer viajar agora, não o faremos, podemos deixar para o final do ano.

Isabel, dissimulando o desagrado em receber os afagos de Manoel, apenas sorriu sem nada dizer.

Manoel estava feliz e seu trabalho novamente voltou a ser satisfatório. Dr. Cavalcanti pensou que ele havia solucionado os problemas conjugais e, satisfeito, procurou não dizer nada.

Manoel trabalhava feliz e não via a hora de chegar em casa. Nunca mais soubera que Isabel estava se encontrando com Hamilton, e ela havia mudado seu comportamento com ele e os filhos, que já eram adolescentes. Toda noite, ele passava na pizzaria. Os filhos já estavam acostumados a comerem pizza à noite.

E assim, um mês se passou desde que Isabel conversara com Hamilton para matar Manoel. Ela pedira algum tempo, para que todo mundo pensasse que ela vivia bem ao lado do marido.

Hamilton já não aguentava mais a demora de Isabel em dar a ordem para executar Manoel, afinal, precisava de dinheiro para comprar a mercadoria e não queria perder a clientela.

Isabel, por outro lado, sempre que ligava para Hamilton dizia para ele esperar, pois tinha de manter as aparências de um casamento feliz perante os vizinhos fofoqueiros.

Até que certo dia Isabel foi ao orelhão a fim de ligar para Hamilton, e ele disse:

– Já chega de me enrolar, Isabel! Estou precisando de dinheiro e quero fazer o serviço logo, não posso esperar mais! Vou liquidar seu marido essa noite! Preciso muito de dinheiro.

Isabel, já arrependida por ter falado com o amante, tentou dissuadi-lo da ideia, mas ele disse tacitamente:

– Sinto muito, mas agora já não dá para voltar atrás! Já tenho tudo planejado, e consegui alguém para me ajudar nessa tarefa. Agora a vida do seu marido está por um fio! Vou querer receber na semana que vem, preciso muito desse dinheiro.

– Hamilton! Não quero que faça nada, porque eu menti o tempo todo! Meu marido não tem o dinheiro que lhe falei. Eu estava com muita raiva dele, mas agora passou.

– Hum! Então a boa esposa está querendo voltar atrás, não é? Saiba que vou fazer o serviço esta noite, e quero que me arranje um milhão de cruzeiros até quarta-feira, senão me entrego e levo você junto comigo!

Isabel desligou o telefone, sentindo-se aflita, afinal, Hamilton parecia não estar brincando. Ela logo se preocupou com Manoel, que não merecia tal sorte e ao chegar em casa e se trancou em seu quarto.

Naquela tarde, movida pelo desespero, foi até o escritório onde Manoel trabalhava e, conversando com o marido, pediu:

– Por favor, Manoel! Vamos embora comigo agora!

Manoel, sem muito entender, disse sorrindo:

– Por que, aconteceu alguma coisa?

– Sim! Preciso conversar com você.

– Mas não dá para conversarmos quando chegar em casa?

– Não! Manoel, venha, é muito importante! – suplicou Isabel ao marido.

Isabel não sabia, mas, usando uma motocicleta e um capacete, Hamilton estava esperando Manoel sair do escritório, pois a sua falta de dinheiro já chegara ao ápice do desespero; naquele momento, era a única maneira de comprar mercadorias sem ficar devendo nada aos traficantes.

Manoel resolveu sair com a esposa e, uma vez na rua, ela disse:

– Manoel! Por favor, peça suas férias, e assim que for liberado quero fazer aquela viagem que você me propôs para o Nordeste.

Manoel não entendeu muito o desespero da esposa, e finalmente disse:

– Isabel! Nós dois sabemos que precisamos viajar, mas agora não é possível. O escritório está cheio de serviço, eu não posso deixar o dr. Cavalcanti na mão!

– Esqueça o dr. Cavalcanti! Vamos! Amanhã quero que peça suas férias, pretendo viajar no dia seguinte.

Manoel percebeu a excitação nervosa de Isabel e perguntou:

– O que está havendo, Isabel?

– Nada! Você não percebe que estou à beira de um ataque de nervos? Se me ama como diz, por favor, peça suas férias e vamos viajar sem contar nada a ninguém.

– Isabel! Não posso fazer isso, esqueceu que nossos filhos estão no colégio e não podem faltar às aulas?

– Manoel! Se nossos filhos perderem um ano, que diferença faz? Eles são espertos e recuperarão depois. A única coisa que quero é viajar com você o quanto antes.

Manoel preocupado com os pedidos insistentes de Isabel disse:

– Está bem! Amanhã pedirei minhas férias ao dr. Cavalcanti; podemos ir a Aracaju e ficar trinta dias lá, o que acha?

– Que seja! – respondeu Isabel indiferente. – O que precisamos é sair daqui o quanto antes.

Manoel andou alguns metros em direção ao carro que havia comprado, quando de repente uma moto passou e, dela, alguém atirou várias vezes.

Isabel não teve tempo de observar quem fez os disparos, mas logo viu o corpo de Manoel tombando na calçada. Começou a gritar, chamando a atenção dos companheiros de trabalho de Manoel, até mesmo o dr. Cavalcanti, ouvindo os estampidos dos tiros e o alarido das vozes, foi ver o que estava acontecendo.

Isabel gritava desconsoladamente, enquanto outros pegaram Manoel, colocaram-no em um carro próximo e o levaram ao hospital da cidade. Ele chegou ao hospital todo ensanguentado, afinal um dos tiros perfurou-lhe o tórax.

O médico de plantão disse que pouco se podia fazer na cidade, por isso providenciou uma ambulância para que Manoel fosse transferido à cidade vizinha de Sorocaba.

Isabel estava desesperada. O medo pairava sobre sua cabeça, pois temia que Hamilton fosse preso e a apontasse como mandante do crime.

Ao chegar à cidade vizinha, Manoel foi atendido rapidamente, afinal o médico havia solicitado uma junta médica que já o esperava para levá-lo ao centro cirúrgico.

A cirurgia foi demorada, pois as balas foram removidas rapidamente, mas a que se alojara no pulmão estava difícil, além disso, os médicos perceberam que o rapaz também havia sofrido um derrame pleural no momento do ferimento.

Depois de se retirarem as balas, o paciente foi transferido para a UTI do hospital, onde passou a ser assistido pela enfermagem local.

Isabel não saiu do hospital desde o momento em que Manoel dera entrada. Dr. Dorival conversou com ela e disse que uma das balas havia se alojado no pulmão, outra no baço – cujo órgão Manoel acabou perdendo –, e outra atingira o estômago.

Isabel, desesperada, perguntou:

– Doutor, ele vai morrer?

O médico, percebendo que ela estava aflita, respondeu:

– Minha filha, morrer todos nós vamos. No caso dele precisamos esperar. Os ferimentos foram graves, mas a bala que mais estrago causou foi a que ficou alojada no pulmão direito de Manoel, nós fizemos a nossa parte, o resto é com ele. Um fator importante é a idade; trata-se de um homem

jovem e forte, no entanto, as chances de ele sair dessa ainda não sabemos dizer com precisão.

Quem chegou ao hospital em completo desespero foi dona Isaltina, afinal seu único filho fora baleado. Benedito, o pai do rapaz, foi imediatamente conversar com outro médico que atendera Manoel.

Isabel, ao ver a sogra, sentiu uma punhalada no coração; afinal, ela era a causadora do sofrimento daquela mãe, que chorava e pedia a Deus para proteger seu filho da morte.

Isabel olhava para a sogra e, em um impulso, foi até ela e sem dizer nada deu-lhe um abraço.

Isaltina dizia compulsivamente:

– Por que fizeram isso com meu filho? Logo ele, que nunca fez mal a uma mosca! Meu Deus, tire essa dor do meu peito!

A mulher não conteve o pranto, pois sabia muito bem que a culpa de toda aquela tragédia era dela: se não tivesse assanhado a ambição de Hamilton, aquilo jamais teria acontecido.

Benedito, o pai de Manoel, se aproximou da esposa com os olhos vermelhos de tanto chorar. Logo depois chegaram dr. Cavalcanti e Ana Maria, oferecendo toda a ajuda financeira que fosse necessária.

Ana Maria e Isaltina perguntavam a Isabel como tudo havia acontecido, mas, confusa como estava, ela não conseguia se lembrar de muita coisa.

João Felipe, ao saber que o pai havia sido alvejado por um desconhecido, pegou um carro mesmo sem possuir carteira de habilitação e seguiu para o hospital. Isabel, ao vê-lo todo sujo, envergonhou-se de dizer que era seu filho.

João, abraçado à avó, chorava como um menino perdido, pois para ele o pai era muito mais que um pai, era um amigo querido.

Dr. Dorival, o médico, não teve dúvida de que se tratava de uma pessoa de bem, dessa forma chamou todos a seu consultório para descrever o estado de Manoel, em uma tentativa de aplacar a dor da família.

Foi dr. Cavalcanti quem fez as perguntas para o médico.

– Doutor, ele sempre trabalhou em meu escritório, desde que era um menino. É um funcionário exemplar, o tenho como filho. Como vê, os pais não têm condições de conversar com o senhor, portanto, peço humildemente que me diga qual é o estado de Manoel.

O médico, olhando para a aflição do chefe daquele que havia sido baleado, disse:

– Bem, já foram retiradas as balas que estavam alojadas no pulmão, no estômago e a que estourou seu baço. Portanto, o estado dele é grave, inspira cuidados intensos, por isso ficará na UTI. Por enquanto ele tem alguns pontos a seu favor, pois se trata de um homem com menos de quarenta anos, cuja vitalidade ainda é de um jovem. Mas vamos aguardar, no momento não posso dizer mais nada.

Cavalcanti ficou pensativo por uns instantes. Quando se aproximou de dona Isaltina e seu Benedito, foi incisivo ao dizer:

– O médico acabou de nos explicar que o caso dele é grave, mas devemos fazer preces e pedir a Deus por sua saúde, pois seu estado inspira cuidados. Ele ficará na UTI até melhorar.

Dona Isaltina não parava de chorar; o marido ficava apoiando a pobre mulher, que se encontrava desconsolada, juntamente com João Felipe, que, todo sujo de graxa, chorava junto com a avó. Isabel, por sua vez, ficou em um canto, sentindo-se a pior das criaturas.

A luta de Manoel pela vida era árdua, pois seu quadro realmente era delicado, e ele respirava com o auxílio de aparelhos, já que um dos seus pulmões fora danificado.

Enquanto ele lutava contra a morte na UTI do hospital, sua esposa se torturava com sua consciência. Ora chorava ora rezava, pedindo para que Deus o tirasse daquela triste situação com vida.

Janaína foi ao hospital, e quando soube do estado do pai, olhou para a mãe e disse:

– Estranho, minha mãe… eu pressentia que alguma coisa iria acontecer com meu pai, nesses últimos dias ele estava tão feliz… ah, justo agora que as coisas em nossa família caminhavam tão bem!

Ao dizer essas palavras ela se pôs a chorar. Isabel, por sua vez, evitava olhar nos olhos daqueles que realmente amavam Manoel; e sempre que estava com dona Isaltina – a qual, com um lenço e uma medalha de Nossa Senhora de Fátima, ora chorava ora rezava –, o seu juiz interior a culpava por aquela triste situação.

João Felipe, que havia pegado um carro da oficina, e estava sujo, voltou para casa para tomar banho e trocar de roupas.

Seu Benedito manteve a calma todo o tempo, pois evitava ficar ao lado da esposa; andava de um lado a outro à espera de receber alguma notícia, e sempre que alguém passava no corredor ele ficava atento às novidades.

Dr. Cavalcanti, no dia seguinte ao atentado, não abriu o escritório; desse modo, vários colegas de trabalho de Manoel foram até o hospital em busca de informação.

Assim as horas foram se passando, e o desespero de todos também.

Após balear Manoel, Hamilton voltou para casa e escondeu a moto. Ele havia tirado a placa para dificultar a investigação da polícia.

Ao chegar em casa, tirou o revólver do bolso e colocou-o no fundo falso de uma mala. Depois de um banho demorado, começou a pensar no momento que recebesse o dinheiro. Acreditava que sua vida iria voltar a ser folgada financeiramente, e ele poderia gozar de boa vida. Deitou-se em sua cama e ficou pensando no que havia feito.

“Agora não dá para voltar atrás! O que está feito, está feito! Tomara que ele tenha morrido, pois logo pagarei o dinheiro que aquele otário guardou, e arranjarei minha vida de uma vez. Afinal, quando Catatau perceber que sou responsável e passar a ter confiança em mim, não irá exigir que eu compre a mercadoria à vista.”

Logo se lembrou que poderia continuar desfrutando da intimidade de Isabel, sem problema, já que ela seria viúva. Com esses pensamentos, Hamilton começou a gargalhar sinistramente.

27

O corpo físico em seus momentos finais

Dr. Dorival, sabendo que o caso de Manoel era muito delicado, pediu para que a enfermagem da UTI observasse seus sinais vitais de quinze em quinze minutos, pois ele estava entubado, e embora seu coração fosse forte, o médico sabia que ele não era invencível.

Sendo assim, o médico chamou os amigos e familiares para falar sobre o quadro de Manoel. Foi dr. Cavalcanti quem tomou a liderança e novamente se pôs a fazer as perguntas:

– Dr. Dorival, por favor, pedimos por gentileza que não nos esconda nada. Como está Manoel?

O médico, mexendo a aliança na mão esquerda, fixou seu olhar na mãe do rapaz e disse com uma voz compungida:

– Bem, não é do meu feitio esconder da família o quadro clínico de paciente algum. Como já lhes havia dito antes, o caso de Manoel é gravíssimo; as balas foram retiradas, e tivemos de fazer uma laparoscopia de emergência. A retirada foi um verdadeiro sucesso, mas infelizmente o paciente apresenta um quadro preocupante. Há mais de meia hora está apresentando febre, que é uma resposta inflamatória, ou seja, um alarme de infecção. Estamos preocupados com isso no momento, pois os ferimentos foram extensos e de grandes proporções. Ele continua sedado, e vamos deixá-lo assim, para que não sinta o mal-estar da febre. Já entramos com antibiótico, portanto somente podemos dizer no momento que tudo vai depender de como ele reagirá diante desse quadro que se iniciou.

– Mas ele pode morrer, doutor? – perguntou Isaltina, aflita.

– Não vou enganá-los e dizer que está tudo bem, porque não está: ele realmente corre risco de morte. No entanto, não vamos pensar no pior e sim no melhor; se vocês acreditam em Deus, façam suas orações, pois o que podemos fazer estamos fazendo, e tenho certeza de que Deus se encarregará do resto.

Dona Isaltina, não acreditando no que ouvia, não resistiu e desmaiou. Foi conselho do médico que ela se mantivesse esperando por notícias em sua casa.

Isabel estava inconformada, e ao mesmo tempo sentia um ódio mortal por Hamilton, pois ela havia pedido para ele não fazer aquilo. E se alguém descobrisse que ela estava envolvida, a apedrejariam sem piedade.

Depois dessa conversa com o médico, dr. Cavalcanti se aproximou de Ana Maria, sua esposa, dizendo:

– Querida, acho que não temos muito que fazer aqui. Talvez possamos ajudá-lo colocando o nome dele no livro de oração da Casa Espírita, pois tenho certeza que enquanto os médicos se mostram desanimados, Deus não está!

Ana Maria, ouvindo aquela frase do marido, respondeu:

– Bem, o que devemos entender, Mário, é que para tudo há uma explicação plausível. Se isso aconteceu com Manoel, é porque talvez esteja saldando alguma dívida do passado; sendo assim, o que podemos fazer é pedir para Deus dar-lhe força em momentos tão difíceis. E nunca se esqueça, meu querido: não cai uma folha de uma árvore se Deus não permitir! Talvez não entendamos o porquê das coisas, mas se Deus permitiu é porque sabe o que é melhor para cada um de nós.

Cavalcanti se aproximou da esposa e abraçou-a delicadamente, ele reconheceu a veracidade de todas as palavras que a esposa lhe havia dito.

Já fazia uma semana que Manoel se debatia entre a vida e a morte naquela UTI fria e gélida. Aos poucos, toda aquela comoção do início cedeu lugar a uma espera, e a cada gotejar do soro que penetrava as veias de Manoel parecia que a morte se aproximava.

Os colegas de escritório voltaram ao seu ritmo normal. No hospital ficaram apenas Isabel e os pais de Manoel, que se revezavam, à espera de

notícias dele, que dia a dia definhava na UTI.

Isabel, desde que seu esposo fora baleado, voltara para casa poucas vezes, e ao lembrar-se de Hamilton sentia seu ódio por ele aumentar.

As entidades que estavam sempre ao lado de Isabel ficaram ao longe, observando o triste espetáculo do arrependimento sincero daquela mulher.

Isaltina, a mãe, já não tinha mais lágrimas, parecia que haviam secado naquele espasmo de dor e sofrimento. Tanto Isabel quanto os pais de Manoel já não se alimentavam bem há dias, e as olheiras eram visíveis naqueles rostos marcados pelo sofrimento.

Isaltina por várias vezes olhou Isabel recostada à parede e pensou:

"Como fui injusta com ela! Jamais imaginei que ela gostasse tanto de meu filho." Porém, ela não sabia que na verdade o remorso estava a ferir a consciência daquela que era considerada a esposa perfeita.

Sempre que Isaltina se aproximava da nora e tentava lhe consolar, Isabel arranjava uma maneira de se esquivar, pois o remorso a impedia de ficar muito tempo perto da mãe de Manoel.

Seu Benedito, que já era de pouco falar, caiu em um mutismo desesperador com o estado do filho, que lutava contra a morte na UTI; o homem não falava nem mesmo com a esposa.

Janaína ficava em casa, cuidando dos afazeres e dando as últimas notícias do pai aos vizinhos, que estavam sempre querendo saber; afinal, ao contrário de Isabel, Manoel era querido pela vizinhança.

João Felipe, logo nos primeiros dias, passava a noite no hospital, mas foi dona Isaltina quem disse:

– Meu filho, volte para casa. Sempre que tivermos notícias ligarei na casa de dona Edna para avisá-lo, pois você tem de trabalhar e estudar.

O rapaz queria ficar no hospital, mas só obedeceu quando o avô, concordando com a esposa, mandou que ele retornasse a sua cidade e cuidasse da vida.

Sendo assim, sempre que tinham notícias – que, diga-se de passagem, não eram as melhores –, dona Isaltina ligava na casa de dona Edna e pedia para que ela desse a informação aos netos.

Isabel não gostava de saber que estranhos estavam informados do estado de Manoel, mas como se sentia culpada por aquela situação, nada dizia.

Dr. Cavalcanti saía todos os dias do escritório e rumava para o hospital na cidade vizinha, pois toda aquela situação o deixara demasiadamente

agastado.

As horas passavam lentamente para aquelas três almas que se encontravam desesperadas, até que em uma fatídica quinta-feira o médico, dr. Dorival, chamou os familiares em seu consultório e disse:

– O que tenho a lhes dizer não é muito agradável. Manoel teve uma complicação devido à febre incontrolável; tentamos administrar diversos antibióticos, mas até agora nenhum deles apresentou o resultado esperado. Já havíamos tirado o sedativo, para que ele recobrasse a consciência, mas percebemos que ele não voltou. Chamei dr. Victor Dean, um dos maiores neurocirurgiões que temos, e foi constatada a morte cerebral.

Ao dizer essas palavras, o médico, que mexia na aliança sem parar, baixou o olhar e prosseguiu:

– Lamento! Fizemos tudo o que podíamos. Ele ainda está respirando, pois é um homem jovem e forte; tem um coração muito bom, mas clinicamente ele já está morto!

Isaltina, ao ouvir aquelas palavras, desmaiou. Seu Benedito correu, juntamente com o médico, para acudir a pobre mulher. Isabel estava perplexa, pois jamais imaginara ouvir aquilo; em seu íntimo, conservava a esperança de que o marido saísse daquela situação.

Chorando copiosamente, se refez para avisar o dr. Cavalcanti e pedir-lhe que fosse ao hospital conversar melhor com o médico.

Dr. Cavalcanti, embora leigo no assunto, compreendeu, pelas palavras de Isabel, que nada mais poderia ser feito por Manoel. Assim que desligou o telefone, tratou de ligar para a esposa e pediu gentilmente que ela estivesse pronta, pois em quinze minutos passaria para pegá-la para juntos irem ao hospital.

Ana Maria, ao saber do ocorrido, obedeceu ao marido, e no tempo determinado por ele, já estava pronta e esperando o marido chegar, pois sabia que seu dever cristão a impelia a ajudar aquela família visivelmente marcada pelo sofrimento.

Manoel ouviu quando o dr. Victor Dean disse a Dorival:

– É uma pena, um homem tão forte e cheio de vida terminar assim… seu cérebro está morto! Agora é questão de horas! Não sabemos quanto tempo

seu coração vai aguentar, mas que Deus tenha piedade dele!

Ao dizer isso, deu-lhe um tapinha no rosto, como a se lamentar pela passagem daquele homem jovem.

Manoel, embora tentasse articular palavras, sentia que seus músculos faciais não obedeciam, e desesperadamente tentou gritar:

– O que querem dizer com isso? Eu não estou morto! Estou vivo! Por favor, me examinem melhor, não me enterrem vivo!

Mas embora seu espírito estivesse consciente, seu corpo já não respondia a estímulo algum. Desesperado, ficou ali a se debater com aquela situação, que para ele parecia um terrível pesadelo. Seus olhos semiabertos viram a face do médico, que se mostrava impotente diante da morte.

Manoel ficou a dizer para si mesmo:

"Isso não pode estar acontecendo comigo… se eu não fizer nada, serei enterrado vivo, e aí sim estarei morto!"

As horas de angústia continuavam para Manoel, que viu quando uma enfermeira deu ao médico gaze para ele embeber em soro fisiológico e colocar em seus olhos.

Enquanto os médicos davam por encerrada a tarefa junto a Manoel, este lutava contra o desespero, e para a acalmar a si próprio, dizia:

– Calma, Manoel! Daqui a pouco esses médicos verão que se enganaram e o ajudarão a sair desse pesadelo!

Manoel, como não podia ver os movimentos da enfermagem, apenas ouvia os passos e as conversas na UTI. Depois de algum tempo, ele ouviu um enfermeiro dizer:

– Seu coração parou! Temos de avisar o dr. Dorival.

Manoel acreditava que o tempo havia parado, pois aquilo não passava de um terrível pesadelo, do qual iria acordar. Ele percebeu quando o enfermeiro tirou-lhe a gaze que cobria seus olhos e finalmente enxergou o teto branco da UTI.

Sentiu quando dois homens o colocaram em uma padiola e o levaram para uma sala em que havia uma mesa de mármore, onde o colocaram. Desesperado, Manoel começou a gritar:

– Me tirem daqui! Eu não estou morto! Chamem esses médicos incompetentes!

Mas o pobre Manoel ouviu apenas a padiola se afastar. Os dois enfermeiros que conversavam animadamente sobre o futebol que passara na

televisão saíram daquela sala e fecharam a porta atrás de si.

Embora Manoel estivesse naquele estado, por nenhum momento se lembrou do pouco que havia aprendido sobre a vida após a morte do corpo físico, na Casa Espírita.

Seu desespero estava apenas começando quando ele sentiu fortes dores abdominais e desmaiou.

Dr. Cavalcanti e Ana Maria já se encontravam no hospital quando dr. Dorival novamente chamou todos e deu-lhes o comunicado de que Manoel havia oficialmente atestado óbito.

Dr. Cavalcanti e Ana Maria ficaram parados, enquanto Isabel, pela primeira vez, mostrava-se desesperada e chorava de soluçar. O médico imediatamente lhe aplicou um tranquilizante.

Isaltina e Benedito passaram mal, mas mantiveram a calma, pois na parte da manhã o médico já lhes avisara sobre a morte cerebral do paciente.

Mário Cavalcanti andava de um lado para o outro, procurando acordar daquele terrível pesadelo, e ficava a se lembrar da ocasião em que Manoel, ainda jovenzinho, fora lhe pedir trabalho no escritório como *office boy*.

"Doutor, faço o que o senhor quiser, lhe peço somente que me permita continuar estudando, pois minha mãe disse que, se o trabalho atrapalhar meus estudos, vou ter de parar…"

E com esses pensamentos, Cavalcanti não conseguiu controlar as lágrimas que insistiam em cair.

A única pessoa que realmente manteve a serenidade naquela ocasião foi Ana Maria, que ora ficava ao lado do marido, ora ao lado dos pais de Manoel, emanando amor e luz, para que eles pudessem enfrentar aquele momento difícil de suas vidas.

Ana Maria sabia que a afeição do marido por Manoel era sincera, desse modo se sentiu fragilizada ao ver o sofrimento de Cavalcanti, que não havia apenas perdido um funcionário exemplar, mas também um filho, o filho que ela nunca pudera lhe dar.

Foi dr. Cavalcanti quem cuidou do funeral, já que os pais e a esposa de Manoel não tinham condições para fazê-lo.

Cavalcanti foi à casa funerária e comprou o caixão, juntamente com todos os aparatos necessários. Sabia que o caixão mais luxuoso seria em vão, pois seu corpo iria se desfazer, assim, não escolheu nem o mais caro, nem o mais barato.

Manoel acordou novamente e pensou que havia tido um terrível pesadelo, mas para sua surpresa sentiu um forte cheiro de flores que o sufocava.

Embora seus olhos permanecessem semiabertos, ele se deu conta de que aquele pesadelo era infindável, pois sabia que já estava em um caixão, cuja tampa estava fechada. Sentiu um terrível mal-estar, mas desta vez não desmaiou.

Seu caixão foi encaminhado para um local que logo identificou ser a sala de sua casa.

Viu quando João Felipe, chorando, lhe disse:

– O senhor foi o melhor pai que alguém podia ter! Eu te amo!

Nesse momento, tocado pelo desespero, Manoel gritou:

– Meu filho, se você me ama como diz, não deixe que me enterrem vivo!

E viu quando João Felipe tocou em sua mão sobre o peito, e saiu lentamente.

Manoel viu também o rosto do dr. Cavalcanti que, já vermelho de chorar, disse a uma pessoa logo ao pé do caixão.

– Sempre foi um homem responsável! Aliás, meu braço direito no escritório!

Manoel, ainda em desespero, não disse nada. Ficou observando e ouvindo os gritos e gemidos da mãe, e o olhar pungente do pai. No entanto, quem realmente lhe chamou a atenção foi dona Ana Maria, por quem ele sempre tivera uma afeição especial. Ela se aproximou e fez uma prece, com a mão repousada sobre a sua.

Foi nesse momento que Manoel sentiu ser puxado para fora do corpo. Olhando para todos, não resistiu à emoção e desmaiou, sem se dar conta de que seu corpo estava logo atrás.

Manoel acordou e encontrou dona Judite, uma vizinha, varrendo a sala em silêncio. Não viu nem Isabel nem os filhos, e foi então que lembrou não ter visto Isabel em nenhum momento.

Manoel a custo levantou-se do chão e sentou-se no sofá, e observou dona Judite dizer a dona Genoveva:

– Olha, dona Genoveva, eu só faço isso por causa do falecido! Porque se fosse pela esposa eu nem estaria aqui! Ele sempre foi muito bom, ajudava a nossa família sempre que podia. Certamente fará muita falta aqui no bairro!

Manoel ergueu a mão e disse:

– Dona Judite, por favor, me ajude a ir para a cama, estou sentindo dores e começando a sangrar!

Mas logo percebeu que nenhuma das duas mulheres parecia ouvi-lo. Ele finalmente se ajeitou no sofá e ficou ali, esperando que Isabel voltasse. Depois de um tempo, Manoel percebeu que a casa estava vazia; sentiu-se triste e abandonado.

Ele não se deu conta de quanto tempo passara deitado no hospital quando ouviu a porta da sala se abrir, e foi com alegria que viu Isabel. Não deixou de notar que a esposa havia emagrecido a olhos vistos, mesmo assim ficou feliz em vê-la.

Viu também Janaína, que, aproximando-se da mãe, disse:

– Mãe, o que faremos agora que nosso pai foi embora?

– Continuaremos vivendo, minha filha! Continuaremos vivendo…

João Felipe entrou, mas não disse nenhuma palavra. Seguiu para seu quarto, pois era a parte preferida da casa para ele.

Manoel, sorrindo, disse para as duas que estavam visivelmente abatidas:

– Meninas! Estou aqui! Preciso de ajuda!

Mas tanto mãe quanto filha rodopiaram no calcanhar e foram em direção à cozinha. Ele, não entendendo, tratou de se ajeitar novamente no sofá e ficar quieto, uma vez que quase fora enterrado “vivo”, segundo pensava.

28

Dívida dolorosa

Isabel estava cansada, a morte de Manoel a deixara ainda pior, pois ela ficava horas e horas a pensar em Hamilton. Dr. Cavalcanti, por sua vez, pagou todos os direitos trabalhistas à viúva, o que a deixou em uma situação financeira confortável.

Isabel não estava querendo cumprir o trato com Hamilton, afinal ela havia pedido para que não fizesse tal coisa. Após a morte de Manoel, decidiu que não queria mais ver Hamilton. Certa noite, contudo, ele bateu na porta de Isabel e disse:

– Precisamos conversar! Você está me devendo aquele dinheiro, e preciso muito, quero receber o quanto antes!

– Eu não estou te devendo nada! Você fez aquilo sem meu consentimento! Portanto, vire-se!

Hamilton, sorrindo sinistramente, apenas disse:

– Saiba que bastará uma simples conversinha com o delegado e você estará encrencada! Eu não tenho medo de ser preso, e você?

Ao dizer essa palavra, Hamilton passou a sorrir a ponto de quase gargalhar. Isabel, percebendo que estava em sua mãos, disse:

– Irei ao banco amanhã e lhe entregarei, mas depois disso peço que suma da minha vida de uma vez por todas!

– De maneira alguma, lindinha! Continuaremos a nos encontrar, afinal você é a mulher de que preciso a meu lado!

Isabel pela primeira vez percebeu que estava em maus lençóis, e, virando rapidamente os calcanhares, voltou para o interior da casa.

No dia seguinte, fez o que Hamilton queria: sacou todo o dinheiro da caderneta de poupança e entregou a ele. Mas este, sentindo que poderia tirar

mais vantagens da situação, insistiu em manter o relacionamento com ela.

Isabel, embora sentisse que ainda amava Hamilton, percebeu que não poderia ficar com ele, afinal, ele era mais perigoso do que ela poderia julgar que fosse.

Com o dinheiro em mãos, Hamilton comprou as mercadorias e passou a vendê-las, de modo que logo voltou a ter muito dinheiro, gastando-o desmedidamente com carros, roupas e mulheres. Isabel ficou sabendo que ele se divertia com outras mulheres e sentia ciúmes, mas procurava se calar, pois ele mostrou em pouco tempo um lado de sua personalidade que ela desconhecia.

Hamilton era violento e várias vezes chegou a bater em Isabel, porém, nem assim ela conseguiu se livrar daquele amor bandido. Ele se aproveitava dela de todas as maneiras, e Isabel, movida pela paixão e pelo medo deles, entregou todo o dinheiro que havia recebido do tempo de serviço do marido.

Certa manhã, estando em casa, Isabel recebeu uma visita inusitada; um homem bem apessoado, sorrindo, se apresentou:

– Bom dia! Chamo-me Jorge Mello, e sou investigador de polícia.

Isabel, ao ouvir aquelas palavras, sentiu suas mãos gelarem. Procurando manter a calma, disse:

– Bom dia! Em que posso ajudá-lo?

O homem, que era um bom observador, percebeu que a mulher se perturbara com sua visita; mas disse gentilmente:

– Por favor, gostaria de lhe fazer algumas perguntas sobre o assassinato de seu marido.

Isabel pediu para que o homem entrasse. Estando confortavelmente sentado em sua sala, começou a fazer perguntas, e ela contou tudo o que havia acontecido no dia dos acontecimentos trágicos.

Jorge, prestando atenção em todos os detalhes, perguntou:

– A senhora poderia me dizer se seu marido tinha algum inimigo?

– Que eu saiba não! – respondeu ela.

– A senhora vivia bem com seu marido?

– Bem, vivíamos bem na medida do possível, afinal, qual casal não passa por problemas, não é verdade? Conosco não era diferente.

Jorge, apesar de perceber que havia algo estranho, não conseguia identificar o quê; sendo assim, logo se despediu. Ao chegar à viatura da polícia estacionada no começo da rua, ele disse a si mesmo:

“Não sei, não… Percebo cheiro de podridão no ar…”

E procurando saber do que se tratava, Jorge pensava e pensava, mas não conseguia chegar a conclusão alguma. Ele interrogou os vizinhos, levantou suspeitos, inclusive de trabalho, mas não conseguiu chegar a conclusão alguma sobre o caso. Dessa forma, arquivou o caso como insolúvel.

Já havia passado um ano depois de o investigador Jorge ter encerrado o caso, e Isabel já não temia o fato de ir parar na prisão. Porém, ela sabia que a prisão em que se envolvera era duas vezes pior que a prisão comum em uma penitenciária, pois estava à mercê de Hamilton, que insistia em morar com ela.

João Felipe, após a morte do pai, foi morar definitivamente com os avós. Janaína conheceu um rapaz que a engravidou, e foi morar com ele em uma cidade vizinha.

Dona Isaltina, depois que Manoel morrera, sentiu-se adoentada, e seu Benedito, o pai, havia envelhecido dez anos desde a morte de seu único filho varão.

Isabel sentia-se sozinha, mas não queria de maneira alguma morar com Hamilton, todas as vezes que ele aparecia em sua casa a humilhava e batia nela incessantemente.

Hamilton, desde que trabalhara no supermercado do seu Elias, nunca mais teve a carteira registrada; fazia pequenos trabalhos somente para não dar o que falar sobre como arranjava dinheiro, mas seu padrão de vida era alto para uma pessoa que quase não trabalhava.

Depois de seu desenlace, Manoel continuou em sua casa; havia perdido a noção do tempo, porém, prestava atenção e via que Isabel já não era mais a mesma: não se arrumava como antes, e seus cabelos estavam branqueando.

Ele se lembrava várias vezes do ocorrido no hospital, e dizia para si mesmo que alguma coisa havia acontecido, pois embora não fizesse nada a ninguém, se sentia abandonado por todos.

Nas poucas vezes em que estivera na casa da mãe, percebeu que ela estava envelhecida e doente, logo se preocupou, pois sua mãe e seu filho eram seu enlevo.

Isabel continuou a se encontrar com Hamilton, afinal ela o amava e sentia por ele um ciúme doentio, que o fazia muitas vezes perder a paciência e espancá-la. Manoel pouco saía de sua antiga residência, ficava todo o tempo observando os movimentos de Isabel.

Via o quanto ela estava abatida, mas Manoel não se sentia à vontade para se aproximar dela e pedir explicações, porque sempre via Jerônimo e seu bando por perto. Ele falava alguma coisa e Manoel sempre percebia que Isabel acabava fazendo. Certo dia, Jerônimo se aproximou dele e disse:

– O que faz aqui? Já não basta o mal que fez a ela? Agora ela tem alguém para protegê-la, de modo que, se eu o pegar por perto, vou lhe dar uma lição que você jamais esquecerá!

Manoel nada dizia, apenas ficava de longe, observando a ex-esposa; sentia falta dos filhos, mas estes não apareciam mais em casa.

Desde que Janaína se juntou ao homem que a engravidou, Manoel a viu somente uma vez. João Felipe raramente aparecia na casa da mãe, e as poucas vezes que compareceu foi tratado com indiferença por ela, que costumeiramente dizia sentir saudade da filha.

O rapaz estava namorando uma moça pela qual se apaixonou perdidamente, e continuou a trabalhar na oficina, agora como mecânico registrado.

Os avós gostavam muito de João Felipe. Dona Isaltina, sempre que se pegava observando as manias do neto, se lembrava do seu único filho que perdera estupidamente a vida; e ainda não se sabia quem havia cometido esse crime nem por quê.

Quanto a Hamilton, agora não trabalhava mais, sua casa se transformou em um ponto onde os jovens desavisados iam comprar drogas, principalmente nos finais de semana. Ele ia várias vezes à casa de Isabel para lhe pedir dinheiro; ele o tomava dela e depois lhe dava surras homéricas.

Manoel não entendia por que Jerônimo dizia que ela estava protegida, afinal ele nunca lhe fizera mal algum, além disso, foi ela quem o traiu. Certa vez, estando Manoel sentado em sua antiga cama de casal, viu quando Isabel entrou ao lado de Hamilton.

Isabel se entregou àquele homem, o que deixou Manoel com muita raiva, nesse momento ele percebeu que, quando algum sentimento negativo tomava conta dele, ele acabava sangrando nos mesmos lugares em que fora ferido, e em seguida sentia uma terrível falta de ar.

Manoel, percebendo que iria desfalecer, saiu imediatamente do quarto, deixando Isabel a sós com aquele homem que ele acreditava não valer nada.

Ao sair do quarto e procurando não pensar no que vira, Manoel finalmente começou a melhorar. Sentado no sofá, viu Isabel sair apenas de camisola, e Hamilton saiu logo atrás, dizendo:

– Isabel! Agora preciso ir embora, já cumpri com minha obrigação e estou precisando de dinheiro!

Inconformada com aquelas palavras, ela disse:

– O quê? Eu te dei todo o dinheiro da pensão que recebi, já não tenho mais nenhum vintém!

– Você está mentindo! Pensa que não sei que só me deu uma parte do dinheiro?

– Hamilton! Estou falando a verdade! Eu não tenho dinheiro!

– Isabel, meu dinheiro acabou e hoje tenho que pagar o Luizão! Não quero saber! Quero dinheiro! – gritou Hamilton nervoso.

Manoel sentiu ódio de Hamilton naquele momento, pois ele jamais falara daquela forma com Isabel, e não iria permitir que alguém o fizesse.

Isabel gritou:

– Escute aqui! Eu não vou deixar de comer para dar dinheiro a um vagabundo como você! Por que não vai trabalhar? Aliás, já faz um bom tempo que você não sabe o que é isso!

Hamilton, tomado de cólera, retrucou:

– Escute aqui você! Saiba que se hoje estou nessa situação a culpa foi sua, pois se eu não tivesse matado o seu marido, tenho certeza que minha vida estaria bem melhor!

Manoel sentiu suas mãos tremerem; ele jamais imaginara que o amante de Isabel o havia ferido mortalmente. Permaneceu em silêncio e continuou a ouvir aquela discussão:

– Você matou Manoel porque quis! Eu disse que não era para fazer aquilo, mas você queria o dinheiro que aquele otário tinha na poupança! Não fez por isso mim, aliás, fez por você mesmo! Não me culpe pelas suas cafajestagens!

Manoel nesse momento lembrou-se de como Isabel havia ido nervosa ao escritório naquele dia, e em como ela se mostrava preocupada. Logo deduziu:

“Miserável! Ela me tirou do escritório mais cedo somente para eu ser ferido pelo seu amante!”

Manoel começou a sentir tudo novamente: as dores, juntamente com a falta de ar. Ele já não sentia mais amor por Isabel, e a partir daquele momento, passou a odiá-la. Lembrou-se de que a polícia já arquivara o caso, classificando-o como sem solução.

Manoel novamente saiu da presença das duas pessoas que tinham tramado contra sua vida, e decidiu se vingar de alguma forma.

Tentou diversas vezes se aproximar de Isabel, mas sem sucesso, pois os homens de Jerônimo estavam feito cães de guarda; ele foi várias vezes enxotado do campo vibratório de Isabel. Sendo assim, ele decidiu que, já que não poderia se aproximar de Isabel, se aproximaria de Hamilton.

Numa noite em que Hamilton fora ter com Isabel, Manoel o seguiu, e, entrando em seu carro, foi até a casa daquele homem que o matou com frieza por causa do dinheiro que ele sofregamente juntou para eventuais emergências. Ele soube também que Isabel vendeu o seu carro e todo o dinheiro ficou com o amante.

Ao chegarem à casa de Hamilton, Manoel sentiu náusea, pois a casa era uma verdadeira pocilga; ele não se importava em mandar que ninguém a limpasse. Havia também seres desencarnados, que lhe faziam companhia.

No início, Manoel sentiu medo daquelas criaturas horrorosas que lá se encontravam, e percebeu que todos eram dependentes de drogas.

Manoel a princípio nada fez, apenas acompanhava Hamilton em todos os lugares que ele ia. Começou a se inteirar sobre o que ele realmente fazia. Viu que Hamilton não era homem de uma única mulher, pois sempre apareciam em sua casa mulheres diferentes, que se entregavam por uma quantia irrisória de cocaína, somente para manter o vício.

Os traficantes que vendiam a mercadoria para Hamilton não gostavam dele como pessoa, o tratavam bem apenas porque era bom pagador.

Certa noite, Hamilton procurou o traficante Luciano, que tinha o apelido de “Lua”, este lhe vendeu oitocentos gramas de cocaína, e permitiu que lhe pagasse em cinco dias.

Dos que passavam drogas, Hamilton era o que vendia mais caro, pois ele não tinha piedade dos viciados; e quando estes ainda eram menores de idade, ele mandava que se pagassem com serviços, por exemplo, levar drogas para os clientes mais importantes.

Manoel odiava Hamilton e Isabel, e estava arquitetando um plano somente para os dois pagarem pela morte que carregavam em suas consciências.

Ele decidiu que precisaria arranjar um jeito de fazer com que Hamilton não pagasse o fornecedor de drogas, mas logo desistiu, pois se isso acontecesse o traficante Lua acabaria por matá-lo; e de nada resolveria, pois Isabel ficaria livre dele de uma vez por todas.

Sendo assim, Manoel sentou-se na cama suja de Hamilton e ficou a pensar em como agir, para os dois pagarem pelo mal que lhe haviam feito.

Hamilton, apesar de não se preocupar com a limpeza da casa, preocupava-se muito com as suas roupas; ele pagava dona Celestina, a lavadeira, para lavar e passar para ele.

Certo dia, enquanto Hamilton juntava suas roupas para lavar, ouviu uma batida na porta. Foi atender, e viu que se tratava de Djalma, mais conhecido entre os traficantes como “Boca Santa”.

Hamilton, ao ver que “Boca” trabalhava para o Lua, imaginou de que se tratava e, sendo assim, mandou que ele entrasse.

Djalma era conhecido como Boca Santa porque tinha uma grande boca, que quando sorria ficava ainda maior. Era um rapaz com vinte e dois anos, e há dois anos trabalhava para o Lua como cobrador de dívidas pendentes. Djalma, apesar de ter cara de bonzinho, era um elemento de má índole, que já havia matado várias pessoas por ficarem devendo ao Lua. Apesar de jovem, era muito forte, fazendo com que todos o temessem.

Boca Santa era temido pela violência com que tratava os maus pagadores, pois costumeiramente fazia suas barbaridades deixando evidências de que fora ele o responsável pelo assassinato.

Certa vez, boca foi fazer uma cobrança a um viciado, e este, como era mau pagador, disse:

– O cãozinho vira-latas do Lua! Eu não estou devendo nada a ele e nem a você!

Djalma apontou uma arma para o rapaz e ordenou que ele entrasse no carro. Ao perceber que estava em maus lençóis, implorou para que não se fizesse nada com ele, mas Djalma, sorrindo, apenas disse:

– Não se preocupe! Vamos fazer um lindo passeio, em que você terá lindos sonhos!

O rapaz pensou em muitas maneiras de se livrar daquela situação, mas sem sucesso. Djalma o levou a um lugar ermo, deu-lhe uma surra e depois mandou que ele colocasse a língua para fora. O rapaz, já todo ferido pela surra, obedeceu, foi então que Boca Santa cortou um pedaço de sua língua. Ao ver que o rapaz sangrava muito, Djalma lhe deu alguns tiros na cabeça e jogou a sua língua ao lado, somente para saberem quem havia feito o serviço.

Lua, o traficante, apesar de se sentir protegido por Djalma, também tinha medo, pois muitas vezes não concordava com seu jeito violento. Todos na vizinhança sabiam quando ele era o autor do crime, mas ninguém ousava delatá-lo à polícia, pois sabiam também o quanto ele era vingativo.

Hamilton sabia de todos os crimes de Djalma, e sendo assim, o tratou com muito respeito.

Djalma disse:

– Hamilton, o Lua precisa daquele dinheiro que você lhe deve, pois, segundo ele, já deu tempo para você ter vendido as mercadorias levantado a quantia.

Hamilton na verdade estava com uma parte do dinheiro, a outra ainda era em mercadoria.

Com esses pensamentos disse:

– Boca! Diga ao Lua que eu só tenho uma parte do dinheiro, e que o restante eu levarei para ele segunda-feira.

– Sinto muito, Hamilton, Lua mandou que eu levasse todo o dinheiro, sem faltar nenhum centavo!

Hamilton nesse momento passou do rubor à palidez, e gaguejando tentou explicar:

– Boca… Eu não estou mentindo! Olha aqui, tenho trezentos e setenta pacotinhos comigo, de modo que ainda preciso levantar esse dinheiro.

Djalma, não se incomodando com a sujeira da casa de Hamilton, sentou-se e disse:

– Ou tudo ou nada! Essa é a ordem que recebi!

Hamilton sabia que precisava raciocinar rápido, pois Djalma não pensava duas vezes para matar um ser humano, e sempre o fazia com requintes de crueldade. Ele pegou um maço de dinheiro que havia em uma mochila e mostrou a Djalma que ele realmente não tinha todo o dinheiro. Foi então que Hamilton disse:

– Boca, vamos ao ponto de Lua, preciso falar com ele!

Djalma apenas disse:

– Se quer falar com Lua realmente podemos ir, mas já lhe aviso que ele não vai gostar de saber que você fez corpo mole e não levantou todo o dinheiro que ele precisa.

Hamilton nesse momento trocou de camisa e saiu em companhia de Djalma, afinal ele não iria morrer, já que boa parte do dinheiro estava em seu poder. Ele mandou que Boca entrasse em seu carro, e juntos partiram para um bairro afastado da cidade. Chegando lá, encontraram Lua contando dinheiro.

Hamilton, em tom humilde, disse:

– Lua, o que tenho para lhe dar são apenas trezentos e cinco mil cruzeiros, o restante eu poderei dar a você assim que terminar de vender a mercadoria. Como sabe, dinheiro está difícil, e os rapazes já não conseguem roubar nada para sustentar o vício.

– Mas cadê o dinheiro? Preciso de um milhão e meio para hoje à meia-noite, e isso não serve para nada!

– Se você quiser, poderei te devolver o restante da mercadoria!

– Você é um otário mesmo, não é? De que me serve a mercadoria se eu preciso de nota sobre nota? Olha aqui! Eu não mando o Boca dar um jeito em você agora mesmo porque sempre foi bacana comigo! Mas saiba que te dou até amanhã para me trazer mais trezentos mil, senão…

Ao dizer isso, Lua fez, com o dedão, o gesto que significa passar uma faca no pescoço. Hamilton ficou desesperado, pois sabia que Lua não tinha piedade de ninguém. Sendo assim, saiu da presença de Luciano, vulgo Lua, e logo se viu na estrada.

À medida que se afastava daquele antro, a cabeça de Hamilton fervilhava; pois onde poderia encontrar trezentos mil para Lua? Ao chegar à

cidade, ele foi a uma loja de automóveis tentar vender seu carro, mas o que lhe ofereceram não foi muito.

Hamilton finalmente lembrou-se de Isabel e decidiu que se vendesse o carro e juntasse o dinheiro dessa venda ao salário da pensão dela teria a quantia desejada. Então, naquela mesma tarde ele voltou para casa a pé; somente à noite foi até a casa de Isabel e contou a sua situação com o traficante Lua.

Isabel havia recebido a pensão de Manoel naquele dia, e sabendo que as pessoas com quem Hamilton se envolvia realmente eram assassinos, não exitou em dar-lhe todo o seu pagamento.

Manoel assistia a tudo encolerizado, pois o fruto de seu trabalho estava sendo usado para pagar dívida de drogas. Ele não teve dúvidas: os dois precisariam pagar por tudo o que lhe haviam feito. Primeiro por terem-lhe tirado a vida e, segundo, por abusarem do dinheiro que ele julgava ser de seus filhos.

Manoel pensou muito, e finalmente decidiu:

“Preciso arranjar uma forma de fazer com que aquele sujeito, o investigador de polícia, descubra sobre as tramoias de Hamilton.”

Foi com esse pensamento que finalmente Manoel teve ideias que poderiam levar Hamilton e Isabel para trás das grades. Mas como ele vivia a dizer para si mesmo:

“Calma, Manoel, a vingança é um prato que se come vagarosamente… esses dois vão me pagar por tudo o que me fizeram!”

Hamilton daquela vez conseguiu se livrar do problema, mas nem por isso melhorou o trato com Isabel. Como era um pouco mais velha que ele, e já não estava tão bonita quanto antes, Hamilton vivia a chamá-la de velha.

Isabel sofria com as ofensas de Hamilton, mas era só ele precisar de alguma coisa que dava nela alguns beijos, e ela se deixava enredar pelas doces palavras daquele que a tornara cúmplice de assassinato.

Manoel percebeu que com o passar do tempo o bando de Jerônimo sumiu de sua antiga residência; sendo assim, ele passou a observar ainda mais Isabel.

Descobriu por si só que poderia influenciá-la de alguma forma, pois passou a dizer no ouvido de Isabel que Hamilton era um cafajeste; e ela começou a evitar contatos íntimos com ele.

Depois dessa fase, finalmente Manoel começou a influenciar Hamilton a guardar drogas na casa de Isabel. A princípio, ele, envolvido com seus problemas pessoais, não ouviu as palavras de Manoel, o qual, porém, começou a ir à delegacia e ficar ao lado de Jorge, e a intuí-lo sobre o tráfico de drogas em um bairro afastado da cidade.

Jorge era um bom investigador, mas tinha um grave defeito: começava suas investigações a toda velocidade, mas com o tempo, não tendo resultados, induzia o delegado da cidade a arquivar os processos.

Dr. Gildemar, delegado da cidade, ouvia tudo o que Jorge dizia e sempre acabava fazendo o que ele queria. Ao que perceber que Jorge não era constante em suas investigações, Manoel procurou outro investigador, mas descobriu que na pequena cidade ele era o único, de modo que não podia escolher, dessa forma, ajudou Jorge a manter a constância no trabalho.

Manoel sabia que Lua pegava a mercadoria de um traficante da capital, e que este vivia a ameaçá-lo pelo atraso do pagamento. A cada nova informação ele vibrava de contentamento; sendo assim, passou a ficar a maior parte do tempo com Jorge.

Isabel não aguentava mais aquela vida, pois vivia na mais completa solidão, e o homem que julgou amar sempre estava envolvido com alguma mulher.

Isabel brigava com ele e sempre apanhava pelas crises de ciúmes, além disso, Hamilton insistia em chamá-la de velha.

Certa noite, ao chegar na casa de Isabel completamente bêbado, ele pediu:

– Isabel! Estou morrendo de fome, me dê algo para comer!

Zangada, a mulher respondeu:

– Por que não pediu para uma das suas vagabundas dar-lhe algo para comer? Saiba que não sou sua empregada. Se quiser poderá dormir aqui, mas ficará na sala.

Hamilton, tomado de cólera, avançou sobre Isabel e a espancou sem compaixão; só parou quando viu que a mulher estava toda ensanguentada.

Hamilton, cansado de bater, puxou-a pelos cabelos e disse:

– Lugar de velhas como você é em frente ao fogão! Faça alguma coisa para comer, se não quiser apanhar mais!

Isabel, temendo ser espancada ainda mais por Hamilton, obedeceu, e serviu o jantar que fez às pressas para ele.

Hamilton comeu, e depois, deitando-se no chão da sala, dormiu como se nada tivesse acontecido.

Manoel assistia satisfeito a cena; e com alegria lhe disse:

– Isso é o que você merece sua meretriz! Sempre fui um bom marido e você o que fez, tramou minha morte com esse vagabundo que vive às suas custas… você vai apanhar ainda mais! – E dizendo isso, Manoel ria sem parar.

Isabel já não era nem sombra da mulher de outrora; estava oito quilos mais magra, e as rugas já lhe apareciam na face. Ao se deitar, passou a se lembrar de seu casamento e dos filhos. Ela chorava ao lembrar-se de que Manoel fazia tudo para agradá-la, e João Felipe, embora sendo completamente desprezado por ela, se preocupava com seu bem-estar.

E à medida que as lembranças fluíam em sua memória, assim como água nas corredeiras, Isabel chorava ainda mais. E pensava:

“Devia saber que Hamilton nunca prestara, pois se prestasse não ficaria a me assediar no supermercado. Embora eu não vivesse bem com Manoel, ele sempre se mostrou atencioso comigo e com os filhos. E olha no que me meti, com um homem sem escrúpulos, que acabou com minha família. Eu não fiz nenhum esforço para gostar de Manoel, que além de bonito era boa pessoa. Como sou infeliz…”

Manoel, ao ver Isabel chorando e com o rosto todo machucado, disse:

– Isso é o que você merece, sua ingrata! Maldita! Vou acabar com vocês assim como vocês fizeram comigo.

Isabel, que estava com o corpo todo dolorido, sentia que sua alma também estava ferida pelo remorso. Para Manoel, ver o sofrimento dela era motivo de alegria, e com isso ele deixava as coisas ainda mais difíceis.

No dia seguinte, Hamilton acordou, entrou no quarto de Isabel e a encontrou deitada de lado. Logo se acomodou a seu lado e, passando as mãos nas costas da mulher, disse:

– Isabel! Eu não gosto de fazer isso com você, mas por que não preparou o jantar sem reclamar? Certamente isso não teria acontecido. Você é uma mulher voluntariosa, e eu sou um homem com sangue nas veias. Não aguento desaforos de ninguém, ainda mais de mulheres. Se você fosse homem, certamente eu já teria acabado com você, assim como fiz com aquele sujeito lá na minha terra.

Isabel acordou com o peso das mãos de Hamilton, mas fingiu dormir, e depois desse dia não teve dúvida de que ele carregava sangue de outro nas mãos.

Já não sentia por Hamilton o mesmo desejo, mas sempre que ele falava-lhe ao ouvido ela acabava por ceder à tentação.

Quando ela se virou com o rosto todo roxo das pancadas, Hamilton percebeu que exagerara, mas procurou não dizer nada sobre o incidente. Porém, sentindo mal-estar ao olhar para Isabel, levantou-se da cama dizendo que iria tomar um banho, já que estava de ressaca.

Isabel percebeu que ele a evitara, e isso a fez se sentir pior do que já se sentia. Lembrou do quanto Manoel a desejava, e chorou mais uma vez, abraçada ao travesseiro.

Manoel, desde que começara a trabalhar em sua vingança, pouco ficava junto a Isabel; ora estava com Hamilton, ora com Jorge, o investigador.

Ele descobriu que Hamilton estava comprando uma alta quantia em mercadoria, e dizia pagar tudo em quinze dias. O rapaz, no entanto, estava com um sério problema, pois era muita mercadoria para deixar em casa, e como os seus colegas de tráfico sabiam que ele costumava deixar drogas em casa, Manoel aproveitou para incutir em Hamilton o medo de ser roubado pelos traficantes ou pelos viciados, que faziam de tudo para obtê-la.

Hamilton ficou a pensar onde guardar parte daquela mercadoria, uma vez que deveria ser um esconderijo seguro. Pensou e pensou, mas o que ele nem imaginava era que o espírito de Manoel estava a seu lado. Sendo assim, decidiu que por enquanto deixaria a droga com Lua.

Foi então que Hamilton disse ao traficante:

– Lua, quando vai chegar minha encomenda?

– Pelo que sei, no próximo final de semana. Mas lembre-se: você terá que se desfazer logo da droga, pois é muito perigoso ficar em seu poder, já que a casa poderá cair a qualquer momento.

Hamilton coçou a cabeça, demonstrando certo nervosismo, e finalmente respondeu:

– É isso que está me preocupando no momento. Veja bem, um quilo e meio de cocaína é muita droga para guardar na minha casa, por isso pensei em deixar uma parte com você, e assim que eu terminar de vender venho buscar a outra parte.

Lua, olhando para Djalma, soltou uma sonora gargalhada e disse:

– Você tá louco? Imagina que eu ficaria com uma quantia dessas aqui no meu ponto! Olha, você fez a encomenda e agora vai ter que se virar, pois eu não vou ficar com isso comigo, não.

– Mas então, como vou fazer? – perguntou Hamilton nervoso.

– Não sei… por que não enterra no meio do mato? Mesmo que a polícia descubra, jamais irá saber que é sua.

– De maneira alguma, já imaginou se pegam o material? Jamais terei como pagar!

– Olha, você pediu e eu encomendei! Onde você vai guardar ou não é um problema seu!

Hamilton olhou para Lua com raiva e disse:

– Está bem! Já que você não quer me ajudar, não posso fazer nada, mas de uma coisa tenha certeza, vou vender essa mercadoria e lucrar muito com isso, se você me ajudasse somente agora, ficaria com uma parte do que eu vendesse.

Lua novamente olhou para Hamilton e disse:

– Você acha que sou bobo, Hamilton? Jamais colocaria meu pescoço a prêmio. E tem mais: cuidado, pois a polícia nunca avisa a hora que vai chegar.

Hamilton percebeu que não tinha como continuar pedindo. Sendo assim, saiu do ponto de Lua, pensando onde poderia guardar a mercadoria com segurança. Ele voltou para casa, estava preocupado.

Ao chegar, foi logo tirando a roupa para tomar um banho, o calor estava terrível. Afinal, estavam em pleno mês de dezembro, o mês do alto verão.

Enquanto se banhava, Hamilton pensou em vários lugares onde poderia guardar.

Pensou na antiga casa que morava, pois tinha amizade com a dona do imóvel, mas logo tirou da cabeça. A cada ideia ia se mostrando ainda mais desanimado.

Manoel, que estava ao lado de Hamilton enquanto ele se enxugava, começou a lhe dizer:

– Por que não guarda na casa de Isabel? Lá é um lugar seguro, ninguém irá descobrir.

Hamilton não ouviu as palavras de Manoel, porém, as teve como ideia própria e, finalmente, disse sorrindo:

– É isso aí! Vou levar mais da metade da mercadoria para a casa de Isabel, lá a polícia jamais irá pegar! Pois ninguém vai desconfiar de uma pobre viúva.

Manoel estava feliz, afinal seu plano de vingança começara a dar os primeiros resultados e Hamilton, sorrindo, pensou em como não teve uma ideia dessas antes.

Depois do banho, foi até a casa de Isabel, a encontrou deitada no sofá, o rosto ainda com hematomas da última surra que levara. Ao ver Hamilton chegar, sentiu um misto de raiva e contentamento, afinal ele nunca ia a sua casa durante o dia.

Hamilton chegou e, enlaçando-a, beijou efusivamente os lábios de Isabel. Ela sabia que, quando ele estava assim todo carinhoso, era porque queria alguma coisa, mas, ignorando o interesse do sujeito, Isabel entregou-se a ele com ardor.

Manoel, ao ver aquela cena, sentiu seu ódio por ela aumentar, de modo que ficou na sala até que o casal aparecesse novamente.

Depois de algum tempo, Isabel foi tomar banho, enquanto Hamilton continuava deitado. Somente após uma hora o casal foi à cozinha para lanchar, já que passava das sete e meia da noite e ambos ainda não haviam comido nada.

Isabel estava feliz! Hamilton há muito tempo não se mostrava tão atencioso com ela. Enquanto comia um lanche e tomava um guaraná, olhou para Isabel e disse:

– “Isa” – era assim que ele a chamava quando estava querendo alguma coisa –, estou precisando de sua ajuda.

Isabel olhava para Hamilton e viu o quanto ele ainda era bonito, apesar de seus trinta e seis anos.

Hamilton continuou:

– O problema é que estou comprando uma grande quantia em mercadoria, mas não tenho onde guardar, peço que me deixe guardar aqui em sua casa.

Isabel sabia que os negócios de Hamilton eram ilegais, porém, nunca se envolvera, mas agora ele estava lhe pedindo para guardar a tal mercadoria em sua casa.

Isabel, agindo com bom senso, disse-lhe:

– Sinto muito, Hamilton, mas eu não quero essas porcarias em minha casa; já imaginou se a polícia vem aqui? Não vai querer saber se é minha ou não; e eu irei parar na prisão!

– Claro que não! Isa, a polícia jamais imaginará que em sua casa haverá uma quantia tão grande de cocaína, mesmo porque você é uma mulher que está acima de qualquer suspeita.

Isabel olhou para Hamilton e disse:

– Me desculpe, Hamilton! Mas isso em minha casa eu não quero! Acho que você encontrará outro local para esconder a sua mercadoria.

Hamilton, mesmo ouvindo um sonoro não de Isabel, não desistiu de tentar persuadi-la; com seu jeito galante, se levantou e, fazendo com que ela se levantasse, puxou-a de encontro a si e a beijou ternamente.

Como Isabel amava a Hamilton, sentia-se confusa, mas foi somente depois de um tempo que finalmente disse:

– Meu amor! Não posso permitir uma coisa dessas aqui em minha casa, me desculpe.

– Por favor, Isabel, se você me ajudar agora eu jamais voltarei a lhe pedir nada; eu juro!

Isabel manteve-se firme em sua posição, e mais uma vez disse não.

Manoel ouvia a conversa e pensou:

“Ela tem de aceitar o apelo de seu amante sem-vergonha; talvez eu tenha que intuí-la a fazer a vontade de seu amante.”

Hamilton, depois da última negativa de Isabel, decidiu que não iria insistir mais, e logo depois de alimentado, saiu da casa dela.

Já passava das vinte e duas horas quando Hamilton finalmente chegou em sua casa, e quem estava a sua espera era o Djalma, mais conhecido por "Boca". Ao vê-lo, Hamilton pensou que alguma coisa havia acontecido.

Hamilton sentiu seu peito oprimir-se e, uma vez estando em frente a Djalma, o dono da casa logo perguntou:

– Boca, o que faz aqui?

– Vim aqui a mando do Lua.

– Mas o que ele quer?

– Deixe-me entrar, precisamos conversar.

E ao dizer isso, Hamilton abriu o portão e mandou que Djalma entrasse; uma vez no interior da casa, Boca foi dizendo:

– Hamilton, os fornecedores do Lua chegaram com a mercadoria, ele está pedindo que você vá até lá retirar a sua encomenda, porque ele disse que não vai ficar com aquela batata quente na mão.

– Mas ele não disse que iria chegar no final da semana?

– Sim! Mas a mercadoria veio do Mato Grosso, pelo jeito eles têm pressa em pegar o dinheiro.

Hamilton sentiu sua raiva subir à face e, recolocando a camisa que havia tirado, disse com a voz alterada:

– Por que o Lua mudou os fornecedores? Ele não me disse nada sobre isso.

– Bem, eu não posso lhe dizer nada, vamos até lá para você poder conversar com ele tranquilamente e colocar as coisas em ordem.

Hamilton fechou a casa e subiu na moto do Boca; juntos foram ter com Lua, que esperava em seu ponto de drogas. Ao chegarem ao ponto ele ainda pôde ver três elementos que estavam saindo.

Por um instante, Hamilton se arrependeu por ter comprado a mercadoria de Lua, pois logo percebeu que aqueles homens não tinham nada de bom em suas fisionomias.

Ao ver Lua, Hamilton foi logo dizendo:

– Que conversa é essa, Lua, de antecipar a chegada da mercadoria? Eu não estava esperando agora, portanto, só vou pegar no final da semana.

– Hamilton, eu não ficarei com a mercadoria aqui, portanto, peço que a leve embora agora! A casa pode cair a qualquer momento e, se isso por ventura acontecer, eu não vou puxar mais anos de cadeia por sua causa. E tem mais, se a casa cair para cima de mim, eu te levo junto.

Hamilton sentiu raiva de Lua; mas, como não queria se indispor com o traficante, resolveu obedecer e disse:

– Está bem, Lua, vou sair e em uma hora voltarei com uma solução para esse problema.

Lua, ouvindo as palavras de Hamilton, sorriu e disse:

– De maneira alguma! Quem me garante que você realmente vai voltar?

– Por favor, Lua! Estou lhe dando minha palavra.

Lua novamente sorriu e disse:

– E acha que eu acredito em você? Estou no mundo da malandragem há muito tempo, e se teve uma coisa que aprendi é que malandro nunca tem palavra.

Hamilton sentiu ímpetos de esmurrar o traficante, mas se conteve, porque sabia que se o fizesse não sairia vivo daquele local. Temendo que algo lhe pudesse acontecer, perguntou:

– Já que você não confia em mim, o que me sugere?

Lua, olhando para Djalma, que mais parecia seu leão de chácara, sorriu e respondeu:

– A única alternativa que tenho é que Boca o acompanhe, pois o que eu não quero é essa mercadoria em meu poder.

Hamilton ficou indignado com as desconfianças de Luciano, que atendia pelo apelido de Lua, mas preferiu aceitar a ideia do traficante.

Djalma, que parecia não ter vontade própria, girando as chaves da moto nas mãos disse:

– E então, Hamilton… vamos lá?

Hamilton sentiu o desespero lhe turvar a visão, pois não sabia onde iria esconder a droga. Querendo resolver logo aquele impasse, respondeu:

– Vamos! Mas já lhe aviso que até o momento não tenho ideia de onde ir, portanto, peço que tenha paciência comigo.

Djalma, mostrando sua bocarra em um sorriso, apenas comentou:

– Não se preocupe com isso, estarei à sua inteira disposição, você não entendeu que estou indo com você apenas para garantir que volte para buscar a sua encomenda? Portanto, saiba que iremos aonde você quiser.

Hamilton esboçou um sorriso e saíram, e quando já davam as costas a Lua, este disse:

– Boca, não volte aqui se não for para buscar essa encomenda, leve Hamilton onde for necessário.

Djalma nada disse e, girando nos calcanhares, saiu junto com Hamilton, que estava desesperado, afinal não sabia onde iria esconder sua mercadoria. Temia ser pego com toda aquela droga, e não ter dinheiro nem mesmo para pagar um bom advogado para tirá-lo da prisão.

Depois de andarem de moto pela rua principal da cidade, Hamilton finalmente se lembrou de Isabel, e disse em tom esperançoso:

– Boca, me leve para a casa de Isabel!

– Quem é Isabel? – perguntou Djalma, ignorando completamente o romance dos dois.

– É uma dona que é apaixonada por mim!

– Ela é bonita? – perguntou Boca, achando que Isabel fosse mais uma das mulheres volúveis com quem Hamilton se envolvia.

– Vou ser sincero, nunca a achei bonita, é loura e tem olhos verdes, mas é uma mulher que não tem bom coração.

Djalma, percebendo que entre Hamilton e Isabel havia algum segredo, preferiu investigar, pois não gostava nem um pouco do jeito de Hamilton.

Os dois dirigiram-se à casa de Isabel; ao estacionar a moto em frente à casa da ex-esposa de Manoel, Hamilton logo percebeu que talvez ela já se encontrasse dormindo. Somente ele entrou, enquanto Djalma ficou esperando, encostado em sua moto.

Isabel se preparava para dormir quando ouviu o ronco da moto diante de sua casa. Resolveu não fazer nenhum movimento para saber de quem se tratava. Não acreditou que fosse Hamilton, pois ele já havia ido a sua casa no início da noite, mas para sua surpresa era ele mesmo; logo ouviu uma pancada na porta.

Isabel, acendendo a luz da sala, perguntou:

– Quem é?

E a voz do lado de fora avisou:

– Isabel, sou eu, Hamilton! Abra, por favor, preciso falar com você.

Após se certificar de que realmente se tratava de Hamilton, ela correu e destrancou a porta, que além da fechadura contava também com um ferrolho. Assim que ele entrou, deu um breve beijo em Isabel, se dirigiu à cozinha e perguntou:

– Isa, tem café?

– Posso fazer! Só um minuto.

Ao dizer isso, Isabel pegou a chaleira e colocou água para fazer o café que Hamilton havia pedido. Ele estava nervoso, pois a única pessoa que poderia ajudá-lo naquele momento era Isabel; porém, ela já havia dito que não queria se envolver em seus negócios.

Não se dando por vencido, ele perguntou à queima-roupas:

– Isabel! Estou precisando de ajuda, e a única pessoa que poderá me ajudar nesse momento é você!

Sem olhar para trás, a mulher respondeu:

– Hamilton, se pensa que tenho dinheiro para lhe dar está muito enganado, pois você sabe que está longe do dia do pagamento da pensão.

Hamilton respondeu rapidamente:

– Fique tranquila! Estou precisando de outra coisa!

Isabel se lembrou da conversa que tivera com Hamilton algumas horas antes, e foi incisiva ao dizer:

– Você vem novamente com essa história? Não mudei minha opinião, portanto, acho melhor você encontrar outro local para guardar a sua encomenda!

– Mas Isabel, será que você não entende?! Não tenho mais tempo! A mercadoria já chegou, e o Lua me mandou tirar a encomenda do seu ponto, pois tem medo que alguém o delate e ele vá parar atrás das grades! Tanto que ele mandou o Boca me acompanhar para ter certeza de que eu iria tirar a encomenda do seu ponto ainda essa noite. Sinceramente, estou desesperado, não tenho onde guardar e em minha casa não pode ficar, pois os meus clientes sabem que trabalho com isso, afinal eles são viciados, poderão entrar lá e roubar tudo, aí sim eu estaria morto, pois onde arrumaria dinheiro para pagar a droga para o Lua? Ele não se faria de rogado para mandar o Boca acabar comigo! Por favor, Isabel, me ajude! A minha situação no momento é matar ou morrer!

Isabel olhou para Hamilton e penalizou-se ao ver o desespero daquele a quem amava tanto. Mas ainda conservava a sua palavra:

– Sinto muito, Hamilton! Mas realmente não posso fazer nada. Já imaginou se a polícia descobrisse que guardo aqui essa porcaria? Estaria arruinada.

– Mas como a polícia iria saber? Veja bem, você não é do ramo e ninguém sabe que pretendo guardar a droga aqui em sua casa. A polícia

jamais desconfiaria que você guarda o ouro branco aqui! Confie em mim, meu amor – disse ele com voz melosa –, jamais faria alguma coisa que a prejudicasse.

Isabel, porém, mantinha-se irredutível.

Manoel, que observava a conversa – e tudo já fazia parte de seu plano –, ao se aproximar de Isabel começou a dizer:

– Isabel! Não tema! Ninguém vai descobrir que você guarda aqui a mercadoria de Hamilton! Ele te ama, e jamais irá te prejudicar!

Ela novamente não ouviu as palavras de Manoel, mas conseguiu registrá-las, e depois de um tempo finalmente disse:

– Está bem, Hamilton, mas quero que até o final da semana você arrume outro lugar para guardar essa porcaria! Sempre fui uma mulher honesta, não quero me ver às voltas com pessoas estranhas em frente a minha casa!

Hamilton, sorrindo, levantou-se e abraçou-a por trás, já que ela estava passando o café que ele pedira. Ele estava feliz, pois não queria ficar em companhia de Djalma por muito tempo. Havia algo naquele elemento que não lhe agradava em nada; na verdade, ele tinha medo das perversidades do Boca.

Hamilton mal tomou seu cafezinho e disse que voltaria em pouco mais de uma hora. Ao dizer isso, saiu; logo se ouviu de novo o ronco da moto. Isabel sentou-se à sala, e passou a ler uma revista, à espera de Hamilton.

No trajeto de volta para a casa de Lua, Hamilton disse a Djalma:

– Vamos, Boca! Preciso pegar logo a mercadoria e voltar à casa de Isabel, pois ela tem de dormir!

Djalma na verdade pouco se importava com as palavras de Hamilton, continuou a guiar a moto na mesma velocidade de antes.

Ao chegarem à casa de Lua, Hamilton disse:

– Lua! Dê-me a encomenda, vou levar comigo agora! Ainda bem que está tarde, pois à uma hora dessas dificilmente encontrarei com o comando.

– Ainda bem mesmo! – disse Lua –, pois eu não posso ficar com esse troço aqui. Pelo que fiquei sabendo, a polícia está na minha cola, e eu jamais iria me prejudicar por quem quer que fosse!

Lua foi ao fundo da casa e trouxe um pacote, encontrou Hamilton andando de um lugar a outro.

Depois de receber a mercadoria, Hamilton perguntou a Djalma:

– Boca, será que dá para você me levar para casa?

Antes de responder Djalma olhou para Lua, que finalmente disse:

– Pode levá-lo, mas não passe pelo centro da cidade, pois sempre há comandos e a polícia poderá pegá-los.

Djalma, sem nada dizer, apenas apanhou as chaves da moto e saiu; por esse gesto, Hamilton entendeu que ele o levaria para a casa de Isabel.

No trajeto, Djalma teve cuidado, pois sabia bem o que significava ser parado pela polícia em uma blitz. Finalmente chegaram à casa de Isabel, que estava com a luz da sala acesa.

Assim que deixou Hamilton, Djalma saiu em sua moto correndo a toda velocidade, pois estava com pressa de voltar para a casa de Lua, afinal, já estava com muito sono.

Hamilton entrou e começou a procurar um lugar onde poderia esconder a droga, e foi Isabel quem deu a ideia:

– Hamilton, por favor, não quero isso escondido dentro de minha casa. Por que você não coloca em plásticos e enterra?

Ele sorriu para Isabel, rapidamente pegou a enxada, e resolveu enterrar sob a laranjeira. Em pouco mais de meia hora Hamilton já havia solucionado o seu problema, mas, como já era tarde e ele estava cansado, decidiu dormir na casa de Isabel naquela noite.

Manoel estava feliz, pois conseguira o que queria. Para ele foi uma grande vitória ver Isabel envolvida na sujeira do amante:

“O que tinha a fazer com esses dois assassinos eu já fiz! Agora tenho a outra parte do plano, e para falar a verdade começarei neste instante.”

Manoel pensou tão fortemente em Jorge que, não soube como, transportou-se para o quarto do investigador, na pensão em que morava. Ao chegar no quarto da pensão, ele viu sobre uma pequena mesa a carteira de Jorge e seu paletó, que estava sob o encosto da cadeira.

Manoel viu que a pele de Jorge era de um moreno claro; além de ser alto, também era muito forte. Como estavam em pleno verão, ele notou que o dorso daquele homem se assemelhava muito ao de alguns atores americanos.

Manoel sentou-se ao lado da cama, acomodando-se no chão, e viu que Jorge dormia a sono solto. Como não podia fazer nada, resolveu esperar que ele acordasse para intuí-lo a ir procurar a droga na casa de Isabel.

Assim a noite esvaiu-se, e logo os pássaros davam seus primeiros sinais. O investigador finalmente começou a acordar, devagar. Manoel ficou de pé, e viu quando o homem, ainda um pouco sonolento, foi ao banheiro, lavou o rosto e logo passou a fazer as suas flexões matinais, a fim de manter os músculos do bíceps rígidos e deixar seu corpo másculo e seu peito ainda mais definidos.

Jorge, depois das flexões, começou a fazer polichinelos e somente então saiu, a fim de fazer a sua caminhada matinal antes de ir ao trabalho. Manoel o acompanhou em sua caminhada, e logo percebeu que seu condicionamento físico era invejável, pois ele caminhava rapidamente.

No trajeto, Jorge pensava em seu trabalho, e em uma investigação que estava fazendo no bairro do Limão, onde Luciano Fouller, mais conhecido como Lua, era investigado.

Ele pretendia há muito tempo colocar as mãos em Lua e Boca; afinal, sabia, por vias tortas, que Boca estava envolvido em muitos dos assassinatos que haviam se tornado casos sem solução. Contudo, como não tinha provas que o incriminassem, nada podia fazer, mas ele sabia que Luciano era o cérebro de Djalma, desse modo que, assim que pudesse pegar um, o outro seria seu brinde.

Após pouco mais de uma hora de caminhada, finalmente Jorge voltou à pensão, e depois de um rápido banho, saiu para tomar seu café da manhã.

Manoel sentia simpatia por Jorge, pois ele mostrava uma retidão de caráter que infelizmente poucos possuíam. Naquelas semanas nas quais acompanhou Jorge, seu respeito pelo investigador aumentou vertiginosamente.

Jorge era um homem que viera da capital em transferência, mas, tendo ele pouco mais de quarenta anos, procurava trabalhar corretamente.

Infelizmente, como já foi mencionado, ele tinha um grave defeito: quando pegava um caso, se percebesse que com o passar do tempo não conseguiria solucioná-lo, logo o lançava nos arquivos como casos insolúveis.

Manoel, ao saber desse defeito de Jorge, desanimou-se, pois sabia que Lua e Boca eram cuidadosos demais para deixarem-se pegar facilmente. Com o passar dos dias Jorge foi desanimando, afinal, sem uma prova concreta sobre os dois, exceto a de que Djalma havia cumprido pena na cidade de Pardinho, por agressões, ele começou a achar inútil procurar uma pista que pudesse lançar os dois na prisão.

Percebendo que Jorge já iria deixar as investigações sobre Lua e Djalma de lado, Manoel desesperou-se a ponto de fazer campana ao lado do investigador, indo raramente à casa de Isabel para saber como estava seu plano.

Uma das vezes em que estava na casa de Isabel, ele percebeu como Hamilton estava todo delicado com ela, e ficou ainda mais aborrecido ao ver o descaramento daquele bandido.

Isabel, nos dias que se seguiram à noite em que Lua obrigou Hamilton a tirar a mercadoria de sua casa, nunca mais foi espancada pelo amante, que dormia quase todas as noites na casa dela, para proteger a sua mercadoria, onde acreditava que ficaria bem de uma vez por todas.

Estava feliz, pois julgara que Hamilton voltara a ser o mesmo que ela conhecera no supermercado do seu Elias; mas o que não imaginava era que ele queria vender toda aquela mercadoria para não precisar ficar ao lado de Isabel, pois, para ele, isso constituía um verdadeiro martírio.

Hamilton nunca amara Isabel, a atração que o ligara a ela naquela época em que trabalhavam no supermercado acabou-se quando ele conseguiu deitar-se com ela pela primeira vez.

Enquanto Isabel acreditava amá-lo para sempre, ele apenas a via como a pessoa certa para ajudá-lo nos momentos de dificuldades.

Manoel odiava Isabel e Hamilton, e decidiu que ficaria feliz ao vê-los sofrerem. Todo dia, ele falava no ouvido de Jorge que havia uma grande quantidade de drogas na casa de Isabel, porém, o investigador, como sempre muito preocupado com seu trabalho, não conseguia nem mesmo registrar as palavras daquele espírito que se considerava traído pela esposa.

Manoel começou a preocupar-se que Hamilton vendesse toda aquela mercadoria e Jorge não fosse à casa de Isabel; por isso, decidiu passar todo

o tempo ao lado do policial.

Certa noite, andando pelo quarto da pensão em desespero enquanto Jorge dormia, Manoel viu que o investigador dormia a sono solto, mas algo inesperado aconteceu. Ele percebeu que algo saía do corpo do homem adormecido, e para sua surpresa viu que Jorge saía de seu corpo físico e repousava sobre esse corpo. Embora Manoel já tivesse ouvido falar nisso na época em que ia à Casa Espírita, nem sequer se lembrou do que aprendera: em período de repouso o corpo entra em estado de desdobramento, ou seja, o corpo espiritual sai do corpo físico, ficando em vigília e entrando em contato com o mundo espiritual.

Manoel, aproximando-se de Jorge, viu que embora o corpo físico parecesse dormir, a réplica daquele corpo parecia estar bem desperta. Finalmente olhou para ele e disse:

– Você pode me ouvir?

Jorge, que olhava assustado para Manoel, perguntou:

– Quem é você? O que faz aqui?

Manoel, sentindo-se feliz em saber que poderia ser ouvido, disse:

– Calma! Não se assuste, sou um amigo.

Jorge, embora ouvisse aquelas palavras, continuou a sentir medo, mas Manoel foi logo dizendo:

– Estou aqui para ajudar em suas investigações sobre o tráfico de drogas do Luciano, conhecido como Lua.

Jorge, embora não estivesse entendendo muito bem, logo pôde perceber que Manoel estava ali para contar algo importante, e como era responsável com seu trabalho, resolveu ouvir o que aquele estranho tinha a dizer.

– Pois me diga o que tem a dizer e vá embora do meu quarto! Não gosto de conversar com quem não conheço!

Manoel, sorrindo, disse:

– Bem, você se lembra daquela mulher cujo nome era Isabel? O marido dela foi assassinado por um desconhecido, e vocês nunca ficaram sabendo quem foi o autor do crime. Pois bem: o criminoso é seu amante. Seu nome é Hamilton; ele não trabalha, vive apenas do tráfico e do dinheiro que ela lhe dá todo mês. Mas o pior de tudo é que o tal Lua vendeu a ele uma grande quantidade de droga, que veio do Mato Grosso. Hamilton está com essa droga toda escondida na casa de Isabel, sua cúmplice. Não sei se você vai se

lembrar dessas palavras, mas saiba que essa droga toda está enterrada sob o pé de laranjeira no fundo do quintal.

No momento em que Manoel falava, ele nem sequer se lembrava de que se tratava de um estranho, e logo disse:

– Vou investigar essas informações, e saiba que se isso for verdade, conseguirei como prêmio minha transferência para a capital, pois não aguento mais ficar nessa cidadezinha.

Sendo assim, novamente Jorge mergulhou em seu corpo físico, que repousava, o que o fez remexer-se na cama.

Manoel ficou intrigado com o que havia acontecido, e pensou que precisava aprender mais sobre esse fenômeno.

Na manhã seguinte, Manoel estava ao lado de Jorge e viu quando ele acordou, sentou-se na cama e ficou a pensar sobre o sonho que tivera, mas do qual não conseguia se lembrar na íntegra.

Apenas uma frase ficou registrada:

– Você vai encontrar a droga sob a laranjeira no fundo do quintal de Isabel, a viúva cujo marido foi assassinado.

Jorge, naquela manhã, não fez a sua ginástica habitual. Pegando a sua toalha, foi logo tomar banho. Depois de se vestir, disse a si mesmo:

"Não posso pensar em bobagens, tenho assuntos mais urgentes para resolver que ficar a pensar em sonhos…"

Manoel, percebendo que Jorge talvez não fosse investigar, se aproximou e disse:

– Não desista! Vá investigar! Lembre-se que se você conseguir sucesso, isso lhe possibilitará o retorno para a capital!

Jorge nesse momento pensou:

– Mas algo me diz que não devo deixar de averiguar… quer saber? Aquela viúva me pareceu muito estranha na ocasião do assassinato do marido.

E saindo da pensão, Jorge, com seu carro, dirigiu-se à casa de Isabel, mas preferiu apenas observar se havia algum movimento estranho na casa da

viúva. Fazia pouco mais de dez minutos que estava em frente à casa de Isabel quando viu que Hamilton saía tranquilamente do interior da casa.

Jorge não se lembrava de Hamilton, mas logo se lembrou de algo sobre o amante de Isabel. Resolveu segui-lo até o ponto de táxi, e viu quando ele pegou um táxi e foi para sua casa em outro bairro.

Ao chegar diante da casa de Hamilton, finalmente Jorge se lembrou de que o dono daquela casa sempre estava às voltas com Lua, e não teve dúvida de que algo havia naquele rapaz que poderia levá-lo a Lua e Boca.

Hamilton ficou em frente a sua casa a parte da manhã toda, e Jorge, seguindo a sua intuição natural, resolveu esperar o leão sair da toca, mas, para sua surpresa, viu quando Djalma foi até a casa de Hamilton. Foi então que decidiu que investigaria aquela situação a fundo.

Djalma disse a Hamilton:

– O Lua pediu para eu lhe dizer que sua linha de crédito está aberta. Como há uma quantidade boa no ponto, ele avisou que se você se interessar poderá pegar e pagar daqui a dois meses.

Hamilton, ambicioso como era, pensou um pouco e logo disse:

– Tudo bem! Então diga ao Lua que pegarei a mercadoria, mas avise que não tenho previsão de pagamento, pois, como sabe, ainda tenho muita mercadoria estocada; e esta nova só passarei à frente depois que terminar a minha.

Djalma, ao ouvir a posição de Hamilton, não disse nada, e imediatamente saiu. O que os dois não sabiam era que Jorge estava de olho na casa, pois sua intuição dizia que talvez ali fosse a ponta do iceberg.

Manoel, quando percebia que Jorge iria desanimar, logo dizia a seu ouvido:

– Espere um pouco mais, pois você não imagina como a pescaria será boa.

Jorge, como não ouvia, atendia aos apelos de Manoel, aceitando como uma intuição.

Assim que Djalma saiu, imediatamente Jorge o seguiu, e qual não foi a sua surpresa ao ver que ele se encaminhava diretamente ao traficante mais visado pela polícia!

Jorge ficou esperando. Viu que Djalma entrou e não saiu mais, e resolveu ficar observando o local para ver quem entrava e quem saía.

Jorge ficou surpreso quando viu que Hamilton chegou pouco mais de meia hora depois, e saiu rapidamente, com uma cesta de frutas nas mãos. Ele sabia que sob as frutas havia algo importante, dessa maneira, novamente seguiu Hamilton e viu que este voltava ao mesmo lugar onde fora encontrado logo de manhã, ou seja, a casa de Isabel.

Hamilton entrou na casa de Isabel sem nem sequer imaginar que estava sendo seguido pelo investigador de polícia, que no mesmo instante ligou para a delegacia pedindo reforços, e deu então o endereço de Isabel. O delegado, ciente de que Jorge sabia o que estava fazendo, imediatamente conseguiu um mandado de busca e apreensão.

Em pouco mais de quarenta minutos, uma viatura com três guardas se aproximou da casa de Isabel. Ao entrarem na casa, encontraram Isabel na cozinha. Hamilton estava no fundo da casa, e quando lhe deram voz de prisão ele tinha uma enxada na mão.

Um dos guardas pegou a enxada, e foi Jorge quem disse:

– Escave sob a laranjeira, sei que há alguma coisa lá!

Hamilton pensou que talvez fosse uma denúncia anônima, se lembrou de Djalma, pois ele sabia onde era o seu esconderijo.

Ao encontrarem a grande quantidade de drogas enterrada dentro de uma caixa de madeira, onde havia também um revólver, foi Jorge quem disse:

– Coloque as mãos para trás! Você está sendo preso por tráfico de entorpecentes.

Um dos guardas entrou na cozinha e disse para Isabel:

– Levante as mãos, a senhora está presa!

E em pouco tempo, tanto Hamilton quanto Isabel entravam na delegacia. O delegado os autuou em flagrante.

Isabel não fora presa pelo assassinato de Manoel, mas por algo que na verdade nada tinha a ver com sua realidade. Como nada na vida fica sem resposta, ela estava recebendo por uma escolha errada que fizera, ao mandar que Hamilton matasse Manoel.

Manoel estava feliz em ver Isabel completamente humilhada pelo delegado, que insistia em fazer-lhe perguntas que ela não sabia responder. O delegado logo percebeu que ela realmente não sabia de nada, mas o

entorpecente fora apreendido com Hamilton em sua casa, por isso tinha como responsabilidade autuá-la também.

Hamilton, ao ser interrogado, sentiu muita raiva de Djalma e Lua, e resolveu contar toda a verdade sobre o ponto de droga de Lua, e principalmente onde ele conseguia a mercadoria.

Não demorou muito para o delegado mandar que duas viaturas fossem à casa de Lua, que também foi preso com uma quantidade razoável de drogas em seu poder. Tanto Djalma quanto Luciano estavam sendo encaminhados para a delegacia, o que deixou Jorge muito feliz, pois ele conseguira fazer uma grande apreensão de drogas na região.

Jorge em pouco tempo tornou-se celebridade, e sempre era convidado a falar na rádio da cidade vizinha, de como fora desenvolvido seu trabalho. O investigador, assim que desbaratou o bando de traficantes, foi transferido para a capital, como era o seu desejo.

29

Arrependimento e redenção

Manoel ficou feliz, pois julgou que sua vingança estava completa quando ouviu a sentença do juiz da cidade vizinha: Isabel, como coautora de tráfico, fora condenada a dez anos e oito meses de prisão, e Hamilton fora condenado a doze anos.

Manoel vibrou no dia do julgamento; no começo ele passava horas próximo de Isabel e também ia ao presídio masculino onde Hamilton se encontrava.

A cada dia, Manoel sentia-se ainda mais feliz, pois arranjara uma forma de mandar seus assassinos para a prisão. Se eles não responderam por assassinato, responderam pelo crime de tráfico de entorpecentes.

Isabel não se conformava por ter sido presa por algo que nada tinha a ver com ela, e se antes ela era altiva e orgulhosa, na prisão foi humilhada ao extremo. As outras detentas obrigavam-na a limpar a cela; Alzira, que tinha a alcunha de Malu, era a mais perversa do setor de Isabel.

A filha de Isabel ficou sabendo sobre a prisão da mãe, porém não se deu ao trabalho de visitá-la uma única vez.

João Felipe ia todas as semanas visitar a mãe, e levar a ela objetos de uso pessoal, uma vez que algumas das detentas tomavam objetos como sabonete, escova de dente e absorventes como pagamento de pseudodívida.

Isabel já não tinha mais a mesma beleza de antes, pois os sofrimentos fizeram com que ela envelhecesse mais que a idade que realmente tinha, ou seja, quarenta e seis anos.

Hamilton, sempre que pensava em Isabel, tinha verdadeiro ódio, pois chegou a pensar também que ela havia contado a alguém; sendo assim, decidiu que nunca mais queria ouvir falar em seu nome.

Manoel, ao ver os sofrimentos de seus assassinos, foi perdendo o entusiasmo, até que cinco anos se passaram e ele havia cansado de ficar ao lado de Isabel. Com isso, foi se sentindo ainda mais triste.

Certo dia, estando na cela com Isabel, ele disse:

– Eu a amei tanto, e você, o que fez comigo? Acabou com minha vida, descartando que eu tinha uma vida inteira pela frente. Eu procurei te ajudar de todas as maneiras, fiz tudo que um homem apaixonado poderia fazer, e você não me deu valor; portanto, se tiver de apodrecer neste local, é muito pouco para você e aquele canalha do Hamilton.

Então, Manoel se lembrou do seu trabalho, e de como era benquisto pelo chefe e pelos colegas.

E ao lembrar-se do dr. Cavalcanti, sentiu seu coração enternecer, pois este havia sido mais que um pai; e foi nesse momento que passaram por sua cabeça todos os conselhos que o bom amigo havia lhe dado anos atrás.

À medida que essas lembranças brotavam em sua mente, ele não deixou de lembrar-se da época em que ia ao Centro Espírita, juntamente com seu chefe e sua esposa, dona Ana Maria.

Se lembrou ainda das poucas coisas que aprendera no curto período em que frequentara o centro – da explicação sobre a continuidade da vida e de como os espíritos ignorantes eram ajudados; que durante aqueles anos após a sua passagem se portou como um espírito ignorante, e além de prejudicar aqueles que lhe haviam feito mal, também acabou por se prejudicar a cada dia que continuou ao lado de Isabel para viver a sua vingança.

Cansado de sofrer e de ver os efeitos de sua vingança, sentiu-se amargurado e triste, de modo que se retirou do presídio onde Isabel estava presa e saiu à rua, completamente sem rumo.

Sentou-se na mesma praça onde um dia encontrara Gilberto, e, firmando seu pensamento no antigo amigo, logo estava a seu lado.

Viu que Gilberto já estava casado e tinha cinco filhos, dos quais quatro seguiram a doutrina espírita; um havia morrido de acidente de carro, na Presidente Dutra.

Gilberto e Sílvia, sua esposa, eram relativamente felizes, pois um completava o outro e ambos frequentavam o mesmo Centro Espírita onde se conheceram alguns anos atrás.

Quando ficou sabendo da passagem de Manoel, Gilberto sentiu-se triste, mas em seu coração guardava a esperança de que um dia novamente estariam

juntos.

Manoel percebeu o quanto o amigo havia mudado, pois a mudança que vira há alguns anos era verdadeira.

Gilberto era dono de uma loja de eletrodomésticos, e seu filho mais jovem também estava seguindo os passos do pai.

Sílvia era dona de casa dedicada e amava muito a família, e à medida que ele ia aprofundando seus conhecimentos espirituais, seu casamento se tornava mais sólido.

Quanto mais observava a vida de Gilberto, mais Manoel se conscientizava de que se não tivesse feito a escolha errada – escolher Isabel como esposa –, tudo poderia ter sido diferente em sua vida.

Foi nesse momento que finalmente ele percebeu o quanto errara em se vingar de Isabel, pois ele também tivera sua parcela de culpa em tudo que acontecera.

E ao pensar em tudo que fizera aqueles anos todos que estava desencarnado, e com tudo que fizera em toda sua vida, uma onda de arrependimento acometeu-lhe o coração, e chorando, fez uma sentida prece a Deus, pedindo que Ele o tirasse daquele sofrimento, e deste modo finalmente pediu perdão por tudo que havia feito aqueles anos todos que estivera com um ódio cego a tapar-lhe a visão.

Manoel não viu de onde surgira tão bela figura, mas estando ele de cabeça baixa, olhando para os pombos naquela praça, sentiu que alguém o observava. Levantou os olhos lentamente e viu aquela bela figura em sua frente. Se assustou, mas como a figura olhava fixamente para ele com passividade, tranquilizou-se, pois sabia que nenhum mal tão bela visão poderia lhe oferecer.

A figura, esboçando um sorriso, disse:

– Meu irmão, hoje é um dia de alegria para todos nós, pois uma ovelha que estava perdida foi encontrada pelos caminhos do arrependimento, portanto levante tua cabeça e siga adiante.

Manoel não entendeu o que aquela figura estava lhe dizendo, e, levantando o olhar, perguntou:

– Quem é a senhora?

– Quem sou eu não importa, mas o que lhe devo dizer é que sou portadora de boas notícias; portanto, meu irmão, eleve seus pensamentos a

Deus e sempre busque ajuda, pois esse Pai maravilhoso jamais desampara um de seus filhos que realmente se arrepende pelos seus atos.

Manoel, sorrindo, não entendeu; e temendo fazer alguma pergunta, resolveu apenas ouvir e calar-se.

E foi com simplicidade que ele perguntou:

– Mas de que ovelha a senhora está falando?

– Bem, me deixe contar uma parábola que o nosso divino Mestre Jesus contou estando certa vez nesse planeta.

"Havia um pastor que tinha cem ovelhas. Certo dia, uma delas fugiu do aprisco do pastor e desgarrou-se; mas será que esse pastor, só porque tinha noventa e nove ovelhas, deixou uma delas desgarrar-se do meio das outras? Como sabemos, não! Pois esse mesmo pastor, deixando as noventa e nove em lugar seguro, saiu à procura daquela ovelhinha perdida."

– Mas o que a senhora está querendo dizer com isso?

– Meu irmão, o que quero dizer é que não importa o que façamos, Deus se preocupa com cada um de nós, independente do que tenhamos feito. Deus está sempre atento àquela ovelhinha que se afastou do rebanho, de modo que mantém a disposição em ir ao encontro da ovelha perdida; e um dos requisitos é o arrependimento.

Manoel nesse momento deixou que uma lágrima escorresse por sua face, e nesse instante olhou para a bela figura e disse:

– Quando descobri que Isabel havia participado da minha morte, confesso que fiquei muito agastado, e desde então vivi cada minuto para a minha vingança. Depois que consegui lançar os assassinos na prisão, senti um vazio imenso e vejo que não consegui a felicidade que julguei ter assim que conseguisse me vingar. Agora me pergunto por que perdi tanto tempo nessa vingança tola? Hoje sou infeliz, e ao ver os meus algozes sofrendo todas as agruras na prisão tenho me sentido culpado.

Nesse momento veio uma ideia em sua mente, e perguntou:

– Estou aqui a conversar com a senhora, mas nem mesmo sei quem é. Acaso é alguém que fez parte da minha família?

– De certa forma, sim; eu me chamo Marisa, e sou a mãe de Isabel!

Manoel sentiu-se envergonhado, a ponto de levantar-se do banco e procurar sair da presença daquela bela figura, porém, ela disse:

– Acalma-te! Não o culpo por ter se entregado à vingança, pois se assim o fez foi porque não sabia agir de maneira diferente. Nunca se esqueça de

que Deus perdoa sempre, e nós devemos fazer o mesmo, pois devemos ser indulgentes com todos, principalmente com nós mesmos. O que tenho a lhe dizer, meu irmão, é que se deve perdoar, e por isso estou aqui, para lhe convidar a vir comigo para mundos melhores, onde a paz reina e o perdão faz parte do dia a dia de cada um.

Manoel nesse momento baixou a cabeça e perguntou:

– A senhora tem raiva por eu ter lançado sua filha na prisão?

– Meu filho, se há uma coisa que aprendemos nos cursos da colônia onde moro é que o plantio é livre, mas a colheita é obrigatória; Isabel está colhendo o que plantou, portanto não se culpe, ela fez uma escolha e está respondendo por ela. Além do mais, para que ela agisse da forma como agiu para com você, foi porque havia uma dívida do passado.

Nunca se esqueça que se numa existência somos vítimas, em outras fomos algozes; e com vocês não foi diferente. Mas isso não vem ao caso agora. O importante em tudo isso é você procurar aprender para agir de outra maneira em uma próxima existência.

Manoel pôde perceber a sinceridade nas palavras daquela bela figura, e perguntou:

– Mas como posso refazer-me desse erro?

Marisa respondeu:

– Bem, a melhor maneira de reparar é aprender como reparar, e nesse momento eu o estou convidando para ir comigo à colônia. Pense se você já não sofreu demais, primeiro por se torturar em planejar uma vingança inútil, que se olharmos detalhadamente se virou contra você, e depois por ver os resultados dessa vingança e o vazio que ela lhe trouxe ao coração. Jesus aconselhou inteligentemente a perdoar uma ofensa, pois o ódio é uma faca de um dois gumes, que fere o objeto de ódio e também quem odeia. Portanto, meu irmão, aconselho-te a perdoar, pois houve erros que poderiam ter sido evitados; e muitas coisas que lhe ocorreram foram resposta a uma escolha errada que fez. Nunca se esqueça que nada fica sem resposta. Portanto, para cada escolha uma resposta diferente.

Manoel, sem entender onde Marisa queria chegar, disse inocentemente:

– Como fiz uma escolha errada, se sempre em minha vida tentei ser honesto e bom?

Marisa, com toda sua calma, respondeu:

– Manoel, a vida nos dá várias oportunidades, ou melhor, podemos escolher vários caminhos. Nunca se esqueça de que tudo que acontece sempre vem em resposta a uma escolha: se escolhermos bem certamente os resultados serão benéficos, mas quando escolhemos mal, a resposta a tudo isso vem em forma de dor e sofrimento.

Após uma breve pausa, continuou:

– Você escolheu mal quando decidiu que iria se casar com Isabel, pois em seu íntimo sempre soube que ela não gostava de você o suficiente para se casar, e ela, por sua vez, agiu mal quando aceitou seu pedido.

"E veja bem, o que resultou em tudo isso? Tudo isso resultou em muito sofrimento para ambos. Talvez se você não tivesse ouvido os apelos da paixão, muitas dores teriam sido evitadas. Espero que você tenha aprendido a lição de que quando fazemos uma má escolha isso será para nosso prejuízo."

Manoel, nesse momento, baixou os olhos e pôde ver as verdades daquelas palavras, pois se tivesse escutado os conselhos da mãe, ele não teria sido tão infeliz.

Marisa, ouvindo os pensamentos de Manoel, continuou:

– Agora, não adiantará ficar se lamentando por não ter ouvido os conselhos de sua mãe. Esse sofrimento lhe serviu de lição para avaliar todas as circunstâncias antes de tomar uma decisão. O segundo ensinamento é que o coração é traiçoeiro; quando o ouvimos, geralmente somos levados a decidir mal sobre nossa própria vida.

– Mas e se eu não tivesse me casado com Isabel, o que poderia acontecer?

– Bem, certamente as consequências seriam outras. Você encontraria alguém que o amasse e o valorizasse, e teria levado uma vida mais plena. Enquanto os seres humanos derem demasiada atenção aos apelos do coração, sempre cometerão erros, e isso se resumirá em muita dor e sofrimento. Mas errarmos quando decidimos algo nos ajudará a amadurecer o espírito, fazendo com que ele saia da sua infância espiritual e leve consigo ensinamentos futuros. Você infelizmente escolheu a segunda opção, sofreu, chorou e se arrependeu, e é isso o que importa.

Manoel não teve dúvidas de que nunca deveria ter se casado com Isabel, pois ela realmente nunca o amara.

Marisa continuou:

– Venha comigo, a verdadeira vida o espera; mas antes você será levado a um lugar de tratamento, e somente depois passará pelos cursos onde aprenderá mais sobre as leis divinas que regem o universo. Você teve oportunidade de conhecer essas leis, mas o que fez? Assim que sua filha nasceu, você deixou esses conhecimentos, como a dizer que tudo que aprendera não passasse de balelas.

Ele se lembrou da Casa do Caminho e também da ajuda que o dr. Cavalcanti, juntamente com sua esposa, Ana Maria, lhe oferecera. Sentiu o remorso invadir-lhe a alma por não ter continuado – se tivesse prosseguido isso o ajudaria a evitar tantos sofrimentos e dores.

Manoel começou a chorar, mas desta vez suas lágrimas o deixaram convicto de que ele não era bom o suficiente, pois se fosse jamais abandonaria esses conhecimentos e tampouco se entregaria a uma vingança que se voltara contra ele.

Marisa, percebendo o remorso, disse sorrindo:

– Entenda uma coisa: nunca é tarde demais para se arrepender! E esse momento vai ser crucial para sua vida como desencarnado e também para as vidas futuras. Tua esposa terá tempo também para se arrepender de tudo que fez, mas isso não compete a você; o que tem a fazer é perdoar as ofensas e pensar um pouco mais em você, em tudo que tem a aprender. Deus é misericordioso e nós também devemos sê-lo, e isso é para nosso próprio benefício.

Manoel certificou-se de que não era tão bom como pensava, pois se fosse teria perdoado Isabel e seguido novos rumos.

A mulher, ouvindo os pensamentos dele, continuou:

– Certa feita, disseram a Jesus que ele era bom, e sabe qual foi a sua resposta? Que bom era Deus.

“Meu filho, não somos bons por mais que tentemos, porque ainda somos espíritos em evolução; se fôssemos bons assim como você pensava, certamente não estaríamos encarnados nesse planeta. Cada um deve ter em mente que é um espírito ainda imperfeito que está passando pelas provações necessárias para o seu aprimoramento moral, intelectual e espiritual.”

Manoel sentiu-se envergonhado e decidiu não dizer mais nada.

Marisa, percebendo o seu embaraço, novamente fez o convite:

– E então, vamos comigo? Creio que você ainda tem muito que aprender.

Ele a olhou com os olhos rasos d’água, e com sinceridade disse:

– Eu gostaria muito de acompanhá-la, mas na verdade não sou digno; acho melhor a senhora se ocupar de pessoas melhores que eu.

– Se tem algo que verdadeiramente vem esmagar o coração é o sentimento de culpa, e se você está recebendo esse convite é porque há algo de bom em você. Não seja intolerante consigo mesmo e aceite esse convite; pois acaso não ouviste que não cai uma folha de uma árvore se Deus não permite? Se estou aqui nesse momento lhe fazendo esse convite, pode ter certeza de que é com a permissão de Deus.

Manoel esboçou um sorriso e concluiu a conversa dizendo:

– Gostaria muito de ir, mas agora acho que tenho que ajudar Isabel, pois se ela está sofrendo a culpa é minha.

– Manoel, entenda uma coisa: se Deus permitiu que você fizesse tudo que fez, foi para que ela também aprendesse. A vida tem duas maneiras de ensinar. Uma é pelo amor, e ela teve essa oportunidade quando seu chefe, com sua esposa, tentou fazer com que ela aprendesse sobre a continuidade da vida e os processos naturais que há para a evolução de cada espírito. E a outra maneira é quando o espírito rejeita o aprendizado pelo amor e opta pelo sofrimento, que culmina no aprendizado. Portanto, de uma forma ou de outra o espírito sempre aprende; agora, qual o caminho a seguir é algo que dependerá da escolha de cada um.

Manoel ficou alguns instantes a pensar em como realmente fizera más escolhas em sua existência, primeiro por ter ouvido os apelos da paixão, e segundo por ter optado pela vingança em vez de perdoar.

E com esse pensamento ele finalmente disse:

– Eu quero! Eu quero! Eu vou se a senhora me levar!

Marisa sorriu e, estendendo-lhe a mão, disse:

– Venha, meu filho, venha para a verdadeira vida que vos espera, e procure aprender sobre as leis que regem o universo; feche os olhos e em pouco tempo estará passando por um tratamento que o fará entender muitas coisas que até então não entendia.

– Realmente – disse ele –, se estou morto, por que ainda sangro quando fico emocionado?

Marisa mais uma vez entendeu que Manoel estava apto de fato a novos conhecimentos, e com ternura na voz passou a explicar:

– Bem, na verdade você conservou no perispírito esses ferimentos, e quando você se aborrece em demasia, caracterizando ainda mais o

desequilíbrio, passa a sentir como se estivesse sangrando. Está vendo como você se machucou quando decidiu se vingar? Você se vingou de Isabel, conseguiu lançá-la na prisão, mas antes de se vingar dela, inconscientemente se vingou de si mesmo, pois o seu desequilíbrio foi fundamentalmente importante para esse sangramento.

Manoel não perguntou mais nada, pois naquele momento queria deixar para trás todos os motivos que o levaram para aquela ação tresloucada.

Segurando a mão de Marisa fechou os olhos, e quando abriu estava volitando sobre uma paisagem paradisíaca, na qual teve uma sensação de liberdade que jamais experimentara antes. Em pouco tempo, chegaram a um local onde tudo era bonito e arrumado. Ele ficou encantado com o que os seus olhos estavam vendo, de modo que seu coração pela primeira vez em tanto tempo sorria feliz.

Marisa ficou satisfeita em ver que Manoel estava maravilhado com tudo, e disse:

– Manoel, esta é a colônia em que resido desde que parti da Terra; como todo lugar, ela também tem um nome, e esta se chama “Recanto da Paz”. Portanto, este lugar condiz muito com o seu nome, que foi dado pelos seus fundadores.

Marisa continuou falando que os fundadores haviam estado naquela colônia há muito tempo, e que seus gostos eram apurados.

Manoel deixou que novamente seu sentimento de culpa lhe aflorasse e este deixou que seu semblante se fechasse, o que fez com que seu coração mais uma vez se entristecesse.

A mulher, a princípio, fez de conta que não havia percebido, mas somente com a tristeza que Manoel demonstrou em excesso é que ela decidiu se manifestar:

– Este é um lugar aonde cada espírito vem para ser feliz, mas não é isso que estou vendo estampado em seu semblante.

Ele baixou o olhar e foi logo dizendo:

– Estive pensando e não me acho digno de estar num lugar como esse enquanto Isabel se encontra naquele lugar, tudo por causa de meu orgulho ferido!

– Manoel, se Deus permitiu que você viesse até aqui, é para que aprenda a ser feliz, não para ficar a sentir culpa pelos erros do passado.

Manoel pensou por instantes que ela tinha razão, pois se Deus lhe permitira estar lá junto com os demais espíritos, era para ele aproveitar e ser feliz.

E assim, fez questão de manter seus pensamentos no bem, e logo a tristeza e o remorso se dissiparam.

Manoel foi encaminhado a um prédio que parecia um hospital, com quatro andares, e em frente ao prédio havia um jardim muito bem cuidado pelos seus zeladores.

Marisa disse:

– Aqui você ficará por um tempo, e depois poderá sair para fazer os cursos que a colônia oferece.

Juntos entraram no local, e na recepção havia uma moça que logo se apresentou como Elisângela.

Assim que a viu, Manoel sentiu algo que não soube identificar, e timidamente respondeu:

– Estou precisando de ajuda, pois estou ferido e sei que aqui poderão cuidar de mim.

– Não se preocupe, veio ao lugar certo; portanto, dê graças a Deus por haver permitido a sua estada aqui.

Manoel sorriu e não deixou de observar as covinhas no rosto de Elisângela enquanto ria.

A moça preencheu uma ficha e pediu para que Marisa o acompanhasse à ala masculina do pronto-socorro. Marisa acompanhou Manoel e, passando por um corredor, viu um homem de aproximadamente quarenta e oito anos vir a seu encontro sorrindo; então disse:

– Irmão Vanderlei, esse é Manoel. Ele desencarnou há mais de dez anos, e está passando pelas dores do sofrimento. Vou deixá-lo em suas mãos para que cuide de meu protegido.

Vanderlei, sorrindo respondeu:

– Pode confiar que em breve ele estará completamente curado, portanto vibre por ele, minha irmã, para nos ajudar no tratamento.

Sorrindo, Marisa logo se despediu dos dois e sumiu naquele grande corredor.

Manoel foi encaminhado para um quarto que muito se assemelhava a um hospital da crosta terrestre. Porém, o que Manoel não viu foram os aparelhos que havia na UTI.

Vanderlei pediu:

– Por favor, deite-se e procure não pensar em nada. Em pouco tempo sentirá sono, mas lhe aviso: não lute contra ele, pois o sono será reparador; e também não pense no que já lhe aconteceu, antes pense em tudo que está acontecendo em sua volta, para que você se reequilibre.

– Mas doutor, não consigo deixar de pensar no que fiz, pois o meu desejo de vingança se voltou completamente contra mim.

– Meu irmão, enquanto ficar pensando no passado você deixará de viver o presente. Todos nós temos muito que aprender, e talvez você tenha aprendido muito. E também, meu irmão, não sou doutor, antes sou apenas cooperador, que visa o bem-estar do próximo.

Manoel sentiu-se feliz ao ouvir aquelas palavras, pois enquanto esteve encarnado, muitas vezes viu o quanto os médicos da Terra eram voltados a títulos, o que não acontecia naquele local.

Sendo assim, logo que se deitou viu quando Vanderlei saiu, deixando-o completamente sozinho naquele quarto simples, porém muito agradável.

Ele viu que só havia uma mesa com uma toalha de renda branca, e sobre esta uma jarra com água. Olhou para a grande janela, mas sentia-se cansado para se levantar novamente, e logo adormeceu.

Manoel acordou e havia a seu lado uma pessoa, que sorria feliz ao vê-lo. Logo se lembrou de quem se tratava, e com tristeza nas palavras disse:

– Seu José, que bom vê-lo… sinto muito, mas não consegui fazer sua filha feliz.

Seu José sorria para ele, e, acariciando sua cabeça, respondeu:

– Meu filho, não fique a se lamentar pelo fato de não ter feito Isabel feliz! Jamais se esqueça que uma casa, para ser firme, seu alicerce tem que ser fixado com solidez! Mas infelizmente não foi isso que lhe aconteceu, pois em sua imaturidade acreditou que um dia Isabel fosse amá-lo, assim como você julgou amá-la.

Manoel, entristecido, respondeu:

– Para ser sincero, eu sempre senti que Isabel não me amava, mas acreditei que um dia ela passaria a me amar… mas não foi isso que

aconteceu; fui infeliz e a fiz mais infeliz ainda. Portanto, se o senhor não mais falar comigo, entenderei.

– Deixe disso, meu rapaz! Sempre soube que era um bom homem, mas infelizmente minha filha tinha que aprender, e pelo que estou sabendo ela fez uma péssima escolha.

– É, um dia eu também acreditei ser bom… Mas hoje vejo que nunca o fui realmente.

Seu José, olhando com brandura para Manoel, disse:

– Quando disse que era um bom homem, era no sentido relativo; pois ninguém que vive na Terra é realmente bom, cada um tem suas provas e expiações a passar, mostrando que ainda tem muito que aprender.

Manoel não conseguiu conter as lágrimas, e olhando fixamente nos olhos de José, respondeu:

– Estive conversando com Marisa, e ela me disse que fiz uma má escolha e que respondi por isso!

– Meu filho, a vida vem em resposta a cada escolha; mas jamais se esqueça que lamentar o passado não vai fechar as feridas no coração, e que o melhor que tem a fazer é perdoar as ofensas e se corrigir, para que futuramente você não venha a cometer os mesmos erros.

– Mas como posso repetir os mesmos erros, se eles ainda estão tão frescos em minha memória? – perguntou Manoel.

– Pelo que posso ver, meu filho, você ainda desconhece muito das leis imutáveis de Deus; e uma delas é a reencarnação.

– Sim, me lembro de ter ouvido isso na Casa Espírita, mas na ocasião em que eu estava frequentando a casa, sinceramente não acreditava em nada disso, apenas cria que com a morte do corpo tudo se acabava.

– Mas se você não acreditava nos ensinamentos espíritas, por que frequentava, Manoel?

Nesse momento, Manoel baixou a cabeça e deixou que uma lágrima escorresse pelo seu rosto, e balbuciou:

– Vou lhe ser sincero, seu José. Na verdade eu via o quanto dr. Cavalcanti era feliz no casamento, e eu atribuía sua felicidade ao fato de estarem em uma religião. Passei a frequentar a Casa Espírita por dois motivos: primeiro por pensar que Isabel, frequentando junto comigo, finalmente visse que eu era um bom marido, e passasse então a me amar; e segundo porque queria alegrar o meu chefe.

Seu José baixou os olhos e disse:

– Bem, pelo que me acabou de dizer, você não concordava com os ensinamentos aprendidos na Casa Espírita e suas motivações eram puramente interesseiras. Quando alguém procura conhecer os ensinamentos espíritas, deve ser movido pelo amor, e não pelo interesse, pois sendo assim não se prevalece. Você não foi sincero, e por isso mesmo, depois de algum tempo, se afastou; e quando viu que Isabel não estava nem um pouco interessada e que seu casamento continuava a naufragar, vocês deixaram de lado. E outro erro foi quando pensou que poderia tirar proveito pessoal, por achar que seu chefe pudesse lhe promover ou talvez aumentar seu salário.

Seu José continuou, dizendo:

– Jesus, quando transmitia seus ensinamentos às pessoas, sabia que muitos não tinham a necessidade espiritual necessária, mas antes se aproximavam dele por querer algo em troca, principalmente quando se tratava do divino mestre realizar grandes curas, ou pela curiosidade.

– Mas Jesus não curava os doentes como descrevem as escrituras? – perguntou Manoel, interessado.

José, sorrindo, passou a responder:

– Há muitos exemplos de cura descritos nas escrituras, mas note que não há registros de que as pessoas que foram curadas por ele tenham permanecido, ou seja, se tornado seus seguidores. Apenas em alguns casos isso ocorreu, tais como o de Maria Madalena, que sinceramente se arrependeu e tornou-se sua seguidora.

“Portanto, Manoel, não se culpe por você um dia ter tido a oportunidade de absorver conhecimentos espirituais, mas estar tão envolvido com seus problemas pessoais que deixou os espirituais de lado. Você, como disse há pouco, ouvia sobre uma das leis de Deus que é a reencarnação, mas em seu íntimo não cria nisso; mas agora, depois do seu desenlace, pode ver quão verídicos são esses ensinamentos. E não se lastime por não ter crido e aprendido sobre as leis imutáveis de Deus, pois você agora não está somente tendo a oportunidade de aprender como também de rever velhos conceitos. A reencarnação vai propiciar a você a oportunidade de expiar suas falhas, portanto, quando chegar seu momento de regressar à Terra, procure aprender, para que ao desencarnar você não fique tanto tempo se debatendo de um lugar a outro, ou caindo até mesmo nos laços malévolos da vingança.”

Manoel olhou para o rosto de seu José e perguntou:

– O senhor está querendo dizer que se eu tivesse sido sincero e aprendido sobre a espiritualidade não teria ficado todo aquele tempo em minha antiga residência?

– Manoel, eu não estou dizendo nada, apenas que se você tivesse abraçado a doutrina de coração, teria o conhecimento necessário para alçar novos voos. Veja bem, se você tivesse esse conhecimento em seu coração, logo ao desencarnar iria procurar ajuda, e uma forma de aprender a viver em seu novo estado; certamente descobrindo mais tarde que fora assassinado pela esposa e pelo amante, você teria perdoado, pois o perdão às ofensas não é um dos ensinamentos principais de Jesus? Com esses conhecimentos, não deixaria brotar em seu coração o desejo de vingança, que muito atrapalhou sua marcha espiritual depois de seu desencarne, fazendo de você um devedor que só fez aumentar a sua dívida com Isabel, sendo que terá que resgatá-la no futuro. Portanto, Manoel, como você pode ver, você não foi tão bom assim como julgou, pois se fosse não estaria vivendo num planeta de provas e expiação.

Manoel então percebeu o quanto se enganara durante a sua estada na Terra; afinal, não havia sido tão bom. Era honesto e cumpridor de seus deveres, mas isso não fez dele uma pessoa melhor; ele se tornaria um pouco melhor apenas depois de procurar fazer a reforma íntima tão bem descrita nos ensinamentos espíritas.

José, ouvindo os pensamentos de Manoel, disse sorrindo:

– Deus, em sua infinita bondade e misericórdia, nos dá oportunidades de expiarmos os erros por meio da reencarnação. Você adquiriu dívidas com Isabel quando desejou vingar-se dela, mas terá a oportunidade de resgatá-la no tempo certo.

Manoel sentiu seu coração vibrar de alegria, pois sabia que teria a oportunidade de pedir perdão a Isabel. Por outro lado, ficou a pensar em tudo que ela estava passando na prisão, e novamente seu coração anuviou-se; mas logo procurou não pensar mais no assunto.

Seu José, depois de conversar um pouco com o ex-genro, decidiu que deveria deixá-lo descansar, afinal ele já estava agastado demais com seus erros e principalmente com os sentimentos de culpa que lhe torturavam a consciência.

Manoel percebeu que seus ferimentos não doíam mais, mas mesmo assim sentiu novamente o sono, e logo adormeceu.

30

O martírio de Isabel

Isabel já estava na prisão havia quase quatro anos e não suportava aquela vida. As detentas eram tão perversas que a obrigavam a cuidar da cela, e mesmo assim várias vezes ela foi espancada por Rita, a mulher que comandava as detentas.

Não era raro ver drogas entrarem no presídio, com a ajuda de uma das carcereiras, que por sua vez era amiga de Rita. As drogas chegavam às mãos de Rita, e ela tratava de passar às detentas viciadas.

Isabel odiava Rita, pois esta a obrigara a lavar o banheiro, e como Isabel se recusara, ela deu-lhe uma surra memorável, fraturando-lhe o braço nos primeiros dias em que estava na prisão. Depois disso, vendo que Rita tinha autonomia sobre outras detentas, resolveu obedecer.

Um dia, estando Isabel em sua cama, Rita disse:

– Acho que está na hora de você viajar um pouco, pois a vida aqui na prisão é muito difícil, e você precisa de um pouco de alegria.

Isabel, entendendo o que Rita dizia, uma vez que se habituara ao linguajar das presas, respondeu:

– Obrigada, mas estou bem assim!

– Acho que você não entendeu! – disse Rita sorrindo, – não estou lhe oferecendo nada, estou mandando que você cheire um pouco do que tenho aqui.

– Não quero! – disse Isabel decididamente.

Rita, olhando para as outras detentas e sorrindo, disse:

– A patricinha esqueceu por que está na prisão… – Olhou finalmente para Lúcia, seu braço direito.

– Se não me engano é por tráfico! – Completou Lúcia, rindo.

– Hum! Ela foi condenada à prisão por tráfico, e agora está se recusando a usar um pouco do veneno que passou a tanta gente…

Isabel fechou a revista que estava lendo e sentou-se na cama. Rita disse:

– Não se preocupe! Você vai gostar, ou melhor, vai adorar…

Foi Paula que tirou do bolso da calça que estava usando um envelope, e abrindo-o preparou a droga em fileirinha, enquanto as outras três se aproximaram de Isabel, e, dando-lhe uns tapas no rosto, pegaram-na pelo cabelo, enquanto Rita, sorrindo, virando um chaveiro que sempre estava em seu poder, dizia:

– Você é uma idiota metida, e aqui todas as metidas sofrem! Agora você vai pensar em algo que gostaria de fazer e vai dar uma cheirada, até aspirar todo o pó!

Isabel, como sabia que não teria escolha, resolveu obedecer, pois não queria ficar novamente com o braço quebrado. Pensou em sua mãe e no tempo que era criança, e logo depois fez o que Rita havia lhe mandado.

Assim que o pó branco entrou em suas narinas, ela sentiu seu rosto adormecer, e seus pensamentos começaram a lhe mostrar imagens. Viu sua mãe entrar em uma das casas em que morava, com uma grande boneca, e sorrindo lhe disse:

– Isabel, veja bem o que papai Noel trouxe para você! Acaso não é a boneca que pediu?

Isabel, sorrindo, dissera que sim e logo que pegou a boneca foi a seu quarto brincar; mas, sentindo ímpetos de abrir a boneca para ver o que havia dentro dela, arrancou-lhe a perna e disse à mãe:

– Olha, mamãe, quebrou a boneca! O que faço?

Dona Marisa calmamente pegou a boneca, e logo encaixou-lhe a perna no lugar.

Isabel sentia-se feliz por estar novamente ao lado da mãe.

Rita, percebendo que ela estava passando pelas alucinações peculiares ao uso da droga, sorrindo disse para as companheiras:

– Vamos! Ela está viajando, e agora sempre vai precisar de mais drogas; e com isso será uma ativa consumidora da droga que temos a oferecer.

E assim, todas passaram a sorrir vendo Isabel deitada em sua cama, com um jeito abobalhado, e se afastaram gargalhando para o pátio.

Isabel, depois de um tempo, retornou de sua alucinação, e percebeu que já não estavam nem Rita nem o seu bando de mulheres asquerosas. Começou

a chorar copiosamente, temendo já estar viciada na droga.

Rita fora presa por assassinato e pegara vinte e um anos de prisão, pois o homem que assassinara era uma pessoa influente da cidade vizinha; como ela havia se deitado com ele momentos antes da sua morte, logo a polícia a prendeu. Era uma negra forte, e seus dentes pareciam porcelana de tão brancos. Como era a mais forte do presídio, não foi difícil dominar as outras; com a ajuda de outras cinco mulheres, ela se tornou imbatível, de modo que todas as detentas faziam o que ela queria.

Isabel chorava, pois para ela era humilhante aquela situação, e procurava ficar longe de Rita e sua gangue, como ela mesma dizia.

Isabel sentia falta de Janaína, pois ela nunca fora lhe visitar, e ao mesmo tempo pensava em como fora tão dura com João Felipe; afinal, sempre que podia ele ia vê-la e procurava acalmá-la, dizendo que ela não iria ficar naquele lugar para sempre.

João Felipe era um rapaz sensível e chorava ao ver a mãe naquela situação.

Os pais de Manoel, ignorando o fato de ela estar envolvida com a morte do filho, também iam visitá-la na prisão, e isso a incomodava, pois ela trazia em sua consciência o que havia feito com o único homem que realmente a amava e a aceitava do jeito que era.

Isabel mantinha um bom comportamento, de modo que não lhe foi difícil conquistar algumas policiais que se revezavam em plantões.

Havia uma policial chamada Teresa, que procurava sempre ser justa com as detentas. Ela não gostava do jeito de Rita, pois ela era muito arrogante e sempre que podia ofendia até mesmo as carcereiras, que geralmente ficavam quietas com as provocações da detenta.

Teresa era uma mulher com seus trinta e oito anos, forte e séria, de modo que muitas detentas a respeitavam, pois sabiam se tratar de uma pessoa que não media esforços para impingir determinados castigos, principalmente lançando algumas na solitária.

Rita tinha verdadeiro ódio por Teresa, pois esta não se intimidava com as suas atitudes – uma delas de ameaçá-la de morte. Diversas vezes, naqueles sete anos de prisão de Rita, Teresa a mandara para a solitária por vários motivos, e a detenta gritava a plenos pulmões que iria matá-la.

Isabel gostava de Teresa, pois quando era o seu plantão tudo era calmo para ela, já que a policial se mostrava atenta a tudo que acontecia, e Rita,

para não voltar à solitária, preferia ficar com seu bando à distância das outras.

Certo dia, tendo Teresa trocado de plantão com Jandira – uma outra policial que se rendia às ameaças de Rita – Teresa entrou mais cedo que o habitual e ouviu uma balbúrdia vindo do pátio; para sua surpresa, Rita estava batendo em uma detenta porque esta havia se negado a dar-lhe um perfume que ganhara em uma das visitas.

Isabel estava de lado observando a cena; as companheiras de Rita sorriam felizes, e as outras detentas, para chamar a atenção da guarda, começaram a gritar fervorosamente. Isabel não se conformava com tanta maldade, e embora ainda não soubesse que seria Teresa quem estaria naquele dia, ficou a pensar que tinha que sair daquele lugar o mais rápido possível, afinal, segundo pensava, aquilo não era para ela.

Teresa, ao ouvir tamanha gritaria, penetrou no pátio munida de seu cassetete e, entrando no meio da confusão, foi logo batendo em quem estivesse pela frente. Quando chegou, era tarde demais, pois Maria, uma outra detenta, já estava respirando com dificuldade. Rita enfiara nas costas dela uma lâmina que ela mesma afiara entre as pedras, longe de todos. Com o golpe, Maria estrebuchou, indo ao chão.

Para Isabel e as outras a lâmina na cintura de Rita não era novidade, afinal ela fazia questão de mostrar a todas e intimidá-las dando tapinhas na cintura para ser obedecida.

Maria fora muito humilhada por Rita, de modo que não se intimidou com a ameaça, e resistiu em dar-lhe o perfume.

Teresa, quando viu aquilo, ficou abismada; sem pensar, começou a bater em Rita enquanto as outras fugiram.

Rita apanhou de Teresa e logo depois foi trancafiada na solitária – aliás, um lugar onde muita gente tinha pavor de ir, pois era um cubículo sujo e fétido.

Isabel gostava dos plantões de Teresa, pois ela era a única que não se intimidava com as ameaças de Rita; e quando ela estava, tudo parecia fluir tranquilamente.

Teresa gostara de Isabel desde que ela chegara ao presídio feminino, pois era introspectiva e geralmente não se metia em confusão.

Nos momentos tranquilos, Teresa sempre lia um livro intitulado *O Livro dos Espíritos*. Não gostava do trabalho que fazia, pois sempre se sentia mal

depois de castigar uma detenta. Mas a profissão a obrigava a ser dura, a fim de manter a ordem.

Maria foi ajudada por outras policiais, mas infelizmente já era tarde: a detenta, não resistindo aos ferimentos, morreu na enfermaria do presídio.

Naquele dia em que Rita fora trancafiada na solitária, Isabel, vendo que Teresa estava lendo, mansamente se aproximou dela e perguntou:

– O que está lendo?

– Estou lendo essa obra chamada *O Livro dos Espíritos*, um livro em que se fala muito sobre as leis que regem o universo.

Foi então que Isabel se lembrou que certa vez Manoel aparecera com esse livro em casa, mas ela dera o livro para Janaína brincar. O livro acabou rabiscado e parte dele foi rasgada; e Isabel se lembrou de quando acabou por jogá-lo fora.

– Mas o que fala propriamente esse livro? Pois me lembro que meu marido o lia quando comprou, mas com o passar do tempo o livro ficou na gaveta.

– Que pena que você não deu importância a esse livro, pois se tivesse aprendido tenho certeza de que hoje você não estaria nesse lugar horrível! Esse livro ensina muitas coisas que acabam por mudar o nosso padrão de comportamento.

Isabel se lembrou então das objeções que lançara a Manoel para que ele não frequentasse a Casa Espírita, e de repente arrependera-se por tê-lo feito desistir.

Teresa perguntou:

– Você chegou a ler alguma vez esse livro?

– Não! Nunca me interessei.

– Bem, acho que deveria se interessar, pois é um livro que tem não somente os ensinamentos passados pelos espíritos da codificação a Allan Kardec, mas também nos ensina o que ocorre depois da morte.

Isabel foi clara com Teresa quando disse:

– Olha, Teresa, para ser sincera eu nunca acreditei em vida após a morte. Acho que viver é penoso e prefiro pensar que tudo se acaba ao morrermos.

Teresa, observando que Isabel estava sendo sincera, foi logo dizendo:

– Isabel, embora você não acredite a vida após essa vida é um fato consumado do qual não podemos fugir. Veja bem, se vivêssemos apenas uma

única vez, que vantagem haveria nisso tudo? Mas, afinal de contas, o que realmente é a morte?

– A morte é o fim de tudo! – respondeu Isabel. – É quando deixamos de sofrer nesse mundo miserável e cheio de dores.

Teresa, sorrindo com a simplicidade das palavras de Isabel, por fim respondeu:

– Isabel, digamos que você construa uma bela casa, e nessa casa haja todo o conforto de que alguém necessita, e até mesmo o que não necessita; você leva muitos anos para edificar a casa, e consegue deixá-la do jeito que idealizou. Depois de pronta, porém, você manda que a destruam. O que diria dessa sua atitude?

– Eu diria que estou louca! Pois se era somente para destruí-la, nós nem sequer perderíamos tempo e esforço para construí-la.

– Muito bem, Deus é o gerador da vida, e depois de setenta ou oitenta anos nós nos acabamos com a morte; será que Deus estaria sendo coerente e lógico?

Isabel nesse momento ficou em silêncio, pois ficou a pensar que tinham mesmo fundamento as palavras de Teresa.

E Teresa continuou:

– Veja bem: por que nos criar se só iríamos viver poucos anos e morrer? Não seria lógico, pois Deus, quando nos criou, fez para que vivêssemos para sempre, de modo que Ele nos criou primeiramente em espírito e somente depois para que pudéssemos aprender que Ele finalmente permitiu que nosso espírito fosse revestido com um corpo de carne. Na verdade, o que morre é o corpo carnal, pois este é perecível, mas nossa essência, ou seja, o nosso espírito este é imortal.

Depois de uma pequena pausa, Teresa prosseguiu:

– Então, por mais que você ache a sua vida enfadonha, se preferir a morte saiba que ela é capaz de aniquilar o corpo carnal, mas jamais o seu espírito, porque este é indestrutível. Ao morrermos deixamos o corpo de carne e continuamos a viver em um corpo espiritual. Portanto, de uma vez por todas, o que morre realmente é o corpo, porque o espírito é eterno.

Isabel pela primeira vez pensou em Manoel depois de sua morte, e perguntou:

– Teresa, você acha que o espírito pode se vingar de alguém que ainda está vivo?

Teresa pensou no assunto e disse:

– Claro que sim! Pois quando abandonamos o corpo carnal continuamos a ser a mesma pessoa que éramos quando ainda estávamos no corpo, de modo que se uma pessoa é vingativa ela continuará a sê-lo depois de sua passagem. Jesus disse que deveríamos amar até mesmo os nossos inimigos, e se seguirmos esses ensinamentos de nosso divino Mestre certamente não seremos vítimas de vinganças. Temos que entender que a morte só nos livra da presença física de nossos inimigos, pois eles poderão se vingar de nós mesmo estando em outra dimensão da vida. E se tornam bem mais perigosos, pois costumam agir nas sombras.

Isabel naquele momento ficou a pensar em tudo que conversara com Teresa, e decidiu que iria voltar para a cela, pois estava sentindo dores de cabeça.

Teresa, como era uma mulher habituada a observar a pessoa com quem falava, logo deduziu:

– Esta pobre infeliz certamente tem algo escondido no escaninho de sua alma, pois me pareceu amedrontada! – E dizendo essas palavras, Teresa também saiu do lugar em que estava e foi fazer sua ronda para saber se estava tudo bem com as detentas, que até aquele momento pareciam quietas demais.

Naná estava feliz, pois ficara sabendo que Manoel havia sido acolhido e estava se recuperando na colônia; e com uma rosa que apanhara do jardim do pronto-socorro, bateu levemente na porta.

Manoel, que estava sentado na cama, logo respondeu:

– Entre!

Ao olhar para a porta, viu a figura de Naná sorrindo, trazendo uma rosa em sua mão direita; Manoel ficou feliz e levantou-se rapidamente, e entregou-se ao abraço, mostrando-se contente com o reencontro.

Naná já sabia de tudo que havia acontecido a ele, porém evitou tocar no assunto.

– Que bom revê-lo, meu filho! Você não sabe como estou feliz em tê-lo aqui conosco!

Manoel, sorrindo, disse:

– Dona Naná, não sabe como fico feliz em poder revê-la! Passei por tantas coisas, e agora Deus está sendo generoso comigo, pois está me dando a oportunidade de rever todos aqueles que partiram antes de mim. Já recebi a visita do seu José, de dona Marisa, que só conheci agora, da senhora, do meu avô… enfim, estes dias estão sendo muito felizes para mim.

Naná ficou feliz em saber que Manoel estava se sentindo bem, e procurou não tocar no assunto sobre o que ele fizera ainda na crosta naqueles anos que sucederam o seu desencarne.

Manoel perguntou a Naná:

– Dona Naná, a senhora é feliz aqui?

Naná, sorrindo para ele, com ternura respondeu:

– Sim, meu filho! Sou muito feliz aqui, pois saiba que Deus, em sua infinita bondade e misericórdia, criou muitas moradas, e nessa morada criada pelo Pai, digo-vos que todos são felizes. Claro que há aqueles que sentem exagerada falta dos que deixaram na Terra, e há outros que, ainda apegados à matéria, sentem falta de algum conforto que porventura abandonaram ao regressar para essa colônia de paz. Mas o importante é que aqui é um lugar de aprendizado, pois podemos avaliar o quanto fizemos na Terra e como isso nos ajudou a evoluir como espíritos. Portanto, meu filho, aproveite esse momento, aprenda para que você possa colocar esses ensinamentos em prática quando voltar, por meio de uma lei imutável que é a lei da reencarnação.

Após uma pequena pausa, prosseguiu:

– É como aprendi quando cheguei nessa dimensão da vida; podemos aprender na teoria, mas é na crosta que vamos exercitar o que aprendemos aqui.

Manoel nesse momento se lembrou do que fizera, e abriu seu coração a Naná:

– Dona Naná, sempre acreditei que amasse Isabel! Procurei fazê-la feliz, não deixei que nada lhe faltasse, mas certo dia ela arranjou um amante, e acabou com meu corpo físico. Quando descobri que fui vítima de uma armadilha, confesso que me revoltei, e o desejo de vingança foi aumentando em mim, a ponto de arquitetar um plano em que ela e seu amante respondessem pelo crime cometido. Jurei que não ficariam impunes. O ódio me cegou a tal ponto que tudo que queria era vê-los pagar por tudo que me fizeram. Confesso que consegui lançá-los na prisão, mas depois de um

tempo, isso realmente não me fez feliz. Fui ficando ainda mais triste e vazio, e percebi que talvez fosse mais fácil perdoá-los e seguir meu caminho. Hoje me arrependo por tudo que fiz a Isabel, e saciar a minha sede de vingança não me fez voltar ao corpo físico, muito menos me fez feliz. Agora vivo dividido entre as coisas que venho ouvindo desde que aqui cheguei, confesso que me sinto endividado e me condeno por ter cooperado com a infelicidade de Isabel.

Se eu pudesse voltar atrás…

Naná, observando os olhos de Manoel, pôde perceber o quanto ele estava sendo sincero em seu arrependimento, de modo que procurou confortá-lo, dizendo:

– Manoel, preste atenção. Jesus, enquanto esteve na Terra, ensinou que deveríamos perdoar os inimigos e fazer o bem a todos. Essas palavras nos mostram bem o que Jesus queria ensinar. Quando nos deixamos arrastar pelo desejo de vingança, isso vai nos infelicitar ainda mais. Agora veja bem: você agiu movido pelo desejo de vingança, e ainda cometeu outros erros que te feriram a consciência. E tem mais, meu filho: quando odiamos alguém, saiba que o ódio faz mais mal a quem o sente do que ao objeto de vingança. E o seu ódio somente o prejudicou ainda mais. Reparou como você ficou preso ao lado de Isabel? Talvez se você a tivesse perdoado, não ficasse tanto tempo ao seu lado e de seu algoz. Isso mostra, meu filho, que na verdade o que te prendeu na crosta foi o ódio que você nutriu pelo seu assassino mesmo antes de saber de quem se tratava, e que foi reforçado ainda mais quando você descobriu que Isabel estava envolvida nisso.

Manoel não teve como esconder e respondeu:

– Realmente! Quando ouvi o médico dizer que eu estava morto, eu gritava desesperadamente que não; e embora estivesse ainda preso ao corpo, senti um ódio terrível do homem que havia atirado em mim, pois na verdade naquele momento eu jurei a mim mesmo que me vingaria daquele que me ferira. Mas me enganei quando pensei que eu sempre fui um bom marido, um bom pai, enfim um bom cidadão; na verdade, eu me enganei aquele tempo todo, achando que fazer o que a sociedade cobrava de mim me tornaria bom. Na verdade, meu coração escondia coisas que só eu sabia. Quando quis me casar com Isabel, talvez não tenha sido tanto por amor, mas sim porque sua beleza acendeu ainda mais minha vaidade, pois eu sempre soube que alguns rapazes a achavam linda. Quando me deitei com Rosália não me preocupei

com seus sentimentos, de modo que lhe tirei a inocência, e ainda evitei saber dela por muitos anos.

"Quando eu procurava fazer tudo direitinho no trabalho, só queria na verdade mostrar a todo mundo que eu era um bom rapaz e o melhor em tudo que fazia."

Manoel parou por um breve instante, e então recomeçou a falar:

– Dona Naná, observo que realmente eu me mascarei o tempo todo, e o pior de tudo é que passei a acreditar na máscara que usava. Quando perdi meu corpo, acreditei que não merecia tudo aquilo, mas vejo que merecia sim, pois aprisionei uma mulher que sabia não me amar, por pura vaidade; e para lhe ser sincero, quando eu saía com Isabel eu fazia questão de mostrá-la a todos como meu precioso troféu… como pude ser tão idiota! Como me arrependo! Para lhe ser sincero, eu sempre senti algo especial por Rosália, pois ela era uma mulata muito bonita; mas eu queria mais, queria uma mulher que todos dissessem que era linda; muita coisa que fiz por Isabel era para que todos me chamassem de bom, e ficava envaidecido quando alguém falava tanto para minha mãe como para Isabel que eu sempre fora um ótimo filho, e que também era um ótimo marido. Se eu pudesse voltar atrás, juro que faria tudo diferente!

Naná ouvia as declarações de Manoel e, depois do desabafo, finalmente disse:

– Meu filho, você já deu um grande passo, que é reconhecer para você mesmo que sua vida foi uma máscara que usava somente para que outros o elogiassem. A vida é valorosa e cada um tem sua beleza. Meu filho, agora que sabe onde errou, por que não aproveita o tempo para reavaliar os seus sentimentos enquanto estava encarnado, e procurar se corrigir? Você viveu de aparências enquanto esteve na Terra; deixe agora que todos vejam quem na verdade você é, o que pensa. Olha, meu filho, em tudo que fizermos devemos pensar em beneficiar nosso próximo de algum modo, mas sem deixar de sermos nós mesmos. Talvez, a sua vaidade tenha sido aguçada desde criança, pois me lembro de como sua mãe se referia a você; isso o induziu a viver de aparências, deixando de lado a sua essência. Será que se porventura você mostrasse quem realmente era não teria vivido melhor ao lado de Isabel, ou de quem quer que fosse? Infelizmente, muitas pessoas se escondem sob uma máscara de bondade, mas muitas vezes seu coração é negro. Jesus nos deu exemplo de como realmente era; embora fosse

compassivo e bom, ele mostrou diversas vezes ter pulso firme com seus discípulos e para com aqueles que o rodeavam.

“Lembra-se do que houve quando ele entrou no templo e viu o que os vendilhões do templo estavam fazendo?”

Manoel, não sabendo, perguntou:

– Mas o que ele fez?

Naná respondeu:

– Trançou um chicote e expulsou os vendilhões, dizendo que a casa do Pai não era casa de comércio. Talvez você ache que Jesus perdera a calma naquele momento; mas não: na verdade, Jesus mostrou sua autoridade com amor, pois ele defendeu claramente os belos propósitos que pregava, que eram a caridade acima de qualquer outra coisa, e não apenas um meio de ganhar dinheiro, como aqueles vendilhões estavam fazendo. Será que essa atitude de Jesus detraiu a sua mensagem de amor? Claro que não! Pois na verdade ele era firme e ao mesmo tempo amoroso. E o mais importante: naquele momento em que ele trançou o chicote, não se preocupou com o que os outros iriam dizer; ele foi firme em sua decisão de defender o templo dos mercadores. Jesus não ficou quieto somente para que as pessoas nada dissessem a seu respeito, ele se preocupou em fazer o certo. Procure tirar uma lição dos ensinamentos de Jesus, de sermos sempre nós mesmos, independente da situação que estejamos vivendo e quem por acaso esteja ao nosso lado. A vaidade, meu filho, não passa de uma ilusão, que por vezes pode nos custar muito caro.

Manoel, naquele momento, disse:

– Dona Naná, a máscara que usei enganou somente a mim, pois na verdade as pessoas sabiam que eu não podia ser aquele homem bonzinho todo tempo, pois temos nossas falhas e ninguém é realmente bom. Se eu fosse mesmo tão bom como julgava ser, não teria me vingado de Isabel e Hamilton.

– Meu filho, o importante é que saiba que tua vingança fez mal a eles, mas mais mal ainda a você, que angariou ainda mais dívidas com aqueles que te prepararam uma armadilha. Teu sentimento de culpa em nada vai ajudá-lo; o que tem a fazer no momento é procurar se corrigir, e se perdoar acima de qualquer outra coisa. Logicamente que Isabel errou, mas se formos enumerar os erros, perceberemos que quem errou primeiro foi você, pois queria apenas mostrar a todos a moça com quem iria se casar. Mas não fique

a se lastimar com isso, pois certa vez, quando disseram que Jesus era bom, o que ele respondeu?

– Jesus disse que bom é Deus! – respondeu Manoel, lembrando-se de Marisa, mãe de Isabel.

– Filho, não tenha vergonha de deixar que outros vejam quem na verdade você é; o importante em tudo isso é que você esteja disposto a corrigi-los. E sentimento de culpa de nada vai ajudá-lo, o importante é você tirar proveito de seus erros e não repeti-los.

Manoel, com os olhos rasos d'água, abraçou Naná e disse:

– Já me foi dito que posso sair do quarto e ir para o jardim, mas na verdade não me sinto digno de estar aqui.

Naná, observando a sinceridade de Manoel, respondeu:

– Se você não fosse digno certamente não estaria aqui! Temos que ser equilibrados também nos pesares que sentimos quando reconhecemos um erro; nunca se esqueça de que sentimento de culpa exacerbado também é vaidade. Manoel, tudo que precisar e eu puder ajudá-lo estarei aqui. Arrependimento é muito bom, aliás, é um passo importante para o nosso reajuste, mas sentimento de culpa é algo destrutivo, que nos esmaga o coração. Bem, acho que está na hora de ir para o curso. Mas não fique somente no quarto, está na hora de você sair e visitar o jardim, conhecer novas pessoas.

– Irei passear, não se preocupe, ficarei bem! – disse Manoel.

– Sentimento de culpa é algo destruidor, que pode acabar com quem o sente. Portanto, deixe o passado para trás e pense na nova pessoa que doravante você será!

Dizendo essas últimas palavras, Naná saiu apressada, deixando Manoel a pensar em tudo o que realmente fora. Ele sempre fizera questão de ser o melhor da classe, e ser tido como exemplo para os demais alunos; sempre fizera questão de ter boas roupas, que também tinham que ser bem lavadas e passadas… Quando jogava futebol com Maurício, sempre se esforçara para ser o melhor em campo, somente para os colegas o escolherem primeiro na hora de fazer o time. Na escola, sempre fizera questão de ser o melhor, para que quando sua mãe fosse à reunião bimestral de pais e mestres sentisse orgulho do filho inteligente que tinha. Quando começou ainda menino a trabalhar com o dr. Cavalcanti, fez questão de mostrar que tinha capacidade de assumir um cargo de confiança. Quando namorou Isabel, fez questão de

dizer a todos os seus amigos que estava namorando a moça mais cobiçada da cidade. Quando resolveu se vingar, foi porque sua vaidade estava ferida.

Manoel chorou e fez uma prece pedindo a Deus que lhe desse a oportunidade de reparar tantos erros cometidos, principalmente o erro maior de ter vivido de aparências aqueles anos todos.

Isabel esperava que o plantão de Teresa chegasse rapidamente, afinal ela estava aprendendo muitas coisas sobre a espiritualidade, já que o plantão de Teresa era sempre tão tranquilo.

Desde que começara a aprender sobre as leis universais e imutáveis de Deus, já não se queixava mais. Por outro lado, havia algo que ainda a incomodava muito, já que ela sentia sua consciência gritar dia e noite. Ela sentia em sua consciência que o passado ainda estava presente, afinal era algo que ela não poderia jamais esquecer.

Manoel não merecia morrer como morreu; e ela era a assassina, pois se não tivesse aquecido a ambição de Hamilton nada daquilo teria acontecido.

Naquele dia, Teresa chegou, como sempre, séria, e ao cumprimentar Isabel foi logo dizendo:

– Vou fazer o meu trabalho como sempre e depois conversaremos, já que você hoje parece não estar nada bem.

– Sim, não estou mesmo – disse Isabel. – Hoje preciso urgentemente falar com você, Teresa, não via a hora de você chegar.

Teresa gostava de Isabel, pois sentia que ela era diferente das outras detentas. Seu linguajar e suas atitudes a diferenciavam; enquanto as outras tinham o linguajar usado por malandros, o linguajar de Isabel permanecia ainda como os de mulheres sérias e recatadas.

Isabel estava abatida naquela noite, pois cada vez que ia dormir, começava a ouvir gargalhadas masculinas e acabava acordando.

E assim os dias foram passando, e à medida que Isabel ia aprendendo com Teresa sobre os fenômenos espirituais, ela ia se sentindo incomodada com seu passado e com sua situação, que não era nada boa.

Rita, quando saiu da solitária, logo ficou sabendo que Isabel fizera amizade com Teresa; assim, para evitar encrenca, resolveu deixá-la em paz.

Para Isabel, a trégua que Rita lhe dera foi um verdadeiro alívio, pois ela não se sentia obrigada a limpar a cela e deixar-se bolinar pela presidiária.

Isabel passou a ler *O Livro dos Espíritos*, que Teresa lhe dera de presente, e procurava ficar longe das outras detentas, aguardando impacientemente que sua pena se cumprisse logo, para enfim sair de lá. À medida que Isabel ia aprendendo, ela esperava com alegria os plantões de Teresa.

Certo dia, perguntou:

– Você me ensinou que somos espíritos encarnados e que a reencarnação é um fato. Gostaria de saber se esses espíritos podem realmente influenciar nossas vidas, ou seja, eles podem nos ajudar ou atrapalhar?

– Sim! – respondeu Teresa. – Como diz *O Livro dos Espíritos*, no capítulo nove, sobre a intervenção dos espíritos no mundo corporal, fala-se da missão de Espíritos Protetores, que é como a de um pai que guia o seu protegido no bom caminho, dando-lhe conselhos, boas intuições, consolando-o nas aflições e ajudando-o a manter a coragem diante das provações; há também aqueles espíritos que querem justamente o contrário. Assim como há encarnados de todas as espécies, há também aqueles que querem nos atrapalhar a marcha. E assim como os bons espíritos podem nos ajudar mediante nossos pensamentos, esses perturbadores agem da mesma forma, interferindo em nossos pensamentos e em nossos atos. Portanto, esses espíritos podem interferir em nossas vidas, sim, e sua influência é bem maior do que possamos imaginar.

Teresa fez uma pausa breve e então prosseguiu:

– Quando muitas vezes nos encontramos aflitos, não recorremos a Deus por meio da prece para nos auxiliar? E quem se encarrega de levar essas preces até Deus não são os bons espíritos. Quando pensamos no bem, conectamo-nos com quem quer o bem. E isso nos dá alegria e coragem para enfrentar as intempéries da vida, trazendo-nos mais estabilidade emocional, equilíbrio que nos mantêm ligados ao nosso espírito protetor. Mas quando fazemos o contrário, nos conectamos com espíritos inferiores que podem nos fazer sentir piores que estávamos, e isso traz uma certa inquietude, e até mesmo nos leva ao desespero. Portanto, o que vai atrair boas companhias para nosso lado são os nossos padrões de pensamentos, pois infelizmente ainda vivemos na carne e somos suscetíveis a influências externas do mundo espiritual. Mas nunca se esqueça de que somos nós que atraímos os nossos companheiros espirituais; se nos mantivermos com os nossos pensamentos

conectados no bem, teremos bons companheiros, mas se fizermos o contrário, atrairemos desencarnados que estejam na mesma faixa vibratória.

Nesse momento, Isabel ficou pensando no dia em que ligou para Hamilton e estava decidida a eliminar Manoel, e foi nesse instante que se lembrou que havia nela uma coragem fora do normal, pois ela em sã consciência jamais teria feito tal pedido.

Baixou a cabeça e deixou que uma lágrima escorresse, chamando a atenção de Teresa, que sem entender perguntou:

– Isabel, por que está se sentindo dessa maneira? Disse algo que a magoou?

Isabel, sem levantar os olhos, respondeu:

– Teresa, ouvindo sua explicação, logo me lembro de algo horrível que fiz no passado, e sinceramente até hoje fico a pensar em como pude fazer tal coisa; você acha que isso tem a ver com espíritos?

– Isabel, é muito fácil identificar se algo que realizamos tem ou não a ver com espíritos. Pense bem: quando fazemos algo e logo vem um pensamento do tipo "como eu pude fazer isso", pode ter certeza que você foi impelida a fazer determinada coisa; mas lembre-se, os espíritos só nos induzem a fazer o que queremos… Por outro lado, quando fazemos e com o passar do tempo dizemos a nós mesmos "fiz e faria tudo novamente", aí pode ter certeza de que foi você mesma quem fez, sem a intervenção de ninguém. Jamais podemos pensar que tudo que nos acontece é por intervenção dos espíritos, pois tudo tem a ver com a nossa vontade e nosso livre-arbítrio. Talvez, quando você fez tal coisa, pode ser que tenha sido impelida, sim, pois hoje percebo que você se entristeceu e muito ao se lembrar do passado.

– Ah… se eu tivesse o conhecimento que tenho hoje, jamais teria feito o que fiz.

– Bem, o passado não se muda mais, mas saiba que graças ao passado podemos tirar muitas lições valiosas para nossa evolução e dessa forma fazermos um presente diferente ao mudarmos nossa conduta e principalmente nossos pensamentos. Você se lastima pelo passado, mas graças a ele hoje está apta a ouvir e aprender mais sobre a vida espiritual.

"E não fique a se culpar indefinidamente pelo passado; procure aprender com ele e não tornar a repeti-lo, pois para isso nos servem as experiências dolorosas: para nos ensinar, para nos fazer crescer. Infelizmente, muitas vezes só aprendemos graças ao sofrimento."

Isabel ficou em silêncio, e passados alguns minutos disse:

– Teresa, gostaria de fazer algo útil para que o tempo passe mais depressa aqui nesse inferno, o que você me sugere?

Teresa nada respondeu por alguns instantes, mas depois disse:

– Vou conversar com a administradora do presídio, e pedirei a ela que lhe ofereça um trabalho, o que me diz?

– Para mim será ótimo! Não gosto de viver na ociosidade; prefiro não sentir o tempo passar, já que aqui cada minuto leva uma eternidade.

Teresa nesse momento pediu licença e foi ter com Aurora, a responsável pelo presídio, e se aproximando respeitosamente disse:

– Aurora! Quero lhe falar sobre uma detenta, que me pediu um trabalho aqui no presídio.

A mulher, que estava com a caneta em punho, levantou os olhos e perguntou:

– Quem é a mulher que quer trabalhar? Bem, sabemos que as detentas detestam a palavra trabalho.

Teresa, com seu jeito simples, sorrindo respondeu:

– É a Isabel! Ela disse que não aguenta mais viver na ociosidade, e por isso vim pedir que lhe dê algo a fazer. Eu me responsabilizo por ela se a senhora quiser.

A mulher, olhando para um ponto indefinido sobre a mesa, disse:

– Não podemos impedir ninguém de trabalhar, mas quantos anos ela tem?

– Segundo fiquei sabendo, ela tem 47 anos; e ainda me parece muito bem disposta.

– É bom quando alguém se dispõe a trabalhar, já que a maioria das detentas prefere ficar sem fazer nada. Vou ver um lugar para ela se ocupar e volto a te chamar – respondeu Aurora, voltando ao seu relatório.

Teresa voltou ao pátio e encontrou Isabel sentada com *O Livro dos Espíritos* na mão, e ao se aproximar disse:

– Já conversei com Aurora, e ela me falou que vai ver um setor para você trabalhar.

Isabel sorriu satisfeita e respondeu:

– Teresa, você é o anjo bom que Deus colocou em meu caminho!

– Não se iluda com isso, porque de anjo eu não tenho nada. Sei que muitas aqui me odeiam, mas prefiro não me deixar levar por algumas detentas que se dizem valentes. E também me identifiquei muito com você.

Isabel, sem perceber, levantou-se de onde estava e deu um abraço caloroso em Teresa:

– Obrigada, Teresa! Vou sair desse lugar e espero que você continue a ser minha amiga.

– Seremos sempre amigas, e quando sair daqui, quero que frequente comigo a Casa Espírita.

– Para mim será um prazer! Pois se não fossem esses conhecimentos, não sei como eu passaria meus dias aqui nesse lugar.

Teresa logo ouviu um alarido e percebeu que havia briga, pois quando duas começavam a brigar as outras começavam a gritar histericamente. Se encaminhou ao local, a fim de pôr ordem, enquanto Isabel permanecia longe da gritaria. Ao ver que Rita estava brigando com uma novata, Teresa logo a puxou e a repreendeu, mandando-a novamente à solitária.

Isabel gostava sinceramente de Teresa, pois ela se mostrava firme; porém, as outras detentas não prestavam atenção em suas qualidades.

A novata se chamava Elaine, e havia sido condenada por roubo à mão armada. Isabel, logo que as mulheres foram dispersas, se aproximou de Elaine e disse:

– Cuidado! Você foi brigar justamente com Rita, ela é quem manda nas outras aqui dentro; inclusive há policiais que a temem.

– Mas eu não fiz nada! Ela tentou pegar meu livro e eu não deixei.

– Mas que livro é esse? – perguntou Isabel.

– Uma bíblia que minha mãe me deu assim que fui autuada em flagrante e ainda estava na delegacia.

– Estou lendo esse livro, chamado de *O Livro dos Espíritos*, e quando quiser eu poderei emprestar.

– Mas essa Rita não tentou tomar de você?

– Não! Ela já me fez tudo o que você pode imaginar, mas graças a Deus hoje ela não mexe mais comigo.

Elaine ficou observando Isabel e perguntou:

– Eu não a conheço de algum lugar?

Isabel foi incisiva quando disse:

– Creio que não, já faz quatro anos que estou aqui, e não me lembro de tê-la visto antes.

– Engraçado! Você me parece conhecida… – disse Elaine, prestando atenção nos traços de Isabel.

Isabel estendeu a mão e se apresentou:

– Me chamo Isabel, e você?

– Me chamo Elaine.

E a partir daquele dia, as duas se tornaram amigas, até que no plantão seguinte, Teresa se aproximou e disse:

– Isabel! Tenho boa notícia para você: acabei de falar com dona Aurora, e ela me avisou que você poderá trabalhar na enfermaria, o que acha?

Isabel disse sorrindo:

– Acho ótimo! Não gosto de ficar o tempo todo sem fazer nada.

Elaine, que estava junto com Isabel naquele momento, disse:

– Mas eu também quero trabalhar.

Teresa logo percebeu que as duas eram diferentes, e sendo assim novamente perguntou para Aurora. E no dia seguinte as duas começaram a trabalhar na enfermaria do presídio.

Havia dez leitos na enfermaria, dos quais oito estavam sendo ocupados por mulheres que estavam doentes e mal podiam levantar-se da cama.

Um médico ia ao presídio duas vezes por semana. Duas detentas haviam sofrido AVC e estavam paralisadas; uma delas tinha uma insuficiência renal crônica, e as outras eram coisas corriqueiras.

Naquele momento, estava ocorrendo no presídio uma onda de escabiose, pois as mulheres todas estavam com piolhos. Isabel, como era asseada, estava sempre se cuidando para não pegar, e as outras detentas também estavam com sarna.

Havia também duas mulheres que estavam com úlcera varicosa e passavam por tratamento médico, pois suas pernas estavam praticamente em

carne viva, e o médico ainda não contava com uma enfermeira para o auxiliar.

E assim, Isabel começou a trabalhar. Passava o tempo fazendo curativos, dando remédios nas horas certas para aquelas que não podiam sair do leito, fazia também a contagem dos remédios, pedidos do que estava faltando, enfim, passava seu tempo servindo aquelas mulheres que ainda estavam impossibilitadas.

O médico, dr. Fernando Marques, gostou de saber que tinha uma voluntária, e com o tempo, ele mesmo dizia a Isabel que se descobriu uma excelente enfermeira.

Ela se levantava às seis da manhã, esperava a hora do café, arrumava sua cama, e logo se arrumava, principalmente quando sabia ser a visita do médico ao presídio. Chegava na enfermaria exatamente às sete horas, e ajudava aquelas que estavam presas à cama a tomar banho, arrumava os leitos, ajudava a alimentá-las, limpava a enfermaria… vez por outra Teresa ia visitá-la.

Aurora, a administradora do presídio, passou a ter um carinho especial para com Isabel, pois esta sempre estava bem disposta e tudo que fazia era com esmero; ficava feliz ao poder ajudar as suas companheiras de infortúnio. Até que finalmente dona Aurora a chamou em sua sala e lhe disse:

– Seu advogado está querendo falar com você!

Isabel, como não pagara advogado, por muitas vezes se esquecia que tinha um, e foi graças a seu bom comportamento que ela recebeu a liberdade condicional. Ao entrar na sala onde os advogados ficavam para conversarem com suas clientes, ela disse:

– Bom dia! Como está, doutor Cássio? Há quanto tempo não o vejo.

Sorrindo, o homem respondeu:

– Trago boas novas: ontem o juiz lhe concedeu a sua liberdade condicional, e hoje mesmo você poderá sair daqui.

Isabel nesse momento sorriu feliz, e com os olhos marejados disse:

– Mas ainda não faz seis anos que estou aqui, doutor, como posso estar recebendo a liberdade condicional?

– O seu bom comportamento lhe ajudou muito; mas veja bem, é condicional… isso quer dizer que se você não se comportar lá fora, voltará e só sairá quando finalmente terminar sua pena.

Isabel, sorrindo, disse:

– Não posso acreditar nisso! Claro que eu não vou fazer nada, continuo sendo a mesma pessoa de antes.

O advogado deu alguns papéis para ela assinar e logo pegou a assinatura de Aurora e se retirou.

Isabel voltou para a enfermaria, pois aquilo lhe parecia um sonho.

Mas enquanto pensava, ela repentinamente sentiu medo, pois como seria sua vida fora dos muros do presídio? Como iria olhar para João Felipe, que há tempos não a visitava mais? Como recomeçar a vida sabendo que os vizinhos a condenavam pelo fato de estar de namoro com um marginal? E com a alegria também pairava a dúvida, pois ela não sabia o que faria de sua vida. Já não tinha mais idade para trabalhar. Foi naquele momento que percebeu que a solidão seria sua companheira.

Isabel sentia muita saudade da filha, mas esta nunca a visitou enquanto esteve encarcerada, de modo que ela logo se arrependeu por ter sido tão dura com o filho, que, embora fosse destratado por ela, nunca a censurou pelo fato de ter se envolvido com Hamilton.

No final da tarde, os portões se abriram para Isabel. Com alegria e insegurança sobre o que ainda iria lhe acontecer, ela respirou fundo por alguns minutos e ficou observando os carros que passavam; depois de quase cinco anos finalmente sentia-se viva.

Isabel estava sem dinheiro, e em punho carregava apenas uma mochila com seus pertences. Precisava voltar para casa, mas tinha que pegar ônibus, uma vez que estava em outra cidade.

Assim, dirigiu-se para a rodoviária, e chegando lá se informou do horário e do preço da passagem; logo a sua alegria acabou, pois não tinha nenhum centavo no bolso.

Sentou-se num banco e ficou a observar a televisão que ficava no alto; logo fixou sua atenção numa notícia, e percebeu que as pessoas estavam atentas e a tristeza pairava no ar.

“Morreu hoje, aos setenta e cinco anos, o presidente eleito, Tancredo de Almeida Neves. O presidente foi submetido a uma cirurgia de urgência, no hospital de Base em Brasília, para extirpar um tumor benigno no abdome, mas seu quadro clínico complicou-se devido a uma infecção hospitalar. Ele foi transferido para o Instituto do Coração em São Paulo, onde foi submetido a sucessivas cirurgias, vindo a falecer hoje, dia vinte e um de abril. O povo chora pela morte do homem que lutou pelas eleições diretas no país”.

Isabel não tinha tempo para ver televisão, de modo que não pensou que a morte de um presidente causasse um impacto tão grande sobre o povo. Ela ficou ali, vendo as contínuas reportagens onde homens e mulheres pranteavam a partida do presidente tão querido.

Sentada naquele banco, viu quando um homem com olhos lacrimejantes disse:

– Esse homem tinha tudo para mudar o país, e o mataram… tenho certeza que deram fim nele! Aqui nesse país é sempre assim, os que não fazem parte da panela de ladrões morrem!

Pela primeira vez, Isabel começou a perceber o quanto estava desinformada sobre os acontecimentos da atualidade, e como perdera tempo naqueles cinco anos de prisão.

Foi então que ela se lembrou de seu drama pessoal – estava a cinquenta e cinco quilômetros de sua cidade e não tinha nenhum centavo no bolso, para poder voltar para casa. Não tinha nenhum telefone de contato, e decidiu que ficaria naquele banco até que arranjasse o dinheiro da passagem para voltar para casa.

Isabel resolveu pegar o Evangelho que ganhara de Teresa e ler alguma coisa que lhe trouxesse consolo naquele momento difícil de sua vida.

Abriu no capítulo vinte e sete do Evangelho, que dizia:

“Seja o que for que peçais na prece, crede que obtereis e concedido será o que pedirdes”.

Pensou no que Teresa lhe falou sobre o valor da prece, e que devemos recorrer a Deus como um Pai amoroso que está atento a todas as nossas necessidades. Ao relembrar aquelas palavras, fechou os olhos e em pensamento fez uma sentida prece a Deus para que a auxiliasse naquele momento.

Ela não viu, mas no momento em que estava concentrada, Marisa, sua mãe, estava com as mãos espalmadas sobre sua cabeça; e ao abrir os olhos, sentiu uma onda de paz que fez vibrar seu coração pelo fato de estar livre daqueles muros, onde aquelas mulheres mais pareciam feras enjauladas e muitas vezes agiam como animais.

Isabel estava distraída lendo o Evangelho, quando se aproximou uma pessoa que lhe disse:

– Está boa a leitura?

Isabel levantou a cabeça e sorriu ao dizer:

– Teresa, que bom te ver! Estava aqui lendo sobre a prece, e me lembrei de você.

– Mas o que faz nessa rodoviária que ainda não foi embora para sua cidade? Está esperando o ônibus?

Isabel deixou que uma lágrima escorresse pelo seu rosto; não uma lágrima de tristeza, mas de felicidade, por saber que não estava sozinha e que Deus lhe dirigia os passos.

– Quem dera! Eu, para falar a verdade, não tenho dinheiro para voltar para casa, e estava aqui pensando em como conseguir. E você, o que faz aqui? – perguntou ela a Teresa.

– Esqueceu que moro na mesma cidade que você? Venho aqui somente para trabalhar. E pode deixar que eu lhe darei a passagem para voltar, não se preocupe. Há quanto tempo está aqui?

– Creio que há umas quatro horas. Eles abriram os portões para mim perto das duas da tarde, e já são mais de sete horas da noite.

– Então faz mais de cinco horas, e não quatro. Está perdida no tempo, acho que você terá que reaprender a viver aqui fora.

Isabel sorriu, pois estava totalmente errada em sua contagem do tempo; e logo as duas ficaram conversando, até que o ônibus chegou e elas partiram para suas casas.

31

Livre das amarras do ódio

José estava feliz, pois em sua turma entrara um aluno novo, que ele logo identificou como sendo Manoel.

Manoel estava encantado com tudo que aprendia – jamais imaginara que a vida do outro lado fosse tão fascinante e cheia de perspectiva. Gostou de todos na sala de aula, principalmente de seu professor, Matias, que se apresentou e logo começou a explicar sobre misericórdia e como Deus é justo e bom.

– Meus filhos, talvez enquanto encarnados vocês não entendessem o quanto é justa a lei da reencarnação; mas como cada um de nós poderá aprender a ser misericordioso? Como espíritos eternos, temos como bases procurar superar os nossos próprios defeitos, os nossos vícios e o nosso crescimento interior. Mas como poderemos fazer isso?

"Há passos importantes para aprendermos, por meio da paciência, da caridade e principalmente com o respeito ao nosso semelhante; mas até que ponto esses passos nos farão marchar rumo ao progresso?

Quando nos esforçamos para melhorar em todos os aspectos, podemos dizer que estamos fazendo uma reforma interior que nos encaminhará ao bem. Esta reforma nos ajudará a sermos pessoas melhores, e diligentes em aprender sobre a moral do Cristo. Sendo assim, compreenderemos finalmente que Jesus viveu o amor enquanto esteve encarnado, mas por outro lado ele também ensinou seus discípulos a fazerem o mesmo.

Deus, em sua infinita misericórdia, nos estendeu a oportunidade de aprimoramento por meio de uma lei natural, que é a reencarnação, e desta feita, Ele está sempre nos oferecendo a oportunidade de recomeçar e seguir adiante rumo à perfeição.

Cada vez que vamos ao planeta e voltamos, nunca saímos do mesmo jeito, pois as vivências na Terra são muito proveitosas para nosso crescimento espiritual.

Enquanto encarnados, passamos por diversas provações e principalmente por tentações, mas com a experiência adquirida por meio da reencarnação, aprendemos a desviar dos pedregulhos que muitas vezes as nossas imperfeições colocam diante de nós.

E quais são as pedras que facilmente nos atrapalham?

Se observarmos as misérias humanas descobriremos que as ambições desmedidas têm levado à derrocada espiritual, e até mesmo à reprovação na escola da vida.

Infelizmente, o materialismo constitui um verdadeiro laço para os espíritos descuidados, que poderão deixar-se levar pelo apego exacerbado à matéria, fazendo com que se percam em sua jornada evolutiva e voltem mais vezes para reajustar suas ilusões.

Nesse aspecto, poderemos ver o quanto Deus é misericordioso e justo, pois ele dá a cada espírito a chance de recomeçar por meio da reencarnação.

Sabemos, meus filhos, que enquanto estamos sem a roupagem carnal pesada que tantas vezes nos turva a visão de uma vida futura e feliz, pensamos de uma maneira, mas quando encarnados o pensamento é diferente.

Mas saibam, meus irmãos, que embora não nos lembremos das vidas passadas ou do que aprendemos enquanto estávamos desencarnados, levaremos esses conhecimentos registrados em nossos subconscientes, e muitas vezes nos virão à mente por meio de ideias ou impressões já vividas.

Muitos, ainda enquanto estão na matéria, se deixam seduzir pelas riquezas, e estas, em vez de serem uma maneira de ajudar na caminhada, servem como pedras que facilmente farão tropeçar os descuidados.

Portanto, meus irmãos, se não quisermos tropeçar, duas coisas imprescindíveis: uma é a reforma íntima, pois somente ela nos ajudará a marcharmos rumo à perfeição; e a segunda é procurarmos crescer, intelectual, moral e espiritualmente.

Esse conhecimento muito nos ajudará a observar o quanto Deus é infinitamente justo e bom.”

Manoel ficou atento a cada palavra de Matias, e procurou compreender tudo que foi dito.

Logo a aula acabou. Manoel juntou-se a José, e juntos saíram do prédio onde se ofereciam os cursos. Ambos caminhavam tranquilamente entre as árvores, e parando sob uma delas Manoel teve coragem de perguntar àquele que fora seu sogro em sua última existência:

– José, tem obtido notícias de Isabel?

– Sim! A irmã Marisa sempre me mantém informado sobre sua vida, e posso confessar que a experiência que Isabel viveu na prisão muito a tem ajudado. Ela saiu da prisão e foi ajudada por Teresa, que está lhe ensinando com prazer sobre as verdades espirituais.

– Mas por que quando ela esteve comigo tentou por várias maneiras me impedir de adquirir conhecimentos espirituais?

– Manoel, me perdoe, mas quero lhe informar que se ela conseguiu demover de você o desejo de conhecer as verdades espirituais, é porque nem você mesmo tinha a convicção sincera de querer aprender, pois para aqueles que trazem o amor às coisas espirituais não há pedra de tropeço. Além do mais, se ela fez isso a você foi porque você permitiu. Se você não tivesse sido tão cordato com ela e cedido a todos os seus caprichos, talvez ela não tivesse cometido o engano que cometeu. Mas não fique a falar do passado; saiba que ela está aprendendo sobre a espiritualidade e a codificação feita pelos Espíritos de ordem elevada, e tem procurado melhorar, embora muitas vezes ela se deixe arrastar pelos sentimentos de culpa. Mas Marisa tem cuidado dela, a afinidade das duas já vem de muito tempo. Fique feliz meu filho, por ela estar aproveitando o tempo e procurando mudar.

Manoel ficou a pensar tristemente nas últimas palavras de José e disse:

– O senhor tem razão, pois se eu não tivesse cedido a tantos caprichos talvez ela fosse diferente e não tivesse sofrido tanto.

– Manoel, você tem que entender que muitas vezes determinados sofrimentos têm como resposta a vida atual, e outras vezes a vida passada. Não se culpe; se ela passou por todo o sofrimento na prisão, foi porque seu espírito precisava aprender, e talvez ela só aprendesse por meio da dor, já que por amor ela recusou.

– Então, a maneira de Isabel aprender foi a mais difícil, pelo sofrimento; e se ela escolhesse outra forma de aprender, será que teria sido diferente?

– Sim! Acaso não ouviste que há duas maneiras de aprender? Ou seja, pelo amor ou pela dor? Pois bem, Isabel escolheu a pior maneira, que foi

pela dor. E você também, pois embora tenha começado a adquirir esses conhecimentos que muito o ajudariam no momento de seu desenlace, parou na metade do caminho, escolhendo enfim o aprendizado pela dor.

Manoel nesse momento pôde perceber que se tivesse de fato continuado com seus conhecimentos espirituais, não teria sofrido tanto ao permanecer ao lado de Isabel, e também não teria sofrido ao ficar preso no corpo. Lembrou-se da sensação horrível ao sentir os músculos enrijecerem, e continuar ouvindo o que as pessoas falavam a sua volta; e ele, por mais que tentasse, não conseguia dizer que ainda estava vivo.

– Mas por que, ao desencarnar, eu continuei preso à matéria? – perguntou Manoel a José, que o olhava com ternura.

– Bem, Manoel, esse fenômeno ocorre quando o espírito é muito preso à matéria. Você em hipótese alguma queria ficar longe de Isabel, acreditando estar vivendo a melhor fase de seu casamento. Sendo assim, mesmo sem saber você tentou de todas as maneiras voltar à vida corporal, esquecendo que aquele corpo já não tinha a menor chance de voltar a viver.

"Você viveu na ilusão de que seu corpo ainda estava vivo, quando na verdade o que estava vivo era o espírito, embora seu corpo já houvesse perdido todos os sinais vitais."

Manoel disse:

– José, foi uma das piores sensações que já tive, pois parecia um pesadelo infindável.

– É aí que entra o beneficio do conhecimento. Se você tivesse colocado no coração o pouco que sabia até então sobre as verdades espirituais, não teria passado por isso. Aquela situação que viveu talvez fosse para se lembrar de algumas coisas que aprendera enquanto estivera no Centro Espírita, mas infelizmente a sua ilusão foi tanta que permaneceu no corpo, e foi a bondosa dona Ana Maria, esposa do dr. Mário Cavalcanti, que no momento da prece conseguiu te livrar das amarras da ilusão, tirando seu espírito daquele corpo morto.

Manoel sorriu e pela primeira vez pensou em seus amigos, pois enquanto estivera ao lado de Isabel jamais pensara neles.

José, percebendo que ele estava envolvido em pensamentos de amor, permaneceu calado, até que Manoel disse:

– Um dia quero ter o prazer de lhes agradecer por tudo que fizeram por mim, e sem querer dona Ana Maria me tirou daquele pesadelo horrível.

– Nunca se esqueça, meu filho, não foi ela quem lhe tirou; quem permitiu que você fosse arrancado daquele corpo morto foi Deus. Ela apenas cumpriu com seus preceitos cristãos de fazer preces até mesmo por aqueles que já partiram.

Manoel sorriu e deixou que a felicidade invadisse seu coração – queria ter a oportunidade de agradecer por tudo que aquele casal fizera por ele.

José e Manoel estavam conversando, quando Marisa se aproximou sorridente e disse:

– Que bom encontrá-los! Hoje estou feliz, pois Isabel irá sair do presídio, e os conhecimentos que vem adquirindo muito a ajudaram a atravessar aqueles momentos críticos.

– Que bom! Como gostaria de pedir perdão a ela por tudo que lhe fiz – disse Manoel, não conseguindo conter a alegria.

– Você terá a chance de fazê-lo, meu filho, o importante é que ela está adquirindo conhecimentos que mudarão para sempre sua vida. E logo ela estará em nosso meio.

– Ela vai morrer?

– Morrerá da mesma forma que você – respondeu Marisa.

Manoel, envergonhado, sorriu, pois era testemunha de que a morte não existia, e que ela não passava de uma ilusão que os encarnados temem.

Vendo o seu constrangimento, José e Marisa desataram a rir.

Manoel jamais pensara em Hamilton desde que facilitara sua prisão, e ao se lembrar perguntou, ainda ressentido:

– E Hamilton? Como está passando?

Marisa, percebendo o desconforto dele, respondeu:

– Hamilton continuará no presídio. Agora já não possui a beleza física que muito facilitara para ele cometer seus erros. Continua brigando com todo mundo. No mesmo local em que se encontra está um desafeto do passado, que o vem perturbando desde que lá chegara.

“Mas percebo, meu filho, que você nutre ainda um certo ressentimento contra Hamilton.”

Manoel, não conseguindo conter a emoção, respondeu:

– Marisa! Sei que fui acolhido a esse lugar pela misericórdia Divina, mas ainda não consegui me despir de determinados sentimentos. Hamilton tirou-me a vida. Procuro não pensar nisso, mas penso em como meus filhos amargaram a falta de um pai em suas vidas, e isso ainda é difícil perdoar.

Marisa, olhando para José, disse:

– Manoel, você ainda nutre determinados ressentimentos porque se colocou na posição de vítima; mas lembre-se, nunca somos vítimas de nada a não ser de nós mesmos. Você guarda ainda essas impressões desagradáveis porque desconhece o passado, e quando se lembrar verá que Hamilton respondeu a uma ação sua praticada num passado remoto.

"Portanto, perdoe, meu irmão, pois o perdão fará bem a você mesmo. Esquece o que ele te fez, porque um dia se lembrará do que fez a ele".

– Mas o que fiz para que ele fosse tão cruel comigo?

– Lembre-se, meu filho, nada fica sem resposta; o que teve foi uma resposta a uma ação passada, nada mais, pois para cada ação há uma reação. E nunca somos inocentes – se passamos por determinadas coisas, é porque estamos colhendo o que plantamos algum dia em nossa trajetória espiritual.

José apenas ouvia e prestava atenção aos espasmos faciais de Manoel, e acrescentou:

– Não o julgue, meu filho, pois para tudo há uma explicação plausível. Não quero justificar o que Hamilton fez, mas lembre que o próprio Mestre disse a Pedro: "Guarda a espada, todo aquele que ferir será ferido por ela". Agora você não se lembra do que houve lá atrás, mas saiba que a atitude de Hamilton nada mais foi que uma resposta do passado.

Manoel se interessou pelo assunto e perguntou aos amigos espirituais:

– Como faço para me lembrar do passado?

Marisa, sorridente, respondeu:

– Você não fará nada, porque essas lembranças virão espontaneamente; confia no Pai e aguarda.

– Marisa, talvez não esteja entendendo, vejo que somente me lembrando do passado é que poderei finalmente perdoar Hamilton.

José, que continuava atento à conversa, disse:

– Meu filho, o perdão deverá fluir em seu coração desde já, pois perdoar sabendo que talvez tenha feito algo não é um perdão que veio do seu coração; antes um perdão circunstancial, já que atendendo as circunstâncias você o perdoou. O verdadeiro perdão deve ser algo genuíno, vindo de um coração puro; dizer para os outros e para si mesmo "olha, eu só perdoei porque eu te fiz algo" na verdade não é um perdão genuíno. Mantenha a calma e espere, pois as lembranças do passado virão automaticamente, no momento em que menos esperar.

Manoel, envergonhado, disse:

– De fato, se eu souber o que fiz para Hamilton terei um pretexto para perdoá-lo.

– Então, meu filho, deixe que o perdão venha do coração, independente do que ele te fez – disse Marisa sorrindo.

Manoel ficou sentado sob a copa de uma frondosa árvore, quando Marisa se despediu:

– Preciso ir, pois logo voltarei à crosta para continuar meu trabalho junto a Isabel.

José, prestando atenção nas palavras de Marisa, completou:

– Eu também preciso estar em pouco tempo na ala do pronto-socorro, pois hoje será um dia em que muitos regressarão da Terra, e meu trabalho será árduo.

Manoel se despediu das duas boas criaturas e viu quando se afastaram animadamente, indo para lados opostos.

Permaneceu sentado, e olhando para uma flor amarela, começou a pensar:

"Marisa tem razão… se eu perdoar somente porque me lembrei que fiz algo a Hamilton, esse perdão será circunstancial, pois estarei atendendo às circunstâncias. Preciso perdoar liberalmente Hamilton, mas agora não consigo, ainda dói em meu peito lembrar-me do que me fez".

Foi nesse momento que se lembrou de pedir ao Pai para que o ajudasse a perdoar Hamilton, independente do que houvera no passado.

Manoel baixou o olhar e sentiu-se à vontade em fazer a prece; nesse momento sentiu um brando calor envolver-lhe o coração. Assim que a terminou, percebeu que não sentia mais por Hamilton a mesma raiva de tempos atrás; a prece passou a ser constante, pedindo a Deus que o ajudasse a perdoar.

Um dia Manoel se lembrou que não mais viu Marisa, e da conversa que tivera com ela e José na última vez que a vira. Foi então que percebeu que a atitude de Hamilton já não lhe doía mais no coração: pela primeira vez, sentiu compaixão de seu algoz.

Manoel, sem perceber, havia perdoado a Hamilton, e isso lhe trouxe grande alívio ao coração.

32

Miséria eterna

Fazia anos que Hamilton estava na prisão, e desde que lá chegou tornou-se o valentão da cela, visando tomar o lugar de Piolho. Começou a fazer intrigas para os companheiros de cela, de modo que Piolho, que na verdade se chamava José Carlos, logo percebeu que tipo de pessoa era Hamilton e passou a castigá-lo, para mostrar seu poder juntamente com os outros presos.

Piolho começou a incitar outros presos a fazerem chacota de Hamilton, chamando-o de boneca; por essa razão, Hamilton sentiu profundo ódio por ele. Certa manhã, ambos começaram a discutir, e o veterano de prisão o chamou de boneca na frente de todos os detentos. Hamilton, tomado de fúria cega, pegou uma lâmina que havia achado no pátio e ficara afiando por muito tempo, e naquele dia, tirando a lâmina da cintura, enterrou-a no peito de Piolho. Quando os guardas correram para socorrê-lo, este já estava dando seus últimos suspiros de vida.

Hamilton foi lançado na solitária, e quando saiu passou a ser reverenciado pelos outros detentos, já que Piolho era o chefe de todos e não foi difícil para Hamilton tomar o seu lugar.

De dentro da prisão Hamilton comandava o tráfico de drogas, e logo passou a comandar o tráfico interno. Sempre estava às voltas com armamentos, e era respeitado por alguns carcereiros. Com o tempo, os policiais descobriram o que Hamilton fazia, mas fingiam não ver.

Certo dia entrou um rapaz chamado Edivaldo, que havia sido preso por assalto a banco. Ele era calado, não falava com ninguém. Hamilton começou a implicar com o rapaz, porque este se mostrava indiferente a sua chefia dentro do presídio. Passou a persegui-lo e diversas vezes deu-lhe tapas no rosto, fazendo o ódio do rapaz crescer dia a dia.

Hamilton sabia que o rapaz o odiava e todas as vezes que passava por ele no pátio, soltava gargalhadas. A princípio Edivaldo ficava quieto, mas numa manhã em que Hamilton passou por ele e começou a rir, o rapaz o agarrou e começaram ali uma briga feroz.

Como era norma do presídio, ninguém se envolvia quando dois homens estavam brigando. Os demais começaram com o habitual alarido. Os policiais que faziam a guarda não gostavam de Hamilton, e vendo que estava metido em confusão, fingiram não estar acontecendo nada.

Num determinado momento, Edivaldo, que era mais ágil que Hamilton, lançou-o ao chão e, subindo em suas costas, começou a puxar seus cabelos e bater com sua cabeça violentamente contra o cimento, ferindo-lhe a testa.

Hamilton tentou se desvencilhar de Edivaldo de todas as maneiras, mas as batidas no chão eram cada vez mais violentas. Hamilton, já cansado pela luta e também pelos ferimentos, foi aos poucos esmorecendo, até que, não resistindo aos ferimentos, morreu ali mesmo, com o rosto todo desfigurado.

Somente depois que foi confirmada a morte é que os policiais se aproximaram, e sorrindo um disse ao outro:

– Ah, que bom! Um a menos para nos preocuparmos!

E assim, Hamilton logo estava sendo encaminhado ao necrotério do presídio, e o rapaz continuou em seu silêncio habitual.

Muitos queriam que Edivaldo ocupasse a posição de Hamilton, mas ele se recusou. Certo dia, indo um líder religioso ao presídio, ele confessou que estava arrependido do que fizera, mas que naquele momento era matar ou morrer.

O líder disse:

– Que Deus o perdoe! Se ajoelhe diante de Deus que Ele te perdoará!

E não foi difícil para que Edivaldo se convertesse à igreja daquele homem que dizia ser pastor.

Quando acordou, Hamilton estava caído no pátio da prisão. Sentindo fortes dores de cabeça, foi até a cela e, vendo todos conversarem animadamente, viu que Edivaldo estava sentado, num canto isolado, onde por várias vezes lia a Bíblia.

Ele sentiu ódio de Edivaldo e tentou reiniciar a briga, mas logo percebeu que ninguém o notava; tentando esmurrá-lo, percebeu que seus socos não atingiam o rapaz, que continuava com a cabeça baixa, lendo. Isso enfureceu

ainda mais Hamilton, que, sentindo as dores na cabeça aumentarem, logo desfaleceu, caindo ali mesmo diante de Edivaldo.

Passado um tempo, Hamilton acordou mais uma vez, mas desta vez havia pessoas na cela que ele não conhecia, todos horríveis, sujos e mal-encarados. Ele se intimidou com a presença daqueles homens, mas o que não entendia era como aquele espaço pequeno podia estar cheio de gente e não fazer diferença para os demais.

Hamilton viu Garrincha e disse:

– Mano, me ajude! Você foi sempre o companheiro de todas as horas; quem são esses que estão em nossa cela?

Hamilton falava sem parar, mas o homem, vulgo Garrincha, nada respondia e parecia nada ver.

Nesse momento um daqueles estranhos disse, gargalhando:

– Veja bem! Ele pensa que está vivo! – E ria sem parar.

Os outros mal-encarados gargalhavam juntos, e um deles falou:

– Deixe de ser tolo! Você agora é como nós! Está morto! Aliás, bem morto! – E continuavam a rir.

Hamilton, armando-se de toda sua coragem, respondeu:

– Calem-se! Vocês não me conhecem para rirem de mim. Saibam que aqui nesse lugar quem manda sou eu! Se não quiserem acabar como o Piolho!

Foi então que alguém entrou entre as grades, e logo Hamilton o reconheceu: era Piolho. Hamilton começou a gritar:

– Vá embora daqui, assombração dos infernos! Eu te matei! Você está morto!

Piolho, soltando as gargalhadas que Hamilton tão bem conhecia, respondeu:

– Rapazes! A boneca pensa que está viva! – E com essas palavras desatou a rir sem parar.

Hamilton se lembrou de que havia falado com Garrincha e este nada respondera; parecia que não o via. Aliás, fato que vinha acontecendo diariamente.

Foi Piolho quem avisou:

– Ninguém aqui pode nos ver! Estamos mortos para eles! Entendeu? Mortos!

Hamilton sentiu um arrepio percorrer-lhe as costas nesse momento, e pensou:

– Se isso for verdade, como farei para me livrar deles?

Piolho logo disse:

– Não podemos sair daqui! Estamos condenados a viver aqui eternamente, porque o nosso corpo morreu, mas, para nossa desgraça, o espírito é eterno.

Hamilton baixou a cabeça.

Desde esse dia, passou a apanhar muito de Piolho, que o escravizava e humilhava.

Enquanto encarnado, Hamilton jamais se preocupara em aprender sobre o que ocorria depois da vida; sendo assim, deixou que Piolho o maltratasse como quisesse.

Na prisão era comum a entrada de pastores, padres e pessoas que professassem uma religião, a fim de trazer conforto espiritual para os detentos. Certa vez, um homem conhecido como Geraldo entrou sorrindo e cumprimentou a todos. Juntando-se a um grupo de homens, começou a falar sobre assuntos espirituais dos quais Hamilton nunca ouvira falar. Ele era espírita e gostava de falar sobre o assunto; ia todas as semanas ao presídio cumprir com seus deveres cristãos.

Um dia, enquanto Geraldo falava sobre a vida após a morte, Hamilton, que já estava desgastado pelo sofrimento e não era mais o mesmo petulante de antes, ficou a um canto a ouvir a palestra daquele homem. Ele ficou maravilhado com as palavras de Geraldo, e desde então esperava impacientemente a sua visita.

Hamilton aprendeu que é imprescindível se arrepender e pedir ajuda a Deus, pois somente assim os desencarnados poderiam receber auxílio. Não aguentando mais aquele sofrimento, fez uma prece suplicando perdão a Deus por seus erros e pediu socorro. Imediatamente uma figura se fez, e ele logo a identificou como sendo sua mãe.

Ao vê-la, Hamilton chorou copiosamente e pediu:

– Mamãe, é a senhora mesmo ou estou tendo uma visão?

A figura sorridente lhe disse:

– Bendita seja a hora em que um espírito reconhece seu erro e se arrepende. Sou eu, meu filho, e você não sabe o quanto sofri esse tempo todo ao ver você se desencaminhando cada vez mais! Mas agora Deus lhe deu essa oportunidade, e quero levá-lo comigo para mundos mais felizes.

– Eu quero, minha mãe! Leve-me daqui! Já não aguento mais viver nesse lugar, já sofri muito, vivo a apanhar dos outros que se dizem mortos, e não posso nem mesmo sair daqui, pois há homens que ficam vigiando esse lugar infernal.

A mulher, estendendo-lhe a mão, disse:

– Dê-me sua mão, vamos embora! Vou te levar para uma das moradas do Pai onde você aprenderá o bem e procurará corrigir todos os seus erros.

Hamilton, chorando, abraçou a mãe, e deixou-se levar por ela.

33

Cacos de vida

Isabel voltou para casa, e viu o quanto sua residência estava deteriorada, pois as infiltrações a deixavam com aspecto de casa abandonada. João Felipe havia morado na casa da mãe nos primeiros tempos de casamento, mas nunca a reformara; quando construiu sua casa, deixou a da mãe com a pintura original, já desgastada pelo tempo.

Isabel, ao ver sua casa, não conseguiu esconder as lágrimas, que teimavam em cair. Sabia onde sua sogra morava, e tratou de ir até lá, para pegar as chaves que certamente o filho deveria ter deixado na casa dos pais de Manoel.

Ao chegar, encontrou seu Benedito sentado na frente. O homem já aparentava ser mais velho do que realmente era. Ao vê-la, disse, sorrindo:

– Que bom que saiu! Por que não deu um jeito de nos avisar? Quem vai ficar feliz será o Joãozinho, pois sempre que ele vem até aqui fica a falar de você.

Isabel não conteve a emoção e abraçou o ex-sogro chorando.

O homem, desconhecendo todos os fatos, abraçou-a e disse:

– Não chore! Todos nós erramos por causa das ilusões que carregamos em nossas vidas! Com você não foi diferente, minha filha, pois você encontrou um homem que não tinha as qualidades de meu Manoel; mas sempre acreditamos em sua inocência.

Isabel nada dizia, apenas chorava recostada ao peito do seu Benedito. Depois de serenar seus sentimentos, ela finalmente perguntou por dona Isaltina.

– Ah! É uma pena… ela morreu três anos depois da sua prisão; está fazendo um ano que ela se foi e me deixou. Você não imagina como minha

vida tem sido triste. Moro sozinho, e sempre que João Felipe pode ele vem com sua esposa e a filha me fazer companhia. Não tenho mais nada no mundo, até as ilusões já perdi. Para ser sincero, a única coisa que realmente quero é que a morte venha me buscar, pois estou com muita saudade de Isaltina.

Isabel não se conteve e recomeçou a chorar, e a cada gesto de carinho de Benedito ela chorava ainda mais.

Benedito a mandou entrar, e ela notou que tudo estava como vira na última vez que estivera com Manoel. Seu Benedito não colocava nem mesmo as toalhas de crochê que dona Isaltina fazia sobre a mesa.

Com os olhos rasos d'água, o pobre homem disse:

– Minha filha, já que somos sozinhos, por que você não vem morar aqui comigo?

Isabel nesse momento se desmanchou em lágrimas, pois jamais imaginara que seria abrigada pelo pai do homem de cuja morte ela participara.

Ela rejeitou o convite, mas seu Benedito manteve-se firme, pois sentia pena da ex-nora por ter de recomeçar a vida sozinha. E, sendo assim, insistiu, até que finalmente ela aceitou.

Benedito ficou feliz em saber que Isabel lhe faria companhia, e logo mandou que Toninho fosse chamar João Felipe, pois Isabel ainda não conhecia a nora nem a neta.

João Felipe, que estava em casa, pois era feriado nacional devido à morte do presidente eleito Tancredo Neves, correu até a casa do avô e, ao ver a mãe, não conteve a emoção e deu-lhe um abraço.

João entregou para a mãe as chaves da casa, e ficou feliz em saber que ela faria companhia ao avô.

Isabel não era a mesma de antes e, ao ser apresentada a Vera, esposa de João, ficou feliz, pois gostara da moça; e gostou principalmente de Sônia, chamada de Soninha pelos pais e pelo avô.

Isabel perguntou por Janaina, e foi com tristeza que o irmão lhe disse:

– Minha mãe, Janaína se apaixonou por Isaías e logo ele parou de trabalhar… Ela tem três filhos, e faz faxina para manter os filhos com dignidade.

– Mas por que ela nunca foi me visitar, meu filho?

– Porque Isaías a proibiu, dizendo que não tem sogra bandida! Ela sofre muito, está envelhecida por causa dos maus-tratos que ele lhe inflige, por

isso ela não foi. Quando queremos conversar, nos encontramos no supermercado do seu Elias, porque o marido não permite que eu vá até a casa deles.

Nesse momento, Isabel não conseguiu conter o pranto, e foi nos braços do filho que ela se aconchegou.

João era muito parecido com Manoel; era alto e tinha cabelos castanhos como os do pai. E até mesmo o temperamento era igual ao do pai.

Todas as lembranças que vinham povoar a mente de Isabel a faziam sofrer, e foi então que ela sentiu que poderia ter sido feliz ao lado de Manoel; mas ela, em seu capricho, simplesmente impediu a sua felicidade e talvez a de sua filha.

Isabel chorava pelos acontecimentos, mas chorava ainda mais pelo remorso de ter tomado decisões erradas em sua vida, que mudaram para sempre o rumo das coisas.

E assim Isabel passou a morar com seu Benedito. Logo ficou sabendo que o dr. Cavalcanti havia falecido, por um enfarto fulminante, e que dona Ana Maria estava sozinha.

Se antes Isabel torcia para chegarem os plantões de Teresa, agora ela fazia uma torcida contrária, pois sempre que Teresa estava em casa Isabel ia visitá-la para conversar sobre assuntos espirituais. As duas se tornaram muito amigas, e juntas iam à Casa Espírita da cidade.

Isabel, para não ficar com a casa vazia, alugou-a para um casal, e o dinheiro do aluguel dava ao seu Benedito, que resistia em aceitar, mas ela fazia questão.

Certo dia, no Centro Espírita, viu quando Ana Maria chegou, e para sua surpresa ela continuava com a mesma fisionomia tranquila e bonita. Mas estava envelhecida, afinal os anos passaram rápido, e ela não pôde deixar de seguir os ditames que o tempo impõe a cada um: envelhecer segundo a ordem natural das coisas.

Isabel sentiu-se envergonhada, pois, se ela tivesse se empenhado na época em que Manoel se mostrou entusiasmado com assuntos espirituais, muitas coisas poderiam ter sido evitadas.

Ana Maria continuava trabalhando na Casa do Caminho com o mesmo fervor de sempre, e foi com alegria que cumprimentou Isabel, que estava sentada em uma das cadeiras da casa.

Ana Maria disse sorrindo:

– Isabel! Que alegria te ver aqui! Como está passando?

Isabel, desconcertada – pois sabia que Ana conhecia toda a vida dela, com um sorriso sem graça respondeu:

– Estou bem, dona Ana.

– Continua morando na mesma casa?

– Não! Agora moro com meu sogro, ele está precisando de companhia e eu também.

Ana Maria, não querendo ser indiscreta, perguntou:

– Você já leu esse livro?

Isabel, que não havia notado que a mulher estava com um livro em punho, olhou para a capa e respondeu:

– Não, senhora!

– Por favor, não me chame de senhora, me chame de Ana Maria. Esse livro é do Chico Xavier, intitulado *No mundo maior*. Gostaria de ler?

Isabel estendeu a mão e pegou o livro, mas deixou para folheá-lo assim que chegasse em casa.

Isabel então disse:

– Ana Maria, se eu tivesse escutado a senhora quando nos convidou para jantar em sua casa, muitas coisas teriam sido evitadas! Ah, se eu pudesse voltar atrás! Juro que faria tudo diferente.

– Minha filha, não cai uma folha de uma árvore se não for da permissão de Deus! Talvez naquela ocasião seu espírito não estivesse maduro para aceitar determinadas verdades; portanto, não se lastime e aproveite, porque tenho certeza que este é o momento certo para que você assimile os conhecimentos espirituais.

– Mas Manoel se interessou e eu simplesmente me opus, não querendo saber do que se tratava. Eu me achava a mais sábia e mais bonita das mulheres, e me sinto responsável por Manoel também.

– Não fique assim, minha filha… já ouviu falar na parábola do semeador?

– Sim!

– Então, filha, não se culpe pelos diferentes tipos de solo em que a semente possa cair. Infelizmente, na ocasião em que Mário e eu falamos sobre as verdades espirituais, vocês não estavam prontos para ouvir. Para todo assunto há um tempo determinado, e agora é que você está madura para estudar as verdades e colocá-las em seu coração.

Isabel se lembrou de que naquela ocasião não gostara de Ana Maria, mas agora via o quanto havia perdido por não ter aproveitado mais a companhia dos Cavalcanti.

Logo em seguida, Ana Maria a convidou para ir a sua casa tomar café. Nesse momento, Teresa chegou esbaforida; saíra do trabalho e correra para chegar a tempo à reunião de evangelização na Casa Espírita.

Ana Maria com alegria cumprimentou a amiga, dizendo:

– Que bom que conseguiu chegar em tempo!

– Ana, não deu tempo de ir para minha casa, mas a reunião é mais importante, de modo que decidi vir direto.

Isabel ficou observando que entre as duas mulheres havia uma conversa franca, sem falsidade ou bajulações. Logo ela se sentiu à vontade, e, como reservara um lugar para Teresa, esta se sentou a seu lado, esperando o início da reunião da noite.

Ana Maria foi preparar os copos para colocar a água que seria fluidificada naquela noite.

Logo que a reunião começou, Isabel pensou em como havia perdido tempo em sua vida, mas, assim que teve início a palestra cujo tema era "Não se pode colocar a candeia debaixo do alqueire", ela se pôs a prestar atenção.

Quando a reunião terminou e Isabel tomou o passe, ela e Teresa saíram conversando animadamente. Isabel não perguntava sobre o trabalho de Teresa, pois para ela aqueles anos em que permanecera trancafiada em um presídio haviam sido os piores de toda a sua vida. E Teresa, sabendo que o assunto não lhe interessava, também não o mencionava.

Isabel, enquanto estava caminhando, passando em frente a um bar, ouviu alguém dizer em voz alta:

– Vejam, aquela não é a viúva do seu Manoel, que trabalhava no escritório de contabilidade?

Um outro homem que estava dentro do bar, e já mal podia se sustentar sobre as pernas, respondeu em tom jocoso:

– É ela mesma! Mas o duro é que ela é viúva duas vezes, pois vocês ficaram sabendo o que aconteceu com Hamilton, aquele sem-vergonha?

O primeiro que avistara Isabel perguntou:

– Mas o que aconteceu com aquele safado do Hamilton?

O bêbado, satisfeito, passou a responder em voz alta:

– Foi assassinado na prisão! Pra falar a verdade, gostaria de apertar a mão do homem que fez o serviço, pois não imagina o bem que fez a esta cidade.

Os outros que ouviram o comentário desataram a rir, concordando com o bêbado, que ficava a contar a cada minuto uma história diferente para os fatos.

Isabel, ao ouvir, olhou para Teresa e, sem conter as lágrimas, disse à amiga:

– Hamilton morreu?

– Tudo indica que sim, pois essas pessoas aqui não sabem fazer outra coisa a não ser falar da vida dos outros.

Isabel, chorando mansamente, preferiu se calar para não dar continuidade à conversa.

Teresa resolveu deixá-la em casa. Quando chegaram em frente à casa do sogro de Isabel, Teresa perguntou:

– Você ainda ama Hamilton?

– Não! Não posso amar um homem que estragou a minha vida, mas confesso que não gostaria que ele tivesse morrido, pois ele poderia muito bem ter dito a verdade e diminuído a pena que recaiu sobre mim no tribunal.

– Mas, então, por que chora? – perguntou Teresa.

– Choro porque meu passado me condena, e as pessoas não esquecem o que fiz!

– Isabel, entenda uma coisa: Deus perdoa sempre, e o ser humano às vezes, apenas quando lhe convém; portanto, não deixe sua vida parar por comentários maldosos que ainda surgirão. O importante é que você recomece sua vida. Logo as pessoas esquecem e deixam de falar.

Isabel abraçou Teresa e, chorando, disse:

– Tomara que sim! Pois eu não aguento mais viver a me cobrar o passado, e ainda mais saber que as pessoas ficam a me condenar.

– Isabel, o importante é que Deus esquece a nossa falha, pois seu perdão é amplamente generoso. Não se importe com as pessoas, procure viver em paz com sua consciência e com Deus, e logo você encontrará a verdadeira felicidade, que é a paz de espírito, que vem por meio de uma consciência tranquila. Perdoe-se, pois quem nunca errou ainda vai errar, já que vivemos num planeta de expiação e provas; sendo assim, não há ser humano que não esteja sujeito a erros e enganos nesse vale de lágrimas. Todos nós já erramos

uma vez ou outra, e Deus, em Sua infinita bondade e misericórdia, sabendo disso, está sempre disposto a nos perdoar. Garanto a você que se fosse perfeita não estaria aqui nesse planeta, já estaria vivendo em mundos melhores.

Isabel, sorrindo, beijou o rosto de Teresa e logo se despediu, pois sabia que ela devia estar com fome, já que viera direto do trabalho.

Quando Isabel entrou, seu Benedito já estava dormindo. Ela ficara com o quarto que antes era de Manoel, e depois passou para João Felipe. Para todo lugar que olhava se lembrava do marido.

O pai de Manoel já não tinha o mesmo vigor físico, pois desde a morte de Manoel o bom homem percebeu que estava ficando ainda mais debilitado; mas tudo acabou por piorar com o falecimento de sua esposa Isaltina, com quem dividiu sua vida.

Isabel sentia-se culpada por tudo o que havia acontecido àquela família. Na ocasião em que saíra da prisão, nem mesmo queria aceitar o convite de seu ex-sogro para que morasse com ele. Passou a relembrar esses fatos:

– Seu Benedito, pretendo ficar aqui somente esta noite; amanhã mesmo voltarei pra minha casa e recomeçarei minha vida.

O pai de Manoel, sorrindo para Isabel, apenas disse:

– Olha, se quiser poderá morar comigo… como sabe, sou sozinho e isso não é bom.

Isabel preferiu deixar o assunto para depois, pois naquele momento estava cansada. Com isso, ajuntou:

– Seu Benedito, me desculpe, mas agora estou cansada. Onde poderei dormir?

O homem, que estava sob efeito de fortes calmantes, concluiu a conversa dizendo:

– Poderá dormir no quarto de João Felipe, pois desde que se casou ninguém mais dormiu no quarto que foi de seu pai.

Isabel dirigiu-se ao antigo quarto de Manoel e, naquele momento, pela primeira vez desde que o marido fora assassinado, sentiu saudades dele e começou a chorar baixinho.

Ela também se lembrou de Hamilton e sentiu uma grande repulsa por aquele homem que destruíra sua vida e seu lar; e cada vez mais sentia raiva. Foi então que se lembrou de Teresa e das suas palavras sobre perdão.

Isabel se aproximou do guarda-roupa e postou-se diante do espelho; percebeu que o tempo e o sofrimento haviam acabado com sua beleza. Cansada, abriu a pequena mochila que carregava e tratou de vestir-se para dormir. Novamente Isabel pensou em Hamilton e Manoel, e naquele momento decidiu fazer uma prece pedindo a Deus perdão pelos seus pecados. Tocada de emoção, decidiu que perdoaria Hamilton, e desse modo deitou-se. E seu sono foi tranquilo.

Hamilton, depois de ser ajudado pela mãe, foi encaminhado para um posto de socorro próximo da crosta terrestre, e lá começou a trabalhar e a perceber o quanto errara em sua trajetória; e pela primeira vez se lembrou de Isabel e de sua paixão doentia.

Com isso, sua tristeza ia aumentando gradativamente, pois sentia que poderia ter sido feliz ao lado de Isabel, mas em vez disso ficou a se relacionar com todo tipo de mulheres e a gastar muito dinheiro, o que o obrigou a se envolver cada vez mais com o tráfico de drogas. Lembrou também o quanto ela pedira para que ele não matasse Manoel, e logo o arrependimento o fez derramar as lágrimas que estavam guardadas no escaninho de seu coração. Naquele dia, ele percebeu que não fizera nada certo.

Hamilton naquele momento decidiu que iria pedir perdão a Isabel e a Manoel por ter estragado a vida de ambos; e que um dia pediria perdão também a Gildemar, o homem que assassinara em sua terra natal.

Hamilton conversava muito com sua mãe, que procurava ajudá-lo de todas as maneiras, mas a cada dia que passava caía em um mutismo descomunal, chamando a atenção de sua mãe.

Foi então que dona Aparecida, mãe de Hamilton, decidiu encaminhá-lo a um tratamento a fim de ajudá-lo a levar uma vida satisfatória na colônia.

Assim, Hamilton passou por longo tratamento, pois o sentimento de culpa corroía-lhe a consciência, acabando com sua paz.

Isaltina, assim que chegou ao plano, ficou muito feliz em poder encontrar o filho, e com alegria esfuziante abraçou-o, chorou e agradeceu a Deus por aquela oportunidade.

Manoel ficou feliz em reencontrar a mãe, mas, como dona Isaltina ainda sentia dores devido a um enfarto que lhe ceifara a vida terrestre, permanecia longo tempo com aquela que fora sua mãe na Terra, contando sobre como funcionavam as coisas naquele lugar prazeroso.

Isaltina sorria feliz em ver o filho tão bem disposto, e sempre dizia que, se aquilo fosse um sonho, que não deixasse que ninguém a acordasse.

Manoel sorria com a expressão da mãe, porém evitou falar do envolvimento de Isabel em sua morte, pois sabia que sua mãe voltaria a dizer que jamais deveria ter se casado com ela.

Certo dia, quando Manoel saía do curso que estava fazendo, José o alcançou nas escadas do prédio e sorrindo disse:

– Manoel, por favor, podemos nos falar por alguns instantes?

– Para mim será um prazer. Estava indo falar com mamãe, mas gosto muito de ficar conversando com o senhor.

José olhou sorridente e continuou:

– Tenho algo a lhe falar. Marisa me contou algo que me deixou pensativo.

– Mas o que ela disse? – perguntou Manoel sorrindo.

– Vou direto ao assunto, não gosto de rodeios. Sei que pensa que Isabel foi a mandante da sua morte. Na verdade ela foi a idealizadora, mas quando estava se aproximando o momento ela desistiu e pediu para Hamilton não fazer nada, porque ela não queria que lhe acontecesse nada de mal. Mas, como Hamilton precisava de dinheiro, e ela prometera o seu dinheiro que estava numa caderneta de poupança, ele cometeu o crime mesmo sem o

consentimento dela. Foi por isso que naquela tarde ela foi ao seu trabalho, para te poupar; infelizmente não deu certo, pois seu algoz já estava à sua espera. Estou lhe contando porque talvez tenha interpretado mal a ida de Isabel ao escritório.

Manoel ficou pensando em tudo o que acabara de ouvir e, contraindo o cenho, ajuntou:

– O senhor tem certeza do que está me falando, seu José? Pois presenciei várias vezes Hamilton chamá-la de assassina, e com isso não tive dúvidas de que os dois foram os responsáveis por minha morte.

Seu José continuou:

– Manoel, não o estou recriminando, mas a vida novamente lhe deu uma lição: não ver somente o que está diante dos olhos.

Manoel, num espasmo de dor, desabafou:

– Como pude deixar que o ódio me cegasse a tal ponto? Além do mais fui maldoso ao extremo, fazendo com que Isabel pagasse por um crime no qual não tivera participação?

Ao desabafar, Manoel sentiu novamente a culpa lhe corroer a consciência, de modo que logo foi repreendido por seu José, que disse:

– Manoel, não se sinta culpado! Não se esqueça de que se você agiu daquela maneira é porque não sabia agir de maneira diferente. E você não é perfeito, apenas fez uma interpretação errada dos fatos e cometeu alguns desatinos.

Manoel, com expressão sofrida, respondeu:

– Essa minha interpretação fez com que Isabel fosse parar na prisão, sofrendo todo tipo de humilhação.

– Meu amigo, eu lhe contei para que não ficasse pensando que Isabel agira em parceria com Hamilton, pois isso não é verdade. Agora que sabe de toda a verdade, lembre-se sempre de Isabel em suas preces. Além do mais, quem não comete enganos? Todos nós cometemos, e você não é nem será o único. Levante a cabeça e siga adiante.

Manoel e José saíram do prédio e logo entraram em uma avenida arborizada, e, sob a copa de uma bela árvore, os dois continuaram a conversar.

Manoel disse:

– Isso me faz lembrar o desespero de Isabel ao implorar que eu pedisse férias no trabalho e viajássemos para qualquer lugar… Na verdade, meu

amigo, ela queria me poupar da violência de Hamilton, mas depois do que ouvi… Vivi tantos anos ao lado de Isabel e percebo que realmente não a conhecia.

José, de modo compassivo, disse:

– Meu filho, espero que tenha aprendido a lição; nem tudo que vemos ou ouvimos é a verdade. Antes de qualquer coisa temos que observar para sabermos até que ponto aquilo que vimos ou ouvimos é verdadeiro. Como se diz na Terra: "Nem tudo que reluz é ouro". Quanto ao fato de conhecer alguém, saiba que ninguém conhece ninguém inteiramente, a não ser Deus; portanto, não se culpe por isso, pois o ser humano é e sempre será imprevisível.

José, dizendo essas palavras, logo se retirou, pois fora convidado a ir ao educandário; sempre gostara de crianças, e para ele era imenso o prazer de estar junto a elas.

Manoel ficou observando José se afastar, e pensou alto:

– Realmente! Fui precipitado em me vingar de Isabel, deveria ter me inteirado dos fatos, pois somente assim não teria cometido tal engano.

Ao dizer essas palavras, finalmente se afastou e seguiu rumo ao pronto-socorro onde Isaltina se encontrava.

Já fazia três anos que Isabel saíra da prisão e, como não tinha nada que a desabonasse, ela finalmente cumpriu o restante de sua pena em liberdade.

Como já se sabe, seu Benedito pediu a Isabel que ficasse morando com ele, pois ele se sentia sozinho; e ela também se sentiria se voltasse para casa. Desse modo, Isabel alugou a casa e, junto com a pensão de Manoel, não lhe faltava nada.

Aquelas duas criaturas solitárias decidiram fazer companhia uma à outra, e viviam tranquilamente; até que certo dia, seu Benedito, que gostava de ir à oficina que agora era de João Felipe, decidiu que ficaria deitado, pois sentia forte dor de cabeça e uma fraqueza que não lhe dava trégua. Isabel logo se preocupou, pois, embora seu Benedito ainda se mostrasse forte, não se sentia bem nos últimos dias.

Isabel fez todo o serviço doméstico naquele dia e ficou com seu Benedito, pois sabia que não podia deixá-lo sozinho, já que ele tinha

hipertensão e ela temia que algo acontecesse a ele em sua ausência.

Assim, ela não foi à Casa do Caminho como de costume. Teresa, no entanto, foi até a casa de Isabel para que de lá fossem juntas ao Centro. Isabel, assim que viu Teresa, foi logo dizendo:

– Teresa! Hoje não irei com você ao Centro Espírita, pois seu Benedito não se encontra bem de saúde e temo que algo lhe aconteça.

Teresa compreendeu a preocupação de Isabel, e respondeu:

– Está bem! Vou incluí-los em minhas preces.

Isabel, sorrindo amigavelmente, respondeu:

– Por favor, faça isso. Sabe o quanto gosto de seu Benedito. Aprendi a gostar dele como um pai, e não consigo imaginar minha vida sem ele.

Teresa logo se despediu de Isabel, pois não queria chegar atrasada à reunião no Centro Espírita.

Seu Benedito naquela noite levantou-se para tomar banho, mas, de repente, Isabel, que estava passando roupa na sala, ouviu um barulho forte vindo do corredor, que a fez pensar em seu Benedito. Desesperada, ela desligou o ferro da tomada e foi ver o que estava acontecendo. Para sua surpresa, encontrou seu Benedito caído com um ferimento no braço. Desesperada, começou a gritar para o ex-sogro a fim de saber o que ele estava sentindo, mas, como o homem continuava desacordado, ela, em pânico, acabou por chamar a atenção dos vizinhos.

Seu Joel, marido de dona Cristina, foi saber o que estava acontecendo. Os gritos de Isabel acabaram por chamar a atenção de toda a vizinhança. Logo a casa já estava toda cheia de gente. Finalmente seu Joel, ajudado por Isabel, colocou seu Benedito na cama. E não foi difícil para o bom vizinho perceber que seu Benedito morrera instantaneamente; com isso, ele olhou para Isabel e disse:

– Isabel, não temos muito o que fazer por seu Benedito, pois está morto!

Isabel naquele momento sentiu como se o chão houvesse sumido de baixo de seus pés. Colocando a mão no pescoço de Benedito, argumentou:

– Não pode ser! Ele não passou bem durante o dia, mas vir a falecer à noite já é demais! Por favor, chamem um médico, quem sabe dá tempo de se fazer alguma coisa!

Dona Cristina, esposa de Joel, puxou-a pela mão e disse:

– Venha! Precisa se acalmar!

Isabel deixou-se conduzir, e logo foi levada até a cozinha, onde dona Cristina preparou um copo com água e açúcar.

O médico foi chamado e, assim que chegou, constatou que realmente o homem estava morto, para o desespero de Isabel.

Isabel chorou a morte do sogro, pois ela gostava sinceramente de Benedito; e João Felipe ficou a fazer-lhe companhia.

No dia seguinte, quando o corpo já estava sendo velado, chegou Janaína, e foi então, depois de muitos anos, que ela percebeu o quanto a filha envelhecera: já não era mais a mesma menina de outrora.

Janaína abraçou a mãe e pediu perdão por não ter ido visitá-la antes, mas seu marido a impedia de sair de casa; assim que ficou sabendo do falecimento do avô tão querido, brigou com o marido e foi ao funeral, que estava sendo realizado em casa, onde foi o de dona Isaltina.

Isabel vivia dizendo a Benedito que fosse ao médico, mas ele sempre se recusava a ir, dizendo que já tinha vivido o bastante. Ela chegou a marcar uma consulta com um geriatra da cidade vizinha, mas no momento exato seu Benedito disse que não iria porque tinha uma saúde de ferro.

Isabel estava abatida, pois, desde que saíra da prisão, três anos atrás, ela não havia ficado sozinha nem um dia sequer.

No entanto, Isabel, que antes era tida como chata pela vizinhança, depois da experiência que tivera e com as mudanças que a vida a obrigou a fazer logo se tornou benquista por todos. Os mesmos que antes falavam mal ou inventavam mentiras agora a defendiam quando alguém falava alguma coisa que depreciasse seu bom comportamento.

Assim que os restos mortais de seu Benedito foram depositados no jazigo da família, Isabel voltou para casa completamente desolada, pois sabia que seu destino era terminar seus dias completamente sozinha.

Com isso, muitos vizinhos, e até mesmo Teresa, aconselharam-na a ficar na casa, uma vez que ficaria para seus filhos; porém, Isabel preferiu voltar para a velha casa de outrora, onde jamais fora feliz.

A filha de seu Benedito, Márcia, que morava na capital, veio para fazer o inventário do pai. Logo a casa foi vendida e foi dividido o dinheiro da venda entre Márcia e Isabel.

O que havia de valor na casa Márcia vendeu, e deixou algumas coisas para Isabel, que levou como recordação de seu sogro querido.

Isabel nunca se afinara com dona Isaltina, mas, como o sogro nunca se intrometera em sua vida, ela era indiferente, vindo a gostar verdadeiramente de Benedito somente ao morar com ele.

Mas o que Isabel não sabia era que estava com um problema de saúde que fugia a seu conhecimento. Ela não tinha idade avançada, mas o sofrimento a maltratara barbaramente. Quando ela passou a sentir fortes dores nas costas, acreditou ser uma gripe sem consequências e não deu importância.

Certo dia, sendo aconselhada por Teresa, resolveu procurar um médico. Isabel não queria ir, pois achava que não seria nada grave, mas Teresa, não suportando mais a negligência de Isabel, marcou uma consulta com o dr. Arnaldo, o médico da cidade.

Isabel não gostou da atitude de Teresa, que ainda se prontificou a ir com ela, pois a tosse de Isabel era horrível e incomodava quem estivesse perto.

Isabel tomava chás caseiros, mas, mesmo assim, nada de melhorar. O que começou com uma acirrada tosse se transformou em dores nas costas, chamando a atenção de Teresa.

O médico, quando ficou sabendo dos sintomas de Isabel, se preocupou, pois aquilo não era natural, e mandou que ela fizesse vários exames, incluindo radiografia de tórax.

Isabel se mostrou impaciente, queria voltar para casa, pois, quando não se sentia bem, imediatamente se deitava. Mas ali, naquele hospital, tudo para ela se mostrava horrível.

Depois que fez o raio X e o exame de escarro, Isabel voltou para casa contrariada com Teresa; afinal, ela era dona de seu corpo e sabia muito bem que não tinha nada grave. Teresa não se importou com as reclamações da amiga, e disse:

– Não adianta se queixar, Isabel, fiz o que acredito ser certo! Além do mais, Deus lhe deu esse corpo para que você cuidasse dele e não agisse com descaso para com ele.

Isabel, olhando fixamente para Teresa, respondeu:

– Teresa, agradeço por se preocupar comigo, mas saiba que me conheço e não tenho nada grave, pode acreditar.

Teresa deu de ombros quando respondeu:

– Só veremos isso na semana que vem, quando os exames ficarem prontos.

34

A luz da compreensão

Isabel não levava a sério seu estado de saúde, pois desde que saíra da prisão sempre tinha acessos de tosse e logo melhorava. A cela em que ela ficara era úmida e fétida, e várias presas chegaram a desenvolver sérios problemas pulmonares devido à situação precária daquele lugar.

Isabel pensava que com ela poderia ser diferente: acreditava se tratar de uma gripe malcurada que havia contraído na prisão.

Mas, com o passar do tempo, a tosse não dava tréguas; Isabel tossia sem parar à noite, chegando a levantar cansada no dia seguinte.

Teresa foi ficando cada dia mais preocupada com a amiga. Isabel não apresentava melhoras e seu estado começava a dar pena, tal esforço que fazia para tossir.

Uma semana se passou, Teresa foi buscar os resultados dos exames de Isabel, mostrou-os ao médico e ficou sabendo o diagnóstico: tuberculose, que precisaria de tratamento urgente com um pneumologista.

Teresa ficou arrasada quando descobriu o mal de Isabel. Preocupada, chegou à casa dela com os exames nas mãos.

Isabel sentia que algo sério estava acontecendo, pois Teresa era sorridente fora do trabalho, e naquele dia já não se mostrava a mesma; sua fisionomia estava carregada, denotando certa preocupação.

Isabel foi quem entabulou a conversa, dizendo:

– Teresa, o que está acontecendo? Você está com uma cara…

Teresa mexeu o envelope que trazia nas mãos e disse:

– Fui buscar os resultados dos exames, e devo confessar que não foram nada bons. O médico acabou de me informar que você está com tuberculose, e pelo jeito já está em estágio avançado.

Isabel não pôde acreditar no que estava ouvindo, já que ela ainda se considerava uma mulher jovem e cheia de vida. Depois do primeiro momento, foi logo perguntando:

– Mas na verdade o que vem a ser a tuberculose?

– Olha, Isabel, eu precisamente não sei lhe responder, mas aconselho que vá procurar o dr. Arnaldo amanhã mesmo e trate de saber o que é.

Teresa ficou ao lado de Isabel e perguntou:

– Você já tossiu sangue alguma vez, Isabel?

Isabel ficou calada, e depois de alguns segundos finalmente respondeu:

– Sim! Para falar a verdade, tossi sangue várias vezes, mas sempre acreditei ser da garganta que estava irritada.

– Minha amiga, você não deveria ter me escondido isso, pois quanto mais cedo se faz o tratamento maior a possibilidade de cura.

Isabel ficou estática, olhando para o nada, quando respondeu:

– Bem, se a tuberculose tiver que me matar, ela o fará, querendo eu ou não; portanto, tenho que ficar calma e seguir adiante. Para ser sincera, antes de conhecer as verdades espirituais eu tinha medo da morte, mas hoje isso não me ocorre mais, uma vez que sei que o espírito continua vivendo. A única coisa que peço a Deus é que, se por ventura isso vier a me acontecer, que Ele permita que eu seja ajudada assim que houver o desenlace.

– Isabel, concordo plenamente com você que a doutrina nos dá serenidade diante da morte, mas não acha que devemos também cuidar da roupa carnal que Deus tão benevolente nos emprestou? Se ele nos emprestou devemos cuidar, pois saiba que tudo o que fizermos, ou mesmo deixarmos de fazer, nós deveremos prestar contas a Deus.

Isabel nesse momento levantou a cabeça e disse:

– Realmente! Farei a minha parte, vou procurar o dr. Arnaldo amanhã mesmo, e pode ter certeza que lutarei contra essa doença.

Teresa abriu um sorriso em seu rosto preocupado, e nesse momento Isabel sentiu-se amparada por Deus e por sua amiga, que era como uma irmã para ela.

Depois de Teresa conversar com Isabel, finalmente voltou para casa, pois tinha que começar a preparar as coisas, já que no dia seguinte iria

trabalhar e não poderia acompanhar a amiga ao médico.

Assim que Teresa saiu, Isabel ficou a pensar em como contraíra a doença, e não foi difícil se lembrar de Margareth, que viu tossindo diversas vezes enquanto esteve na prisão. Certo dia, ela estava a tossir e a manchar de sangue um pedaço de pano.

Isabel logo se lembrou daquela mulher, e não pôde deixar de sentir pena por ela. Mas o que ela ignorava completamente era que Margareth havia falecido na prisão da mesma doença. Teresa sabia que Margareth havia falecido, mas para ajudar a amiga a esquecer definitivamente aquele local, não comentara com ela.

Teresa voltou para casa, mas sua preocupação estava em Isabel, pois sabia o que a esperava, já que tinha visto na penitenciária inúmeras mulheres contaminadas pela mesma bactéria.

A partir daquele dia, sempre que Teresa não estava de plantão, ficava horas conversando com Isabel, procurando ampará-la.

Isabel resolveu seguir as orientações médicas e enfrentar sua situação de uma vez por todas; com isso, ia ao médico todo mês para que se fizesse a devida avaliação.

Naquele dia, Isabel sabia que iria ao médico e, com isso, sempre levava o Evangelho Segundo o Espiritismo, pois tinha que esperar muito para ser atendida. Assim, ficava a ler o Evangelho, de modo que não via o tempo passar.

Aos poucos, Isabel foi se sentindo ainda pior, pois além dos sintomas da tuberculose, ela sentia tamanha fraqueza que vez por outra a deixava deitada quase o dia inteiro.

Teresa se afeiçoara a Isabel, e em nome desse carinho especial que sentia pela amiga fez questão de estar a seu lado naquelas horas difíceis.

Sempre que não estava trabalhando Teresa ia com Isabel ao médico, que ficava a fazer perguntas sobre a doença e o quadro clínico de Isabel.

Certo dia, quando Isabel esperava sua vez de ser atendida, ficou olhando para uma senhora de mais ou menos setenta anos que conversava com outra senhora que também esperava para ser atendida, e não deixou de ouvir:

– Dona Filomena, tudo o que estiver ao meu alcance para me curar, eu farei; olha que tenho setenta e sete anos e, se tiver que morrer, morrerei lutando!

Isabel envergonhou-se por estar desistindo, pois ainda era jovem e, embora envelhecesse pelo sofrimento, estava praticamente desistindo da vida. Foi então que, com os olhos marejados, olhou para Teresa e disse:

– Minha amiga, hoje aprendi uma lição valiosa: enquanto houver sinais vitais neste corpo de carne cansado, lutarei! Sou uma mulher fraca e até hoje venho me portando como criança caprichosa que se revoltou contra a vida. Vou lutar, e essa doença não vai me vencer!

O rosto de Teresa se iluminou num sorriso, pois não sabia o que havia feito Isabel mudar seus pensamentos, mas, fosse o que fosse, ela estava feliz pela resolução da amiga.

Finalmente o médico chamou o número de Isabel, e ela, juntamente com Teresa, entrou para falar com dr. Arnaldo, que estava sentado em sua cadeira, escrevendo alguma coisa na ficha da paciente anterior.

Isabel sentou-se em frente ao médico e disse:

– Boa tarde!

O médico, que continuava a escrever, respondeu aos cumprimentos de Isabel e perguntou:

– Boa tarde, dona Isabel! Como está se sentindo?

Isabel, esfregando uma mão na outra, passou a dizer:

– Sinceramente, não estou me sentindo bem. Uma fraqueza descomunal se apoderou de mim, e já não tenho ânimo para nada.

O médico fixou seu olhar em Isabel quando disse:

– Vou pedir um novo raio X. Depois que o fizer, volte para conversarmos.

Isabel, que olhou para Teresa, nada disse, obedecendo às ordens médicas.

Passada exatamente uma hora, Isabel ficou de novo em frente ao consultório do médico, esperando chegar sua vez para ser atendida.

Quando entrou no consultório, já com o exame, ficou atenta, olhando para o médico, que observava sem nada dizer.

Dr. Arnaldo era um homem de cinquenta e cinco anos e tinha sua profissão como um verdadeiro sacerdócio. Ele gostava de usar de sinceridade para com seus pacientes.

Olhou para Isabel e sem rodeios disse:

– Bem, com já havia lhe dito antes, terá que seguir à risca o que lhe for prescrito, pois essa doença é grave e ainda continua matando muita gente por este país.

Teresa, percebendo a gravidade da situação, perguntou:

– Mas o que ela terá que fazer?

Dr. Arnaldo respondeu:

– Dona Isabel ficará alguns dias aqui no hospital, e acompanharei a evolução de seu quadro. Depois poderá voltar para casa. Infelizmente seu estado é gravíssimo, e no momento nada tenho a dizer.

Teresa, percebendo que o médico estava querendo encerrar a consulta, perguntou:

– Mas o que é necessariamente essa doença?

O médico, remexendo-se na cadeira, olhou fixamente para Isabel e Teresa e passou a responder:

– Essa doença é uma infecção pulmonar grave, e é muito contagiosa; a pessoa com tuberculose ativa pode expelir, quando tosse, partículas que contêm bactérias. E uma pessoa sadia, ao inalar essas partículas, pode contrair o bacilo de Koch, tornando-se enfim doente também; mas muito vai depender da imunidade da pessoa: se a imunidade estiver bem, o próprio organismo vai isolar a bactéria, fazendo com que a pessoa seja apenas uma portadora da bactéria, que não lhe oferecerá problema algum. Isso é muito comum em lugares fechados, pois sua transmissão se torna mais fácil. Olhe seus raios X; mostram claramente onde a tuberculose se instalou e que ponto de seu pulmão está danificado.

Neste momento, o médico pegou as radiografias de Isabel e as levou diante da luz, para que se pudesse ver melhor. Com a caneta começou a mostrar e a explicar:

– Veja como está a parte superior de seu pulmão esquerdo. Podemos dizer que ainda não está avançada a doença, mas se você não tratar poderá piorar.

Isabel olhou para os raios X, e logo pôde perceber quão grave era a doença, e sentiu medo e ímpetos de sair dali, mas resistiu aos primeiros

rompantes e ficou a observar a explicação do médico.

O médico então perguntou:

– Tem sentido fadiga, falta de apetite e febres ao entardecer?

– Sim – respondeu Isabel –, mas o que me incomoda muito é o cansaço; geralmente não faço nada e o cansaço não me dá tréguas.

– Esses são de fato os sintomas, por isso pedi que fizesse o raio X.

– Mas, doutor, essa doença tem cura?

– Bem, se seguir o tratamento direitinho, tenho certeza de que em um ano a senhora estará liberta desse mal.

Olhando para Teresa, o médico continuou:

– E, quanto à senhora, procure não ficar muito tempo com ela em lugares fechados.

– Mas, doutor, ela não tem ninguém para ajudar, só a mim, e vou fazer isso mesmo sabendo que corro o risco de ficar doente também.

O médico sorriu ao perceber a simplicidade de Teresa e passou a dizer:

– Não se preocupe, ela ficará no hospital por uns dias, e não precisará se expor ao bacilo.

Isabel foi incisiva quando disse:

– De maneira alguma! Quero continuar a sentir a liberdade que tenho em minha casa, de modo que não ficarei internada!

O médico, olhando para Isabel sem muito entender a que se referia, continuou:

– Está bem. Então, dona Teresa, todas as vezes que a senhora estiver perto de dona Isabel, peço que use máscara, pois assim não sofrerá o contágio; isto é, se já não se contagiou.

Teresa, olhando para o médico, disse:

– Está bem, doutor, farei tudo o que o senhor mandar.

E assim o médico logo encerrou a conversa, dizendo:

– Dona Isabel, quero que esteja aqui pelo menos uma vez por semana para que eu possa vê-la, pois, se se fizer necessária uma internação, a senhora terá que fazê-la.

Isabel logo concordou e pegou o lenço que estava em sua bolsa, e cada vez que ia falar com Teresa, colocava o lenço na boca, para não deixar a amiga doente.

Isabel tossia muito, uma tosse muitas vezes mesclada com sangue e secreção; tinha febre todas as tardes, e o cansaço não lhe dava tréguas. Emagrecera muito em pouco tempo, pois tinha uma terrível falta de apetite.

Mas ela continuava a sentir o remorso a lhe torturar mais que a doença, de modo que decidiu que não faria o tratamento, e que mentiria a Teresa que iria ao médico sempre que ela estivesse de plantão.

E assim se deu. Teresa acreditou em Isabel, e sempre estava em sua casa, se prontificando a fazer uma coisa ou outra, sem desconfiar que Isabel havia abandonado o tratamento. A empolgação ao ouvir a conversa daquela senhora deu lugar a um desejo mórbido de morrer.

Isabel passava quase todo o dia deitada, e mal se levantava para preparar alguma coisa para comer, pois o cansaço passou a ser seu companheiro de sempre.

Teresa ia um dia sim e outro não à casa de Isabel, de modo que lhe preparava a comida e limpava sua casa, para deixar Isabel apenas descansar, já que foi uma instrução médica.

No entanto, Teresa não entendia como Isabel piorara tanto, pois ela havia emagrecido a olhos vistos, e suas olheiras eram profundas, emprestando à sua fisionomia um aspecto cadavérico. Isabel estava pálida como cera, e Teresa já estava preocupada ao extremo com a amiga.

Embora Teresa procurasse cuidar de Isabel com esmero, ela não deixava de perceber que a amiga estava decaindo rapidamente.

Manoel estava saindo do curso e seguindo na direção do jardim que tomava uma boa parte da colônia quando ouviu alguém dizer:

– Manoel! Por favor, preciso falar com você!

Manoel, girando nos calcanhares, viu um casal, que se aproximava sorridente. Retribuindo o sorriso, ele disse:

– Querem falar comigo?

– Sim, Manoel! Estamos aqui porque precisamos muito que nos perdoe; estou me sentindo terrivelmente triste por não ter podido falar com você antes.

Manoel, sem entender, respondeu:

– Está havendo um equívoco! Não tenho do que lhes perdoar, pois nem mesmo os conheço – disse Manoel, sorrindo.

– Meu irmão, infelizmente existe motivo para lhe pedirmos perdão, sim; mas você desconhece os nossos atos.

Manoel, ainda sem nada entender, disse:

– O que acham de sentarmos ali naquele banco e conversarmos um pouco?

E assim os três sentaram-se, e Manoel olhava curioso para eles, pois não se recordava de conhecê-los; resolveu apenas ouvir o que tinham a dizer.

Manoel não deixou de perceber que o homem parecia ter entre trinta e quarenta anos, era moreno e tinha um sorriso largo. A moça, por sua vez, era baixa, tinha cabelos negros como a noite, e tudo era delicado nela, o que emprestava-lhe um ar de jovialidade que a deixava ainda mais bonita.

Depois de se sentarem em um banco sob a copa de uma frondosa árvore, o homem começou a dizer:

– Sei que não nos conhece! Nem poderia; partimos da Terra muito antes de você se tornar adulto! Chamo-me Onofre, e ela se chama Graça. Já o conhecemos, pois ficamos em sua casa por algum tempo.

Manoel, sorrindo, disse:

– Como? Vocês ficaram em minha casa?

– Sim! – respondeu Onofre; e não foi difícil para ele explicar o porquê do pedido de perdão, já que Manoel agora entendia bem os fenômenos espirituais que circundam os seres humanos.

Graça apenas ouvia, com a cabeça baixa, sentindo-se totalmente envergonhada, pois Onofre não tinha vergonha em expor a Manoel tudo o que fizera enquanto este ainda estava na carne.

Manoel ouvia o relato de Onofre assustado, e finalmente entendeu por que agia daquela maneira com Isabel, vindo a se arrepender em seguida.

Finalmente Manoel perguntou:

– Mas já que vocês estavam em minha casa, como receberam ajuda?

Foi Graça quem disse:

– Quando você começou a frequentar a Casa do Espírita, passei a prestar atenção quando você lia o Evangelho em voz alta. Certo dia, você leu que devemos orar pelos nossos inimigos. Sinceramente, nós nunca tivemos nada contra você ou Isabel, mas nós precisávamos de vocês para nos sentir vivos. Ou seja, para sentir que ainda tínhamos nossos corpos de carne que

havíamos perdido. E, a partir daquele dia, quando você lia o Evangelho, Onofre e eu ficávamos perto ouvindo, até que certo dia nos arrependemos de coração por tudo o que havíamos feito a você e sua esposa. – Após uma breve pausa, ela prosseguiu: – Finalmente, depois de fazermos uma prece, recebemos a visita de uma pessoa que havia sido mãe de Isabel, e ela nos ajudou a vir para esse lugar bendito. Mas nós ainda estamos passando por tratamentos, pois somos doentes por prazeres sexuais; mas agora, graças a Deus, esse tratamento tem nos ajudado a ver que o sexo tem uma finalidade honrosa, e que quando abusamos dele certamente colhemos muitas dores. Por isso, meu amigo, pedimos que nos perdoe, pois estávamos doentes ao extremo quando fizemos aquilo com vocês; mas já melhoramos bastante.

Manoel, olhando ora para Onofre ora para Graça, finalmente respondeu:

– Meus irmãos, não tenho nada a lhes perdoar. O que me deixa feliz é o fato de que mesmo sem saber vocês foram ajudados mediante a leitura que eu fazia semanalmente do Evangelho. Eu não só os perdoo como gostaria que se tornassem realmente meus amigos, pois quero passear e muitas vezes me falta companhia.

Os três se abraçaram, selando o início de uma grande amizade.

Manoel, depois que Onofre e Graça se afastaram, sentiu-se diferente. Foi logo para o seu alojamento na colônia, e deitou-se, pois ainda não havia se livrado de todas as sensações da carne; se pôs a pensar no relato de Onofre e de Graça.

Manoel permaneceu deitado e de repente algumas imagens começaram a surgir em sua mente, como lembranças que haviam sido esquecidas, e essas imagens eram incontroláveis.

Manoel ficou parado, vendo as imagens que surgiam em sua mente sem compreender o que se passava; foi então que Marisa entrou, procurando-o no alojamento.

Marisa o encontrou deitado com os olhos fechados e, percebendo o que ocorria, disse:

– Fique calmo, meu filho! O que está acontecendo a você é que determinadas lembranças de suas existências estão aflorando, portanto deixe-as virem, não lute contra elas.

Manoel ouvia a tudo assustado, pois quisera de fato se lembrar do passado; mas essas lembranças começaram a vir quando ele finalmente não estava mais preocupado com isso.

Marisa estendeu a mão sobre a cabeça de Manoel enquanto ele ainda estava deitado, e ele viu que das mãos dela saíam fachos de luzes que o deixavam calmo. Sem perceber, ele estava relaxando a ponto de começarem a lhe voltar todas as lembranças do passado.

Manoel finalmente fechou os olhos e passou a ver todas as cenas como se estivesse assistindo a um filme colorido, mas diferente porque ele era o protagonista. Ficou deitado com os olhos fechados, e viu quando um homem alto, de calças brancas e botas pretas, entrava numa sala e falava em espanhol.

– Onde está Carmem? – perguntou Manoel à mulher que esfregava o chão.

– Sr. Hernandez, ela não está em casa, e não posso dizer aonde foi!

Manoel, que se lembrou chamar-se Hernandez, ficou colérico e começou a gritar com a mulher:

– Mercedes! – vociferou Hernandez –, eu falei que não era para deixá-la sair, pois se isso acontecesse você se veria comigo, sua imprestável! Se souber que está escondendo algum ato vergonhoso, vou acabar contigo, maldita!

A mulher se encolheu a um canto, e ficou a observar a expressão de raiva de Hernandez. Naquele momento, Manoel sentiu toda a sua raiva brotar em seu íntimo, pois aquelas lembranças estavam vivas no escaninho de sua alma.

Hernandez saiu, montou em seu cavalo e, chegando à estrebaria, perguntou para Juan se havia visto Carmem. Ele respondeu que a vira dirigir-se para os lados do ribeirão.

No mesmo instante Hernandez seguiu na direção do ribeirão e, ao chegar, pegou Carmem junto com Pablo, em pleno colóquio amoroso.

Hernandez, enlouquecido, antes de dar uma surra na esposa, bateu em Pablo e amarrou-o à sela de seu cavalo, enquanto ouvia:

– Hernandez, não faça isso! Eu o amo!

– Vagabunda! Você manchou o nosso leito e envergonhou-me o bigode, agora vai ver seu amante ser morto como um animal.

E, sem dar tempo para o rapaz se vestir, amordaçou-lhe a boca e amarrou-lhe as mãos, e depois pegou Carmem – que Manoel logo reconheceu como sendo Isabel – e mandou que se recompusesse, pois ela estava em total desalinho. Então, carregou Pablo, seminu, até a aldeia.

Como Pablo caíra várias vezes, ele se machucou muito e, numa das vezes, bateu com a cabeça em uma pedra e desmaiou.

Assim que chegaram à aldeia, logo perceberam que Pablo estava morto. Hernandez gritava:

– Esse maldito está morto porque me envergonhou diante de todos vocês se deitando com minha esposa!

Carmem chorava, e nada dizia.

Foram os irmãos de Pablo que o desamarraram e cobriram-lhe as vergonhas, pois Hernandez não dera tempo para que ele se vestisse para chegar à aldeia.

Os irmãos de Pablo reclamaram o corpo todo ferido do irmão. Um deles começou a gritar:

– Sabemos que nosso irmão errou quando tomou sua esposa, mas será que não merecia pelo menos ter protegido suas vergonhas?

– Não! Seu irmão é um cão e morreu como tal! As suas vergonhas, que me desonraram, deviam ser cortadas e jogadas aos porcos, pois somente uma porca como esta para deitar-se com um homem imundo!

Bateu à porta do tenente Antônio; este o atendeu, e não foi difícil saber o que estava acontecendo. Viu quando os irmãos tiravam o corpo de Pablo enlaçado à sela, e logo percebeu que o motivo de toda aquela balbúrdia era a infidelidade de Carmem, esposa de Hernandez.

Manoel logo percebeu, pelo olhar, que o tenente Antônio era João Felipe, e este lhe disse:

– Hernandez! Você sabe que o estado está a seu favor, pois matou para lavar sua honra; então, não vou mandar prendê-lo, mas terá que prestar contas por escrito de tudo o que aconteceu. E o que pretende fazer com ela? Vai matá-la também? Se essa é sua intenção, saiba que teria de ter feito antes, pois agora compete a mim proteger a sua vida!

Carmem ficou a fitar o homem com rancor, ao mesmo tempo que chorava sem parar.

Hernandez, sentindo ódio pela esposa, disse que teria para ela um castigo melhor, nesse momento a levou para casa, e mandou que se despisse; colocando-a em uma tina com água, passou a esfregá-la com uma pedra para que ela se limpasse, deixando a mulher em carne viva. Depois do banho, ele se lembrou de ter arriado as calças e a obrigado a se deitar com ele.

Carmem ficou toda ferida, e a partir daquele dia, não mais era permitido que ela saísse de casa.

Logo a cena mudou, para quando ele estava já adoentado em seu leito de morte, e Carmem a seu lado, dizendo:

– Maldito! Você vai morrer, e tenho certeza de que um dia nos encontraremos no inferno! Você me humilhou, matou o homem que eu amava, e ainda me expôs como uma vadia qualquer.

Hernandez, que estava imóvel em uma cama, apenas chorava por ter feito tanto mal a Carmem, pois soubera desde o início que ela só se casara com ele por imposição do pai, do qual ela não pôde fugir.

Manoel se lembrou da sua última existência, e agora podia compreender muitas coisas, pois Isabel se casara com ele porque estava sozinha no mundo, mas nunca escondeu dele que não o amava.

Manoel pôde identificar cada uma das cenas vividas por ele antes: Isabel era Carmem; João Felipe era o tenente Antônio, que a tratou como uma meretriz; e ele era Hernandez, que foi implacável com sua esposa. Pablo era Hamilton, o mesmo que lhe tirara a vida.

Manoel, ao recobrar as lembranças, finalmente pôde entender que não era tão bom como havia pensado, e que tudo que lhe acontecera em sua última existência viera como resposta a uma existência anterior.

Finalmente se lembrou das palavras de Matias, seu instrutor, que ensinou as máximas de Jesus quando disse: “Quando Pedro tirou da bainha sua espada, Jesus disse que todo aquele que ferisse pela espada seria ferido por ela”.

Manoel nesse instante se lembrou que Hamilton fizera com ele o mesmo que um dia ele próprio havia feito contra Pablo. Sendo assim, Manoel entendeu uma das leis naturais da vida: tudo o que nos ocorre vem como resposta de uma existência anterior ou de uma atual.

Manoel pela primeira vez se lembrou de Isabel e sentiu ímpetos de pedir-lhe perdão, pois havia feito muito mal a ela em uma vida passada; e como ela poderia amá-lo?

Marisa, percebendo o desgaste emocional de Manoel, disse:

– Meu filho, não fique a se lastimar, pois hoje tiveste a prova de que ninguém sofre ao acaso, e tudo nos vem como resposta do ontem; portanto, logo terás a oportunidade de estar com Isabel, e finalmente fazer algo que

venha a sanar a dívida passada. Mas lembre-se de que o pagamento vem com o perdão.

Manoel, sem entender, perguntou:

– Mas então quer dizer que Isabel irá morrer?

Marisa, sorrindo, completou:

– Morrer? Não diga isso, porque você, melhor que ninguém, sabe que a morte não existe. Ela fará a viagem que um dia você fez, mas saiba que terá a oportunidade de ajudá-la e finalmente reparar os erros do passado para com ela.

Manoel sentia-se atordoado com as lembranças do passado. Decidiu que não pensaria mais no assunto, pediu licença a Marisa e saiu em direção ao pronto-socorro onde trabalhava como cooperador.

Isabel piorara terrivelmente, pois a secreção de seu pulmão era virulenta. Teresa finalmente passou a cuidar de Isabel usando máscara; afinal, sabia muito bem que não poderia ficar doente, já que ainda ajudava a mãe idosa, que morava com uma irmã no interior do Paraná.

Isabel a princípio não se importava com o tratamento, visto que sempre dizia estar cansada de viver; mas, quando seu estado realmente se agravou, ela passou a seguir as orientações médicas à risca.

A pobre mulher já havia perdido mais de vinte e cinco quilos, e quase já não levantava mais da cama, apenas tossia e tossia. Muitas vezes sangue vivo, em lugar de secreção, vindo do pulmão.

Assim, Isabel foi definhando a olhos vistos, e sua vida era de idas e vindas ao hospital de sua cidade.

Os vizinhos costumavam dizer que ela estava tísica por ter sido tão má com o marido; outros diziam que ela estava recebendo tudo o que plantara na juventude. Mas, como ela havia feito boas amizades do outro lado da cidade, enquanto estivera na casa do sogro, sempre recebia visitas das amigas, que traziam frutas e canjas, ou iam vê-la somente para conversar com ela, na intenção de dar-lhe conforto.

Certa manhã, Teresa chegou à casa de Isabel e pegou o Evangelho, para juntas fazerem o Evangelho no Lar, já que a doente pouco se levantava. Foi então que Isabel começou a sentir a falta de ar aumentar, e quase já não

podia mais tossir. Teresa, em desespero, saiu correndo em busca de auxílio; pediu para dona Mariana chamar uma ambulância, e voltou correndo para o interior da casa de Isabel.

Nesse ínterim, encontrou Isabel um pouco melhor, pois a fadiga já havia diminuído. No entanto, os antibióticos que Isabel tomava não estavam fazendo efeito.

A ambulância chegou, e novamente Isabel voltou para o hospital. Assim que chegou foi para o oxigênio, mas a doença já estava adiantada, e ela já estava sucumbindo à sua violência, que a cada minuto se mostrava implacável.

Teresa não pôde entrar na área de isolamento do hospital. Conversou com o médico e voltou para casa, para saber de mais notícias da amiga logo mais à tarde.

Isabel estava estirada no leito e, de repente, olhando para a parede fria daquele quarto, viu a figura de sua mãe; nesse instante a pobre mulher se esforçou para esboçar um sorriso.

Marisa, olhando fixamente para Isabel, disse com compaixão:

– Minha filha, teu sofrimento está prestes a acabar. Mantenha seus pensamentos na bondade, no amor e no perdão, pois estarei aqui até o último instante.

Isabel logo adormeceu, e seu semblante era tranquilo e pacífico.

Assim Isabel se alternava entre sonos e fadigas, até as 4h24 da tarde, quando seu corpo finalmente deixou de ser a morada daquele espírito que muito aprendera enquanto esteve encarnado.

Teresa, assim que voltou de sua casa para saber do estado da amiga, foi informada de que ela havia atestado óbito às 16h24, e não pôde deixar de sentir o passamento daquela a que se afeiçoara de coração.

Teresa cuidou de todas as providências concernentes ao enterro e ao funeral, e decidiu que Isabel seria enterrada no dia seguinte pela manhã.

João Felipe estava desconsolado com a morte da mãe, pois, embora não se afinassem muito bem, ele a amava. Quanto a Janaína, foi com seu marido ao velório da mãe; porém, ficou parada, chorando em silêncio, encostada à parede e se lembrando do quanto aquela mulher fora importante em sua vida.

Alguns vizinhos, embora afirmassem sentir pela passagem de Isabel, diziam que aquela doença ela pegara na prisão como pagamento do que fizera ao marido, que era um santo.

Assim, Isabel baixava à sepultura, pranteada sinceramente por alguns, como seus filhos e Teresa, e malfalada pelas fofoqueiras antigas do bairro onde morava e se conhecia sua história.

35

O verdadeiro sentido das coisas

Isabel adormeceu e quando acordou estava em outro quarto; olhou para todos os detalhes e pôde perceber que era bem diferente daquele em que estivera internada.

Ficou a observar; do lado esquerdo de sua cama viu apenas uma mesa com um jarro com água. As paredes eram brancas, e a janela era grande; por ela os raios solares entravam, deixando aquele quarto simples ainda mais belo.

Isabel logo adormeceu novamente, e não percebeu quanto tempo havia passado desde seu último sono, mas estava bem melhor, e já não sentia aquela fadiga. Até mesmo seu cansaço parecia ter diminuído.

Isabel olhava para todos os detalhes do quarto, e via principalmente como a sua cama era confortável. Então, a porta se abriu, e uma senhora risonha entrou, dizendo:

– Bom dia, Isabel, como se sente?

Isabel, acreditando ser a enfermeira, respondeu:

– Estou bem melhor! Inclusive já não sinto mais aquela fadiga horrível. Mas o cansaço, embora tenha diminuído, ainda persiste, mas isso é normal, segundo as explicações do dr. Arnaldo.

Por favor – disse Isabel –, gostaria muito de falar com Teresa. Será que a senhora poderia pedir para ela vir até aqui? Preciso dizer-lhe para trancar bem a minha casa, pois agora não sei quanto tempo ficarei aqui.

A enfermeira logo se apresentou:

– Bem, antes de começarmos nossa conversa, deixe que me apresente: eu me chamo Ester, e trabalho há mais de quarenta e cinco anos aqui neste

pronto-socorro. Não se preocupe com sua casa, pois certamente seus filhos já estão cuidando dela.

Isabel ficou sem entender, e sorrindo disse:

– Por favor, enfermeira Ester, preciso falar com Teresa. Peça que entre. Sei que não é horário de visita, mas ela ficará feliz em saber que já estou melhor.

Ester, olhando fixamente para os olhos de Isabel, respondeu:

– Isabel! Entenda! Teresa não poderá visitá-la assim como espera, pois ela está separada temporariamente de você.

Isabel, sem entender, percebeu que a enfermeira não estava usando máscara; como não se lembrava do que vira enquanto estava no hospital, ficou a pensar que havia sido transferida de um hospital para outro. Perguntou:

– Por favor, me diga: acaso fui transferida de hospital?

– Bem, podemos dizer que sim e que não. Você fez uma longa viagem para chegar até aqui, e logo compreenderá o que houve com você.

Isabel finalmente se lembrou das coisas que havia ouvido na Casa Espírita sobre o pronto-socorro do além; e finalmente indagou:

– Ester, por favor, me responda a verdade; por acaso morri?

Ester sorriu, olhou para Isabel com compaixão e pacientemente disse:

– Minha filha, se você estivesse morta, certamente não estaria aqui falando comigo!

Isabel respirou aliviada, mas Ester continuou:

– Se tem algo que você precisa aprender, minha filha, é que a morte não existe, o que há é apenas uma mudança de estado. Você abandonou seu corpo dilacerado pela enfermidade, e agora continua a viver no corpo espiritual, desfrutando da verdadeira vida. A morte, minha filha, é apenas uma grande viagem, a qual todos que vivem na crosta terrestre sabem que um dia farão. Muitas pessoas temem a morte por pensar que ela é o fim de tudo, mas esse fim que as pessoas temem não existe, pois a morte é apenas um canal usado para que cada espírito volte a seu lugar de origem, que é o espiritual, e pense calmamente no que fez durante sua estada na orbe terrestre, e como poderá melhorar as falhas que não conseguiu reparar. Deus, em Sua infinita bondade e misericórdia, permite que o espírito que volte à Terra por meio da reencarnação possa avaliar suas falhas e corrigir seus erros, sem contar que ainda terá a oportunidade de reparar suas faltas também com os

desafetos do passado. – Ester fez uma pequena pausa antes de concluir: – Você, minha filha, voltou ao lar, portanto, não fique a se preocupar com aqueles que deixou na Terra. Agradeça ao Pai por você ter sofrido e aprendido que somente o caminho do amor e do perdão elevará os espíritos para esferas mais altas.

Isabel sentiu seu coração vibrar de contentamento, pois realmente tudo o que havia aprendido nos últimos tempos na Casa Espírita era verdadeiro. Lembrou-se de seus pais, e sentiu seu peito enternecer.

Ester aplicou um passe em Isabel, pois pôde perceber a sua excitação, e isso não era bom para a sua recuperação.

Em poucos minutos ela adormeceu, e dessa vez foi um sono tranquilo e reparador.

Manoel estava contente, pois naquele dia havia começado em sua nova função: receber os recém-chegados da Terra. E ele estava ansioso para começar a visitar principalmente aqueles que estavam alojados nos quartos do pronto-socorro. Marisa havia dito a Manoel que ele teria uma surpresa, porém ele não pensou no assunto.

No dia seguinte, com Joel, foram primeiro à ala masculina, e logo fizeram a primeira visita, a um senhor que havia partido da Terra devido a uma grave enfermidade – um tumor que tomara conta de seus ossos – e sentia dores atrozes, pois ainda achava que estava encarnado.

Manoel ficou a observar Joel, que se posicionou ao lado do leito daquele senhor e, espalmando as mãos sobre o enfermo, deixou que fachos de luzes saíssem das palmas de suas mãos; o homem foi se tranquilizando, e finalmente adormeceu.

Manoel comentou:

– Na casa espírita que frequentava enquanto estive encarnado, sempre nos momentos dos passes eu não via essa luz, mas sentia algo que me trazia paz, e sempre que estava com problemas a atormentar minha mente, ao tomar os passes, me sentia melhor, mais calmo…

Joel, sorrindo, respondeu:

– Manoel, você não via porque não tinha a sensibilidade para isso, mas sentia os efeitos benéficos dessa energização. Agora você vê porque está

desencarnado, e como ser espiritual vê tudo o que se passa. No momento em que seu Divanir tomou o passe, as dores atrozes que estava sentindo foram melhorando, a ponto de ele adormecer; mas, por estar apegado em demasia à matéria, seu perispírito ainda não estava totalmente lúcido, achando que se encontrava num hospital. Mas a nossa tarefa é trazer tranquilidade para os recém-chegados da Terra, por meio das luzes curativas que podemos emanar; sendo assim, logo após o passe a pessoa volta a dormir, e cada vez que acordar se sentirá melhor, e logo descobrirá que não está mais entre os encarnados, e que também já não se encontra mais doente. Joel silenciou por um breve momento, e então prosseguiu: – Uma das coisas que aprendemos na colônia é que todo trabalho que realizamos em benefício do próximo será sempre em equipe; ou seja, hoje eu comecei a cuidar do seu Divanir, mas amanhã será outro. Não existe um paciente "meu", mas um irmão recém-chegado que precisa dos nossos cuidados.

Manoel estava surpreso com tudo o que aprendia, pois jamais imaginara que a vida extraterrena fosse maravilhosamente complexa.

E Manoel começou a sua nova tarefa com afinco, pois a cada dia que se passava ele aprendia algo novo, principalmente com respeito aos diferentes tipos de passes, que iam desde a cura até o tratamento emocional, sobretudo com aqueles que haviam tido uma passagem traumática.

Já fazia quase uma semana que Manoel estava nesse trabalho, quando, de repente, visitando a ala feminina, foi convidado por Joel para dar um passe especial em uma desencarnada que havia chegado há poucos dias da Terra.

Manoel entrou no quarto sem pensar em nada, e de súbito parou ao lado do leito. Joel sabia de quem se tratava, e ficou observando a fisionomia de Manoel, que mudara visivelmente; disse:

– Lembre-se de que aqui somos todos irmãos, e você terá que manter o equilíbrio, pois, se ela se encontra em nosso meio, certamente fez por merecer!

Manoel estava mudo e, olhando para os contornos de Isabel, pôde ver o quanto ela estava mudada, pois já não tinha a mesma beleza da moça por quem se apaixonara enquanto esteve na Terra; correndo os olhos por seu corpo, disse ao companheiro:

– Joel, qual foi a causa de sua passagem?

– Pelo que fiquei sabendo, uma tuberculose que acabou com seu corpo físico e que deixou também seu perispírito doente.

Manoel se apiedou de Isabel e espalmou suas mãos sobre ela, deixando que fachos de luzes de diferentes cores, como azul, violeta, laranja, verde, a envolvessem. Joel ficou satisfeito ao observar o bom desempenho do companheiro.

Depois de aplicar o passe em Isabel, Manoel pôde ver que a enferma dormia placidamente, e que seu aspecto começava a melhorar visivelmente. Sem entender, perguntou:

– O que houve comigo? Por que senti tantas luzes saírem de minhas mãos?

– Isso se chama amor, Manoel! Você colocou todo o seu amor para ajudar Isabel. É isso que os encarnados devem fazer quando estão administrando passes aos necessitados que vão até as Casas Espíritas! Não devem fazer de forma mecânica, devem colocar todo o amor no que estão fazendo, para que surjam maiores resultados, permitindo assim que os irmãos responsáveis pela energização tenham maior mobilidade em ajudá-los.

– Então você está dizendo que os passes nas Casas Espíritas são administrados pelos desencarnados?

– Sim! Os trabalhadores das Casas administram o passe, e o encarnado só é o meio pelo qual se realiza o trabalho. E hoje você pôde notar a diferença colocando o amor no momento em que oferece ajuda; portanto, meu irmão, assim como hoje trabalhou com o coração para ajudar a nossa irmã Isabel, deverá fazer com todos os recém-chegados, e você sentirá a alegria de poder ajudar.

Manoel ficou feliz, pois o fato de ajudar sua ex-esposa o ajudou também, já que agora ele aprendeu que os passes, tanto nas Casas Espíritas como nos prontos-socorros dos desencarnados, são um ato caridoso, tão bem realizado por Jesus, pelo fato de impor as mãos nos momentos de cura aos doentes.

Manoel percebeu que Isabel continuava a dormir tranquilamente e se lembrou de que havia mais recém-chegados para visitar. Assim que saiu do quarto de Isabel, Manoel sentiu a felicidade de se doar em favor dos necessitados, principalmente àquela que fora sua esposa enquanto esteve encarnado.

Passados alguns dias, Isabel conversava animadamente com Marisa, José e Naná, falando sobre as agruras de sua vida como encarnada, quando finalmente ouviram uma batida na porta. Isabel sentiu em seu coração que se tratava de Manoel, e percebeu seu coração palpitar.

Foi José quem disse, sorrindo:

– Entre, meu filho!

Manoel entrou timidamente no quarto, e procurou desviar seu olhar do de Isabel.

Foi seu José quem disse:

– Isabel já está bem melhor e, se tudo continuar a correr bem, percebemos que logo poderá sair e passear no jardim.

Manoel sorria, mas não estava prestando muita atenção ao que seu José dizia.

E foi Marisa quem disse aos demais:

– Vamos! Acredito que eles têm muito que conversar!

Todos se despediram de Isabel, e também de Manoel, e se retiraram.

Manoel sentia-se envergonhado, pois sabia que fora o causador dos muitos sofrimentos de Isabel. Como não bastasse, lembrava-se também do que fizera a Isabel quando ela atendia pelo nome de Carmem.

Manoel baixou os olhos e perguntou timidamente:

– Como está se sentindo?

– Estou me sentindo bem – disse ela, encabulada.

Manoel gaguejou um pouco e logo em seguida perguntou:

– Você ainda sente os sintomas da doença que a vitimou?

– Não! Graças à bondade Divina, estou curada e acredito que amanhã poderei sair desta cama.

Manoel baixou os olhos e deixou que as lágrimas corressem pela face quando balbuciou:

– Isabel! Peço que me perdoe!

– Manoel! Quem tem que te pedir perdão sou eu! Afinal, eu te traí, e ainda fui a mentora da sua morte. Naná já me contou que você estava sabendo.

– Sim! Mas saiba que você não tem culpa, pois tentou impedir que Hamilton cometesse aquele desatino; se ele não o fez foi para sanar uma dívida que eu tinha para com ele! Isabel não estava entendendo muito bem, e

pensou que ainda Manoel fosse apaixonado por ela; mas ele já havia aprendido a ouvir os pensamentos, e respondeu: – Não, Isabel! Eu não a amo! Na verdade descobri que nunca a amei! O que senti por você foi uma paixão que me aprisionou em uma ilusão, pois passei a minha vida inteira acreditando que você fosse a mulher da minha vida. Hoje sei que amor não é nada daquilo que um dia senti por você. Se eu não tivesse insistido naquele casamento, muitas coisas talvez tivessem sido evitadas.

Isabel ficou olhando para Manoel, e pôde ver o quanto ele estava sendo sincero. Mas preferiu nada dizer, pois estava de pleno acordo com as palavras de Manoel; compreendeu que, se ela sofrera, foi por capricho, sem se dar conta de que eles tinham dívidas a sanarem juntos.

Manoel não tocou no assunto de sua existência anterior, e cuidou somente de lhe pedir perdão; primeiro por ter insistido em um casamento que ele também sabia que não iria dar certo e segundo pelas armações que fizera em nome da vingança.

Isabel ficou sabendo que fora Manoel quem preparara tudo para que ela fosse presa como cúmplice de tráfico de drogas, e percebeu que ele havia sido vítima de seu orgulho.

Assim, respondeu:

– Manoel! Eu te perdoo, você me perdoa, pois não foi apenas você quem errou. Eu também errei para com você e para com nossos filhos. Hoje me arrependo de muitas coisas, mas agora é tarde demais.

– Não, Isabel! – disse Manoel. – Nunca é tarde demais, pois Deus, em sua infinita bondade e Misericórdia, sempre nos dá tempo para que nos reajustemos com as pessoas antagônicas a nós, principalmente para nos reajustar evoluindo para a perfeição, mediante a reencarnação. Portanto, nunca é tarde demais: sempre haverá tempo para recomeçar.

Isabel percebeu o quanto Manoel estava diferente e, sorrindo, disse:

– Manoel, por que você perdeu tanto tempo tentando me prejudicar? Foi por ciúme?

– No começo, pensei que estivesse, sim, com ciúme, mas depois descobri que estava cego pelo meu desejo de vingança, pois, se eu tivesse aplicado o que havia aprendido na Casa Espírita, não teria sofrido tanto. Hamilton hoje está em uma outra colônia, pois recebeu a ajuda de sua mãe, e me parece que está se reerguendo. Quanto a você, tenho certeza de que logo

ficará bem, pois aqui há vários cursos que poderá frequentar e aprender sobre a bondade infinita de Deus.

Isabel, naquele instante, levantou-se e disse:

– Manoel! Nós erramos, nos ferimos, nos maltratamos e nos vingamos, pois, quando tive a ideia de acabar com tua vida, foi justamente por vingança; por isso, peço que me perdoe, quero viver em paz com você e com minha consciência.

Manoel se aproximou de Isabel e a abraçou como se abraça uma irmã querida, e foi Isabel quem disse:

– Manoel! Conversando com você, pude notar que tudo o que nos aconteceu foi resultado de uma ilusão. Você alimentava a ilusão de que me amava, e eu de que iria me vingar de você caso destruísse a sua vida carnal. Tudo não passa de uma ilusão, que nos causa sofrimento e dor, mas a ilusão que a vingança causa – achar que seremos felizes por nos vingar – é enganosa ao extremo, pois a vingança destrói a nós mesmos lentamente.

Manoel pôde ver que sempre gostara de Isabel, mas com um amor puramente fraternal, e que havia crescido muito com as lições dolorosas que a vida terrestre lhes deu, oferecendo assim a chance de reajustarem-se perante a vida e perante si mesmos.

Depois de se abraçarem, Joel finalmente entrou e disse que ela poderia sair para dar umas voltas no jardim. Com alegria, Manoel saiu a passear com Isabel. Ao chegarem perto de um lago, onde as águas límpidas espelharam o rosto dos dois irmãos, finalmente Isabel disse:

– Manoel, que este lugar seja para sempre o lugar onde nós pudemos compreender os nossos erros e finalmente estabelecer a paz, pois juntos aprendemos que só os fracos têm o desejo de vingança! E infelizmente fomos fracos ao sucumbir a esse desejo.

Os dois sorriram e caminharam pelas belas paragens espirituais, firmando nos corações que daquele momento em diante seriam sempre bons companheiros de jornada.

Fim

Nota da autora espiritual

Muitas vezes somos acometidos por sentimentos que nos elevam e por outros que nos destroem, acabando de uma vez com nossa paz. Um desses sentimentos é o desejo de vingança, seguido pelo ódio, que muitas vezes nos atrapalha a marcha.

O ódio nos faz perdedores de nós mesmos, pois acabamos perdendo até nossos ideais, e principalmente nossa essência. Alguns enveredam por esse sentimento sem conseguir compreender as máximas do Cristo de perdoar setenta vezes sete vezes, o que implica no comprometimento do futuro, sem se darem conta de que esse sentimento que permeia muitos corações acaba por atrapalhar a marcha evolutiva, cegando a visão daqueles que o sentem.

O odiento não tem paz, nem tampouco terá enquanto não aprender a perdoar as ofensas e principalmente o ofensor. O odiento acaba massacrando seu coração com um desejo de vingança que, seguindo a lei natural de causa e efeito, acaba por se voltar contra ele de alguma forma.

Quando Jesus instou seus seguidores a perdoar, sabia do que o ódio é capaz e do comprometimento que este traz para o futuro.

Ai daquele que diz: “Eu não perdoo!” Assim pensando, desconhece o efeito benéfico do perdão e principalmente das palavras sábias de Jesus.

Por que nos atrevermos a ficar enlaçados com algum desafeto sabendo que em dado momento teremos que perdoar?

Perdoemos liberalmente nossos irmãos, a fim de sermos perdoados pelo Pai.

E, sendo assim, não acalentaremos um desejo que nos machuca e maltrata, aprisionando-nos numa corrente negativa que nos faz prisioneiros de nós mesmos e de nossos desejos.

Rompamos os laços perdoando as ofensas e nosso ofensor, pois somente assim evitaremos dificuldades futuras.

A ilusão muitas vezes acaba por nos cegar a ponto de acharmos que fomos feridos em nossos mais profundos sentimentos; e acabamos sendo movidos por essa ilusão corrosiva, que nos leva pelo ressentimento e nos faz pensar em um desejo cego de revidar o mal com o próprio mal.

A vida responderá de acordo com nossas ações; quem pratica o mal receberá o mal na mesma proporção; e da mesma forma é quando fazemos o bem.

Nunca nos esqueçamos de que em um momento somos ofendidos e num momento posterior somos os ofensores, e, assim como queremos ser perdoados pelo Pai, perdoemos liberalmente, como o Pai Celestial nos perdoa liberalmente todos os dias.

Margarida da Cunha
Verão de 2007

Desejo de Vingança
pelo espírito Margarida da Cunha
psicografia de Sulamita Santos

Copyright @ 2010
Lúmen Editorial Ltda.

Direção editorial: *Celso Maiellari*
Direção comercial: *Ricardo Carrijo*
Coordenação editorial: *Fernanda Rizzo Sanchez*
Preparação de originais: *Fábio Maximiliano*
Revisão: *Equipe Casa de Ideias*
Capa: *Casa de Ideias*
Conversão e-pub: *Simplíssimo Livros*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cunha, Margarida da (Espírito).
Desejo de vingança [livro eletrônico] / pelo espírito Margarida da Cunha psicografia de Sulamita Santos. – São Paulo: Lúmen Editorial, 2012. 750 kb ; ePUB.

ISBN 978-85-7813-079-4

1. Espiritismo 2. Psicografia 3. Romance espírita
I. Santos, Sulamita. II. Título.

12-14277 CDD-133.93

Índice para catálogo sistemático:
1. Romances espíritas psicografados : Espiritismo 133.93

Rua Javari, 668
São Paulo – SP
CEP 03112-100

Tel./Fax: (0xx11) 3207-1353

visite nosso site: www.lumeneditorial.com.br
fale com a Lúmen: atendimento@lumeneditorial.com.br
departamento de vendas: comercial@lumeneditorial.com.br
contato editorial: editorial@lumeneditorial.com.br
siga-nos nas redes sociais:
twitter: @lumeneditorial
facebook.com/lumen.editorial1

2012
Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização da editora
Impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

Edição digital: novembro 2012

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**